"Um dos 100 melhores livros de todos os tempos." – BBC

MAGO

LIVRO TRÊS

ESPINHO DE PRATA

Raymond E. Feist

ARQUEIRO

MAGO

LIVRO TRÊS

ESPINHO DE PRATA

O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

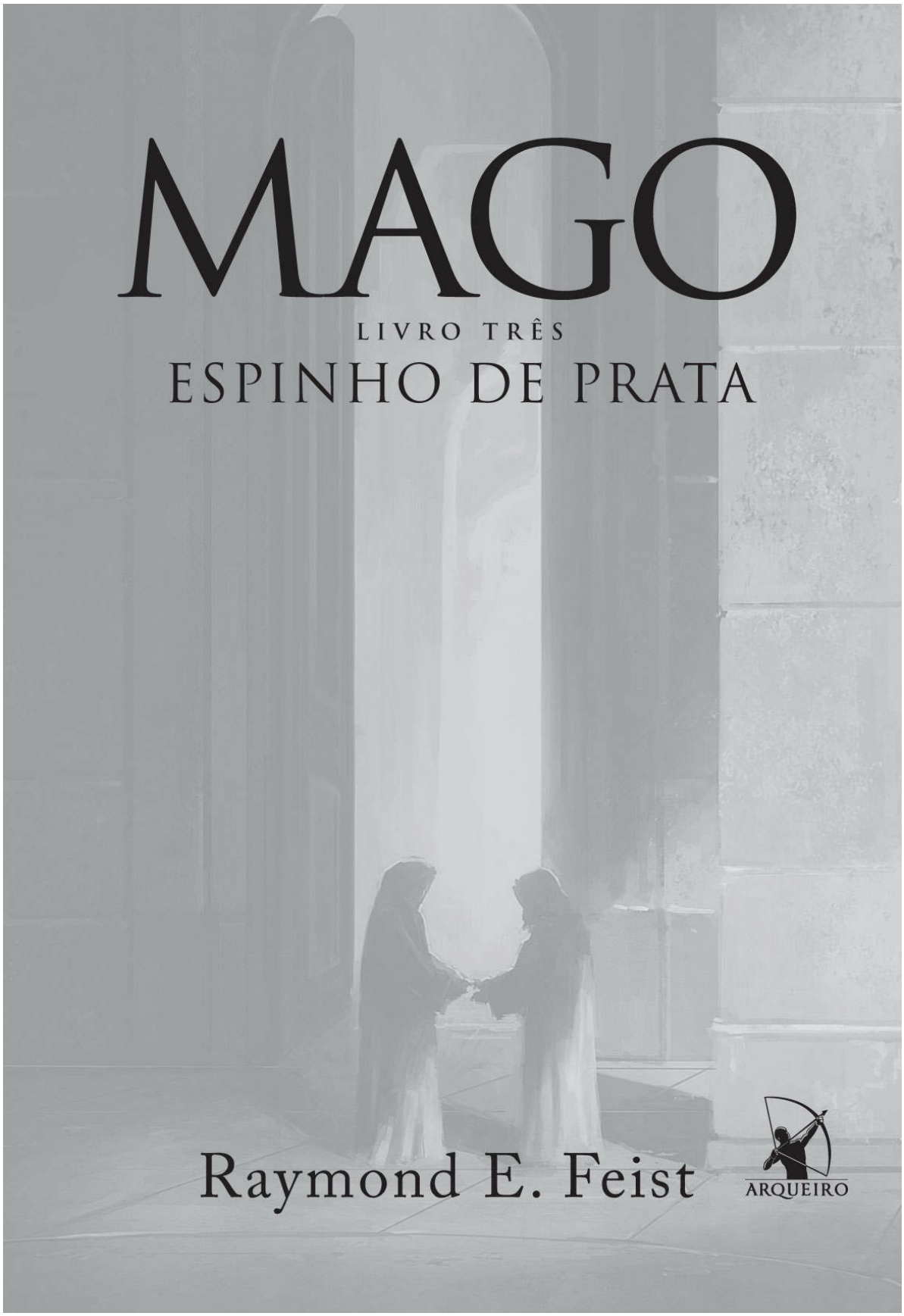
Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

MAGO

LIVRO TRÊS

ESPINHO DE PRATA



Raymond E. Feist

ARQUEIRO

Título original: *Magician: Silverthorn*
Copyright © 1982, 1992 Raymond E. Feist.
Publicado originalmente em Londres por Voyager, 1997.
Copyright da tradução © 2016 por Editora Arqueiro Ltda.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Cristina Correia

preparo de originais: Bruno Anselmi Matangrano

revisão: Tomaz Adour e Luis Américo Costa

capa, projeto gráfico e diagramação: Saída de Emergência

ilustração da capa: Andreas Rocha

adaptação de capa: Ana Paula Daudt Brandão

adaptação para ebook: SBNigri Artes e Textos Ltda.

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F332m

Feist, Raymond E.
Mago: Espinho de prata [recurso eletrônico]/ Raymond E. Feist; tradução de Cristina Correia. São Paulo: Arqueiro, 2016.
recurso digital (A Saga do Mago; 3)

Tradução de: Magician: Silverthorn
Sequência de: Mago: Mestre
Continua com: Mago: As trevas de Sethanon
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-8041-557-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Correia, Cristina. II. Título. III. Série.

16-31455

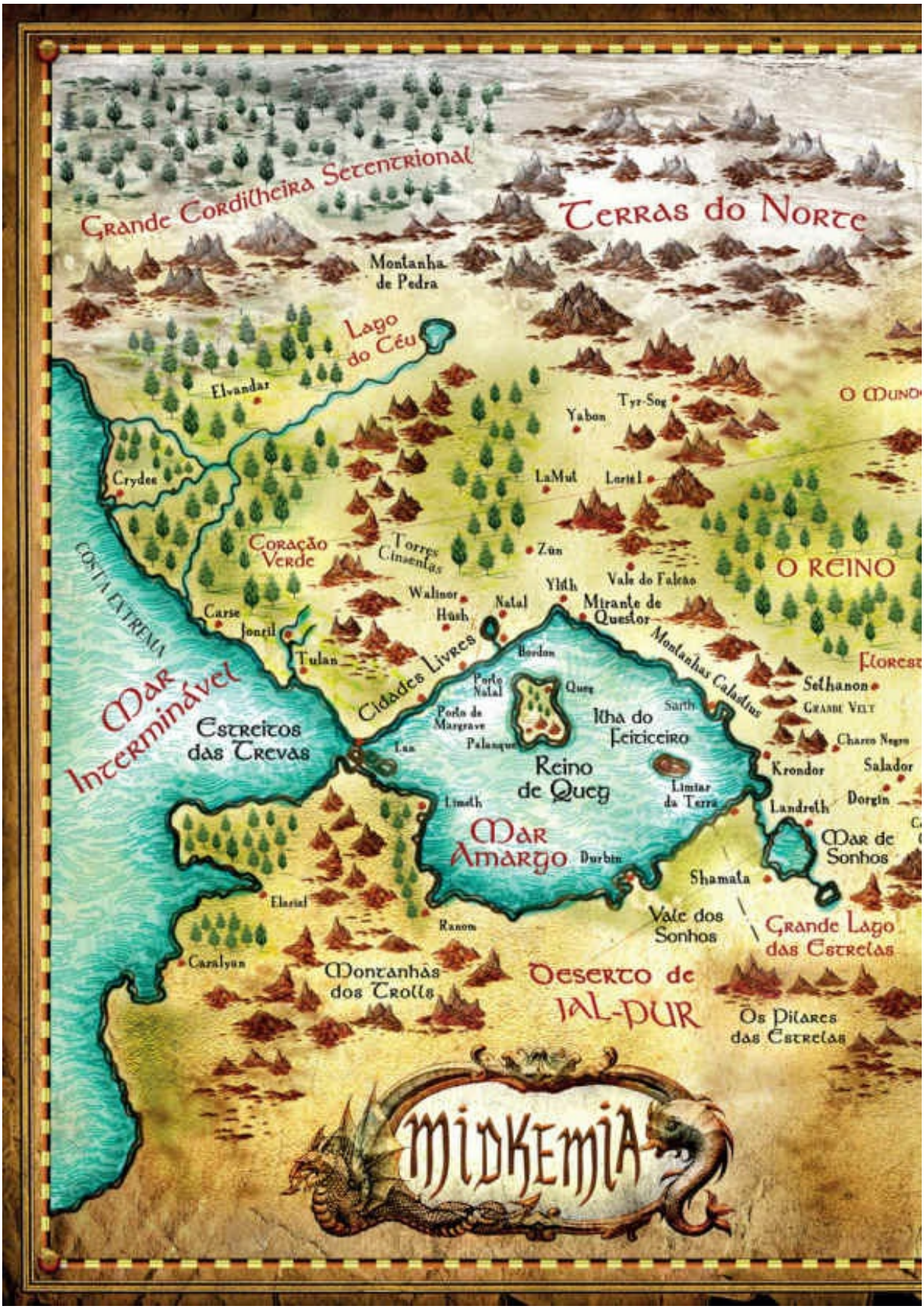
CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

www.editoraarqueiro.com.br

Este livro é dedicado aos meus sobrinhos
Benjamin Adam Feist,
Ethan Aaron Feist,
Alicia Jeanne Lareau,
todos eles pequenos magos.

Grande Cordilheira Setentrional
Terras do Norte
Ao Pacote do Mundo
Passagem de Ferro
Sentinela do Norte
Bosque Negro
Lago do Céu
Montanha de Pedra
Castelo Alto
O Mundo Elevado
Elvandar
Yabon
Tyr-Sog
Crydee
LaMut
Lonel
Delth
Rodez
Rao
Esper
Coração Verde
Zun
O Reino
Romney
Tiburn
Corte Leviana
Carse
Jonril
Talon
Wallow
Hub
Natal
Ylith
Mirante de Questeo
Vale do Falcão
Mar Interminável
Cidade Livre
Floresta Profunda
Sethanon
Grande Vale
Cruz de Malac
Sidon
Bas-Tyra
Sulan
Cheon
Rillanon
Estreitos das Trevas
Ilha do Feiticeiro
Reino de Queg
Reino de Roldem
Mar Amargo
Mar de Sonhos
Mar do Reino
Shamata
Vale dos Sonhos
Grande Lago das Estrelas
Horizonte Verde
Deserto de Ial-Pur
Os Pilares das Estrelas
Montanhas dos Trolls
Porto Malva
Ponta da Flecha
Picos de Tranquilidade
Império do Grande Kesh
MIDKEMIA
N
O
L
S


Grande Cordilheira Setentrional
Terras do Norte
Montanha de Pedra
Lago do Céu
Elvandar
Yabon
Tyr-Sog
O Mundo
Crydee
LaMut
Loriel
Coração Verde
Torres Cinzentas
Zûn
Vale do Falcão
O Reino
Costa Extrema
Walnor
Natal
Ylith
Mirante de Questor
Carse
Jontil
Hush
Montanhas Calados
Tulan
Boedon
Florest
Cidades Livres
Porto Natal
Quey
Sethanon
Mar Interminável
Porto de Margrave
Sarth
Grande Vale
Estreitos das Trevas
Ilha do Feiticeiro
Palanque
Lan
Charco Negro
Reino de Quey
Krondor
Salador
Limtar da Terra
Limeth
Landreth
Dorgin
Mar Amargo
Durbin
Mar de Sonhos
Shamata
Elasial
Vale dos Sonhos
Grande Lago das Estrelas
Ranom
Caralyun
Montanhas dos Trolls
Deserto de Jal-Pur
Os Pilares das Estrelas
Midkemia

As Presas do Mundo
Passagem de Ferro
Sentinela do Norte
Bosque Negro
Castelo Alto
o Elevado
N
O
L
S
Dolth
Rodes
Ran
Euper
Romney
Tiburn
a Profunda
Bas-Tyra
Sadara
Silden
Cheam
Cruz de Malac
Rillanon
Reino de Roldem
Timons
Vale de Durrony
Mar do Reino
Tauntos Profundo
Horizonte Verde
Porto Malva
Ponta da Flecha
Picos de Tranquilidade
Império do Grande Kesh

LIVRO 3 — ESPINHO DE PRATA

A R U T H A E J I M M Y

"Simultâneos com ele se levantam
Fazendo na abalada estrondo surdo
(Qual tempestade trovejando ao longe)"
– MILTON, *Paraíso Perdido*
Livro II, l.476[1]

[1] John Milton, *Paraíso Perdido*, eBooksBrasil [*on-line*],Tradução de Antonio José de Lima Leitão. Disponível em *http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/paraisoperdido.html* (Consultado em 05 de dezembro de 2013).

Prólogo

Crepúsculo

O sol se punha atrás dos cumes.

Os últimos raios de calor tocavam a terra e somente o brilho rosado do dia permanecia. Do leste, uma escuridão azul-violeta se aproximava rapidamente. O vento cortava as colinas como uma lâmina de gume afiado, como se a primavera não passasse de um sonho vago. O gelo do inverno ainda se agarrava a bolsas protegidas pela sombra e estalava ruidosamente sob os saltos das pesadas botas. Na escuridão do entardecer, surgiram três silhuetas à luz da fogueira.

A bruxa velha ergueu a vista e seus olhos se arregalaram ligeiramente ao ver os três. Reconheceu a silhueta à esquerda, o grande e mudo guerreiro de cabeça raspada e com uma única mecha comprida no couro cabeludo. Ele já a procurara anteriormente, em busca de símbolos mágicos para estranhos rituais. Embora se tratasse de um poderoso chefe militar de clã, ela o mandara embora, pois sua natureza era pérfida e, ainda que raras vezes desse importância às questões do bem e do mal, até a bruxa tinha os seus limites. Além disso, tinha pouco apreço pelos moredhel, especialmente por aquele que cortara a própria língua em sinal de devoção a poderes obscuros.

O guerreiro mudo a observava com olhos azuis, incomuns para um ser de sua raça. Tinha ombros mais largos do que a maioria, mesmo para um membro dos clãs das montanhas, que costumavam possuir braços e ombros mais fortes do que seus primos que habitavam as florestas. O mudo usava argolas de ouro nas grandes orelhas, que formavam uma curva ascendente,

dolorosas de furar, pois os moredhel não possuíam lóbulos. Apresentava três cicatrizes em cada lado do rosto, símbolos místicos cujo significado não se perdera para a bruxa.

O mudo fez sinal aos companheiros e o que estava mais à direita pareceu fazer um aceno com a cabeça. Era difícil perceber, pois trajava um manto comprido com um grande capuz que escondia suas feições. Ambas as mãos estavam escondidas em mangas volumosas que eram mantidas juntas. Como se falasse de longe, a silhueta de manto disse:

— Nós procuramos alguém que saiba ler símbolos. — Sua voz era sibilante, quase um silvo, e percebia-se nela algo sobrenatural. Uma mão surgiu e a bruxa recuou, pois era disforme e coberta de escamas, como se o ser possuísse garras cobertas de pele de cobra. Percebeu então o que era a criatura: um sacerdote do povo serpente pantathiano. Em comparação com o povo serpente, a bruxa tinha os moredhel em alta conta.

Ela desviou a atenção das figuras que estavam dos lados e concentrou-se na que estava no centro. Era um palmo mais alto do que o mudo, com uma constituição ainda mais impressionante. Devagar, ele despiu o manto de pele de urso, sendo que o crânio do urso servia de capacete, e atirou-o para o lado. A velha bruxa arquejou, pois era o moredhel mais impressionante que já vira em sua longa vida. Vestia as calças pesadas, o colete justo e as botas até o joelho dos clãs das montanhas e exibia o peito nu. À luz do fogo, seu corpo musculoso reluzia, inclinando-se para a frente de modo a examinar a bruxa. Quase amedrontava, aquele rosto que beirava a perfeição. Porém, o que a fez arquejar, para além da impressionante aparência, foi o sinal no peito.

— Você me conhece? — perguntou ele à bruxa, que assentiu.

— Sei quem você parece ser.

Ele inclinou-se ainda mais, até ficar com o rosto iluminado de baixo para cima pelo fogo, revelando algo em sua natureza.

— Sou quem pareço ser — sussurrou, sorrindo. Ela teve medo, já que, por trás das belas feições, por trás do sorriso amável, viu o rosto da maldade, uma maldade tão pura que era quase insuportável. — Procuramos quem interprete símbolos para nós — repetiu, com uma voz cujo som transparecia loucura límpida como gelo.

Ela soltou um riso abafado.

— Quer dizer que há limites até para alguém com tamanhos poderes?

O sorriso do belo moredhel desapareceu lentamente.

— Não conseguimos prever nosso próprio futuro.

— Eu preciso de prata — disse ela, conformada com sua provável sorte.

O moredhel fez um aceno com a cabeça. O mudo tirou uma moeda da bolsa presa ao cinto, atirando-a para o chão em frente da bruxa. Sem tocá-la, ela preparou alguns ingredientes numa taça de pedra. Quando terminou a mistura, despejou-a por cima da prata. Ouviu-se um silvo, produzido pela moeda e pelo homem serpente. Uma garra de escamas verdes começou a fazer sinais e a bruxa advertiu:

— Não quero essas bobagens, cobra. Sua magia da terra quente só irá dificultar a minha leitura.

O homem serpente foi refreado por um toque delicado e um sorriso da figura ao centro, que acenou com a cabeça para a bruxa.

Em voz áspera, com a garganta seca de medo, a bruxa disse:

— Diga então: o que quer saber? — Examinou a moeda de prata que sibilava, coberta por um muco verde e borbulhante.

— Chegou o momento? Deverei agir agora, como me foi ordenado?

Uma labareda verde e luminosa saltou da moeda e dançou. A bruxa seguiu seu movimento atentamente e o que seus olhos viam na labareda mais ninguém conseguia divisar.

— As Pedras de Sangue formam a Cruz de Fogo — disse pouco depois. — Aquilo que você é, você é. Aquilo que tem de fazer desde que nasceu… faça! — A última palavra foi proferida com alguma dificuldade.

Algo inesperado surgiu no semblante da bruxa, pois o moredhel perguntou:

— Que mais, bruxa velha?

— Ao contrário do que você julga, há quem possa se opor a você. Alguém será a causa de sua ruína. Você não está sozinho, pois atrás de você… Não entendo. — A sua voz era débil, parecia cansada.

— O quê? — Desta vez, o moredhel não sorriu.

— Algo… algo imenso, algo distante, algo pérfido.

O moredhel ficou pensativo; virando-se para o homem serpente, falou em voz baixa embora num tom autoritário:

— Vá, Cathos. Empregue as suas habilidades secretas e descubra onde reside esse ponto fraco. Dê um nome ao nosso inimigo. Encontre-o.

O homem serpente fez uma reverência desajeitada e saiu da caverna arrastando os pés. O moredhel virou-se para o companheiro mudo e disse:

— Erga os estandartes, meu general, e reúna os clãs leais nas planícies de Isbandia, sob as torres de Sar-Sargoth. Acima de todos, erga o estandarte que escolhi como meu e deixe que todos saibam que começamos agora o que nos foi ordenado. Você será o meu comandante, Murad, e todos saberão que é o mais importante dentre aqueles que me servem. Glória e grandeza nos aguardam. Quando a cobra louca identificar nossa vítima, avance ao comando dos Assassinos Negros. Deixe que aqueles cujas almas me pertencem nos sirvam em busca do nosso inimigo. Encontre-o! Destrua-o! Vá!

O mudo assentiu e saiu. O moredhel com o sinal no peito virou-se para a bruxa.

— Diga-me, escória humana, você sabe que poderes obscuros se movem?

— Sim, mensageiro da destruição, sei. Pela Senhora Negra, eu sei.

O moredhel riu, produzindo um som gélido e desprovido de humor.

— Eu ostento o símbolo — disse, apontando para a marca de nascença de cor púrpura, que parecia resplandecer furiosamente à luz do fogo. Era óbvio que não se tratava de uma simples desfiguração, e sim de uma espécie de talismã mágico, pois formava a silhueta perfeita de um dragão em pleno voo. Ergueu um dedo, apontando para cima. — Possuo o poder. — Fez um movimento circular com o dedo levantado. — Sou o predestinado. Sou o destino.

A bruxa acenou a cabeça em concordância, sabendo que a morte se precipitava para abraçá-la. De repente, começou a mover os lábios proferindo um feitiço complexo, agitando desenfreadamente as mãos no ar. Um poder crescente manifestou-se na caverna e ouviu-se um estranho ruído lúgubre tomar conta da noite. O guerreiro à sua frente se limitou a balançar a cabeça. Ela lançou um feitiço contra ele que deveria tê-lo fulminado de imediato, mas ele ali permaneceu, sorrindo maldosamente.

— Está tentando me testar com suas insignificantes artes, vidente?

Percebendo que não havia funcionado, ela fechou os olhos aos poucos e endireitou-se, aguardando sua sorte. O moredhel apontou o dedo e dele saiu um raio prateado de luz que atingiu a bruxa. Ela gritou, consumida por dores atrozes, e explodiu num fogo branco e quente. Por um instante, sua forma escura contorceu-se naquele inferno até que as labaredas se extinguiram.

O moredhel olhou de relance para as cinzas que jaziam no chão, formando o contorno de um corpo. Dando uma gargalhada ruidosa, pegou o

manto e saiu da caverna.

Lá fora, os companheiros o aguardavam, segurando seu cavalo. Ao longe, conseguia ver o acampamento de seu bando, ainda pequeno, mas destinado a crescer. Montou e ordenou:

— Para Sar-Sargoth!

Dando um puxão nas rédeas, fez o cavalo virar e conduziu o mudo e o sacerdote serpente pela encosta.

1

Reencontro

O navio avançava de volta para casa.

O vento mudou de direção e ouviu-se a voz do capitão; nos mastros, a tripulação correu para responder às exigências de uma brisa fresca e de um capitão ansioso por chegar a um porto seguro. Era um navegador experiente, pois estivera a serviço da Marinha do Rei durante quase trinta anos e comandara sua própria embarcação durante dezessete. Embora o *Águia Real* fosse o melhor navio da frota do Rei, o capitão desejou que o vento soprasse um pouco mais forte, que avançasse um pouco mais depressa, pois não descansaria até desembarcar os passageiros em segurança.

No castelo de proa encontravam-se as razões para a preocupação do capitão: três homens altos. Dois deles, um louro e outro moreno, estavam junto à amurada, rindo de uma piada que compartilhavam. Ambos tinham poucos centímetros abaixo dos 2 metros de altura e mostravam a atitude segura de um guerreiro ou de um caçador. Lyam, Rei do Reino das Ilhas, e Martin, seu irmão mais velho e Duque de Crydee, falavam de vários assuntos, de caçadas e banquetes, de viagens e política, de guerra e discórdias e, de vez em quando, falavam do pai, o Duque Borric.

O terceiro homem, não tão alto nem com ombros tão largos quanto os outros dois, estava apoiado na amurada, a curta distância, perdido em seus pensamentos. Arutha, Príncipe de Krondor e o mais novo dos três irmãos, ponderava igualmente sobre o passado, embora sua visão não fosse a do pai morto durante a guerra com os tsurani, naquela que passara a ser conhecida

como a Guerra do Portal. Em vez disso, atentava para o rastro deixado pela proa ao cortar as águas verde-esmeralda e, naquele verde, via dois olhos verdes e reluzentes.

O capitão olhou para cima e deu ordens para que as velas fossem manejadas. Voltou a reparar nos três homens na proa e dirigiu, uma vez mais, uma prece silenciosa a Kilian, Deusa dos Marinheiros, ansiando avistar as altas torres espirais de Rillanon. Pois aqueles eram os três homens mais poderosos e importantes do Reino e o capitão se recusava a pensar no caos que assolaria o Reino caso a má sorte visitasse aquele navio.

Arutha ouvia vagamente os gritos do capitão e as respostas dos imediatos e da tripulação. Estava exausto devido aos acontecimentos do ano anterior, por isso pouca atenção dava ao que se passava ao seu redor. Conseguia apenas pensar em uma coisa: estava voltando para Rillanon e para Anita.

Arutha sorriu. Sua vida parecera banal nos primeiros dezoito anos, até que acontecera a invasão dos tsurani e o mundo mudara para sempre. Fora considerado um dos melhores comandantes do Reino, descobrira que, sem ninguém suspeitar, Martin era seu irmão mais velho, e testemunhara milhares de horrores e milagres. Contudo, Anita fora o que de mais milagroso acontecera a Arutha.

Tinham se separado após a coroação de Lyam. Durante quase um ano, Lyam apresentara o estandarte real aos senhores do Oriente e a reis vizinhos, e estavam agora voltando para casa.

A voz de Lyam interrompeu os devaneios de Arutha:

— O que você está vendo no brilho das ondas, irmãozinho?

Martin sorriu quando Arutha levantou os olhos do mar, e o antigo Mestre de Caça de Crydee, outrora chamado Martin do Arco, inclinou a cabeça para o irmão mais novo.

— Aposto um ano de impostos em como ele está vendo nas ondas um par de olhos verdes e um sorriso atrevido.

— Não é preciso apostar, Martin — disse Lyam. — Desde que partimos de Rillanon, recebi três mensagens de Anita sobre este ou aquele assunto de Estado. Tudo conspira para mantê-la em Rillanon, embora a mãe dela tenha regressado às propriedades que lhes pertencem, um mês após a minha coroação. Já Arutha, fazendo uma estimativa por alto, recebeu nesse período uma média de mais de duas mensagens por semana. Daí podemos tirar uma ou duas conclusões.

— Eu também estaria mais do que ansioso por voltar se tivesse alguém como ela à minha espera — concordou Martin.

Arutha era uma pessoa reservada e ficava de mau humor quando tinha de revelar sentimentos íntimos, e essa sensibilidade aumentava quando a questão envolvia Anita. Encontrava-se irremediavelmente apaixonado pela jovem e esbelta mulher, inebriado pela forma como ela se deslocava, pelos sons que produzia, pelo modo como o olhava. Ainda que aqueles fossem, muito provavelmente, os dois únicos homens em Midkemia de quem se sentia próximo a ponto de partilhar seus sentimentos, nunca achara graça, nem sequer quando era mais novo, quando era alvo de piada.

Vendo a expressão de Arutha ficar carregada, Lyam acrescentou:

— Afaste esse olhar sombrio, Nuvenzinha Tempestuosa. Além de ser seu Rei, também sou seu irmão mais velho e, se for preciso, posso dar um puxão de orelha em você.

Ao ouvir o apelido carinhoso pelo qual a mãe o tratava e imaginando a cena improvável do Rei puxando as orelhas do Príncipe de Krondor, Arutha esboçou um sorriso. Ficou calado por um instante, até que disse:

— Estou apreensivo, pois posso tê-la interpretado mal nesse assunto. Suas cartas, ainda que afetuosas, são formais e, por vezes, distantes. Além do mais, existem muitos jovens na corte de seu palácio.

— Desde o dia em que fugimos de Krondor — disse Martin —, seu destino ficou selado, Arutha. Ela o manteve sob a mira de seu arco desde sempre, como um caçador perseguindo um veado. Mesmo antes de chegarmos a Crydee, quando estávamos escondidos, ela, de certo modo, já olhava para você. Não, ela está à sua espera, não tenha dúvida.

— Além disso — acrescentou Lyam —, você confessou a ela o que sente.

— Bom, não o fiz com todas as palavras. Porém lhe declarei minha mais profunda afeição.

Lyam e Martin se entreolharam.

— Arutha — disse Lyam —, você escreve com a paixão de um escriba que faz o registro dos impostos no final do ano.

Os três riram. Os meses de viagem tinham permitido uma redefinição da relação entre os irmãos. Martin fora mentor e amigo dos outros dois quando eram jovens, ensinando-lhes a caçar e a sobreviver na floresta. Contudo, também fora plebeu, embora ocupasse, como Mestre de Caça, uma posição elevada na hierarquia da corte do Duque Borric. Diante da revelação de que

era filho bastardo do pai deles, um meio-irmão mais velho, todos tinham atravessado um período de adaptação. Desde então, tinham passado pela camaradagem falsa daqueles que procuravam cair em suas boas graças, as promessas vãs de amizade e lealdade por parte daqueles que procuravam lucrar e, durante esse período, tinham descoberto algo mais. Nos outros, cada um deles encontrara dois homens de confiança, com quem podiam partilhar confidências, que compreendiam o que significava aquela súbita ascensão à notabilidade e que partilhavam as pressões das responsabilidades recentemente impostas. Nos outros dois, cada um deles encontrou dois amigos.

Arutha balançou a cabeça, rindo de si mesmo.

— Creio que eu também soube desde sempre, embora tivesse dúvidas. Ela é tão jovem.

— Ela tem quase a mesma idade que nossa mãe tinha quando se casou com nosso pai, não é verdade? — disse Lyam.

Arutha encarou Lyam com um olhar cético.

— Você tem resposta para tudo?

Martin deu um tapinha nas costas de Lyam.

— Claro que tem — disse, e, em voz baixa, acrescentou: — Por isso ele é o Rei.

Enquanto Lyam se virava, fingindo um ar carrancudo para Martin, o irmão mais velho continuou:

— Assim sendo, quando regressarmos, peça-a em casamento, querido irmão. Depois, podemos acordar o velho Padre Tully, que deve estar dormindo em frente à lareira, e prosseguimos todos até Krondor para assistirmos a um belo casamento. E eu posso dar por terminadas todas essas malditas viagens e regressar a Crydee.

Ouviu-se uma voz do alto gritando:

— Terra à vista!

— Onde?

— Adiante.

Olhando ao longe e devido à vista experiente de caçador, Martin foi o primeiro a distinguir a costa distante. Colocou calmamente as mãos nos ombros dos irmãos. Pouco depois, todos conseguiam distinguir o contorno longínquo de torres altas perfiladas no céu azul.

Em voz baixa, Arutha disse:

— Rillanon.

O som de passos delicados e o farfalhar de uma saia comprida levantada acima de pés apressados acompanhavam a visão de uma figura esguia avançando resolutamente por um corredor comprido. As feições encantadoras da dama confirmavam com precisão que a beleza reinante da corte mostrava um semblante de aparência pouco agradável. Os guardas colocados ao longo do corredor olhavam em frente, embora a seguissem com os olhos. Mais do que um guarda ponderou sobre quem seria o alvo provável do famoso temperamento da senhora e sorriu interiormente. O cantor estava prestes a sofrer um despertar abrupto, literalmente.

De uma forma que nada condizia a uma dama, a Princesa Carline, irmã do Rei, passou a toda a velocidade por um criado assustado que tentou saltar para o lado e, ao mesmo tempo, fazer uma reverência, uma manobra que o fez cair de costas enquanto Carline desaparecia na ala do palácio reservada aos hóspedes.

Quando chegou a uma porta, esperou. Ajeitando o cabelo com umas palmadinhas, ergueu a mão para bater, mas se deteve. Apertou os olhos azuis, ficando irritada diante do pensamento de ter de esperar que a porta se abrisse, por isso limitou-se a abri-la sem se fazer anunciar.

O quarto estava às escuras, uma vez que as cortinas ainda estavam corridas. A grande cama estava ocupada por um monte debaixo dos cobertores que gemeu quando Carline bateu com a porta depois de entrar. Tentando não pisar na roupa espalhada pelo chão, afastou as cortinas com um puxão, deixando entrar a luz brilhante da manhã avançada. Ouviu outro gemido do monte e viu uma cabeça com dois olhos vermelhos espiando por cima dos cobertores.

— Carline — ouviu-se uma voz rouca —, você está tentando me fazer murchar até a morte?

Aproximando-se da cama, ela retorquiu:

— Se você não tivesse vadiado a noite toda e se houvesse comparecido ao desjejum como seria de esperar, talvez tivesse ouvido que o navio de meus irmãos foi avistado. Atracarão dentro de duas horas.

Laurie de Tyr-Sog, trovador, viajante, antigo herói da Guerra do Portal e, nos tempos mais recentes, menestrel da corte e companheiro constante da Princesa, sentou-se, esfregando os olhos cansados.

— Não estive vadiando. O Conde de Dolth insistiu em ouvir todas as músicas do meu repertório. Cantei quase até o nascer do sol. — Pestanejou e sorriu para Carline. Coçando a barba loura e bem aparada, prosseguiu: — O homem possui uma resistência inesgotável, mas também possui um excelente gosto musical.

Carline sentou-se na beira da cama, inclinou-se e deu-lhe um beijo rápido. Soltou-se com destreza dos braços que procuravam envolvê-la. Mantendo-o afastado com a mão no peito dele, disse:

— Ouça, rouxinol apaixonado: Lyam, Martin e Arutha chegarão logo e, assim que Lyam der a recepção real e tratar de todas as formalidades, vou falar com ele sobre nosso casamento.

Laurie olhou ao redor como se procurasse um canto onde pudesse desaparecer. Ao longo do ano, a relação entre ambos se desenvolvera em intensidade e paixão, porém Laurie sofria de uma espécie de reflexo condicionado de fuga no que dizia respeito ao tema casamento.

— Ora, Carline… — começou.

— Ora, Carline digo eu! — interrompeu ela, batendo com o dedo em seu peito nu. — Seu bufão! Pois eu tive príncipes orientais, os filhos de metade dos duques do Reino e sabe-se lá quantos mais implorando permissão simplesmente para me cortejar, e eu sempre os ignorei. Para quê? Para que um músico desmiolado brinque com meus sentimentos? Pois bem, teremos um acerto de contas.

Laurie sorriu, puxando o cabelo louro e desgrenhado para trás. Sentou-se e, antes que ela pudesse reagir, beijou-a apaixonadamente. Quando se afastou, disse:

— Carline, amor da minha vida, por favor… Já falamos sobre este assunto.

Ela arregalou os olhos, que tinham permanecido semicerrados durante o beijo.

— Oh! Já falamos sobre este assunto? — disse, furiosa. — Vamos casar. Está decidido. — Levantou-se para evitar que Laurie a abraçasse novamente. — Tornou-se o escândalo da corte: a Princesa e seu amante menestrel. Nem sequer é uma história original. Estou me tornando motivo de piada. Maldição, Laurie! Tenho quase vinte e seis anos. A maior parte das mulheres da minha idade já está casada há oito, nove anos. Você quer que eu morra solteirona?

— Nem pensar, meu amor — respondeu ele, ainda com ar divertido.

Além da beleza de Carline e das baixas probabilidades de alguém chamá-la de solteirona, ela era dez anos mais nova do que ele, por isso considerava-a jovem, uma impressão constantemente corroborada pelos acessos de fúria infantil. Endireitou-se na cama e abriu as mãos num gesto de impotência enquanto tentava reprimir o riso.

— Sou o que sou, minha querida, nem mais nem menos. Estou aqui há mais tempo do que alguma vez estive aonde quer que fosse quando era um homem livre. Admito, porém, que este é um cativeiro muito mais agradável do que o último. — Ele se referia aos anos de escravidão que passara em Kelewan, o mundo dos tsurani. — No entanto, nunca se sabe quando voltarei a desejar vagar pelo mundo. — Era nítido que ela ia ficando cada vez mais furiosa enquanto o ouvia falar, sendo forçado a admitir que, grande parte das vezes, era ele que revelava o que de pior havia na natureza de Carline. Depressa mudou de estratégia: — Além disso, não sei se daria um bom… seja lá o que for que se chama ao marido da irmã do Rei.

— Então o melhor é que se acostume a isso. Agora, levante-se e vista-se.

Laurie apanhou as calças que ela lhe atirou e vestiu-as rapidamente. Quando acabou de se vestir, colocou-se na frente dela e passou-lhe os braços pela cintura.

— Desde o dia em que nos conhecemos sou seu servo amoroso, Carline. Nunca amei, nem irei amar ninguém como amo você, mas…

— Já sei. Há meses que ouço as mesmas desculpas. — Ela voltou a bater com o dedo em seu peito. — Você sempre foi um viajante — disse, imitando-o. — Sempre foi livre. Não sabe como iria se sentir fixando-se em um lugar, embora eu tenha reparado que você conseguiu suportar bem a estadia aqui no palácio do Rei.

Laurie olhou para cima.

— É verdade.

— Pois bem, meu amante, essas desculpas podem funcionar quando você se despede da pobre filha de um estalajadeiro, mas aqui de pouco servem. Veremos o que pensa Lyam de tudo isso. Calculo que deva haver uma ou outra lei antiga nos arquivos que aborde o fato de plebeus se envolverem com nobres.

Laurie soltou um riso abafado.

— E há. Meu pai tem direito a um soberano de ouro, um par de mulas e uma fazenda por você ter se aproveitado de mim.

De repente, Carline deu risadinhas, tentou abafá-las e acabou por gargalhar.

— Cretino. — Abraçando-o com força, pousou a cabeça em seu ombro e suspirou. — Nunca consigo ficar zangada com você.

Ele a embalou delicadamente nos braços e disse baixinho:

— De vez em quando, é verdade que dou razões para isso.

— Pois é, você dá.

— Bom, poucas vezes.

— Veja bem, rapazinho — disse ela. — Os meus irmãos estão chegando ao porto neste exato momento e você está aqui parado discutindo. Você pode se atrever a tomar liberdades comigo, mas o Rei é capaz de ter uma perspectiva bem diferente da situação.

— Esse tem sido o meu receio — disse Laurie, revelando uma clara preocupação na voz.

Subitamente, o estado de espírito de Carline serenou. Sua expressão se alterou para lhe dar coragem.

— Lyam fará o que eu pedir. Desde muito pequena, ele nunca foi capaz de negar nada que eu realmente queria. Não estamos em Crydee. Ele sabe que aqui tudo é diferente e que eu já não sou criança.

— Eu reparei.

— Bandido! Olhe, Laurie, você não é um simples agricultor ou sapateiro. Fala mais idiomas do que qualquer nobre "instruído" que conheci. Lê e escreve. É muito viajado, tendo até conhecido o mundo dos tsurani. É perspicaz e talentoso. Tem mais capacidade de governar do que aqueles que nasceram destinados a isso. Além do mais, se posso ter um irmão mais velho que era caçador antes de se tornar duque, porque não hei de ter um marido que foi bardo?

— Sua lógica é irrepreensível. Não tenho uma resposta à altura. Meu amor por você não tem limites, mas quanto ao resto…

— O seu problema é que possui a capacidade de governar mas não deseja a responsabilidade. É preguiçoso.

Ele riu.

— Por isso o meu pai me expulsou de casa aos 13 anos. Justificou-se dizendo que eu nunca iria ser um agricultor aceitável.

Carline afastou-se dele devagar e sua voz ganhou um tom sério:

— As coisas mudam, Laurie. Ponderei muito sobre esse assunto. Por duas

vezes julguei estar apaixonada, mas você é o único homem que me levou a esquecer quem eu era e a agir de modo tão indigno. Quando estou com você, nada faz sentido, mas não importa, pois não me interessa se a forma como me sinto faz algum sentido. Contudo, agora tenho de me importar. Você tem de escolher, e sem demora. Aposto minhas joias em como não demorará um dia após a chegada de meus irmãos até Arutha e Anita anunciarem que estão noivos. O que significa que partiremos todos rumo a Krondor para o casamento. Quando estiverem casados, voltarei para cá com o Lyam. Caberá a você a decisão de nos acompanhar, Laurie. — Olhou-o nos olhos. — Tenho passado momentos maravilhosos com você. Jamais imaginei ser possível sentir o que sinto quando tinha meus sonhos de garota com o Pug e depois com o Roland. Contudo, você tem de se preparar para escolher. Você é meu primeiro amante e será sempre o meu grande amor, mas, quando regressarmos para cá, você será meu marido ou somente uma lembrança.

Antes de Laurie ter chance de responder, ela avançou para a porta.

— Amo você de todas as formas, meu bandido. Mas o tempo urge. — Fez uma pausa. — Agora, venha comigo cumprimentar o Rei.

Laurie avançou até ela e abriu-lhe a porta. A passo rápido, dirigiram-se até onde as carruagens aguardavam para levar o comitê de boas-vindas às docas. Laurie de Tyr-Sog, trovador, viajante e herói da Guerra do Portal, estava perfeitamente consciente da presença daquela mulher a seu lado, o que o levava a cogitar como seria se essa presença lhe fosse negada para sempre. Diante dessa probabilidade, sentiu-se incontestavelmente infeliz.

Rillanon, capital do Reino das Ilhas, aguardava a chegada de seu Rei, que voltava para casa. Os edifícios estavam adornados com panos festivos e flores de estufa. Elegantes flâmulas esvoaçavam sobre os telhados e faixas de todas as cores estavam audaciosamente presas entre os edifícios por cima das ruas por onde o Rei iria passar. Conhecida como a Joia do Reino, Rillanon se espalhava sobre as encostas de muitas colinas, um lugar maravilhoso de pináculos elegantes, arcos graciosos e vãos delicados. O falecido Rei Rodric iniciara a restauração da cidade, acrescentando belas pedras de mármore e quartzo às fachadas de grande parte dos edifícios voltados para o palácio, emprestando à cidade uma aparência de reino encantado sob os raios de sol vespertinos. O *Águia Real* aproximou-se da doca do Rei, onde o comité de boas-vindas aguardava. A distância, nos edifícios, ruas e encostas que

proporcionavam uma vista livre da doca, multidões de cidadãos aclamavam o regresso do jovem Rei. Durante muitos anos, Rillanon vivera sob a nuvem escura da demência do Rei Rodric e, embora Lyam ainda fosse desconhecido para a maior parte da população da cidade, já era adorado, pois era jovem e belo, sua valentia na Guerra do Portal era amplamente conhecida e ele revelara uma enorme generosidade: baixara os impostos.

Com a tranquilidade de um mestre, o prático do porto conduziu até o local determinado o navio do Rei, que foi amarrado rapidamente e teve o portaló estendido.

Arutha observou enquanto Lyam descia antes de todos. Tal como ditava a tradição, o Rei pôs-se de joelhos e beijou o chão de sua pátria. Os olhos de Arutha varreram a multidão em busca de Anita, porém, na turba de nobres que corriam para cumprimentar Lyam, não viu sinais da Princesa. Sentiu o golpe frio de uma dúvida passageira.

Martin deu uma cotovelada em Arutha, que — assim impunha o protocolo — seria o segundo a desembarcar. Arutha apressou-se portaló abaixo, com Martin logo atrás. Viu a irmã, que saía correndo do lado de Laurie, o cantor, para abraçar Lyam. Embora os demais presentes no comitê de boas-vindas não fossem tão avessos aos rituais como Carline, ouviram-se aclamações espontâneas dos membros da corte e dos guardas que aguardavam as ordens do Rei. De repente, os braços de Carline já estavam ao redor do pescoço de Arutha enquanto ela lhe dava um beijo e um abraço.

— Oh, tive saudades desse seu ar carrancudo — disse alegremente.

Arutha exibia a expressão severa que lhe era típica quando estava perdido em pensamentos.

— Qual ar carrancudo? — perguntou.

Carline olhou nos olhos de Arutha e, com um sorriso inocente, respondeu:

— Parece que você engoliu uma coisa que está se mexendo.

Martin deu uma gargalhada, mas foi abraçado logo em seguida por Carline. De início, ficou rígido, pois ainda não se acostumara com a presença de uma irmã como havia se habituado à dos dois irmãos, porém acabou relaxando e abraçando-a.

— Fiquei entediada sem ter vocês três por perto — disse Carline.

Vendo Laurie a curta distância, Martin abanou a cabeça.

— Ao que parece, não muito entediada.

Com ar divertido, Carline retorquiu:

— Não há lei nenhuma que especifique que só os homens podem satisfazer seus caprichos. Além disso, é o melhor homem que já conheci e que não é meu irmão. — Martin não conseguiu evitar um sorriso, enquanto Arutha continuava à procura de Anita.

Lorde Caldric, Duque de Rillanon, Conselheiro Principal do Rei e tio-avô de Lyam, sorriu largamente quando a enorme mão do Rei envolveu a sua num vigoroso aperto de mão. Lyam quase teve de gritar para se fazer ouvir, devido às aclamações de quem estava ali perto.

— Meu tio, como vai nosso Reino?

— Vai bem, meu Rei, agora que você voltou.

Vendo que Arutha ficava cada vez mais angustiado, Carline disse:

— Deixe de lado esse ar desapontado, Arutha. Ela está à sua espera no jardim oriental.

Arutha deu um beijo no rosto de Carline, afastou-se dela e de um Martin risonho e, ao passar como uma seta por Lyam, gritou:

— Com a permissão de Vossa Majestade.

A expressão de Lyam passou depressa da surpresa à alegria, enquanto Caldric e os demais membros da corte ficavam pasmos com o comportamento do Príncipe de Krondor. Lyam inclinou-se para Caldric, dizendo:

— Anita.

O rosto idoso de Caldric se iluminou com um sorriso radiante enquanto ele dava risadinhas abafadas ao compreender.

— Então me parece que em breve você voltará a partir, desta vez rumo a Krondor e ao casamento de seu irmão.

— Preferíamos que fosse celebrado aqui, mas a tradição dita que o Príncipe se case em sua própria cidade e temos de nos submeter à tradição. Contudo, ainda demorará algumas semanas. Essas cerimônias demoram e temos um reino para governar, embora nos pareça que você fez um bom trabalho em nossa ausência.

— Talvez, Majestade, contudo, agora que o Rei está de novo em Rillanon, muitos dos assuntos suspensos nesse último ano serão trazidos à sua consideração. As petições e outros documentos que lhe enviamos durante sua viagem representam apenas um décimo daquilo que é preciso analisar.

Lyam emitiu um gemido fingido.

— Creio que pedirei ao capitão que zarpe imediatamente.

Caldric sorriu.

— Venha, Majestade. A cidade deseja ver seu Rei.

O jardim oriental estava vazio, à exceção de um vulto que se deslocava tranquilamente entre os vasos bem cuidados de flores que ainda não estavam preparadas para florescer. Algumas mais robustas já ganhavam o verde brilhante da primavera e muitas das sebes limítrofes eram de folhas sempre verdes, mas ainda assim o jardim evocava sobretudo o símbolo estéril do inverno, mais do que a promessa fresca da primavera que iria se manifestar em poucas semanas.

Anita olhou para Rillanon lá embaixo. O palácio fora construído no topo de uma colina, onde outrora existira apenas uma grande torre que ainda constituía seu núcleo central. Eram sete as pontes de arcos elevados atravessando o rio que rodeava o palácio com seu curso de água sinuoso. O vento da tarde soprava fresco e Anita ajeitou o xale de seda fina ao redor dos ombros.

Ela sorriu ao recordar. Seus olhos verdes ficaram turvos de lágrimas ao se lembrar do falecido pai, o Príncipe Erland, e de tudo o que sucedera no ano anterior e mais ainda: como Guy du Bas-Tyra chegara a Krondor e tentara forçá-la a um casamento por interesse de Estado e como Arutha chegara incógnito a Krondor. Juntos, tinham se mantido na clandestinidade sob a proteção dos Zombadores — os ladrões de Krondor — por mais de um mês até fugirem para Crydee. No final da Guerra do Portal, viajara para Rillanon para assistir à coroação de Lyam. Durante esses meses, também se apaixonara perdidamente pelo irmão mais novo do Rei, Arutha, que voltara a Rillanon.

O som de botas nas lajes levou-a a se virar. Anita esperava ver um serviçal ou um guarda que lhe viesse anunciar a chegada do Rei ao porto. Em vez disso, viu se aproximar um homem com ar cansado, vestindo roupas de viagem elegantes mas amarrotadas. Seu cabelo castanho-escuro estava desgrenhado pela brisa e círculos escuros rodeavam seus olhos castanhos. O rosto magro apresentava o ar ligeiramente carrancudo que adotava quando ponderava sobre algo sério e que ela considerava encantador. Ao se aproximar, Anita maravilhou-se em silêncio com a forma como ele caminhava com agilidade, um movimento quase felino em sua graciosidade e

economia de movimentos. Ao se aproximar, ele sorriu, hesitante, quase timidamente. Antes de conseguir recorrer a anos de comedimento aprendido na corte, Anita percebeu que as lágrimas começavam a correr. De repente, viu-se em seus braços, abraçando-o com força.

— Arutha — foi tudo o que conseguiu dizer.

Durante algum tempo ali ficaram, calados, num abraço apertado. Em seguida, Arutha inclinou a cabeça de Anita para trás e a beijou. Sem palavras, falou da devoção e da saudade e, sem palavras, ela respondeu. Ele fitou aqueles olhos tão verdes como o mar e o nariz encantadoramente salpicado por um pequena mancha de sardas, uma imperfeição agradável numa pele completamente clara.

— Regressei — disse, com um sorriso cansado.

Riu perante a obviedade do comentário. Ela também riu. Sentiu-se animado por ter aquela mulher jovem e esbelta nos braços, por sentir o odor delicado do cabelo ruivo escuro penteado de uma forma complexa que, nessa estação, era moda na corte. Alegrava-se por estar novamente com ela.

Anita afastou-se, mas lhe deu a mão, apertando a dele com força.

— Já passou tanto tempo — disse em voz baixa. — Era só para ser um mês… depois mais outro e muitos mais se seguiram. Você está ausente há mais de seis meses. Não tive coragem de ir às docas. Sabia que não conteria o choro assim que avistasse você. — Tinha o rosto úmido de lágrimas. Sorriu e enxugou-as.

Arutha apertou-lhe a mão.

— Lyam estava sempre encontrando mais nobres para visitar. Deveres do Reino — disse num tom sarcástico de desaprovação. Desde o dia em que conhecera Anita, Arutha fora incapaz de expressar seus sentimentos pela moça. Fortemente atraído por ela desde o início, debatera-se constantemente com as emoções após a fuga de ambos de Krondor. Era grande a atração por ela, porém encarava-a como pouco mais do que uma criança prestes a atingir a maioridade. No entanto, Anita revelara-se uma influência tranquilizadora, interpretando seus estados de espírito como ninguém, pressentindo a melhor forma de mitigar suas preocupações, de conter sua raiva e de afastá-lo de suas introspecções sombrias. Além disso, Arutha começara a amar seus modos delicados.

Ele permanecera em silêncio até a noite anterior à partida com Lyam. Tinham passeado naquele jardim, conversando até altas horas, ainda que não

tivessem dito nada de grande importância, Arutha partiu com o sentimento de que haviam alcançado uma espécie de entendimento. O tom apressado e por vezes até um pouco formal das cartas dela o deixara preocupado, receoso de tê-la interpretado erroneamente naquela noite; contudo, naquele momento, olhando para ela, sabia que isso não acontecera. Sem rodeios, declarou:

— Desde que parti, pouco mais fiz além de pensar em você.

Reparou que os olhos da Princesa se enchiam novamente de lágrimas ao dizer:

— E eu em você.

— Eu amo você, Anita. Desejo você a meu lado para sempre. Aceita se casar comigo?

Ela apertou a mão dele com força ao responder:

— Aceito. — E voltou a abraçá-lo. A mente de Arutha deixou-se levar sob o simples efeito da felicidade que sentia. Abraçando-a com força, sussurrou:

— Você é a minha alegria. É o meu coração.

Ali ficaram algum tempo, o Príncipe alto e esguio e a esbelta Princesa cuja cabeça mal lhe chegava ao queixo. Conversavam em voz baixa e nada parecia importante à exceção da presença um do outro. Foi então que o som constrangido de alguém pigarreando os fez sair de seus devaneios. Viraram-se e viram um guarda do palácio à entrada do jardim.

— Sua Majestade se aproxima, Vossas Altezas — informou. — Dentro de poucos minutos irá entrar no grande salão.

— Iremos imediatamente — respondeu Arutha.

Levou Anita pela mão, passando pelo guarda, que os seguiu. Caso Arutha e Anita tivessem olhado por cima do ombro, teriam visto o experiente guarda do palácio lutando para reprimir um grande sorriso.

Arutha deu um aperto final na mão de Anita, posicionando-se depois ao lado da porta no momento em que Lyam entrou no grande salão do trono. À medida que o Rei avançava para o estrado onde estava colocado o trono, os membros da corte lhe faziam reverências e o Mestre de Cerimônias da Corte batia no chão com a ponta de ferro de seu bastão cerimonial. Ouviu-se um arauto:

— Escutem! Escutem! Que a notícia se espalhe: Lyam, primeiro de seu nome e, pela graça dos deuses, legítimo soberano, regressou a nós e volta a

sentar-se em seu trono. Vida longa ao Rei!

— Vida longa ao Rei! — ouviu-se a resposta daqueles que estavam reunidos no salão.

Depois de sentar-se, com o simples aro de ouro que o cargo exigia sobre a testa e de manto roxo nos ombros, Lyam disse:

— É agradável estar de novo em casa.

O Mestre de Cerimônias da Corte voltou a bater com o bastão no chão e o arauto anunciou o nome de Arutha. Arutha entrou no salão, seguido por Carline e Anita, com Martin logo atrás, como ditava o protocolo. Foram anunciados por ordem. Quando estavam todos em seus lugares ao lado de Lyam, o Rei fez um sinal a Arutha.

Arutha aproximou-se dele, inclinando-se.

— Fez o pedido? — perguntou o Rei.

Com um sorriso enviesado, Arutha respondeu:

— Qual pedido?

Lyam sorriu abertamente.

— O pedido de casamento, pateta. Claro que fez, e, tendo em conta esse seu sorriso bobo, ela aceitou — sussurrou. — Volte para seu lugar e em breve farei o anúncio. — Arutha voltou para o lado de Anita e Lyam fez um sinal ao Duque Caldric. — Estamos exaustos, meu Lorde Chanceler. Muito nos agradaria se abreviassem os assuntos deste dia.

— Há dois assuntos que julgo exigirem a atenção imediata de Vossa Majestade. O relato geral pode esperar.

Lyam sinalizou a Caldric que prosseguisse.

— Em primeiro lugar, dos Barões Fronteiriços e do Duque Vandros de Yabon nos chegaram relatos de movimentos fora do comum da parte dos goblins no Reino Ocidental.

Ao ouvir isso, a atenção de Arutha desviou-se de Anita. Cabia a ele o governo do Reino Ocidental. Lyam olhou em sua direção, depois na direção de Martin, indicando que deviam prestar atenção. Martin quis saber:

— Que notícias tem de Crydee, meu senhor?

Ao que Caldric respondeu:

— Não temos notícias da Costa Extrema, Vossa Graça. Neste momento, dispomos somente de relatos da área compreendida entre o Castelo Alto a leste e o Lago do Céu a oeste, avistamentos constantes de bandos de goblins deslocando-se para o norte e incursões ocasionais quando passam pelos

povoados.

— Rumo ao norte? — Martin olhou de relance para Arutha, que disse:

— Com a permissão de Vossa Majestade? — Lyam assentiu. — Martin, acredita que os goblins estão se juntando à Irmandade da Senda das Trevas?

Martin ponderou.

— Não descartaria essa possibilidade. Há muito que os goblins servem os moredhel. Embora esperasse ver os Irmãos Negros rumo ao sul, regressando às suas terras na Cordilheira das Torres Cinzentas. — Os primos negros dos elfos tinham sido obrigados a fugir para norte das Torres Cinzentas devido à invasão tsurani durante a Guerra do Portal. Martin se dirigiu a Caldric: — Meu senhor, tem havido relatos a respeito da Irmandade das Trevas?

Caldric abanou a cabeça.

— Os avistamentos habituais ao longo dos pés das Presas do Mundo, Duque Martin, mas nada de extraordinário. Os Lordes de Sentinela do Norte, Passagem de Ferro e Castelo Alto têm enviado os relatórios habituais a respeito da Irmandade e nada mais do que isso.

— Arutha, você e Martin ficarão incumbidos de analisar esses relatórios e determinar o que poderá ser preciso no Ocidente — disse Lyam e, em seguida, olhou para Caldric. — Que mais, meu senhor?

— Uma mensagem da Imperatriz do Grande Kesh, Vossa Majestade.

— O que tem Kesh a dizer às Ilhas?

— A Imperatriz deu ordens para que seu embaixador, um tal de Abdur Rachman Memo Hazara-Khan, viesse às Ilhas com o propósito de discutir o término das discórdias que possam ainda permanecer entre Kesh e as Ilhas.

— Essas notícias nos agradam, meu senhor. Há muito que a questão do Vale de Sonhos impede que nosso Reino e o Grande Kesh se tratem com igualdade em tantos outros assuntos. Seria duplamente benéfico para nossas nações se pudéssemos resolver de vez essa questão. — Lyam levantou-se. — No entanto, envie mensagem a Sua Excelência indicando que terá de se reunir conosco em Krondor, pois temos um casamento a realizar. Meus senhores e minhas senhoras da corte, é com imenso prazer que anunciamos o matrimônio, a ser realizado em breve, de nosso irmão Arutha com a Princesa Anita. — O Rei virou-se para Arutha e Anita, pegando na mão de cada um e apresentando-os à corte reunida, que aplaudiu o anúncio.

De onde estava, ao lado dos irmãos, Carline fulminou Laurie com o olhar e foi beijar Anita. Com o salão tomado por um grande entusiasmo, Lyam

disse:

— Damos por terminados os assuntos deste dia.

2

Krondor

A cidade estava adormecida.

Um manto de denso nevoeiro deslizara do Mar Amargo, envolvendo Krondor em uma espessa brancura. A capital ocidental do Reino nunca descansava, mas os sons habituais da noite surgiam abafados pela neblina quase impenetrável que cobria os movimentos daqueles que continuavam a percorrer suas ruas. Tudo parecia mais entorpecido, menos estridente do que o habitual, como se a cidade tivesse se acalmado.

Para um dos habitantes da cidade, as condições dessa noite se aproximavam das ideais. O nevoeiro tornara cada rua uma passagem estreita e sombria, cada bloco de edifícios, uma ilha isolada. A escuridão infindável só era interrompida de vez em quando por luminárias que ficavam nas esquina, pequenos pontos intermediários de calor e de luz das quais os transeuntes se beneficiavam antes de voltarem a mergulhar na noite úmida e lúgubre. Contudo, entre esses pequenos abrigos de iluminação, uma proteção adicional era propiciada a um indivíduo acostumado a trabalhar na escuridão, pois os pequenos ruídos eram abafados e os movimentos ficavam a salvo de uma observação fortuita. Jimmy, a Mão, andava ocupado com seus afazeres. Com cerca de 15 anos de idade, Jimmy, a Mão, já era considerado um dos membros mais bem-sucedidos dos Zombadores, a Guilda dos Ladrões. Jimmy se dedicara a esse ofício durante quase toda a sua curta vida, um menino de rua que progredira de um simples ladrão que roubava frutas dos vendedores ambulantes à situação de membro dos Zombadores. Desconhecia

quem era seu pai; sua mãe fora prostituta no Bairro Pobre até morrer pelas mãos de um marinheiro embriagado. Desde então, o garoto fazia parte dos Zombadores e sua ascensão fora rápida. O que mais surpreendia em seu progresso, no entanto, não era sua tenra idade, uma vez que os Zombadores consideravam que logo que um rapaz estivesse preparado para tentar roubar, devia ser posto na rua. Com o fracasso advinham algumas recompensas. Um ladrão ruim em pouco tempo se tornava um ladrão morto. Desde que outro Zombador não fosse colocado em perigo, pouca perda havia na morte de um ladrão de parcos talentos. Não, o que mais impressionava na rápida ascensão de Jimmy era o fato de ser quase tão bom como ele próprio se considerava.

Com movimentos furtivos que beiravam o sobrenatural, deslocava-se pelo ambiente. O silêncio da noite somente era interrompido pelo roncar profundo dos moradores, alheios ao que se passava. A única iluminação provinha do brilho tênue de uma luminária distante que entrava pela janela aberta. Jimmy olhou em volta com atenção, juntando os demais sentidos à busca. Uma alteração súbita no som do assoalho sob os passos leves de Jimmy e o ladrão encontrou o que procurava. Riu por dentro face à falta de originalidade do mercador em esconder sua fortuna. Com movimentos precisos, o menino-ladrão levantou a tábua falsa, enfiando a mão no esconderijo de Trig, o comerciante.

Trig bufou e virou-se para o outro lado, provocando um ronco em sua esposa obesa. Jimmy ficou completamente imóvel, quase sem respirar, deixando que as duas silhuetas adormecidas permanecessem sossegadas durante vários minutos. Em seguida, tirou uma pesada bolsa, guardando o saque com cuidado sob a túnica, preso ao largo cinto. Voltou a colocar a tábua no lugar e retornou à janela. Com sorte, passariam dias até que descobrissem o furto.

Saiu pela janela e, virando-se para trás, ergueu os braços para alcançar os beirais. Um rápido impulso e sentou-se no telhado. Suspenso sobre a beirada, fechou as folhas da janela com um ligeiro empurrão e agitou o gancho com um barbante para que o trinco de dentro voltasse ao lugar. Depressa retirou o barbante, rindo em silêncio ao pensar na perplexidade que certamente o comerciante mostraria quando tentasse perceber como o ouro fora levado. Jimmy ficou parado por um instante, atento a sons que indicassem alguém acordando lá dentro. Quando não ouviu nada, relaxou.

Levantou-se e começou a avançar pela Via dos Ladrões, como eram

conhecidos os telhados da cidade. Saltou do telhado da casa de Trig para o seguinte, sentando-se depois nas telhas para inspecionar o resultado do assalto. A bolsa provava que o comerciante fora um homem econômico, já que guardara uma porção significativa de seus sucessivos lucros. Jimmy poderia manter uma vida confortável durante meses, caso não perdesse tudo no jogo.

Um breve ruído levou Jimmy a se deitar no telhado, agarrando-se às telhas em silêncio. Ouviu outro som, um movimento de sapatos se arrastando vindo do outro lado de uma empena, no meio do telhado onde se encontrava. O rapaz amaldiçoou sua sorte e passou uma mão pelo cabelo castanho encaracolado, úmido devido ao nevoeiro. Encontrar mais alguém nos telhados ali perto só podia significar problemas. Jimmy estava trabalhando sem conhecimento do Mestre Noturno, líder dos Zombadores, um hábito que lhe rendera reprimendas e surras nas poucas vezes em que fora descoberto, porém, se estivesse colocando em perigo o trabalho noturno de outro Zombador, ficaria exposto a mais do que palavras severas ou a uma série de tabefes de todos os que estivessem presentes. Jimmy era tratado como adulto pelos outros membros da guilda, tendo adquirido essa posição através de trabalho árduo e engenhosidade. Por sua vez, esperavam que se comportasse como um membro responsável, sem terem de levar em conta sua idade. Se arriscasse a vida de outro Zombador, poderia pagar com a sua.

A alternativa poderia se revelar igualmente desastrosa. Se um ladrão independente estivesse trabalhando na cidade sem permissão dos Zombadores, Jimmy tinha o dever de identificá-lo e denunciá-lo. De certa forma, esse ato iria amenizar a quebra das regras dos Zombadores cometida por Jimmy, especialmente se desse à guilda os habituais dois terços do ouro do comerciante.

Deslizou por cima do topo do telhado e rastejou até ficar do lado oposto ao da origem do ruído. Precisava somente dar uma olhada no ladrão independente e denunciá-lo. O Mestre Noturno divulgaria a descrição do homem, que, mais cedo ou mais tarde, receberia a visita de uns brutamontes da guilda que o iriam educar conforme as regras dos Zombadores no que dizia respeito a bandidos forasteiros. Jimmy levantou-se aos poucos e espiou por cima do telhado. Não viu nada. Olhando em volta, percebeu um movimento vago pelo canto do olho e virou-se. Uma vez mais, não viu nada. Jimmy, a Mão, acomodou-se para esperar. Havia algo ali que provocava sua

sutil curiosidade.

Essa intensa curiosidade era um dos poucos pontos fracos de Jimmy em seu ofício — além da irritação ocasional por ser obrigado a dividir o saque com a guilda, que via essa relutância com alguma incredulidade. Sua educação pelos Zombadores lhe transmitira um certo apreço pela vida, incomum para a sua idade — um ceticismo que beirava o cinismo. Não tinha estudos, mas era astuto. Isso ele sabia: o som não surgia do ar — exceto quando envolvia magia.

Jimmy acalmou-se por um instante de modo a decifrar aquilo que não vira. Seria um espírito invisível que se contorcia penosamente pelos telhados — pouco provável, mas possível —, ou seria algo mais corpóreo se escondendo nas profundezas das sombras do outro lado da empena?

Jimmy arrastou-se até ficar frente à empena e levantou-se um pouco para espiar por cima do telhado. Perscrutou a escuridão e, quando ouviu outro vago arrastar, foi recompensado por um vislumbre de movimento. Havia alguém envolto em sombras, vestindo uma capa escura. Jimmy só conseguia localizá-lo quando se deslocava. Andou devagarzinho logo abaixo do topo para conseguir um melhor ângulo de visão, até ficar diretamente atrás do vulto. Voltou a se erguer. O indivíduo furtivo mexeu-se, ajeitando a capa nos ombros. Jimmy ficou com os pelos da nuca em pé. O vulto à sua frente vestia-se completamente de negro e trazia uma pesada besta. Não era ladrão nenhum, e sim um Falcão Noturno!

Jimmy ficou petrificado. Deparar-se com um membro da Guilda da Morte em plena atividade não aumentava as esperanças de uma vida longa. Porém havia uma ordem permanente entre os Zombadores de que qualquer notícia relacionada com a irmandade de assassinos devia ser comunicada imediatamente, e essa ordem fora emitida pelo próprio Justo, a maior autoridade dos Zombadores. Jimmy optou por aguardar, confiando em sua capacidade, caso fosse descoberto. Podia não possuir os atributos quase lendários de um Falcão Noturno, mas possuía a confiança suprema de um rapaz de 15 anos que se tornara o mais jovem Mestre Ladrão da história dos Zombadores. Se fosse descoberto, não seria a primeira perseguição pela Via dos Ladrões.

O tempo foi passando e Jimmy esperou, revelando uma disciplina incomum para um rapaz da sua idade. Um ladrão incapaz de permanecer quieto durante várias horas, caso surgisse essa necessidade, não permaneceria

vivo por muito tempo. De vez em quando, Jimmy ouvia e vislumbrava o assassino se movimentando. O respeito temeroso que Jimmy sentia pelos lendários Falcões Noturnos diminuiu a olhos vistos pois aquele mostrava pouca aptidão para ficar imóvel. Há muito que Jimmy dominara o truque de contrair e descontrair os músculos em silêncio para evitar cãibras e rigidez. Chegou à conclusão de que grande parte das lendas tendia para o exagero e, no ramo dos Falcões Noturnos, era vantajoso manter o temor que infundiam nas pessoas.

Subitamente, o assassino se deslocou, deixando a capa cair por completo ao erguer a besta. Jimmy ouviu o som de cascos se aproximando. Cavaleiros passavam logo abaixo; o assassino baixou a arma devagar. Obviamente, sua presa não se encontrava entre os que já tinham passado.

Jimmy apoiou-se no cotovelo para se levantar um pouco mais e obter uma visão melhor do homem, agora que a capa não o ocultava mais. O assassino virou-se ligeiramente para recuperar a capa, expondo o rosto ao rapaz. O ladrão juntou as pernas debaixo do corpo, preparado para saltar caso fosse preciso, e examinou o homem. Conseguia divisar muito pouco, à exceção do cabelo escuro e da pele clara. De repente, o assassino pareceu olhar diretamente para ele.

O coração de Jimmy batia alto em seus ouvidos, levando-o a pensar como seria possível que o assassino não ouvisse tal algazarra. No entanto, o homem regressou à sua vigília e Jimmy abaixou-se silenciosamente por trás do topo do telhado. Respirou devagar, reprimindo uma vontade repentina e tola de rir. Depois que esta passou, conseguiu ficar um pouco mais descontraído e arriscou outra espiada.

Uma vez mais, o assassino aguardava. Jimmy se acalmou. Pensou a respeito da arma do Falcão Noturno. A pesada besta era uma escolha medíocre para um atirador, uma vez que era menos precisa que qualquer bom arco. Serviria para alguém pouco treinado, pois lançava a flecha com força fulminante — um ferimento que não seria fatal se provocado pela flecha de um arco poderia vir a ser se vindo de uma besta, devido ao choque adicional do golpe. Certa vez, Jimmy vira uma couraça de aço em exposição em uma taberna que tinha um orifício do tamanho do punho do rapaz devido à seta disparada por uma besta. Tinham-na pendurado não devido ao tamanho do orifício, habitual para uma arma daquele tipo, mas porque o homem que a vestira havia, sabe-se lá como, sobrevivido. Contudo, a arma tinha

desvantagens. Além de não ser precisa a mais de uma dezena de metros, seu alcance era curto.

Jimmy esticou o pescoço para ver o Falcão Noturno, sentindo um estalo no braço direito. Mudou ligeiramente o peso do corpo para a esquerda. De repente, uma telha cedeu debaixo de sua mão e, com um estalido, partiu-se. Caiu pelo telhado ruidosamente, esmigalhando-se nas pedras da calçada lá embaixo. Para Jimmy, foi o ribombar de um trovão que anunciava sua perdição.

Com uma velocidade sobrenatural, o assassino virou-se e disparou. O escorregão de Jimmy salvou-lhe a vida, pois não poderia ter se esquivado a tempo de evitar a seta, se a gravidade não lhe fornecesse a velocidade necessária. Bateu no telhado, ouvindo a flecha passar por cima da cabeça. Por um breve instante, imaginou sua cabeça explodindo como uma abóbora madura e agradeceu em silêncio a Banath, o deus protetor dos ladrões.

Foram os reflexos de Jimmy que o salvaram em seguida, pois, ao invés de se levantar, rolou para a direita. Uma espada bateu no local onde estivera deitado no instante anterior. Ciente de que não conseguiria obter um avanço confortável para fugir do assassino, Jimmy deu um salto e agachou-se, tirando o punhal da bota direita com um único movimento. Pouco apreciava as lutas corpo a corpo, embora tivesse percebido logo no início de sua carreira que a sua vida poderia depender do uso de uma lâmina. Treinava aplicadamente sempre que surgia uma oportunidade. Jimmy lamentava apenas que a incursão ao telhado o tivesse impedido de trazer o florete.

O assassino virou-se para encarar o rapaz e Jimmy reparou que ele hesitara por um breve instante. O Falcão Noturno podia ter reflexos rápidos, mas não estava acostumado ao piso precário que os telhados ofereciam. Sorriu, não só para esconder o medo como também por achar graça do desconforto do assassino.

Com um sussurro sibilante, o assassino disse:

— Reze aos deuses que o trouxeram aqui, rapaz.

Jimmy considerou o comentário inusitado, uma vez que contribuía para distrair quem falava. O assassino investiu, o gume da espada golpeou o ar onde Jimmy estivera um segundo antes, mas o menino ladrão fugiu.

Precipitou-se pelo telhado e saltou de volta para o edifício onde vivia Trig, o comerciante. Em seguida, ouviu o assassino saltar também. Jimmy correu rapidamente até se ver diante de um grande vão. Com a pressa, se

esquecera de que existia uma ampla viela naquela extremidade do edifício, deixando o prédio seguinte a uma distância impossível de se saltar. Girou sobre os calcanhares.

O assassino aproximava-se devagar com a espada apontada para Jimmy, que teve uma ideia e começou uma dança louca, batendo com os pés no telhado. Pouco depois, o barulho teve resposta e ouviu-se uma voz irada de baixo:

— Ladrão! Estou perdido! — Jimmy imaginou Trig debruçado na janela, despertando os guardas da cidade, e teve esperança de que o assassino estivesse imaginando o mesmo. A algazarra certamente faria com que a construção fosse cercada em pouco tempo. Rezou para que o assassino fugisse ao invés de punir o responsável por seu fracasso.

O assassino ignorou os gritos do comerciante e avançou para Jimmy. Voltou a golpear e o rapaz se esquivou novamente, ficando ao alcance do assassino. Jimmy deu, então, uma estocada com o punhal e sentiu a ponta espetar o braço do Falcão Noturno que segurava a espada. Ouviu a espada do assassino cair na rua. Um grito de dor ecoou na noite, silenciando os berros do comerciante. Jimmy ouviu as persianas se fecharem e pensou no que o coitado do Trig estaria imaginando ao ouvir aquele grito por cima da sua cabeça.

O assassino esquivou-se de outra investida de Jimmy e tirou uma adaga do cinto. Voltou a avançar, sem falar, com a arma na mão esquerda. Jimmy ouviu vozes na rua abaixo e resistiu à vontade de pedir socorro. Não estava muito confiante de que seria capaz de levar a melhor, mesmo que o assassino lutasse com a mão esquerda, mas também sentia alguma relutância em explicar o que fazia no telhado do comerciante. Além disso, mesmo que pedisse socorro, quando a ajuda chegasse, entrasse na casa e subisse ao telhado, a contenda já estaria resolvida.

Jimmy recuou até a beira do telhado até ficar com os calcanhares suspensos no ar. O assassino aproximou-se, dizendo:

— Não há para onde fugir, rapaz.

Jimmy esperou, preparando uma jogada desesperada. O assassino ficou tenso, o sinal pelo qual Jimmy aguardara. Agachou-se e, ao mesmo tempo, deu um passo para trás, deixando-se cair. O assassino começara a investida e, quando a adaga não encontrou a resistência esperada, desequilibrou-se e caiu para a frente. Jimmy agarrou-se à beira do telhado, quase deslocando os

ombros com o solavanco. Mais do que viu, ele sentiu o assassino passando por trás, caindo em silêncio na escuridão e batendo nas pedras da calçada lá embaixo.

Ficou pendurado por um instante, com as mãos, os braços e ombros ardendo de dor. Seria tão simples largar-se e tombar na agradável escuridão. Livrando-se do cansaço e da dor, instou os músculos em protesto para conseguir se içar de novo para o telhado. Ficou momentaneamente sem fôlego e então virou-se e olhou para baixo.

O assassino jazia imóvel na calçada. O pescoço torto não deixava dúvidas de que estava morto. Respirou fundo, arrepiando-se de medo. Reprimiu um calafrio, abaixando-se quando viu dois homens entrarem correndo na viela. Eles agarraram o cadáver e o viraram, pegando o corpo e saindo dali às pressas. Jimmy ficou pensando. Para haver colegas do assassino por perto, era óbvio que fora uma tarefa da Guilda da Morte. Quem esperariam que passasse pela rua àquela hora da noite? Olhando ao redor por um momento, ponderou sobre o risco de ficar por ali um pouco mais para satisfazer a curiosidade, tendo em conta que certamente os guardas da cidade chegariam em poucos minutos. A curiosidade foi mais forte.

Um som de cascos ecoou pelo nevoeiro e não tardou que surgissem dois cavaleiros à luz da luminária que iluminava a rua em frente à casa de Trig. Foi naquele momento que Trig decidiu voltar a abrir as folhas da janela, retomando os gritos por socorro. Jimmy arregalou os olhos quando os cavaleiros olharam para a janela do comerciante, pois havia mais de um ano que não via um dos homens, ainda que o conhecesse bem. Balançando a cabeça diante das implicações do que vira, o menino ladrão considerou que aquele era um bom momento para sair dali. Contudo, o fato de ter visto aquele homem lá embaixo impossibilitou que Jimmy desse aquela noite por terminada. Seria, certamente, uma noite longa. Levantou-se e deu início à caminhada pela Via dos Ladrões, de volta ao refúgio dos Zombadores.

Arutha puxou as rédeas e olhou para onde um homem de pijama gritava de uma janela.

— Laurie, o que está acontecendo ali?

— Pelo que entendi dos lamentos e gritos, acho que aquele burguês foi vítima recente de algum crime.

Arutha riu.

— Isso eu também percebi.

Não conhecia Laurie muito bem, mas apreciava a vivacidade e o senso de humor do menestrel. Sabia da existência de problemas entre Laurie e Carline e fora por isso que Laurie pedira para acompanhar Arutha em sua viagem a Krondor. Carline haveria de chegar dali a uma semana com Anita e Lyam. No entanto, há muito que Arutha decidira que o que Carline não lhe confidenciasse não lhe dizia respeito. Além do mais, Arutha compreendia a situação difícil em que Laurie se encontrava caso a tivesse deixado irritada. Depois de Anita, Carline era a última pessoa com quem Arutha queria brigar.

O Príncipe estudou a área enquanto algumas almas sonolentas dos edifícios vizinhos começavam a bradar perguntas.

— Bem, acho que logo uma investigação vai começar por aqui. É melhor retomarmos nosso caminho.

Como se suas palavras tivessem sido proféticas, Arutha e Laurie assustaram-se ao ouvir uma voz vinda do nevoeiro:

— Vocês aí!

Da névoa, surgiram três homens com os barretes de feltro cinzento e os tabardos amarelos da guarda da cidade. O guarda mais à esquerda, um indivíduo musculoso e de sobrancelhas cerradas, trazia uma lanterna em uma mão e um bastão comprido na outra. O homem do meio, de idade avançada, parecia prestes a atingir a idade da aposentadoria, e o terceiro era jovem, mas ambos transpareciam um ar de experiência de rua, evidente pela forma como mantinham as mãos de modo descontraído pousadas em enormes punhais que traziam presos aos cintos.

— O que está acontecendo aqui? — questionou o guarda mais velho com uma voz que misturava bom humor e autoridade.

— Alguma confusão naquela casa, guarda. — Arutha apontou para o comerciante. — Estávamos de passagem.

— Estavam, senhor? Pois então não se recusarão a permanecer aqui um pouco mais até descobrirmos do que se trata. — Fez sinal ao jovem guarda-noturno para que ficasse de olho.

Arutha acenou a cabeça, não dizendo nada. Foi então que um homem parecido com um odre, enrubescido e ofegante, saiu da casa agitando os braços ao mesmo tempo que berrava:

— Ladrões! Entraram sorrateiramente no meu quarto, no meu próprio quarto, e levaram o meu tesouro! Que mundo é este em que um cidadão

cumpridor das leis já não está seguro na sua cama, na sua própria cama, pergunto eu? — Avistando Arutha e Laurie, disse: — Quer dizer que são estes os ladrões, os malvados ladrões? — Reunindo a dignidade possível, já vez que vestia uma larga camisa de noite, clamou: — O que fizeram com o meu ouro, com o meu estimado ouro?

O guarda-noturno de grande porte puxou bruscamente o braço do homem aos gritos, quase fazendo o comerciante dar uma volta completa.

— Olhe lá, cuidado com a gritaria, seu mal-educado.

— Mal-educado! — gritou Trig. — Mas o que lhe dá o direito de chamar um cidadão, um cidadão cumpridor das leis… — Deteve-se, incrédulo ao ver uma companhia de cavaleiros surgir do nevoeiro. À dianteira, seguia um homem alto de pele escura que vestia o tabardo de Capitão da Guarda da Casa Real do Príncipe. Vendo o ajuntamento na rua, fez sinal para que os demais parassem. Balançando a cabeça, Arutha disse a Laurie:

— Lá se vai nosso discreto retorno a Krondor.

— Guarda, o que está acontecendo aqui? — perguntou o Capitão.

O guarda bateu continência.

— É o que eu estava precisamente tentando descobrir, Capitão. Detivemos esses dois… — Indicou Arutha e Laurie.

O Capitão aproximou o cavalo e riu. O guarda-noturno olhou de soslaio para aquele capitão alto, sem saber o que dizer. Aproximando-se de Arutha, Gardan, o ex-sargento da guarnição de Crydee, bateu continência.

— Bem-vindo à sua cidade, Alteza. — Ao ouvirem essas palavras, os demais guardas endireitaram-se nas selas, saudando o Príncipe.

Arutha devolveu a continência aos guardas e, em seguida, apertou a mão de Gardan, enquanto os guardas-noturnos e o comerciante olhavam atônitos.

— Menestrel — disse Gardan —, também é um prazer revê-lo. — Laurie aceitou o cumprimento com um sorriso e um aceno de mão. Convivera com Gardan por apenas um curto período de tempo, antes de Arutha mandá-lo a Krondor, onde assumira o comando da guarda da cidade e do palácio; no entanto, simpatizava com o soldado grisalho.

Arutha olhou para o local onde os guardas-noturnos e o comerciante aguardavam. Os guardas tinham os barretes na mão; o mais velho disse:

— Peço perdão a Vossa Alteza, o velho Bert não sabia. Não tivemos intenção de ofender, Alteza.

Arutha balançou a cabeça, achando graça apesar da hora tardia e do

tempo frio.

— Não nos sentimos ofendidos, guarda Bert. Não fez mais do que o seu dever, aliás, muito bem. — Virou-se para Gardan. — Diga-me, como conseguiu me encontrar, valham-me os deuses?

— O Duque Caldric me enviou um itinerário completo, bem como as notícias de que regressava de Rillanon. Era esperado amanhã, mas eu disse ao Conde Volney que certamente tentaria entrar discretamente esta noite. Como vinha de Salador, só podia entrar por um portão — apontou na direção do portão oriental, encoberto pelo nevoeiro cerrado — e aqui estamos nós. Chegou ainda mais cedo do que eu previ. Onde está o restante do séquito?

— Metade dos guardas está escoltando a Princesa Anita até as propriedades de sua mãe. A outra metade está acampada a cerca de seis horas a cavalo da cidade. Eu não suportaria outra noite na estrada. Além disso, há muito a fazer. — Gardan olhou para o Príncipe com ar intrigado, mas Arutha disse apenas: — Darei mais informações assim que falar com Volney. Agora — olhou para o comerciante —, quem é esse indivíduo que tanto grita?

— É Trig, o comerciante, Alteza — respondeu o guarda-noturno mais velho. — Afirma que alguém entrou em seu quarto e o roubou. Diz que acordou com ruídos de luta no telhado.

Trig interrompeu:

— Estavam lutando sobre minha cabeça, sobre… minha… própria cabeça… — Sua voz foi se perdendo ao perceber a quem se dirigia. — … Alteza — terminou, subitamente envergonhado.

O guarda-noturno de sobrancelhas espessas olhou-o com severidade.

— Diz que ouviu uma espécie de grito e, como tartaruga, voltou a se enfiar em casa.

Trig acenou a cabeça energicamente.

— Um assassinato estava sendo cometido, um assassinato sangrento, Vossa Alteza. Foi horrível. — O guarda mais encorpado agraciou Trig com uma cotovelada nas costelas devido à interrupção.

O jovem guarda-noturno apareceu da viela paralela.

— Isto estava em cima de um monte de lixo na rua do outro lado da casa, Bert. — Mostrou a espada do assassino. — Tem um pouco de sangue no punho, mas a lâmina está limpa. Há uma pequena poça de sangue na viela, mas não há sinal de nenhum corpo.

Arutha fez sinal para que Gardan pegasse a espada. O jovem guarda-

noturno, percebendo os guardas reais e a notória posição de comando assumida pelos recém-chegados, entregou a espada e tirou o barrete.

Arutha recebeu a espada das mãos de Gardan, não viu nada de significativo no objeto e devolveu-a ao guarda-noturno.

— Faça seus guardas voltarem, Gardan. É tarde e esta noite o descanso será curto.

— Mas e o furto? — berrou o comerciante, despertado do silêncio a que fora obrigado. — Eram todas as minhas poupanças, as poupanças de toda uma vida! Estou arruinado! Que será de mim?

O Príncipe virou o cavalo, colocando-se junto aos guardas, e se dirigiu a Trig:

— Compreendo seus sentimentos, meu bom comerciante, mas descanse que a guarda tudo fará para recuperar os seus bens.

— Bem — disse Bert a Trig —, sugiro que volte para casa e fique lá o resto da noite, senhor. De manhã, poderá apresentar queixa ao sargento da guarnição. Irá necessitar de uma descrição daquilo que foi furtado.

— Daquilo que foi furtado? Ouro, homem, foi isso que levaram. O meu tesouro escondido, todo o meu tesouro escondido!

— Ouro, então? Assim sendo — respondeu Bert com a voz da experiência —, sugiro que se recolha e que amanhã recomece a juntar seu tesouro, pois tão certo quanto é denso o nevoeiro que cobre Krondor, não voltará a ver uma única moeda. Mas não fique tão desconsolado, bom homem. É uma pessoa de posses e o ouro depressa vem aos que têm a sua posição, seus recursos e negócios.

Arutha abafou uma gargalhada, pois, apesar da tragédia pessoal do homem, este não deixava de ser uma figura cômica com a sua camisola de linho e o barrete de dormir tombado para a frente, quase a tocar-lhe o nariz.

— Meu bom comerciante, tentarei consertar a situação. — Tirou a adaga do cinto e entregou-a a Bert, o guarda-noturno. — Essa arma tem o brasão da minha família gravado. As únicas que existem além dessa são usadas pelos meus irmãos, o Rei e o Duque de Crydee. Devolva-a amanhã ao palácio e em troca lhe será dado um saco de ouro. Não quero ver comerciantes infelizes em Krondor no dia de meu regresso. Desejo boa-noite a todos vocês. — Arutha meteu as esporas no cavalo e conduziu os companheiros até o palácio.

Quando Arutha e os guardas desapareceram na escuridão, Bert se virou para Trig.

— Ora bem, senhor, aqui está um final feliz — disse, entregando a adaga do Príncipe ao comerciante. — Além do mais, você tem prazer de saber que é um dos poucos plebeus que podem afirmar ter falado com o Príncipe de Krondor, ainda que em circunstâncias um tanto quanto inusitadas e difíceis. — Dirigiu-se aos seus homens: — Regressemos à nossa ronda. Em uma noite como esta, há mais com que se divertir em Krondor. — Fez sinal para que os homens o seguissem e todos desapareceram na névoa clara.

Trig ficou sozinho. Pouco depois, sua expressão se iluminou e ele gritou para a mulher e para quem quer que ainda estivesse à janela:

— Falei com o Príncipe! Eu, Trig, o comerciante! — Sentindo emoções análogas ao júbilo, o comerciante arrastou-se de volta ao quentinho de sua casa, agarrando com firmeza a adaga de Arutha.

Jimmy avançou por um túnel estreitíssimo. A passagem fazia parte do labirinto de esgotos e de outras construções subterrâneas comuns naquela parte da cidade e não havia um único centímetro daquelas passagens subterrâneas que não fosse controlado pelos Zombadores. Jimmy passou por um coletor — alguém que ganhava a vida recolhendo nos esgotos o que quer que pudesse ter alguma utilidade — que recorria a um pau para deter o amontoado de detritos levados pelas águas dos esgotos. Chamava de tufo aquela massa flutuante, criando um neologismo. Remexeu, procurando uma moeda ou outro objeto de valor. Na verdade, era um sentinela. Jimmy fez-lhe sinal, abaixou-se para passar por baixo de uma madeira suspensa que aparentava ser uma escora caída de um porão abandonado e entrou em um grande corredor escavado entre os túneis. Era ali o núcleo da Guilda dos Ladrões, o refúgio dos Zombadores.

Jimmy retirou seu florete do armário de armas. Procurou um canto calmo onde pudesse sentar-se, pois estava angustiado devido à luta em que se envolvera. Justiça fosse feita, devia confessar o furto ilícito da casa do comerciante, dividir o ouro e aceitar o castigo que o Mestre Noturno ordenasse. De qualquer forma, toda a guilda teria conhecimento de que o comerciante fora roubado antes da tarde do dia seguinte. Assim que ficasse claro que não havia nenhum ladrão trabalhando por conta própria, as desconfianças recairiam sobre Jimmy e outros que também eram sabidamente adeptos de incursões noturnas sem autorização. O castigo que lhe reservariam então seria duas vezes mais severo por não ter confessado antes. Ainda assim,

Jimmy não podia pensar somente em seus interesses, pois sabia que o alvo do assassino era o próprio Príncipe de Krondor. Além disso, Jimmy passara muito tempo com Arutha quando os Zombadores o haviam abrigado, assim como haviam abrigado a Princesa Anita, escondendo-os dos homens de Bas-Tyra; por conta disso, desenvolvera simpatia pelo Príncipe. Arutha oferecera a Jimmy o florete que o menino ladrão usava à cintura. Não, Jimmy não podia ignorar a presença do assassino, embora não estivesse certo quanto ao melhor rumo a tomar.

Após muito ponderar em silêncio, Jimmy se decidiu. Em primeiro lugar, tentaria advertir o Príncipe e, em seguida, passaria a informação acerca do assassino a Alvarny, o Veloz, que era o Mestre Diurno. Alvarny era seu amigo e permitia a Jimmy mais jogo de cintura do que Gaspar daVey, o Mestre Noturno. Alvarny não mencionaria ao Justo a demora de Jimmy, caso o rapaz não tardasse muito a apresentar as informações, o que significava que Jimmy teria de chegar depressa a Arutha, regressar de imediato e falar com o Mestre Diurno — pelo menos antes do pôr do sol do dia seguinte. Se deixasse passar mais tempo, Jimmy ficaria tão comprometido que impossibilitaria a Alvarny fazer vista grossa. Ele podia ser um homem generoso, tendo em conta que o rapaz ainda era jovem, mas não deixava de ser um Zombador. A deslealdade para com a guilda era algo que não podia permitir.

— Jimmy!

Jimmy olhou para cima e viu Dase Dourado se aproximar. Embora jovem, o intrépido ladrão já possuía experiência considerável em separar mulheres mais velhas e abastadas de suas fortunas. Mais do que nas ações dissimuladas, confiava sobretudo em seu esplêndido aspecto louro e em seus encantos. Dase fazia questão de exibir as roupas caras que usava.

—No que está pensando?

Jimmy fez um aceno com a cabeça em sinal de aprovação.

— Andou furtando alfaiates?

Dourado deu um tapinha de brincadeira e sem grande convicção em Jimmy, que facilmente se esquivou, sentando-se depois ao lado do rapaz.

— Não, grande filho bastardo de uma gata vadia, não ando. A minha atual “benfeitora” é a viúva do famoso Mestre Cervejeiro Fallon. — Jimmy ouvira falar do homem; suas cervejas tinham atingido um tanto prestígio que foram levadas até a mesa do falecido Príncipe Erland. — Devido aos negócios bem-sucedidos de seu falecido marido, que agora passaram a ser

seus, ela recebeu um convite para a recepção.

— Recepção? — Jimmy sabia que Dourado conhecia algumas fofocas que desejava revelar em seu próprio ritmo.

— Ah — exclamou Dourado —, eu me esqueci de mencionar um casamento?

Jimmy revirou os olhos, mas foi na onda dele.

— Qual casamento, Dourado?

— Ora, o casamento real, é óbvio. Ainda que fiquemos longe da mesa do Rei, não será na mesa mais distante.

Jimmy endireitou-se de um salto.

— O Rei? Em Krondor!?

— Claro.

Jimmy agarrou o braço de Dourado.

— Comece pelo princípio.

Com um grande sorriso, o belo homem, que não era um vigarista muito perspicaz, disse:

— A viúva Fallon foi informada por uma fonte segura: o responsável pelas compras do palácio, um homem que conhece há dezessete anos, que a informou de que seriam necessárias provisões adicionais para daqui a um mês devido, e aqui eu a cito, “ao casamento real”. Parece certo partir do princípio de que um rei estará presente em seu próprio casamento.

Jimmy abanou a cabeça.

— Nada disso, seu ignorante, não é o casamento do Rei. É o casamento de Anita com Arutha.

Dourado parecia preparado para se magoar com o comentário quando um brilho súbito de interesse transpareceu em seus olhos.

— O que o leva a dizer isso?

— O Rei se casa em Rillanon. O Príncipe se casa em Krondor. — Dourado aquiesceu, indicando que a afirmação fazia sentido. — Eu estive escondido com Anita e Arutha; era só uma questão de tempo até se casarem. Por isso ele voltou. — Vendo que provocara uma reação, acrescentou às pressas: — ou irá voltar logo.

A cabeça de Jimmy começou a dar voltas. Não só Lyam viria a Krondor para assistir ao casamento do irmão, mas também viriam todos os nobres importantes do Ocidente e muitos do Oriente. Se Dase já tinha conhecimento do casamento, significava que metade de Krondor também já sabia e a outra

metade ficaria sabendo até o final do outro dia.

As divagações de Jimmy foram interrompidas pela aproximação de Jack Risonho, o Sentinela da Noite, primeiro-tenente do Mestre Noturno. O homem de lábios finos parou junto de Jimmy e de Dase e, com as mãos nos quadris, disse:

— Parece que você tem algo na cabeça, rapaz.

Jimmy não simpatizava com Jack. Era um homem obstinado e carrancudo, dado a acessos de violência e de crueldade desnecessárias. A única razão pela qual atingira um lugar tão elevado na guilda era sua capacidade de manter na linha os brutamontes do grupo e outros impetuosos. A antipatia de Jimmy era devolvida em igual medida por Jack, pois o rapaz fora o responsável pela adição de "Risonho" ao seu nome. Apesar de estar há tantos anos na guilda, ninguém se lembrava de tê-lo ouvido rir.

— Não, não tenho — retorquiu Jimmy.

Jack semicerrou os olhos ao examinar Jimmy, depois Dase, por um longo minuto.

— Ouvi dizer que houve uma confusão qualquer perto do portão oriental; você, por acaso, não andava por lá?

Jimmy manteve uma expressão indiferente e olhou para Dase, como se Jack tivesse dirigido a pergunta a ambos. Dourado balançou a cabeça, negando. Jimmy se perguntou se Jack já estava sabendo sobre o Falcão Noturno. Se fosse esse o caso, e se alguém tivesse visto Jimmy perto do local, os brutamontes de Jack não mostrariam qualquer compaixão. Porém Jimmy desconfiava que, se Jack tivesse provas, teria surgido ali para acusar, e não para interrogar. A sutileza não era uma característica do homem. Por isso, Jimmy simulou indiferença ao perguntar:

— Outra discussão entre bêbados? Não, passei quase toda a noite dormindo.

— Ainda bem, porque assim está descansado — disse Jack. Com um trejeito de cabeça, indicou a Dase que deveria sair. Dourado levantou-se e saiu sem fazer comentários, e Jack colocou a bota no banco ao lado de Jimmy. — Temos um trabalhinho para esta noite.

— Esta noite? — questionou Jimmy, julgando que a noite já estava na metade. Faltavam menos de cinco horas até o nascer do sol.

— É especial. Para ele — explicou, referindo-se ao Justo. — Há uma festa real no palácio na qual o embaixador keshiano estará presente. Esta

noite chegou um grande carregamento de presentes de casamento. Irão direto para o palácio, ao meio-dia, no mais tardar. Por isso, esta noite é a única chance que temos para roubá-los. É uma oportunidade rara. — O tom de voz do homem não deixou qualquer sombra de dúvida na cabeça de Jimmy de que sua presença não estava sendo solicitada, e sim exigida. Jimmy esperava dormir um pouco antes de ir ao palácio, mas deixara de ter essa opção. Em tom resignado, disse:

— Quando e onde?

— Daqui a uma hora naquele grande armazém uma rua depois da Estalagem do Caranguejo Violinista, perto das docas.

Jimmy conhecia o local. Acenou afirmativamente com a cabeça e, sem dizer mais nada, deixou Jack Risonho sozinho. Subiu as escadas até a rua. O assunto dos assassinos e das conspirações teria de esperar mais algumas horas.

O nevoeiro ainda cobria Krondor. O bairro dos armazéns perto das docas era normalmente tranquilo nas primeiras horas do dia, porém, naquela noite, a cena parecia de outro mundo. Jimmy contornou grandes fardos de mercadorias de baixo valor que não justificavam a despesa de armazenamento dentro de um edifício, encontrando-se, por isso, a salvo da ameaça de furto. Algodão a granel, feno para animais esperando ser embarcado e madeira empilhada criavam um labirinto de complexidade exasperante através do qual Jimmy se deslocava em silêncio. Divisara vários guardas-noturnos das docas, embora a umidade da noite e um suborno generoso os mantivessem junto à guarita, onde a luz ardia em um braseiro, atenuando a escuridão. Só um motim os levaria a se afastarem daquela fonte de calor. Os Zombadores já estariam longe dali quando aqueles guardiões indiferentes começassem a se mexer.

Chegando ao local indicado, Jimmy olhou em volta e, não vendo ninguém, preparou-se para esperar. Chegara cedo, como de hábito, pois gostava de organizar as ideias antes do início da ação. Além disso, pressentiu algo nas ordens de Jack Risonho que o deixou desconfiado. Um trabalho daquela importância raramente podia ser assunto de última hora e ainda mais raro era o Justo permitir algo que pudesse irritar o Príncipe — e o furto de presentes de um casamento real provocaria a ira de Arutha. No entanto, Jimmy não se encontrava em um lugar elevado na hierarquia da guilda para

poder perceber até que ponto isso corresponderia à verdade. Teria, simplesmente, de ficar atento.

Um pequeno indício da aproximação de alguém fez Jimmy ficar nervoso. Quem quer que estivesse se aproximando se deslocava com cautela, como seria de se esperar, embora também tivesse ouvido um som estranho acompanhando as leves passadas. Era o estalo tênue de metal na madeira e, logo que se fez luz, Jimmy deu um salto para fugir dali. Com um ruído surdo e uma explosão de lascas de madeira, uma seta de besta rasgou a lateral da caixa onde um segundo antes Jimmy se encontrava.

Em seguida, duas figuras, silhuetas escuras na noite cinzenta, surgiram da escuridão, correndo para ele.

De espada na mão, Jack Risonho precipitou-se para Jimmy sem uma palavra, enquanto seu companheiro preparava a besta para voltar a atirar. Jimmy sacou suas armas e deteve um golpe de Jack, vindo de cima, desviando o gume com o punhal e atacando com o florete. Jack saltou para o lado e as duas figuras se colocaram em posição de combate.

— Agora vamos ver a sua destreza com essa faca de matar sapos, seu bastardinho ranhoso — rosnou Jack. — Vê-lo se esvair em sangue talvez me dê vontade de rir.

Jimmy não respondeu, recusando-se a se envolver em conversas que poderiam distraí-lo. A única resposta foi o ataque que projetou de cima e fez Jack recuar. Não tinha ilusões de ser melhor espadachim do que Jack; simplesmente queria manter-se vivo até surgir uma oportunidade para fugir.

Andaram para trás e para a frente, trocando golpes e defesas, enquanto cada um procurava uma abertura para terminar a disputa. Jimmy tentou um contra-ataque, calculando mal sua posição e sentindo um ardor repentino na lateral de seu abdômen. Jack conseguira golpeá-lo com o gume da espada, provocando-lhe uma ferida dolorosa e potencialmente debilitante, ainda que, pelo menos momentaneamente, não fosse fatal. Jimmy procurou mais espaço para se movimentar, sentindo-se agoniado devido à dor, enquanto Jack pressionava, fazendo uso da vantagem conquistada. Jimmy esquivou-se de um furioso golpe por cima do ombro, enquanto Jack usava a vantagem de sua lâmina mais pesada para aniquilar a defesa de Jimmy.

Um grito súbito dando ordem a Jack para se desviar advertiu Jimmy de que o outro homem já recarregara a besta, levando o rapaz a se afastar de Jack dando a volta e tentando se manter em movimento para colocar o

adversário entre ele e seu cúmplice. Jack investiu contra Jimmy, fazendo-o recuar depressa, e, logo em seguida, desferiu um golpe de cima para baixo com tal força que fez Jimmy cair de joelhos.

Bruscamente, Jack saltou para trás, como se uma mão gigante o tivesse agarrado pelo pescoço e puxado. Bateu em uma caixa enorme e, por um instante, seus olhos demonstraram uma incredulidade chocada, antes de se revirarem ao mesmo tempo que os dedos sem força largavam o punho da espada. Jimmy viu que, onde antes ficava o peito de Jack, só restava uma massa pastosa e ensanguentada devido à passagem de outra flecha de besta. Não fosse a raiva repentina do ataque de Jack, Jimmy teria sido atingido nas costas. Sem um único som, Jack caiu repentinamente e Jimmy percebeu que o homem ficara pregado à caixa de madeira. Levantou-se, girando sobre si próprio para enfrentar o homem sem nome, que atirou a besta para o chão enquanto praguejava, desembainhou a espada e lançou-se contra Jimmy. Ele tentou acertar a cabeça do rapaz, que se esquivou, mas acabou atingindo-o no calcanhar. Caiu pesadamente para trás, ficando sentado, enquanto o balanço do homem o fez se desequilibrar um pouco. Jimmy lançou o punhal no homem, que recebeu a ponta da adaga comprida na lateral do corpo. Ele olhou para a ferida, que era mais um machucado do que uma lesão grave. Porém aquela breve distração era tudo de que Jimmy precisava. Uma expressão de surpresa e incompreensão atravessou o rosto do homem sem nome quando Jimmy se apoiou no joelho e o trespassou.

Jimmy retirou a espada com um puxão quando o homem tombou. Retirou o punhal da lateral de seu corpo, limpando as lâminas e voltando a embainhar as armas. Examinando-se com calma, percebeu que estava sangrando, mas que iria sobreviver.

Lutando contra a náusea, foi até onde Jack estava pendurado na caixa. Olhando para o Sentinela da Noite, Jimmy tentou organizar seus pensamentos. Nunca simpatizaram um com o outro, mas qual havia sido o intuito daquela elaborada armadilha? Pensou se poderia, de alguma forma, estar relacionado com o assunto do assassino e do Príncipe. Era algo em que teria de meditar depois de falar com Arutha, pois, caso existisse uma relação direta, era sinal de mau augúrio para os Zombadores. A possibilidade de traição por parte de alguém com uma posição tão elevada quanto Jack Risonho faria tremer a guilda até as bases.

Sem perder o foco, Jimmy livrou Jack e o companheiro de suas

respectivas bolsas, encontrando-as satisfatoriamente cheias. Quando terminou de pilhar o companheiro de Jack, reparou que o homem tinha algo ao redor do pescoço.

Estendendo a mão para o objeto, Jimmy tirou uma corrente de ouro da qual pendia um falcão de ébano. Contemplou o pingente por algum tempo e acabou por guardá-lo na túnica. Olhando ao redor, avistou um lugar que lhe pareceu adequado para esconder os corpos. Arrancou Jack da seta de besta e o arrastou até um recanto formado por caixas; fez o mesmo com o outro homem. Então tombou vários sacos pesados por cima dos corpos. Virou duas caixas danificadas, deixando visível o lado intacto. Era capaz de se passarem dias até que descobrissem os corpos.

Ignorando o cansaço e a lateral do corpo que doía, Jimmy olhou em volta para se certificar de que continuava sozinho e desapareceu na escuridão da neblina.

3

Conspirações

Arutha atacou furiosamente.

Laurie encorajou Gardan a se esforçar mais à medida que o Príncipe forçava seu companheiro de combate a recuar. De bom grado, o cantor cedera a honra do primeiro combate a Gardan, pois fora parceiro de Arutha em todas as manhãs durante a viagem de Salador até Krondor. Ainda que a prática tivesse avivado a perícia com a espada que ficara entorpecida no palácio do Rei, estava farto de perder sempre para o Príncipe, ágil como um raio. Pelo menos, naquela manhã teria alguém com quem partilhar a derrota. Contudo, o veterano ainda tinha um ou dois truques e, de repente, era ele que fazia Arutha recuar. Laurie assobiou quando se deu conta de que o Capitão criava no Príncipe um sentimento falso de controle. No entanto, após uma troca furiosa de golpes, o Príncipe voltou a atacar e Gardan gritou:

— Alto! — Um Gardan risonho recuou. — Em toda a minha vida, só três homens conseguiram me superar na espada, Vossa Alteza: Fannon, o Mestre de Armas, o seu pai e agora o senhor.

— Um trio respeitável — comentou Laurie.

Arutha estava prestes a convidar Laurie para um combate quando viu algo pelo canto do olho.

Havia uma árvore enorme na lateral do pátio de treino do palácio, que pendia por cima de um muro que separava os terrenos do palácio de uma ruela e da cidade mais além. Reparou algo se movendo entre os galhos da árvore. Arutha apontou. Um dos guardas do palácio já se dirigia para a

árvore, pois o olhar atento do Príncipe lhe chamara a atenção.

De repente, alguém saltou dos ramos, caindo em pé com leveza. Arutha, Laurie e Gardan logo levantaram as espadas em riste. O guarda agarrou o jovem — perceberam que era um garoto — e levou-o pelo braço até junto do Príncipe.

Quando se aproximaram, um lampejo de reconhecimento atravessou o rosto de Arutha.

— Jimmy?

Jimmy executou uma reverência, crispando-se ligeiramente com a dor do ferimento na lateral, no qual ele próprio aplicara curativos desajeitados naquela manhã.

— Vossa Alteza conhece este rapaz? — disse Gardan.

Com um aceno de cabeça, Arutha respondeu:

— Sim, conheço. Pode estar um pouco mais velho e maior, mas conheço este jovem malandro. Trata-se de Jimmy, a Mão, uma lenda entre os salteadores e batedores de carteiras da cidade. Foi este menino ladrão que nos ajudou a fugir da cidade.

Laurie observou o rapaz e acabou por dar uma gargalhada.

— Nunca o havia visto direito, pois a estalagem estava às escuras quando os Zombadores levaram a mim e ao Kasumi para fora de Krondor, mas, por meus olhos, é o mesmo rapaz. “Há uma festa na casa de minha mãe.”

Jimmy sorriu.

— “E todos se divertirão bastante.”

— Quer dizer que vocês também se conhecem? — perguntou Arutha.

— Disse-lhe uma vez que, quando eu e Kasumi trouxemos a carta de paz do Imperador tsurani para o Rei Rodric, encontramos um rapaz que nos guiou da estalagem até o portão da cidade e que afastou os guardas enquanto nós escapávamos de Krondor. Foi este o rapaz e nunca mais consegui me lembrar de como se chamava.

Arutha embainhou a espada e os demais o imitaram.

— Pois bem, Jimmy, ainda que esteja feliz por voltar a vê-lo, temos de falar sobre a questão de você pular muros para entrar em meu palácio.

Jimmy encolheu os ombros.

— Julguei que seria possível Vossa Alteza estar disposta a receber um velho conhecido, mas duvido que conseguisse convencer os guardas do Capitão a lhe dar o recado.

Gardan sorriu diante da resposta impertinente e fez sinal ao guarda para largar o braço do rapaz.

— Talvez tenha razão, maltrapilho.

De súbito, Jimmy percebeu que devia parecer péssimo à vista daqueles homens habituados aos residentes bem-vestidos e bem tratados do palácio. Do cabelo mal cortado até os pés descalços e sujos, parecia um autêntico pedinte. Foi então que Jimmy percebeu o humor no olhar de Gardan.

— Não deixe a aparência enganá-lo, Gardan. Ele é capaz de muito mais do que se julgaria possível na sua idade. — A Jimmy, Arutha disse: — De certa forma, você traz descrédito aos guardas de Gardan ao entrar deste modo. Suponho que tenha um motivo para me procurar, não?

— Tenho, Vossa Alteza. Assuntos de grande importância e urgência.

Arutha assentiu.

— Pois bem, que assuntos tão importantes e urgentes são esses?

— Alguém colocou a sua cabeça a prêmio.

O rosto de Gardan evidenciou choque.

— O quê… como? — Laurie perguntou.

— O que o leva a pensar isso? — perguntou Arutha.

— Porque alguém já tentou arrecadar esse prêmio.

Além de Arutha, Laurie e Gardan, duas outras pessoas escutavam a história do rapaz na sala do conselho do Príncipe: o Conde Volney de Landreth, que já fora assistente do Chanceler do Principado, Lorde Dulanic, o Duque de Krondor, que desaparecera durante o período em que Guy du Bas-Tyra fora vice-rei; e, sentado ao lado de Volney, o Padre Nathan, um sacerdote de Sung, a Branca, Deusa da Senda Única, outrora um dos conselheiros principais do Príncipe Erland e presente a pedido de Gardan. Arutha não conhecia aqueles dois homens, contudo, durante os meses em que estivera ausente, Gardan ganhara confiança na opinião dos dois e Arutha tinha essa opinião em alta conta. Gardan assumira praticamente a função de Marechal da Corte de Krondor, tal como Volney assumira o posto de Chanceler, durante a ausência de Arutha.

Ambos eram encorpados, no entanto, enquanto Volney parecia nunca ter feito trabalho braçal, sendo simplesmente um homem robusto, Nathan parecia um lutador que se deixara engordar. Debaixo daquela aparência dócil, a força ainda aguardava. Nenhum falou até Jimmy ter terminado o relato das duas

lutas da noite anterior.

Volney examinou o menino ladrão por um momento, olhando para ele sob suas sobrancelhas espessas e cuidadosamente penteadas.

— Absolutamente assombroso. Nem quero acreditar que exista tal conspiração.

Arutha permanecera sentado com as mãos em forma de triângulo em frente ao rosto, enquanto dobrava impacientemente os dedos.

— Não seria o primeiro príncipe visado pelo gume de um assassino, Conde Volney. — disse e, então, dirigiu-se a Gardan: — Reforce de imediato as sentinelas, mas de modo discreto e sem explicações. Não quero que circulem rumores pelo palácio. Dentro de duas semanas teremos entre estas paredes todos os grandes nobres do Reino, bem como o meu irmão.

— Talvez fosse aconselhável advertir Sua Majestade, não? — perguntou o Conde.

— Não — respondeu Arutha terminantemente. — Lyam fará a viagem acompanhado por uma companhia inteira da Guarda da Casa Real. Ordene que um destacamento dos Lanceiros de Krondor vá ao seu encontro na Cruz de Malac, mas diga apenas que é uma guarda de honra formal. Se uma centena de soldados não conseguir protegê-lo durante a viagem, ninguém conseguirá. Não, o nosso problema está centrado aqui em Krondor. Não temos alternativa em nossas ações.

— Não sei se entendo, Vossa Alteza — disse o Padre Nathan.

Laurie revirou os olhos para o céu, enquanto Jimmy sorria ironicamente. Arutha mostrou um sorriso sinistro.

— Creio que nossos dois calejados companheiros compreendem perfeitamente as ações a tomar. — Virando-se para Jimmy e Laurie, Arutha disse: — Temos de capturar um Falcão Noturno.

Arutha estava sentado em silêncio, enquanto Volney andava de um lado para outro no salão de banquetes. Laurie, que vivenciara anos de fome suficientes e aprendera a ingerir alimento sempre que este se encontrava disponível, comia enquanto o corpulento Conde de Landreth percorria o salão. Depois de ver Volney dar outra volta em frente à mesa, Arutha disse, em tom abatido:

— Meu senhor Conde, não pode parar de andar dessa forma?

O Conde, envolvido em seus pensamentos, parou repentinamente. Fez

uma ligeira reverência a Arutha, embora mostrasse uma expressão irritada.

— Alteza, lamento tê-lo incomodado… — o tom mostrava que não lamentava de fato, levando Laurie a sorrir por trás de um pedaço de carne — …mas confiar naquele meliante é uma completa idiotice.

Arutha arregalou os olhos e voltou-os para Laurie, que devolveu o ar pasmo, antes de dizer:

— Caro Conde, não deveria ser tão circunspecto. Vamos, diga ao Príncipe o que está pensando. Vá direto ao assunto, homem!

Volney enrubesceu ao perceber o deslize que cometera.

— Peço perdão, eu… — Parecia verdadeiramente envergonhado.

Arutha mostrou um sorriso enviesado.

— Perdão concedido, Volney, ainda que somente pela grosseria. — Em silêncio, observou Volney com atenção por um momento, acrescentando então: — Acredito que a sinceridade é uma lufada de ar fresco. Diga.

— Vossa Alteza — disse Volney com firmeza —, tanto quanto sabemos, esse rapaz pode fazer parte de um jogo de astúcia concebido para capturá-lo ou para destruí-lo, como afirma ser intenção de terceiros.

— Que ações julga que eu deveria tomar?

Volney fez uma pausa e balançou a cabeça devagar.

— Não sei, Vossa Alteza, mas mandar o rapaz obter informações sozinho é… não sei.

— Laurie — respondeu Arutha —, diga ao meu amigo e conselheiro Conde que está tudo bem.

Engolindo um gole de bom vinho, Laurie disse:

— Está tudo bem, Conde. — Quando Arutha olhou para o menestrel de modo ameaçador, Laurie acrescentou: — Na verdade, senhor, tudo o que é possível está sendo feito. Conheço os meandros da cidade tão bem quanto é possível para um homem que não pertence ao grupo do Justo. Jimmy é um Zombador. É capaz de descobrir uma pista que nos leve a um Falcão Noturno, enquanto uma dezena de espiões nada encontraria.

— Lembre-se — disse Arutha — que conheci o chefe da polícia secreta de Guy, Jocko Radburn, que era um homem perspicaz, implacável e obstinado na tentativa de recapturar Anita. Os Zombadores o enfrentaram.

Volney pareceu hesitar um pouco, solicitando a permissão do Príncipe para sentar-se. Arutha indicou uma cadeira e, ao sentar-se, o Conde disse:

— Talvez tenha razão, cantor. Só que não tenho forma de compreender

essa ameaça. A ideia de assassinos à solta me deixa inquieto.

Arutha inclinou-se sobre a mesa.

— Mais do que a mim? Lembre-se, Volney, que parece que era eu o alvo pretendido.

Laurie assentiu.

— Com certeza não era de mim que andavam à procura.

— Seria, porventura, um amante da música? — contrapôs Arutha, sarcástico

Volney suspirou.

— Lamento se não me comporto à altura desta questão. Foram várias as ocasiões em que desejei que minha administração do Principado chegasse ao fim.

— Que bobagem, Volney — disse Arutha. — Você tem realizado um trabalho importantíssimo aqui. Quando Lyam insistiu para que eu o acompanhasse na viagem pelo Oriente, fui contra com base no fato de que o Reino Ocidental seria prejudicado sob qualquer comando que não fosse o meu, o que se devia aos efeitos do jugo de Bas-Tyra e não representava qualquer comentário quanto às suas capacidades. Porém fico feliz ao verificar que não foi esse o caso. Duvido que outro conseguisse ter feito melhor do que você na gestão dos assuntos diários do Reino, Conde.

— Agradeço a Vossa Alteza — disse Volney, um pouco mais calmo devido ao elogio.

— Na verdade, ia solicitar a você que permanecesse. Uma vez que Dulanic desapareceu misteriosamente, não temos um Duque de Krondor que represente a cidade. Só daqui a dois anos Lyam poderá anunciar que o posto está vago, caso contrário, seria uma desonra à memória de Dulanic destituí-lo do cargo, mas podemos todos partir do princípio de que ele morreu pelas mãos de Guy ou de Radburn. Por isso, julgo que, por enquanto, teremos de contar com você para desempenhar as funções de Chanceler.

Volney não parecia nada satisfeito com essas notícias, mas aceitou a proclamação de boa vontade, limitando-se a dizer:

— Agradeço a confiança de Vossa Alteza.

A conversa foi interrompida pelo surgimento de Gardan, Padre Nathan e Jimmy. O pescoço de touro de Nathan parecia inchado ao carregar Jimmy até uma cadeira. O rapaz estava pálido e transpirava. Ignorando a etiqueta, Arutha apontou para uma cadeira, onde o sacerdote o colocou.

— O que aconteceu? — perguntou Arutha.

Gardan parecia sorrir e, ao mesmo tempo, tinha um ar de reprovação.

— Este jovem atrevido tem andado de um lado para outro com um belo corte na lateral do corpo. Ele próprio tratou do curativo e fez uma bela trapalhada.

— Já estava inflamando — acrescentou Nathan —, por isso fui forçado a limpá-lo e voltar a colocar ataduras. Insisti em tratar do ferimento antes de virmos falar com o senhor, pois o rapaz já estava febril. Não é preciso recorrer à magia para evitar que uma ferida comece a gangrenar, mas todos os rapazes da rua se julgam cirurgiões. Por isso, as feridas ficam inflamadas. — Olhou para Jimmy. — Está um pouco pálido por ter sido perfurado, mas daqui a umas horas já estará bem, desde que não volte a abrir a ferida — acrescentou, dirigindo-se de modo categórico a Jimmy.

Jimmy pareceu envergonhado.

— Lamento ter dado trabalho, Padre, mas em outras circunstâncias teria ido tratar da ferida.

Arutha olhou para o menino ladrão.

— O que descobriu?

— Esta tarefa de apanhar assassinos pode se revelar mais complicada do que pensamos, Alteza. Há uma forma de estabelecer contato, mas está sempre mudando e é vaga. — Arutha fez um aceno com a cabeça para que prosseguisse. — Foram informações quase arrancadas a ferro das pessoas da rua, mas é isto que consegui recolher: quem quiser recorrer aos serviços da Guilda da Morte tem de se deslocar ao Templo de Lims-Kragma. — Nathan fez um gesto de proteção ao ouvir a referência à Deusa da Morte. — Tem de se proferir uma oração e se colocar uma oferenda na urna assinalada. O ouro deve ser envolvido em um pergaminho onde estará escrito o nome do interessado. O contato será feito quando lhes convier, no prazo de um dia. Indica-se a vítima; eles indicam o preço. Paga-se ou não se paga. Caso se pague, eles dirão onde e quando se deve deixar o ouro. Caso não se pague, desaparecem e não será mais possível contatá-los.

— Simples — disse Laurie. — Eles estipulam o dia e o local, de modo que será difícil armar uma cilada.

— Impossível, eu diria — interveio Gardan.

— Nada é impossível — afirmou Arutha, revelando uma expressão que mostrava que estava perdido em pensamentos.

— Já sei! — exclamou Laurie depois de um tempo.

Arutha e os demais olharam para o cantor.

— Jimmy, você disse que contatam quem quer que deixe o ouro no prazo de um dia. — Jimmy confirmou. — Então só precisamos garantir que quem quer que deixe o ouro fique em um local. Em um local que consigamos controlar.

— Uma ideia bastante simples — disse Arutha — quando pensamos nela, Laurie. Mas onde?

— Existem alguns lugares que podemos ocupar por algum tempo, Vossa Alteza — respondeu Jimmy —, mas os proprietários não são de confiança.

— Eu sei de um lugar — disse Laurie —, caso o amigo Jimmy, a Mão, esteja disposto a algumas orações, o que diminuirá a probabilidade de os Falcões Noturnos julgarem se tratar de uma cilada.

— Não sei — disse Jimmy. — As coisas andam esquisitas em Krondor. Se desconfiarem de mim, poderemos não ter outra oportunidade. — Recordou-os do ataque de Jack e do companheiro desconhecido armado com a besta. — Pode ter sido por rancor; já conheci homens que enlouquecem por causa de coisas ainda mais banais do que um apelido, mas se não foi por isso… Se, de alguma forma, Jack estava envolvido com o assassino…

— Então — continuou Laurie — isso significa que os Falcões Noturnos conseguiram converter um membro importante dos Zombadores à causa deles.

Jimmy pareceu transtornado e deixou cair sua máscara de bravura.

— Isso tem me incomodado tanto quanto a ideia de alguém cravar uma flecha de besta em Sua Alteza. Tenho descuidado de meu juramento aos Zombadores. Ontem à noite, devia ter dito a todos, e tenho mesmo que fazer isso agora. — Pareceu preparado para se levantar.

Volney pousou uma mão firme no ombro de Jimmy.

— Que rapaz mais presunçoso! Está afirmando que uma liga de meliantes qualquer merece mais consideração do que o perigo que o Príncipe e, possivelmente, seu Rei correm?

Jimmy parecia prestes a retrucar quando Arutha interveio:

— Creio que é isso mesmo que o rapaz disse, Volney. Ele prestou juramento.

Laurie apressou-se a chegar junto do rapaz. Empurrando Volney para o lado, inclinou-se de modo a ficar com o rosto no mesmo nível do de Jimmy.

—Você tem suas preocupações, sabemos disso, rapaz, mas parece que tudo está acontecendo rápido demais. Se alguém se infiltrou nos Zombadores, o fato de falar cedo demais poderá levar essa ou essas pessoas a cobrir as pistas. Se conseguirmos chegar a um desses Falcões Noturnos… — Deixou o pensamento em suspenso.

Jimmy aquiesceu.

— Se o Justo seguir sua lógica, pode ser que eu consiga sobreviver, cantor. Estou quase além do ponto em que ainda consigo cobrir minhas ações com uma simples história. Logo terei de prestar contas. Muito bem, levarei um bilhete ao templo da Arrastadora de Redes. E não será brincadeira nenhuma quando pedir a ela que guarde lugar para mim caso tenha chegado a minha hora.

— Pois bem — disse Laurie —, e eu tenho de ir ver um velho amigo para pedir-lhe emprestada sua taverna.

— Muito bem — disse Arutha. — Amanhã montamos a armadilha.

Sob o olhar de Volney, Nathan e Gardan, Laurie e Jimmy saíram, embrenhados em conversas enquanto faziam planos. Arutha seguiu logo atrás; seus olhos escuros ocultavam a raiva que ardia silenciosa dentro dele. Após tantos anos de conflitos durante a Guerra do Portal, regressara a Krondor na esperança de uma vida longa e tranquila ao lado de Anita. No entanto, havia alguém que ousava ameaçar aquela vida tranquila. E essa pessoa iria pagar caro.

O Papagaio Arco-Íris estava em silêncio. As janelas que protegiam a taverna das tempestades haviam sido fechadas por causa de um temporal repentino vindo do Mar Amargo, por isso o bar se encontrava coberto por neblina, fumaça azul da lareira e de uma dezena de cachimbos de clientes. Aos olhos de um observador qualquer, o lugar tinha o ambiente típico de uma noite de chuva. Lucas, o proprietário, e seus dois filhos, se encontravam atrás do balcão comprido e, de vez em quando, um deles cruzava a porta da cozinha para ir buscar refeições e levá-las até as mesas. No canto junto à lareira, do lado oposto às escadas que levavam ao primeiro piso, um menestrel louro cantava uma canção serena acerca de um marujo longe de casa.

Uma observação mais minuciosa teria revelado que os homens nas mesas mal tinham tocado nas cervejas. Embora de aspecto rude, não pareciam

trabalhadores das docas nem marujos recém-chegados de viagens marítimas. Todos apresentavam semblantes severos e suas cicatrizes haviam sido conquistadas em batalhas passadas, e não em rixas de tavernas. Eram todos membros da companhia de Gardan, ou seja, parte da Guarda Real, alguns, veteranos experientes dos Exércitos do Ocidente que haviam lutado durante a Guerra do Portal. Na cozinha, trabalhavam cinco novos cozinheiros e aprendizes. No piso de cima, no quarto mais próximo das escadas, Arutha, Gardan e cinco soldados aguardavam pacientemente. No total, Arutha posicionara vinte e quatro homens na estalagem. Os homens de Arutha eram os únicos ali presentes, uma vez que o último habitante local saíra quando o temporal começara.

No canto mais afastado da porta, Jimmy, a Mão, aguardava. Algo o perturbara o dia todo, embora não conseguisse identificar do que se tratava. Porém sabia de uma coisa: se naquela noite fosse ele a entrar naquele lugar, sua cautela, fruto da experiência, o teria advertido a não ficar. Esperava que o agente dos Falcões Noturnos não fosse tão perspicaz. Havia algo ali que não estava certo.

Jimmy recostou-se, mordiscando distraidamente o queijo e pensando sobre o que divergia do normal. Já passara uma hora desde o crepúsculo e ainda não havia qualquer sinal de alguém que pudesse vir da parte dos Falcões Noturnos. Jimmy viera para lá diretamente do templo, certificando-se de que vários pedintes que o conheciam bem o vissem passar. Se alguém em Krondor quisesse encontrá-lo, as informações sobre seu paradeiro poderiam ser adquiridas de forma fácil e barata.

A porta principal se abriu e dois homens entraram, sacudindo a água da chuva das capas. Ambos aparentavam ser guerreiros, talvez mercenários que tinham acabado de ganhar uma bolsa com uma quantidade significativa de prata por protegerem as caravanas de algum mercador. Vestiam-se de modo idêntico: armadura de couro, botas altas, sabre na cintura e escudos pendurados às costas sob as capas que os cobriam.

O indivíduo mais alto, com uma mecha grisalha no cabelo preto, pediu cervejas. O outro, um homem esguio e louro, olhou em volta. Jimmy ficou alarmado ao vê-lo semicerrar os olhos de uma forma peculiar: ele também pressentira algo diferente na estalagem. Falou ao companheiro em voz baixa. O homem de cabelos grisalhos acenou com a cabeça e pegou as cervejas que o empregado lhe servira. Depois de pagarem com cobres, os dois homens

foram até a única mesa disponível, que ficava ao lado da mesa de Jimmy.

O homem grisalho se virou para Jimmy e perguntou:

— Rapaz, esta taverna está sempre assim tão tristonha? — Foi então que Jimmy se deu conta de qual fora o problema de todo aquele dia. Durante a espera, os guardas tinham adotado o hábito dos soldados de falarem em voz baixa. O salão estava despojado do ruído habitual dos locais de convívio.

Jimmy levou o indicador aos lábios e sussurrou:

— É por causa do menestrel.

O homem virou a cabeça e escutou Laurie por um momento. Laurie era um intérprete talentoso e sua voz continuava agradável apesar do longo dia de trabalho. Quando terminou, Jimmy bateu o odre de cerveja com força na mesa.

— Boa! Menestrel, outra, outra! — gritou atirando uma moeda de prata para o estrado onde Laurie estava sentado. Seu gesto efusivo foi seguido por gritos e exclamações similares quando os demais perceberam a necessidade de encenarem também. Foram atiradas várias moedas. Quando Laurie iniciou outra melodia, animada e maliciosa, regressou ao bar o ruído que em pouco diferia do zumbido normal das conversas.

Os dois desconhecidos recostaram-se nas cadeiras e escutaram com atenção, falando esporadicamente entres eles. Descontraíram-se visivelmente quando o ambiente da sala mudou para aquele que esperavam. Jimmy ficou sentado por algum tempo, observando os dois homens na mesa ao lado. Havia algo deslocado naqueles dois, algo que o importunava, tal como acontecera pouco antes com o tom falso do salão.

A porta voltou a se abrir; outro homem entrou. Olhou ao redor enquanto sacudia a água da capa comprida, mas não tirou o volumoso agasalho nem afastou o capuz. Viu Jimmy e aproximou-se da mesa. Sem esperar pelo convite, puxou uma cadeira e sentou-se.

— Você tem nome? — perguntou em tom sussurrado.

Jimmy acenou afirmativamente com a cabeça e inclinou-se para a frente com o intuito de falar. Ao fazê-lo, percebeu quatro fatos: os homens da mesa ao lado, apesar do aspecto informal, tinham espadas e escudos à mão e precisavam somente de um instante para os empunharem; eles não bebiam como mercenários recém-chegados à cidade após uma longa viagem; na verdade, quase não tinham tocado nas bebidas; além disso, o homem do lado oposto de Jimmy tinha uma mão escondida debaixo da capa desde que

entrara; porém ainda mais revelador era o fato de os três homens estarem usando grandes anéis pretos na mão esquerda, com o desenho de um falcão cinzelado, semelhante ao talismã que tirara do companheiro de Jack Risonho. Os pensamentos de Jimmy surgiam a toda a velocidade, pois já vira anéis semelhantes e compreendia para que serviam.

Improvisando, Jimmy tirou um pergaminho da bota. Colocou-o na mesa, o mais à direita do homem que conseguiu, levando-o a se esticar desajeitadamente para alcançá-lo enquanto ainda mantinha a mão direita escondida. Quando a mão do homem tocou no pergaminho, Jimmy tirou seu punhal e investiu, prendendo a mão do sujeito na mesa. O homem não esboçou reação imediata diante daquele súbito ataque, mas logo sua outra mão saiu de baixo da capa, já segurando uma adaga. Ele golpeou Jimmy, que tombou para trás. No mesmo instante, o homem, sentindo a dor, gritou de agonia. Jimmy, ao bater no chão, bradou:

— Falcões Noturnos!

A sala explodiu em frenesi. Os filhos de Lucas, ambos veteranos dos Exércitos do Ocidente, saltaram por cima do balcão, pousando em cima dos espadachins da mesa ao lado de Jimmy quando tentavam se levantar. Jimmy caiu de costas na cadeira tombada e tentou endireitar-se com dificuldade. De onde estava, conseguiu ver os filhos do taverneiro engalfinhados com o homem grisalho. O outro falso mercenário tinha a mão esquerda junto ao rosto e o anel nos lábios.

— Anéis com veneno! — Jimmy bradou. — Eles têm anéis com veneno!

Outros guardas já se atracavam com o homem do capuz, enquanto ele se debatia desesperadamente para retirar o anel da mão presa. Mas logo foi agarrado com força pelos três homens que o rodearam, ficando incapaz de se mexer.

O homem de cabelos grisalhos deu um pontapé num dos oponentes, rolou para longe, pôs-se em pé de um salto e correu na direção da porta, derrubando dois homens surpreendidos por seus movimentos repentinos. Por um instante, o caminho até a porta ficou livre, enquanto imprecações invadiam a sala vindas de soldados que tentavam contornar a confusão de mesas e cadeiras. O Falcão Noturno chegava à porta quando um lutador mais esbelto se interpôs. O assassino deu um salto para a porta. Com uma velocidade quase sobrenatural, Arutha avançou e deu uma pancada na cabeça do homem grisalho com o cabo do florete. O homem, aturdido, cambaleou

por um segundo e caiu inconsciente no chão.

Arutha se manteve de pé, olhando em volta do bar. O assassino louro jazia com olhos inexpressivos contemplando o teto, evidentemente morto. A capa do homem encapuzado estava puxada para trás e ele estava pálido de dor enquanto a adaga que lhe prendia a mão na mesa era retirada. Eram três os soldados que o detinham, embora parecesse bastante enfraquecido para conseguir permanecer em pé. Quando soltaram a adaga da mesa com um puxão, deu um grito e desmaiou.

Jimmy contornou com cuidado o homem morto e chegou até Arutha. Olhou para Gardan, que estava retirando o outro anel preto do homem que caíra ao chão, antes de sorrir para o Príncipe. Erguendo a mão, contou dois com os dedos.

O Príncipe, ainda corado pela luta, sorriu e assentiu. Nenhum de seus homens parecia ferido e tinham capturado dois assassinos.

— Mantenha-os sob vigilância constante e não deixe que ninguém de fora os veja quando os levar para o palácio — disse, dirigindo-se a Gardan. — Não quero que rumores se espalhem. Lucas e outros podem correr perigo quando derem por falta destes três, caso outros membros da Guilda da Morte estejam por perto. Deixe aqui homens suficientes para manter a aparência de uma noite normal de funcionamento até o estabelecimento fechar e pague ao Lucas o dobro pelos estragos, apresentando nossos agradecimentos. — Arutha ainda falava e a companhia de Gardan já ajeitava a taverna, retirando a mesa partida e distribuindo as demais para que não se desse pela falta de homens. — Leve estes dois para os quartos que escolhi, e depressa. Daremos início aos interrogatórios ainda esta noite.

Guardas bloqueavam a porta que levava a uma ala remota do palácio. Os quartos dessa ala eram usados ocasionalmente por hóspedes de menor importância. Tratava-se de uma construção recente, cujo acesso se fazia pelos edifícios principais do palácio através de um único e curto corredor e de uma única porta que dava para a rua. A porta da rua estava trancada por dentro e guarnecida do lado de fora por dois guardas, que tinham ordens para que ninguém, fosse quem fosse, entrasse ou saísse por ali.

Naquela ala, todos os quartos que davam para a rua apresentavam medidas de segurança. No centro do maior quarto, Arutha examinava seus dois prisioneiros. Estavam ambos atados com cordas grossas a fortes camas

de madeira. Arutha não queria correr o risco de que tentassem se suicidar. Padre Nathan supervisionava seus acólitos, que tratavam os ferimentos dos dois assassinos.

De súbito, um dos acólitos afastou-se da cama onde estava o homem grisalho. Olhou para Nathan com uma expressão que revelava confusão.

— Padre, venha ver.

Jimmy e Laurie seguiram o sacerdote e Arutha. Nathan ficou atrás do acólito e todos o ouviram encher os pulmões de ar.

— Que Sung nos revele o caminho!

A couraça do homem grisalho fora cortada, revelando uma túnica negra que trazia por baixo, bordada com uma rede de pescador prateada. Nathan afastou a túnica do outro prisioneiro. Debaixo dessa túnica estava outra, preta como a noite, revelando também uma rede prateada por cima do coração. A mão do prisioneiro fora enfaixada e ele recobrara os sentidos. Encarava em ar de desafio o sacerdote de Sung com um ódio absoluto no olhar.

Nathan chamou o Príncipe de lado.

— Estes homens envergam a marca de Lims-Kragma sob a forma da Arrastadora de Redes, aquela que no final chama todos para ela.

Arutha concordou.

— Faz sentido. Sabemos que os Falcões Noturnos são contatados pelo templo. Mesmo que a hierarquia do templo desconheça esse assunto, alguém lá dentro deve estar ligado aos Falcões. Venha, Nathan, temos de questionar este outro. — Regressaram à cama onde estava deitado o homem agora consciente. Olhando para ele de cima, Arutha questionou: — Quem ofereceu uma recompensa pela minha morte?

Nathan foi chamado a dar assistência ao homem inconsciente.

— Quem é você? — perguntou o Príncipe ao outro homem. — Responda agora ou a dor que tem suportado será somente uma amostra daquilo que o espera. — Arutha não apreciava a perspectiva de tortura, contudo, não iria poupar meios para descobrir quem era responsável pelo ataque à sua pessoa. A pergunta e a ameaça receberam silêncio como resposta.

Pouco depois, Nathan regressou para junto de Arutha.

— O outro morreu — disse em voz baixa. — Temos de avançar cautelosamente com este. O golpe na cabeça que Vossa Alteza desferiu não foi a causa de sua morte. Devem ter formas de ordenar ao corpo que não combata a morte; antes, que a receba de bom grado. Diz-se que até um

homem destemido pode levar seu corpo à morte, se lhe derem tempo para isso.

Arutha reparou nas gotas de transpiração que se formavam na testa do homem ferido enquanto Nathan o examinava. Com a preocupação evidente no rosto, o sacerdote disse:

— Está febril, e a febre está aumentando depressa. Tenho de tratar dele antes que possa contar o que quer que seja. — O sacerdote depressa pegou uma poção, forçando um pouco do líquido pela garganta do homem enquanto soldados lhe abriam a boca. Em seguida, o sacerdote começou a entoar sua magia religiosa. O homem na cama começou a se contorcer descontroladamente, com o rosto se tornando uma máscara deformada de concentração. Os tendões ficaram salientes em seus braços e o pescoço era uma massa de cordões enquanto se debatia contra as cordas que o prendiam. De repente, deixou escapar uma gargalhada gutural e caiu para trás de olhos cerrados.

Nathan examinou o homem.

— Perdeu os sentidos, Vossa Alteza. — O sacerdote acrescentou: — Consegui retardar o aumento da febre, mas não creio ser capaz de detê-la. Alguma magia está em curso. Ele está partindo, e diante de nossos olhos. Demorará até conseguirmos contrariar a magia que foi desencadeada no homem… Se é que disponho desse tempo. — A voz de Nathan denunciava dúvida. — E se minhas capacidades estiverem à altura da tarefa.

Arutha virou-se para Gardan.

— Capitão, leve dez de seus homens de confiança e vá diretamente ao Templo de Lims-Kragma. Informe a Suma Sacerdotisa que exijo sua presença imediatamente. Se for preciso, recorra à força para trazê-la, mas traga-a.

Gardan bateu continência, mas seus olhos revelaram um brilho vacilante. Laurie e Jimmy sabiam que não lhe agradava a ideia de desafiar a sacerdotisa dentro de sua própria casa. Ainda assim, o dedicado Capitão virou-se e obedeceu ao seu Príncipe sem um único comentário.

Arutha virou-se para o homem ferido, que jazia em um tormento febril.

— Vossa Alteza — disse Nathan —, a febre não para de aumentar, ainda que devagar.

— Quanto tempo ele tem?

— Se não conseguirmos fazer nada ao longo da noite, não muito tempo.

Frustrado, Arutha bateu na palma da mão esquerda com o punho direito. Faltavam menos de seis horas para o amanhecer. Menos de seis horas para descobrir a causa do ataque dirigido contra ele. Caso aquele homem morresse, regressariam ao ponto de partida ou pior, pois seu inimigo desconhecido certamente não voltaria a cair em uma cilada.

— Não há mais nada que você possa fazer? — perguntou Laurie em voz baixa.

Nathan ponderou.

— Talvez… — Afastou-se do homem enfermo e fez sinal para que os acólitos se afastassem da cama. Com um gesto, indicou a um deles que lhe trouxesse um livro enorme de feitiços sacerdotais.

Nathan instruiu os acólitos, que depressa obedeceram às suas ordens, pois conheciam o ritual e a função que iriam desempenhar. A giz, foi desenhado um pentagrama no chão e, dentro das linhas, muitos símbolos rúnicos; a cama ficou no centro. Quando terminaram, todos os que se encontravam no quarto estavam cercados pelas marcas a giz no chão. Em cada ponta do desenho foi colocada uma vela acesa; a sexta foi dada a Nathan, que estudava o livro. Nathan começou a deslocar a vela, formando um padrão intricado enquanto lia em voz alta em um idioma desconhecido para os presentes que não faziam parte do clero. Os acólitos afastaram-se para o lado, respondendo em uníssono em vários momentos do encantamento. Os demais sentiram um silêncio inusitado no ar e, quando as sílabas finais foram proferidas, o moribundo gemeu, emitindo um som débil e lastimoso.

Nathan fechou o livro.

— Nenhuma entidade com poder inferior ao de um intermediário dos próprios deuses poderá passar pelos limites do pentagrama sem minha autorização. Nenhum espírito, demônio ou ser enviado por algum intermediário das trevas poderá nos incomodar.

Nathan ordenou a todos os presentes que se posicionassem fora do pentagrama, voltou a abrir o livro e começou a entoar outro cântico. As palavras saíam rapidamente da boca do corpulento sacerdote. Terminou o feitiço e apontou para o homem na cama. Arutha olhou para o enfermo e não viu nada de errado, mas, ao se virar para falar com Laurie, reparou em uma alteração. Pelo canto do olho, conseguiu discernir uma auréola de luz débil que o envolvia e invadia o pentagrama, mas que não era visível quando se olhava diretamente. Tratava-se de uma luz com cor de quartzo esbranquiçado.

— O que é aquilo? — perguntou.

Nathan respondeu:

— Abrandei a passagem do tempo para aquele homem, Vossa Alteza. Para ele, uma hora não é mais do que um instante. O efeito durará até o amanhecer, mas, para ele, não terá passado mais do que um quarto de hora. Assim, ganhamos tempo. Com sorte, sobreviverá até o meio-dia.

— Podemos falar com ele?

— Não, pois soaríamos como o zumbido de abelhas; porém, se precisarmos, posso anular o feitiço.

Arutha observou o homem febril, que se contorcia devagar. Sua mão parecia parada a um centímetro acima da cama, suspensa no espaço.

— Assim sendo — disse Arutha, impaciente —, temos de esperar que a Suma Sacerdotisa de Lims-Kragma nos dê o prazer de sua visita.

A espera não foi demorada nem havia grande prazer patente nos modos da Suma Sacerdotisa. Lá fora, ouviu-se um alvoroço e Arutha correu para a porta. Encontrou Gardan à espera com uma mulher de vestes negras. Seu rosto estava escondido atrás de um leve véu preto, mas ela inclinou a cabeça na direção do Príncipe.

Surgiu abruptamente um dedo apontado a Arutha e ouviu-se uma voz grave, feminina e extremamente agradável:

— Por que ordenou que eu aqui viesse, Príncipe de Krondor?

Arutha ignorou a pergunta, mas fez um gesto abrangendo a cena à sua frente. Atrás de Gardan, encontravam-se quatro Guardas Reais, de lanças encostadas ao peito, barrando o caminho de um grupo de guardas do templo de olhar determinado, que vestiam os tabardos pretos e prateados de Lims-Kragma.

— O que está acontecendo, Capitão?

— A senhora pretende que seus guardas a acompanhem e eu não permiti — Gardan explicou.

Num tom de fúria glacial, a sacerdotisa afirmou:

— Vim, como solicitado, embora nunca o clero tenha reconhecido qualquer autoridade secular. Porém não virei como prisioneira, nem mesmo por você, Príncipe de Krondor.

— Dois dos seus guardas podem entrar, mas terão de ficar afastados do prisioneiro — Arutha respondeu. — A senhora irá cooperar e entrar, imediatamente. — O tom de Arutha não deixou dúvidas quanto ao seu estado

de espírito. A Suma Sacerdotisa podia ser líder de uma poderosa seita, mas, perante ela, encontrava-se o soberano absoluto do Reino, na ausência do Rei, um homem que não toleraria interferências em um assunto de vital importância como aquele. A Sacerdotisa fez um aceno com a cabeça aos dois guardas que se encontravam à frente, entrando em seguida. A porta se fechou atrás deles e Gardan levou os dois guardas para um lado. Lá fora, os guardas do palácio vigiavam atentamente os demais guardas do templo e os sabres de curva acentuada que traziam na cintura.

O Padre Nathan cumprimentou a Suma Sacerdotisa com uma reverência formal e rígida, pois as duas ordens não morriam de amores uma pela outra. A Suma Sacerdotisa optou por ignorar a presença do sacerdote.

O primeiro comentário que fez ao reparar no pentagrama desenhado no chão foi:

— Receiam a intervenção do Além? — O tom mostrou-se repentinamente analítico e uniforme.

Foi Nathan quem respondeu:

— Senhora, não temos grandes certezas, mas de fato, pretendemos evitar complicações seja de que origem for: físicas ou espirituais.

Ela não demonstrou tê-lo ouvido, mas se aproximou o máximo que pôde dos dois homens, o falecido e o ferido. Vendo as túnicas negras, vacilou ao dar um passo e virou-se para Arutha. Através do véu, o Príncipe quase sentia o olhar malévolo posto sobre ele.

— Estes homens pertencem à minha ordem. Como acabaram deitados aqui?

O rosto de Arutha era uma máscara de raiva controlada.

— Senhora, foi para responder a essa pergunta que exigi sua presença. Conhece esses dois?

Ela examinou seus rostos.

— Este, não conheço — disse, indicando o homem grisalho morto. — O outro é sacerdote no meu templo, chama-se Morgan, recém-chegado de nosso templo de Yabon. — Manteve-se calada enquanto ponderava. — Porta a marca de um irmão da Ordem da Rede Prateada. — Virou a cabeça, olhando uma vez mais para Arutha. — É o braço armado da nossa fé, supervisionado pelo Grão-Mestre de Rillanon, que responde somente a nossa Matriarca no que respeita às práticas de sua ordem. — Voltou a fazer uma pausa. — Mesmo assim, nem sempre. — Antes que alguém tivesse oportunidade de

comentar, prosseguiu: — O que não entendo é como um dos sacerdotes de meu templo porta a marca deles. Ele é membro da ordem e está se fazendo passar por sacerdote? Será um sacerdote que está assumindo o papel de guerreiro? Ou será que não é sacerdote nem irmão da ordem, mas sim um impostor tanto em um caso quanto no outro? Qualquer uma dessas três possibilidades é proibida, sob pena da ira de Lims-Kragma. Por que ele está aqui?

Arutha respondeu:

— Senhora, se diz a verdade — ela pareceu ficar tensa diante da sugestão de uma possível falsidade —, o que está acontecendo diz respeito ao seu templo, da mesma forma que diz respeito a mim. Jimmy, diga o que sabe sobre os Falcões Noturnos.

Jimmy, notoriamente incomodado sob a avaliação da Suma Sacerdotisa da Deusa da Morte, falou depressa, abdicando de seus habituais floreados. Quando terminou, a Suma Sacerdotisa disse:

— Vossa Alteza, o que conta é uma infâmia sobre nossa deusa. — Sua voz revelava uma raiva gélida. — Outrora, alguns fiéis procuravam sacrifícios, mas essas práticas há muito tempo foram abandonadas. A Morte é uma deusa paciente; a seu tempo, todos irão conhecê-la. Não precisamos de assassinos trajados de preto. Desejo falar com este homem. — Indicou o prisioneiro.

Arutha hesitou e reparou que o Padre Nathan balançava a cabeça discretamente. Então Nathan disse:

— Ele está prestes a falecer, restam-lhe poucas horas se não for obrigado a esforços adicionais. Caso o interrogatório venha a se revelar rigoroso, ele poderá morrer antes de conseguirmos ir ao fundo destas águas escuras.

— Que motivo tem para se preocupar, sacerdote? — perguntou a Suma Sacerdotisa. — Mesmo que morra, continuará a ser meu súdito. Sou a mão efêmera de Lims-Kragma. Em seu reino, descortinarei as verdades que nenhum homem vivo poderá alcançar.

O Padre Nathan fez uma reverência.

— No reino da morte é, de fato, suprema. — E acrescentou a Arutha: — Posso retirar-me com meus irmãos, Vossa Alteza? Minha ordem considera tais práticas ofensivas.

O Príncipe assentiu e a Suma Sacerdotisa disse:

— Antes de ir, retire o encanto de lentidão que invocou. Causará menos

complicações do que se for eu a fazê-lo.

Nathan obedeceu sem delongas e o homem na cama começou a gemer febrilmente. O sacerdote e os acólitos de Sung se apressaram a sair e, depois de partirem, a Suma Sacerdotisa disse:

— Este pentagrama ajudará a evitar que forças externas interfiram em nossos atos. Peço-lhe que permaneça do lado de fora, pois dentro de seus limites cada pessoa cria ondas no tecido da magia. Este é um rito sagrado, pois, seja qual for o resultado, nossa senhora certamente virá reclamar este homem. — Arutha e os demais aguardaram fora do pentagrama e a Sacerdotisa continuou: — Fale somente quando eu lhe der autorização e certifique-se de que as velas não se apaguem ou as forças que se revelariam se perderão… e serão difíceis de invocar novamente. — A Suma Sacerdotisa afastou o véu preto e Arutha quase se mostrou chocado perante seu aspecto. Era pouco mais do que uma moça, e de grande beleza, de olhos azuis e pele do tom róseo da aurora. As sobrancelhas davam indicação de que o cabelo seria louro claro. Levantou as mãos acima da cabeça e começou a orar. Sua voz era delicada, musical, mas as palavras eram estranhas e assustavam quem as ouvia.

O homem na cama se contorcia à medida que ela prosseguia o encantamento. De súbito, abriu os olhos e ficou olhando para o teto. Pareceu começar com convulsões, forçando as cordas que o prendiam. Ao relaxar, virou a cabeça e olhou para a Suma Sacerdotisa. Uma expressão distante cruzou seu rosto, enquanto os olhos pareciam distinguir com clareza para logo ficarem turvos. Pouco depois, um sorriso estranho e sinistro formou-se em seus lábios, ganhando uma expressão de escárnio cruel. Abriu a boca e a voz que de lá saiu era grave e cavernosa:

— Em que posso servi-la, minha senhora?

A Suma Sacerdotisa franziu ligeiramente a testa como se tivesse detectado algo volúvel nos modos do homem, mas manteve a compostura e disse em tom impositivo:

— Você veste o manto da Ordem da Rede Prateada, no entanto, você serve no templo. Explique tal perfídia.

O homem riu, uma gargalhada aguda como um guincho, que foi diminuindo de intensidade.

— Sou aquele que serve.

Ela parou, pois a resposta não foi de seu agrado.

— Responda, então, a quem serve.

Veio outra gargalhada e o corpo do homem se enrijeceu uma vez mais ao forçar as cordas que o prendiam. Em sua testa surgiram gotas de transpiração e os músculos dos braços ficaram salientes ao empurrar as cordas. Acabou por relaxar e voltou a rir.

— Sou aquele que foi apanhado.

— A quem serve?

— Sou aquele que é um peixe. Fui apanhado numa rede. — Uma vez mais, deu uma gargalhada ensandecida e puxou as cordas quase convulsionando. Enquanto puxava, o suor lhe escorria em quantidade. Guinchando, puxou as amarras uma e outra vez. Como parecia que ia partir os próprios ossos diante do esforço, o homem gritou: — Murmandamus! Auxilie seu servo!

De súbito, uma das velas se apagou ao soprar no quarto um vento vindo de um lugar desconhecido. O homem reagiu com uma única convulsão, curvando o corpo em arco, tocando somente com os pés e a cabeça na cama e puxando as cordas com tanta força que a pele se rasgou e começou a sangrar. Repentinamente, sucumbiu na cama. A Suma Sacerdotisa deu um passo para trás, avançando depois para observar o homem. Em voz baixa, disse:

— Morreu. Acendam a vela novamente.

Arutha fez sinal e um guarda acendeu o pavio de outra vela e voltou a acender a que tinha se apagado. A sacerdotisa começou outro encantamento. Enquanto o primeiro causara um desconforto ligeiro, aquele trazia uma sensação de pavor, um frio vindo do canto mais remoto de uma terra de infortúnio, perdida e gélida. Trazia o eco do choro daqueles para os quais já não existia consolo nem esperança. Não obstante, em seu interior existia outra qualidade, poderosa e atraente, uma sensação quase sedutora de que, de certa forma, seria maravilhoso abandonar todos os fardos e repousar. À medida que o feitiço prosseguia, os sentimentos agourentos aumentavam e aqueles que aguardavam lutavam contra a vontade de fugir para longe do som da voz da Suma Sacerdotisa que lançava o encantamento.

Então o feitiço terminou. O quarto parecia um túmulo, tal era o silêncio. A Suma Sacerdotisa falou no idioma do Rei:

— Você, cujo corpo está em nossa presença, mas que está agora sujeito à vontade de nossa senhora, Lims-Kragma, escute o que digo. Tal como nossa Senhora da Morte tudo domina no final, assim eu lhe ordeno em seu nome:

regresse!

A forma na cama agitou-se, mas se manteve silenciosa.

— Regresse! — gritou a Suma Sacerdotisa, e a silhueta voltou a se mexer. Com um movimento repentino, a cabeça do homem morto se levantou e abriu os olhos. Parecia olhar em volta do quarto, mas, ainda que tivesse os olhos abertos, eles permaneciam revirados e só as córneas estavam visíveis. No entanto, permanecia a sensação de que o cadáver ainda conseguia ver, pois parou de mexer a cabeça como se estivesse olhando para a Suma Sacerdotisa. Abriu a boca e dela saiu uma gargalhada distante e gutural.

A Suma Sacerdotisa aproximou-se.

— Silêncio!

O morto calou-se, mas o rosto mostrou um esgar, uma expressão que se revelava aos poucos, terrível e malévola. As feições começaram a se contorcer, mexendo-se como se o rosto do homem estivesse sujeito a uma inusitada paralisia. A carne do rosto estremeceu, afundando em seguida, como se transformada em cera aquecida. A cor da pele se alterou sutilmente, empalidecendo até ficar quase branca. A testa subiu e o queixo pareceu ganhar contornos mais delicados, o nariz se arqueou um pouco mais e as orelhas ficaram pontiagudas. O cabelo escureceu até ficar preto. Não tardou para que o homem que haviam interrogado desaparecesse, dando lugar a uma forma que já nada tinha de humana.

Em voz baixa, Laurie exclamou:

— Pelos deuses! Um Irmão da Senda das Trevas!

Jimmy mudou o peso do corpo de uma perna para outra, mostrando desconforto.

— Seu Irmão Morgan vem de muito mais ao norte do que a cidade de Yabon, senhora — murmurou. Seu tom de voz não indicava qualquer humor, somente medo.

Uma vez mais, o vento frio vindo de lugar ignorado soprou e a Suma Sacerdotisa virou-se para Arutha. Tinha os olhos arregalados de medo e parecia falar, mas ninguém conseguia ouvir o que dizia.

A criatura na cama, um dos odiados primos sinistros dos elfos, guinchava com uma satisfação desvairada. Em uma súbita e chocante exibição de força, o moredhel arrebentou as cordas e libertou um braço e o outro, em seguida. Antes que os guardas conseguissem reagir, arrebentou as cordas que lhe prendiam as pernas. De imediato, a coisa morta estava em pé, saltando sobre

a Suma Sacerdotisa.

A mulher manteve-se firme, irradiando uma sensação de poder. Apontou a mão para a criatura.

— Pare! — O moredhel obedeceu. — Pelo poder que me foi conferido pela minha senhora, exijo obediência de você que foi invocado. É em seu domínio que agora você existe, encontrando-se sujeito às suas leis e sacerdotes. Pelo poder que me foi concedido, ordeno que recue!

O moredhel vacilou, mas logo, com uma rapidez impressionante, esticou-se e agarrou a Suma Sacerdotisa pelo pescoço. Com aquela voz distante e gutural, gritou:

— Não incomode meu servo, senhora. Se ama tanto sua senhora, vá então ao seu encontro!

A Suma Sacerdotisa agarrou o pulso dele e um fogo azul surgiu ao longo do braço da criatura. Com um uivo de dor, ele a levantou como se não pesasse nada e a atirou contra a parede perto de Arutha, onde ela bateu e deslizou até o chão.

Ninguém se mexeu. A transformação daquela criatura e o ataque inesperado à Suma Sacerdotisa deixou todos atônitos. Os guardas do templo ficaram paralisados diante da visão da sua Sacerdotisa vencida por um poder sombrio e sobrenatural. Gardan e seus homens encontravam-se igualmente estupefatos.

Com outro uivo ribombante à guisa de gargalhada, a criatura virou-se para Arutha.

— Enfim, Senhor do Ocidente, estamos cara a cara, e sua hora chegou.

O moredhel cambaleou ligeiramente antes de avançar para Arutha. Os guardas do templo recuperaram-se um instante antes dos homens de Gardan. Os dois soldados de farda preta e prateada saltaram para a frente. Um deles se posicionou entre o moredhel que avançava e a Sacerdotisa aturdida, enquanto o outro atacava a criatura. Os soldados de Arutha seguiram imediatamente atrás para impedir a criatura de alcançar o Príncipe. Laurie lançou-se para a porta, chamando os guardas que estavam do lado de fora.

O guarda do templo investiu com a cimitarra, empalando o moredhel. Olhos cegos arregalaram-se, mostrando órbitas vermelhas, ao mesmo tempo que a criatura sorria com uma expressão horrível de satisfação. Em um átimo, estendeu as mãos e agarrou o pescoço do guarda. Com uma torção, partiu-lhe o pescoço e o atirou para o lado. O primeiro dos guardas de Arutha a alcançar

a criatura atacou-a pelo flanco com um golpe que lhe abriu um sulco ensanguentado nas costas. Com as costas da mão, o moredhel deu uma bofetada que derrubou o guarda. Levou a mão à cimitarra que arrancou do peito e, rosnando, atirou-a fora. Quando virou as costas, Gardan atacou-o de baixo e de trás. O enorme Capitão agarrou a criatura com seus braços fortes e a ergueu do chão. As garras da criatura arranharam os braços de Gardan, que a manteve erguida evitando que avançasse para Arutha. Foi então que a criatura deu um pontapé para trás, batendo com o calcanhar na perna de Gardan, o que levou ambos ao chão. A criatura levantou-se. Quando Gardan tentou agarrá-la outra vez, tropeçou no corpo do guarda do templo.

A porta se abriu em um rompante quando Laurie tirou a tranca, e por ele passaram a correr guardas do palácio e do templo. A criatura se encontrava a um golpe de espada de Arutha quando o primeiro guarda a atacou por trás, logo seguido por mais dois. Os guardas do templo se juntaram ao companheiro solitário, formando uma linha de defesa ao redor da Suma Sacerdotisa inconsciente. Os guardas de Arutha juntaram-se ao ataque ao moredhel. Gardan recuperou-se da queda e correu para junto de Arutha.

— Tem de sair, Vossa Alteza. Conseguimos mantê-lo aqui por superioridade numérica.

Arutha, com a espada em riste, retorquiu:

— Por quanto tempo, Gardan? Como poderá deter uma criatura que já está morta?

Jimmy, a Mão, começou a se afastar de Arutha, encaminhando-se para a porta. Não conseguia desviar o olhar do monte de corpos se contorcendo. Os guardas batiam na criatura com cabos e punhos, procurando subjugá-la. Mãos e rostos estavam cobertos de um vermelho pegajoso, pois as garras da criatura não paravam de atacar.

Laurie contornou a balbúrdia, procurando uma abertura, a espada apontada como um punhal. Vendo o ladrão correr para a porta, Laurie gritou:

— Arutha! Jimmy demonstra um raro bom senso. Parta! — Deu uma estocada com a espada, ouvindo-se um gemido grave e arrepiante vindo do meio da confusão de corpos.

Arutha foi tomado pela indecisão. O aglomerado parecia se deslocar em sua direção, como se o peso dos guardas servisse somente para abrandar o avanço da criatura. A voz do moredhel ressoou:

— Fuja, se quiser, Senhor do Ocidente, mas jamais encontrará refúgio de

meus servidores. — Como se tivesse recebido um ímpeto adicional de força, o moredhel elevou-se com grande poder, livrando-se dos guardas, que bateram naqueles que protegiam a Suma Sacerdotisa, o que levou a criatura a ficar momentaneamente solta e em pé. Estava coberta de sangue, com o rosto transformado em uma máscara de feridas que sangravam. De sua face pendia carne rasgada, o que conferia ao rosto do moredhel um esgar permanente e sinistro. Um dos guardas conseguiu levantar-se e quase decepou o braço direito da criatura com um golpe de espada. O moredhel girou repentinamente, rasgando o pescoço do homem com um único golpe de mão. Com o braço direito pendendo sem qualquer utilidade, o moredhel falou através de lábios frouxos e pendentes com uma voz úmida e gorgolejante:

— É da morte que me alimento! Venha! É da sua que vou me alimentar!

Vindos de trás, dois soldados saltaram para cima do moredhel, levando-o uma vez mais ao chão, na frente de Arutha. Ignorando os guardas, a criatura colocou a mão no Príncipe, estendendo o braço são, com os dedos curvados como uma garra. Mais guardas saltaram para cima dele e Arutha lançou-se para a frente, enfiando a espada no ombro da criatura e atravessando-a até as costas. A figura monstruosa estremeceu ligeiramente, logo retomando seu movimento para a frente.

Como um caranguejo gigante e monstruoso, a massa de corpos avançou devagar para o Príncipe. Os esforços dos guardas ganharam novo ímpeto, como se fossem capazes de proteger Arutha desfazendo a criatura. Arutha deu um passo para trás, pois sua relutância em fugir era lentamente esmagada pela recusa do moredhel em ser detido. Com um grito, um soldado foi atirado para longe, caindo com força; ouviu-se um estalo quando sua cabeça bateu no chão de pedra. Outro gritou:

— Vossa Alteza, ele tem cada vez mais força! — Um terceiro guinchou quando a criatura desvairada lhe arrancou um olho. Com um esforço titânico, ela desembaraçou-se dos soldados restantes e ergueu-se. Não restava ninguém entre o moredhel e Arutha. Laurie puxou a manga de Arutha, levando o Príncipe devagar para a porta. Caminhavam de lado, nunca tirando os olhos da criatura repugnante que cambaleava. Seus olhos cegos seguiam os dois homens, mirando-os, com seu crânio transfigurado em uma máscara vermelha e mole desprovida de feições reconhecíveis. Um dos guardas da Suma Sacerdotisa atacou a criatura por trás e, sem olhar, o moredhel lançou a mão direita para trás, esmagando a cabeça do homem com um único golpe.

— Ele recuperou a mobilidade do braço direito! — gritou Laurie. — Está se curando sozinho! — A criatura os alcançou de um salto. De repente, Arutha sentiu que caía, então alguém o empurrou para o lado. Entre imagens indistintas, Arutha viu Laurie desviar-se de um golpe que teria arrancado a cabeça de Arutha. Rolou para longe, pondo-se em pé ao lado de Jimmy, a Mão. Fora o rapaz quem o empurrara. Atrás de Jimmy, viu o Padre Nathan.

O sacerdote de pescoço largo aproximou-se do monstro, com a mão esquerda levantada e a palma da mão virada para a frente. Parecia que a criatura pressentira a aproximação do sacerdote, pois desviou a atenção de Arutha e girou para encarar Nathan.

O centro da mão de Nathan começou a brilhar, passando depois a refulgir com uma intensa luz branca que lançava um raio visível sobre o moredhel, que ficara petrificado. De seus lábios esgarçados, surgiu um gemido baixo. Foi então que Nathan começou a entoar um cântico.

Depois de um guincho estridente, o moredhel pareceu aterrorizado; cobriu os olhos cegos do brilho ofuscante da luz mística de Nathan. Era possível perceber sua voz, quase inaudível e gorgolejante:

— Arde… arde!

O clérigo atarracado deu um passo à frente, forçando a criatura a recuar arrastando os pés. A coisa não tinha nada de humano; sangue espesso, quase coagulado escorria de sua centena de ferimentos. Grandes pedaços de carne e de roupa pendiam daquela criatura, que se agachou ainda mais, gritando:

— Estou ardendo!

Um vento frio soprou no quarto e a criatura guinchou tão alto que seria capaz de atemorizar os mais experientes soldados preparados para a batalha. Os guardas olharam em volta furiosamente, procurando a origem de um indefinível horror que se sentia por todo lado.

De repente, a criatura ergueu-se, como se tivesse recebido novo ímpeto. Lançou a mão direita, agarrando a origem da luz abrasadora, a mão esquerda de Nathan. Entrelaçaram-se dedos com dedos semelhantes a garras e, com um ruído cauterizante, a mão da criatura começou a fumegar. O moredhel levou a mão esquerda para trás com o intuito de golpear o sacerdote, porém, ao se preparar para atacar, Nathan gritou uma palavra que os restantes desconheciam, e a criatura vacilou e gemeu. A voz de Nathan ressoou, enchendo o quarto com os sons de uma prece mística e de magia sagrada. A criatura ficou imóvel por um segundo e logo começou a estremecer. Nathan

reforçou a urgência do encantamento e a criatura cambaleou como se lhe tivessem desferido um golpe violento; começou a pegar fogo. O sacerdote invocou o poder de sua deusa, Sung, a Branca, a divindade da pureza, com uma voz enrouquecida e cansada. Como se vindo de uma grande distância, um gemido bastante audível escapou da boca do moredhel, que voltou a estremecer. Preso naquela batalha mística, Nathan encolheu os ombros, como se fizesse força para afastar um peso enorme. O moredhel caiu de joelhos. Sua mão esquerda dobrou-se para trás, enquanto a voz de Nathan prosseguia entoando feitiços, monótona. Gotas de suor escorriam pela testa do sacerdote, cujas cordas vocais saltavam no pescoço. Surgiram bolhas na carne estraçalhada e nos músculos expostos da criatura, dando início a um grito ululante. Por todo o quarto, ouviu-se o som crepitante e sentiu-se o odor de carne queimada. De seu corpo fluía uma fumaça oleosa e espessa, o que fez um dos guardas virar a cabeça e vomitar. Nathan arregalou ainda mais os olhos à medida que impunha sua força de vontade à criatura. Balançavam devagar, e a carne da criatura estalava, escurecendo e esturricando devido à magia do padre. O moredhel inclinou-se para trás cedendo à força do sacerdote e, de súbito, uma energia azul percorreu o corpo que enegrecia sob os olhos de todos. Nathan libertou-o e a criatura tombou para o lado; chamas saíam de seus olhos, boca e ouvidos. Logo foi engolido por labaredas que o reduziram a cinzas em um instante, enchendo o quarto com um cheiro de podridão e gordura.

Lentamente, Nathan virou-se para Arutha e o Príncipe deparou-se com um homem repentinamente envelhecido. Os olhos do clérigo estavam arregalados e seu rosto, coberto de suor.

— Vossa Alteza, acabou — disse, com a voz seca e rouca. Então, dando um passo lento, e logo outro, em direção ao Príncipe, Nathan esboçou um sorriso e tombou para a frente, sendo amparado por Arutha antes de cair no chão.

4

Revelações

Os pássaros chilreavam dando as boas-vindas ao despertar do dia.Arutha, Laurie, Jimmy, Volney e Gardan estavam sentados na sala de audiências privada do Príncipe, aguardando notícias de Nathan e da Suma Sacerdotisa. Os guardas do templo tinham levado a Sacerdotisa para um quarto de hóspedes e ficaram de vigia enquanto ela era tratada por curandeiras que vieram do templo. Ficaram toda a noite ao lado dela, enquanto membros da ordem de Nathan tratavam do sacerdote em seus aposentos.

Todos os presentes estavam sem palavras devido aos horrores daquela noite e era notória a relutância geral em falar do que se passara. Laurie foi o primeiro a sair daquele estado de torpor, levantando-se da cadeira e dirigindo-se a uma janela.

Os olhos de Arutha seguiram o movimento de Laurie, ainda que sua mente continuasse a se digladiar com uma dezena de perguntas sem resposta. Quem ou o quê queria sua morte? Por quê? Acima de sua própria segurança, preocupava-se com a ameaça que poderia representar tudo aquilo para Lyam, Carline e todos os outros que estavam prestes a chegar. Sobretudo, perguntava-se: será que Anita corria perigo? Ao longo das últimas horas, Arutha considerou uma dúzia de vezes adiar o casamento.

Laurie sentou-se em um sofá ao lado de Jimmy, que quase cochilava. Em voz baixa, perguntou:

— Jimmy, como soube que devia ir buscar o Padre Nathan, quando a

própria Suma Sacerdotisa se revelou incapaz?

Jimmy se espreguiçou e bocejou.

— Foi uma coisa que me lembrei de quando era pequeno. — Ao ouvi-lo, Gardan riu e a tensão na sala se atenuou. Até Arutha esboçou um sorriso, enquanto Jimmy prosseguia: — Fui colocado uns tempos sob tutela de um tal Padre Timothy, sacerdote de Astalon. De vez em quando, isso é permitido a um ou outro rapaz. Significa que os Zombadores depositam grandes esperanças nele — explicou com orgulho. — Fiquei com o Padre para aprender as letras e os números; no entanto, durante esse tempo fui aprendendo muitas outras coisas. Lembro-me de um certo discurso sobre a natureza dos deuses que o Padre Timothy fez certa vez, embora eu quase tenha dormido. De acordo com essa sumidade, existem forças antagonistas, forças positivas e negativas que muitas vezes são designadas como o bem e o mal. O bem não anula o bem, tal como o mal não anula o mal. Para contrariar uma força do mal, é preciso uma força do bem. Grande parte das pessoas considera a Suma Sacerdotisa uma serva de poderes obscuros, logo ela não seria capaz de deter a criatura. Tinha esperanças de que o Padre poderia se opor a ela, uma vez que Sung e seus seguidores são considerados como forças do "bem". Na verdade, não sabia se seria possível, mas não conseguia ficar olhando enquanto aquela coisa destruía os guardas do palácio um após outro.

— Teve uma boa intuição — disse Arutha, com um tom que revelava aprovação quanto à rapidez de pensamento de Jimmy.

Um guarda entrou na sala e informou:

— Vossa Alteza, o sacerdote recuperou-se e solicita sua presença em seus aposentos. — Arutha quase saltou da cadeira e saiu a passos largos, seguido de perto pelos outros.

Ao longo de mais de um século, a tradição garantira que o palácio do Príncipe de Krondor possuísse um templo com um altar a cada um dos deuses, de modo que qualquer hóspede encontrasse ali um lugar de consolo espiritual, independentemente da divindade que venerasse. A ordem responsável pelo templo mudava de tempos em tempos, à medida que mudavam os conselheiros do Príncipe. Sob a administração de Arutha, os responsáveis pelo templo eram Nathan e seus acólitos, tal como acontecera durante o principado de Erland. A residência do sacerdote se encontrava atrás do templo, onde Arutha entrou por um grande e abobadado corredor. No

extremo oposto da nave, entrevia-se uma porta atrás do púlpito onde se encontrava o altar dedicado aos quatro deuses superiores. Arutha avançou para a porta, ouvindo o som das botas no piso de pedra ao passar pelos altares dedicados aos deuses inferiores de cada lado do templo. Ao se aproximar da porta para os aposentos de Nathan, Arutha viu que estava aberta e percebeu movimento lá dentro.

Ele entrou no quarto do sacerdote e os acólitos de Nathan lhe abriram espaço. Arutha ficou impressionado com o ar austero do cômodo, que parecia uma cela sem qualquer bem pessoal ou decoração. O único artigo ornamental que se via era uma estatueta de Sung, representada como uma jovem e adorável mulher com um manto branco comprido. Esta ficava em uma mesinha de cabeceira ao lado da cama de Nathan.

O sacerdote parecia fatigado e debilitado, mas estava desperto, encostado em almofadas. Um ajudante rondava por perto, preparado para atender às mínimas necessidades de Nathan. O cirurgião real esperava ao lado da cama. Fez uma reverência e disse:

— Não há qualquer problema físico, Vossa Alteza, exceto a exaustão. Peço que seja breve. — Arutha assentiu e o cirurgião retirou-se, seguido pelos ajudantes. Ao mesmo tempo, Arutha fez sinal a Gardan e aos demais para que não entrassem e se aproximou do sacerdote.

— Como se sente?

— Sobreviverei, Vossa Alteza — respondeu Nathan com voz débil.

Arutha olhou de relance para a porta e viu a expressão alarmada no rosto de Gardan. Confirmava a impressão de Arutha de que a provação de Nathan deixara marcas. Com delicadeza, Arutha disse:

— Mais do que sobreviver, Nathan, em breve voltará a ser o que era.

— Suportei um horror a que nenhum homem devia ser sujeito, em tempo algum, Vossa Alteza. Para que possa entender, tenho de partilhar uma confidência com o senhor. — Acenou a cabeça para a porta. Seu ajudante fechou a porta e regressou à cabeceira de Nathan, que disse: — O que vou contar é algo que normalmente não sai das paredes do templo, Alteza. É grande a responsabilidade que assumo, mas julgo que é crucial que saiba. — Arutha inclinou-se para ouvir melhor as palavras débeis do sacerdote exausto, que continuou: — Tudo depende de uma ordem, Arutha, de um equilíbrio imposto por Ishap, aquele que está acima de todos. Os deuses superiores regem através dos deuses inferiores, a quem os sacerdotes servem. Cada

ordem tem sua missão. Pode até parecer que uma ordem é antagonista de outra, mas a verdade superior revela que todas as ordens possuem um lugar na organização do mundo. Mesmo aqueles que pertencem aos templos das hierarquias inferiores ignoram essa ordem superior. Essa é a razão para os conflitos ocasionais que surgem entre templos. O meu desconforto perante os rituais da Suma Sacerdotisa ontem à noite foi em benefício dos meus acólitos, mas também teve a ver com uma verdadeira aversão. Aquilo que um indivíduo tem capacidade de compreender determina a verdade que lhe será revelada pelos templos. Muitos se esquecem dos conceitos simples de bem e mal, luz e escuridão, para viverem seu cotidiano. Você não faz parte desse grupo. Fui instruído nos ensinamentos da Devoção ao Único Caminho, a ordem que melhor se adéqua à minha natureza. Porém, tal como aqueles que alcançaram a mesma posição, conheço bem a natureza e as manifestações dos outros deuses e deusas. O que surgiu naquele quarto ontem à noite não é do meu conhecimento.

Arutha pareceu perdido.

— O que quer dizer?

— Enquanto me debatia com a força que impelia o moredhel, consegui detectar um pouco de sua natureza. Trata-se de algo estranho, sombrio e terrível, desprovido de compaixão. É devastador e procura dominar ou destruir. Mesmo aqueles deuses que consideramos obscuros, como Lims-Kragma e Guis-wa, não são efetivamente maléficos quando se entende a verdade. No entanto, essa entidade aniquila a luz da esperança. É a encarnação do desespero. — O auxiliar indicou que era hora de Arutha sair. Quando se dirigia à porta, Nathan o chamou novamente: — Espere, há mais detalhes que tem de compreender. Essa entidade partiu, não porque eu consegui vencê-la, mas porque lhe tirei o servo em que habitava. Ele não dispunha de meios físicos para prosseguir o ataque. Derrotei apenas o intermediário. Nesse momento, essa… entidade revelou um pouco mais de si. Ainda não está preparada para enfrentar minha Senhora do Único Caminho, mas a despreza, tal como despreza todos os outros deuses. — Seu rosto transpareceu a preocupação que o inquietava. — Arutha, essa entidade despreza os deuses! — Nathan sentou-se, estendendo a mão, e o Príncipe a segurou. — Vossa Alteza, trata-se de uma força que se considera suprema. Odeia e se eleva procurando aniquilar quem se opuser a ela. Se…

— Calma, Nathan — disse Arutha.

O sacerdote aquiesceu e recostou-se.

— Procure alguém que saiba mais do que eu, Arutha, pois pressenti ainda mais. Esse inimigo, essa escuridão que tudo abrange, está ganhando força.

— Durma, Nathan — respondeu o Príncipe. — Deixe que isso não seja mais do que um pesadelo. — Fez um aceno com a cabeça ao sacerdote ajudante e saiu. Ao passar pelo cirurgião real, ordenou: — Ajude-o. — Mais do que uma ordem, era um apelo.

Passaram-se horas enquanto Arutha aguardava notícias da Suma Sacerdotisa de Lims-Kragma. Estava sozinho, pois Jimmy dormia em um sofá baixo. Gardan fora tratar de seus destacamentos e Volney ocupava-se em administrar o Principado, pois Arutha estava absorto nos mistérios da noite anterior. Decidira não comunicar todos os detalhes a Lyam até a chegada do Rei a Krondor. Afinal, com um séquito de mais de uma centena de soldados, só um pequeno exército poderia colocar Lyam em perigo, como já havia constatado.

Arutha deu descanso aos seus pensamentos para observar Jimmy. Parecia uma criança respirando tranquilamente. Não dera importância ao ferimento que sofrera, mas, logo que a situação se acalmou, adormecera quase de imediato. Gardan o levara com cuidado para o sofá. Arutha balançou ligeiramente a cabeça. O adolescente era um mero ladrão, um parasita da sociedade que não trabalhara um único dia honesto em sua jovem vida. Não tinha mais do que 14 ou 15 anos, era fanfarrão, mentiroso e ladrão; no entanto, apesar de tudo, não deixava de ser um amigo. Arutha suspirou, pensando no que haveria de fazer com o rapaz.

Um pajem da corte surgiu com uma mensagem da Suma Sacerdotisa, solicitando a presença imediata de Arutha. O Príncipe levantou-se com cautela para não acordar Jimmy e seguiu o pajem até o local onde a Suma Sacerdotisa era tratada por suas curandeiras. Seus guardas estavam do lado de fora dos aposentos e os guardas do templo se encontravam do lado de dentro, uma concessão que fizera quando lhe fora solicitada pelo sacerdote que viera do templo. O sacerdote cumprimentou-o friamente, como se Arutha fosse o responsável pelos ferimentos de sua senhora. Conduziu-o até o quarto, onde uma sacerdotisa cuidava da líder do templo.

Arutha ficou horrorizado com o aspecto da Suma Sacerdotisa. Estava na cama, apoiada em uma pilha de travesseiros, com o cabelo louro claro

emoldurando-lhe o rosto lívido, como se o azul gélido do inverno tivesse se espalhado por suas feições. Parecia ter envelhecido 20 anos em um só dia. Contudo, ao fixar o olhar em Arutha, a aura de poder ao seu redor ainda era perceptível.

—Está melhor, senhora? — perguntou Arutha, ao mesmo tempo que inclinava a cabeça na direção da Suma Sacerdotisa. Seu tom demonstrava preocupação.

— Minha senhora ainda tem incumbências para mim, Vossa Alteza. Parece que demorarei a me juntar a ela.

— Fico feliz em ouvir tais notícias. Vim como solicitou.

A mulher sentada endireitou-se, encostada às almofadas. Em um movimento inconsciente, afastou o cabelo quase branco para trás e Arutha viu que, apesar do semblante duro, a Suma Sacerdotisa era uma mulher de beleza incomum, ainda que fosse uma beleza sem qualquer vestígio de fragilidade. Com voz ainda abatida, a Sacerdotisa disse:

— Arutha conDoin, nosso Reino está em perigo, e isso não é tudo. Na esfera da Senhora da Morte, somente outra me supera: nossa Mãe Matriarca em Rillanon. Para além dela, ninguém deveria desafiar meu poder na área da morte. Porém algo surgiu e está desafiando a própria deusa, algo que, embora ainda seja frágil e ainda esteja aprendendo a dominar suas capacidades, consegue subjugar meu controle sobre alguém no reino da minha senhora. Entende, de alguma forma, a importância de minhas palavras? É como se um bebê, que acabou de deixar o seio da mãe, tivesse chegado ao seu palácio… não, ao palácio de seu irmão, o Rei, e tivesse virado contra ele todo o séquito, os guardas e até o próprio povo, tornando-o impotente no centro de seu poder. É isso que enfrentamos. E está crescendo. Neste exato momento, cresce em força e raiva. Além disso, é algo antigo… — Ela arregalou os olhos e, de repente, Arutha viu um vestígio de loucura. — É, ao mesmo tempo, velho e novo… não entendo.

Arutha fez um aceno de cabeça para a curandeira e virou-se para o sacerdote, que lhe indicou a saída. Ao chegar à porta, ouviu a voz da Suma Sacerdotisa, entrecortada por soluços.

— Vossa Alteza, sou Julian, Sumo Sacerdote do Círculo Interno — disse o sacerdote quando saíram. — Enviei uma mensagem ao templo de nossa Mãe em Rillanon reportando o que aconteceu aqui. Eu… — Ele parecia incomodado com o que tinha a dizer. — O mais provável é que me torne o

Sumo Sacerdote de Lims-Kragma dentro de poucos meses. Cuidaremos dela — disse, virando-se para a porta fechada —, mas ela jamais recuperará a capacidade de nos guiar ao serviço de nossa senhora. — Voltou a olhar para Arutha. — Os guardas do templo me contaram o que aconteceu ontem à noite, e acabei de ouvir as palavras da Suma Sacerdotisa. Se o templo puder ajudar, conte conosco.

Arutha ponderou as palavras daquele homem. Era habitual contar com um sacerdote de uma das ordens entre os conselheiros da nobreza. Eram muitos os assuntos de importância mística a enfrentar, motivo pelo qual a nobreza precisava de orientação espiritual. Por isso o pai de Arutha fora o primeiro a incluir um mago em seu grupo de conselheiros. Porém era rara a cooperação ativa entre templo e autoridade laica, entre os corpos regentes de ambos os lados.

— Os meus agradecimentos, Julian — falou Arutha por fim. — Quando tivermos uma percepção melhor do que teremos de enfrentar, não deixaremos de procurar seus sábios conselhos. Cheguei à conclusão de que minha percepção do mundo é um tanto limitada. Conto com seu precioso auxílio.

O sacerdote inclinou a cabeça. Quando Arutha se preparava para partir, chamou:

— Vossa Alteza?

Arutha olhou para trás, deparando-se com uma expressão preocupada no rosto do sacerdote.

— Diga.

— O senhor tem de descobrir que criatura é essa, Alteza. Depois, será preciso localizá-la e destruí-la por completo.

Arutha conseguiu somente acenar com a cabeça. Voltou para a sala de reuniões. Entrou e sentou-se com cuidado para não acordar Jimmy, que ainda dormia no sofá. Arutha reparou que tinham colocado na mesa um prato com frutas e queijo e um jarro com vinho fresco. Dando-se conta de que não comera nada o dia todo, serviu-se um copo de vinho e cortou uma fatia de queijo, voltando a sentar-se em seguida. Apoiou as botas na mesa e recostou-se, deixando a mente vagar. O cansaço de duas noites mal dormidas tomou conta dele, mas a mente estava de tal forma envolvida nos acontecimentos dos dois últimos dias que ele não conseguia sequer pensar em dormir. Havia um ser sobrenatural à solta em seu reino, uma entidade mágica que incutia medo nos sacerdotes de dois de seus mais poderosos templos. Lyam estava

prestes a chegar ali e quase todos os nobres do Reino estariam presentes em Krondor para o casamento. Na sua cidade! Não obstante, não conseguia pensar em nada que pudesse garantir a segurança de todos.

Durante uma hora, ficou sentado, com a cabeça longe, enquanto comia e bebia distraidamente. Era um homem que se embrenhava frequentemente em uma meditação intensa quando ficava sozinho; contudo, quando tinha em mãos um problema, não conseguia deixar de pensar nele, atacando-o de todos os lados possíveis, na tentativa de solucioná-lo, contornando-o, como um gato faz com um rato. Contemplou dezenas de abordagens possíveis do problema, reexaminando constantemente todas as informações que possuía. Por fim, depois de pôr de lado mais de uma dezena de planos, sabia o que tinha de fazer. Tirou os pés da mesa e pegou uma maçã madura do prato à sua frente.

— Jimmy! — gritou, acordando na mesma hora o menino ladrão que, ao longo de anos vivendo no fio da navalha, adquirira o hábito de manter um sono leve. Arutha atirou a maçã para o garoto, que, com uma rapidez impressionante, sentou-se e apanhou a fruta a poucos centímetros do rosto. O Príncipe percebeu de onde viera a alcunha “a Mão”.

— O que foi? — inquiriu o rapaz após dar uma dentada na fruta.

— Preciso que leve uma mensagem ao seu senhor. — Jimmy parou no meio da dentada. — Preciso que me consiga um encontro com o Justo. — O rapaz arregalou os olhos, completamente incrédulo.

Uma vez mais, um nevoeiro espesso chegara do Mar Amargo para cobrir Krondor com um vasto manto de névoa. Dois vultos se deslocavam depressa passando pelas poucas tavernas ainda abertas. Arutha seguia Jimmy, que o conduzia pela cidade, passando pelo Bairro dos Mercadores e entrando nos subúrbios mais problemáticos, até se encontrarem bem no centro do Bairro Pobre. Após virarem em uma esquina no fundo de uma viela, entraram em um beco sem saída. Surgindo das sombras, três homens apareceram como por magia. Arutha desembainhou o florete de imediato, enquanto Jimmy se limitou a dizer:

— Somos peregrinos em busca de orientação.

— Peregrinos, eu sou o guia — ouviu-se a resposta do homem mais à frente. — Diga ao seu amigo que embainhe o pau de matar sapos, senão o entregaremos em um saco.

Se a identidade de Arutha era do conhecimento dos homens, não demonstraram. O Príncipe guardou a espada devagar. Os outros dois homens avançaram com vendas nas mãos.

— O que é isso? — replicou Arutha.

— É assim que viajaremos — falou o porta-voz. — Caso recusem, não darão nem mais um passo.

Arutha reprimiu a irritação e acenou com a cabeça uma única vez em concordância. Os homens avançaram e Arutha viu Jimmy ser vendado um segundo antes de também lhe ser rudemente negada a luz. Debatendo-se com a vontade de tirar a venda, Arutha ouviu o homem dizer:

— Vão ser guiados daqui até outro lugar, onde outros irão levá-los. Poderão passar por muitas mãos até chegarem ao seu destino, por isso não se alarmem se ouvirem vozes inesperadas na escuridão. Desconheço seu destino final, pois não preciso dessa informação. Também não sei quem é, homem, mas me chegaram ordens de alguém muito bem colocado para que o conduzisse depressa e para que o entregasse incólume. No entanto, fique avisado: só poderá retirar a venda em caso de grande perigo. Daqui em diante, é possível que não saiba o local onde está. — Arutha sentiu que lhe atavam uma corda ao redor da cintura e ouviu o homem completar: — Segurem bem a corda e caminhem com confiança; viajaremos depressa.

Então, Arutha sentiu um puxão brusco e foi conduzido noite afora.

Por mais de uma hora, ou assim pareceu ao Príncipe, ele foi conduzido pelas ruas de Krondor. Tropeçara duas vezes e tinha manchas negras atestando a negligência de seus guias. Tinham mudado de guias pelo menos três vezes, por isso não fazia ideia de quem iria ver quando lhe retirassem a venda. Por fim, subiu um lance de escadas. Ouviu várias portas que se abriram e fecharam antes de mãos fortes o forçarem a sentar-se. Por fim, retiraram-lhe a venda e Arutha piscou, a luz machucando seus olhos. Ao longo de uma mesa estava disposta uma série de lanternas — com um refletor polido atrás de cada uma —, todas viradas para ele. Lançavam uma luz brilhante nos olhos do Príncipe, impedindo que ele visse quem estava atrás da mesa.

Arutha olhou para a direita e viu Jimmy sentado em outro banco. Decorrido algum tempo, uma voz ressoou, vinda de trás das luzes:

— Saudações, Príncipe de Krondor.

Arutha semicerrou os olhos, mas não conseguiu vislumbrar quem falava atrás do brilho ofuscante.

— Estou falando com o Justo?

Uma pausa demorada antecedeu a resposta.

— Fique satisfeito por saber que fui incumbido de chegar ao acordo que deseja. Sou sua voz.

Arutha ponderou por um instante.

— Muito bem. Desejo estabelecer uma aliança.

Atrás do brilho ouviu-se um riso abafado.

— Para que haveria o Príncipe de Krondor de precisar da ajuda do Justo?

— Procuro conhecer os segredos da Guilda da Morte.

Essa afirmação foi seguida por um silêncio que se prolongou. Arutha não conseguiu perceber se o interlocutor estava consultando outra pessoa ou se estava simplesmente pensando. Até que a voz por trás da lanterna disse:

— Levem o rapaz e mantenham-no lá fora. — Dois homens apareceram no escuro e agarraram Jimmy sem a mínima delicadeza, arrastando-o para fora. Depois de saírem, a voz continuou: — Os Falcões Noturnos são uma fonte de preocupação para o Justo, Príncipe de Krondor. Invadem a Via dos Ladrões e seus assassinatos sinistros deixam a população agitada, lançando uma luz indesejável sobre as diversas atividades dos Zombadores. Resumindo, são prejudiciais ao negócio. Seria útil para nós pôr um fim neles, mas que motivo tem você além da preocupação comum a um soberano em relação aos seus súditos que estão sendo injustificadamente assassinados durante o sono?

— Eles constituem uma ameaça a mim e ao meu irmão.

Novamente, um longo silêncio.

— Quer dizer que eles têm grandes ambições. Ainda assim, é normal que a realeza também precise ser assassinada, da mesma forma que os plebeus, e um homem precisa ganhar a vida, ainda que seja como assassino.

— Devia ser evidente — disse Arutha em tom mordaz — que o assassinato de príncipes se revelaria particularmente prejudicial para os negócios. Em uma cidade sob lei marcial, os Zombadores poderiam encontrar alguns entraves às suas atividades.

— De fato. Exponha seu acordo.

— Não peço acordo algum. Exijo cooperação. Preciso de informações. Pretendo saber onde se situa o cerne dos Falcões Noturnos.

— O altruísmo pouco benefício acarreta àqueles que jazem frios nas sarjetas. É comprido o braço da Guilda da Morte.

— Não é mais comprido do que o meu — afirmou Arutha com uma voz desprovida de humor. — Pelo que percebo, as atividades dos Zombadores são bastante afetadas por eles. Sabe tão bem quanto eu o que aconteceria aos Zombadores caso o Príncipe de Krondor declarasse guerra à sua guilda.

— São escassos os lucros de tal disputa entre a guilda e Vossa Alteza.

Arutha inclinou-se para a frente, seus olhos escuros cintilando devido às luzes brilhantes. Devagar, pronunciando cada palavra, disse:

— Não preciso de lucros.

Depois de um momento de silêncio, seguiu-se um suspiro.

— De fato — disse a voz, pensativa. Em seguida, deu uma risada. — É uma das vantagens de se herdar um cargo. Seria problemático administrar uma guilda de ladrões esfomeados. Muito bem, Arutha de Krondor, mas, em troca deste risco, a guilda precisa de ressarcimento. O senhor mostrou a vara; onde está a cenoura?

— Diga seu preço. — Arutha recostou-se.

— Você tem de compreender o seguinte: o Justo é solidário com você no que diz respeito aos problemas criados pela Guilda da Morte. Os Falcões Noturnos não devem ser tolerados. Eles devem ser completamente eliminados até a raiz. Contudo, são muitos os riscos envolvidos e teremos grandes despesas; este será um empreendimento muito caro.

— Qual o seu preço? — repetiu Arutha no mesmo tom.

— Pelo risco que todos correríamos em caso de fracasso, dez mil soberanos de ouro.

— Isso representaria um enorme buraco no Tesouro Real.

— De fato, mas considere as alternativas.

— Negócio fechado.

— Futuramente, levarei as instruções do Justo quanto aos meios de pagamento — disse a voz, revelando um indício de humor. — Mas há outro assunto que temos de abordar…

— Do que se trata? — perguntou Arutha.

— O jovem Jimmy, a Mão, quebrou o juramento dos Zombadores e sua vida está em jogo. Ele será executado na próxima hora.

Sem pensar, Arutha começou a se levantar. Foi obrigado a sentar-se novamente por mãos fortes que surgiram de trás, enquanto um enorme ladrão

saía da escuridão, limitando-se a balançar a cabeça.

— Jamais nos passaria pela cabeça devolvê-lo ao palácio em outra condição senão aquela em que aqui chegou — disse a voz por trás das luzes —, no entanto, se empunhar alguma arma, será levado ao palácio em uma caixa e depois trataremos das consequências.

— Mas Jimmy…

— Quebrou o juramento! — interrompeu a voz. — A honra o obrigava a comunicar o paradeiro do Falcão Noturno quando se deparou com ele. Tal como era obrigado a revelar a traição de Jack Risonho. É verdade, Vossa Alteza, sabemos de tudo isso. Jimmy traiu a guilda para informá-lo primeiro. Algumas questões podem ser perdoadas por causa de sua idade, mas não esses atos.

— Não ficarei de braços cruzados, permitindo que Jimmy seja assassinado.

— Sendo assim, ouça, Príncipe de Krondor, pois quero contar-lhe uma história. Uma vez, o Justo foi para a cama com uma mulher das ruas, tal como já fizera com centenas delas, mas essa prostituta deu-lhe um filho. Isso é certo: Jimmy, a Mão, é filho do Justo, embora não saiba que ele seja seu pai. Essa situação apresentou um dilema ao Justo. De acordo com as leis que ele próprio criou, teria de ordenar a morte de seu próprio filho. Caso não o fizesse, perderia credibilidade junto àqueles que o servem. Uma escolha desagradável. A Guilda dos Ladrões já se encontra alarmada diante da revelação de que Jack era um agente dos Falcões Noturnos. Habitualmente, a confiança é um bem delicado; neste momento, é quase inexistente. Consegue pensar em outra solução?

Arutha sorriu, pois tinha outra solução.

— Em tempos não muito distantes, era habitual comprar o perdão. Diga-me o preço.

— Pela traição? Nada menos do que outros dez mil soberanos de ouro.

Arutha balançou a cabeça. O Tesouro ficaria esgotado. Ainda assim, era certo que Jimmy estava ciente dos riscos quando optou por trair os Zombadores e correu para avisá-lo, e isso tinha um grande valor.

— Combinado — disse Arutha com azedume.

— Assim sendo, o rapaz deve ficar com você, Príncipe de Krondor, pois jamais voltará a fazer parte dos Zombadores, mas também não lhe faremos mal… a menos que volte a interferir em nossos assuntos. Nesse caso, será

tratado como qualquer outro intrometido. Sem dó nem piedade.

Arutha levantou-se.

— Já terminamos?

— Quase. Falta um último assunto.

— Diga.

— Da mesma forma, em uma época não muito distante, não seria de todo inédito comprar um título de nobreza por ouro. Que valor pediria a um pai para que seu filho fosse nomeado Escudeiro da corte do Príncipe?

Arutha riu, entendendo subitamente o rumo das negociações.

— Vinte mil soberanos de ouro.

— Negócio fechado! O Justo gosta de Jimmy, embora tenha outros filhos bastardos por aí, Jimmy é especial. O Justo deseja que Jimmy continue a desconhecer essa relação, mas ficará satisfeito em saber que o filho terá um futuro melhor devido às negociações desta noite.

— Ele será colocado ao meu serviço e não saberá quem é seu pai. Voltaremos a nos encontrar?

— Não creio, Príncipe de Krondor. O Justo protege cuidadosamente sua identidade e mesmo chegar perto de alguém que fala por ele acarreta perigos diversos. No entanto, entregaremos mensagens claras quando soubermos onde se escondem os Falcões Noturnos. Da mesma forma, receberemos de bom grado notícias sobre a aniquilação deles.

Jimmy estava sentado, com os nervos à flor da pele. Arutha estava fechado há mais de três horas com Gardan, Volney, Laurie, além de outros conselheiros particulares. O rapaz fora convidado a ficar em um quarto preparado para recebê-lo. A presença de dois guardas à porta e de outros dois debaixo da varanda da janela reforçava a noção de que era considerado prisioneiro, fosse qual fosse o motivo. Jimmy não tinha dúvidas de que poderia sair despercebido no meio da noite caso se encontrasse em condições; entretanto, depois dos acontecimentos dos últimos dias, sentia-se insultado. Além disso, não conseguia perceber por que fora devolvido ao palácio com o Príncipe. O menino ladrão estava apreensivo. De alguma forma, sua vida mudara, e ele desconhecia em quê ou por quê.

A porta do quarto se abriu e um sargento enfiou a cabeça, acenando para que Jimmy o acompanhasse.

— Sua Alteza quer falar com você, rapaz. — Jimmy seguiu o soldado

pelo corredor até a passagem comprida que levava à sala do conselho.

Arutha levantou os olhos do papel que estava lendo. Ao redor da mesa encontravam-se Gardan, Laurie e outros homens que Jimmy não conhecia, e o Conde Volney estava de pé junto à porta.

— Jimmy, tenho algo aqui para você. — Jimmy olhou em volta, sem saber o que dizer. Arutha prosseguiu: — Trata-se de uma carta de nobreza que confere a você o título de Escudeiro da corte do Príncipe.

Jimmy ficou atônito, com os olhos arregalados. Laurie riu ao ver sua reação, enquanto Gardan exibia um sorriso de orelha a orelha. Por fim, Jimmy recuperou a voz:

—Isso é piada, não é? — Quando Arutha negou com a cabeça, o rapaz acrescentou: — Mas… eu, escudeiro?

— Você salvou minha vida — Arutha respondeu — e deve ser recompensado por isso.

— Mas, Vossa Alteza, eu… agradeço, mas… ainda existe a questão de meu juramento aos Zombadores — retorquiu Jimmy.

Arutha inclinou-se para a frente.

— Esse assunto já foi tratado, Escudeiro. Você deixou de pertencer à Guilda dos Ladrões. O Justo deu seu aval. Está feito.

Jimmy sentiu-se encurralado. Nunca apreciara muito o ofício de ladrão, mas apreciava bastante ter se tornado bom no que fazia. O que o atraía era a possibilidade de comprovar suas capacidades sempre que possível, mostrando a todos que Jimmy, a Mão, era o melhor ladrão da guilda… ou, pelo menos, que um dia viria a ser. Contudo, agora estava preso à casa real do Príncipe e esse cargo era acompanhado de deveres. E, se o Justo havia concordado, Jimmy via que para sempre lhe seria negado o acesso à sociedade das ruas.

Vendo a falta de entusiasmo por parte do rapaz, Laurie disse:

— Com sua licença, Alteza?

Arutha assentiu e o cantor aproximou-se e colocou uma mão no ombro do rapaz.

— Jimmy, Sua Alteza está somente mantendo sua cabeça acima da água, literalmente falando. Ele teve de negociar sua vida. Se não tivesse feito isso, a esta hora você estaria boiando no porto. O Justo sabia que você tinha quebrado o juramento da guilda.

Jimmy ficou visivelmente abatido e Laurie apertou-lhe o ombro para animá-lo. O rapaz sempre se considerara acima das regras, isento das

responsabilidades a que outros estavam sujeitos. Nunca percebera por que tantas vezes tivera tratamento especial, enquanto obrigavam outros a cumprir escrupulosamente as regras; todavia, percebia por fim que abusara demais desse privilégio, muitas e muitas vezes. Não tinha dúvidas quanto à sinceridade do menestrel, e logo emoções em conflito se apoderaram dele enquanto pensava em como quase fora assassinado.

— A vida palaciana não é assim tão desagradável — disse Laurie. — O edifício é quente, terá roupa lavada e há comida em abundância. Além disso, há por aqui muita coisa que poderá interessá-lo. — Olhou para Arutha e disse com sarcasmo: — Especialmente nos últimos tempos.

Jimmy fez um aceno com a cabeça e Laurie conduziu-o ao redor da mesa. Alguém lhe disse que se ajoelhasse. O Conde leu rapidamente a carta de nobreza:

— A todos os que aqui habitam: uma vez que o jovem Jimmy, órfão da cidade de Krondor, prestou serviços meritórios ao impedir que a pessoa real do Príncipe de Krondor sofresse ferimentos e, uma vez que nos consideramos eternamente gratos para com o jovem Jimmy, é meu desejo que ele seja conhecido por todos no Reino como nosso estimado e leal servo e, além disso, desejamos que lhe seja concedido um posto na corte de Krondor, na categoria de Escudeiro, usufruindo de todos os direitos e privilégios que lhe dizem respeito. Por fim, desejamos que todos saibam que lhe foi outorgado o título da propriedade de Haverford, no rio Welandel, bem como à sua descendência enquanto viverem, para mantê-la e dela cuidar, incluindo assim os serviçais e o patrimônio lá existentes. O título da referida propriedade ficará na posse da coroa até que ele atinja a maioridade. Determinado nesta data por minha assinatura e selo, Arutha conDoin, Príncipe de Krondor, Marechal da Corte do Reino Ocidental e dos Exércitos do Ocidente, herdeiro do trono de Rillanon. — Volney olhou para Jimmy. — Aceita esta incumbência?

— Sim, aceito — Jimmy respondeu. Volney, então, enrolou o pergaminho, entregando-o ao rapaz. Aparentemente, era o que bastava para transformar um bandido em um escudeiro.

O rapaz desconhecia a localização de Haverford no rio Welandel; contudo, terra significava rendimentos, o que o animou no mesmo instante. Ao se afastar, observou Arutha, que estava notoriamente apreensivo. O acaso os juntara duas vezes e nas duas vezes Arutha provara ser a única pessoa que

nada queria dele. Até seus poucos amigos Zombadores tinham tentado, pelo menos uma vez, se aproveitar dele até que ele lhes provou ser essa uma tarefa difícil. Jimmy considerava singular a sua relação com o Príncipe. Enquanto Arutha lia alguns documentos, Jimmy decidiu que, se o destino estava novamente interferindo, mais valia ficar com o Príncipe e seu animado grupo do que ir para qualquer outro lugar de que se lembrasse. Além disso, disporia de rendimentos e comodidades enquanto o Príncipe fosse vivo, embora esse detalhe, pensou com tristeza, talvez viesse a se revelar um verdadeiro problema.

Enquanto Jimmy observava sua carta de nobreza, foi a vez de Arutha fitá-lo. Era um garoto de rua: duro, resistente, experiente e, por vezes, implacável. Arutha sorriu para si mesmo. Haveria de se dar bem na corte.

Jimmy enrolou o documento quando Arutha disse:

— Seu antigo senhor trabalha com eficiência. — Dirigiu-se, então, ao grupo: — Recebi um recado de que ele quase descobriu o ninho dos Falcões Noturnos. Afirma que enviará uma mensagem a qualquer momento e lamenta não ajudar diretamente na tarefa de eliminá-los. Jimmy, o que tem a dizer sobre este assunto?

Jimmy fez uma careta.

— O Justo sabe jogar. Se os Falcões Noturnos forem aniquilados, o negócio volta à normalidade. Se falharem, não surgirão suspeitas quanto ao seu envolvimento nessa tentativa. Ele nunca sai perdendo. — Em tom mais sério, acrescentou: — Também está preocupado com outros possíveis elementos infiltrados nos Zombadores. Se for esse o caso, qualquer participação dos Zombadores compromete o ataque.

Arutha percebeu o que o rapaz queria dizer.

— A situação ficou assim tão grave?

— É bem provável, Vossa Alteza. Os homens com acesso ao Justo não são mais do que três ou quatro. Somente neles deposita confiança absoluta. Eu creio que ele deve ter alguns agentes fora da guilda, sobre os quais apenas seus ajudantes mais dignos tenham conhecimento, mas é possível que nem estes saibam. Deve estar recorrendo aos agentes para descobrir informações sobre os Falcões Noturnos. Existem mais de duas centenas de Zombadores e o dobro de mendigos e garotos de rua e qualquer um deles pode ser os olhos e ouvidos da Guilda da Morte.

Arutha mostrou seu sorriso enigmático.

— Você é perspicaz, Escudeiro James — observou Volney. — Decerto se revelará um belo acréscimo à corte de Sua Alteza.

Jimmy parecia ter comido algo amargo ao dizer entre dentes:

— Escudeiro James?

Arutha pareceu não notar o tom irritado do rapaz.

— Deveríamos descansar. Até voltarmos a ter notícias do Justo, o melhor que temos a fazer é nos recuperarmos dos problemas dos últimos dias. — Levantou-se. — Desejo-lhes uma boa noite.

Arutha saiu da sala e Volney reuniu os papéis que se encontravam na mesa de conferências e apressou-se rumo às suas tarefas.

— Bom, é melhor eu andar com você, meu jovem — Laurie disse a Jimmy. — Alguém tem de ensinar a você algumas coisas sobre esta gente da aristocracia.

Gardan aproximou-se.

— Isso quer dizer que o rapaz está condenado a ser uma eterna fonte de vergonha para o Príncipe.

Laurie suspirou.

— Isso só prova — replicou dirigindo-se a Jimmy — que, embora seja possível conceder um título honorífico a qualquer homem, uma vez varredor de quartel, para sempre ele será varredor de quartel.

— Varredor de quartel! — retorquiu Gardan, simulando indignação em seu rosto sombrio. — Trovador, só para que saiba, descendo de uma longa linhagem de heróis…

Jimmy sorriu, resignado, seguindo pelo corredor os dois homens que implicavam um com o outro. De modo geral, uma semana antes sua vida era bem mais simples. Tentou mostrar uma expressão mais animada, mas, na melhor das hipóteses, parecia um gato que caíra em um barril de leite, sem saber se deveria beber ou nadar para salvar a vida.

5

Eliminação

Arutha observou atentamente o ladrão idoso.

O mensageiro do Justo havia aguardado enquanto o Príncipe lia a missiva. Agora, os olhos do Príncipe estavam sobre ele.

— Conhece o conteúdo desta mensagem?

— Não em detalhes. Quem me deu a mensagem foi bastante claro quanto às instruções. —Na frente de Arutha, o velho ladrão, já sem muita agilidade devido a idade, esfregou distraidamente a careca. — Disse para transmitir que o rapaz poderá levá-lo sem dificuldades até o lugar aí indicado, Vossa Alteza. Também pediu para dizer que todos já sabem sobre o que aconteceu ao rapaz; os Zombadores consideram o assunto encerrado. — O homem olhou de relance para Jimmy, piscando o olho. O garoto, que estava afastado, suspirou de alívio ao ouvir aquelas palavras. A piscada de olho lhe transmitiu a mensagem de que, embora nunca mais pudesse voltar a fazer parte dos Zombadores, não lhe seria negada a possibilidade de andar nas ruas da cidade; além disso, mostrava que o velho Alvarny, o Veloz, ainda era seu amigo.

— Diga ao seu senhor que fiquei satisfeito com esta rápida resolução — disse Arutha. — Diga também que esta noite concluiremos este assunto. Ele irá entender. — Arutha fez sinal a um guarda para que acompanhasse Alvarny; então, virando-se para Gardan, acrescentou: — Selecione uma companhia de seus homens de confiança e de Batedores que ainda se encontrem na guarnição. Os que estiverem há pouco tempo a nosso serviço

serão dispensados. Um a um, instrua a todos para que se concentrem no portão de trás, ao pôr do sol. Sozinhos ou em grupos de dois, quero que avancem para a cidade usando caminhos diferentes. Fiquem atentos a sinais, caso alguém os esteja seguindo. Diga para permanecerem por lá; para jantarem, como se estivessem de folga, embora a ingestão de bebidas deva ser simulada. À meia-noite, todos devem se reunir no Papagaio Arco-Íris. — Gardan bateu continência e saiu. Quando Arutha e o rapaz ficaram sozinhos, o Príncipe disse: — Você certamente acha que fui cruel ao lidar com a sua situação.

O rosto de Jimmy transpareceu surpresa.

— Não, Vossa Alteza. Só achei um pouco estranho, só isso. Antes de tudo, lhe devo a minha vida.

— Fiquei com medo que você se ressentisse do fato de ter sido retirado da única família que conhecia. — Jimmy encolheu os ombros para minimizar a importância do comentário. — Quanto a dever sua vida a mim… — Recostou-se, sorrindo com um dedo encostado no rosto. — Estamos quites, Escudeiro James, pois, se você não tivesse agido com velocidade na outra noite, a esta hora eu já não teria cabeça.

Ambos sorriram.

— Se estamos quites, para quê o título? — perguntou Jimmy.

Arutha se lembrou da promessa feita ao Justo.

— Considere-o como uma forma de manter você sob meus olhos. Você tem liberdade de movimentos, desde que cumpra seus deveres de Escudeiro; no entanto, se os cálices de ouro desaparecerem da despensa, eu próprio vou arrastá-lo até as masmorras. — Jimmy voltou a rir, mas a voz de Arutha ganhou um tom mais triste: — Além disso, também temos a questão de alguém que levou a melhor contra um assassino no telhado de certo comerciante no início desta semana. Você nunca me explicou por que escolheu vir me trazer as informações sobre o Falcão Noturno ao invés de comunicá-las à guilda, como era seu dever.

Jimmy olhou para Arutha com um olhar muito mais maduro do que se poderia esperar de seu rosto jovem.

— Na noite da sua fuga de Krondor com a Princesa — respondeu, afinal —, confrontei-me nas docas com uma companhia inteira de cavaleiros do Guy, o Negro, que se interpunha entre mim e a liberdade. Você me atirou sua espada antes de ter certeza de que estava em segurança. Enquanto estivemos

enclausurados em nosso refúgio, ensinou-me a manejar a espada. Sempre falou comigo com a mesma delicadeza com que falava com os outros. — Fez uma pausa por um instante. — Você me tratou como amigo. Eu… tive poucos amigos, Vossa Alteza.

Arutha mostrou que entendia:

— Também são poucos aqueles que considero verdadeiros amigos: minha família, os magos Pug e Kulgan, o Padre Tully e Gardan. — Sua expressão ganhou alguma ironia. — Laurie se revelou mais do que um simples membro da corte e talvez venha a se comprovar um bom amigo. Sou capaz até de ir mais longe a ponto de considerar o pirata Amos Trask como um verdadeiro amigo. Pois bem, se Amos pode ser amigo do Príncipe de Krondor, o que impede Jimmy, a Mão, de ser também?

Jimmy sorriu de orelha a orelha e seus olhos pareceram ficar úmidos.

— Sem dúvida, o que impede? — Engoliu em seco e voltou a colocar sua máscara. — O que aconteceu a Amos?

Arutha recostou-se.

— Da última vez em que o vi estava roubando o navio do Rei. — Jimmy deu uma gargalhada. — Desde então não temos mais notícias dele. Como eu queria ter aquele cortador de gargantas para me aconselhar esta noite.

O sorriso de Jimmy desapareceu.

— Detesto trazer este assunto à tona, mas o que faremos se nos depararmos com outra daquelas malditas criaturas que não morrem?

— Nathan acha improvável. Crê que só aconteceu porque a sacerdotisa invocou aquela coisa, trazendo-a de volta. Além disso, não posso esperar que os templos julguem apropriado me ajudar. Somente aquele sacerdote da morte, Julian, me ofereceu ajuda.

— E já vimos a ajuda que dão aqueles que servem Lims-Kragma — acrescentou Jimmy, seco. — Esperemos que o Padre Nathan tenha razão naquilo que diz.

Arutha levantou-se.

— Ande, vamos descansar o que pudermos, pois a noite trará trabalhos sanguinários.

Durante a noite, grupos de soldados, vestidos com os trajes comuns de mercenários, perambularam pelas ruas de Krondor, passando uns pelos outros sem darem a entender que se conheciam, até que, três horas após a

meia-noite, mais de uma centena de homens se reuniu no Papagaio Arco-Íris. Foram, então, distribuídos os tabardos dos uniformes tirados de grandes sacos, para que os soldados voltassem a vestir as cores do Príncipe durante o ataque.

Jimmy entrou na companhia de dois homens vestidos com o traje simples dos habitantes da floresta, membros da companhia de elite de Arutha de batedores do Exército, os Batedores Reais. O Batedor mais velho bateu continência.

— Este jovem tem olhos de lince, Vossa Alteza. Percebeu por três vezes que nossos homens estavam sendo seguidos até a estalagem.

Quando Arutha olhou para eles com um ar curioso, Jimmy disse:

— Dois deles eram mendigos que eu conhecia e foram fáceis de interceptar e afugentar; já o terceiro… pode ser que só nos tenha seguido para ver o que estava acontecendo. Seja como for, quando bloqueamos o seu caminho em uma rua, sutilmente, eu garanto, afastou-se tomando uma direção diferente. Pode até ser que não seja nada de mais.

— Mas também pode ter um significado relevante — contrapôs Arutha. — Porém não podemos fazer mais nada. Mesmo que os Falcões Noturnos saibam que estamos preparando algo, não sabem do que se trata. Veja isto — disse para Jimmy, apontando para um mapa na mesa à sua frente. — Este mapa me foi dado pelo Arquiteto Real. É antigo, mas em sua opinião representa de maneira bem fiel a rede de esgotos.

Jimmy examinou-o por algum tempo.

— Talvez fosse fiel, há uns vinte anos. — Indicou um ponto no mapa e depois outro. — Aqui a parede ruiu e, embora os esgotos continuem a correr, a passagem é estreita demais para um homem. Aqui existe um túnel novo, escavado por um curtidor que pretendia despachar dejetos de forma mais rápida. — Jimmy estudou o mapa um pouco mais, até que disse: — Há por aí tinta e pena ou carvão? — Surgiu um pedaço de carvão e o rapaz desenhou marcas no mapa. — O amigo Lucas tem uma passagem para os esgotos no porão dele.

De trás do balcão, o queixo do velho estalajadeiro caiu ao ouvir aquela revelação.

— O quê? Como sabe disso?

Jimmy fez uma careta.

— Os telhados não são a única Via dos Ladrões. Daqui — indicou o

mapa — podem se deslocar companhias até estes dois pontos. As saídas dos porões do reduto dos Falcões Noturnos estão engenhosamente localizadas. Cada saída dá para um túnel que não tem ligação direta com os demais. As portas podem estar a poucos metros, mas são metros de paredes sólidas de tijolo e pedra, com quilômetros de esgotos tortuosos a percorrer para ir de uma à outra. Pode demorar uma hora para encontrar o caminho entre elas. Esta terceira é que é problemática. Desemboca perto de uma ampla plataforma com uma dúzia de túneis por onde podem fugir, e são muitos para que possamos bloqueá-los.

Gardan, que olhava por cima do ombro do rapaz, disse:

— O que significa que o ataque tem de ser coordenado. Jimmy, é possível ouvir se alguém está passando por uma das portas se estivermos na outra?

— Acho que sim — Jimmy respondeu. — Se conseguirem fazer alguém chegar até o topo das escadas, com certeza. Em especial a esta hora da noite. Ficariam admirados com os ruídos que chegam das ruas durante o dia; à noite então…

Arutha dirigiu-se aos dois Batedores:

— A partir deste mapa conseguem encontrar esses dois pontos? — Os dois responderam afirmativamente. — Ainda bem. Cada um de vocês irá guiar um terço dos homens até uma dessas duas entradas. O outro terço irá comigo e com Gardan. Jimmy será nosso guia. Posicionem os homens, mas não entrem no porão desse edifício, a menos que descubram vocês ou se ouvirem nosso grupo atacar os que se encontram lá dentro. Nesse momento, avancem a toda a velocidade. Gardan, os que ficarem na rua devem se posicionar. Entendido?

— Todos já foram instruídos — respondeu Gardan. — Ao primeiro indício de problemas, não permitirão que ninguém saia desse edifício a menos que vista seu tabardo e seja reconhecido. Tenho trinta arqueiros posicionados nos telhados de todos os lados para desencorajar aqueles que procurarem uma forma rápida de sair dali. Um arauto com uma trombeta fará soar o alarme e, nesse caso, sairão do palácio duas companhias de cavalaria. Não demorarão mais do que cinco minutos para chegar até nós. Eles têm ordens para derrubar todos os que encontrarem na rua e que não pertençam à nossa companhia.

Arutha vestiu um tabardo, atirando um a Jimmy e outro a Laurie. Depois que todos estavam vestidos com o roxo e preto do Príncipe, Arutha disse:

— Está na hora.

Os Batedores guiaram os dois primeiros grupos até o porão sob a estalagem. Depois, foi a vez de Jimmy guiar o grupo do Príncipe. Levou-os até a passagem por trás de um barril falso na parede, conduzindo-os por escadas estreitas até os esgotos. O fedor levou alguns soldados a arquejar e a soltar palavrões em voz baixa, mas bastou uma única palavra de Gardan e a ordem voltou às fileiras. Acenderam várias lamparinas. Jimmy gesticulou, indicando que deviam formar uma única fila, e levou a companhia do Príncipe em direção ao Bairro dos Mercadores da cidade.

Após quase meia hora de caminho, passando por canais que se deslocavam devagar levando dejetos e lixo rumo ao porto, aproximaram-se da ampla plataforma. Arutha deu ordens para que fechassem as portinholas das lamparinas. Jimmy avançou. O Príncipe tentou seguir seus movimentos, admirado, pois a escuridão parecia engoli-lo. Arutha esforçou-se para ouvi-lo, mas Jimmy não fazia barulho algum. Para os soldados que aguardavam, o mais estranho sobre o esgoto era o silêncio, quebrado somente pelo som da água correndo lentamente. Todos os soldados tiveram o cuidado de abafar o rangido das armaduras e armas para não alertarem um possível vigia dos Falcões Noturnos.

Jimmy retornou pouco depois, gesticulando para que um único guarda ficasse ao fundo das escadas que davam para o edifício. Com a boca junto ao ouvido de Arutha, segredou:

— Não conseguirá que um de seus homens se aproxime sem que o sentinela faça soar o alarme. Só eu tenho chances de conseguir. Venham depressa assim que ouvirem o início da luta.

Jimmy tirou o punhal da bota e esgueirou-se. De repente, ouviu-se um grunhido de dor e Arutha e os homens partiram, pondo de lado a preocupação em não fazer barulho. O Príncipe foi o primeiro a chegar até o rapaz, que se debatia com um forte guarda. O jovem surgira por trás do homem, saltando e agarrando-o pelo pescoço; contudo, mal conseguira feri-lo com o punhal, que jazia nas pedras do chão. O homem estava praticamente azul por estar sendo sufocado; ainda assim, tentava esmagar Jimmy contra a parede. Arutha encerrou a luta com um único golpe de espada e o homem deslizou silenciosamente até o chão. Jimmy largou-o, esboçando um tímido sorriso. Apanhara bastante.

— Fique aqui — Arutha sussurrou ao garoto, e indicou aos homens que o

seguissem.

Ignorando a promessa feita a Volney de aguardar enquanto Gardan conduzia o assalto, Arutha subiu as escadas em silêncio. Parou em frente a uma porta de madeira com um único ferrolho corrediço, encostou o ouvido e escutou. As vozes abafadas que ouviu do outro lado levaram-no a levantar a mão, advertindo seus homens. Gardan e os demais abrandaram o passo.

Arutha fez deslizar o ferrolho com cuidado, empurrando a porta devagar. Espiou para dentro de um grande porão bem iluminado. Ao redor de três mesas havia cerca de uma dúzia de homens armados. Vários limpavam armas e armaduras. O cenário fazia lembrar uma sala de convívio de soldados, e não um simples porão. O que Arutha considerou mais incrível foi o fato de aquele lugar se situar debaixo do bordel mais suntuosamente adornado e de maior sucesso da cidade, a Casa dos Salgueiros, frequentada pelos mercadores mais abastados, bem como por grande parte da pequena nobreza de Krondor. Arutha compreendia perfeitamente como os Falcões Noturnos tinham conseguido tantas informações sobre o palácio e suas próprias idas e vindas. Muitos eram os membros da corte que deveriam se gabar do conhecimento de um ou outro "segredo" como forma de impressionar sua meretriz. Bastava alguém do palácio ter feito uma referência fortuita quanto ao fato de Gardan ter planejado se encontrar com o Príncipe no portão oriental para que o assassino tivesse conhecimento do percurso de Arutha naquela noite no início da semana.

Bruscamente, surgiu uma figura no campo de visão de Arutha que levou o Príncipe a conter sua respiração. Um guerreiro moredhel aproximou-se de um homem que estava sentado lustrando um sabre e lhe falou em voz baixa. O homem acenava com a cabeça enquanto o Irmão das Trevas prosseguia. De súbito, girou sobre si próprio. Apontou diretamente para a porta e abriu a boca para falar. Arutha não hesitou. Gritou *Agora!* e investiu.

O porão se transformou em uma bagunça. Aqueles que, momentos antes, estavam ociosamente sentados, pegavam em armas e respondiam ao ataque. Outros saíam apressados por portas que levavam ao bordel acima ou a outras partes do esgoto, mais abaixo. De cima, os gritos e berros indicavam clientes alarmados pelos assassinos em fuga. Aqueles que tentavam escapar pelas saídas dos esgotos eram rapidamente rechaçados nas escadas e obrigados a entrar novamente no porão pelas outras unidades da força invasora de Arutha.

Arutha esquivou-se de um golpe do guerreiro moredhel e saltou para a

esquerda, enquanto soldados abriam caminho até o centro do cômodo, separando o Príncipe do Irmão das Trevas. Os poucos assassinos que se mantiveram firmes atacaram os homens de Arutha com uma indiferença absoluta por suas próprias vidas, forçando os soldados a matá-los. O moredhel era a única exceção, pois parecia enfurecido em sua tentativa de alcançar o Príncipe.

— Prendam-no com vida! — Arutha gritou.

Logo o moredhel era o único Falcão Noturno presente, encurralado contra a parede e detido. Arutha aproximou-se dele. O elfo negro fixou o olhar no Príncipe, demonstrando puro ódio no rosto. Deixou que o desarmassem vendo Arutha também colocar a espada na bainha. Nunca antes Arutha estivera tão perto de um moredhel vivo. O parentesco que os ligava aos elfos era inquestionável, embora o cabelo e os olhos dos elfos fossem mais claros. Como Martin mencionara mais de uma vez, os moredhel eram uma raça de grande beleza, ainda que de alma sombria. Foi então que, quando um soldado se inclinou para verificar se o moredhel trazia armas na bota, a criatura deu uma joelhada no rosto do guarda, empurrou o outro e saltou para Arutha. O Príncipe mal teve tempo de se esquivar das mãos que se estendiam para o seu rosto. Desviou-se para a esquerda e viu o moredhel ficar rígido quando a espada de Laurie acertou-o no peito. Mesmo caindo ao chão, em um derradeiro espasmo o moredhel esticou-se e tentou arranhar a perna de Arutha. Laurie chutou as mãos da criatura, desviando o débil movimento.

— Fique atento às unhas. Vi que brilhavam quando ele permitiu que o desarmássemos — disse o cantor.

Arutha agarrou um dos pulsos do moredhel e inspecionou atentamente a sua mão.

— Cuidado com a maneira como segura — advertiu Laurie. Arutha reparou nas ínfimas agulhas cravadas nas unhas do Irmão das Trevas, todas com pintas escuras nas extremidades. Laurie disse: — É um antigo truque de prostitutas, embora só aquelas com algum ouro e um amigo cirurgião consigam fazê-lo. São para o caso de algum homem tentar sair sem pagar, ou para o caso de ter propensão a espancar suas prostitutas; basta um arranhão para que esse homem deixe de ser um problema.

Arutha olhou para o cantor.

— Estou em dívida com você.

— Que Banath nos proteja!

Arutha e Gardan viraram-se e viram que Jimmy se aproximara de um homem tombado, louro e bem-vestido. Olhava espantado para o assassino morto.

— Dourado — disse em voz baixa.

— Conhecia esse homem? — perguntou Arutha.

— Era um Zombador — respondeu Jimmy. — Nunca na vida desconfiaria dele.

— Não restou nenhum vivo? — questionou o Príncipe, furioso, pois tinha dado ordens para que fosse capturado o maior número possível de inimigos.

Gardan, que estivera ouvindo relatos de seus homens, disse:

— Vossa Alteza, havia trinta e cinco assassinos neste porão e nos quartos lá em cima. Todos lutaram de tal forma que não deram alternativa aos nossos homens senão matá-los, ou então matavam uns aos outros e depois se lançavam sobre as próprias armas. — Gardan mostrou algo ao Príncipe. — Todos usavam isto, Alteza. — Ele tinha na mão um falcão de ébano em uma corrente de ouro.

De repente, fez-se silêncio, não como se os homens tivessem parado de se movimentar, mas como se ouvissem algo e todos houvessem estacado de imediato para escutar. Porém não havia som algum. Houve um inusitado som amortecido, como se uma presença pesada e opressiva tivesse penetrado naquele espaço e uma entidade sobrenatural tivesse descido sobre Arutha e seus homens por um breve instante. Foi então que o porão ficou gelado. Arutha sentiu os pelos da nuca se arrepiarem; então foi invadido por um temor primitivo. Algo estranhíssimo penetrara ali, um mal invisível, ainda que palpável. Quando Arutha se virou para dizer algo a Gardan e aos demais, um soldado gritou:

— Vossa Alteza, creio que este esteja vivo. Ele se mexeu! — Parecia ansioso por agradar seu Príncipe. Logo outro soldado disse:

— Este também se mexeu! — Arutha viu os dois soldados se inclinarem sobre os assassinos caídos.

Todos os que se encontravam no porão arquejaram horrorizados quando um dos cadáveres se mexeu, lançando a mão para cima e agarrando o pescoço do soldado ajoelhado ao seu lado. O cadáver sentou-se, forçando o soldado a se erguer. Pelo porão, ecoou o terrível estalo úmido da garganta do soldado sendo esmagada. O outro cadáver ficou em pé de um salto e enterrou os dentes no pescoço do segundo guarda, rasgando-lhe a garganta, enquanto

Arutha e seus homens permaneciam petrificados em um silêncio horrorizado. O primeiro assassino morto atirou o soldado estrangulado para o chão e virou-se. Fixando olhos brancos como leite no Príncipe, o homem morto sorriu. Como se surgisse de muito longe, ouviu-se uma voz de sua goela aberta:

— Voltamos a nos encontrar, Senhor do Ocidente. Será que agora meus servos o terão? Você não trouxe seus sacerdotes intrometidos. Ergam-se! Ergam-se, meus filhos! Ergam-se para matar!

Por todo o porão, cadáveres começaram a estremecer e a se mexer, enquanto os soldados exclamavam e dirigiam preces a Tith, o deus dos soldados. Um deles pensou rápido e decepou a cabeça do segundo cadáver quando este começou a se erguer. O corpo sem cabeça estremeceu e caiu para logo começar a se levantar mais uma vez enquanto a cabeça rolava e vociferava imprecações mudas. Como marionetes grotescas manipuladas por um titereiro louco, os corpos se ergueram, entre tremores e espasmos. Jimmy, com a voz quase trêmula, disse:

— Talvez houvesse sido melhor ter aguardado a vontade dos templos.

— Protejam o Príncipe! — gritou Gardan, e logo saltaram homens para cima dos cadáveres animados. Como algozes enlouquecidos em um curral de gado, os soldados começaram a golpear em todas as direções. O sangue salpicava as paredes e todos os que se encontravam presentes, mas os corpos não paravam de se erguer.

Os soldados escorregavam no sangue e eram dominados por aquelas mãos frias e viscosas que prendiam braços e pernas. Alguns conseguiam emitir gritos sufocados quando dedos mortos apertavam sua garganta ou quando dentes mordiam sua carne com força.

Os soldados do Príncipe de Krondor esquartejavam e golpeavam, lançando membros pelo ar; as mãos e braços caíam pesadamente no chão, contorcendo-se como peixes sangrando fora d’água. Arutha sentiu que lhe puxavam a perna. Ao olhar para baixo, viu uma mão decepada agarrada a seu tornozelo. Um pontapé violento enviou pelo ar a mão, que bateu na parede oposta.

— Saiam e mantenham as portas fechadas! — gritou o Príncipe.

Os soldados praguejavam enquanto abriam caminho por meio de golpes e chutes através do sangue e da carne transformada em polpa. Muitos deles, calejados veteranos, estavam prestes a entrar em pânico. Nada em suas vidas

os preparara para o horror que enfrentavam naquele porão. Sempre que abatiam um corpo, este voltava a tentar se levantar a todo custo. Sempre que um amigo sucumbia, permanecia no chão.

Arutha conduziu-os até a porta que levava ao piso de cima, a saída mais próxima. Jimmy e Laurie seguiram-no. Arutha deteve-se para decepar outro corpo que se erguia e Jimmy passou correndo pelo Príncipe, alcançando a porta primeiro e praguejando ao olhar para cima. Aos tropeções, pela escada vinha o cadáver de uma bela mulher que vestia um comprido vestido transparente, rasgado ao meio e com uma mancha de sangue na cintura se alastrando. Seus olhos brancos e inexpressivos fixaram Arutha no fundo das escadas e ela guinchou, deliciada. Jimmy esquivou-se de um golpe desajeitado, levando o ombro ao estômago ensanguentado da mulher e gritando:

— Cuidado com as escadas! — Ambos caíram e o rapaz foi o primeiro a se levantar, passando por ela atrapalhadamente.

Ao voltar o olhar para o porão, Arutha viu seus homens serem derrubados. Gardan e vários soldados tinham alcançado a segurança das portas mais distantes e tentavam fechá-las, enquanto os que ficaram para trás, e tentavam alcançá-los desesperadamente, eram puxados. Alguns homens valorosos empurravam as portas para mantê-las fechadas por dentro, ignorando a evidente sentença de morte. O chão era um mar de sangue e entranhas, úmido e traiçoeiro, o que levava muitos soldados a escorregar e cair, para não mais se levantar. Partes decepadas de corpos pareciam voltar a se unir e os cadáveres se erguiam outra vez. Recordando a criatura no palácio e como ganhara força com o tempo, Arutha bradou:

— Tranquem as portas!

Laurie saltou escada acima e golpeou a prostituta sorridente que de novo se erguera. A cabeça loura passou rolando por Arutha, que subia as escadas correndo atrás de Jimmy e do cantor.

Chegando ao piso térreo da Casa dos Salgueiros, Arutha e os companheiros foram recebidos pela visão de soldados se debatendo com mais corpos animados. As companhias de cavalaria tinham chegado, desimpedindo as ruas e entrando no edifício. Contudo, também estes soldados, como os que tinham atacado lá em baixo, não estavam preparados para lutar com adversários mortos. Na parte exterior da porta principal, vários cadáveres, empalados por dezenas de flechas, tentavam se levantar. Cada vez que algum

tentava se erguer, surgia uma chuva de flechas, vindas da escuridão, que voltava a derrubá-lo.

Jimmy olhou ao redor e saltou para cima de uma mesa. Com um pulo digno de acrobata, passou por cima de um guarda que estava sendo estrangulado por um Falcão Noturno morto, agarrando-se a uma decoração na parede. A tapeçaria aguentou seu peso por um momento, até que a sala foi invadida pelo som de tecido se rasgando. A tapeçaria se desprendia das fixações no alto. Metros de tecido delicado caíram em cima de Jimmy, que se desvencilhou rapidamente. Agarrou a maior quantidade de tecido que conseguiu e arrastou a tapeçaria até a grande lareira no salão principal do bordel. Largou-a no fogo. Em seguida, começou a derrubar tudo o que pudesse queimar. Em poucos minutos, as labaredas começaram a se espalhar pela sala.

Arutha empurrou um corpo e arrancou outra tapeçaria, que atirou a Laurie. O trovador se abaixou quando um assassino falecido se precipitou sobre ele, enrolando o cadáver no tecido. Fazendo a criatura morta girar, Laurie envolveu-a em pano e, com um chute, mandou-a aos tropeções para onde Jimmy se encontrava. Jimmy saltou para o lado, deixando que a criatura presa no tecido tropeçasse nas chamas que depressa se alastravam e deu-lhe uma rasteira. O homem falecido caiu nas chamas e começou a guinchar de raiva.

O calor na sala se tornava insuportável, tal como a fumaça sufocante. Laurie correu para a porta, detendo-se na soleira.

— O Príncipe! — gritou para os arqueiros em cima dos edifícios circundantes. — O Príncipe vai sair!

— Depressa! — ouviu-se o grito em resposta no exato momento em que uma seta derrubou um cadáver que se erguia a poucos metros de Laurie.

Arutha e Jimmy saíram pela porta iluminada pelo fogo, seguidos por alguns soldados que tossiam.

— Para cá! — Arutha gritou.

De imediato, uma dúzia de guardas se precipitou pela rua, passando por valetes trazidos para tomarem conta das montarias da cavalaria. O fedor de sangue e corpos carbonizados e o calor vindo do fogo faziam os cavalos puxarem as rédeas enquanto os valetes se afastavam com eles.

Quando os guardas chegaram até Arutha, pegaram cadáveres cravejados de setas e, pelas janelas, os atiraram no fogo. A noite foi invadida por

guinchos de cadáveres queimando.

Um Falcão Noturno morto saiu aos tropeções pela porta, o flanco esquerdo em chamas e os braços estendidos como se quisesse abraçar Arutha. Dois soldados o agarraram e o atiraram de volta no fogo pela porta, indiferentes às queimaduras que sofreram ao fazê-lo.

Arutha afastou-se da porta ao mesmo tempo que seus soldados impediam a fuga dos cadáveres que procuravam sair daquele inferno. Atravessou a rua enquanto as chamas engoliam o bordel mais requintado da cidade.

— Envie um recado aos que se encontram nos esgotos para que nada saia do porão — disse, dirigindo-se a um soldado, que bateu continência e partiu correndo.

Não demorou para que a casa se tornasse uma torre de chamas, iluminando a área ao redor como se fosse dia. Os edifícios vizinhos começaram a cuspir seus habitantes para a rua, pois o fogo ameaçava propagar-se por todo o quarteirão. Arutha deu ordens para que os soldados formassem filas de baldes e encharcassem os edifícios de ambos os lados da Casa dos Salgueiros.

Ainda não passara meia hora desde o início do incêndio quando se ouviu um grande estrondo e uma explosão de fumaça se espalhou indicando que o piso principal cedera e o edifício ruíra.

— O problema daquelas criaturas no porão está resolvido — disse Laurie.

O rosto de Arutha ganhou um semblante carregado ao constatar:

— Alguns bons homens não conseguiram sair lá de baixo.

Jimmy permanecia petrificado com a visão, com o rosto manchado de fuligem e sangue. Arutha pousou a mão no ombro do rapaz.

— Você esteve à altura, mais uma vez.

Jimmy só conseguiu acenar com a cabeça.

— Preciso de uma bebida forte — Laurie falou — Deuses, jamais conseguirei tirar aquele fedor do nariz.

— Voltemos ao palácio — concordou Arutha. — O trabalho desta noite está feito.

6

Recepção

Jimmy puxou o colarinho.

O Mestre de Cerimônias Brian deLacy bateu no chão da sala de audiências com o bastão e o rapaz levantou os olhos, olhando em frente. Com idades compreendidas entre os catorze e os dezoito anos, os escudeiros da corte de Arutha recebiam instruções quanto aos deveres que lhes cabia realizar durante a celebração iminente do casamento de Anita e Arutha. O velho Mestre, um homem que falava devagar, impecavelmente vestido, dizia:

— Escudeiro James, se não consegue ficar quieto, teremos de atribuir-lhe um dever um pouco mais ativo, como, por exemplo, levar recados entre o palácio e os alojamentos mais afastados da cidade. — Ouviu-se um gemido quase imperceptível, pois os nobres que os visitavam estavam sempre enviando recados inconsequentes de um lado para outro e os alojamentos externos, onde muitos deles seriam instalados, podiam ficar a mais de um quilômetro do palácio. Tal função implicava correr sem parar para lá e para cá ao longo de dez horas diárias. Mestre deLacy virou-se para o autor do lamento e acrescentou: — Escudeiro Paul, talvez seja seu desejo acompanhar o Escudeiro James? — Não ouvindo qualquer resposta, prosseguiu: — Muito bem. Aqueles que aguardam parentes que venham assistir à celebração saibam desde já que será solicitado a todos que executem tais funções em turnos. — Perante esse anúncio, todos os rapazes gemeram, praguejaram e arrastaram os pés. Uma vez mais, o bastão bateu com força no piso de madeira. — Ainda não são duques, condes e barões! Um ou dois dias de

serviço não vão matá-los. No entanto, serão tantas as pessoas no palácio que os serviçais, porteiros e pajens não conseguirão cumprir todas as exigências.

Outro dos novos rapazes, o Escudeiro Locklear, filho mais novo do Barão do Limiar da Terra, indagou:

— Senhor, qual de nós estará presente no casamento?

— Tudo a seu tempo, rapaz. Todos irão acompanhar convidados aos seus lugares no grande salão e no salão de banquetes. Durante a cerimônia, ficarão todos respeitosamente ao fundo do grande salão, por isso poderão assistir ao casamento.

Um pajem entrou correndo e entregou ao Mestre um bilhete, saindo às pressas sem esperar pela resposta. Mestre deLacy o leu, dizendo em seguida:

— Tenho de me preparar para a recepção ao Rei. Já sabem todos onde devem estar hoje. Voltamos a nos encontrar aqui quando o Rei e Sua Alteza estiverem reunidos em conselho esta tarde. Quem se atrasar terá um dia adicional de serviço levando recados aos alojamentos externos. Isso é tudo, por ora. — Enquanto se afastava, era possível ouvi-lo murmurar: — Tanto para fazer e tão pouco tempo.

Os rapazes começaram a se dispersar, porém, quando Jimmy estava se afastando, uma voz atrás dele bradou:

— Ei, novato!

Jimmy virou-se, tal como dois outros rapazes perto dele, mas quem falara tinha os olhos fixos nele. Jimmy aguardou, ciente do que o esperava. Seu lugar na ordem de escudeiros estava prestes a ser determinado.

Como Jimmy não se mexeu, Locklear, que também parara, apontou para si próprio e deu um passo hesitante na direção do interpelante. Este, um rapaz alto e ossudo de dezesseis ou dezessete anos, retrucou:

— Não você, rapaz. Estou falando com aquele moleque. — Apontou para Jimmy.

O rapaz que falara trajava o uniforme castanho e verde dos escudeiros da casa, mas o seu apresentava um corte mais perfeito do que os uniformes de grande parte dos outros rapazes; era evidente que dispunha de fundos para mandar fazer o uniforme na medida certa. Em sua cintura, via-se uma adaga cujo cabo tinha joias incrustadas; suas botas estavam tão polidas que brilhavam como metal reluzente. Tinha o cabelo cor de palha cortado com precisão. Sabendo que se tratava do valentão do grupo, Jimmy revirou os olhos e suspirou. Seu uniforme não lhe assentava bem, as botas o

machucavam e o flanco, que ainda não sarara, coçava constantemente. Para piorar, não estava de bom humor. O melhor é acabar depressa com o assunto, pensou.

Jimmy avançou devagar para o rapaz mais velho, chamado Jerome. Sabia que o pai de Jerome era o Escudeiro de Ludland, um povoado na costa ao norte de Krondor, título de pouca relevância, mas que atraía riqueza para o portador. Quando Jimmy parou à sua frente, perguntou:

— Sim?

Com um sorriso de desprezo, Jerome disse:

— Não nutro grande simpatia por você, camarada.

Aos poucos, Jimmy esboçou um sorriso, dando um soco repentino no estômago de Jerome. O rapaz mais alto dobrou-se e caiu no chão. Contorceu-se por alguns instantes antes de se levantar gemendo.

— Por que… — começou a dizer, porém se deteve ao ver Jimmy à sua frente, com uma adaga na mão. Jerome levou a mão ao cinto para desembainhar sua arma, mas não a encontrou. Olhou para baixo e para todos os lados, em desespero.

— Acho que é isto que está faltando — disse Jimmy animadamente, mostrando a adaga e revelando o cabo com joias. Jerome arregalou os olhos. Jimmy atirou a adaga com um movimento leve de pulso e a lâmina ficou estremecendo no chão entre as botas de Jerome. — E meu nome não é "camarada". Eu me chamo Escudeiro James e sou o escudeiro do Príncipe Arutha.

Jimmy saiu do salão sem demora. Percorridos alguns metros, o rapaz chamado Locklear alcançou-o e se pôs a caminhar a seu lado.

— Aquilo foi incrível, Escudeiro James — disse o outro rapaz recém-chegado. — Jerome está fazendo os novatos passarem por maus bocados.

Jimmy parou, sem disposição para aquela conversa.

— Isso acontece porque vocês deixam, rapaz. — Locklear recuou e começou a balbuciar uma desculpa. Jimmy levantou a mão. — Espere um pouco. Não tive intenção de ser rude com você. É que tenho mais no que pensar. Olhe, Locklear, não é?…

— Meus amigos me chamam de Locky.

Jimmy o observou. Era um menino baixinho, ainda lembrando mais o bebê que fora do que o homem que se tornaria. Tinha grandes olhos azuis e um rosto moreno, além de cabelo castanho no qual surgiam mechas douradas.

Jimmy sabia que ainda havia poucas semanas o rapaz brincava na areia com os rapazes do povo, na praia junto ao castelo rústico de seu pai.

— Locky — disse Jimmy —, quando aquele idiota começar a aborrecer você, dê-lhe um chute nas partes baixas. Isso deve ser o bastante para lidar com ele. Olhe, agora não posso conversar. Tenho de ir à recepção ao Rei. — Jimmy afastou-se a passos rápidos, deixando para trás um rapaz pasmo.

Jimmy não parava quieto. Odiava o colarinho excessivamente apertado de sua nova túnica. Ao menos, Jerome servira para lhe mostrar que não tinha de suportar um mau alfaiate. Assim que pôde, esgueirou-se do palácio por algumas horas e visitou os três esconderijos que possuía espalhados pela cidade. Lá, tinha escondido ouro suficiente para mandar fazer uma dúzia de roupas. Ser nobre tinha inconvenientes que jamais lhe haviam passado pela cabeça.

— O que foi, rapaz?

Jimmy olhou para cima e viu o olhar minucioso de um idoso alto de cabelo grisalho escuro. Ele examinou Jimmy com um olhar experiente e Jimmy o reconheceu: era Fannon, o Mestre de Armas de Crydee, um dos velhos companheiros de Arutha. Chegara por mar na maré da tarde anterior.

— É este colarinho enorme, Mestre de Armas. E estas botas novas machucam meus pés.

Fannon acenou a cabeça.

— Bom, temos de manter as aparências, ainda que possamos nos sentir desconfortáveis. Mas enfim o Príncipe está chegando.

Arutha saiu pelas grandes portas do palácio, parando no centro da multidão reunida para receber o Rei. Uma escadaria com enormes degraus levava à praça da parada. Para além dessa praça, depois dos enormes portões de ferro, em outra ampla praça da cidade, as barracas de vendedores ambulantes haviam sido retiradas. Soldados krondorianos formavam alas que se estendiam ao longo da estrada da cidade até o palácio e, atrás deles, encontravam-se os cidadãos que desejavam ver o Rei. Somente uma hora antes tinha chegado a informação de que a coluna de Lyam fora avistada se aproximando da cidade, ainda que os cidadãos tivessem começado a se juntar antes de o sol raiar.

Vivas entusiasmados anunciaram a aproximação do Rei e Lyam foi o primeiro a ser avistado, montado em um grande alazão, com Gardan, o

comandante da cidade, cavalgando a seu lado. Atrás deles vinham Martin e os nobres do Reino Oriental que queriam assistir à cerimônia, uma companhia da Guarda Real de Lyam e duas carruagens suntuosamente decoradas. Seguiam-se, então, os Lanceiros de Arutha, com uma caravana de mercadorias fechando o cortejo.

Quando Lyam puxou as rédeas em frente à escadaria, soaram as trombetas. Valetes correram para segurar o cavalo do Rei, enquanto Arutha descia os degraus às pressas para ir ao encontro do irmão. Segundo a tradição, só o Rei estava acima do Príncipe de Krondor, o que significava que o Príncipe, de todos os nobres do Reino, era o único que podia se dirigir a ele com menos cerimônia. Mas, naquele momento, os dois irmãos esqueceram todo e qualquer protocolo e cumprimentaram-se com um abraço. Logo depois de Lyam, Martin foi o segundo a desmontar. Em um instante os três estavam reunidos.

Jimmy ficou vendo Lyam apresentar os companheiros de viagem enquanto as duas carruagens avançavam até a escadaria. As portas da primeira carruagem se abriram e o Escudeiro esticou o pescoço para ver. Uma mulher estonteante desceu e Jimmy fez um aceno com a cabeça, em um expressivo gesto de aprovação. Tendo em conta a forma como cumprimentou Arutha, Jimmy imaginou que se tratasse da Princesa Carline. Jimmy olhou de relance para onde Laurie estava e viu o cantor aguardar com uma expressão de adoração evidente no rosto. O menino confirmou para si: *sim, aquela é Carline*. Atrás dela surgiu um nobre idoso, que Jimmy acreditava ser Lorde Caldric, Duque de Rillanon.

A porta da segunda carruagem se abriu para dela sair uma mulher mais velha. Logo a seguir surgiu uma silhueta familiar e Jimmy sorriu. Sentiu um ligeiro rubor ao avistar a Princesa Anita, por quem outrora acalentara uma grande paixonite. A mulher mais velha devia ser a Princesa Alicia, sua mãe. Enquanto Arutha as cumprimentava, Jimmy recordou-se do tempo em que Anita, Arutha e ele tinham vivido na clandestinidade e o rapaz sorriu sem perceber.

— O que deu em você, Escudeiro?

Jimmy voltou a olhar para o Mestre de Armas Fannon.

— As botas, senhor — disse, disfarçando a agitação que sentia.

— Compreendo, rapaz — Fannon retorquiu —, mas tem de aprender a suportar uma certa dose de desconforto. Não quero desrespeitar seus mestres,

mas está pouco preparado para as funções de escudeiro.

Jimmy assentiu, voltando a olhar para Anita.

— Sou novo nestas coisas, senhor. Até o mês passado era ladrão.

Fannon ficou boquiaberto. Passado pouco tempo, Jimmy sentiu um grande prazer ao dar uma cotovelada delicada nas costelas do homem e dizer:

— O Rei está vindo para cá.

Rapidamente, Fannon olhou para a frente, anos de experiência militar vencendo qualquer outra distração. Lyam aproximou-se com Arutha a seu lado. Martin, Carline e os demais seguiam atrás, em conformidade com a respectiva posição social. Brian deLacy apresentava os membros da corte de Arutha ao Rei, enquanto Lyam ignorava o protocolo dando fortes apertos de mão, chegando até a abraçar várias pessoas que aguardavam ser-lhe apresentadas. Muitos dos senhores do Ocidente eram homens que tinham servido ao lado de Lyam sob o comando de seu pai no decorrer da Guerra do Portal, homens que não o viam desde a coroação. O Conde Volney pareceu envergonhado quando Lyam colocou a mão em seu ombro, dizendo:

— Bom trabalho, Volney. Você manteve o Reino Ocidental em boas condições nesse último ano. — Familiaridades assim excessivas afligiram vários nobres, mas a multidão as adorou, dando vivas ruidosos sempre que Lyam agia como um homem comum cumprimentando velhos amigos, e não como Rei.

Assim que o Rei chegou diante de Fannon, segurou o velho combatente pelos ombros quando este começou a fazer uma reverência.

— Não — disse Lyam em um tom que somente Fannon, Jimmy e Arutha puderam ouvir. — Você, não, meu velho mestre. — Lyam envolveu o Mestre de Armas de Crydee em um abraço apertado, para depois acrescentar rindo: — Mas então, Mestre Fannon, como vai minha terra? Como vai Crydee?

— Bem, Majestade, vai bem. — Jimmy reparou em um ligeiro brilho úmido nos olhos do homem. Foi a vez de Arutha falar:

— Este jovem bandido é o membro mais recente de minha corte, Majestade. Permita que lhe apresente o Escudeiro James de Krondor. — O Mestre deLacy revirou os olhos para o céu ante a usurpação de suas funções.

Jimmy fez uma reverência como tinha aprendido. Lyam agraciou o rapaz com um largo sorriso.

— Já ouvi falar de você, Jimmy, a Mão — disse, ao dar um passo para o lado. De repente, Lyam parou. — É melhor ver se continuo com todos os

meus pertences. — Começou a apalpar o próprio corpo, enquanto Jimmy corava profundamente. No instante em que estava prestes a alcançar o auge do constrangimento, Jimmy viu Lyam olhá-lo de relance, piscando-lhe o olho. Jimmy riu com os demais.

Foi então que, ao se virar, Jimmy deparou com os olhos mais azuis que já vira, ao mesmo tempo que ouvia uma voz feminina dizer:

— Não permita que Lyam o atormente, Jimmy. Ele sempre gostou de implicar. — Jimmy começou a balbuciar algo — fora apanhado de surpresa pelo gracejo do Rei —, executando em seguida uma reverência desajeitada.

— Que bom vê-lo outra vez, Jimmy — disse Martin, dando-lhe um aperto de mão. — Você foi muitas vezes tema de conversa, e tantas outras nos perguntamos como você estaria.

Ele apresentou o rapaz à irmã. A Princesa Carline fez um aceno com a cabeça a Jimmy, dizendo:

— Meus irmãos e a Princesa Anita falaram muito bem a seu respeito. Fico feliz por enfim conhecê-lo.

Todos se afastaram; Jimmy os seguiu com o olhar, atordoado pelos comentários.

— Há um ano que ela tem esse efeito sobre mim — disse uma voz por trás de Jimmy; ele se virou a tempo de reparar que Laurie corria para acompanhar o séquito real que se dirigia à entrada do palácio. O menestrel levou a mão à testa batendo continência para o rapaz, então correu para a multidão, tendo confundido o espanto de Jimmy diante dos comentários de Carline e Martin com assombro pela beleza da Princesa.

Jimmy voltou a dar atenção aos nobres que iam passando e seu rosto se abriu em um enorme sorriso.

— Olá, Jimmy — cumprimentou Anita, que estava à sua frente.

Jimmy fez uma reverência.

— Olá, Princesa.

Anita devolveu-lhe o sorriso.

— Minha mãe, meu senhor Caldric, permitam que lhes apresente um velho amigo: Jimmy — parou e observou a túnica —, que, pelo que vejo, agora é escudeiro.

Jimmy voltou a fazer uma reverência dirigida à Princesa Alicia e ao Duque de Rillanon. A mãe de Anita estendeu a mão e Jimmy pegou-a desajeitadamente.

— Queria agradecer-lhe, meu jovem, pois ouvi dizer que você auxiliou minha filha — comentou Alicia.

Jimmy sentiu que olhavam para ele e corou. Dentro de si, não encontrou o menor vestígio da fanfarronice que o amparara grande parte de sua curta vida. Não podia fazer mais do que ficar ali, desajeitado.

— Mais tarde, lhe faremos uma visita — disse Anita. Então, ela, a mãe e Caldric avançaram. Jimmy permaneceu em um silêncio perplexo.

Não foram feitas mais apresentações enquanto os demais nobres do Reino desfilavam em direção ao grande salão. Após uma curta cerimônia, Lyam devia ser conduzido a seus aposentos privados.

De repente, ouviu-se o som de tambores e gritos na praça; as pessoas apontavam para uma das principais ruas laterais que levavam ao palácio. O séquito real parou antes de entrar. Lyam e Arutha começaram a caminhar de volta até o topo da escadaria e os outros nobres se afastaram às pressas, desfazendo a ordem do cortejo. O Rei e o Príncipe avançaram até onde Jimmy e Fannon estavam e viram surgir uma dúzia de guerreiros a cavalo, todos vestindo peles de leopardo sobre a cabeça e os ombros. Em suas peles escuras cintilavam gotas de suor enquanto aqueles homens de aspecto temível batiam em tambores de cada lado das selas, ao mesmo tempo que conduziam cuidadosamente as montarias com os joelhos. Atrás, seguia outra dúzia de cavaleiros cobertos com peles de leopardo, cada um soprando uma enorme trombeta de bronze que dava voltas em seus ombros. Os tocadores de tambor e os trombeteiros posicionaram os cavalos em duas filas, permitindo que se visse um cortejo de soldados de infantaria. Todos eles usavam um capacete de metal que terminava em um espinho, com uma cota de malha cobrindo o pescoço e uma couraça metálica sobre o peito. Vestiam calças largas enfiadas em botas até os joelhos e cada um segurava um escudo redondo com bordas de metal; de seus cinturões pendiam cimitarras.

— Soldados-cães! — gritou alguém atrás de Jimmy.

Jimmy perguntou a Fannon:

— Por que os chamam assim, Mestre de Armas?

— Porque em Kesh, em tempos antigos, eram tratados como cães, afastados do resto das pessoas até o momento em que os soltavam para atacarem alguém. Atualmente, são chamados assim devido à forma como combatem, lembrando uma matilha de cães, se lhes derem essa oportunidade. É um bando violento, rapaz, mas nós sabemos como lidar com eles.

Os soldados-cães continuaram a marchar até se posicionarem, abrindo passagem para que outros avançassem. Desembainharam as cimitarras e bateram continência quando surgiu a primeira figura. Vinha a pé. Era um homem gigantesco, mais alto e mais encorpado do que o Rei. Sua pele cor de ébano refletia a intensa luz do sol, pois na parte de cima usava somente um colete metálico. Tal como os soldados, vestia calças insólitas e botas; no entanto, no cinto trazia um sabre, uma espada curva com metade do tamanho de uma cimitarra. Tinha a cabeça descoberta e, em vez de um escudo, segurava um bastão ornamentado que indicava o cargo que ocupava. Atrás dele, seguiam quatro homens montados nos pequenos e velozes cavalos dos habitantes do deserto de Jal-Pur. Vestiam-se como os homens do deserto, que, embora avistados ocasionalmente, raramente eram vistos em Krondor: mantos esvoaçantes até os joelhos, feitos de seda cor de anil e abertos na frente, deixando à mostra túnicas e calças brancas, botas altas de montar e, sobre as cabeças, coberturas de um tecido azul enrolado de tal forma que deixavam visíveis somente os olhos. Traziam todos na faixa da cintura uma adaga cerimonial, de cabo e bainha requintadamente esculpidos em marfim. Enquanto o grande homem de tez escura subia os degraus, Jimmy ouvia sua voz grave:

— …perante ele, as montanhas estremecem. As estrelas suspendem seu trajeto e o sol lhe pede permissão para nascer. Ele é a força do Império e de suas narinas sopram os quatro ventos. É o Dragão do Vale do Sol, a Águia dos Picos de Tranquilidade, o Leão de Jal-Pur…

O homem aproximou-se do Rei, atrás do qual Jimmy se encontrava, e, quando se desviou para um dos lados, os outros quatro homens desmontaram e o seguiram pela escadaria. Um deles avançava à frente dos demais; indubitavelmente era o sujeito sobre quem o gigante discursava.

Jimmy olhou para Fannon com uma expressão interrogativa e o Mestre de Armas explicou:

— Etiqueta da corte keshiana.

Lyam teve um repentino ataque de tosse; virou a cabeça para Jimmy e usou a mão para se esconder, de modo a mostrar ao rapaz que estava rindo da observação de Fannon. Recuperando a compostura, Lyam olhou para a frente, enquanto o Mestre de Cerimônias keshiano concluía a apresentação.

— …ele é um oásis para seu povo. — Virou-se para o Rei, fazendo uma reverência acentuada. — Vossa Majestade Real, tenho a distinta honra de lhe

apresentar Sua Excelência Abdur Rachman Memo Hazara-Khan, Bei de Benni-Sherin, Lorde de Jal-Pur e Príncipe do Império, Embaixador do Grande Kesh no Reino das Ilhas.

Os quatro dignitários fizeram uma reverência de acordo com o costume keshiano: três se ajoelharam, tocando levemente com as testas o chão de pedra; o Embaixador levou a mão direita ao coração e curvou-se, com a mão esquerda estendida e virada para trás. Quando se ergueram, tocaram de leve com o indicador no coração, nos lábios e na testa, um gesto que indicava coração generoso, língua digna de confiança e mente isenta de mentira.

— Que o Lorde de Jal-Pur seja bem-vindo à nossa corte — saudou Lyam.

O Embaixador retirou a cobertura do rosto, revelando um rosto de idade avançada, magro e barbudo, que esboçava um sorriso.

— Vossa Majestade Real, Sua Majestade Imperial, que seu nome seja abençoado, envia saudações ao seu irmão, às Ilhas. — Baixando a voz até não mais do que um murmúrio, acrescentou: — Teria optado por uma entrada muito menos formal, Majestade, mas… — Encolheu os ombros, inclinando a cabeça imperceptivelmente em direção ao Mestre de Cerimônias keshiano para indicar que não tinha qualquer controle sobre tais assuntos. — … o homem é um verdadeiro tirano.

Lyam sorriu.

— Devolvemos as saudações calorosas ao Grande Kesh. Que para sempre prospere e sua abundância permaneça.

O Embaixador inclinou a cabeça em forma de agradecimento.

— Com licença de Vossa Majestade, posso apresentar-lhe meus companheiros? — Lyam fez um ligeiro aceno com a cabeça e o keshiano indicou o homem mais à esquerda. — Este ilustre homem é meu braço direito e conselheiro, Lorde Kamal Mishwa Daoud-Khan, Xerife de Benni-Tular. Estes dois são meus filhos, Shandon e Jehan-suz, Xerifes de Benni-Sherin e também meus guardas pessoais.

— Ficamos felizes por poderem se juntar a nós, meus senhores — disse Lyam.

Enquanto Mestre deLacy tentava restabelecer alguma ordem nos nobres que haviam se reunido onde Lyam e os keshianos estavam, deu-se outro alvoroço em uma rua diferente que também desembocava na praça do mercado. O Rei e o Príncipe deixaram o Mestre de Cerimônias e deLacy levantou a mão.

— O que foi agora? — disse o idoso em voz alta, logo recuperando a compostura quase perdida.

Ouviu-se uma batucada mais frenética que a dos keshianos ao mesmo tempo que surgiam umas figuras coloridas. Cavalos saltitantes encabeçavam um cortejo de soldados de uniforme verde. Entretanto, todos traziam escudos de tonalidades vivas, com desenhos de brasões estranhos. Flautas ruidosas tocavam uma melodia de vários tons que soava estranha, mas era animada e de ritmo contagiante. Pouco depois, muitos dos cidadãos de Krondor marcavam o ritmo com palmas ou improvisavam passos de dança ao redor da praça.

O primeiro cavaleiro aproximou-se do palácio e seu estandarte esvoaçou ao vento. Arutha riu e deu uma palmada no ombro de Lyam.

— É Vandros de Yabon e a guarnição tsurani de LaMut, comandada por Kasumi. — Foi então que surgiram os soldados de infantaria, que cantavam a plenos pulmões.

A guarnição tsurani de LaMut parou ao alcançar os keshianos. Martin olhou-os atentamente.

— Olhem só para eles, avaliando-se uns aos outros como gatos bravos. Aposto que tanto uns como outros adorariam uma desculpa para se testarem.

— Mas não na minha cidade — afirmou Arutha, deixando claro que não considerava a ideia divertida.

Lyam riu.

— Bom, sem dúvida seria um belo espetáculo. Ei, Vandros!

O Duque de Yabon avançou e desmontou. Subiu a escadaria às pressas e fez uma reverência.

— Peço perdão pelo atraso, Majestade. Surgiu um contratempo na estrada. Cruzamos com um bando de goblins que passavam a cavalo, ao sul de Zūn.

— Quantos eram? — perguntou Lyam.

— Não mais do que duas centenas.

— “Um contratempo”, ele diz. Vandros, você passa tempo demais com os tsurani.

Lyam riu.

— Onde está o Conde Kasumi?

— Ele está vindo, Majestade. — Assim que falou, viram-se carruagens chegando à praça.

Arutha puxou o Duque de Yabon à parte.

— Diga aos seus homens que fiquem alojados com a guarnição da cidade, Vandros. Quero que fiquem por perto. Assim que os tiver instalado, venha aos meus aposentos e traga Brucal e Kasumi.

Percebendo o tom sério, Vandros respondeu:

— Virei assim que os homens estiverem instalados, Vossa Alteza.

As carruagens de Yabon pararam em frente à escadaria e delas saíram Lorde Brucal, a Duquesa Felinah, a Condessa Megan e suas respectivas aias. O Conde Kasumi, antigo Comandante de Forças Militares no exército tsurani durante a Guerra do Portal, desmontou de seu cavalo e subiu a escadaria rapidamente. Fez uma reverência perante Lyam e Arutha. Após Vandros apresentar seu séquito rapidamente, Lyam disse:

— A menos que o Rei de Queg, aquele pirata, esteja prestes a atracar em um galeão de guerra puxado por mil minúsculos cavalos-marinhos, está na hora de nos recolhermos. — Dando uma gargalhada, passou por um Mestre de Cerimônias deLacy à beira de um ataque de nervos que, em vão, tentava restaurar a ordem no cortejo do Rei.

Jimmy ficou para trás, pois, embora já tivesse visto um mercador keshiano uma vez ou outra, nunca vira um soldado cão nem um tsurani. Apesar de sua experiência, que ia além dos assuntos habituais da vida da cidade, não deixava de ser um rapaz de catorze anos.

O segundo comandante de Kasumi dava ordens para o aquartelamento de seus homens e o capitão keshiano fazia o mesmo. Jimmy sentou-se discretamente na escadaria, remexendo os dedos dos pés para alargar as botas. Contemplou os coloridos keshianos durante alguns minutos, voltando depois a atenção para os tsurani, que se reuniam para deixar a praça. Todos trajavam uniformes coloridos e, Jimmy podia perceber, ambos os exércitos tinham um aspecto feroz.

Estava prestes a ir embora quando algo inusitado atrás dos keshianos lhe chamou a atenção. Tentou precisar o que era, mas foi em vão. Um estranho impulso o fez descer as escadas até chegar perto dos keshianos, ainda imóveis na praça. Foi então que viu aquilo que o fizera sentir que algo fugia à normalidade. Escapando entre o povo por trás dos keshianos, Jimmy viu um homem que julgara morto. Ficou completamente abalado, incapaz de se mexer, pois vira Jack Risonho desaparecer no meio da multidão.

Arutha andava de um lado para outro. Ao redor da mesa do conselho estavam Laurie, Brucal, Vandros e Kasumi. Arutha terminara o relato do ataque aos Falcões Noturnos. Mostrou um bilhete.

— É uma mensagem do Barão de Castelo Alto, em resposta à minha questão. Diz que deram conta de movimentações incomuns ao norte desta área. — Arutha apoiou o papel. — Ele prossegue dando conta do número de avistamentos, localizações e todo o resto.

— Vossa Alteza — interveio Vandros —, detectamos algumas movimentações na nossa região, mas nada relevante. Em Yabon, os Irmãos das Trevas e os goblins inteligentes conseguem evitar as guarnições virando para oeste assim que passam os limites norte das florestas dos elfos. Ao circundarem para oeste do Lago do Céu, conseguem evitar nossas patrulhas. Mandamos poucas companhias para esse setor. Os elfos e os anões na Montanha de Pedra mantêm a região tranquila.

— Pelo menos, é isso que gostamos de pensar — bufou Brucal. O idoso que fora Duque de Yabon abdicara de seu cargo em favor de Vandros quando este casara com sua filha. Porém não deixara de possuir uma excelente mente militar, pois guerreara com os moredhel toda a sua vida. — Não, se eles estão se deslocando em pequenos grupos, a Irmandade poderá passar quase sem problemas pelas passagens menores. Temos poucos homens para manter as rotas mercantis a salvo e muitíssimo mais terreno a cobrir para além desse. Eles só têm de viajar de noite e se manter afastados das aldeias dos clãs hadati e das vias principais. Não devemos nos iludir julgando que a situação é diferente.

Arutha sorriu.

— Por isso queria você presente.

— Vossa Alteza, talvez esteja acontecendo o que o Lorde Brucal afirma — disse Kasumi. — Ultimamente, não tivemos muito contato com eles. Talvez tenham se cansado das nossas espadas e optem agora por se deslocar em grupos menores e furtivos.

Laurie encolheu os ombros. Nascido e criado em Yabon, o trovador de Tyr-Sog sabia tanto sobre os moredhel como os restantes.

— É uma hipótese que temos de considerar, uma vez que nos contam esses estranhos relatos de movimentações ao norte e levando em conta que as tentativas de assassinar Arutha envolvem os moredhel.

— Estaria menos preocupado — disse Arutha — se soubesse que seria suficiente tê-los destruído em Krondor. Até desvendarmos o mistério de quem está por trás de tudo isto, julgo que não podemos dar o fim dos Falcões Noturnos como certo. Poderão levar meses até se organizarem novamente para constituírem uma verdadeira ameaça, mas acho que voltarão. Isso é tão certo como o fato de eu estar aqui sentado. Existe uma ligação entre os Falcões Noturnos e os acontecimentos ao norte.

Uma batida na porta antecedeu a entrada de Gardan.

— Procurei por toda parte, Vossa Alteza, e nem sinal do Escudeiro James.

— Da última vez que o vi — disse Laurie —, estava na escadaria ao lado do Mestre de Armas Fannon na hora que os tsurani chegaram.

— Ele estava sentado nas escadas quando eu dispensei as tropas — informou Gardan.

De uma janela no alto, ouviu-se uma voz:

— Agora ele está sentado acima de você.

Todos os olhares se viraram e viram o rapaz sentado em uma das janelas em arco que davam para a sala de Arutha. Antes que alguém conseguisse falar, saltou com rapidez para o chão.

A expressão de Arutha demonstrava um misto de incredulidade e diversão.

— Quando você pediu para explorar os telhados, julguei que precisaria de escadas e… ajuda…

Jimmy manteve o semblante sério.

— Não fazia sentido esperar, Vossa Alteza. Além disso, que tipo de ladrão precisa de escadas ou de ajuda para escalar paredes? — Aproximou-se de Arutha. — Este lugar é uma verdadeira toca, cheia de cantos e nichos onde um homem pode se esconder.

— Mas primeiro ele tem de entrar nos terrenos do palácio — argumentou Gardan. Jimmy olhou para o capitão com uma expressão que indicava que tal feito não apresentava grandes dificuldades. Gardan calou-se.

Laurie retomou o tema da conversa:

— Bom, embora não saibamos o que move os Falcões Noturnos, ao menos sabemos que os destruímos aqui em Krondor.

— Eu também pensava que sim — disse Jimmy, olhando ao redor. — Contudo, esta tarde, quando a multidão começou a se dispersar, avistei um

velho amigo na praça: Jack Risonho.

Arutha fitou Jimmy.

— Eu tinha entendido que, quando o deixou, esse traidor dos Zombadores estava morto.

— Tão morto como qualquer homem estaria com um buraco de quinze centímetros no peito feito por uma flecha de aço. É difícil andar por aí sem metade dos pulmões, mas, depois do que vimos no bordel, não ficaria surpreso se minha falecida mãe viesse me colocar na cama esta noite. — Jimmy falava de modo distraído enquanto caminhava ao redor da sala. Em tom ligeiramente dramático, continuou: — Aha! — e apertou alguma coisa atrás de um escudo decorativo pendurado na parede. Com um barulho, abriu-se uma parte da parede com meio metro de largura e um de altura. Arutha aproximou-se da abertura e espiou dentro dela.

— O que é isto? — perguntou a Jimmy.

— Uma das muitas passagens secretas espalhadas pelo palácio. No tempo em que estivemos juntos na clandestinidade, Vossa Alteza, lembro-me de ouvir a Princesa Anita explicar como fugira do palácio com a ajuda de uma serviçal. Uma vez disse que “seguira por uma passagem” e eu nunca mais tinha pensado nisso até hoje.

Brucal olhou em volta.

— Talvez fizesse parte da torre original, ou terá sido um dos primeiros acréscimos. Na minha terra, tínhamos uma via de escape da torre para a floresta. Todas as torres que conheço têm passagens dessas. — Ficou com um ar pensativo. — Talvez existam outras.

Jimmy sorriu.

— Uma dúzia ou mais. Quando se anda no telhado, é possível ver paredes muito largas e curvas esquisitas em certos lugares.

— Gardan, quero que trace um mapa dessas passagens até o último centímetro — disse Arutha. — Leve uma dúzia de homens e descubra onde esta passagem vai dar e onde mais pode desembocar. Verifique também se o Arquiteto Real constata existência destas passagens nas velhas plantas.

Gardan bateu continência e saiu. Vandros parecia extremamente incomodado.

— Arutha, com tudo isso, ainda não me acostumei à ideia de assassinos e Irmãos das Trevas trabalhando em conjunto e em segredo.

— Por isso eu quis conversar com você antes do início das festividades.

— Arutha sentou-se. — O palácio está abarrotado de desconhecidos. Todos os nobres presentes trarão um séquito composto por dezenas de pessoas. Kasumi, quero seus tsurani em todos os pontos-chave. Será impossível passar por eles e eles são irrepreensíveis. Coordene-se com Gardan e, se for necessário, teremos somente tsurani, homens que conheço de Crydee e minha guarda pessoal no interior do palácio central. — Continuou, dirigindo-se a Jimmy: — Eu tinha todo o direito de mandar açoitá-lo por causa dessa escapadinha. — Jimmy ficou rígido até ver Arutha sorrir. — Porém parece-me que quem quer que tentasse fazê-lo acabaria com uma adaga enfiada nas costelas como prova de seu esforço. Chegou-me aos ouvidos algo sobre seu confronto com o Escudeiro Jerome.

— Esse presunçoso acha que manda no pátio.

— Ainda assim, o pai dele está muito transtornado e, mesmo que não seja um vassalo de grande importância, ele é inquestionavelmente barulhento. Olhe, deixe o Jerome cantar de galo. De agora em diante, você fica junto comigo. Direi ao Mestre deLacy que será dispensado de outros deveres até eu dar ordens contrárias. No entanto, mantenha suas explorações sob controle até informar Gardan ou a mim de que vai subir no telhado. Um de meus guardas mais nervosos pode enfiar uma flecha em você antes de reconhecê-lo. Ultimamente, a situação tem andado um pouco tensa por aqui, caso não tenha reparado.

Jimmy ignorou o sarcasmo.

— Primeiro, esse sujeito teria de me ver, Vossa Alteza.

Brucal deu uma palmada na mesa.

— Não tem papas na língua, esse aí — disse, dando uma gargalhada e acenando a cabeça em aprovação.

Arutha também sorriu. Não conseguia ficar indisposto com o jovem bandido.

— Basta. Teremos várias recepções e banquetes ao longo da próxima semana. Talvez nossas preocupações sejam injustificadas e os Falcões Noturnos já não existam mais.

— Esperemos que assim seja — exprimiu Laurie.

Sem mais conversa, Arutha e seus hóspedes se recolheram aos seus quartos.

—Jimmy!

O menino se virou e viu a Princesa Anita vir pelo corredor em sua direção, acompanhada por dois dos guardas de Gardan e por duas aias. Quando chegou até ele, Jimmy fez uma reverência. Ela estendeu a mão, que ele beijou com delicadeza, tal como Laurie lhe ensinara.

— Você se transformou em um belo e jovem membro da corte — comentou quando continuaram a andar.

— Ao que parece, o destino interessou-se por mim, Princesa. Nunca tive ambições além de me tornar um Zombador poderoso, talvez até vir a ser o próximo Justo, mas agora vejo que minha vida ganhou horizontes bem mais amplos.

Ela sorriu, enquanto as damas que a acompanhavam cochichavam por trás de suas mãos. Jimmy não vira a Princesa desde que ela chegara no dia anterior, voltando a sentir o débil solavanco que sentira um ano antes. Deixara a paixonite de garoto para trás, porém continuava a gostar muito dela.

— Quer dizer que desenvolveu ambições, Jimmy, a Mão?

Em tom fingido de repreensão, este retorquiu:

— Escudeiro James de Krondor, Vossa Alteza. — Partilharam uma gargalhada. — Fique atenta, Princesa: vivemos tempos de mudança no Reino. A prolongada guerra com os tsurani nos privou de muitos homens com títulos. O Conde Volney assumiu funções de chanceler e ainda não foram nomeados Duques para Salador e Bas-Tyra. Há três ducados sem senhores! Parece-me possível que um homem perspicaz e talentoso ascenda bastante em uma tal conjuntura.

— Você tem algum plano? — perguntou Anita, o deleite perante o descaramento do rapaz visível em seus olhos verde-claros e em seu sorriso.

— Ainda não, pelo menos ele ainda não está completo, mas consigo imaginar a possibilidade de um dia alcançar um título maior do que o de Escudeiro. Talvez até… Duque de Krondor.

— O principal conselheiro do Príncipe de Krondor? — questionou Anita com uma admiração satírica.

Jimmy piscou o olho.

— Tenho contatos. Sou amigo íntimo da noiva do Príncipe. — Os dois riram de novo. Anita tocou o braço dele.

— Vai ser agradável ter você aqui conosco. Fico feliz por Arutha tê-lo reencontrado tão depressa. Julgava que não seria fácil localizá-lo.

Jimmy vacilou dando meio passo. Nunca lhe ocorrera que Arutha não houvesse contado a Anita sobre o assassino, mas percebia agora que ele não o fizera. Obviamente, pensou consigo, não iria lançar uma sombra sobre o casamento sem necessidade. Depressa recuperou a compostura:

— Foi sobretudo um acaso. Sua Alteza nunca disse que andava à minha procura.

— Nem imagina como eu e Arutha ficamos preocupados quando partimos de Krondor. A última vez que vimos você, estava fugindo dos homens de Guy pelas docas. Não tivemos notícias suas. Passamos tão brevemente por Krondor a caminho da coroação de Lyam que não tivemos como descobrir o que lhe acontecera. Lyam enviou documentos concedendo perdão a Trevor Hull e seus homens e oferecendo-lhes uma recompensa por nos ajudarem, mas ninguém sabia o que fora feito de Jimmy. Fiz Arutha me prometer que começaria logo a procurá-lo. Não pensei que ele o tornaria escudeiro tão depressa, mas sabia que tinha planos para você.

Jimmy sentiu-se genuinamente comovido. Essa revelação acrescentava um duplo significado ao comentário anterior de Arutha quanto ao fato de já considerar que eram amigos.

Anita parou, indicando uma porta.

— Tenho horário marcado. Meu vestido de noiva chegou esta manhã de Rillanon; preciso prová-lo.

Inclinou-se e deu um beijo delicado no rosto do garoto.

— Agora tenho de ir.

Jimmy reprimiu emoções estranhas e assustadoramente fortes.

— Vossa Alteza… Estou muito feliz por estar aqui. Vamos nos divertir bastante.

Anita deu uma gargalhada e entrou na sala com suas aias, enquanto os guardas assumiam posições no lado de fora. Jimmy esperou até a porta se fechar, afastou-se e, em seguida, assobiou uma melodia alegre. Pensou nas últimas semanas de sua vida e percebeu que estava feliz, apesar dos assassinos e das botas apertadas.

Dobrando uma esquina de um corredor pouco frequentado, Jimmy se deteve. De imediato, desembainhou o punhal ao mesmo tempo que fitava um par de olhos reluzentes na penumbra mais à frente. Foi então que, com uma

fungada, o dono daqueles olhos quase incandescentes saiu das sombras lentamente. Coberta de escamas verdes, a criatura era do tamanho de um pequeno mastim. A cabeça lembrava a de um jacaré, com um focinho arredondado, e possuía grandes asas dobradas nas costas. Um pescoço comprido e sinuoso permitiu à criatura olhar para trás, para além de sua cauda igualmente comprida, quando uma voz jovem gritou:

— Fantus!

Um garotinho com não mais do que seis anos surgiu correndo e abraçou a criatura pelo pescoço. Olhou para Jimmy com olhos escuros e sérios e disse:

— Ele não fará mal ao senhor.

Subitamente, Jimmy sentiu-se envergonhado com a adaga na mão. Depressa a escondeu. A criatura era claramente um animal de estimação, apesar de sua espécie inusitada.

— Como você o chamou…?

— Ele? Fantus. É meu amigo. Ele é muito esperto. Sabe muitas coisas.

— Deve saber — concordou Jimmy, ainda desconfortável sob o olhar atento da criatura. — Ele é o quê?

O garoto olhou para Jimmy como se ele fosse a encarnação viva da ignorância, mas acabou respondendo:

— É um dragonete. Acabamos de chegar e ele nos seguiu de casa até aqui. Ele voa, sabe? — Jimmy se limitou a acenar com a cabeça. — Temos de ir. Mamãe vai ficar zangada se não nos encontrar no quarto. — Puxando a criatura para que se virasse, o garoto levou-a sem falar mais nada.

Jimmy ficou mais de um minuto parado, até que olhou em volta como se procurasse alguém que confirmasse aquilo que acabara de testemunhar. Encolhendo os ombros como forma de afastar o espanto, o menino ladrão continuou seu caminho. Pouco depois, ouviu o som de cordas de alaúde sendo dedilhadas.

Jimmy saiu do corredor e entrou em um amplo jardim onde Laurie tocava seu alaúde. O rapaz sentou-se de pernas cruzadas à beira de um grande canteiro e disse:

— Para um menestrel, você é uma figura bem triste.

— Sou um menestrel triste. — De fato, Laurie não mostrava sua animação habitual. Dedilhou as cordas do alaúde e deu início a uma melodia solene.

Decorridos alguns minutos, Jimmy o interrompeu:

— Basta desse hino fúnebre, cantor. Esta é uma época de alegria. O que o deixou tão desapontado?

Laurie suspirou, inclinando a cabeça para o lado.

— Você é muito jovem para entender…

— Ah! Experimente — interrompeu Jimmy.

Laurie guardou o alaúde.

— É a Princesa Carline.

— Ela ainda quer se casar com você, é isso?

Laurie ficou boquiaberto.

— Como…?

Jimmy riu.

— Você convive há tempo demais com nobres, cantor. Para mim, tudo isto é novidade. Ainda sei como falar com os serviçais. Sobretudo, ainda sei ouvi-los. Aquelas criadas de Rillanon estavam ansiosas por contar às criadas daqui sobre vocês dois. É uma notícia de grande interesse.

Laurie não parecia feliz com o sarcasmo de Jimmy.

— Deve ter ouvido a história toda.

Jimmy assumiu um modo indiferente.

— A Princesa é um belo partido, mas eu cresci em um bordel, então a ideia que faço das mulheres é menos… idealizada. — Ao pensar em Anita, baixou ligeiramente a voz: — No entanto, tenho de admitir que as princesas parecem diferentes das demais.

— Ainda bem que reparou — comentou Laurie secamente.

— Bom, isso eu digo: sua Princesa é a mulher mais bela que já vi, e eu já vi muitas, incluindo as cortesãs mais bem pagas. E algumas são muito especiais. Grande parte dos homens que conheço venderia suas queridas mães em troca de um pouco de atenção dessas mulheres. Por isso, qual é seu problema?

Laurie olhou para o rapaz demoradamente.

— Meu problema é essa coisa de ser nobre.

Jimmy riu, emitindo um som de quem se divertia de verdade.

— Mas que problema é esse? Você só tem de dar ordens e culpar os outros pelos erros.

Laurie riu.

— Duvido que Arutha e Lyam concordem com você.

— Bom, é verdade que reis e príncipes são outra história, mas grande

parte dos nobres por aqui não tem nada para fazer. O velho Volney é experiente, mas não tem muita vontade de ficar por aqui. Os demais só querem parecer muito importantes. Com mil diabos, músico, devia se casar com ela. Quem sabe até conseguiria melhorar sua prole.

Rindo, Laurie tentou lhe dar um murro de brincadeira, mas o jovem insolente esquivou-se sem dificuldades, rindo também. Uma terceira gargalhada levou Laurie a se virar.

Um homem baixo e esguio, com cabelos pretos e vestes elegantes de corte simples, observava a cena.

— Pug! — exclamou Laurie, pondo-se de pé com um salto para abraçar o homem. — Quando chegou?

— Há cerca de duas horas. Tive uma breve reunião com Arutha e com o Rei. Mas eles já foram embora com o Conde Volney para discutir os preparativos do banquete de boas-vindas desta noite. Contudo, Arutha deu a entender que havia algo de estranho com você e sugeriu que eu o procurasse.

Laurie fez um gesto para que Pug sentasse e fez o mesmo ao lado de Jimmy. Laurie fez as apresentações e depois disse:

— Tenho muito para contar, mas primeiro diga: como estão Katala e o menino?

— Estão bem. Neste momento, Katala está no quarto fofocando com Carline. — Laurie voltou a ficar com um ar deprimido ao ouvir o nome da Princesa. — William fugiu não sei para onde atrás de Fantus.

— Aquela coisa é sua? — exclamou Jimmy.

— Fantus? — Pug deu uma gargalhada. — Quer dizer que o viu. Não, Fantus não pertence a ninguém. Aparece e desaparece a seu bel-prazer, e por isso está aqui sem que ninguém lhe desse permissão.

— Duvido que esteja na lista de convidados do deLacy — disse Laurie. — Bom, é melhor colocá-lo a par dos assuntos importantes. — Pug olhou de relance para Jimmy e Laurie explicou: — Desde o início que esta fonte de problemas é o cerne de tudo. Ele não ouvirá nada que não saiba.

Laurie contou tudo o que vinha acontecendo, enquanto Jimmy acrescentava informações omitidas pelo cantor. Quando terminaram, Pug proferiu:

— Necromancia é algo maléfico. Se nada mais do que me contaram indicasse intervenção de poderes sombrios, sem dúvida isso bastaria como prova. É uma área estudada mais por sacerdotes do que por magos, mas eu e

Kulgan ajudaremos como pudermos.

— Quer dizer que Kulgan também veio de Doca da Estrela?

— Nada o impediria de vir. Arutha foi seu aluno, lembra? Além disso, embora não o admita, ele tem saudades de discutir com o Padre Tully. Acho que é inquestionável que Tully vai celebrar o casamento de Arutha. Julgo que Kulgan se encontra agora mesmo em acalorada discussão com Tully.

— Não vi Tully ainda — respondeu Laurie —, mas se esperava que ele chegasse esta manhã no grupo de Rillanon que viajava em ritmo mais lento do que a comitiva do Rei. Com aquela idade, ele tende a apreciar tudo que é calmo.

— Ele já deve ter passado dos oitenta.

— Deve andar perto dos noventa, mas está forte. Devia ouvi-lo no palácio em Rillanon. Coitado do escudeiro ou do pajem que fizer algo errado em suas aulas; ele logo solta raios nas costas do rapaz.

Pug riu. Depois de um tempo, como se houvesse se esquecido, perguntou:

— Laurie, como andam as coisas entre você e Carline?

Laurie gemeu e Jimmy ocultou um riso abafado.

— Era disso que falávamos quando você apareceu. Bem, mal, não sei dizer.

A compreensão transpareceu nos olhos escuros de Pug.

— Sei bem o que está sentindo, meu amigo. Quando éramos crianças, lá em Crydee… Mas não se esqueça, foi você que me obrigou a cumprir a promessa de apresentá-lo se alguma vez conseguíssemos deixar Kelewan e regressássemos a Midkemia. — Balançou a cabeça e, com uma gargalhada, acrescentou: — É bom saber que há coisas que nunca mudam.

Jimmy saltou do banco.

— Bom, tenho de ir. Foi um prazer conhecê-lo, Mago. Anime-se, cantor. Das duas, uma: ou irá se casar com a Princesa, ou não irá se casar. — Foi embora correndo, deixando Laurie confuso com a lógica daquela afirmação, enquanto Pug ria alto.

7

Casamento

Jimmy percorreu o grande salão.

A sala do trono do Príncipe estava sendo decorada e os outros escudeiros supervisionavam as atividades dos pajens e carregadores enquanto eram feitos os últimos preparativos. Todos estavam concentrados na cerimônia, prevista para ter início em menos de uma hora. Jimmy descobriu que o preço de ter sido dispensado de realizar serviços era não ter nada para fazer na fase final, de modo que teve de encontrar algo para se distrair, uma vez que Arutha certamente não o queria em seu caminho para atrapalhá-lo.

Jimmy não conseguia afastar a sensação de que, com o frenesi da excitação, poucos seriam aqueles conscientes do perigo que o Príncipe corria. Os horrores encontrados na Casa dos Salgueiros foram ocultados atrás de montes de flores nupciais e decorações festivas.

Jimmy reparou em um olhar de soslaio e no ar taciturno do Escudeiro Jerome e, irritado, deu um passo ameaçador na direção do rapaz mais velho. Na mesma hora, Jerome precisou estar em outro lugar e partiu apressadamente.

Ouviu-se uma gargalhada vinda de trás e Jimmy viu um sorridente Locklear, carregando uma gigantesca coroa nupcial, passar por um guarda tsurani que a verificou minuciosamente. Dentre todos os outros escudeiros, somente Locky demonstrava querer ser seu amigo. Os demais pareciam indiferentes ou se mostravam abertamente hostis. Jimmy simpatizava com o rapaz mais novo, ainda que ele tendesse a tagarelar sem parar sobre qualquer

coisa sem importância. É o filho mais novo, pensou Jimmy, o queridinho da mamãe. Na rua, não duraria mais do que cinco minutos. Ainda assim, era bem melhor do que os demais, que Jimmy considerava enfadonhos. A única diversão que proporcionavam a Jimmy era a imitação deplorável que julgavam ser conhecimento do mundo. Não, Arutha e seus amigos eram muito mais interessantes do que os escudeiros com suas piadas indecentes e especulações devassas sobre esta ou aquela servente, seus joguinhos e intrigas. Jimmy acenou a Locky e dirigiu-se a outra porta.

Aguardou para passar pela porta, pois um dos carregadores estava vindo na outra direção. Um pequeno ramo de flores caiu do monte que o homem trazia. Jimmy dobrou-se para apanhá-lo. Ao entregá-lo ao carregador, percebeu repentinamente um detalhe: as flores, crisântemos brancos, cintilaram com uma lânguida tonalidade âmbar.

Jimmy observou por cima do ombro, levantando o olhar. Quatro andares acima, o alto teto do salão em forma de abóbada era pontuado por grandes janelas de vitrais cujas cores mal se distinguiam, a menos que o sol se encontrasse diretamente atrás dos painéis. Jimmy examinou as janelas atentamente, pois estava com sua habitual sensação de que “algo não estava certo”. Foi então que entendeu. Todas as janelas recuavam formando uma cúpula com cerca de um metro e meio a um metro e oitenta de profundidade, espaço mais do que suficiente para esconder um assassino discreto. Porém como alguém conseguiria chegar até lá em cima? A forma como o salão fora construído não possibilitava o acesso, sendo necessário recorrer a andaimes para a limpeza das janelas, e o salão estivera quase sempre com gente nos últimos dias.

Jimmy saiu apressadamente, atravessou um corredor e saiu para um jardim em um terraço que acompanhava toda a extensão do grande salão do Príncipe.

Os dois guardas que faziam a ronda entre o muro distante e o complexo principal do palácio se aproximaram e Jimmy os fez parar.

— Espalhem o recado: vou bisbilhotar o telhado do salão principal.

Eles trocaram olhares, mas o Capitão Gardan tinha dado ordens para que não detivessem o estranho escudeiro se ele vagasse pelos telhados. Um deles bateu continência.

— Muito bem, Escudeiro. Informaremos os arqueiros nas muralhas para que não o usem como alvo.

Jimmy mediu os passos ao longo da parede do grande salão. O jardim encontrava-se à esquerda do salão quando se entrava pelas portas principais, partindo do princípio de que era possível ver através das paredes, pensou Jimmy. Ora, se fosse um assassino, onde iria escalar? Jimmy procurou em volta e reparou em uma treliça que subia pela parede exterior do corredor que ligava o salão ao jardim. Dali, seria fácil chegar até o telhado do corredor.

Jimmy afastou os pensamentos e agiu. Estudou a configuração das paredes ao mesmo tempo que descalçava as odiadas botas do uniforme. Subiu depressa pela treliça e correu pelo telhado do corredor. Então saltou com leveza para uma cornija baixa que percorria toda a extensão do grande salão. Deslocando-se com uma agilidade surpreendente, arrastou-se, com o rosto junto às pedras, até a extremidade mais afastada do grande salão. Quando estava a meio caminho da esquina, olhou para cima. No andar acima dele, encontravam-se as bases das janelas, tentadoramente próximas. Contudo, Jimmy sabia que precisava de uma posição melhor para escalar, por isso continuou até alcançar o último terço do salão. Ali, fora da parte do salão atribuída ao estrado do Príncipe, o edifício se alargava, dando a Jimmy meio metro adicional de parede no ângulo certo em relação à parede à qual se segurava. Tornava-se possível alçar-se. O rapaz tateou até seus dedos descobrirem uma rachadura entre as pedras. Valeu-se, então, de sua experiência, mudando o peso do corpo enquanto procurava outro apoio com os dedos dos pés. Subiu devagar, parecendo escalar para o canto das duas paredes, a despeito da gravidade. Era uma tarefa difícil, que exigia concentração absoluta; no entanto, após o que pareceu uma eternidade, estendeu o braço e seus dedos tocaram no parapeito das janelas. Como tinha somente cerca de trinta centímetros de largura, o parapeito não deixava de ser uma barreira potencialmente fatal, pois bastava um escorregão para que Jimmy caísse para a morte, quatro andares abaixo. Jimmy esticou-se, agarrou o parapeito com firmeza e largou a outra mão. Por um instante, ficou pendurado por uma só mão, e logo estendeu a outra e, com um único puxão suave, colocou uma perna no parapeito.

De pé no espaço estreito, Jimmy contornou a esquina sobre a parte de trás do estrado, ficou de frente para a janela e espiou. Limpou o pó, ficando momentaneamente ofuscado pelo sol que via pela janela à sua frente e por outra na parede que deixara. Esperou que a vista voltasse a se adaptar à penumbra interior, colocando a mão em concha sobre os olhos. Seria difícil,

pensou, pelo menos até o ângulo do sol mudar. Foi então que sentiu o vidro se mexer sob seus dedos e, de repente, mãos poderosas taparam sua boca e apertaram seu pescoço.

Surpreendido pelo ataque repentino, Jimmy ficou sem reação por um segundo, já bem preso quando começou a se debater. Uma pancada forte na parte lateral da cabeça o deixou atordoado e o mundo começou a girar.

Quando, por fim, começou a ver melhor, Jimmy distinguiu o rosto rude de Jack Risonho à sua frente. O falso Zombador não só estava vivo como estava no palácio e, pela sua expressão e pela besta que trazia, preparado e disposto a matar.

— Então, seu bastardinho — sussurrou enquanto apertava uma mordaça na boca de Jimmy —, apareceu onde não devia vezes demais. Por mim, já cortava suas entranhas, aqui mesmo, mas não posso arriscar que alguém repare no sangue escorrendo. — Deslocou-se na limitada área entre o vidro e o espaço aberto acima do salão que a cúpula proporcionava. — Mas, assim que cumprir o que tenho de fazer, será a sua vez, rapaz. — Apontou para o chão do salão. Amarrou cordas ao redor das mãos e dos tornozelos de Jimmy, apertando-as com tanta força que o machucaram. Jimmy tentou emitir algum som, mas este se perdeu no burburinho da conversa entre os convidados lá em baixo. Jack deu outro murro na cabeça do rapaz, que ficou novamente vendo tudo girar. Jimmy, antes de mergulhar na escuridão, viu que Jack se virava para inspecionar o salão embaixo.

Jimmy não sabia por quanto tempo permaneceu atordoado; quando recuperou os sentidos, ouviu o cântico dos sacerdotes que entravam no salão. Sabia que o Rei, Arutha e os outros membros da corte entrariam assim que o Padre Tully e os demais sacerdotes tomassem suas posições.

Sentiu-se tomado pelo pânico. Como fora dispensado, sua ausência não seria notada, com toda a excitação do momento. Jimmy debateu-se, mas Jack, que havia sido um Zombador, sabia dificultar a fuga daquelas cordas. Com tempo e disponibilidade para perder um pouco de pele e sangue, Jimmy acabaria por se livrar delas, mas o tempo era um bem precioso demais naquele momento. Com seus esforços, conseguiu somente mudar de posição de modo a ver pela janela. Reparou que fora alterada para que só fosse necessário deslizar um grande painel de vidro. Alguém preparara aquela janela antecipadamente.

Uma alteração na música lá embaixo indicou a Jimmy que Arutha e os demais já estavam posicionados e que Anita iniciava sua longa caminhada até o altar. O rapaz olhou desesperadamente em volta, à procura de uma forma de se soltar ou de fazer tanto barulho que conseguisse alertar as pessoas que se encontravam abaixo. Os cânticos enchiam o salão com um coro tão alto que os sons de uma briga seriam abafados, por isso Jimmy sabia que algo tão fraco quanto um chute no vidro resultaria apenas em uma pancada na cabeça. Ouviu movimento por perto, durante uma pausa nos cânticos. Percebeu que Jack colocava uma flecha na besta.

Os cânticos pararam e Jimmy ouviu a voz de Tully iniciar as instruções ao noivo e à noiva. Viu Jack mirar no altar. Jimmy estava meio dobrado no parco espaço do parapeito da janela, prensado contra o vidro por Jack, que estava de joelhos. O assassino olhou de relance para o rapaz quando este começou a se mexer. Jimmy não conseguia sequer chutá-lo. O bandido parou um instante, hesitando visivelmente se devia disparar primeiro ou silenciar Jimmy antes disso. Apesar de toda a pompa, a cerimônia em si seria curta, por isso Jack pareceu disposto a correr o risco, achando que não seria incomodado pelo rapaz por mais do que alguns instantes.

Jimmy era jovem, estava em excelente condição física e era um hábil acrobata devido aos anos que passara percorrendo os telhados de Krondor. Agiu sem pensar: dobrou todo o corpo para que ficasse arqueado e voltado para cima, com os pés e a cabeça contra as laterais da cúpula. Rolou um pouco e fez um movimento repentino, ficando sentado de costas para a janela. Jack girou e olhou novamente para o rapaz, praguejando em voz baixa. Não podia perder aquele único disparo. Olhou de relance para baixo certificando-se de que o rapaz não chamara a atenção de ninguém. Uma vez mais, voltou a erguer a besta e fez pontaria.

A visão de Jimmy pareceu contrair-se, como se não conseguisse ver mais nada além do dedo de Jack no gatilho da besta. Viu o dedo começar a puxar e chutou descontroladamente. Seus pés descalços atingiram o assassino de raspão e a besta disparou. Chocado, Jack virou-se e Jimmy voltou a chutar com ambos os pés. Por um instante, Jack pareceu estar sentado calmamente à beira da cúpula da janela. Logo, começou a cair, com as mãos tentando agarrar desesperadamente o parapeito.

Jack empurrou as mãos contra as laterais da cúpula, detendo a queda. Ficou parado no ar, sem se mexer, por um segundo, até que as palmas das

mãos começaram a escorregar na pedra. Jimmy percebeu que havia algo de errado; os cânticos, quase sempre presentes em contraponto à cerimônia, haviam cessado. À medida que Jack começava a escorregar para trás e para o vazio, Jimmy ouvia brados e gritos vindos de baixo.

Nesse instante, Jimmy sentiu um abalo, batendo com a cabeça na pedra. Parecia que estavam separando suas pernas de seu quadril e o menino percebeu que Jack se agarrara à única coisa que conseguira alcançar: seus tornozelos. Foi arrastado para fora enquanto o peso de Jack os fazia escorregar para a morte certa. Jimmy debateu-se, tentando recuar com todas as forças, arqueando o corpo para afrouxar a queda, mas era o mesmo que ter os pés recobertos por ferro; nada adiantava. Os ossos e os músculos protestaram, mas não conseguiu deslocar-se um único centímetro para se livrar de Jack. Foi arrastado devagar, enquanto as pernas, quadris e costas raspavam a pedra, embora o tecido das calças e da túnica mantivesse a pele intacta. Subitamente, viu-se em pé, enquanto o peso de Jack o fazia se desequilibrar momentaneamente, cambaleando na borda da cúpula.

Por fim, caíram. Jack largou o rapaz, mas Jimmy não reparou. As pedras precipitavam-se ao encontro deles, para esmagá-los em um abraço rígido. Jimmy julgou que perderia os sentidos, pois as pedras pareciam abrandar a aproximação, como se alguma entidade tivesse dado ordens para que os últimos segundos do rapaz se prolongassem. Foi então que se deu conta de que era controlado por uma força qualquer que fazia sua queda perder velocidade. Com uma pancada nada suave, viu-se no chão do grande salão, ligeiramente tonto, mas inquestionavelmente vivo. Foi, então, rodeado por guardas e sacerdotes, que o ergueram, ainda pasmo com aquele milagre. Viu o mago Pug mexer as mãos em um encantamento e sentiu que a estranha lentidão desaparecia. Os guardas cortaram as cordas e Jimmy dobrou-se com dores quando a circulação do sangue voltou, ardendo como ferros quentes nos pés e nas mãos. Quase desmaiou. Dois soldados o pegaram pelos braços, impedindo-o de cair. Quando os sentidos começaram a clarear, viu meia dúzia ou mais de guardas prendendo Jack no chão, enquanto outros procuravam o anel de veneno preto ou outra forma de suicídio.

Jimmy olhou em volta, enquanto a cabeça parava de rodar. Ao seu redor, o salão parecia paralisado em um quadro de horror. O Padre Tully estava ao lado de Arutha, enquanto guardas tsurani rodeavam o Rei, avaliando com o olhar todos os cantos do salão. Todos os demais olhavam para Anita,

aninhada nos braços de Arutha, que se ajoelhara no chão. O véu e o vestido estavam espalhados ao redor da Princesa, aparentemente adormecida, enquanto Arutha a amparava. Era uma visão branca sob a luz vespertina, à exceção da mancha carmim em suas costas, que se espalhava depressa.

Arutha sentou-se, chocado. Inclinou-se para a frente, apoiando os cotovelos nos joelhos, fitando o vazio, com os olhos desfocados e sem ver quem estava com ele na antecâmara. Via apenas os últimos minutos da cerimônia repetidamente em sua cabeça.

Anita acabara de fazer seus votos e Arutha escutava a bênção final de Tully. De repente, ela ganhou uma expressão estranha e pareceu cambalear, como se tivesse levado uma pancada forte nas costas. Ele a amparou, achando estranho que ela estivesse caindo, pois era graciosa por natureza. Tentou pensar em algum gracejo que quebrasse a tensão, pois sabia que ela ficaria envergonhada por ter tropeçado. Tinha um ar tão sério, os olhos arregalados e a boca semiaberta como se quisesse perguntar algo importante. Quando Arutha ouviu o primeiro grito, olhou para cima e viu o homem pendurado de costas na cúpula por cima do altar. Subitamente, tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo. As pessoas gritavam e apontavam, e Pug corria para a frente, proferindo um feitiço. Anita não conseguia ficar em pé, por mais que tentasse ajudá-la. Foi então que viu o sangue.

Arutha escondeu o rosto com as mãos e chorou. Em toda sua vida, sempre conseguira ocultar as emoções. Carline o abraçou com força e suas lágrimas se misturaram às dele. Permanecera com ele desde que Lyam e três guardas o tinham afastado de Anita, deixando que sacerdotes e cirurgiões fizessem seu trabalho. A Princesa Alicia recolhera-se a seus aposentos, prostrada pela dor. Gardan partira com Martin, Kasumi e Vandros com o intuito de supervisionarem os guardas que esquadrinhavam o palácio e os jardins em busca de outros intrusos. Por ordem de Lyam, o palácio havia sido selado poucos minutos após a tentativa de assassinato. No momento, o Rei andava de um lado para outro em silêncio, enquanto Volney conversava em um canto, em voz baixa, com Laurie, Brucal e Fannon. Todos aguardavam notícias.

A porta que dava para o corredor exterior se abriu e um guarda tsurani deixou entrar Jimmy, que avançou com cautela, pois suas pernas se distenderam e se arranharam na queda. Lyam e os demais seguiram o menino

ladrão com o olhar, até ele se deter na frente de Arutha.

Jimmy tentou falar, mas as palavras não surgiam. Tal como Arutha, revivera cada momento do ataque repetidamente na cabeça enquanto um acólito da ordem de Nathan tratava suas pernas. Sua memória lhe pregava peças constantes, pois via o rosto de Arutha quando há dias revelara seus sentimentos de amizade por Jimmy, para logo ver o rosto do Príncipe ajoelhado com Anita nos braços, revelando nas feições o choque pela incompreensão do que acontecia. Em seguida, Jimmy se recordava de Anita no corredor antes de uma prova do vestido de noiva. Essa imagem dissipava-se e, então, ele voltava a ver Arutha colocando-a devagar no chão enquanto sacerdotes corriam até eles.

Novamente tentou falar quando Arutha olhou para ele. Os olhos do Príncipe focaram-se no rapaz.

— Mas por quê… Jimmy, eu… não vi você ali — disse o Príncipe.

Jimmy viu a aflição e o sofrimento naqueles olhos castanho-escuros e sentiu algo se quebrar dentro de si. Seus olhos se encheram de lágrimas espontâneas quando falou em voz baixa:

— Eu… eu tentei… — Engoliu em seco; parecia sufocar. Mexeu a boca, mas não emitiu qualquer som. Por fim, murmurou: — Eu sinto muito — De súbito, ajoelhou-se diante de Arutha. — Sinto muito.

Arutha ficou olhando para o rapaz sem perceber, por um instante, até que balançou a cabeça. Colocando a mão no ombro de Jimmy, disse:

— Tudo bem. A culpa não foi sua.

Jimmy ajoelhou-se encostando a cabeça nos braços apoiados nos joelhos de Arutha, soluçando descontroladamente enquanto o Príncipe tentava consolá-lo de forma acanhada. Laurie ajoelhou-se a seu lado e disse:

— Você não podia ter feito mais do que fez.

Jimmy levantou a cabeça e olhou para Arutha.

— Mas devia.

Carline inclinou-se e passou a mão delicadamente pelo rosto do rapaz, enxugando-lhe as lágrimas.

— Você foi investigar, o que mais ninguém fez. Quem sabe o que poderia ter acontecido se não tivesse feito isso. — Deixou no ar a ideia de que Arutha poderia estar morto se Jimmy não tivesse chutado Jack Risonho no momento em que disparou.

Jimmy estava inconsolável.

— Mas eu devia ter feito mais — disse o menino.

Lyam atravessou a sala indo até onde Laurie, Carline e Arutha estavam reunidos ao redor de Jimmy. Também se ajoelhou ao lado do rapaz quando Laurie se afastou.

— Meu filho, já vi homens que enfrentaram goblins empalidecerem diante da mera ideia de escalarem a altura que você subiu. Todos temos medos — disse com delicadeza. — Porém, quando algo terrível acontece, não há quem não pense sempre que podia ter feito mais. — Colocou a mão sobre a de Arutha, que ainda estava pousada no ombro de Jimmy. — Tive de dar ordens aos guardas tsurani responsáveis pela revista do salão para que não se suicidassem. Pelo menos, você não tem esse sentimento deturpado de honra.

— Se pudesse, eu trocaria de lugar com a Princesa — respondeu Jimmy com ar sério.

Lyam falou em um tom solene:

— Eu sei que sim, meu filho; eu sei que sim.

— Jimmy… saiba que… você agiu bem. Eu agradeço — declarou Arutha, como se regressasse lentamente de um lugar distante. Tentou sorrir.

Jimmy, ainda com lágrimas escorrendo pela face, abraçou com força os joelhos do Príncipe e depois se recostou, enxugando o rosto e devolvendo o sorriso.

— Não chorava desde a noite em que vi assassinarem minha mãe. — Carline levou a mão à boca e ficou pálida. A porta da antecâmara se abriu e Nathan entrou. Usava somente a túnica branca que lhe ia até os joelhos, normalmente usada por baixo dos trajes cerimoniais, que haviam sido retirados quando foi supervisionar os cuidados à Princesa. Limpava as mãos em um pano e tinha um ar transtornado. Arutha levantou-se devagar, com Lyam segurando seu braço. Com ar carregado, Nathan informou:

— A Princesa está viva. Ainda que a ferida seja grave, a flecha atingiu-a de um ângulo que poupou sua coluna vertebral. Se a flecha a tivesse atingido diretamente, a morte teria sido imediata. Ela é jovem e saudável, mas…

— Mas o quê? — questionou Lyam.

— A flecha estava envenenada, Vossa Majestade. Trata-se de um veneno concebido com artes das trevas, uma mistura onde foram aplicados feitiços maléficos. Nada do que fizemos conseguiu combatê-lo. Alquimia ou magia, nada funciona.

Arutha piscava. O entendimento parecia escapar-lhe.

Nathan fitou o Príncipe com um olhar que refletia a tristeza que sentia.

— Lamento, Alteza. Ela está morrendo.

A masmorra ficava abaixo do nível do mar, úmida e escura, e o ar estava carregado com os odores acres de mofo e de algas. Quando Lyam e Arutha passaram o portão, um guarda afastou-se, enquanto outro abria uma porta que rangeu em protesto. Martin estava à espera em um dos lados da câmara de tortura; falava em voz baixa com Vandros e Kasumi.

Já desativado na época em que o Príncipe Erland chegara ao poder, aquele espaço só voltara a ser usado no breve período em que a polícia secreta de Jocko Radburn o usara para interrogar prisioneiros durante o reinado de Bas-Tyra.

Tinham sido retirados todos os instrumentos habituais de tortura, mas ferros estavam sendo aquecidos em um braseiro que fora devolvido ao seu lugar. Um dos soldados de Gardan tomava conta das brasas. Jack Risonho estava acorrentado a um pilar de pedra, com as mãos erguidas acima da cabeça. Seis tsurani o circundavam, tão perto que o prisioneiro, que gemia, acabava se encostando neles sempre que se mexia. Todos estavam virados para fora, mantendo um nível de vigilância impossível de igualar até pelo membro mais leal da Guarda Real de Arutha.

De outra área das masmorras, o Padre Tully deixou um grupo de vários sacerdotes que tinham estado presentes na cerimônia.

— Colocamos os feitiços protetores mais poderosos que existem — informou, dirigindo-se a Lyam. Em seguida, apontou para Jack. — Contudo, parece que algo tem acesso a ele. Como está a Anita?

Lyam abanou a cabeça devagar.

— A flecha estava envenenada com uma substância misteriosa. Nathan crê que lhe resta pouco tempo.

— Assim sendo, temos de interrogar o prisioneiro o mais rápido possível — disse o velho sacerdote. — Não fazemos a mínima ideia daquilo que estamos enfrentando.

Jack gemeu ruidosamente. A raiva de Arutha exacerbou-se, quase o sufocando. Lyam empurrou o irmão para passar, fez sinal para que um guarda se afastasse e olhou o ladrão nos olhos. Jack Risonho devolveu o olhar, fitando-o com olhos arregalados de medo. Seu corpo reluzia e de seu nariz adunco pingavam gotas de suor. Sempre que se mexia, gemia. Era evidente

que os tsurani, ao revistá-lo, não tinham sido amáveis. Jack tentou falar, umedeceu os lábios com a língua e disse:

— Por favor… — Estava rouco. — Não deixem que ele me leve.

Lyam aproximou-se e agarrou-lhe o rosto, cerrando a mão como um torniquete. Abanando a cabeça de Jack, perguntou:

— Que veneno usou?

Jack estava quase chorando ao responder:

— Não sei. Juro!

— Arrancaremos a verdade, homem. É melhor responder, pois será pior para você. — Lyam indicou os ferros em brasa.

Jack tentou dar uma gargalhada, que acabou em um som gorgolejante.

— Pior? Acha que temo os ferros? Preste atenção no que diz, Rei do maldito Reino, de bom grado eu deixarei que me queime o fígado se prometer que não permitirá que ele me leve. — As últimas palavras continham certa histeria.

Lyam olhou de relance em volta.

— A quem você se refere?

— Há mais de uma hora ele tem gritado para que não deixem que "ele" o leve — Tully explicou, sua expressão indicando que refletia. — Ele fez um pacto com poderes maléficos. Agora teme as consequências! — disse, com uma convicção repentina.

Jack acenou com a cabeça confirmando, os olhos arregalados. Entre uma gargalhada e um soluço, disse:

— É, sacerdote, seria assim com você também se tivesse sido tocado por tais poderes.

Lyam agarrou Jack pelo cabelo viscoso, inclinando a cabeça dele para trás.

— De que você está falando?

Os olhos de Jack se abriram mais ainda.

— Murmandamus — sussurrou.

De súbito, a masmorra ficou gelada; as brasas no braseiro e as tochas nas paredes pareceram tremeluzir e enfraquecer.

— Está aqui! — guinchou Jack, descontrolado. Um dos sacerdotes começou a entoar um cântico e logo as chamas ganharam força.

Tully olhou para Lyam.

— Isso foi… assustador. — Sua testa estava franzida e seus olhos,

arregalados. — Ele possui um poder surpreendente. Apresse-se, Majestade, mas não mencione esse nome que só serve para atraí-lo até seu servo aqui presente.

— Qual era o veneno? — questionou Lyam.

Jack respondeu soluçando:

— Não sei. É a verdade. Um amante de goblins me deu, um Irmão das Trevas. Juro.

A porta se abriu e Pug entrou, seguido pela figura corpulenta de outro mago de barba grisalha e vistosa. Os olhos escuros de Pug refletiam o tom sombrio de sua voz ao afirmar:

— Kulgan e eu estivemos levantando proteções ao redor desta parte do palácio, mas algo está atacando neste exato momento.

Kulgan, cujo rosto demonstrava um grande cansaço, como se tivesse terminado uma tarefa esgotante, acrescentou:

— O que quer que esteja tentando entrar aqui tem uma grande determinação. Se tivéssemos tempo, creio que conseguiríamos descobrir um pouco de sua natureza, mas…

Tully concluiu o pensamento:

— …ele conseguirá atravessar antes de conseguirmos descobri-la. Por isso, não temos tempo. — Então apressou Lyam: — Vamos!

— Diga tudo o que sabe sobre essa criatura a que serve — disse o Rei —, ou essa pessoa, seja lá o que for. Por que ela deseja a morte de meu irmão?

— Um acordo! — gritou Jack. — Eu digo tudo o que sei, tudo, mas não deixem que ele me leve.

Lyam fez um aceno breve com a cabeça.

— Ele será mantido longe de você.

— Você não sabe — berrou Jack, cuja voz era entrecortada por soluços. — Eu estava morto. Entende? Aquele bastardo acertou em mim em vez do Jimmy e eu morri. — Olhou para todos os presentes. — Nenhum de vocês pode entender. Senti a vida me deixar até que ele chegou. Quando estava quase morto, ele me levou para um lugar frio e escuro e… me machucou. Mostrou… coisas para mim. Disse que eu podia viver, ele me devolveria a vida se eu aceitasse servi-lo ou então… ele me deixaria morrer e ficar ali. Não podia me salvar naquele momento, pois eu não lhe pertencia. Mas agora pertenço. Ele é… o mal.

Julian, o sacerdote de Lims-Kragma, aproximou-se do Rei.

— Ele mentiu para você, homem. Esse lugar frio foi forjado por ele. O amor de nossa senhora proporciona consolo a todos os que a recebem no fim. O que você viu foi uma mentira.

— Ele é o pai de todas as mentiras! Contudo, agora sou uma de suas criaturas. — Jack soluçou. — Ele me ordenou que fosse ao palácio matar o Príncipe. Disse que só eu restava, que os demais não chegariam a tempo, só estariam aqui dentro de alguns dias. Tinha de ser eu. Eu disse que faria, mas… estraguei tudo e agora ele virá reclamar a minha alma! — As últimas palavras se transformaram em um choro de dar pena, uma súplica por misericórdia que nem o Rei tinha poderes para conceder.

Lyam virou-se para Julian.

— Há algo que possamos fazer?

— Há um ritual, mas… — Olhou para Jack e prosseguiu: — Você irá morrer, homem, sabe disso. Já morreu e está aqui devido a um pacto profano. O que deve acontecer acontecerá. Não durará mais do que uma hora. Compreende?

Entre lágrimas e saliva, Jack soluçou:

— Compreendo.

— Assim sendo, responderá às nossas perguntas e dirá tudo o que sabe, para depois morrer voluntariamente e salvaguardar sua alma? — Jack cerrou os olhos e chorou como um bebê, mas acenou com a cabeça em concordância.

— Pois então conte tudo o que sabe sobre os Falcões Noturnos e a conspiração para matar meu irmão — ordenou Lyam.

Jack fungou e respirou com dificuldade.

— Há seis ou sete meses, Dase Dourado me disse que tinha encontrado algo que poderia nos tornar ricos. — Enquanto falava, a voz de Jack perdeu o tom histérico. — Perguntei-lhe se comentara o assunto com o Mestre Noturno, mas ele disse que o assunto não dizia respeito aos Zombadores. Eu não estava certo de que enganar a guilda era uma boa ideia, mas não me importei em ganhar um soberano a mais por baixo dos panos, por isso disse “Por que não?” e fui com ele. Nós nos encontramos com um sujeito chamado Havram, com quem já tínhamos trabalhado, que fez muitas perguntas, mas não deu respostas, por isso quase mandei o negócio para o inferno antes mesmo de saber do que se tratava, até que ele colocou uma bolsa de ouro na mesa e me disse que havia mais de onde aquele tinha vindo.

Jack fechou os olhos e de sua garganta saiu um soluço que quase conseguiu reprimir.

— Pelos esgotos, acompanhei Dourado e Havram até a Casa dos Salgueiros. Quase me borrei todo quando vi dois amantes de goblins no porão. No entanto, tinham ouro, e eu, pelo ouro, aguento muita coisa. Então eles me disseram que eu tinha de fazer isso e aquilo e ouvir as ordens dadas pelo Justo, pelo Mestre Noturno e pelo Mestre Diurno e informá-los de tudo. Disse-lhes que isso era uma sentença de morte, mas eles desembainharam as espadas e me disseram que seria uma sentença de morte se não o fizesse. Pensei em fingir concordância para depois soltar alguns brutamontes sobre eles, mas fui levado para outro quarto, nos Salgueiros, onde estava um sujeito com um manto até o chão. Não consegui ver seu rosto, mas ele tinha uma voz esquisita e fedia. Lembro-me de ter sentido um cheiro parecido quando ainda era rapaz, e nunca mais me esqueci.

— O que era? — quis saber Lyam.

— Senti esse cheiro uma vez em uma caverna. Um cheiro de cobra.

Lyam virou-se para Tully, que arquejou:

— Um sacerdote serpente pantathiano! — Todos os sacerdotes presentes ficaram horrorizados e começaram a falar entre si em voz baixa. Tully ordenou: — Continue; nosso tempo é curto.

— Foi então que começaram a fazer coisas que nunca tinha visto antes. Não sou nenhuma virgenzinha sob uma redoma de vidro, que julga que o mundo é puro e encantador, mas aqueles sujeitos eram algo que eu sequer imaginava existir. Trouxeram uma criança! Uma menina que não tinha mais do que oito ou nove anos. Achava que já tinha visto tudo. O do manto puxou um punhal… — Jack engoliu em seco, tentando manter lá dentro o conteúdo de seu estômago. — Desenharam diagramas com o sangue dela e fizeram uma espécie de juramento. Não sou muito dado aos deuses, mas sempre atirei uma moeda a Ruthia ou a Banath na época das festividades. Mas naquele momento rezava a Banath como se estivesse assaltando o tesouro da cidade em pleno dia. Não sei se teve alguma coisa a ver com isso, mas não me obrigaram a fazer o juramento… — A voz embargou-se, dando lugar a um soluço. — Caramba, beberam o sangue dela! — Respirou fundo. — Concordei em trabalhar com eles. Correu tudo bem até me dizerem para armar uma cilada para pegar o Jimmy.

— Quem são esses homens e o que pretendem? — questionou Lyam.

— Uma noite, um amante de goblins disse que há uma espécie de profecia acerca do Senhor do Ocidente. O Senhor do Ocidente tem de morrer para que algo aconteça.

Lyam olhou de relance para Arutha.

— Você disse que o chamaram de Senhor do Ocidente.

Arutha recuperara um pouco de seu autocontrole e pôde responder:

— É verdade, chamaram, duas vezes.

Lyam retomou o interrogatório:

— Que mais?

— Não sei — disse Jack, quase esgotado. — Falavam entre eles. Eu não era bem um deles. — A masmorra voltou a estremecer e as brasas e as tochas tremeluziram. — Ele está aqui! — guinchou Jack.

Arutha aproximou-se do irmão.

— E sobre o veneno? — perguntou.

— Não sei — soluçou Jack. — Um amante de goblins me deu. Acho… — fez um aceno com a cabeça — acho que um dos outros o chamou de "Espinho de Prata".

Arutha deu uma olhada ao redor, mas não viu ninguém que mostrasse reconhecer a designação. De repente, um dos sacerdotes informou:

— Ele voltou.

Vários sacerdotes começaram a entoar encantamentos, então pararam quase no mesmo instante e um deles revelou:

— Ele conseguiu passar nossas defesas.

— Corremos perigo? — Lyam dirigiu-se a Tully.

— Os poderes maléficos só podem controlar diretamente aqueles que se ofereceram a eles. Aqui estamos a salvo de um ataque direto — explicou o Padre.

O recinto começou a esfriar enquanto as tochas tremeluziam furiosamente; em volta, as sombras se acentuaram.

— Não deixem que ele me leve! — berrou Jack. — Vocês prometeram!

Tully olhou para Lyam, que fez um aceno com a cabeça, indicando que o Padre Julian devia se encarregar do assunto.

O Rei fez sinal aos guardas tsurani para que dessem espaço aos sacerdotes de Lims-Kragma. O sacerdote colocou-se em frente a Jack e perguntou:

— Seu coração está preparado para receber de bom grado a misericórdia

de nossa senhora?

Aterrorizado, Jack foi incapaz de falar. Com os olhos cheios de lágrimas, piscou para logo acenar indicando concordância. Julian deu início a um cântico baixo e tranquilo enquanto os outros sacerdotes gesticulavam rapidamente. Tully se aproximou de Arutha e disse:

— Fique calmo. A morte se encontra entre nós.

Tudo terminou subitamente. Num momento, Jack soluçava descontroladamente; no segundo seguinte, tombou. Só não caiu porque as correntes o seguraram. Julian virou-se para os demais:

— Ele está a salvo ao lado da Senhora da Morte. Agora não há ninguém que possa lhe fazer mal.

De repente, as paredes da masmorra pareceram vibrar. Uma presença maléfica foi sentida por todos e logo se ouviu um arranhar estridente quando uma entidade não humana guinchou indignada por ter sido privada de seu servo. Todos os sacerdotes, assim como Pug e Kulgan, criaram uma defesa mágica contra o espírito invasor, até que, de um momento para outro, uma calma de morte reinou.

— Ele foi embora — comunicou Tully, visivelmente abalado.

Arutha ajoelhou-se ao lado da cama, o rosto transformado em uma máscara pétrea. Anita estava deitada com o cabelo espalhado na almofada branca como uma coroa vermelho-escura.

— Parece tão pequenina — disse ternamente. Olhou para quem estava no quarto. Carline agarrava-se ao braço de Laurie, enquanto Martin aguardava com Pug e Kulgan junto à janela. Em silêncio, os olhos de Arutha imploraram a todos. E todos olharam para a princesa, exceto Kulgan, que parecia perdido em seus pensamentos. Aguardavam o último suspiro, pois Nathan dissera que a jovem Princesa não duraria mais do que uma hora. Lyam se encontrava em outro quarto, tentando consolar a mãe de Anita.

De repente, Kulgan contornou a cama e, em uma voz que parecia muito alta devido aos tons sussurrados dos demais, perguntou a Tully:

— Se tivesse uma pergunta que só pudesse fazer uma única vez, para onde você iria?

Tully pestanejou.

— Enigmas? — A expressão de Kulgan, com suas sobrancelhas vistosas e grisalhas por cima do nariz protuberante, evidenciava que não estava

fazendo uma piada de mau gosto. — Lamento — respondeu Tully. — Deixe-me pensar… — O rosto envelhecido de Tully franziu-se ao se concentrar. Foi então que demonstrou ter descoberto uma verdade óbvia: — Sarth!

Kulgan bateu no peito do velho clérigo com o dedo indicador.

— Exatamente. Sarth.

Arutha, que seguira a conversa, perguntou:

— Por que Sarth? É um dos portos de menor importância do Principado.

— Porque lá perto existe uma abadia ishapiana na qual, dizem, está guardado mais conhecimento do que em qualquer outro lugar do Reino — respondeu Tully.

— Se existe algum lugar neste Reino onde é possível descobrir a natureza do Espinho de Prata, e o que fazer para reverter seus efeitos, é esse o lugar — acrescentou Kulgan.

Arutha olhou impotente para Anita.

— Mas Sarth… Não há cavaleiro que consiga ir até lá e voltar em menos de uma semana e…

Pug avançou.

— Talvez eu consiga ajudar. — Com repentina autoridade, ordenou: — Saiam do quarto. Todos, menos os Padres Nathan, Tully e Julian. — Instruiu Laurie: — Vá até meus aposentos. Katala vai lhe entregar um grande livro encadernado com pele vermelha. Traga-o imediatamente.

Sem questionar, Laurie saiu correndo enquanto os demais deixavam o quarto. Pug falou aos sacerdotes em voz calma:

— Conseguem retardar a passagem do tempo para a Princesa sem lhe causar danos?

Nathan respondeu:

— Consigo fazer esse feitiço. Fiz com o Irmão das Trevas ferido antes que morresse. Contudo, conseguiremos somente algumas horas. — Olhou para Anita, cujo rosto já ganhara um aspecto frio e acinzentado. Nathan tocou-lhe a testa. — Está cada vez mais fria e úmida. Está indo depressa. Temos de nos apressar.

Os três sacerdotes depressa desenharam o pentagrama e colocaram as velas. Em poucos minutos, já tinham preparado o quarto e não demorou para que o ritual terminasse. A Princesa estava deitada, aparentemente adormecida, em uma cama envolta por um brilho rosado visível apenas quando se olhava de relance. Pug conduziu os sacerdotes para fora do quarto

e pediu que lhe fosse trazida cera de lacre. Martin deu ordens e um pajem correu para buscar. Pug pegou o livro que pedira a Laurie que trouxesse. Voltou a entrar no quarto e começou a andar em círculos, lendo o tomo. Quando terminou, saiu e iniciou uma extensa cadeia de encantamentos.

Terminou colocando cera na parede ao lado da porta. Então fechou o livro.

— Está feito.

Tully dirigiu-se à porta, mas foi impedido pela mão de Pug.

— Não atravesse a soleira da porta. — O velho sacerdote olhou para Pug com uma expressão de curiosidade.

Kulgan balançou a cabeça, demonstrando reconhecimento.

— Não vê o que o rapaz fez, Tully? — Pug foi obrigado a sorrir, pois, mesmo quando tivesse longos bigodes brancos, continuaria a ser um rapaz aos olhos de Kulgan. — Olhe para as velas.

Os outros olharam para dentro e logo todos entenderam o que o mago corpulento queria dizer. As velas nos cantos do pentagrama estavam acesas, embora fosse difícil de ver à luz do dia. Porém, quando olhavam com atenção, era evidente que as chamas não tremeluziam. Pug disse aos outros:

— O tempo passa tão devagar naquele quarto que é quase impossível perceber sua passagem. A parede deste lugar se desfaria em pó antes de aquelas velas queimarem um décimo de seu tamanho. Caso alguém atravesse a soleira, será apanhado como uma mosca pelo fogo. Isso resultaria em morte, mas os feitiços do Padre Nathan abrandam os estragos do tempo dentro do pentagrama, o que impede que a Princesa saia ferida.

— Quanto tempo irá durar? — perguntou Kulgan, notoriamente assombrado com seu antigo aluno.

— Até quebrarem o selo.

O rosto de Arutha traiu o primeiro brilho de esperança.

— Ela irá sobreviver?

— Por enquanto, ela vive — respondeu Pug. — Arutha, a Princesa existe entre momentos e assim permanecerá, para sempre jovem, até a remoção do feitiço. Quando o tempo voltar a fluir para ela, então precisará de uma cura, se de fato existir uma cura.

Kulgan suspirou ruidosamente.

— Quer dizer que ganhamos aquilo de que mais precisávamos. Tempo.

— Sim, mas quanto tempo? — quis saber Tully.

A voz de Arutha soou firme:

— Tempo suficiente. Eu irei encontrar uma cura.

— O que pretende fazer? — perguntou Martin.

Arutha olhou para o irmão e, pela primeira vez naquele dia, afastou o sofrimento que o afligia, a loucura e o desespero. Friamente e com calma, respondeu:

— Irei a Sarth.

8

Juramento

Lyam estava sentado, imóvel.

Observou Arutha atenta e demoradamente, até que balançou a cabeça.

— Não. Eu proíbo.

Arutha não demonstrou qualquer reação ao dizer:

— Por quê?

Lyam suspirou.

— Porque é perigoso demais e você tem outras responsabilidades aqui. — Lyam levantou-se e saiu de trás da mesa dos aposentos de Arutha, atravessando o espaço até onde o irmão estava. Colocando delicadamente a mão no braço de Arutha, disse: — Conheço sua natureza, Arutha. Você odeia esperar que os assuntos se resolvam sem sua intervenção. Bem sei que não suporta a ideia de colocar o destino de Anita nas mãos de terceiros, mas em sã consciência não posso permitir que viaje até Sarth.

O semblante de Arutha permaneceu encoberto, como se mantinha desde a tentativa de assassinato do dia anterior. Contudo, com a morte de Jack Risonho, a raiva de Arutha fugira, parecendo ter se refugiado em seu íntimo, tornando-se uma indiferença fria. A revelação de Kulgan e Tully sobre uma possível fonte de conhecimento existente em Sarth sanara sua mente da loucura inicial. Naquele momento, só tinha um objetivo, algo que exigia clareza de discernimento, capacidade de pensar racionalmente, com frieza e serenidade. Encarando fixamente o irmão com um olhar penetrante, disse:

— Estive ausente durante vários meses, viajando pelo estrangeiro em sua

companhia, portanto os assuntos do Reino Ocidental suportarão minha ausência por mais algumas semanas. Quanto à minha segurança — acrescentou em um tom de voz crescente —, todos nós vimos quão seguro me encontro em *meu próprio palácio!* — Ficou calado por uns segundos, dizendo em seguida: — Irei a Sarth.

Martin, que estivera quieto em um canto, observando a discussão e ouvindo atentamente seus meios-irmãos, inclinou-se para a frente na cadeira.

— Arutha, conheço você desde que era um bebê e conheço seus estados de espírito tão bem quanto os meus. Acha impossível deixar assuntos vitais nas mãos dos outros. Sua natureza apresenta certa arrogância, irmãozinho. É uma característica, um defeito de personalidade, se preferir chamar assim, que todos partilhamos.

Lyam piscou como se tivesse ficado surpreso por ter sido incluído na acusação.

— Todos…?

O canto da boca de Arutha revirou-se formando um meio sorriso, ao mesmo tempo que suspirava.

— Todos, Lyam — disse Martin. — Nós três somos filhos de Borric e a verdade é que, apesar de todas as qualidades, nosso pai conseguia ser bastante arrogante. Arutha, temos uma índole idêntica, embora eu consiga disfarçar bem. Que me lembre, são poucas as coisas que me irritam mais do que ficar quieto enquanto outros se ocupam de tarefas que eu me sinto mais apto a fazer, mas, pensando bem, não há motivo para você ir. Há outros que melhor se adéquam. Tully, Kulgan e Pug podem levar a pena ao pergaminho para redigirem todas as perguntas que é preciso fazer ao Abade de Sarth. Além disso, há quem esteja mais apto a levar tais missivas depressa, passando despercebido, através das florestas, até Sarth.

Lyam franziu o cenho.

— Alguém como um determinado Duque do Ocidente, estou certo.

Martin exibiu um sorriso enigmático, emulando o sorriso de Arutha.

— Nem os Batedores de Arutha são tão hábeis a percorrer as florestas quanto alguém treinado pelos elfos. Se esse tal de Murmandamus possui agentes nas trilhas das florestas, não há ninguém ao sul de Elvandar com mais possibilidades de passar por eles do que eu.

Lyam revirou os olhos para o céu com um ar indignado.

— Você não é melhor do que ele. — Foi até as portas e as abriu

totalmente. Arutha e Martin o seguiram. Gardan aguardava do lado de fora e sua companhia de guardas ficou em posição de sentido ao avistarem o monarca. Lyam dirigiu-se a Gardan: — Capitão, se um de nossos irmãos cabeça de vento tentar sair do palácio, detenha-o e tranque-o a sete chaves. É essa a nossa vontade real. Entendido?

Gardan fez continência.

— Entendido, Vossa Majestade.

Sem mais, Lyam avançou pelo corredor a passos largos rumo a seus aposentos, revelando um rosto coberto de inquietação e preocupação. Atrás dele, os guardas de Gardan trocaram olhares admirados, depois viram Arutha e Martin partirem em outra direção. O Príncipe estava ruborizado e só conseguia ocultar uma parte da raiva que sentia, enquanto a expressão de Martin nada revelava de seus sentimentos. Quando os dois irmãos desapareceram, olhares curiosos passaram de soldado em soldado, pois tinham ouvido todas as palavras ditas pelo Rei. Então Gardan falou em tom simpático, mas que transmitia autoridade:

— Mantenham-se firmes. Continuam em serviço.

—Arutha!

Arutha e Martin, que conversavam em voz baixa enquanto andavam, pararam quando viram o Embaixador keshiano tentar alcançá-los, trazendo seu séquito atrás de si. Ele os alcançou, fez uma pequena reverência e disse:

— Vossa Alteza, Vossa Graça.

— Bom dia, Vossa Excelência — retribuiu Arutha um tanto bruscamente. A presença de Lorde Hazara-Khan recordava-o de que restavam obrigações oficiais a serem cumpridas. Mais cedo ou mais tarde, Arutha sabia, teria de dar atenção aos assuntos corriqueiros do governo. Esse pensamento o irritou.

— Fui informado, Vossa Alteza — disse o Embaixador —, que eu e minha comitiva temos de pedir permissão para sair do palácio. É verdade?

A irritação de Arutha intensificou-se, embora a raiva fosse dirigida a si mesmo. O fechamento do palácio foi algo natural, ainda que não tivesse considerado a questão frequentemente penosa da imunidade diplomática, esse óleo necessário na engrenagem frequentemente emperrada das relações internacionais. Em tom que indicava um pedido de desculpas, respondeu:

— Meu caro Lorde Hazara-Khan, lamento. No calor do momento…

— Entendo perfeitamente, Vossa Alteza. — Dando uma olhada ao redor,

prosseguiu: — Posso falar a sós com o senhor por um instante? Podemos falar enquanto caminhamos. — Arutha fez sinal afirmativo e Martin ficou para trás, caminhando com os filhos e com a guarda pessoal de Hazara-Khan. O Embaixador continuou: — Este me parece um momento desagradável para aborrecer o Rei com tratados. Creio que é o momento indicado para visitar meu povo em Jal-Pur. Ficarei por lá algum tempo. Retornarei para cá, ou irei a Rillanon, conforme necessário, para discutir tratados assim que… a situação acalmar.

Arutha observou o Embaixador com atenção. Os serviços de espionagem de Volney haviam revelado que a Imperatriz enviara uma de suas melhores mentes para negociar com o Reino.

— Meu caro Lorde Hazara-Khan, agradeço-lhe por levar em consideração meus sentimentos, bem como os da minha família, neste momento difícil.

O Embaixador fez um aceno com a mão ao ouvir o comentário, minizando-lhe a importância.

— Não há honra alguma em superar aqueles que se encontram atormentados pela tristeza e a angústia. Quando este assunto desagradável terminar, espero que tanto você como seu irmão cheguem à mesa de negociações com as cabeças descansadas e, então, discutiremos sobre o Vale dos Sonhos. Pretendo conquistar concessões a partir daquilo que de melhor tiverem para oferecer, Vossa Alteza. Agora, seria simples demais tirar partido da situação. Vocês precisam da aprovação de Kesh no que diz respeito ao futuro casamento do Rei com a Princesa Magda de Roldem. Como ela é a única filha do Rei Carole, caso algo aconteça ao irmão dele, Dravos, o Príncipe da Coroa, qualquer filho por ela gerado ocuparia os dois tronos, o das Ilhas e o de Roldem. Ora, como há muito consideramos Roldem como parte da esfera de influência de Kesh… bem, o senhor entende certamente o motivo de nossas preocupações.

— Meus cumprimentos ao Corpo Imperial de Espionagem, Excelência — afirmou Arutha em um reconhecimento pesaroso. Somente ele e Martin tinham conhecimento daquele fato.

— Oficialmente, esse grupo não existe, embora tenhamos fontes que desejam manter o *status quo*.

— Agradeço sua sinceridade, Excelência. Também temos de discutir a construção de uma nova armada keshiana que está sendo feita em Durbin, o

que constitui uma violação do Tratado de Shamata.

Lorde Hazara-Khan balançou a cabeça e disse com afeto:

— Oh, Arutha, espero com ansiedade a oportunidade de negociar com você.

— E eu com você. Darei ordens aos guardas para que permitam que parta com sua comitiva quando assim desejar. Peço somente que se certifique de que ninguém saia disfarçadamente infiltrado em seu séquito.

— Ficarei no portão identificando todos os soldados e serviçais pelo nome à medida que vão passando, Vossa Alteza.

Arutha não duvidava da capacidade do Embaixador de fazer o que acabara de dizer.

— Seja lá o que o destino guarde, Abdur Rachman Memo Hazara-Khan, mesmo que um dia nos enfrentemos em um campo de batalha, sempre o considerarei um amigo generoso e honrado. — Estendeu a mão.

Abdur apertou-a.

— É uma honra, Vossa Alteza. Enquanto eu for sua voz, Kesh negociará sempre de boa-fé e com propósitos dignos.

O Embaixador fez sinal aos companheiros para que se juntassem a ele e, depois de pedir licença a Arutha, partiram. Martin aproximou-se do irmão e disse:

— Pelo menos por enquanto, esse será um problema a menos.

Arutha concordou.

— Por ora. É provável que aquela velha raposa esperta faça deste palácio sua embaixada e eu acabe em uma pensão barata nas docas, com a corte.

— Então temos de pedir que Jimmy nos recomende uma das melhores. — Lembrando-se de repente, Martin perguntou: — Aliás, onde ele está? Não o vejo desde que interrogamos Jack Risonho.

— Anda por aí. Tinha tarefas a executar.

Martin indicou que entendia e os dois irmãos prosseguiram corredor afora.

Laurie girou ao ouvir alguém entrar. Carline fechou a porta atrás de si e parou, olhando para a trouxa de viagem do cantor posta ao lado do alaúde na cama. Ele acabara de prepará-la e estava vestido com sua velha roupa de viajante. Ela semicerrou os olhos e acenou com a cabeça uma única vez, com ar de entendida.

— Vai a algum lugar? — O tom da Princesa era gélido. — Pensou em dar um pulo a Sarth para fazer umas perguntas, não é verdade?

Laurie levantou as mãos em súplica.

— É por pouco tempo, minha amada. Volto depressa.

Sentando-se na cama, Carline exclamou:

— Oh! Você é igual a Arutha e a Martin. Acham que ninguém no palácio tem inteligência para assoar o nariz sem que um de vocês diga como fazer. E então algum bandido ou… outra coisa qualquer lhes corta a cabeça. Laurie, às vezes fico tão irritada. — Sentou-se ao seu lado e colocou o braço em seus ombros, encostando-se nele. — Ficamos tão pouco tempo juntos desde que chegamos e é tudo tão… horrível. — Sua voz se embargou ao começar a chorar. — Coitada da Anita — disse, pouco depois. Secando as lágrimas em ar de desafio, prosseguiu: — Odeio chorar. E ainda estou zangada com você. Você ia partir sem se despedir e fugir. Eu sei. Bom, se for, não volte. Mande uma mensagem dizendo o que descobriu, se sobreviver até lá, mas não volte a pôr os pés neste palácio. Nunca mais quero vê-lo. — Levantou-se e se dirigiu à porta.

Laurie seguiu-a de imediato. Agarrou-a pelo braço e a virou para si.

— Minha amada, por favor… não…

— Se me amasse, pediria minha mão a Lyam. Chega de palavras doces, Laurie. Chega de acanhamentos e indefinições. Não quero mais nada com você — disse ela, com lágrimas nos olhos.

Laurie começou a entrar em pânico. Ignorara a ameaça anterior de Carline de que, quando regressassem a Rillanon, ou teriam acabado o relacionamento, ou estariam casados, quer fosse por escolha, quer fosse devido a acontecimentos.

— Não ia dizer nada até este assunto da Anita se resolver, mas… já decidi. Não posso permitir que me deixe fora de sua vida. Quero me casar com você.

Carline arregalou os olhos.

— O quê?

— Disse que quero me casar…

Ela tapou sua boca com a mão. Depois o beijou. Durante um longo e silencioso momento, palavras não foram necessárias. Afastou-se, esboçando um sorriso perigoso. Balançando a cabeça em negação, falou com afeto:

— Não. Não diga mais nada. Não permitirei que volte a escurecer minha

mente com palavras cheias de mel. — Caminhou devagar até a porta e a abriu. — Guardas! — chamou, e no mesmo instante surgiram dois. Apontando para um Laurie atônito, ordenou: — Não o deixem mexer um dedo! Se ele tentar sair, sentem-se em cima dele.

Carline desapareceu de vista pelo corredor e os guardas mostraram expressões divertidas enquanto contemplavam Laurie, que suspirou e sentou-se na cama.

Decorridos poucos minutos, a Princesa voltou arrastando um Padre Tully irritado. O velho sacerdote trazia o roupão vestido às pressas, pois já se preparava para dormir. Lyam, com ar igualmente incomodado, seguia a irmã. Laurie deixou-se cair para trás na cama com um gemido audível quando Carline entrou de repente no quarto e apontou para ele.

— Ele disse que quer se casar comigo!

Laurie endireitou-se. Lyam fitou a irmã com ar admirado.

— Devo dar-lhe os parabéns ou mandar enforcá-lo? Pelo seu tom de voz, é difícil saber.

Laurie ficou em pé de um salto como se lhe tivessem espetado uma agulha e avançou para o Rei.

— Vossa Majestade…

— Não deixe que ele fale — interrompeu Carline, apontando um dedo acusador a Laurie. Com um sussurro ameaçador, acusou: — Ele é o rei de todos os mentirosos e sedutor de inocentes. Tentará escapar.

Balançando a cabeça, Lyam disse entre dentes:

— Inocentes? — De repente, sua expressão ficou sombria. — Sedutor? — Fixou o olhar em Laurie.

— Vossa Majestade, por favor — implorou Laurie.

Carline cruzou os braços e bateu com o pé no chão demonstrando impaciência.

— Aí está ele — resmungou. — Está vendo se consegue se livrar do compromisso de se casar comigo.

Tully se interpôs entre Carline e Laurie.

— Majestade, posso?

— Por favor — Lyam respondeu, com um ar confuso.

Tully olhou primeiro para Laurie e, em seguida, para Carline.

— Devo entender que quer se casar com este homem, Alteza?

— Sim!

— E você, meu senhor?

Carline ia falar, mas foi interrompida por Lyam:

— Deixe-o falar!

Laurie ficou imóvel, piscando no silêncio repentino. Encolheu os ombros como se quisesse transmitir que não entendia o motivo daquele alvoroço.

— Claro que sim, Padre.

Lyam parecia no limite da paciência.

— Mas então qual é o problema? — Dirigiu-se a Tully: — Espalhem a notícia, bem… na semana que vem. Depois desses últimos dias, temos de aguardar um pouco. O casamento será celebrado depois… de tudo ficar mais calmo. Você tem objeções, Carline? — Ela balançou a cabeça, com lágrimas nos olhos. Lyam prosseguiu: — Um dia, quando for uma velha senhora casada com dúzias de netos, terá de me explicar tudo isso. — Voltando-se para Laurie, comentou: — Você é mais corajoso do que a maioria dos homens. — Olhando de relance para a irmã, acrescentou: — E também mais sortudo. — Beijou-a no rosto. — Pois bem, se era só este o assunto, vou me recolher.

Carline lançou-se ao pescoço do irmão e deu-lhe um abraço apertado.

— Obrigada.

Ainda balançando a cabeça, Lyam saiu.

— Deve haver alguma razão para esta necessidade urgente de pedidos de casamento a uma hora tão tardia — disse Tully. Em seguida, virou as palmas das mãos para cima e acrescentou, quase sem pausa: — No entanto, esperarei para ouvi-la outra hora. Agora, se me dão licença… — Ele não deu a mínima oportunidade para que Carline falasse, pois saiu do quarto praticamente correndo. Os guardas o seguiram, fechando a porta. Carline sorriu para Laurie quando ficaram sozinhos.

— Bem, está feito. Até que enfim!

Laurie sorriu de orelha a orelha ao abraçá-la pela cintura.

— Sim, está, e com algum sofrimento.

— Algum sofrimento! — exclamou Carline, dando-lhe um soco no estômago com um impacto considerável. Laurie dobrou-se, sem fôlego. Caiu para trás, sobre a cama. Carline aproximou-se da beira da cama e ajoelhou-se a seu lado. Ao tentar se levantar, ela pôs a mão em seu peito, empurrando-o.

— Quem você acha que eu sou? Uma lacaia desleixada que você tem de aturar em benefício de ambições políticas? — Na brincadeira, puxou as tiras

de couro da túnica do cantor. — Eu devia mandar que atirassem você nas masmorras. Algum sofrimento, seu monstrinho.

Agarrando-a pelo vestido, Laurie puxou-a para si até conseguir ficar perto para beijá-la. Dando um grande sorriso, disse:

— Olá, meu amor. — E logo se perderam nos braços um do outro.

Mais tarde, Carline, que cochilara, despertou e perguntou:

— Você está feliz?

Laurie riu, fazendo a cabeça da Princesa sacudir, pois estava apoiada em seu peito.

— Claro que sim. — Afagando-lhe o cabelo, quis saber: — O que foi aquilo tudo com seu irmão e Tully?

Ela deu uma risada abafada.

— Depois de quase um ano tentando fazer com que você me pedisse em casamento, não ia deixar que se esquecesse de que finalmente fez o pedido. Até onde eu sei, você poderia simplesmente estar tentando se livrar de mim para escapar para Sarth.

— Oh, céus! — exclamou Laurie, saltando da cama. — Arutha!

Carline virou-se e encostou-se à almofada que ficara vazia.

— Quer dizer que iam ambos fugir escondidos?

— Sim! Não! Quer dizer… Ah, diabos! — Laurie vestiu as calças e olhou ao redor, à procura de alguma coisa. — Onde está a outra bota? Estou uma hora atrasado. — Depois de se vestir, sentou-se ao lado dela. — Tenho de ir. Nada impedirá Arutha de ir. Você sabe disso.

Carline agarrou o braço dele com força.

— Sabia que iam os dois. Como pretendem sair do palácio?

— Jimmy.

Ela acenou com a cabeça.

— Calculo que exista uma saída que ele se esqueceu de mencionar ao Arquiteto Real.

— Qualquer coisa desse gênero. Tenho de ir.

Por mais uns instantes, ela não largou seu braço.

— Não fez os votos de brincadeira, não é?

— Jamais o faria. — Inclinou-se para beijá-la. — Sem você, não sou nada.

Em silêncio, ela chorou, sentindo-se plena e vazia ao mesmo tempo; ciente de que encontrara o companheiro de sua vida, temia perdê-lo. Como se

lesse seus pensamentos, Laurie disse:

— Eu volto, Carline. Nada poderá me afastar de você.

— Se não voltar, irei procurá-lo.

Ele partiu depois de um beijo rápido, fechando a porta devagar. Carline afundou-se na cama, aproveitando o máximo que pôde de seu derradeiro calor.

Laurie entrou sorrateiramente nos aposentos de Arutha quando os guardas do corredor se encontravam no lado oposto da ronda. Na escuridão, ouviu-o chamar seu nome.

— Sou eu — respondeu.

Arutha abriu a portinhola da lamparina, iluminando o quarto. A singela fonte de luz dava um ar cavernoso à antecâmara dos aposentos do Príncipe, que disse:

— Está atrasado. — Aos olhos de Laurie, o Príncipe e Jimmy pareciam figuras sobrenaturais devido ao clarão amarelo da lanterna que os iluminava de baixo para cima. Arutha vestia um traje simples de mercenário: botas de montar até o joelho, calças de lã grossa, um colete de couro pesado sobre uma túnica azul e um florete preso ao cinto. Por cima, portava uma pesada capa cinzenta cujo grande capuz caía sobre os ombros; contudo, o que levou Laurie a demorar um pouco mais o olhar foi a luz que os olhos de Arutha pareciam emitir. Prestes a iniciar a viagem para Sarth, ardiam de impaciência.

— Vá na frente.

Jimmy levou-os até uma porta baixa escondida na parede, por onde todos passaram. Pelos túneis antiquíssimos do palácio, Jimmy deslocava-se depressa, descendo a um nível ainda mais abaixo do das úmidas masmorras. Arutha e Laurie seguiam calados, ainda que o cantor soltasse uma imprecação em voz baixa quando pisava em algo mole ou em algo que fugia. Estava grato pela ausência de uma iluminação melhor.

De repente, subiram toscos degraus de pedra. Ao chegarem a uma plataforma, Jimmy empurrou para cima uma parte do teto de pedra, aparentemente vazia; ouviu-se um ranger. Moveu-se um pouco e Jimmy informou:

— É muito apertado.

Contorceu-se para passar e pegou os pertences que os outros lhe passaram. A base de uma pedra do outro lado fora habilmente construída para

oscilar para o lado, embora o tempo e a falta de uso lhe tivessem conferido certa resistência. Arutha e Laurie conseguiram passar e o primeiro perguntou:

— Onde estamos?

— Atrás de uma sebe no parque real. O portão dos fundos de acesso ao palácio fica a cerca de cento e trinta metros naquela direção — respondeu Jimmy. Indicou um caminho. — Sigam-me. — Conduziu-os através de arbustos espessos até um bosque onde aguardavam três cavalos. Arutha comentou:

— Não pedi para você comprar três montarias.

Exibindo um sorriso insolente, visível ao luar, Jimmy retorquiu:

— Mas também não pediu para não comprar, Vossa Alteza.

Laurie achou melhor não se envolver; ocupou-se em prender a trouxa na montaria mais próxima.

— Temos de nos apressar — Arutha afirmou — e não estou com paciência para isso. Você não pode vir, Jimmy.

Jimmy dirigiu-se a uma das montarias e saltou com leveza para a sela.

— Não recebo ordens de aventureiros desconhecidos e de mercenários sem trabalho. Sou Escudeiro do Príncipe de Krondor. — Tateou a trouxa atrás da sela e retirou o florete; o mesmo que Arutha lhe oferecera. — Estou pronto. Já roubei tantos cavalos que me tornei um bom cavaleiro. Além disso, tudo sempre parece acontecer no lugar em que você está. Por aqui as coisas devem ficar muito monótonas sem você.

Arutha olhou para Laurie, que disse:

— É melhor deixá-lo vir para podermos vigiá-lo. Se não deixarmos, acabará nos seguindo. — Arutha parecia prestes a protestar quando Laurie prosseguiu: — Não podemos chamar os guardas do palácio para que o prendam.

O Príncipe montou, visivelmente contrariado. Sem dizer mais nada, viraram os cavalos e saíram do parque. Deslocaram-se por ruelas escuras e por ruas estreitas, avançando a passo moderado para não atraírem atenções indevidas.

— O portão oriental fica por aqui — Jimmy os informou. — Achei que iríamos sair pelo que fica ao norte.

— Logo rumaremos para o norte. Se alguém me vir saindo da cidade, prefiro que espalhem que sigo para leste — explicou Arutha.

— Quem poderá nos ver? — disse Jimmy de modo inconsequente,

sabendo que quem quer que fosse visto passando pelo portão àquelas horas não passaria despercebido.

No portão oriental, dois soldados estavam na guarita, atentos a quem passava; no entanto, como não fora imposto um toque de recolher obrigatório nem soara qualquer alarme, mal se mexeram quando viram passar os três cavaleiros.

Fora das muralhas, entraram na cidade expandida, erigida quando as antigas muralhas não mais conseguiam abarcar toda a população. Deixando a estrada principal para leste, deslocaram-se entre edifícios sombrios rumo ao norte. Arutha puxou as rédeas do cavalo e deu ordens a Jimmy e a Laurie para que fizessem o mesmo. Quatro cavaleiros trajando pesados mantos pretos dobraram uma esquina. Jimmy desembainhou a espada de imediato, pois não era muito provável que dois grupos de viajantes se cruzassem inocentemente àquela hora em uma rua secundária. Laurie também levou a mão à espada, mas Arutha somente disse:

— Embainhem as armas.

Quando os cavaleiros se aproximaram, Jimmy e Laurie trocaram olhares surpresos.

— Bons olhos o vejam — disse Gardan ao virar o cavalo para se posicionar ao lado de Arutha. — Está tudo preparado.

— Ainda bem — expressou Arutha. Olhando atentamente para os cavaleiros que acompanhavam Gardan, perguntou: — Três?

Na penumbra, ouviu-se a risada bem-humorada de Gardan.

— Como não o vi mais, achei que o Escudeiro Jimmy provavelmente teria decidido acompanhá-lo, com ou sem permissão, por isso tomei as devidas precauções. Estou enganado?

— Não, Capitão — disse Arutha, não se esforçando para disfarçar seu desagrado.

— Seja como for, o David aqui é seu guarda mais baixo. No caso de uma perseguição, a distância ele vai se parecer com o rapaz. — Fez sinal aos três cavaleiros, que partiram rumo à estrada oriental. Jimmy deu risadinhas aos vê-los passar, pois um dos guardas era um indivíduo esguio de cabelo escuro e o outro era louro, tinha barba e levava um alaúde preso às costas.

— Os guardas no portão não pareceram prestar muita atenção — observou Arutha.

— Pode ficar descansado quanto a isso, Alteza. São os maiores

fofoqueiros dentre os sentinelas da cidade. Se a informação de sua partida escapar do palácio, em poucas horas toda a cidade ficará sabendo que foi visto rumo ao oriente. Aqueles três cavaleiros prosseguirão até o Charco Negro, se não forem interceptados antes disso. Se me permite a sugestão, é melhor partirmos sem demora.

— Partirmos? — perguntou Arutha.

— São ordens, Majestade. A Princesa Carline me informou que eu não precisaria mais voltar a Krondor se lhes acontecesse algo de mal. — Gardan indicou Laurie e Arutha.

Com um falso tom magoado, Jimmy disse:

— De mim ela não disse nada?

Os demais ignoraram o comentário. Arutha olhou para Laurie, que suspirou.

— Ela percebeu horas antes de partirmos — Gardan confirmou. — Além disso, a Princesa consegue ser discreta quando a situação exige. Às vezes. A Princesa não iria trair o irmão nem seu noivo — Gardan acrescentou.

— Noivo? — questionou Arutha. — Mas que noite agitada. Bem, ou você acabaria sendo expulso do palácio, ou casando-se com ela. Jamais conseguirei entender o gosto dela para homens. Muito bem, parece que não há forma de me livrar de nenhum de vocês. Vamos partir.

Os três homens e o garoto esporearam os cavalos e retomaram a viagem. Levaram alguns minutos para atravessar a cidade além das muralhas, tomando o caminho para o norte, rumo a Sarth.

Perto do meio-dia, os viajantes contornaram uma curva na Estrada da Costa e encontraram um viajante solitário sentado à beira da Estrada do Rei. Vestia um traje de caçador de couro tingido de verde. Seu cavalo malhado pastava ali perto e ele esculpia um pedaço de madeira com sua faca de caça. Vendo o grupo se aproximar, guardou a faca, atirou o pedaço de madeira no chão e reuniu seus pertences. Cobriu-se com uma capa e prendeu seu arco às costas quando Arutha puxou as rédeas.

— Martin — cumprimentou Arutha.

O Duque de Crydee montou no cavalo.

— Demorou muito mais tempo para chegar aqui do que eu havia previsto.

— Há alguém em Krondor que não saiba da partida do Príncipe? — perguntou Jimmy.

— Como não são todos como você, poucos perceberam — respondeu Martin sorrindo. Retomaram a viagem e Martin disse a Arutha: — Lyam pediu que dissesse a você que colocará todas as pistas falsas que conseguir.

— O Rei sabe? — Laurie se surpreendeu.

— Claro que sabe — confirmou Arutha, e indicou Martin. — Desde o início nós três planejamos tudo isto. Gardan colocou um número exagerado de guardas à porta de meu gabinete quando Lyam me proibiu de partir.

Martin acrescentou:

— Lyam autorizou que alguns de seus guardas pessoais se passassem por nós, entre os quais um sujeito sisudo e um camarada louro e barbudo para representar Arutha e Laurie. — Exibindo um raro sorriso rasgado, prosseguiu: — Há um belo homem abrutalhado que ocupa meus aposentos. Lyam até conseguiu permissão do embaixador keshiano para recorrer àquele Mestre de Cerimônias alto e barulhento. Ele deverá entrar sorrateiramente no palácio depois que os keshianos partirem hoje. Com uma barba falsa, ficará muito parecido com nosso Capitão aqui. Pelo menos, a cor é idêntica. Será visto aqui e ali pelo palácio. — Gardan riu.

— Então quer dizer que, no fundo, você não tentou partir sem que soubessem — constatou Laurie, admirado.

— Não — confirmou Arutha. — Procurei partir no meio de uma nuvem de confusão. Sabemos que quem quer que esteja por trás de tudo isto enviará mais assassinos, ou assim Jack Risonho parecia acreditar. Dessa forma, se houver espiões em Krondor, só depois de alguns dias eles saberão o que aconteceu. Quando descobrirem que saímos do palácio, não terão certeza do rumo que tomamos. Somente aqueles que, como nós, estavam presentes quando Pug enfeitiçou o quarto de Anita sabem que temos de viajar até Sarth.

Jimmy deu uma gargalhada.

— Um golpe de mestre, essas informações confusas. Se alguém ouvir dizer que foi para um lugar, e depois outra pessoa indicar outro, ninguém saberá em quem acreditar.

— Lyam foi meticuloso — disse Martin. — Vai enviar hoje outro grupo vestido como vocês três para o sul em direção à Doca da Estrela, acompanhando Kulgan e a família de Pug. Eles não se esforçarão muito para passarem despercebidos. — Virou-se para Arutha, acrescentando: — Pug disse que vai procurar uma cura para Anita na biblioteca de Macros.

Arutha puxou as rédeas de seu cavalo e os outros também pararam.

— Estamos a meio dia a cavalo da cidade. Se não formos surpreendidos até o pôr do sol, creio que podemos considerar que ninguém está nos perseguindo. Nesse caso, só temos de nos preocupar com o que nos aguarda pela frente. — Fez uma pausa, como se o que diria em seguida não fosse algo fácil de falar. — Apesar de todas as brincadeiras, vocês todos escolheram o perigo. — Passou o olhar por todos os rostos. — Considero-me um homem de muita sorte por ter tão grandes amigos.

Jimmy pareceu mais envergonhado do que os demais ao ouvir as palavras do Príncipe e, reprimindo a vontade de engolir em seco, disse:

— Nos Zombadores, temos, ou melhor, tínhamos um voto. Ele é baseado num provérbio antigo: "Só depois de esfolado se sabe que o gato está morto." Quando surgia uma tarefa complicada e um homem desejava transmitir aos outros que estava disposto a levá-la até o fim, dizia: "Até esfolarmos o gato." Olhava para os outros e dizia: "Até esfolarmos o gato."

— Até esfolarmos o gato — disse Laurie, e a frase foi repetida por Gardan e Martin.

Por fim, Arutha declarou:

— Agradeço a todos. — Esporeou então o cavalo e os outros o seguiram.

Martin cavalgou ao lado de Laurie.

— Por que demoraram tanto?

— Fiquei retido — explicou Laurie. — É complicado. Vamos casar.

— Isso eu sei. Gardan e eu estávamos à espera de Lyam quando ele voltou de seu quarto. Creio que Carline poderia ter arranjado coisa melhor. — A expressão de Laurie traiu o desconforto que sentia. Até que Martin esboçou um sorriso ao acrescentar: — Por outro lado, também poderia ter arranjado pior. — Inclinando-se, estendeu a mão. — Que sejam felizes para sempre. — Depois do aperto de mãos, disse: — No entanto, isso não justifica o atraso.

— É uma questão delicada — explicou Laurie, na esperança de que seu futuro cunhado mudasse de assunto.

Martin observou Laurie demoradamente, até que acenou com a cabeça com ar de entendido.

— Uma despedida adequada pode levar tempo.

9

Floresta

Um grupo de cavaleiros surgiu no horizonte.

Silhuetas negras em contraste com o céu avermelhado de final de tarde. Martin foi o primeiro a avistá-los e Arutha deu ordem para que parassem. Desde que tinham partido de Krondor, aquele era o primeiro grupo de viajantes que encontravam que não tinha aspecto de mercadores. Martin semicerrou os olhos.

— Não consigo avistar grande coisa a esta distância, mas me parece que estão armados. Talvez sejam mercenários.

— Ou bandidos — sugeriu Gardan.

— Ou qualquer outra coisa — acrescentou Arutha. — Laurie, de todos, você é quem mais viajou por estas terras. Há outro caminho?

Laurie olhou ao redor, tentando se orientar. Apontando para uma floresta do outro lado de uma faixa estreita de terra cultivada, disse:

— Para leste, a cerca de uma hora daqui, existe uma velha trilha que passa pelas Montanhas Calastius. Antigamente era usada por mineradores, mas hoje em dia não tem grande movimento. Levará até a estrada que atravessa o interior.

— Então vamos agora mesmo para essa trilha — disse Jimmy. — Parece que aquele pessoal cansou de esperar que fossemos até eles.

Arutha viu que os cavaleiros no horizonte avançavam.

— Vá na frente, Laurie.

Eles saíram da estrada em direção a uma série de muros baixos de pedra

que marcavam os limites da propriedade em que estavam.

— Vejam! — gritou Jimmy.

Os companheiros de Arutha viram que o outro grupo reagira incitando as montarias a galopar. À luz alaranjada do final de tarde, não passavam de silhuetas pretas na encosta cinza-esverdeada.

Arutha e os demais saltaram por cima do muro de pedra baixo com um salto suave, mas Jimmy quase caiu do cavalo. Conseguiu endireitar-se sem ficar muito atrás do grupo. Não disse em voz alta, mas desejou ardentemente que não existissem mais três muros separando-o da floresta. Quando a comitiva de Arutha entrou na floresta, conseguiu se manter na sela sem ficar para trás.

Os outros o aguardavam. Quando chegou até eles, Laurie apontou.

— Não conseguem nos alcançar, por isso avançam paralelamente a nós, esperando nos interceptar ao norte daqui. — Riu. — Esta trilha segue para nordeste, por isso nossos amigos desconhecidos terão de viajar por mais um quilômetro e meio de bosque cheio de mata para nos cortarem o caminho. Já estaremos muito à frente quando chegarem lá. Se conseguirem encontrar a trilha.

— Ainda assim, temos de ir depressa — comentou o Príncipe. — A luz é escassa e a floresta não é segura mesmo na melhor hora do dia. Quanto tempo daqui até essa estrada?

— Podemos alcançá-la duas horas depois do crepúsculo, talvez até antes.

Arutha fez sinal para que Laurie tomasse a dianteira. Ele virou o cavalo e todos avançaram pela floresta, que escurecia rapidamente.

Sombras escuras aumentavam em ambos os lados. Na escuridão, com a parca iluminação das luas, a média e a grande, que conseguia passar através dos ramos altos, o bosque parecia sólido em torno do grupo. Ao longo da noite, avançaram com cautela por um caminho que Laurie insistia se tratar de uma trilha, uma coisa volátil que surgia repentinamente alguns metros à frente do cavalo de Laurie e desaparecia quase na mesma hora poucos metros atrás do cavalo de Jimmy. Aos olhos do garoto, tudo no terreno era muito parecido, embora o percurso sinuoso que Laurie escolhia aparentasse estar mais limpo do que a floresta ao redor. Olhava constantemente para trás por cima do ombro, procurando sinais de perseguição.

Arutha ordenou que fizessem uma parada.

— Não temos como saber se estamos sendo seguidos. Talvez tenhamos conseguido despistá-los.

Martin desmontou.

— Não me parece. Se trouxerem com eles um batedor experiente, com certeza encontrarão nosso rastro. Certamente vão avançar tão devagar quanto nós, mas num bom ritmo.

Desmontando, Arutha disse:

— Descansaremos aqui um pouco. Jimmy, solte a aveia atrás da sela de Laurie.

Jimmy protestou com pouca convicção e cuidou dos cavalos. Após a primeira noite na estrada, percebera que, sendo Escudeiro, esperavam que tomasse conta do cavalo de seu senhor — bem como de todos os outros.

Martin pôs o arco no ombro e informou:

— Vou recuar um pouco para verificar se há alguém por perto. Não demoro mais do que uma hora. Se for preciso partir, não esperem por mim. Encontro vocês na abadia ishapiana amanhã à noite. — Desapareceu na escuridão.

Arutha sentou-se na sela, enquanto Jimmy se ocupava dos cavalos com a ajuda de Laurie. Gardan permaneceu de sentinela, examinando a escuridão da floresta.

O tempo foi passando e Arutha perdeu-se em pensamentos. Jimmy o observava pelo canto do olho. Laurie percebeu que o garoto examinava o Príncipe ao abrigo da luz tênue e colocou-se ao seu lado, ajudando-o a escovar o cavalo de Gardan.

— Você está preocupado com ele — segredou o cantor.

Jimmy limitou-se a confirmar com a cabeça, um gesto que quase se perdia na escuridão. Depois disse:

— Não tenho família, cantor, nem muitos amigos. Ele é… importante. Sim, estou preocupado.

Depois de terminar seu trabalho, Jimmy avançou até onde Arutha estava sentado com os olhos no vazio.

— Os cavalos estão alimentados e escovados.

Arutha pareceu ter sido arrancado de seus pensamentos.

— Muito bem. Agora, descanse um pouco. Partiremos com a primeira luz. — Olhou em volta. — Onde está Martin?

Jimmy olhou para trás seguindo a trilha.

— Ainda está andando por aí.

Arutha seguiu seu olhar.

Jimmy se acomodou com a cabeça na sela e cobriu-se com um cobertor. Até adormecer, fitou demoradamente a escuridão.

Jimmy acordou com um ruído. Duas silhuetas se aproximavam e o rapaz já se preparava para ficar de pé com um salto quando reparou que eram Martin e Gardan. Foi então que se lembrou que Gardan ficara de vigia. Caminhando silenciosamente, os dois homens alcançaram o pequeno acampamento.

Jimmy despertou os outros. Arutha não perdeu tempo quando viu que o irmão regressara.

— Encontrou sinais de perseguição?

Martin assentiu.

— Alguns quilômetros para trás, no caminho da trilha. Um grupo de… homens, ou de moredhel, não sei precisar. A fogueira era pequena. Pelo menos um deles é moredhel. Todos os outros envergam armaduras negras com grandes capas pretas. Usam um estranho elmo que cobre a cabeça por inteiro. Não precisei ver mais nada para chegar à conclusão de que não vão ser amigáveis. Deixei um rastro falso sobre o nosso. Isso deve despistá-los por algum tempo, mas é melhor partirmos agora.

— E esse moredhel? Você diz que não estava vestido da mesma forma que os outros…

— Não estava, e é o maior moredhel que já vi; estava com o peito quase nu, usava apenas um colete de couro. Tem a cabeça praticamente toda raspada, salvo por uma mecha comprida em cima, presa como um rabo de cavalo. Consegui vê-lo nitidamente à luz da fogueira. Embora nunca tivesse visto um como ele, já ouvi falar daquela espécie.

— Clã das montanhas de Yabon — disse Laurie. Arutha olhou para o cantor, que explicou: — Quando eu era pequeno e vivia perto de Tyr-Sog, ouvíamos falar de assaltos dos clãs das montanhas do norte. São diferentes dos habitantes da floresta. O rabo de cavalo no topo da cabeça indica que é um chefe de clã de grande importância.

Gardan comentou:

— Ele veio de muito longe.

— De fato, o que significa que foi estabelecida uma nova ordem desde a

Guerra do Portal. Sabíamos que muitos dos que foram obrigados a seguir para o norte pelos tsurani procuravam se juntar aos seus parentes nas Terras do Norte, mas, ao que parece, agora que regressaram, trouxeram alguns primos com eles.

— Ou então — disse Arutha — significa que estão sob seu comando.

— Para que isso ocorresse… — começou Martin.

— Uma aliança, uma aliança moredhel. Aquilo que sempre tememos — concluiu Arutha. — Vamos, a primeira luz do dia está quase surgindo, e não é aqui parados que entenderemos melhor tudo isso.

Prepararam os cavalos e, pouco depois, já avançavam pela Estrada da Floresta, a maior estrada do interior a ligar Krondor ao norte. Era um caminho pouco usado pelas caravanas, embora poupasse tempo, mas a maior parte dos viajantes optava por viajar subindo pela costa, um percurso muito mais seguro. Laurie garantia que seguiam paralelamente à Baía dos Navios e que estavam a cerca de um dia de viagem da Abadia de Sarth. O povoado de Sarth se encontrava em uma península na extremidade norte da baía. A abadia situava-se nas colinas a nordeste do povoado, por isso iriam direto para a estrada entre este e a abadia. Com um pouco mais de esforço, chegariam logo depois do pôr do sol.

Uma vez fora da floresta, não notaram qualquer indício de perigo, porém Martin estava certo de que o grupo liderado pelo moredhel os seguia. Conseguia ouvir alterações tênues nos ruídos da madrugada mais além na floresta, que lhe indicavam, conforme passava, que algo não muito distante perturbava a ordem natural da região.

Martin seguia ao lado de Arutha e atrás de Laurie.

— Acho que vou voltar para verificar se nossos amigos ainda nos seguem.

Jimmy arriscou um olhar por cima do ombro e, entre as árvores, viu silhuetas vestidas de preto seguindo-os.

— Tarde demais! Eles já nos viram! — bradou.

O séquito de Arutha impeliu os cavalos para a frente; ouvia-se nas árvores o eco do estrondo dos cascos. Agarraram-se aos pescoços das montarias. Jimmy não parava de olhar para trás. Conseguiram se afastar dos cavaleiros negros e por isso o rapaz agradeceu em silêncio.

Depois de alguns minutos correndo a toda a velocidade, chegaram a um desfiladeiro profundo, intransponível para os cavalos. Mas uma robusta ponte

de madeira o atravessava e apressaram-se a atravessá-la, até que Arutha parou.

— Parem aqui! — Eles viraram os cavalos, pois já ouviam os ruídos da perseguição.

Arutha estava prestes a lhes dar ordens para que preparassem o ataque quando Jimmy saltou do cavalo. Tirou a trouxa que prendera à sela e, correndo até a ponte, ajoelhou-se. Arutha gritou:

— O que você está fazendo?

— Não se aproximem! — foi a única resposta de Jimmy.

A distância, era cada vez mais nítido o som de cavalos se aproximando. Martin saltou do cavalo e tirou o arco do ombro. Já o esticara, com uma flecha preparada, quando surgiu o primeiro cavaleiro negro. Sem hesitar, soltou a flecha, que, sem errar, voou, atingindo a silhueta de armadura negra no peito com uma força que, àquela distância, só era possível com um arco longo. O cavaleiro foi empurrado para trás e caiu da sela. O segundo cavaleiro esquivou-se do homem caído, mas o terceiro foi atirado ao chão quando seu cavalo tropeçou no corpo tombado.

Arutha avançou com o intuito de interceptar o segundo cavaleiro, prestes a atravessar a ponte.

— Não! — bradou Jimmy. — Não se aproxime! — Subitamente, o rapaz afastou-se correndo para longe da ponte no momento em que o cavaleiro negro a atravessava. O cavaleiro estava quase chegando ao ponto onde Jimmy estivera ajoelhado quando um ruidoso som sibilante foi ouvido, acompanhado por uma enorme nuvem de fumaça. O cavalo assustou-se e girou na ponte estreita, empinando-se em seguida. O animal deu um passo cambaleante para trás, levando o cavaleiro a bater no parapeito da ponte. Enquanto o cavalo escoiceava o ar, o guerreiro vestido de negro foi atirado para trás e por cima do parapeito. Caiu, afinal, batendo nas rochas abaixo com um som audível. O cavalo virou-se e fugiu de volta pelo caminho de onde viera.

A distância a que estavam da explosão de fumaça impediu que tanto o cavalo de Arutha como os dos demais entrassem em pânico, embora Laurie tivesse de se afastar a galope, agarrando rapidamente as rédeas da montaria de Jimmy, enquanto Gardan segurava o cavalo de Martin. O arqueiro estava ocupado disparando sobre os cavaleiros que se aproximavam, cujos animais assustados davam saltos enquanto os homens tentavam recuperar o controle.

Jimmy corria de volta para a ponte com um frasquinho na mão. Tirou a rolha e atirou-o no meio da fumaça. De repente, a parte final da ponte irrompeu em chamas. Os cavaleiros negros pararam e os cavalos relincharam ao vê-las. Os relutantes animais começaram a andar em círculos ao mesmo tempo que os cavaleiros se esforçavam para obrigá-los a atravessar a ponte.

Jimmy afastou-se das labaredas aos tropeços. Gardan praguejou.

— Olhem, os que caíram estão se erguendo!

Entre fumaça e fogo, conseguiram vislumbrar o cavaleiro com a seta no peito cambalear até a ponte, enquanto outro que Martin atingira se erguia lentamente.

Jimmy alcançou o cavalo e o montou.

— O que foi aquilo? — perguntou Arutha.

— A bomba de fumaça que trago sempre comigo. Muitos Zombadores as usam para cobrir a fuga e criar confusão. Provocam pouco fogo e muito fumaça.

— O que continha o frasco? — perguntou Laurie.

— Uma substância feita de nafta. Conheço uma alquimista em Krondor que a vende para agricultores atearem fogo quando fazem queimadas.

— Coisas perigosas demais para se levar por aí — disse Gardan. — Anda sempre com isso?

— Não — respondeu Jimmy enquanto montava. — Mas, verdade seja dita, não costumo viajar para lugares onde possa me deparar com criaturas que só podem ser detidas com fogo. Depois daquela cena no bordel, achei que talvez pudesse ser de grande utilidade. Tenho outra na trouxa.

— Mas então atire! — gritou Laurie. — A ponte ainda não está toda em chamas.

Jimmy tirou o outro frasco e incentivou o cavalo a avançar. Fazendo pontaria, atirou o frasco para o meio das chamas.

As labaredas se ergueram a três, quatro metros de altura, engolindo a ponte de madeira. De ambos os lados do desfiladeiro, os cavalos relincharam e procuraram fugir ao verem as chamas subindo cada vez mais em direção ao céu.

Arutha olhou para o outro lado da ponte, onde viu os cavaleiros inimigos aguardando pacientemente que as chamas se extinguissem. Atrás deles, surgiu outra figura, o moredhel sem couraça e com o rabo de cavalo no topo da cabeça. Ele fixou os olhos em Arutha e nos demais com um rosto despido

de emoções. Arutha sentiu os olhos azuis penetrarem sua alma. E sentiu ódio. Ali, naquele momento, via seu inimigo pela primeira vez, via um daqueles que tinham machucado Anita. Martin começou a disparar sobre os cavaleiros negros e, com um gesto silencioso, o moredhel sem couraça conduziu os companheiros de volta à mata.

Martin montou e colocou-se ao lado do irmão. Arutha seguiu o moredhel com os olhos até os perseguidores desaparecerem nas árvores.

— Ele sabe quem sou. Fizemos de tudo para despistá-los e, mesmo assim, eles sempre souberam onde eu estava.

— Como é possível? — questionou Jimmy. — Foram tantas as distrações.

— Alguma magia negra — disse Martin. — Outros poderes estão envolvidos, Jimmy.

— Vamos — disse Arutha. — Eles vão voltar. Não será isso que irá detê-los. Só serviu para ganharmos algum tempo.

Laurie seguiu à frente em direção à estrada para o norte que levava a Sarth. Não olharam para trás ao ouvirem o crepitar feroz do fogo.

Viajaram quase sem parar o resto do dia. Dos perseguidores, nem sinal, mas Arutha sabia que não deviam estar longe. Quase ao pôr do sol, uma bruma leve cobriu o ar quando se aproximaram novamente da costa, onde a Baía dos Navios obrigava a estrada a virar para leste. De acordo com Laurie, chegariam à abadia depois do crepúsculo.

Martin avançou para ficar ao lado de Gardan e Arutha, que observava as sombras, conduzindo o cavalo distraidamente.

— Relembrando o passado?

Arutha olhou para o irmão com ar pensativo.

— Eram tempos mais simples, Martin. Estou relembrando tempos mais simples. Desejo desvendar todo esse mistério do Espinho de Prata e ter Anita de volta. Desejo com todas as minhas forças! — Falou com uma paixão repentina. Suspirando, a voz suavizou-se ao dizer: — Estava pensando no que nosso pai teria feito no meu lugar.

Martin olhou de relance para Gardan. O Capitão disse:

— Precisamente o que está fazendo, Arutha. Conheci Lorde Borric desde garoto e digo que não há ninguém que se pareça mais com ele em temperamento do que você. Todos são parecidos com ele: Martin na forma

como observa tudo meticulosamente; Lyam me lembra quando ele era um homem alegre, antes de perder Lady Catherine.

— E eu? — Arutha perguntou.

Mas foi Martin quem respondeu:

— Ora, você pensa como ele, irmãozinho, mais do que Lyam ou do que eu. Sou seu irmão mais velho. Não obedeço ordens suas simplesmente porque você tem o título de Príncipe, que está acima de meu título de Duque. Sigo seu comando porque, mais do que qualquer homem que conheci, além de nosso pai, você toma as decisões certas.

O olhar de Arutha tornou-se distante ao agradecer:

— Obrigado. É um enorme elogio.

Fez-se um ruído atrás deles, alto o bastante para ser ouvido, mas não o suficiente para ser identificado. Laurie tentou avançar o mais depressa possível, embora a penumbra e o nevoeiro confundissem seu senso de direção. O sol estava prestes a desaparecer, por isso era escassa a luz que penetrava nas profundezas da floresta. Conseguiam ver somente uma parte da trilha à frente; por duas vezes Laurie viu-se forçado a diminuir o passo de modo a distinguir a trilha real de outras que se revelavam falsas. Arutha emparelhou seu cavalo com o dele e disse:

— Mantenha um passo constante. É melhor avançar a passo de caracol do que parar por completo.

Gardan esperou por Jimmy. O rapaz espiava por entre as árvores, procurando vislumbrar o que quer que estivesse se escondendo atrás dos troncos, mas não viu mais do que espirais de neblina cinzenta na derradeira luminosidade do sol poente.

Foi então que viram um cavalo saindo da mata. Um segundo antes não estava ali e no seguinte quase derrubava Jimmy da sela. O cavalo do garoto fez um círculo completo quando o guerreiro de armadura preta passou por ele. Gardan arriscou um golpe tardio dirigido ao cavaleiro, porém falhou.

— Por aqui! — Arutha bradou, e tentou abrir caminho passando por outro cavaleiro que atravessara a trilha. Enfrentou o cavaleiro; era o moredhel sem armadura. Pela primeira vez, Arutha via claramente as três cicatrizes gravadas no rosto do Irmão das Trevas. O tempo parou por um instante enquanto os dois se mediam. Arutha experimentou um reconhecimento peculiar, pois ali estava seu inimigo em carne e osso. Já não tinha de lutar com mãos de assassinos invisíveis na escuridão ou com poderes místicos

incorpóreos; ali estava uma presença física na qual podia descarregar toda a cólera que sentia. Em silêncio, o moredhel dirigiu um violento golpe à cabeça de Arutha, que o Príncipe evitou abaixando-se sobre o pescoço do cavalo para não ser decapitado. Então atacou com o florete, sentindo a ponta afundar-se. Levantou-se e reparou que tinha atingido o moredhel, provocando um golpe profundo em seu rosto marcado de cicatrizes. Porém a criatura limitou-se a emitir um gemido, um estranho som torturado, entre um engasgo e um grito abafado. Foi quando Arutha se deu conta de que o moredhel não tinha língua. A criatura olhou para ele por um segundo, e o Príncipe virou o cavalo para fugir.

— Tentem se livrar deles! — gritou Arutha, impelindo o cavalo em frente. Logo o Príncipe estava a caminho, com os outros a segui-lo.

Por um momento, parecia que o grupo liderado pelo moredhel ficara chocado demais para reagir à fuga, mas logo começou a perseguição. De todas as loucas cavalgadas na vida de Arutha, aquela se destacava como a mais desenfreada. Através da floresta envolta em neblina e do manto negro como breu da noite, precipitavam-se entre árvores, seguindo uma estrada pouco mais larga do que uma fenda. Laurie passou por Arutha, tomando a dianteira.

Decorreram longos minutos de correria pela floresta, evitando o erro certamente fatal de saírem da trilha. Até que ouviram Laurie gritar:

— A estrada para a abadia!

Com reflexos lentos, Arutha e os outros que seguiam Laurie mal conseguiram fazer a curva para a estrada mais larga. Ao dirigirem os cavalos para o novo caminho, viram a débil e enorme lua nascendo.

Então saíram da floresta, a todo o galope, por uma estrada muito percorrida que passava por terrenos cultivados. Os cavalos estavam cobertos de suor e ofegavam. Eles os incentivavam com as esporas em um esforço ainda mais heroico, pois, ainda que os cavaleiros negros não ganhassem terreno, também não estavam distantes.

Avançaram na escuridão, começando a subir a estrada que percorria suaves colinas ao redor de um planalto que dominava as fazendas do vale ao lado da costa. A estrada ficou mais estreita e o grupo seguiu em fila, enquanto Martin diminuía a velocidade até todos o ultrapassarem.

Como o caminho se tornara traiçoeiro, viram-se forçados a diminuir o passo, tal como os que os seguiam. Arutha bateu com os calcanhares nos

flancos do cavalo, mas o animal já dera tudo o que tinha para subir aquela estrada.

O ar do entardecer estava pesado com a neblina e mais frio do que o habitual naquela época do ano. As colinas eram amplamente espaçadas, cristas onduladas e ociosas que subiam e desciam suavemente. Era possível subir a mais alta em menos de uma hora. Estavam todas cobertas de ervas e arbustos silvestres, despidas de árvores, pois serviam para cultivo.

A Abadia de Sarth se encontrava num lugar alto e escarpado, uma pequena montanha, pouco mais do que uma colina, erguida para o céu, feita de encostas de rocha e granito, plana no topo como uma mesa.

Gardan olhou para baixo enquanto subiam pela encosta da montanha e disse:

— Eu não gostaria nada de atacar este lugar, Vossa Alteza. Esta estrada pode ser defendida por seis vovozinhas brandindo vassouras… eternamente. — Jimmy olhou para trás, sem conseguir avistar os perseguidores na escuridão.

— Pois então diga a essas vovozinhas que venham aqui e atrasem aqueles cavaleiros negros — gritou.

Arutha olhou para trás, esperando ser alcançado pelos cavaleiros negros a qualquer momento. Contornaram uma curva e seguiram a estrada, que continuava a subir até o cume. De repente, viram-se diante da entrada em arco da abadia.

Atrás do muro via-se uma espécie de torre ao luar. Arutha bateu nos portões, bradando:

— Olá! Precisamos de ajuda! — Foi então que todos ouviram aquilo que já esperavam: o som de cascos de cavalo na estrada de terra dura. De armas em riste, o séquito de Arutha virou-se para enfrentar aqueles que os seguiam.

Os cavaleiros negros contornaram a curva em frente ao portão da abadia, travando nova batalha. Arutha abaixou-se e esquivou-se de um golpe, tentando se proteger. Os atacantes pareciam dominados por um sentimento fora do comum, como se precisassem liquidar Arutha e sua comitiva com urgência. Com o intuito de alcançar o Príncipe, o moredhel de rosto marcado de cicatrizes quase passou por cima do cavalo de Jimmy, que sobreviveu unicamente devido à indiferença da criatura. O Irmão das Trevas dirigiu-se imediatamente a Arutha. Embora Gardan, Laurie e Martin fizessem o possível para manter os cavaleiros negros afastados, estavam quase sendo

dominados.

De repente, a estrada ficou iluminada, como se a luz do dia aumentada dez vezes irrompesse da escuridão. Um brilho deslumbrante cercou os combatentes. Arutha e seus amigos se viram forçados a cobrir os olhos, que se encheram de lágrimas devido à luz ofuscante. Ouviam os gemidos abafados das figuras vestidas de negro ao redor, seguidos pelo baque de corpos caindo no chão. O Príncipe espiou com os olhos semicerrados por trás da mão erguida e viu os cavaleiros inimigos tombando rígidos das selas, exceto o moredhel sem armadura, que tapou os olhos, protegendo-os da luz repentina, e três dos cavaleiros armados. Com um único gesto, o cavaleiro mudo acenou a seus companheiros para que se retirassem, então eles se viraram e fugiram pela estrada. Assim que os cavaleiros negros desapareceram de vista, a luz brilhante começou a enfraquecer.

Arutha limpou as lágrimas dos olhos e começou a perseguir o inimigo, mas logo ouviu Martin gritar:

— Pare! Se alcançá-los, será sua morte! Aqui temos aliados! — Arutha refreou o cavalo, relutante em deixar o adversário fugir. Voltou ao ponto onde os outros esfregavam os olhos. Martin desmontou, ajoelhando-se ao lado de um cavaleiro negro tombado. Tirou-lhe o elmo e afastou-se rapidamente. — É um moredhel e, pelo cheiro, está morto há algum tempo. — Apontou para o peito. — É um dos que matei lá na ponte. Minha seta partida ainda está cravada no peito dele.

Arutha olhou para o edifício.

— Aquela luz desapareceu. Seja lá quem for nosso benfeitor, deve crer que já não precisamos mais dela. — Os portões no muro à frente começaram a se abrir devagar. Martin estendeu o elmo a Arutha para que o analisasse. Era um objeto inusitado, decorado com um dragão entalhado no topo em baixo-relevo cujas amplas asas cobriam os lados. Duas fendas estreitas possibilitavam a visão ao portador e quatro pequenos orifícios lhe permitiam respirar. Arutha atirou o elmo de volta a Martin.

— É uma peça de aspecto inusitado. Leve-a com você. Vamos visitar a abadia.

— Abadia! — comentou Gardan ao entrarem. — Mais parece uma fortaleza! — Portões pesados de madeira unidos por ferro interrompiam a estrada. À direita, estendia-se um muro de pedra com quase quatro metros de altura, parecendo atingir a outra beira do cume da montanha. À esquerda, o

muro sumia, virado para uma descida a cerca de trinta metros que acabava no caminho sinuoso da encosta mais abaixo. Atrás do muro via-se uma única torre com vários andares de altura.

— Se nunca antes vi uma torre de menagem à moda antiga, agora estou vendo — observou o Capitão. — Não gostaria nada de atacar esta abadia, Vossa Alteza. Nunca vi uma posição defensiva tão eficaz. Preste atenção: não há um único espaço com mais de um metro e meio entre o muro e o penhasco. — Recostou-se na sela, apreciando visivelmente os aspectos militares da construção.

Arutha esporeou o cavalo. Os portões estavam completamente abertos e, não vendo razões que o impedissem, Arutha guiou os companheiros para os domínios da abadia ishapiana de Sarth.

10

Sarth

A abadia parecia deserta.

O pátio refletia aquilo que tinham visto da estrada, isto é, que outrora fora uma fortaleza. Ao redor da antiga torre, fora acrescentado um único e mais extenso edifício térreo, bem como dois edifícios exteriores que se avistavam atrás. Um deles parecia ser um estábulo. No entanto, não viram qualquer movimento.

— Bem-vindos à Abadia de Ishap de Sarth — ouviu-se uma voz vinda de trás de um dos portões.

Arutha já tinha metade da espada fora da bainha antes de a voz acrescentar:

— Não tenha medo.

A pessoa que falara saiu de trás do portão. Arutha guardou a arma. Enquanto os demais desmontavam, o Príncipe observou o homem com atenção. Era atarracado, de meia-idade, baixo e com um sorriso jovem. Tinha o cabelo castanho curto e mal cortado e o rosto bem barbeado. Vestia um simples hábito castanho com uma tira de couro ao redor da cintura, de onde pendiam uma bolsa e uma espécie de símbolo sagrado. Estava desarmado, porém a Arutha pareceu que o homem se deslocava como alguém com treino militar. Por fim, apresentou-se:

— Sou Arutha, Príncipe de Krondor.

O homem pareceu ganhar um ar divertido, ainda que não sorrisse.

— Sendo assim, seja bem-vindo à Abadia de Ishap de Sarth, Vossa

Alteza.

— Está zombando de mim?

— Não, Vossa Alteza. Na Ordem de Ishap mantemos pouco contato com o mundo exterior e são poucos os que nos visitam, que dirá membros da realeza. Perdoe-me se o ofendi, se a honra assim permitir, pois não foi essa a intenção.

Arutha desmontou e, revelando o cansaço na voz, retorquiu:

— Eu é que peço perdão, caro…?

— Irmão Dominic, mas, por favor, não é preciso se desculpar. Diante das circunstâncias em que chegaram, é óbvio que estava em dificuldades.

— É a você que temos de agradecer por aquela luz mística? — Martin perguntou.

O monge assentiu.

— Parece que temos muito a conversar, Irmão Dominic — comentou o Príncipe.

— São muitas as questões. Terá de aguardar a vontade do Abade para lhe dar a maior parte das respostas, Vossa Alteza. Venha, irei indicar onde ficam os estábulos.

A impaciência de Arutha não lhe permitia aguardar nem mais um minuto.

— O que me trouxe aqui foi um assunto da maior urgência. Preciso falar com seu Abade. Imediatamente.

O monge afastou as mãos em um gesto que indicava que não lhe cabia decidir.

— O Abade só estará disponível daqui a duas horas. Ele se encontra na capela meditando e orando com os demais membros de nossa ordem, razão pela qual só eu estou aqui para recebê-los. Por favor, venha comigo.

Arutha parecia preparado para protestar, mas a mão de Martin em seu ombro o acalmou.

— Peço novamente perdão, Irmão Dominic. Obviamente, somos seus convidados.

Pela expressão, Dominic deixou transparecer que a impaciência de Arutha era uma questão sem importância. Levou-os até o segundo dos edifícios menores atrás daquilo que fora outrora a torre central. Era, de fato, um estábulo. Mas os únicos ocupantes eram um cavalo e um pequeno burro robusto que lançou um olhar indiferente aos recém-chegados. Enquanto tratavam dos animais, Arutha falou das provações que tinham passado no

decorrer das últimas semanas. Quando terminou, indagou:

— Como conseguiu surpreender os cavaleiros negros?

— Meu título é Guardião dos Portões, Vossa Alteza. Posso admitir quem eu desejar, mas ninguém com intenções maléficas pode atravessar o portal sem minha permissão. Assim que entraram nos domínios desta abadia, aqueles que tentavam lhes tirar as vidas ficaram sujeitos ao meu poder. Correram um risco ao atacá-lo tão perto de minha abadia, risco esse que se revelou fatal para a causa que defendem. Contudo, falaremos mais sobre este e outros assuntos na presença do Abade.

— Se estão todos na capela, precisará de ajuda para tirar os corpos dali — disse Martin. — Eles têm o hábito irritante de voltar à vida.

— Agradeço a oferta, mas eu cuido disso. Além do mais, permanecerão mortos. A magia que empreguei para derrubá-los os libertou do mal que os controlava. Agora devem descansar.

Saíram do estábulo e o monge os levou para o que lhes pareceu ser um alojamento.

— Irmão, este lugar tem um ar militar — Gardan comentou.

Entraram em um aposento comprido com uma fila única de camas e o monge disse:

— Em tempos antigos, esta fortaleza foi habitada por um Barão que cobrava impostos exorbitantes. O Reino e Kesh estavam a uma distância considerável, permitindo-lhe impor sua própria lei, pilhando, violando e roubando sem medo de retaliações. Passado algum tempo, ele foi expulso pelo povo dos povoados circundantes, que ganhou coragem devido à sua tirania. As terras ao fundo desta escarpa foram dadas para cultivo, mas o ódio que nutriam pelo Barão era tão grande que a fortaleza permaneceu abandonada. Quando um frade mendicante de nossa Ordem de Viajantes descobriu este lugar, enviou uma mensagem ao templo da cidade de Kesh. Quando solicitamos o usufruto deste lugar como abadia, os descendentes daqueles que tinham expulsado o Barão não levantaram objeções. Hoje em dia, somente aqueles que aqui servem se recordam da história deste lugar. Para os habitantes das vilas e aldeias em volta da Baía dos Navios, aqui sempre foi a Abadia de Ishap de Sarth.

— Calculo que este lugar tenha sido um alojamento antigamente — Arutha constatou e logo Dominic confirmou:

— É verdade, Vossa Alteza. Atualmente, é usado como enfermaria e

como acomodação para hóspedes ocasionais. Fiquem à vontade, pois tenho de ir tratar de minhas tarefas. O Abade irá recebê-los em breve.

Dominic saiu e Jimmy deixou-se cair em uma das camas com um suspiro audível. Martin inspecionou um pequeno fogão em uma das extremidades do aposento e viu que estava aceso, com os apetrechos necessários para preparar chá ao lado. Colocou um bule no fogo. Debaixo de um pano encontrou pão, queijo e frutas, que passou aos outros. Laurie sentou-se examinando o alaúde para procurar possíveis danos devido à viagem e começou a afiná-lo. Gardan sentou-se em frente ao Príncipe, que soltou um longo e profundo suspiro.

— Estou uma pilha de nervos. Receio que estes monges não saibam nada sobre esse Espinho de Prata. — Por um segundo, seus olhos traíram a angústia que sentia, mas logo voltaram a exibir uma expressão imperturbável.

Martin inclinou a cabeça para o lado enquanto pensava em voz alta:

— Parece-me que Tully crê que possuem vastos conhecimentos.

Laurie guardou o alaúde.

— Sempre que me vi perto de magia, seja religiosa ou qualquer outra, também encontrei problemas.

Jimmy falou para Laurie:

— Para um mago, aquele Pug me parece um sujeito amigável. Gostaria de ter falado mais com ele, mas… — Não mencionou os acontecimentos que o tinham impedido. — Ele não parece ser extraordinário. Os tsurani, porém, parecem temê-lo e há alguns rumores na corte sobre ele.

— Pois *há* uma saga que urge ser cantada — respondeu Laurie e contou a Jimmy a história do cativeiro de Pug e de sua ascensão entre os tsurani. — Aqueles que em Kelewan praticam as artes ocultas fazem suas próprias leis e o que quer que ordenem é cumprido sem hesitações. Neste nosso mundo, não há nada que se compare a isso. Por isso os tsurani de LaMut o reverenciam. É difícil perder velhos hábitos.

— Quer dizer que ele abdicou de muita coisa para voltar para cá — comentou Jimmy.

Laurie riu.

— Não foi como se pudesse escolher.

— Como é Kelewan? — quis saber o menino.

Laurie teceu uma história rica e colorida de suas aventuras naquele mundo, com o talento para guardar detalhes que era inerente à sua arte, tal como ter uma boa voz e saber tocar instrumentos. Os outros se acomodaram,

descontraídos, para beber chá enquanto o ouviam. Todos conheciam a história de Laurie e de Pug e o papel que tinham desempenhado na Guerra do Portal; contudo, sempre que Laurie a narrava, ela voltava a se revelar uma aventura fascinante, tal como as das grandes lendas.

Quando Laurie terminou, Jimmy disse:

— Seria mesmo uma aventura visitar Kelewan.

— Com prazer digo que isso é impossível — observou Gardan.

— Se foi feito uma vez, por que não poderia se repetir? — perguntou Jimmy.

— Arutha, você estava ao lado de Pug quando Kulgan leu a carta de Macros explicando o motivo pelo qual fechava o portal — disse Martin.

Arutha explicou:

— Os portais são errantes, transpõem um impossível lugar inexistente entre mundos, talvez até entre épocas. No entanto, possuem algo em sua natureza que possibilita descobrir onde irão surgir. Quando um portal é criado, outras parecem "segui-lo", surgindo na mesma área. Porém não se consegue controlar aquela que surge primeiro. Isso eu entendi. Para mais detalhes terão de falar com Kulgan ou Pug.

— Pergunte a Pug — disse Gardan. — Se perguntar a Kulgan, terá de ouvir um monólogo sobre o tema.

— Quer dizer que Pug e Macros fecharam o primeiro para pôr fim à guerra? — indagou Jimmy.

— Foi uma das razões — respondeu Arutha.

Jimmy olhou ao redor, pressentindo que todos partilhavam um conhecimento a que ele não tinha acesso. Laurie deu mais detalhes:

— Segundo a explicação de Pug, há muito, muito tempo, existiu um poder maligno muito grande que os tsurani designam como o Inimigo. Macros afirmou que esse poder encontraria uma forma de chegar aos dois mundos caso o portal se mantivesse aberto, atraído por ele como o aço é atraído pelo ímã. Tratava-se de um ser de força impressionante que destruía exércitos e humilhava magos poderosíssimos. Pelo menos foi isso que Pug explicou.

Jimmy inclinou a cabeça.

— Quer dizer que esse Pug é um mago assim tão importante?

Laurie riu.

— Nas palavras de Kulgan, com a morte de Macros, Pug tornou-se o

mais poderoso praticante de artes mágicas deste mundo. Além disso, ele é primo do Duque e do Príncipe e, claro, do Rei.

Jimmy arregalou os olhos.

— É verdade — confirmou Martin. — Nosso pai adotou Pug. Jimmy, você fala de magos como se nunca tivesse lidado com nenhum.

— Não sou louco de fazer isso. Em Krondor, há alguns fazedores de feitiços. Gente de caráter duvidoso. Houve por um tempo um ladrão entre os Zombadores a quem chamavam de Gato Pardo, pois não tinha quem se comparasse a ele na habilidade em ser furtivo. Tinha o hábito de executar roubos audazes e, certa vez, surrupiou uma bugiganga de um mago que desaprovou tal proeza.

— O que lhe aconteceu? — perguntou Laurie.

— Agora ele é um gato pardo.

Os quatro ouvintes ficaram calados por um momento, até que de repente entenderam e Gardan, Laurie e Martin desataram a gargalhar. Até Arutha sorriu e balançou a cabeça, também achando graça da piada.

A conversa prosseguiu tranquila e descontraída. Era a primeira vez que os viajantes se sentiam em segurança desde a partida de Krondor.

Os sinos soaram no edifício principal e logo entrou um monge. Sem uma palavra, fez sinal para que o seguissem. Arutha perguntou:

— Devemos acompanhá-lo? — O monge assentiu. — Vai nos levar à presença do Abade? — O monge voltou a assentir.

Arutha saltou da cama, esquecendo todo o cansaço. Foi o primeiro a sair atrás do monge.

Os aposentos do Abade adequavam-se a alguém que levava uma vida dedicada à contemplação espiritual, pois tinham um ar completamente austero. Contudo, o que causava espanto eram as estantes nas paredes, com dezenas de livros por todos os lados. Padre John, o Abade, parecia um homem bondoso, já de idade avançada, esguio e com aparência de asceta. O cabelo e a barba grisalhos se realçavam pelo perfeito contraste com a pele escura coberta de rugas como mogno cuidadosamente esculpido. Atrás dele encontravam-se dois homens, o Irmão Dominic e um tal de Irmão Anthony, um indivíduo diminuto de costas curvadas e idade indeterminada que não parava de lançar olhares ao Príncipe.

O Abade sorriu levando os cantos dos olhos a ficarem enrugados e Arutha se recordou na mesma hora das imagens dos quadros do Velho Pai

Inverno, uma figura mítica que oferecia guloseimas às crianças no Festival do Solstício de Inverno. Com uma voz grave e vigorosa, o Abade disse:

— Bem-vindo à Abadia de Ishap, Vossa Alteza. Em que posso ajudá-lo?

Arutha resumiu os acontecimentos das últimas semanas.

O sorriso do Abade foi se extinguindo à medida que Arutha ia contando sua história. Quando o Príncipe terminou, o Abade falou:

— Vossa Alteza, ficamos extremamente perturbados por saber dessas atividades de necromancia no palácio. Porém, no que diz respeito à tragédia que se abateu sobre sua Princesa, em que podemos ajudá-lo?

Arutha sentiu alguma relutância em falar, como se, por fim, o receio de não encontrar ali a ajuda que procurava o dominasse. Pressentindo a hesitação do irmão, foi Martin quem respondeu:

— Um dos conspiradores envolvidos na tentativa de assassinato afirma que um moredhel lhe forneceu o veneno usado e que foi preparado por meio de técnicas ocultas. Chamou a substância de Espinho de Prata.

O Abade recostou-se, visivelmente comovido.

— Irmão Anthony?

— Espinho de Prata? — perguntou o homenzinho. — Irei imediatamente procurar nos arquivos, Padre. — Arrastando os pés, saiu apressado dos aposentos do Abade.

Arutha e os demais ficaram vendo a figura curvada sair. Arutha perguntou:

— Quanto tempo levará?

— Depende — respondeu o Abade. — O Irmão Anthony possui uma capacidade notável de desenterrar fatos aparentemente do nada, pois se recorda de algo que leu de passagem uma década atrás. Por isso ascendeu à categoria de Arquivista-Mor, nosso Guardião do Conhecimento. Ainda assim, a busca poderá levar dias.

Era óbvio que Arutha não estava entendendo as palavras do Abade, por isso o idoso sacerdote pediu:

— Irmão Dominic, pode mostrar ao Príncipe e a seus companheiros um pouco do que fazemos aqui em Sarth? — O Abade levantou-se e fez uma ligeira reverência ao Príncipe, enquanto Dominic se dirigia à porta. — Depois, leve-os à base da torre — acrescentou e depois, dirigindo-se a Arutha: — Já voltaremos a nos reunir, Vossa Alteza.

Seguiram o monge até o salão principal da abadia.

— Por aqui — indicou Dominic, conduzindo-os por uma porta dando para uma escadaria que descia até uma plataforma de onde saíam quatro passagens. Passaram por muitas portas. Enquanto caminhavam, disse: — Esta montanha não é igual às outras ao redor, como devem ter reparado quando vinham para cá. É constituída, sobretudo, por rocha. Quando os primeiros monges aqui chegaram, descobriram estes túneis e câmaras sob a torre de menagem.

— O que são? — perguntou Jimmy.

Chegaram a uma porta e Dominic tirou uma grande argola de chaves que usou para abrir a pesada fechadura. A porta abriu-se pesadamente e o sacerdote fechou-a depois de todos terem entrado.

— O Barão que aqui vivia usava estas escavações para armazenar víveres em caso de cerco e para guardar o resultado das pilhagens. Deve ter negligenciado a defesa, uma vez que os aldeões saíram vitoriosos do cerco. Há espaço aqui para guardar provisões para muitos anos. Aumentamos as escavações até toda a montanha estar crivada de câmaras e túneis.

— Com que propósito? — perguntou Arutha.

Dominic indicou que deveriam segui-lo por outra porta, desta vez destrancada. Entraram em uma enorme câmara abobadada com prateleiras de livros cobrindo as paredes e estantes no centro. Todas as prateleiras estavam repletas de livros. Dominic aproximou-se de uma e tirou um livro que ofereceu a Arutha.

O Príncipe examinou o volume antigo. A encadernação tinha o título escrito em dourado já quase apagado. Quando Arutha o abriu com cuidado, sentiu uma ligeira resistência, como se não fosse aberto há muito tempo. Na primeira página, viu letras estranhas pertencentes a um idioma desconhecido, meticulosamente manuscritas em uma caligrafia firme. Ergueu o livro até o rosto e o cheirou. As páginas tinham um tênue odor acre.

Quando devolveu o livro, Dominic disse:

— Conservante. Todos os livros foram tratados para impedir a deterioração. — Passou o livro a Laurie.

O muito viajado menestrel constatou:

— Não falo este idioma, mas creio que é keshiano, embora não me pareça se tratar de nenhuma escrita do Império que eu conheça.

Dominic sorriu.

— O livro é originário da parte sul do Grande Kesh, junto à fronteira da

Confederação Keshiana. Trata-se do diário de um nobre um tanto louco, mas, fora isso, insignificante, de uma dinastia menor. Escrito em um idioma chamado delkiano inferior. O delkiano superior, pelo que conseguimos apurar, era um idioma secreto restrito a sacerdotes de uma ordem obscura.

— Que lugar é este? — perguntou Jimmy.

— Nós, os servidores de Ishap de Sarth, reunimos livros. Tomos, manuais, rolos e pergaminhos, mesmo que se trate de fragmentos. Há um ditado em nossa ordem que reza assim: "Em Sarth, estão os servidores do deus do Conhecimento." Isso não está muito longe da verdade. Sempre que um membro de nossa ordem encontra um pedaço de papel escrito, esse papel ou uma cópia acaba aqui. Nesta câmara e em todas as outras abaixo da abadia existem estantes como estas. Estão todas atulhadas do chão ao teto e estamos sempre escavando novas câmaras. Desde o topo da montanha até o nível mais baixo existem mais de mil salas como esta. Cada uma delas abriga várias centenas de volumes, ou até mais. Algumas das maiores abrigam milhares. Na última contagem, estávamos próximos de meio milhão de obras.

Arutha ficou aturdido. Sua própria biblioteca, herdada com o trono de Krondor, continha menos de mil.

— Há quanto tempo reúnem tudo isso?

— Há mais de três séculos. São muitos os membros de nossa ordem que não fazem mais nada além de viajar e comprar qualquer fragmento que encontram, chegando até a pagar para que sejam feitas cópias. Alguns são antiquíssimos, outros se encontram escritos em idiomas desconhecidos e três são de outro mundo, obtidos com os tsurani de LaMut. Estão aqui obras arcanas, presságios e manuais de poder, escondidos dos olhares de todos à exceção de alguns de nossos membros que se encontram no topo da hierarquia. — Olhou em volta. — Apesar de tudo isso, ainda há tanta coisa que escapa à nossa compreensão.

— Como fazem para não se perderem? — Gardan questionou.

Dominic explicou:

— Temos irmãos cuja única tarefa consiste em arquivar estas obras e todos trabalham sob o comando do Irmão Anthony. São elaborados catálogos, atualizados constantemente. No edifício acima de nós e em outra sala mais abaixo, há prateleiras que só contêm catálogos. Caso seja preciso um livro sobre um determinado assunto, ele pode ser encontrado nos catálogos. As obras são listadas pelo número da sala… nós estamos na sala

dezessete… número da prateleira e número do espaço na prateleira. Estamos tentando catalogar com referências cruzadas cada obra por autor, quando conhecido, título e assunto. O trabalho avança devagar e levará outro século inteiro.

Arutha ficou novamente impressionado com a grandeza de tal empreendimento.

— Com que finalidade guardam todas estas obras?

— Em primeiro lugar, em prol do próprio conhecimento — respondeu Dominic. — Contudo, existe um segundo motivo, que deixarei o Abade explicar. Venham, vamos nos juntar a ele.

Jimmy foi o último a sair, lançando um derradeiro olhar nos livros que ficavam para trás. Saiu com a sensação de que estava, de certo modo, vislumbrando mundos e ideias até então inconcebíveis e lamentou jamais poder vir a entender na íntegra grande parte do que jazia sob a abadia. Sentiu-se diminuir ante essa súbita consciência. Pela primeira vez, Jimmy sentiu que seu mundo era pequeno e que ainda restava muito a descobrir.

Arutha e os companheiros aguardaram o Abade em uma enorme sala. Várias tochas lançavam uma iluminação bruxuleante nas paredes. Outra porta foi aberta e o Abade entrou, seguido por dois homens. O Irmão Dominic foi o primeiro a entrar, mas Arutha desconhecia o outro. Era idoso, enorme e ainda apresentava um porte rígido que, apesar do hábito, lembrava mais o de um soldado do que o de um monge, impressão acentuada por um martelo de guerra preso ao seu cinto. O cabelo negro com mechas grisalhas caía-lhe nos ombros; no entanto, tal como a barba, estava impecavelmente aparado.

— Chegou o momento de conversarmos sem rodeios — disse o Abade.

Arutha retorquiu com um indício de azedume:

— Fico grato por isso.

O monge anônimo mostrou um grande sorriso.

— Tem o dom da franqueza como seu pai, Arutha.

Arutha voltou a examinar o homem, surpreso pelo tom. Até que o reconheceu. Já fazia mais de uma década desde a última vez em que vira aquele homem.

— Dulanic!

— Não mais, Arutha. Agora sou simplesmente o Irmão Micah, Defensor

da Fé… o que significa que racho cabeças por Ishap como costumava fazer às ordens de seu primo Erland. — Deu uma palmadinha no martelo à cintura.

— Julgávamos que tivesse morrido. — O Duque Dulanic, que fora Marechal da Corte de Krondor, desaparecera quando Guy du Bas-Tyra assumira o trono de Krondor como vice-rei no último ano da Guerra do Portal.

O homem que dizia se chamar Micah pareceu admirado.

— Julguei que era de conhecimento público. Com Guy no trono de Krondor e Erland morrendo com aquela tosse, temi uma guerra civil. Afastei-me de meu cargo para não enfrentar seu pai no campo de batalha nem trair meu Rei, duas escolhas inconcebíveis. Contudo, não fiz segredo de meu afastamento.

— Devido à morte de Lorde Barry, partiu-se do princípio de que ambos tinham sucumbido sob as mãos de Guy. Ninguém conhecia seu paradeiro.

— Que estranho. Barry morreu de ataque do coração e eu informei pessoalmente Bas-Tyra quanto à minha intenção de enveredar pela vida religiosa. Radburn, um de seus homens, estava ao lado dele quando lhe apresentei minha demissão.

— Isso explica tudo — disse Martin. — Com Jocko Radburn afogado na costa keshiana e Guy banido do Reino, quem poderia contar a verdade?

— Quando o Irmão Micah chegou aqui, era um homem perturbado — explicou o Abade — colocado ao nosso serviço por intermédio de Ishap. Nós o testamos e o consideramos digno, por isso sua antiga vida nobre no Reino são águas passadas. Porém solicitei sua presença, pois é um conselheiro precioso e um homem com conhecimentos militares que poderão nos ajudar a compreender as forças que percorrem nosso mundo nos dias de hoje.

— Muito bem. Diga-me, que assuntos temos a tratar além de encontrar uma cura para a enfermidade de Anita?

— Para começar, a compreensão daquilo que provocou sua enfermidade, daquilo que procura pôr um fim aos seus dias — respondeu Micah.

Arutha ficou um pouco desconcertado.

— Obviamente; perdoe a minha preocupação. Receberei de bom grado tudo o que possa dar algum sentido à loucura que a minha vida se tornou no último mês.

— O Irmão Dominic mostrou-lhes algumas das obras que temos aqui — retomou o Abade. — Certamente mencionou que temos em nosso espólio

muitos presságios e outras obras de profetas. Algumas são tão dignas de confiança como as vontades de uma criança, o que equivale a dizer que não são nada confiáveis. No entanto, algumas, muito poucas, são verdadeiras obras daqueles a quem Ishap concedeu o dom da vidência. Em vários desses volumes, entre os mais antigos em nossa posse, é feita uma referência a um sinal nos céus. Receamos que um estranho poder ande à solta no mundo. Ainda desconhecemos o que é e como pode ser combatido. É certo, contudo, que se trata de um poder impiedoso que, no final, se não for destruído, irá nos destruir. Esse é um fato incontornável. — Apontando para cima, o Abade prosseguiu: — A torre acima de nós foi convertida para estudarmos as estrelas, os planetas e as luas, com o uso de dispositivos engenhosos encomendados aos mais talentosos artífices do Reino e de Kesh. Com esses dispositivos, conseguimos seguir e traçar os movimentos de todos os corpos celestes. Falamos de um sinal; pois agora vocês poderão vê-lo. Venham.

Conduziu todos por um extenso lance de escadas que os levou ao topo da torre, até um telhado cheio de dispositivos peculiares de espantosa configuração. Arutha olhou em volta e disse:

— Ainda bem que entende tudo isso, Padre, pois eu nada entendo.

— Tal como os homens — explicou o Abade —, as estrelas e os planetas possuem propriedades físicas e espirituais. Sabemos que outros planetas gravitam em torno de outras estrelas. Este é um fato constatado desde que certa pessoa, hoje aqui em nossa presença — apontou para Laurie —, viveu algum tempo em um mundo extraterrestre. — Ante o ar espantado de Laurie, o Abade explicou: — Não estamos assim tão desligados do resto do mundo a ponto de deixar passar algo tão importante como suas aventuras em Kelewan, Laurie de Tyr-Sog. — Voltou ao tópico original: — Contudo, esse é o aspecto físico dos astros. De igual modo, revelam segredos àqueles que lhes seguem a disposição, o padrão e os movimentos. Seja qual for o motivo desse fenômeno, isso nós sabemos: por vezes, a noite nos faz chegar mensagens nítidas da abóbada celeste e, uma vez que estejamos receptivos a mais conhecimento, não ignoramos tais mensagens; estamos abertos a todo tipo de conhecimento, incluindo aqueles tantas vezes malvistos. Os mistérios destes instrumentos, bem como a leitura dos astros, dependem apenas do tempo dedicado a dominar o assunto. Qualquer homem inteligente poderá aprender. Estes dispositivos — indicou com um gesto abrangente — são todos bastante simples de usar e seus objetivos são compreensíveis quando se faz uma

demonstração. Agora, faça o favor de olhar por este instrumento, Alteza. — Arutha olhou por uma esfera incomum, construída a partir de um emaranhado complexo de metais. — É usado para traçar o movimento relativo das estrelas e dos planetas visíveis.

— Isso quer dizer que existem planetas invisíveis? — perguntou Jimmy, sem pensar.

— Isso mesmo — respondeu o Abade, tolerando a interrupção. — Ou então existem planetas que não conseguimos ver por estarmos afastados demais. Uma parte essencial das artes de adivinhação está na ciência de saber quando os presságios se materializam, um aspecto arriscado, na melhor das hipóteses. Há uma profecia famosa do monge louco Ferdinand de la Rodez. Tendo em conta vários relatos comuns, parece ter se cumprido em três ocasiões diferentes. Ninguém consegue concordar sobre qual terá sido o acontecimento por ele previsto.

Arutha examinou o céu pelo dispositivo, ouvindo somente parte da explicação do Abade. Pelo orifício viu um céu carregado de estrelas, coberto por uma rede tênue de linhas e notas, que deduziu estarem inscritas no interior da esfera. No centro, viu uma configuração de cinco estrelas de cor avermelhada, estando uma no meio, com linhas que as ligavam formando um *X* em vermelho vivo.

— O que é isso que estou vendo? — perguntou. Cedeu o lugar a Martin e o antigo caçador olhou pelo instrumento.

O Abade respondeu:

— Damos o nome de Pedras de Sangue a essas cinco estrelas.

— Eu as conheço — disse Martin —, mas nunca as vi formarem este padrão.

— Nem voltará a ver por mais onze mil anos, embora seja só um palpite; então teremos de esperar até que volte a ocorrer para termos certeza. — Pareceu impassível diante de todo aquele tempo; estava disposto a esperar. — O que vê é um padrão denominado a Cruz Ardente ou Cruz de Fogo. Há uma profecia antiga que lhe diz respeito.

— Que profecia é essa e o que tem a ver comigo? — quis saber Arutha.

— A profecia vem do tempo das Guerras do Caos. Diz assim: “Quando a Cruz de Fogo a noite iluminar e morto estiver o Senhor do Ocidente, o Poder conseguirá regressar.” No original está muito bem construída em termos poéticos, embora isso se perca na tradução. O que daí inferimos é que alguma

entidade procura sua morte para que esta profecia se concretize ou então pretende convencer outros de que a profecia está prestes a se realizar. Outro aspecto relacionado tem a ver com o fato de que a profecia constitui uma das poucas criações que conhecemos do povo serpente pantathiano. Pouco sabemos dessas criaturas. Contudo, sabemos que, nas raras ocasiões em que surgem, prenunciam problemas, pois é óbvio que são agentes do mal em busca da concretização de objetivos que só eles entendem. Além disso, é de nosso conhecimento que a profecia indica que o Senhor do Ocidente também é designado como a Ruína das Trevas.

— Quer dizer que querem que Arutha morra porque está destinado a derrotá-los se viver? — perguntou Martin.

— Pelo menos, é essa a crença. — respondeu o Abade.

— Mas quem ou o quê? — questionou Arutha. — Que alguém deseja minha morte, não é novidade. O que mais pode me dizer?

— Bem pouco, infelizmente.

— Ainda assim, passamos a conhecer um motivo para os Falcões Noturnos o terem atacado — disse Laurie.

— Fanáticos religiosos — disse Jimmy balançando a cabeça e logo em seguida olhou para o Abade: — Perdão, Padre.

O Abade ignorou o comentário.

— O que temos de entender é que irão tentar outras vezes. Não conseguirá acabar com eles até exterminar aquele de quem partiu a ordem para que você seja morto.

— Bom — disse Martin —, também sabemos que a Irmandade das Trevas está envolvida.

— No norte — disse o Irmão Micah. Arutha e os demais o olharam interrogativamente. — Suas respostas estão no norte, Arutha. Preste atenção — ordenou com uma nota de autoridade ainda presente na voz —, lá se encontram as Cordilheiras Altas, que servem como barreiras de defesa contra os habitantes das Terras do Norte. A oeste, acima de Elvandar, eleva-se a Grande Cordilheira Setentrional; a leste, os Guardiões Setentrionais, o Baluarte Alto e a Cordilheira dos Sonhos. Atravessando o centro estende-se a maior cordilheira de todas, as Presas do Mundo, dois mil quilômetros de despenhadeiros praticamente intransponíveis. Quem sabe o que jaz mais além? Que homem, tirando algum renegado ou contrabandista de armas, ali se aventurou e voltou para contar o que viu nas Terras do Norte? Nossos

antepassados criaram os Baronatos de Fronteira há muito tempo, de modo a defender as terras do Castelo Alto, da Sentinela do Norte e da Passagem de Ferro. As guarnições do Duque de Yabon bloqueiam a outra grande passagem para oeste das Estepes do Inferno Trovejante. Não há goblin ou Irmão das Trevas que pise o chão do Inferno Trovejante e sobreviva, pois os nômades guardam esse território em nosso nome. Resumindo, nada sabemos das Terras do Norte. Porém é lá que vivem os moredhel e é lá que encontrará respostas.

— Ou não encontrarei nada — constatou Arutha. — Podem estar preocupados com profecias e maus presságios, mas a mim importa somente encontrar a resposta ao enigma do Espinho de Prata. Até Anita estar novamente a salvo, não empreenderei esforços em outra questão. — Ao ouvir aquelas palavras, o Abade ficou transtornado. — Não duvido da existência de uma profecia, tal como não duvido que um louco com poderes ocultos pretende me ver morto. No entanto, extrapolamos bastante ao considerar que representa uma grande ameaça para o Reino. Em minha opinião, é um exagero. Preciso de mais provas.

O Abade estava prestes a responder quando Jimmy falou:

— O que é aquilo?

Todos os olhares se viraram para onde o rapaz apontava. No horizonte, via-se uma luz azul que brilhava debilmente, aumentando o fulgor como se uma estrela estivesse crescendo à frente dos olhos de todos. Martin sugeriu:

— Parece uma estrela cadente.

Até que perceberam que não se tratava de uma estrela. A distância, um som fraco acompanhava o objeto que se aproximava, cada vez mais luminoso, enquanto o som também ia aumentando, cada vez mais furioso. Caindo do céu em direção a eles vinha um fogo azul. Aproximava-se a toda a velocidade da torre com um som crepitante, como ferro quente mergulhado na água.

De repente, o Irmão Dominic gritou:

— Saiam todos da torre, depressa!

11

Confronto

Hesitaram por um momento.

A advertência de Dominic foi seguida por um grito de Micah e todos correram escadas abaixo. No meio do caminho, Dominic novamente hesitou, oscilando ligeiramente.

— Alguma coisa está se aproximando.

Ao chegarem ao andar principal, Arutha e os demais correram para a porta e olharam para fora. Acima, mais objetos luminosos riscavam o céu a uma velocidade inacreditável. No início, surgiam de um quadrante do céu, depois de outro, deslizando e enchendo a noite com aquele zumbido agourento e estranho. Cada vez mais depressa, precipitavam-se pelo ar faixas azuis, verdes, amarelas e vermelhas, clarões furiosos de fulgor que rasgavam a escuridão.

— O que são? — gritou Jimmy.

— Uma espécie de sentinelas mágicas — respondeu o Abade. — Consigo perceber que examinam a área por onde passam.

De repente, o padrão se alterou; em vez de passarem diretamente por cima, começaram a fazer uma curva e a escapar pela tangente do rumo original. Os que se encontravam abaixo perceberam que os objetos diminuíam a velocidade do voo. As curvas ficaram mais apertadas, até que os objetos incandescentes aceleraram noite afora, formando grandes arcos no céu. Então diminuíram novamente e ainda mais, cada vez mais definidos. Eram grandes globos que pulsavam com uma luz interna brilhante e lá dentro

viam-se estranhas silhuetas escuras, com uma aparência inquietante. A velocidade continuou a diminuir até ficarem pairando, girando em espirais e formando um círculo acima do pátio da abadia. Assim que o círculo se fechou, podiam ser vistos doze globos brilhantes flutuando sobre o pátio, silenciosos e imóveis. Depois, com um estalo e um zunido doloroso de ouvir, foram lançadas linhas de energia entre os espaços que separavam as esferas, que ficaram unidas por seis linhas. Em seguida, formou-se uma linha ao redor do perímetro resultando em um dodecágono.

— Que coisas são essas? — perguntou Gardan.

— Os Doze Olhos — respondeu o Abade, aterrorizado —, um feitiço antigo e maléfico de que se fala nas lendas. Não se sabe de ninguém vivo que possua poder para formar tal coisa. Serve para ver e também como arma.

As esferas então principiaram a se deslocar. Ganharam velocidade e começaram a criar um padrão complexo, cujas linhas se entrelaçavam furiosamente, impossibilitando que o olhar as seguisse. Giravam cada vez mais depressa, até se tornarem uma mancha indistinta de luz. Do centro foi disparado um feixe de energia que atingiu uma barreira invisível acima dos telhados dos edifícios.

Dominic gritou de dor, sendo amparado por Martin. O monge levou as mãos às têmporas, dizendo:

— É tão poderoso. Nem consigo acreditar… — Abriu os olhos, dos quais escorriam lágrimas, e informou: — As barreiras estão aguentando.

— A mente do Irmão Dominic é a pedra angular das defesas místicas da abadia — disse o Padre John. — Ele está sendo testado até o limite.

Uma vez mais, energias furiosas precipitaram-se do céu, espalhando-se pela barreira invisível como uma torrente multicolorida acima das cabeças de todos. Fragmentos de uma mística luz de arco-íris escorreram pelos lados da barreira mágica, definindo a olho nu a cúpula que envolvia a abadia. Novamente a barreira aguentou. Depois veio outro raio e mais outro e não demorou para que Arutha e os demais conseguissem perceber que a barreira descia cada vez mais. A cada ataque, Dominic bradava de dor. Até que, com uma fúria explosiva, um único feixe de luz branca ofuscante atingiu a barreira, atravessando-a e queimando o chão com um silvo irritado e um cheiro azedo.

Com o ataque, o Irmão Dominic ficou rígido nos braços de Martin e gemeu.

— Conseguiu entrar — sussurrou antes de perder os sentidos.

Enquanto Martin colocava o monge no chão, Padre Anthony disse:

— Tenho de ir à sacristia. Irmão Micah, você deve enfrentá-los.

— O que quer que esteja ali fora, conseguiu ultrapassar uma defesa mística inferior somente àquela que existe em nosso templo-mãe — disse Micah a todos. — Agora, tenho de enfrentá-lo. Estou armado e protegido por Ishap — falou o monge idoso cumprindo um ritual, enquanto pegava no martelo de guerra que trazia à cintura.

A abadia estremeceu com um estrondo de uma intensidade insuportável, como se um milhar de leões rugissem enfurecidos ao mesmo tempo. Começou como um guincho desagradável e correu toda a escala até parecer triturar as próprias pedras do edifício. Foram lançados raios de energia, aparentemente em direções aleatórias, seguidos de total destruição onde quer que caíssem. As pedras pareciam se esfarelar sob os ataques. Tudo o que era inflamável começou a pegar fogo e a água onde os raios tocavam explodia em nuvens de vapor.

Ficaram vendo Micah sair do edifício a passos largos e se posicionar debaixo do disco giratório. Como se tivesse previsto, ergueu o martelo acima da cabeça quando outro raio de energia foi disparado, cegando aqueles que assistiam da porta. Quando a luz brilhante e branca começou a se dissipar, viram Micah de pé, com o martelo acima da cabeça, enquanto as energias crepitantes caíam em cascata ao seu redor, espalhando-se em um espectro fragmentado, de modo que todas as cores do arco-íris dançavam dentro daquele inferno. O próprio chão a seus pés fumegava e queimava, mas ele estava ileso. Foi então que o fluxo de energia parou e, em um segundo, Micah girou o martelo, lançando-o em seguida. Com uma rapidez quase impossível de seguir, a arma deixou sua mão e tornou-se uma mancha de energia azul e branca tão brilhante e ofuscante quanto o alvo. Mais alto do que seria possível a um homem arremessar, o raio em chamas atingiu o disco brilhante em cheio e a grande velocidade. Pareceu ricochetear no disco e, então, voltou à mão de Micah. O grande objeto voltou a atacar Micah, que, uma vez mais, viu-se protegido pelos poderes místicos do seu martelo. Voltou a lançá-lo logo que a chuva de luz cessou, acertando-o no centro. Quando o martelo voltou, as pessoas que se encontravam na abadia viram que o objeto aéreo começava a oscilar ligeiramente enquanto girava. Ele lançou o martelo pela terceira vez e de novo acertou em cheio. De repente, ouviu-se um som de

algo se rasgando, uma ruptura tão ruidosa que o Príncipe e todos os demais foram forçados a tapar os ouvidos. As esferas circulantes estilhaçaram-se e do centro de cada uma saltaram pequenas silhuetas bizarras. Com um barulho molhado e viscoso, caíram no chão, contorceram-se grotescamente e começaram a fumegar. Um guincho estridente invadiu a noite quando irromperam em chamas brilhantes. Ninguém conseguiu discernir as verdadeiras formas das criaturas das esferas, embora Arutha tivesse a sensação de que era melhor assim, pois, no momento em que se incendiaram, as silhuetas pareceram bebês horrivelmente desfigurados. Até que se fez silêncio enquanto uma chuva de cores, cintilantes como grãos de pó estelar, começou a cair sobre a abadia. Um a um os grãos bruxulearam e se extinguiram, restando somente o velho monge no pátio, segurando o martelo à sua frente.

Todos os que se encontravam ao abrigo da abadia se entreolharam, o espanto gravado nos rostos. Ficaram calados durante algum tempo, até começarem a relaxar.

— Aquilo foi… incrível — exclamou Laurie. — Não sei se consigo encontrar palavras para descrever o que aconteceu.

Arutha preparava-se para falar, mas algo na forma como Jimmy e Martin inclinaram a cabeça para o lado o deteve.

— Estou ouvindo alguma coisa — disse Jimmy. Então todos ficaram em silêncio até ouvirem um som distante, como se um enorme pássaro ou morcego se aproximasse batendo asas gigantes na noite.

Jimmy correu do edifício antes que alguém conseguisse detê-lo, quase girando enquanto perscrutava todos os quadrantes do céu noturno. Olhando para trás por cima do telhado da abadia, virado para o norte, viu algo que fez seus olhos se arregalarem.

— Banath! — exclamou, correndo para onde o monge idoso ainda estava, imóvel e calado. Micah parecia estar em uma espécie de transe, de olhos cerrados. Jimmy agarrou-o pelo braço e o sacudiu.

— Veja! — gritou quando o monge abriu os olhos.

Micah olhou para onde o rapaz apontava. Cobrindo a enorme lua no céu noturno, uma criatura voava em direção à abadia, impelida por asas gigantescas e poderosas. De imediato, o monge empurrou o rapaz.

— Fuja daqui!

O empurrão afastou Jimmy da abadia, por isso ele correu pelo pátio até

onde estava uma carroça carregada de feno para o estábulo e escondeu-se embaixo dela. Depois de rolar e se virar, ficou quieto observando.

Uma criatura de desespero, concebida com a forma de um horror puro, desceu dos céus. Asas com mais de quinze metros de envergadura batiam vagarosamente ao descer até onde aguardava o monge idoso. Tratava-se de um conjunto com seis metros de altura de tudo o que causava repugnância aos seres sãos. Presas negras estendiam-se de imitações grotescas de garras de aves de rapina, em cima das quais se erguiam pernas que lembravam as de um bode. Contudo, onde deviam existir quadris, viam-se enormes montes de gordura, gigantescos anéis de banha que tremiam, pendendo de forma insólita desde o fundo do peito semelhante ao de um homem. Pelo tronco, escorria em grande quantidade uma substância espessa e úmida. No centro do peito da criatura, um rosto humano, que teria aspecto normal, não fosse a tez azulada, olhava de olhos arregalados de pavor, retorcendo-se e gritando constantemente de modo incompreensível, em contraponto aos rugidos altíssimos da criatura. Cada braço tinha um ar robusto, comprido e simiesco. Brilhava com uma luz trêmula que mudava a cada instante, primeiro vermelha, depois laranja, amarela e assim por diante, correndo o espectro até voltar ao vermelho. A criatura emitia uma mistura de odores putrefatos, como se o fedor de tudo o que estava se decompondo e apodrecendo no mundo tivesse sido destilado e inserido nela.

O mais horrível de tudo era a cabeça, pois, com uma crueldade suprema, o que quer ou quem quer que tivesse concebido o monstro disforme lhe tinha atribuído uma cabeça de mulher, grande para se ajustar ao corpo, mas, salvo isso, normal. A maldade suprema estava nas feições daquele rosto, pois, em uma imitação perfeita, a criatura assemelhava-se à Princesa Anita. Mechas de cabelo desgrenhadas pareciam voar em todas as direções, enquadrando suas feições em uma nuvem de cabelo ruivo. Contudo, ostentava a expressão de uma prostituta de rua, lasciva e promíscua, ao mesmo tempo que lambia os lábios impudicamente e revirava os olhos para Arutha. Lábios vermelhos se abriram em um esgar, revelando presas compridas no lugar dos dentes caninos.

Arutha observou a criatura com uma repugnância e aversão que dominaram qualquer outro pensamento além de destruir aquela obscenidade.

— Não! — gritou, começando a desembainhar a espada.

Gardan o impediu na mesma hora, jogando-o no chão do edifício e

fazendo uso de todas as suas forças para mantê-lo ali, enquanto gritava:

— É isso que eles querem!

Martin foi ajudar Gardan na tentativa de impedir Arutha. Os dois afastaram o Príncipe da porta. A criatura virou-se para aqueles que estavam além dela, flexionando as garras distraidamente. Fazendo bico como uma menininha, olhou luxuriosamente para Arutha e colocou a língua de fora, agitando-se de modo sugestivo. Em seguida, dando uma gargalhada animalesca, ergueu-se em toda a sua altura e rugiu para as estrelas, de braços esticados acima da cabeça. Dando um simples passo, avançou para a entrada, onde o Príncipe aguardava. De repente, oscilou para a frente, guinchou de dor e virou-se.

Arutha e os companheiros olharam para além da criatura e viram um raio azul e branco de energia voltar à mão do Irmão Micah. Ele desferira o primeiro golpe enquanto a criatura estava distraída. Voltou a atirar o martelo. Não era mais do que uma mancha que acertou o enorme estômago da criatura, causando outro guincho de dor e raiva, enquanto um fio de sangue negro fumegante começava a escorrer.

— Oh, céus! — ouviu-se uma voz atrás de Arutha.

Laurie viu que o Irmão Anthony chegara de uma sala nas profundezas da abadia e observava a criatura atentamente.

— Que criatura é aquela? — Laurie perguntou.

Não revelando qualquer emoção além de curiosidade, o arquivista explicou:

— Creio que seja uma criatura invocada, algo gerado com magia, criado em um caldeirão. Posso lhes mostrar algumas referências quanto à forma de criá-las em mais de uma dezena de obras. É óbvio que pode ser alguma besta que tenha aparecido naturalmente, mas me parece muito improvável.

Martin levantou-se e deixou Gardan segurando Arutha. Preparou seu arco sempre presente, ajustou-o rapidamente e colocou uma flecha na corda. A criatura avançava para o Irmão Micah quando Martin atirou. O arqueiro arregalou os olhos quando a flecha pareceu atravessar o pescoço da criatura sem o mínimo efeito.

O Irmão Anthony confirmou:

— De fato, é uma criatura conjurada. Reparem como é indiferente às armas terrenas.

A criatura tentou golpear o Irmão Micah com uma de suas garras

possantes, mas o experiente combatente limitou-se a erguer o martelo como se fosse bloquear o ataque. O golpe se deteve mais de trinta centímetros acima da arma erguida do monge e a criatura recolheu a pata como se tivesse batido em pedra. Soltou um urro frustrado.

Martin virou-se para o Irmão Anthony.

— Como podemos matá-la?

— Não sei. Cada golpe de Micah extrai energia do feitiço usado para criá-la. Contudo, é o resultado de uma magia formidável; pode resistir um dia ou até mais. Se Micah se enfraquecer…

Porém o monge idoso estava firme e defendia todos os golpes, ferindo a criatura aparentemente sem grandes impedimentos. Embora parecesse sofrer a cada ferimento provocado pelo martelo, ela não dava sinais de fraqueza.

— Como ela é concebida? — perguntou Martin ao Irmão Anthony. Arutha parara de resistir, mas Gardan permanecia ajoelhado, com a mão no ombro do Príncipe.

Anthony, surpreso momentaneamente pela pergunta de Martin, respondeu:

— Como se concebe uma criatura daquelas? Bem, é um processo muito complexo e…

A criatura se enraivecia cada vez mais com os golpes de Micah e atacou o monge sem resultados. Cansada da tática que usara até então, ajoelhou-se, direcionando um golpe para Micah de cima para baixo como se fosse cravar um prego com um martelo, mas no último instante alterou o alvo e bateu com o enorme pulso no chão ao lado do monge.

O tremor fez Micah cambalear ligeiramente; era essa a oportunidade que a criatura esperara. Sem demora, deslocou a mão para o lado derrubando o monge, que caiu pesadamente no chão e rolou desajeitado e atordoado, enquanto o martelo saltava para longe.

A criatura voltou a se deslocar em direção a Arutha. Gardan ficou em pé de um salto e desembainhou a espada enquanto corria para proteger seu Príncipe. O capitão veterano ficou em frente à criatura, que o olhou com um esgar hediondo, em uma terrível imitação burlesca de Anita, que acrescentava um elemento repugnante ao confronto. Como um gato brincando com um rato, a criatura deu uma patada em Gardan.

De uma porta interior, Padre John voltou a surgir com um grande bastão de metal coroado por um dispositivo de sete faces com um aspecto

estranhíssimo. Colocou-se à frente de Arutha, que tentava aproximar-se de Gardan para ajudá-lo, e gritou:

— Não! Você nada pode fazer.

O Príncipe percebeu que era inútil atacar a criatura, então deu um passo para trás. O Abade virou-se para enfrentar a criatura.

Jimmy rastejou para sair de baixo da carroça e se levantou. Estava ciente da inutilidade de desembainhar seu punhal. Vendo o Irmão Micah caído de costas, correu para ver como ele estava. O monge idoso permanecia inconsciente e Jimmy arrastou-o até a segurança relativa da carroça. Sem resultados, Gardan golpeava a criatura, que brincava com ele.

Jimmy olhou em volta e viu o martelo místico de Micah caído. Atirou-se, agarrando o cabo em pleno voo e caindo de barriga para baixo, os olhos fixos no monstro. A criatura não reparara que o rapaz recuperara a arma. Jimmy ficou surpreso ao erguê-lo, pois era duas vezes mais pesado do que esperara. Levantou-se e correu até ficar atrás do monstro, frente às suas costas putrefatas cobertas de pelo, que se inclinavam ao se esticar para atacar Gardan.

O capitão foi agarrado por uma mão gigantesca que o ergueu para a boca que se escancarava. Padre John ergueu o bastão e, de repente, dele saíram ondas de energia verde e roxa, que cobriram a criatura. Ela rugiu de dor e apertou Gardan, que gritou.

— Pare! Ele está esmagando Gardan! — Martin bradou.

O Abade cessou sua magia e a criatura ofegou, atirando Gardan na porta, no intuito de atingir seus algozes. O capitão atingiu Martin, o Irmão Anthony e o Abade, derrubando-os. Arutha e Laurie afastaram-se dos amigos, que caíram em sua direção. O Príncipe virou-se e viu a imitação luxuriosa do rosto de Anita dobrar-se em direção à porta. As asas da criatura a impediam de entrar na abadia, mas braços compridos surgiram serpenteando, na tentativa de agarrar Arutha.

Martin levantou-se, ajudando o abalado Abade e o Irmão Anthony a se erguerem. O arquivista disse:

— Sim! Claro! O rosto no peito! É ali que vocês devem atacar.

Em um instante, Martin colocou uma flecha no arco, mas a criatura acocorada escondeu o alvo. Tentou alcançar Arutha e, de repente, estava sentada nas patas traseiras, ululando de dor.

Por um breve instante, o rosto no peito ficou visível e Martin esticou a

corda dizendo: *Que Kilian guie minha flecha.* E disparou. Certeira, a flecha voou atingindo precisamente a testa do rosto alucinado no peito. Os olhos do rosto se reviraram e fecharam enquanto sangue vermelho e humano jorrava da ferida. A criatura ficou petrificada.

Diante do olhar atônito de todos, a criatura começou a estremecer. Ganhou logo uma cor mais brilhante quando as luzes de seu interior piscaram rapidamente. Em seguida, perceberam que estava ficando transparente, insubstancial, uma coisa de fumaça e gases incandescentes e coloridos, girando em uma dança louca enquanto se dissipava aos poucos, levada pela brisa da noite. As luzes se extinguiram e o pátio voltou a ficar vazio e silencioso.

Arutha e Laurie correram até onde Gardan estava, ainda consciente.

— O que aconteceu? — perguntou o Capitão com uma voz débil.

Todos os olhares se viraram para Martin, que indicou o Irmão Anthony, que respondeu:

— A luz veio à minha mente quando o Duque perguntou como eram feitas aquelas criaturas. Todas as artes maléficas necessárias à criação de um ser daqueles precisam de algum animal ou ser humano a partir do qual se desenvolve a magia. Aquele rosto foi o que restou da infeliz alma demente usada como base de criação do monstro. Era a única parte mortal, sujeita a ferimentos terrenos e, quando morreu, a magia… se desfez.

— Não teria conseguido acertá-la se não tivesse caído para trás como caiu — disse Martin.

— Que sorte! — exclamou o Abade.

— Isso não teve nada a ver com a sorte — disse um Jimmy sorridente. Aproximou-se com o martelo do Irmão Micah. — Bati com o martelo em seu rabo! — Apontou para Micah, que permanecia atordoado. — Ele vai ficar bem — disse, dando a arma ao Abade.

Arutha ainda estava abalado pela visão do rosto de Anita coroando aquele horror. Laurie, esforçando-se para sorrir, disse:

— Padre, se não for muito incômodo, o senhor teria um pouco de vinho para nós? Foi o pior cheiro que já senti.

— Ah! — exclamou Jimmy, indignado. — Imagine eu, que fiquei do lado dele!

Arutha observava o despontar do dia por cima das Montanhas Calastius, o sol nascente parecendo um furioso orbe vermelho. Nas horas que se seguiram ao ataque, a abadia regressara a uma aparente ordem e tranquilidade, embora Arutha sentisse um grande turbilhão dentro de si. O que quer que estivesse por trás daqueles atentados à sua vida era mais poderoso do que tudo o que imaginara, apesar dos avisos óbvios do Padre Nathan e da Suma Sacerdotisa de Lims-Kragma. Fora descuidado em sua pressa de descobrir uma cura para Anita e essa não era sua natureza. Quando necessário, era intrépido, e a coragem lhe garantira diversas vitórias; contudo, nos últimos tempos não fora corajoso, mas sim obstinado e impulsivo. Arutha sentiu algo estranho, algo que conhecia desde criança. Teve dúvidas. Depositara imensa confiança em seus planos, mas Murmandamus antecipara todos os seus movimentos, ou então reagira a uma velocidade incrível sempre que Arutha dava um passo.

A meditação de Arutha foi interrompida ao ver Jimmy a seu lado. O rapaz balançou a cabeça.

— Você só demonstra aquilo que sempre disse.

Apesar de suas preocupações, Arutha achou alguma graça no tom do rapaz:

— E o que foi que eu sempre disse?

— Por mais espertos que nos consideremos, pode surgir alguma coisa e *bam*! Caímos de cara. Depois pensamos: “Ora, aí está um detalhe em que não prestei atenção.” Olhar para o passado, era como o velho Alvarny, o Veloz, costumava chamar isso. — Arutha perguntou-se se o rapaz teria lido seus pensamentos. Jimmy prosseguiu: — Os ishapianos ficam aqui sentados, balbuciando rezas para si mesmos, convencidos de que possuem uma verdadeira fortaleza mágica. “Nada pode atravessar nossas defesas místicas” — imitou. — Então vieram aquelas bolas de luz e aquele objeto voador e *ups*! “Não pensamos nisso ou naquilo!” Há uma hora que vêm tagarelando sobre o que deviam ter feito. Bom, certamente em breve criarão algo mais poderoso. — Jimmy encostou-se no muro de pedra que dava para o penhasco. Além dos muros da abadia, o vale emergia das sombras à medida que o sol subia no céu. — O velho Anthony me disse que os feitiços necessários a todo aquele aparato de ontem à noite deram algum trabalho, por isso acha que nada de mágico virá para cá por um tempo. Ficarão a salvo nesta fortaleza…

até alguma coisa voltar e conseguir derrubar os portões, tal como aconteceu.

— Mas agora você é filósofo? — Arutha esboçou um sorriso, enquanto Jimmy encolhia os ombros.

— Senti tanto medo que era capaz de borrar as calças; foi isso o que aconteceu, e não faz mal se você também se sente apavorado. Aquelas coisas mortas em Krondor eram assustadoras, mas ontem à noite, bom, não sei no que você está pensando, mas, se estivesse em seu lugar, pensaria em me mudar para Kesh e trocar de nome.

Arutha mostrou um sorriso pesaroso, pois Jimmy o fizera entender algo que estivera negando.

— Falando com franqueza, estou tão apavorado quanto você, Jimmy.

Jimmy ficou surpreso com a confissão.

— Sério?

— Sério. Ouça: só um louco não teria medo de enfrentar tudo o que nós já enfrentamos e o que poderemos vir a enfrentar, porém o que importa não é se temos medo ou se não temos, mas como agimos. Meu pai disse uma vez que um herói é alguém que teve medo demais para fazer uso do bom senso e fugir, e que acabou conseguindo sobreviver a tudo.

Jimmy riu com uma alegria juvenil que o fez parecer tão jovem quanto os anos que tinha, em lugar do homenzinho que parecia ser na maior parte do tempo.

— Isso também é verdade. Já eu prefiro fazer o que tiver de ser feito e depressa, e daí passar para a diversão. Esse sofrimento por causas nobres só serve para sagas e lendas.

— Está vendo? — disse Arutha. — Há um pouco de filósofo em você, afinal de contas. — Mudou de assunto: — Agiu depressa e com coragem, ontem à noite. Se não tivesse distraído o monstro para que Martin o acertasse…

— Estaríamos voltando a Krondor com seus ossos, partindo do princípio de que a criatura não os comeria — concluiu Jimmy com um sorriso amarelo.

— Não precisa ficar tão feliz com essa possibilidade.

O sorriso de Jimmy se alargou.

— De fato eu não ficaria contente, esta é a verdade. Você é um dos poucos homens que conheci que considero que valha a pena manter vivo. De muitos modos, este é um grupo divertido. Estou até me divertindo, verdade seja dita.

— Você tem uma ideia de diversão muito peculiar.

Jimmy negou com a cabeça.

— Não é isso. Se é para andarmos apavorados, mais vale aproveitar. É assim a vida de ladrão, sabe? Entrar na casa de alguém no meio da noite, sem saber se estão acordados aguardando com uma espada ou uma clava para espalhar nossos miolos pelo chão quando enfiamos a cabeça na janela. Ser perseguido pelas ruas pela sentinela da cidade. Não é divertido, mas tem sua graça, entende? Seja como for, é emocionante. Além disso, quantos podem se gabar de ter salvado o Príncipe de Krondor atacando um demônio?

Depois dessa, Arutha gargalhou.

— Caramba, é a primeira vez que tenho vontade de rir desde… desde o casamento. — Pousou a mão no ombro de Jimmy. — Merece uma recompensa, Escudeiro James. De que gostaria?

Jimmy franziu o rosto em visível concentração.

— Então, e se me nomeasse Duque de Krondor?

Arutha ficou estupefato. Começou a falar, mas parou. Martin aproximou-se, vindo da enfermaria, e, vendo a estranha expressão no rosto de Arutha, perguntou:

— O que foi?

Arutha apontou para Jimmy.

— Ele quer ser Duque de Krondor.

Martin desatou em ruidosas gargalhadas. Quando se acalmou, Jimmy perguntou:

— Por que não? Dulanic está aqui, por isso agora sabe que sua aposentadoria não é uma invenção. Volney não deseja ficar com o cargo, então a quem mais poderia atribuí-lo? Sou inteligente e já fiz um ou dois favores para você.

Martin não parou de rir, enquanto Arutha respondeu:

— Pelos quais foi recompensado. — O Príncipe ficou preso entre a indignação e a diversão. — Olhe, seu pilantra, pode ser que eu venha a considerar pedir ao Lyam que lhe conceda um modesto baronato, muito modesto, para que possa cuidar dele quando atingir a maioridade, o que ainda vai demorar pelo menos três anos. Por ora terá de se contentar com a nomeação de Escudeiro Superior da Corte.

Martin balançou a cabeça.

— Ele vai fazer dos outros um bando de meninos de rua.

— Bom — expressou Jimmy —, pelo menos terei o prazer de ver a cara daquele idiota do Jerome quando der ordens ao deLacy.

Martin parou de rir e disse:

— Achei que queriam saber que Gardan vai se recuperar, bem como o Irmão Micah. Dominic já está andando por aí.

— E quanto ao Abade e ao Irmão Anthony?

— O Abade está andando em algum lugar por aí fazendo o que quer que os abades fazem quando suas abadias são profanadas. E o Irmão Anthony voltou a pesquisar o Espinho de Prata. Pediu para lhe dizer que está na câmara 67, caso deseje falar com ele.

— Vou procurá-lo. Quero saber o que descobriu. — Ao se afastar, acrescentou: — Jimmy, por que não explica ao meu irmão o motivo pelo qual eu devia promovê-lo ao segundo ducado mais importante do Reino?

Arutha partiu em busca do responsável pelo arquivo. Martin virou-se para Jimmy, que sorriu de orelha a orelha.

Arutha entrou na ampla câmara, abafada devido ao tempo e ao fraco odor dos conservantes. À luz de uma lamparina bruxuleante, o Irmão Anthony lia um volume antigo. Sem se virar para ver quem entrara, disse:

— Tal como pensei, sabia que estava aqui. — Recostou-se. — Aquela criatura era semelhante a outra de que há relatos dizendo que foi morta na época da invasão do Templo de Tith-Onanka, em Elarial, há trezentos anos. Foi dado como certo, de acordo com estas fontes, que os sacerdotes serpentinos pantathianos estiveram por trás do acontecido.

— O que são esses pantathianos, Irmão? — perguntou Arutha. — Conheço apenas as histórias que são contadas para assustar as criancinhas.

O monge idoso encolheu os ombros.

— Na verdade, pouco sabemos. Até certo ponto, conseguimos entender a maioria das raças inteligentes de Midkemia. Até os moredhel, a Irmandade da Senda das Trevas, possuem alguns traços comuns à natureza humana. Sabemos que se regem por um código de honra rígido, embora peculiar, segundo nossos padrões. Mas essas criaturas… — Fechou o livro. — Ninguém sabe a localização de Pantathia. Não aparece nas cópias dos mapas deixados por Macros que Kulgan de Doca da Estrela nos enviou. Esses sacerdotes possuem magias distintas das outras. São inimigos confessos da humanidade, embora no passado tenham convivido com alguns humanos. Há

outro fato evidente: são seres de pura maldade. Basta sabermos que servem este Murmandamus para os classificarmos como inimigos de todo o bem. É também por eles o servirem que sabemos que são um poder a se temer.

— Assim sendo, pouco mais sabemos do que já sabíamos sobre aquilo que Jack Risonho nos disse.

— De fato — confirmou o monge —, mas não subestime o valor de saber que ele disse a verdade. Saber o que as coisas não são muitas vezes é tão importante quanto saber o que são.

— No meio de toda esta confusão, conseguiu descobrir algo sobre o Espinho de Prata? — perguntou Arutha.

— Por acaso, consegui. Ia pedir para o chamarem assim que terminasse de ler esta passagem. Receio que seja apenas uma cobertura. — Ao ouvir essas palavras, o coração de Arutha apertou-se no peito, mas ele indicou ao monge idoso que prosseguisse. — O motivo pelo qual não consegui me lembrar logo desse Espinho de Prata tem a ver com a tradução do nome pelo qual eu o conhecia. — Abriu outro livro que estava perto dele. — Este é o diário de Geoffrey, filho de Caradoc, um monge da Abadia de Silban em Yabon, a mesma onde seu irmão Martin foi criado, embora isto tenha sido escrito há muitos séculos. Geoffrey era uma espécie de botânico, e passou muitas horas catalogando tudo o que conseguia da flora local. Foi aqui que encontrei uma pista. Passo a ler: “A planta a que os elfos chamam Ellebaga também é conhecida como Espinho Cintilante pelos povos das colinas. Dizem que possui propriedades mágicas quando corretamente utilizada, embora os meios adequados para a destilação de suas essências não sejam comumente conhecidos, sendo necessários rituais ocultos que ultrapassam as capacidades das pessoas comuns. É raríssima, tendo sido avistada por poucos homens ainda vivos. Nunca contemplei essa planta, mas aqueles com quem falei têm conhecimentos confiáveis e se mostram seguros quanto à sua existência.” — Fechou o livro.

— É só isso? — perguntou Arutha. — Esperava uma cura ou, pelo menos, uma pista que nos levasse a descobri-la.

— Mas é uma pista — disse o monge idoso piscando um olho. — Geoffrey, que era mais curioso do que botânico, atribuiu o nome Ellebaga à planta e disse que tinha origem élfica. Trata-se de uma corruptela óbvia de *aelebera*, uma palavra do idioma dos elfos que se traduz como “Espinho de Prata”! O que significa que, se há alguém que conheça suas propriedades

mágicas e como as combater, certamente são os Tecedores de Feitiços de Elvandar.

Arutha ficou calado por um momento, até que disse:

— Eu lhe agradeço, Irmão Anthony. Rezei para que minha busca terminasse aqui, mas pelo menos nem toda esperança está perdida.

— Há sempre esperança, Arutha conDoin — disse o monge idoso. — Desconfio que, com esta confusão toda, o Abade não chegou a dizer a você a razão principal que nos leva a reunir tudo isto. — Agitou as mãos para os lados, indicando a grande quantidade de livros ao redor. — A razão pela qual juntamos todas estas obras é a esperança. Há muitas profecias e presságios, mas ninguém fala do fim de tudo o que conhecemos. É dito que, quando todo o resto tiver sucumbido às forças do mal, restará somente "aquilo que antes fora Sarth". Caso essa profecia se concretize, temos esperança de salvaguardar as sementes de conhecimento que poderão voltar a ser úteis ao homem. Trabalhamos com esse dia em mente, rezando para que nunca chegue.

— O senhor foi muito amável, Irmão Anthony — agradeceu Arutha.

— Um homem tem de ajudar sempre que pode.

— Obrigado. — Arutha saiu da sala e subiu as escadas, remoendo todos os fatos de que tinha conhecimento. Ponderou as opções até chegar ao pátio. Laurie se juntara a Jimmy e Martin, tal como Dominic, que parecia ter se recuperado de sua provação, ainda que continuasse pálido.

Laurie saudou o Príncipe e informou:

— Amanhã Gardan já vai estar recuperado.

— Ainda bem, pois partimos de Sarth ao amanhecer.

— O que propõe? — indagou Martin.

— Vou levar Gardan ao primeiro navio que zarpe de Sarth rumo a Krondor e de lá prosseguiremos.

— Prosseguiremos para onde? — perguntou Laurie.

— Para Elvandar.

Martin sorriu.

— Será bom voltar a visitar aquele lugar.

Jimmy suspirou, levando Arutha a perguntar:

— O que foi?

— Estava só me lembrando dos cozinheiros de seu palácio e das costeletas carnudas.

— Bom, não precisa pensar muito neles; vai voltar a Krondor com Gardan — retorquiu o Príncipe.

— E perder a diversão toda?

Laurie disse a Martin:

— Esse garoto definitivamente tem uma ideia deturpada de diversão.

Jimmy ia falar algo, mas Dominic se adiantou:

— Vossa Alteza, se me der a licença de acompanhar seu Capitão, gostaria de viajar até Krondor.

— Claro que dou, mas e suas obrigações aqui?

— Outro tomará meu lugar. Não estarei em condições para esse tipo de obrigações por algum tempo, e não podemos esperar. Não é motivo de vergonha nem de desonra; simplesmente, é o que tem de ser feito.

— Assim sendo, estou certo de que Jimmy e Gardan aceitarão sua companhia de bom grado.

— Espere… — começou Jimmy.

Ignorando o rapaz, Arutha perguntou ao monge:

— O que o leva a Krondor?

— Fica no caminho para Doca da Estrela. Padre John julga crucial informarmos Pug e os demais magos do que está acontecendo. Eles praticam artes poderosas às quais não temos acesso.

— Bem pensado. Precisamos de todos os aliados que consigamos reunir. Devia ter pensado nisso. Eu lhe darei mais algumas informações secretas para lhes transmitir, se não se importar. E darei ordens para que Gardan o escolte até Doca da Estrela.

— Seria ótimo.

Jimmy não parara de tentar se fazer ouvir protestando por ser enviado de volta a Krondor. Ignorando os protestos do rapaz, Arutha instruiu Laurie:

— Leve nosso aspirante a Duque e vá até a vila em busca de um navio. Nós partiremos amanhã. Além disso, tente arranjar montarias novas e não se metam em encrenca.

Arutha afastou-se em direção ao alojamento acompanhado por Dominic e Martin, deixando Laurie e Jimmy no pátio. Jimmy ainda tentava se fazer ouvir, repetindo:

— Mas…

Laurie deu uma palmada no ombro do garoto e disse:

— Vamos lá, “Vossa Graça”. Pé na estrada. Se conseguirmos tratar de

nossos assuntos rápido, podemos ver se encontramos algum jogo em uma estalagem.

Um brilho perverso pareceu surgir nos olhos de Jimmy.

— Jogo? — perguntou.

—Você sabe, algo como pashawa ou por-cima-por-baixo-no-meio. Jogo da bugalha ou pedras. Jogatina.

— Oh! — exclamou o rapaz. — Você vai ter de me mostrar como se joga.

Ao se virar para o estábulo, Laurie deu-lhe um chute no traseiro, impulsionando-o para a frente.

— Vou mostrar, sim, como se joga. Não sou um caipira qualquer que acabou de chegar do campo. Ouvi essa mesma frase da primeira vez que perdi a minha carteira.

Correndo, Jimmy riu.

— Ao menos tentei!

Arutha entrou no quarto escuro. Olhando para a silhueta na cama, perguntou:

— Pediu para falar comigo?

Micah levantou-se e encostou-se à parede.

— Pedi. Ouvi dizer que irá partir daqui a pouco. Agradeço que tenha vindo. — Fez sinal a Arutha para que sentasse na cama. — Preciso de um pouco de descanso, mas estarei em forma daqui a uma semana, mais ou menos. Arutha, quando éramos novos, eu e seu pai éramos amigos. Caldric acabara de instaurar o costume de levar escudeiros para a corte, costume que hoje já virou tradição. Éramos um grupo e tanto. Brucal de Yabon era nosso Escudeiro Superior e nos deixava estourados. Naquela época, éramos uma equipe forte: seu pai, eu e Guy du Bas-Tyra. — Ao ouvir o nome de Guy, Arutha ficou tenso, mas não fez qualquer comentário. — Gosto de pensar que, naqueles tempos, éramos a espinha dorsal do Reino. Agora, você é. Borric fez um bom trabalho com você e com Lyam, e Martin não fica atrás. Sirvo a Ishap agora, mas ainda amo este Reino, meu filho. Só queria que soubesse que rezarei por você.

— Fico grato, meu senhor Dulanic — disse Arutha.

Ele se aconchegou nas almofadas.

— Já não sou mais Dulanic. Agora não passo de um simples monge.

Aliás, quem ficou governando em seu lugar?

— Lyam está em Krondor e ficará lá até meu regresso. Volney assumiu o cargo de Chanceler.

Dito isso, Micah deu uma gargalhada, seguida por um esgar de dor.

— Volney! Pelos dentes de Ishap! Ele deve estar odiando.

— De fato — disse Arutha, sorrindo.

— Vai solicitar a Lyam que o nomeie Duque?

— Não sei. Por mais que proteste, é o administrador mais competente que temos disponível. Perdemos alguns bons homens no decorrer da Guerra do Portal. — Arutha mostrou seu sorriso enigmático. — Jimmy sugeriu que eu *o* nomeasse Duque de Krondor.

— Não o subestime, Arutha. Deve treiná-lo enquanto ele está com você. Carregue-o de responsabilidades até ele gritar e depois dê-lhe ainda mais. Instrua-o bem e depois mantenha-o por perto. Não há muitos como ele.

— Por que tudo isso, Micah? — perguntou Arutha. — Para que toda essa preocupação com assuntos que já havia deixado para trás?

— Porque sou um velho vaidoso e um pecador, apesar de meu arrependimento. Ainda admito que tenho orgulho de minha cidade. E também porque você é filho de seu pai.

Arutha ficou calado por muito tempo, até que disse:

— Eram muito amigos, você e meu pai, não eram?

— Muito. Só Guy era ainda mais próximo de Borric.

— Guy! — Arutha não conseguia acreditar que o inimigo mais odiado de seu pai tivesse sido outrora seu amigo. — Como é possível?

Micah examinou Arutha.

— Achei que seu pai tivesse lhe contado antes de morrer. — Manteve-se em silêncio por algum tempo. — Pensando melhor, Borric não teria feito isso. — Suspirou. — Todos nós, que éramos amigos de seu pai e de Guy, fizemos uma promessa. Juramos jamais falar da vergonha que os levou a pôr fim à maior das amizades e que fez Guy se vestir de preto todos os dias pelo resto de sua vida, o que lhe valeu a alcunha de Guy, o Negro.

— Meu pai mencionou certa vez esse estranho ato de coragem, embora nada mais de bom tivesse a dizer sobre Guy.

— Ele não faria isso. E eu também não farei, pois para isso Guy teria de me libertar dessa promessa ou então eu precisava ter certeza de sua morte. No entanto, posso dizer que, antes dessa ruptura, eles eram como irmãos. Quer

disputando moças, envolvendo-se em brigas ou no campo de batalha, nenhum hesitava quando o outro gritava por ajuda. Mas olhe só para você, Arutha. Você deve acordar cedo e precisa descansar. Não pode perder tempo com assuntos há muito enterrados. Tem de partir em busca de uma cura para Anita… — Os olhos do idoso se encheram de lágrimas e Arutha percebeu que, em meio a suas tristes preocupações, ignorara o fato de que Micah fora desde sempre membro da corte de Erland. Conhecia-a desde que nascera. Para ele, ela era como uma neta. Micah engoliu em seco. — Malditas costelas! Basta respirar fundo e fico logo chorando como se tivesse comido cebolas cruas. — Suspirou demoradamente. — Peguei-a no colo enquanto os sacerdotes de Sung, a Branca, a abençoavam, menos de uma hora depois de nascer. — Seus olhos ganharam uma expressão distante. Virou o rosto e acrescentou: — Salve-a, Arutha.

— Vou encontrar uma cura.

Sussurrando de modo a controlar as emoções, Micah disse:

— Então vá, Arutha. Que Ishap o proteja.

Arutha apertou a mão do monge idoso, levantou-se e saiu. Ao atravessar o corredor principal do edifício da abadia, foi interceptado por um monge silencioso que lhe indicou que o seguisse. Foi levado aos aposentos do Abade, que, juntamente com o Irmão Anthony, estava à sua espera.

— Fico feliz por ter tido tempo de visitar Micah, Vossa Alteza — disse o Abade.

Subitamente, Arutha ficou alarmado.

— Micah vai se recuperar, não vai?

— Se for essa a vontade de Ishap. É um homem velho para suportar tal suplício. — O Irmão Anthony pareceu irritado diante disso, quase bufou. O Abade, porém, ignorou o som e disse: — Temos pensado muito em um problema que tem de ser resolvido. — Empurrou um pequeno estojo para Arutha, que estendeu a mão e o ergueu da mesa.

O estojo era nitidamente antigo, feito de madeira delicadamente esculpida que o tempo quase alisara. Ao abri-lo, viu uma almofada de veludo na qual repousava um pequeno talismã. Era um martelo de bronze, uma miniatura daquele que Micah usava à cintura, com uma tira de couro passando por um furo diminuto no cabo.

— O que é isto?

Anthony respondeu:

— Certamente você pensou em como seu inimigo foi capaz de localizá-lo aparentemente sem grandes dificuldades. É possível que algum intermediário, talvez um sacerdote serpente, o tenha localizado com um feitiço de adivinhação do futuro de um tipo qualquer. Esse talismã é um legado de nosso antigo passado. Foi concebido no mais antigo enclave de nossa fé de que temos conhecimento, a Abadia de Ishap de Leng. Trata-se do artefato mais poderoso que possuímos. Irá ocultar seus movimentos de toda a magia de adivinhação. Para aqueles que o têm seguido por meios ocultos, você irá, simplesmente, desaparecer de vista. Não temos proteção para olhares terrenos, mas, se for cauteloso e ocultar sua identidade, é bem capaz de chegar a Elvandar sem ser interceptado. Porém nunca o tire ou, estará novamente sujeito a ser localizado por feitiçaria. Ele também o tornará inacessível ao tipo de ataques que sofremos ontem à noite. Uma criatura como aquela não será capaz de machucá-lo, embora o inimigo possa atacar os que estiverem perto de você, pois não terão o benefício da mesma proteção.

Arutha colocou o talismã no pescoço e agradeceu:

— Obrigado.

O Abade levantou-se.

— Que Ishap o proteja, Vossa Alteza, e não se esqueça de que sempre encontrará refúgio em Sarth.

Arutha voltou a agradecer e deixou o Abade. Após voltar ao alojamento e acabar de preparar suas bagagens para a viagem, pensou em tudo o que descobrira. Afastando a dúvida, sentiu-se mais uma vez determinado a salvar Anita.

12

Rumo ao norte

Um cavaleiro solitário cavalgava pela estrada.

Arutha olhou para trás quando Martin o advertiu sobre o homem a cavalo que se aproximava. Laurie virou sua montaria, desembainhando a espada, ao passo que o Duque desatou a rir e Arutha observou:

— Se é quem estou pensando, cortarei as orelhas dele.

— Assim sendo, afie seu punhal, irmão — disse Martin —, pois veja como aqueles cotovelos se abrem e fecham em cima do cavalo.

Não demorou para que a previsão de Martin fosse comprovada e um Jimmy sorridente parasse ao lado deles. Arutha não se esforçou para ocultar seu desagrado.

— Pensei que você me tinha dito que ele estava a salvo no navio a caminho de Krondor com Gardan e Dominic — disse a Laurie.

Com uma expressão de impotência, Laurie confirmou:

— Estava mesmo, juro.

Jimmy olhou para os três.

— Ninguém vai me cumprimentar?

Martin tentou se manter sério, porém até sua serenidade aprendida com os elfos estava sendo testada. Jimmy parecia possuir toda a ingenuidade de um cachorro ansioso, uma atitude tão falsa como tantas outras que simulava, e Arutha se esforçava para manter uma expressão severa. Laurie ocultou o riso atrás de uma mão rapidamente levada à boca e de um ataque de tosse.

Arutha balançou a cabeça, fixando o chão, e por fim disse:

— Muito bem, conte.

— Em primeiro lugar, fiz um juramento; pode não representar muito para você, mas não deixa de ser um juramento e une todos nós: “Até o gato ser esfolado” — explicou Jimmy. — Além disso, há outro detalhe que deve ser levado em conta.

— Do que se trata? — Arutha quis saber.

— Você estava sendo vigiado quando deixou Sarth.

Arutha recostou-se na sela, tão surpreso pelo tom descontraído do rapaz quanto pela revelação.

— Como sabe?

— Para começar, reconheci o homem. Trata-se de um mercador do Mirante de Questor chamado Havram, que não é mais do que um contrabandista contratado pelos Zombadores. Nunca mais havia sido visto desde que chegou aos ouvidos do Justo que Falcões Noturnos haviam se infiltrado no grupo. Ele se encontrava na estalagem onde eu, Gardan e Dominic aguardávamos pelo navio. Embarquei com o bom Capitão e com o monge e escapuli pelo costado pouco antes de levantarem âncora. Em segundo lugar, o homem não estava acompanhado pelo grupo que trabalha para ele habitualmente. Ele é um homem falante e educado; normalmente chama a atenção quando está trabalhando, mas em Sarth cobria-se com um grande capuz e permanecia em cantos escuros. Não estaria naquele lugar, abandonando suas verdadeiras funções, a menos que tivesse sido forçado por circunstâncias incomuns. Além disso, seguiu-o desde a estalagem até ter certeza do rumo que você tomava. Acima de tudo, trata-se de um companheiro frequente de Jack Risonho e Dase Dourado.

Martin exclamou:

— Havram! Jack Risonho afirmou que foi esse homem que o recrutou, e também Dourado, para os Falcões Noturnos.

— Eles devem contar com espiões e agentes para encontrá-lo, agora que não conseguem recorrer à magia — acrescentou Laurie. — Faz sentido que tivessem alguém em Sarth aguardando que descesse da abadia.

— Ele viu você nos seguindo? — perguntou o Príncipe.

Jimmy riu.

— Não, mas eu o vi indo embora. — Todos o olharam interrogativamente e o rapaz explicou: — Eu já cuidei dele.

— O que você fez?

Jimmy pareceu satisfeito consigo mesmo.

— Até uma vila tão pequena como Sarth tem um lado mau, se soubermos procurar. Recorrendo à minha reputação de Zombador de Krondor, apresentei-me e declarei minha boa-fé. Determinadas pessoas, que desejam permanecer no anonimato, ficaram cientes de que eu sabia quem elas eram e mostraram-se dispostas a não mencionar esse fato à guarnição local em troca de um serviço. Como julgaram que eu ainda desfrutava de uma posição preferencial nos Zombadores, optaram por não me deixar de fora, especialmente quando adocei o acordo com uma pequena bolsa de ouro que levava comigo. Depois mencionei que não existia uma única pessoa no Reino Ocidental que ignorasse certo mercador descansando na estalagem. Eles entenderam o que eu quis dizer. É provável que o falso mercador se encontre a caminho de Kesh pela rota de escravos de Durbin neste exato momento, aprendendo todos os detalhes do trabalho servil.

Laurie balançou a cabeça lentamente.

— Não há dúvida de que o garoto é forte.

Arutha soltou um suspiro resignado.

— Parece que estou novamente em dívida com você, Jimmy.

— Uma pequena caravana vem vindo pela costa; está a cerca de uma hora — disse Jimmy. — Se avançarmos devagar, é provável que nos alcance até o cair da noite. É possível que nos contratem como escolta adicional, e assim estaremos com as carroças e alguns mercadores enquanto Murmandamus procura três cavaleiros que partiram de Sarth.

Arutha riu.

— O que devo fazer com você? — Antes que Jimmy pudesse responder, prosseguiu: — Não fale nada sobre querer ser Duque de Krondor. — Ao virar sua montaria, acrescentou: — E não quero saber onde arranjou esse cavalo.

O destino, ou a eficácia do talismã ishapiano, auxiliou Arutha e seus três companheiros, pois não se depararam com problemas na estrada de Ylith. Jimmy acertou na previsão de que uma caravana acabaria por alcançá-los. Era modesta, composta por cinco carroças escoltadas por somente dois mercenários contratados como guardas. Assim que o mercador responsável ficou convencido de que não se tratava de salteadores, aceitou-os como companheiros de viagem, uma vez que se beneficiaria de quatro guarda-

costas adicionais pelo custo de algumas refeições.

Durante duas semanas viajaram quase sem interrupções, seguindo a monotonia da jornada. Vendedores ambulantes, mercadores e caravanas de todas as dimensões, acompanhadas por uma vintena de guardas mercenários, passaram em ambos os sentidos ao longo da costa entre o Mirante de Questor e Sarth. Arutha ficou convencido de que, se algum espião ou agente o descobrisse entre a multidão de mercenários que viajava pela estrada, isso não passaria de mero acaso.

Perto do anoitecer, avistaram as luzes de Ylith a distância. Arutha seguia à frente, juntamente com os dois guardas de Yanov, o mercador. Reduziu o passo até a primeira carroça ficar a seu lado e informou:

— Ylith à vista, Yanov.

A carroça passou e o corpulento mercador, um vendedor ambulante de seda e tecidos finos vindo de Krondor, acenou alegremente. Arutha ficara aliviado ao descobrir que Yanov era um homem exuberante, que prestava pouca atenção ao que os outros diziam, e a história rapidamente inventada resistira à sua análise. Pelo que o Príncipe pôde averiguar, Yanov nunca o vira antes.

Martin foi o primeiro a alcançar Arutha, quando a última carroça da caravana passou por ele.

— Ylith — informou Arutha, pondo a montaria novamente em marcha.

Jimmy e Laurie atravessaram a estrada em que seguiam protegendo os flancos e ouviram Martin dizer:

— Logo nos livramos desta caravana e procuramos outras montarias. Estas precisam descansar.

— Ficarei feliz em me livrar de Yanov. Ele é tagarela como uma vendedora de peixes, fala incessantemente — desabafou Laurie.

Jimmy abanou a cabeça, fingindo se condoer.

— Além disso, raramente deixa que mais alguém conte uma história ao redor da fogueira.

Laurie lançou-lhe um olhar furioso.

— Chega — disse Arutha. — Seremos apenas mais um grupo de viajantes. Se o Barão Talanque descobrir que estou aqui, passará a ser um assunto de Estado. Serão dados banquetes e recepções, serão realizados torneios e caçadas, e todos entre a Grande Cordilheira Setentrional e Kesh ficarão sabendo que estou em Ylith. Talanque é bom homem, mas adora

festas.

Jimmy riu.

— Não é o único. — Com um assobio e um grito, meteu as esporas no cavalo. Arutha, Laurie e Martin ficaram espantados por um instante, até que sentiram o alívio da chegada a Ylith e partiram atrás do rapaz.

Quando Arutha passou a galope pela carroça da frente, gritou:

— Bons negócios, Mestre Yanov! — O mercador olhou para eles como se tivessem perdido o juízo. A etiqueta exigia que lhes pagasse simbolicamente pelo trabalho de guardas.

Quando chegaram aos portões da cidade, desaceleraram, pois uma caravana de dimensão considerável acabara de entrar em Ylith e muitos outros viajantes aguardavam que os portões ficassem desimpedidos para poderem entrar. Jimmy parou atrás de uma carroça de feno de um agricultor e virou o cavalo de modo a ficar de frente para os companheiros que chegavam, rindo em um breve momento de diversão. Em silêncio, colocaram-se na fila, observando os soldados revistarem a carroça. Em época de paz, os soldados pareciam fazer apenas uma revista rápida a quem entrava na cidade.

Jimmy olhou em volta, pois Ylith era a primeira grande cidade que encontravam desde que haviam partido de Krondor e o movimentado ritmo metropolitano já o fazia sentir-se em casa. Foi então que reparou em uma silhueta solitária junto aos portões, agachada e atenta a quem passava. Tendo em conta o tecido xadrez e as calças de pele, era óbvio que se tratava de um montanhês hadati. Tinha cabelo comprido até abaixo dos ombros, embora apresentasse um rabo de cavalo de guerreiro em cima da cabeça, e usava um lenço enrolado logo acima dos olhos. Tinha um par de bainhas de madeira pousadas nos joelhos, protegendo os gumes afiados da espada comprida e fina e de uma espada mais curta típica de seu povo. O que mais chamava a atenção naquele homem era seu rosto, pintado de branco ao redor dos olhos, da testa até as maçãs do rosto, bem como no queixo, logo abaixo da boca. Era óbvio que observava atentamente o Príncipe quando este passou, pois se ergueu devagar quando Jimmy e Martin seguiram Arutha e Laurie e entraram na cidade.

De repente, Jimmy deu uma gargalhada, como se Martin tivesse dito alguma piada, e espreguiçou-se, o que possibilitou uma olhada para trás. O montanhês atravessava os portões devagar, seguindo atrás deles e colocando

as espadas na faixa presa à cintura.

— O hadati? — Martin perguntou. Como Jimmy confirmasse com um aceno de cabeça, o Duque acrescentou: — Você tem olhos de lince. Ele está nos seguindo?

— Está. Vamos despistá-lo?

Martin balançou a cabeça.

— Trataremos dele assim que nos instalarmos em algum lugar. Se for preciso.

Enquanto avançavam pelas ruas estreitas da cidade, foram recebidos por sinais de prosperidade espalhados por todos os lados, pois as lojas amplamente iluminadas por lanternas mostravam mercadores apresentando seus produtos a quem fazia compras no ar fresco do entardecer.

Mesmo àquela hora de início de noite, aqueles em busca de diversão já andavam em grande número pelas ruas, uma vez que os guardas que acompanhavam caravanas e os marinheiros que chegavam depois de meses no mar saíam aos montes, procurando todo tipo de prazeres que o ouro pudesse comprar. Um grupo de desordeiros, aparentemente mercenários, abria caminho aos trancos, notoriamente sob o efeito do álcool, gritando e rindo. Um deles foi de encontro ao cavalo de Laurie e, fingindo-se zangado, gritou:

— Ei! Veja para onde leva esse bicho. Tenho de ensinar boas maneiras a você? — Fingiu desembainhar a espada, para deleite daqueles que o acompanhavam. Laurie também riu, enquanto Martin, Arutha e Jimmy permaneciam atentos a possíveis problemas.

— Lamento, amigo — disse o cantor. Entre um esgar e um sorriso, o homem fez novamente um gesto como se desembainhasse a espada.

Outro homem do grupo de mercenários puxou-o com força para o lado, dizendo:

— Vá lá beber um copo. — Sorrindo para Laurie, acrescentou: — Continua montando tão mal quanto canta, Laurie?

Laurie desmontou imediatamente e abraçou o homem com força.

— Roald, seu filho de uma boa mãe! — Trocaram palmadas nas costas e abraços e Laurie apresentou o homem aos demais: — Este coração impiedoso é Roald, amigo de infância e tantas vezes companheiro de estrada. Seu pai era dono da fazenda ao lado da que pertencia ao meu pai.

O homem riu.

— E nossos pais nos expulsaram de casa praticamente no mesmo dia.

Laurie apresentou Martin e Jimmy; contudo, quando chegou a vez de Arutha, recorreu ao nome previamente combinado: Arthur.

— É um prazer conhecer seus amigos, Laurie — disse o mercenário.

Arutha deu uma olhada ao redor.

— Estamos bloqueando a rua. Vamos procurar um lugar para ficar.

Roald acenou para que o seguissem.

— Estou alojado em um lugar na próxima rua. É praticamente civilizado.

Jimmy fez o cavalo avançar, mantendo um olho no amigo de infância do cantor e fazendo uso de sua experiência para examinar o homem. Ele apresentava todos os sinais de um mercenário experiente, alguém que ganhava a vida por meio da espada há tanto tempo que já poderia ser considerado especialista só por ainda estar vivo. Jimmy reparou que Martin olhava para trás, perguntando a si mesmo se o hadati ainda os seguia.

A estalagem, chamada Nórdico, era bastante decente para um estabelecimento tão perto das docas. Um cavalariço parou de comer sua refeição de aspecto deplorável e encarregou-se dos cavalos.

— Trate bem deles, garoto — disse Roald. Era evidente que o rapaz o conhecia. Martin atirou uma moeda de prata a ele.

Jimmy viu o garoto apanhar a moeda no ar e, ao passar-lhe as rédeas de seu cavalo, colocou o polegar da mão direita entre os dedos indicador e médio de modo que o rapaz visse. Trocaram um breve olhar de reconhecimento e então o rapaz fez um curto aceno com a cabeça.

Quando entraram, Roald fez sinal para que a criada lhes levasse cerveja, indicando uma mesa ao canto, perto da porta que dava para o pátio do estábulo e longe da circulação normal de clientes. Puxando uma cadeira, Roald tirou as pesadas manoplas de couro e sentou-se. Falou num tom de voz audível somente pelos que se encontravam à mesa:

— Laurie, a última vez que vi você foi há quanto tempo? Seis anos? Partiu com uma patrulha LaMutiana em busca de tsurani sobre os quais pudesse escrever suas canções. Agora, aqui está você com — indicou Jimmy — esse tipo de ladrão.

Jimmy fez uma careta.

— O sinal de reconhecimento?

— O sinal de reconhecimento — atestou Roald. Como os outros não pareceram entender, Roald explicou: — Esse rapaz fez um sinal ao garoto do

estábulo para que os ladrões locais não toquem em sua montaria. Indica que um ladrão de outra cidade está por aqui e que respeita os acordos, então a cortesia deve ser retribuída. Certo?

Jimmy fez um aceno com a cabeça, aprovando a explicação.

— Certo. Indica que eu não… exercerei meu trabalho sem a permissão deles. É para manter as coisas civilizadas. O rapaz passará o recado.

— Como sabia? — Arutha perguntou em voz baixa.

— Não sou criminoso, mas também não sou nenhum santo. Ao longo dos anos, juntei-me a todo tipo de companheiros. Sou, sobretudo, um simples guerreiro. Até um ano atrás, era um mercenário nas fileiras das Tropas Livres Yabonesas. Lutei pelo Rei e pela terra em troca de uma moeda de prata por dia com cama e comida. — Seu olhar ficou distante. — Durante sete anos, fomos e voltamos na frente de combate. Dos rapazes que se alistaram com nosso capitão naquele primeiro ano, só restava um em cada cinco. Todos os invernos ficávamos aquartelados em LaMut e nosso capitão saía para recrutar mais homens. Todas as primaveras regressávamos à frente de batalha com menos homens. — Baixou os olhos para a cerveja à sua frente. — Lutei contra bandidos e criminosos, renegados de toda espécie. Prestei serviço nas forças navais em um navio de guerra em perseguição a piratas. Estive na Fenda do Lenhador quando menos de trinta de nós contivemos duas centenas de goblins durante três dias até que Brian, o Lorde do Castelo Alto, pudesse vir ao nosso encontro e nos ajudar a sair de lá. Contudo, nunca pensei que veria o dia em que os sanguinários tsurani partissem. Não — prosseguiu —, estou feliz por servir como guarda em caravanazinhas insignificantes às quais nem o criminoso mais faminto desta terra daria atenção. Hoje em dia, meu maior problema é ficar acordado. — O mercenário sorriu. — De todos os meus velhos amigos, sempre foi o melhor, Laurie. A você, confiaria minha vida, talvez até minhas mulheres e meu dinheiro. Vamos brindar aos velhos tempos e depois podemos começar a contar mentiras.

Arutha apreciou a franqueza do guerreiro. A criada trouxe outra rodada de bebidas que Roald pagou, sob protesto de Laurie.

— Cheguei hoje mesmo das Cidades Livres com uma enorme caravana barulhenta. Fiquei com a boca seca após um mês comendo pó da estrada; vou gastar meu ouro, mais cedo ou mais tarde. Mais vale gastá-lo já.

Martin riu e disse:

— Só a primeira, amigo Roald. As outras serão por nossa conta.

— Por acaso viu um montanhês hadati por estes lados? — perguntou Jimmy.

Roald acenou com a mão.

— Andam por aí. Está se referindo a algum em particular?

— Tecido xadrez verde e preto, tinta branca no rosto — Martin respondeu.

— O verde e preto pertence a um clã afastado a noroeste, mas não sei dizer qual é — Roald respondeu. — Já a tinta branca… — Trocou olhares com Laurie, levando Martin a indagar:

— O que é?

Laurie respondeu:

— Ele está em uma Busca de Sangue.

— É uma missão pessoal — Roald esclareceu. — Algum assunto de honra para o clã. E deixem que lhes diga: a honra não é nenhuma brincadeira para um hadati. É um assunto tão delicado para eles como para aqueles malditos tsurani em LaMut. Talvez tenha de vingar alguma injustiça ou se trate de uma vingança da tribo, mas, seja lá o que for, só um louco se colocaria no caminho de um hadati em plena Busca de Sangue. É um povo bastante rápido brandindo a espada.

Roald acabou a bebida e Arutha disse:

— Vamos comer algo, se quiser se juntar a nós.

O guerreiro sorriu ao ouvir o convite.

— Na verdade, estou com fome.

Foi feito o pedido, a comida foi servida e a conversa encaminhou-se para a troca de histórias entre Laurie e Roald. O mercenário ouvira encantado Laurie contar suas aventuras durante a Guerra do Portal, embora o cantor tivesse omitido o envolvimento com a família real e as notícias de que estava noivo da irmã do Rei. Seu amigo ficou boquiaberto.

— Jamais encontrei um cantor que não se gabasse até não poder mais, e você é o pior de todos, Laurie, mas essa história é tão bizarra que até acredito no que contou. É incrível.

Laurie ficou com um ar ofendido.

— Eu, me gabar até não poder mais? Eu?

Enquanto comiam, o estalajadeiro aproximou-se para falar com Laurie:

— Vejo que é menestrel. — Laurie não largara o alaúde, um hábito quase instintivo. — Faria o obséquio de honrar esta casa com suas canções?

Arutha parecia prestes a se opor, mas Laurie respondeu:

— Claro que sim. — Virou-se para Arutha: — Podemos partir mais tarde, Arthur. Em Yabon, mesmo quando um cantor paga as próprias refeições, espera-se que cante quando lhe pedem. É um investimento que faço. Se voltar a passar por estes lados, posso cantar e comer, mesmo que não tenha dinheiro. — Dirigiu-se a um estrado no canto ao lado da porta da frente da estalagem e sentou-se em um banquinho. Afinou o alaúde até atingir o tom correto de cada corda e começou a cantar. Era uma canção tradicional, cantada em todas as partes do Reino e conhecida por todos os que cantavam em tabernas e estalagens, uma das preferidas de quem ouvia. A melodia era agradável, mas as palavras eram melosas.

Arutha balançou a cabeça.

— É horrível.

Os outros riram.

— Pois é — assentiu Roald —, mas eles gostam — e indicou a multidão.

— Laurie toca o que é popular e nem sempre o que é de boa qualidade — disse Jimmy. — É a melhor forma de se conseguir comer.

Laurie terminou, recebendo uma ovação, e logo deu início a outra cantiga. Tratava-se de uma canção de bordo, cantada pelos marujos do Mar Amargo, que falava do encontro de um marujo embriagado com uma sereia. Um grupo de marinheiros recém-desembarcados acompanhava com palmas e um deles pegou uma gaita simples de madeira e começou a tocar uma contramelodia ligeira. Enquanto o ambiente se tornava ainda mais barulhento, Laurie passou para outra maliciosa canção de bordo que abordava as ocupações da mulher do capitão enquanto o marido estava no mar. Os marujos aplaudiram e o homem da gaita pôs-se a dançar em frente ao balcão enquanto tocava.

Quando o ambiente festivo já tomara conta do lugar, a porta da frente se abriu e três homens entraram. Jimmy os observou enquanto avançavam devagar pela sala e acabou dizendo:

— Ai, ai, problemas.

Martin olhou para onde Jimmy estava olhando.

— Sabe quem são?

— Não, mas conheço o tipo. É o grandalhão da frente que vai começar.

O homem em questão era obviamente o líder. Era um combatente alto e de barba ruiva, um mercenário que permitira que grande parte da sua

estrutura desse lugar à gordura. Usava dois punhais, mas não parecia portar outras armas. O colete de couro mal conseguia se manter fechado sobre sua pança. Os dois homens atrás dele pareciam lutadores. Um deles estava armado com uma variedade de facas, que iam desde um punhal pequeno e comprido a uma grande adaga. O outro trazia à cintura uma comprida faca de caça.

O homem de barba ruiva conduziu os companheiros em direção à mesa de Arutha, proferindo grosserias enquanto empurrava para o lado todos os que lhe obstruíam o caminho. Sua atitude não era inteiramente hostil, pois trocou piadas ruidosas e ordinárias com vários homens ali presentes, que obviamente o conheciam. Pouco depois, os três pararam em frente à mesa de Arutha. Olhando para os quatro homens sentados, o homem de barba ruiva deixou que um sorriso se espalhasse lentamente por seu rosto.

— Estão sentados à minha mesa. — A pronúncia revelava que era originário de uma das Cidades Livres do sul. Inclinou-se para a frente, apoiando os punhos entre os pratos de comida, e acrescentou: — São forasteiros. Por isso, estão perdoados. — A boca de Jimmy escancarou-se e, instintivamente, recuou, pois o hálito do homem revelava um dia de bebedeira e dentes completamente estragados. — Se fossem homens de Ylith, saberiam que, quando Longly está na cidade, todas as noites se senta a esta mesa no Nórdico. Saiam já e não os deixo bem mortos. — Dito isso, lançou a cabeça para trás em uma gargalhada.

Jimmy foi o primeiro a se levantar, dizendo:

— Não sabíamos, senhor. — Esboçou um sorriso enquanto os demais se entreolhavam. Arutha deu sinais de que pretendia abandonar a mesa e evitar problemas. Com grande afetação, Jimmy mostrou-se tremendamente apavorado com o combatente gordo. — Nós vamos para outra mesa.

O homem chamado Longly agarrou o braço esquerdo de Jimmy acima do cotovelo.

— Este é um garoto bonitinho, não é? — Riu e olhou para os companheiros. — Se calhar, é capaz de ser uma menina vestida de menino, de tão lindinho que é. — Voltou a dar uma gargalhada, depois olhou para Roald. — Este garoto é seu amigo? Ou é o seu queridinho?

Jimmy revirou os olhos, dizendo:

— Adoraria que não tivesse dito isso.

Arutha estendeu a mão por cima da mesa, levando-a ao braço do homem.

— Largue o garoto.

Com o braço livre, Longly desferiu um golpe com as costas da mão, lançando o Príncipe para trás.

Roald e Martin trocaram olhares resignados quando Jimmy levantou a perna direita para poder chegar ao punhal que guardava na bota. Antes que alguém conseguisse se mexer, Jimmy já tinha a ponta do punhal firmemente apoiada contra as costelas de Longly.

— Talvez seja melhor ir à procura de outra mesa, amigo.

O enorme homem baixou os olhos para o ladrão que mal lhe chegava ao queixo, depois olhou para o punhal. Com uma gargalhada ribombante, exclamou:

— Você é muito engraçado, pequenino. — A mão livre surgiu repentinamente, agarrando o pulso de Jimmy com uma velocidade inesperada. Sem grande esforço, afastou o punhal.

No rosto de Jimmy começaram a surgir gotas de suor enquanto se debatia para escapar do aperto firme do homem de barba ruiva. No canto, Laurie continuava a cantar, sem saber o que estava acontecendo na mesa de seus amigos. Os homens que se encontravam perto da mesa, habituados às atividades de uma estalagem de porto, começavam a abrir espaço para a confusão iminente. Arutha sentou-se no chão, ainda atordoado pelo soco, para logo levar a mão ao florete e libertá-lo da bainha.

Roald fez um aceno de cabeça a Martin e ambos começaram a se levantar devagar, fazendo questão de mostrar que não desembainhavam armas.

— Olhe, amigo, não queremos problemas — disse Roald. — Se soubéssemos que esta era a sua mesa habitual, não a teríamos ocupado. Vamos para outra. Largue o rapaz.

O homem atirou a cabeça para trás, soltando uma nova gargalhada.

— Ah! Pois eu acho que vou ficar com ele! Conheço um negociante gordo de Queg que é capaz de me dar cem moedas de ouro por um menino tão lindinho. — Fazendo cara feia, olhou em volta da mesa até fixar o olhar em Roald. — Saiam daqui. O rapaz vai pedir desculpas por ter espetado Longly nas costelas e depois, talvez, eu o deixe ir. Ou talvez o mande para o queguiano gordo.

Arutha levantou-se aos poucos. Era difícil saber se Longly pretendia realmente causar problemas; contudo, depois de ter levado um murro, não estava disposto a dar o benefício da dúvida ao homem. Era evidente que os

clientes habituais conheciam Longly e, caso estivesse somente provocando e Arutha fosse o primeiro a empunhar uma arma, poderia atrair a ira de todos. Os dois companheiros do homem gordo assistiam, cautelosos.

Roald trocou outro olhar com Martin e levantou a caneca como se fosse terminar a cerveja. Subitamente, atirou o conteúdo da caneca no rosto de Longly e, em seguida, bateu com a caneca de cerveja na lateral da cabeça do homem que portava a faca. Os olhos do homem magro se reviraram ao cair no chão. O terceiro homem se distraiu com o gesto repentino de Roald, por isso não viu o punho de Martin quando o Duque desferiu um golpe fulminante, fazendo o companheiro de Longly cair de costas em cima de uma mesa. Diante da ação inesperada, os clientes mais prudentes começaram a sair rapidamente da estalagem. Laurie parou de tocar, ficando em pé no estrado para ver o que estava acontecendo.

Um dos empregados da estalagem, sem querer saber quem era o responsável pela confusão, saltou por cima do balcão e caiu em cima do combatente mais próximo, que era Martin. Longly segurou o pulso de Jimmy com força, limpando a cerveja do rosto. Laurie apoiou o alaúde com cuidado e, dando impulso, saltou do estrado para cima de uma mesa e dali para as costas de Longly. Com os braços ao redor do grande homem, começou a asfixiá-lo.

Longly oscilou para a frente com o impacto, mas recuperou o equilíbrio sem que Laurie o largasse. Ignorando o cantor, olhou para Roald, preparado para lutar.

— Não devia ter entornado cerveja em Longly. Agora fiquei zangado para valer.

Jimmy empalidecia devido à dor do aperto do homem corpulento. Laurie gritou:

— Alguém me ajude! Este gigante tem um tronco em vez de pescoço!

Arutha saltou para a direita no momento em que Roald socou Longly no rosto. O homem enorme piscou e, com um arremesso insolente, atirou Jimmy contra Roald, fazendo o mercenário cair em cima de Arutha. Os três desabaram uns sobre os outros. Levou, então, a outra mão para trás e, por cima do ombro, agarrou a túnica de Laurie. Atirou o cantor por cima da cabeça e este caiu sobre uma mesa. A perna da mesa mais próxima de Jimmy cedeu e Laurie rolou para cima de Roald e Arutha, que tentavam se levantar.

Martin, que ainda brigava com o empregado, deu o assunto por terminado

ao atirá-lo por cima do balcão. Depois, estendeu o braço e agarrou Longly pelo ombro, virando-o para si. Os olhos do homem de barba ruiva pareceram brilhar ao se depararem com um adversário à sua altura. Com mais de um metro e noventa de altura, Martin era mais alto, embora ficasse aquém de Longly em corpulência e peso. Longly soltou um grito de satisfação, lançando-se na direção de Martin. Imediatamente, os dois se agarraram, cada um segurando a nuca do outro e com a outra mão prendendo o pulso do adversário. Durante algum tempo limitaram-se a oscilar, até se deslocarem ligeiramente buscando alguma vantagem.

Laurie sentou-se, balançando a cabeça.

— Ele não é humano. — De repente, percebeu que estava em cima de Roald e Arutha, então começou a se desvencilhar dos outros dois. Jimmy ficou em pé, cambaleando. Laurie olhou para o rapaz enquanto Arutha se erguia. — O que você estava tentando fazer quando sacou aquele punhal? — perguntou Laurie ao ladrão. — Matar todos nós?

Jimmy olhou irado para onde os dois homens se debatiam.

— Ninguém fala comigo daquela maneira. Não sirvo para divertir um qualquer como ele.

— Não leve as coisas para o lado pessoal — disse Laurie, e começou a se levantar. — Ele só quer brincar. — Os joelhos de Laurie cederam e teve de se segurar em Jimmy para não cair. — Creio eu.

Longly emitia uma estranha variedade de grunhidos enquanto se debatia com Martin, que permanecia em silêncio. O Duque inclinou-se para a frente, contrapondo à corpulência de Longly sua estatura mais elevada. O que começara como uma luta que poderia tornar-se sangrenta se tornara uma luta até certo ponto amigável, ainda que de grande dureza. De repente, Longly recuou; Martin limitou-se a seguir o movimento, libertando o pescoço do adversário, mas mantendo seu pulso preso. Com um único movimento, colocou-se atrás do pesado homem, agarrando o braço de Longly em uma posição dolorosa atrás da cabeça. O homem obeso fez um esgar quando Martin apertou ainda mais, obrigando-o a se ajoelhar devagar.

Laurie ajudou Roald a se levantar enquanto o mercenário balançava a cabeça, na tentativa de desanuviá-la. Quando Roald conseguiu ver claramente, observou a disputa, até que falou para Laurie:

— Não deve ser muito agradável.

— Deve ser por isso que está ficando azul — Jimmy disse.

Roald começou a falar algo para Jimmy, mas alguma coisa o fez virar a cabeça repentinamente para Arutha. Jimmy e Laurie seguiram seu olhar, arregalando os olhos.

Arutha, vendo os três pares de olhos postos nele, girou sobre si mesmo. Uma figura de capa preta conseguira se aproximar sorrateiramente da mesa enquanto brigavam. Estava em pé atrás de Arutha, com uma adaga na mão direita, preparado para atacar. Os olhos do homem estavam fixos em um ponto à sua frente e a boca se mexia sem produzir som algum.

Com a mão, Arutha derrubou a adaga e conseguiu ver uma figura por trás do homem de negro. O guerreiro hadati que Jimmy e Martin tinham avistado nos portões da cidade estava em posição de ataque, de espada em riste, pronto para voltar a investir. Furtivamente, golpeara o assassino pelas costas, impedindo um ataque bem-sucedido ao Príncipe. Quando o moribundo sucumbiu, o hadati depressa embainhou a esguia espada e disse:

— Venham, há mais destes.

Jimmy examinou o homem rapidamente, pegando um falcão de ébano pendurado em uma corrente; Arutha virou-se para Martin, gritando:

— Martin! Falcões Noturnos! Acabe com isso!

Martin fez um aceno afirmativo ao irmão e, em seguida, torceu, até quase deslocar, o ombro de Longly, fazendo com que ele se ajoelhasse. Longly olhou para Martin por sobre o ombro e fechou os olhos, resignado, enquanto o Duque erguia a mão direita. Interrompendo o golpe, Martin indagou:

— Para quê? — E empurrou Longly para a frente.

O grande homem bateu com a cara no chão, sentando-se de imediato e esfregando o ombro dolorido.

— Ah! — riu ruidosamente. — Volte aqui outra vez, Grande Caçador. Você deu uma bela surra em Longly, pelos deuses!

Saíram da estalagem correndo até o estábulo. O jovem cavalariço quase desmaiou ao ver todos aqueles homens armados vindo em sua direção.

— Onde estão os nossos cavalos? — perguntou Arutha. O rapaz indicou os fundos do estábulo e Martin advertiu seus amigos:

— Não aguentarão uma noite a galope.

Vendo outras montarias, descansadas e alimentadas, Arutha perguntou:

— A quem pertencem esses animais?

— São de meu patrão, senhor. Mas serão vendidos no leilão da semana que vem.

Arutha fez sinal aos outros para que selassem as novas montarias. O rapaz ficou com os olhos cheios de lágrimas ao implorar:

— Por favor, senhor, não me mate. — Ao que Arutha respondeu:

— Não vamos matá-lo, rapaz.

O rapaz encolheu-se em um canto enquanto preparavam os cavalos. O hadati pegou uma sela daquele que era claramente o material de montaria pertencente à estalagem, aprontando um sexto cavalo. Arutha montou, atirando uma bolsa ao rapaz.

— Tome. Diga ao seu patrão que venda nossas montarias para completar o dinheiro que está nessa bolsa. Fique com algum para você.

Depois de estarem todos preparados, saíram do estábulo, passaram os portões do pátio da estalagem e entraram em uma rua estreita. Se soasse um alarme, não demoraria para que fechassem os portões da cidade. Uma morte em uma briga de taverna era um ato arriscado. Podiam ser perseguidos ou podiam não ser, dependendo do oficial de serviço na guarda da cidade durante a noite, ou por qualquer outro motivo. Arutha decidiu que seria melhor não correrem riscos, então se dirigiram a galope para o portão ocidental da cidade.

Os guardas da cidade mal repararam quando os seis cavaleiros passaram a galope e desapareceram pela estrada que levava às Cidades Livres. Nenhum alarme foi dado.

Seguiram pela estrada a toda a velocidade, até as luzes de Ylith não passarem de um brilho distante na noite atrás deles. Foi então que Arutha fez sinal para que parassem. Virou-se para o hadati e disse:

— Temos de conversar.

Desmontaram e Martin conduziu-os até uma pequena clareira a curta distância da estrada. Enquanto Jimmy prendia os cavalos, Arutha perguntou:

— Quem é você?

— Sou Baru, a quem chamam de Caçador de Serpentes — respondeu o hadati.

— É um nome de grande poder — Laurie comentou e explicou a Arutha: — Para ter direito a tal designação, Baru teve de matar uma serpe alada.

Arutha olhou para Martin, que inclinou a cabeça em sinal de respeito.

— É preciso coragem para caçar todas as espécies de dragões, além de força nos braços… e sorte. — As serpes aladas eram parentes diretas dos dragões. A diferença residia basicamente no tamanho. Enfrentar uma

daquelas criaturas significava bater-se contra raiva e garras, velocidade e presas de um animal com mais de três metros de altura até os ombros.

Pela primeira vez, o hadati sorriu.

— Você é um caçador, como atesta seu arco, Duque Martin. — Ao ouvir estas palavras, Roald arregalou os olhos. — Sobretudo, é preciso muita sorte.

Roald olhou atônito para Martin.

— Duque Martin… — Depois olhou para Arutha. — O que significa que você é…

— Ele é o Príncipe Arutha, filho de Lorde Borric e irmão de nosso Rei — o hadati concluiu. — Não sabia?

Roald recostou-se sem dizer nada, balançando a cabeça em uma negativa categórica. Olhou para Laurie.

— Você *nunca* tinha contado somente uma parte de uma história.

— É uma história longa e ainda mais estranha do que a outra — disse Laurie. Então virou-se para Baru. — Vejo que é do norte, mas não reconheço seu clã.

O hadati tocou no tecido axadrezado.

— Indica que pertenço à família Ordwinson do Clã das Montanhas de Ferro. Meu povo habita o local que os homens das cidades chamam de Lago do Céu.

— Está em uma Busca de Sangue?

Indicou o lenço enrolado em redor da testa.

— Estou. Sou um Descobridor de Caminhos.

— Ele é uma espécie de homem sagrado… ah, Vossa Alteza — disse Roald.

— Um guerreiro consagrado — Laurie explicou. — No lenço estão os nomes de todos os seus antepassados. Não terão descanso enquanto ele não terminar a missão. Ele jurou concluir a Busca de Sangue ou morrer.

— Como me conhece? — perguntou Arutha.

— Avistei você a caminho da conferência de paz com os tsurani no final da guerra. Dificilmente o meu clã esquecerá aquela época. — Olhou para a fogueira. — Quando nosso Rei nos chamou, todos nos apresentamos para lutar contra os tsurani, e assim o fizemos durante mais de nove anos. Eram adversários fortes, dispostos a morrer pela honra, homens que entendiam o lugar que ocupavam na Roda. Foi uma contenda digna. Até que, na primavera do último ano de guerra, os tsurani chegaram em grande número. Lutamos

durante três dias e três noites, cedendo terreno aos tsurani com grande custo. No terceiro dia, nós, das Montanhas de Ferro, ficamos cercados. Todos os guerreiros do Clã das Montanhas de Ferro estavam em apuros. Devíamos ter morrido até o último homem, no entanto, Lorde Borric percebeu que estávamos em perigo. Não tivesse seu pai realizado um ataque para nos resgatar, nossos nomes não passariam de sussurros nos ventos passados.

Arutha recordou que a carta de Lyam que relatara a morte de seu pai mencionara os hadati.

— O que tem a morte de meu pai a ver comigo?

Baru encolheu os ombros.

— Não sei. Procurava informações nos portões. São muitos os que passam por ali e eu inquiria alguns procurando informações que ajudassem a minha busca. Foi então que o vi passar. Achei que seria interessante descobrir o que levaria o Príncipe de Krondor a entrar em uma de suas cidades como um mero combatente. Ajudaria a passar o tempo enquanto procurava informações. Depois surgiu o assassino, e eu não podia ficar de braços cruzados e vê-lo matar você. Seu pai salvou todos os homens adultos de meu povo. Eu salvei sua vida. Talvez a dívida fique, em parte, paga. Quem sabe que voltas dará a Roda?

— Na estalagem disse que havia outros — disse Arutha.

— O homem que tentou matá-lo o seguiu para dentro da estalagem, ficou observando por algum tempo e voltou a sair. Falou com um rapaz da rua, deu-lhe dinheiro e o rapaz foi embora correndo. Então viu os três com os quais lutou e os fez parar. Não ouvi nada do que disseram, mas o rapaz apontou para a estalagem e os três entraram.

— Quer dizer que aquela briga foi encenada — observou Arutha.

Jimmy, que acabara de tratar dos cavalos, disse:

— O mais provável é que o rapaz já conhecesse o mau gênio de Longly, certificando-se de que ele ficasse sabendo que forasteiros estavam sentados à sua mesa habitual, caso ele fosse para outro lado e não percebesse que nós estávamos lá.

— Talvez quisesse nos manter ocupados até os outros chegarem e viu uma oportunidade boa demais para deixar passar — comentou Laurie.

— Se não estivesse lá, Baru, era o que teria acontecido — disse Arutha.

O hadati tomou aquelas palavras como agradecimento e disse:

— Você não está em dívida comigo. Como disse, talvez seja eu que esteja

saldando a minha dívida.

— Pois bem, parece que está tudo explicado — disse Roald. — Voltarei para Ylith.

Arutha e Laurie se entreolharam e foi o menestrel quem falou:

— Roald, velho amigo, talvez seja melhor mudar seus planos.

— Como assim?

— Bom, se alguém o viu com o Príncipe, o que me parece provável, pois havia trinta ou quarenta pessoas na estalagem quando a briga aconteceu, aqueles que o procuram podem decidir perguntar a você para onde nós estamos indo.

Fazendo pose de valente, Roald retrucou:

— Pois eles que tentem.

— Preferimos que isso não aconteça — Martin disse. — Eles conseguem ser bastante determinados. Já tive contato com alguns moredhel e sei que não são carinhosos.

Roald arregalou os olhos.

— A Irmandade da Senda das Trevas?

Martin confirmou e Laurie continuou:

— Além disso, você está livre agora.

— E assim pretendo permanecer.

Arutha tentou enveredar por um caminho mais severo:

— Negaria algo a seu Príncipe?

— Não quero desrespeitá-lo, Vossa Alteza, mas sou um homem livre e não me encontro a seu serviço e também não infringi lei alguma. Você não tem autoridade sobre mim.

— Olhe — disse Laurie —, é provável que esses assassinos não descansem até encontrarem quem quer que tenha sido avistado em nossa companhia. Apesar de saber que você é forte como um touro, já vi o que eles podem fazer e não me arriscaria a ficar sozinho com eles. — A determinação de Roald parecia inabalável. Por isso, Martin disse:

— Certamente seu serviço seria, de alguma forma, recompensado.

Roald, nitidamente animado, perguntou:

— Quanto?

Foi Arutha quem respondeu:

— Se ficar até concluirmos nossa busca, pagarei… cem soberanos de ouro.

— Combinado! — respondeu Roald sem hesitar. O valor cobria certamente o salário de quatro meses, mesmo para um guarda de caravanas veterano. Em seguida, Arutha olhou para Baru.

— Disse que procura informações. Podemos ajudá-lo em sua Busca de Sangue?

— Talvez. Procuro um daqueles que pertencem ao que chamam de Irmandade da Senda das Trevas.

Martin olhou para Arutha, erguendo uma sobrancelha.

— Que assuntos você tem com os moredhel?

— Procuro um moredhel enorme das montanhas de Yabon que tem um rabo de cavalo no topo da cabeça, assim — gesticulou para representá-lo —, e três cicatrizes em cada face. Disseram que ele veio para o sul em uma missão secreta. Esperava que alguns viajantes o tivessem avistado, pois sem dúvida ele se sobressai entre os moredhel do sul.

— Se ele não tiver língua — disse Arutha —, foi ele quem nos atacou a caminho de Sarth.

— É ele — disse Baru. — O que não tem língua se chama Murad. É um grande chefe do Clã Corvo dos moredhel, inimigos de sangue de meu povo desde o início dos tempos. É temido até pelo seu próprio povo. As cicatrizes no rosto atestam pactos com poderes maléficos, embora pouco mais se saiba além disso. Há anos que não é visto, desde os tempos anteriores à Guerra do Portal, quando os salteadores moredhel atacaram as fronteiras nas colinas de Yabon. É ele a razão desta Busca de Sangue. Ele voltou a ser visto há dois meses à frente de um grupo de guerreiros vestidos de negro e passou por uma de nossas aldeias. Sem razão aparente, ali permaneceu pelo tempo que demorou para destruir a aldeia, ateando fogo a todos os edifícios e chacinando todos os moradores, à exceção do pastor de cabras que me descreveu o que aconteceu. Era a minha aldeia. — Com um suspiro quase resignado, prosseguiu: — Se estava perto de Sarth, é para lá que tenho de ir. Esse moredhel já viveu demais.

Arutha fez um gesto com a cabeça a Laurie, que disse:

— Na verdade, Baru, se permanecer conosco, é muito provável que ele venha procurar você. — Baru olhou intrigado para o Príncipe e Arutha contou-lhe sobre Murmandamus e seus servidores e sobre a busca pela cura de Anita.

Ao terminar, o hadati sorriu, embora sem qualquer alegria.

— Assim sendo, ficarei ao seu serviço, Vossa Alteza, se me aceitar, pois o destino nos uniu. Você é perseguido pelo meu inimigo e eu terei a cabeça dele em minhas mãos antes de ele ter a sua.

— Ainda bem — disse Arutha. — Você é bem-vindo, pois o caminho que percorremos é cheio de perigos.

Martin ficou tenso e, quase ao mesmo tempo, Baru já estava de pé dirigindo-se para as árvores atrás do Duque. Martin pediu silêncio e, antes que os outros pudessem se mover, desapareceu entre as árvores, seguindo o montanhês. Os outros começaram a se mover até Arutha gesticular para que esperassem. Enquanto permaneciam imóveis na escuridão, perceberam o que alertara Martin e o hadati. Ecoando pela noite, ouviram cavaleiros na estrada de Ylith.

Passaram-se longos minutos até que o som dos cascos sumisse, rumo a sudoeste. Pouco depois, Martin e Baru voltaram e o Duque sussurrou:

— Cavaleiros, uma dúzia ou mais, a toda a velocidade, como se fossem perseguidos por demônios.

— Armaduras pretas? — perguntou Arutha.

— Não, eram humanos, difíceis de distinguir na escuridão, mas acho que se tratava de uma corja violenta — respondeu Martin.

— Se necessário, os Falcões Noturnos podem ter contratado mais capangas. Ylith é esse tipo de cidade — comentou Laurie.

Jimmy concordou.

— Talvez só um ou dois fossem Falcões Noturnos, mas as facas contratadas matam tão depressa quanto quaisquer outras.

— Dirigem-se às Cidades Livres — constatou Baru.

— Vão voltar — disse Roald. Arutha virou-se para o mercenário na penumbra, mal conseguindo distinguir seu rosto sob a fraca luz do luar. — O Barão Talanque tem um novo pedágio nesta estrada, a oito quilômetros daqui. Minha caravana passou por lá esta tarde. Parece que tem passado contrabando vindo de Natal. Eles ficarão sabendo pelos guardas que ninguém passou por lá esta noite e voltarão.

— Sendo assim — disse Arutha —, temos de nos pôr a caminho. Resta saber como chegaremos a Elvandar. Planejei seguir pela estrada para o norte até Yabon e depois rumar para oeste.

— Ao norte de Ylith encontrará quem o reconheça da guerra, Vossa Alteza. Especialmente ao redor de LaMut. Se eu fosse esperto, também o

teria reconhecido em pouco tempo — comentou Roald.

— Mas então, para onde vamos? — perguntou o Príncipe.

— Daqui, podíamos seguir diretamente para oeste — Martin respondeu —, atravessar a Passagem Sul e percorrer as Torres Cinzentas pela vertente ocidental, passando pelo Coração Verde. É perigoso, mas…

— Mas os goblins e os trolls são inimigos que conhecemos — concluiu Arutha. — Assim faremos. Vamos partir.

Montaram e partiram, com Martin à dianteira. Aos poucos, atravessaram as florestas escuras e silenciosas, rumo ao oeste. Arutha ocultava sua raiva, forçando-a a permanecer dentro de si. O percurso sem incidentes de Sarth a Ylith o acalmara, levando-o a esquecer temporariamente os perigos existentes. Contudo, a emboscada na estalagem e os cavaleiros que os tinham seguido voltaram a sensibilizá-lo para os riscos. Murmandamus e seus agentes podiam ser incapazes de usar a magia para localizá-lo agora, mas a rede continuava estendida e quase o apanhara.

Jimmy seguia à retaguarda, olhando para trás a intervalos na esperança de não detectar sinais de perseguidores. Logo a estrada desapareceu na escuridão e o rapaz voltou a atenção para as costas de Roald e Laurie, não vendo nada mais à sua frente.

13

Doca da Estrela

O vento fustigava a água, cobrindo-a de espuma branca.

Gardan olhava a margem distante de Doca da Estrela, desejando poder ir a cavalo até a Academia em vez de ter confiar no destino para manter a barca na direção certa. Porém ela ficava em uma ilha. Já fizera viagens marítimas antes, mas, apesar de ter vivido a vida inteira em um porto de mar, odiava viajar pela água, algo que jamais admitiria publicamente.

Tinham partido de Krondor por mar, viajando junto à costa até entrarem nos estreitos entre o Mar Amargo e o Mar dos Sonhos, que mais parecia um lago gigante de água salgada do que um mar genuíno. Em Shamata, requisitaram cavalos e seguiram o rio Dawlin até a nascente, no Grande Lago das Estrelas. Aguardavam, agora, que a barca chegasse à costa. Ela era movida por uma vara que dois homens vestidos com túnicas e calças simples manejavam. Eram camponeses locais, pelo aspecto. Em pouco tempo, Gardan, o Irmão Dominic, Kasumi e seis guardas tsurani embarcariam e seriam levados até a Ilha da Doca da Estrela, a mais de um quilômetro e meio de distância.

Gardan tremia devido ao ar fresco fora de época. Era primavera, mas o ar do entardecer não trazia nada do calor esperado naquela época do ano.

— Sou um refugiado de uma terra quente, Capitão — disse Kasumi, soltando um riso abafado.

Ao responder, a voz de Gardan não indicava humor:

— Não, é verdade que está frio aqui, mas não é só isso. Não senti mais

nada além de maus pressentimentos desde que deixei o Príncipe. — O Irmão Dominic não falou, mas a expressão em seu rosto indicava que ele partilhava a sensação. Kasumi assentiu.

Permanecera em Krondor para proteger o Rei e, quando as missivas de Arutha chegaram, aceitara as instruções de Lyam para que acompanhasse Gardan e o monge ishapiano até Doca da Estrela. Além de seu desejo de voltar a ver Pug, percebera algo nas ordens de Lyam que o fez acreditar que o Rei considerava crucial a chegada do monge em segurança àquele local.

A barca atracou na margem e um dos barqueiros desembarcou.

— Teremos de fazer duas travessias para levar os cavalos, senhor — disse.

Kasumi, que era o superior hierárquico, respondeu:

— Tudo bem. — E indicou cinco de seus homens, dizendo: — Estes seguem primeiro e nós iremos depois.

Gardan não comentou o fato de ir em segundo lugar; não tinha vontade nenhuma de apressar a provação iminente. Os cinco tsurani levaram os animais a bordo e tomaram seus lugares em silêncio. Quaisquer que fossem seus pensamentos sobre a travessia naquela barca oscilante, mantiveram uma atitude estoica.

A barca foi lançada à água e Gardan observou em silêncio. Tirando os escassos sinais de atividade na ilha distante, a margem sul do Grande Lago das Estrelas estava deserta. Por que alguém escolheria um local tão isolado para viver, perguntou-se Gardan. Segundo a lenda, uma estrela caíra do céu e criara aquele lago. Independentemente da origem do lago, nenhuma comunidade se desenvolvera às suas margens.

O único guarda tsurani que ficara disse algo em seu idioma a Kasumi, apontando para nordeste e levando seu Capitão a olhar naquela direção.

Gardan e Dominic também olharam. A distância, na linha do horizonte, antecedendo a noite iminente, viam-se várias figuras aladas deslizando velozmente na direção do grupo.

— O que são? — perguntou Kasumi. — São as maiores aves que vi até agora em seu mundo. Parecem ser quase do tamanho de um homem.

Gardan semicerrou os olhos. De repente, Dominic gritou:

— Pela graça de Ishap! Voltem à margem.

Os barqueiros olharam para trás, de onde estavam avançando em uma velocidade lenta mas constante. Vendo Gardan e os demais empunharem

armas, começaram a se esforçar para voltar à margem. As figuras que se aproximavam já eram bem visíveis quando se precipitaram em direção ao grupo na margem. Um dos barqueiros gritou apavorado e orou a Dala pedindo proteção.

As criaturas estavam nuas e tinham uma forma humana grotesca; eram machos de pele azulada e troncos musculosos. Os músculos dos ombros e do peito se flexionavam enquanto gigantescas asas semelhantes às dos morcegos batiam no ar. As cabeças lembravam macacos sem pelo e todos balançavam uma comprida cauda preênsil. Gardan contou: eram doze. Emitindo guinchos insuportavelmente estridentes, mergulharam sobre o grupo na margem.

Quando seu cavalo disparou em fuga, Gardan atirou-se para o lado, mal conseguindo evitar as garras estendidas de uma das criaturas. Ouviu-se um grito atrás e Gardan avistou um dos barqueiros ser levado pelos ares. O monstro pairou momentaneamente com uma batida potente das asas, segurando o homem pelo pescoço. Com um guincho de desprezo, rasgou-lhe a garganta e o largou. Esguichando sangue, o barqueiro caiu na água.

Gardan golpeou uma das criaturas, que tentava agarrá-lo do mesmo modo. A lâmina atingiu-a em cheio na cara, mas a criatura se limitou a recuar com a ajuda das asas. Onde a espada golpeara, não se via qualquer marca visível. Ela fez um esgar, balançou a cabeça e voltou a investir. Gardan caiu para trás, concentrando-se nas mãos estendidas da criatura. Dedos muito humanos que terminavam em garras compridas arranharam o aço de sua espada ao defender um golpe. O Capitão desejou que o cavalo tivesse esperado tempo bastante para que pudesse pegar seu escudo.

— Mas que seres são esses? — gritou Kasumi quando a barca se aproximou da margem, permitindo que os cinco tsurani saltassem para terra firme.

A voz de Dominic se fez ouvir de algum lugar mais atrás:

— São criaturas elementais, concebidas por artes ocultas. Nossas armas não surtem efeito nelas.

Os tsurani permaneceram impassíveis, atacando as criaturas tal como atacariam qualquer inimigo, sem hesitações, mesmo depois de ouvirem aquela informação. Ainda que os golpes não provocassem danos às criaturas, era evidente que causavam dor, pois as investidas dos tsurani levaram as criaturas a recuar e a pairar, distantes, por um tempo.

Gardan olhou ao redor e encontrou Kasumi e Dominic por perto. Ambos

empunhavam escudos e se mantinham atentos. As criaturas logo voltaram a atacar. Um soldado gritou e Gardan vislumbrou um tsurani cair ali perto.

Gardan viu Kasumi evitar a investida de duas das criaturas fazendo uso da espada, do escudo e de sua destreza. Porém o Capitão sabia que não havia esperança de sobrevivência, pois era questão de tempo até ficarem cansados e lentos. Já as criaturas não mostravam sinais de cansaço, continuando a investir com a mesma fúria com que haviam começado.

Dominic atacou com uma maça e a criatura gorjeou uma nota estridente de dor. Se as armas não conseguiam penetrar na pele concebida por magia, pelo menos conseguiam partir ossos. A criatura esvoaçou em círculo, tentando desesperadamente se manter no ar, mas aproximando-se cada vez mais do chão. Pela forma como uma das asas batia, era óbvio que Dominic quebrara seu ombro.

Gardan esquivou-se de outro ataque, saltando para o lado. Atrás de duas criaturas que o atacavam, viu a que estava ferida tocar no chão. Assim que seus pés entraram em contato com a terra, a fera emitiu um uivo lancinante de dor e explodiu em uma chuva de energia cintilante. Com um clarão, quase ofuscante na penumbra do entardecer, desapareceu, deixando apenas uma mancha fumegante no chão.

— São elementais do ar! Não podem tocar a terra! — Dominic gritou.

Com um golpe de cima para baixo, Gardan acertou a criatura à sua direita. A força do golpe empurrou-a para baixo. Foi um contato brevíssimo com o solo, mas bastou. Tal como a primeira, ela explodiu lançando faíscas. Em pânico, ela estendeu a mão e agarrou a cauda da criatura a seu lado, em uma tentativa desesperada de fugir à destruição abaixo de si. A energia faiscante percorreu a cauda da segunda criatura, que também foi consumida.

Kasumi girou e viu que três de seus homens jaziam mortos. Restavam nove criaturas, que se lançavam sobre os combatentes que sobraram, embora mostrassem certa cautela quando se aproximavam. Uma delas desceu sobre Dominic, que se preparou para o ataque. Contudo, ao invés de tentar agarrar o monge, a criatura elemental bateu as asas para recuar, fustigando o clérigo e procurando derrubá-lo. Gardan correu por trás da criatura, esquivando-se para evitar que as garras o atingissem. Lançou-se para a frente, mal conseguindo segurar a espada, e fechou os braços ao redor das pernas oscilantes do monstro que atacava Dominic. Apertou com força, seu rosto encostado à coxa exposta da besta. Seu estômago se embrulhou ao sentir o fedor do corpo do

elemental, o odor de coisas há muito mortas, que já deveriam estar enterradas. O peso inesperado puxou a criatura para baixo. Ela guinchou, batendo as asas furiosamente, mas perdeu o equilíbrio, e Gardan a puxou para o chão. Como as outras, explodiu em faíscas.

Gardan rolou para longe, sentindo a dor irromper pelos braços e peito, nos pontos que haviam encostado na criatura quando esta explodiu; ao destruí-la, se queimara. Ignorou a dor e acalentou esperanças. Sete ainda se encontravam na margem — Gardan, Kasumi, Dominic, três soldados e um barqueiro brandindo uma vara — e as criaturas já eram só oito.

Por um instante, as criaturas do ar optaram por voar em círculos no céu, longe do alcance das armas dos homens sobreviventes. Quando começaram a sair da formação para lançarem novo ataque, vislumbraram uma luz trêmula na praia, a curta distância de onde se encontravam. Gardan rezou a Tith, o deus dos soldados, para que não fosse outro atacante chegando. Outro adversário certamente iria desequilibrar a balança e esmagá-los.

Com um bruxulear, um homem surgiu na praia, trajando uma simples túnica e calças pretas. Gardan e Kasumi reconheceram Pug de imediato e gritaram avisos. Com tranquilidade, o mago estudou a situação. Uma das criaturas, reparando no oponente desarmado, lançou um enlouquecido uivo de satisfação e mergulhou em sua direção.

Pug ficou em pé, não mostrando qualquer forma de defesa. A criatura que mergulhava chegou a um ponto a menos de três metros dele e bateu em uma barreira invisível. Como se tivesse colidido com um muro de pedra, caiu no chão e desapareceu em outro clarão ofuscante.

Ouviram-se guinchos de pânico no ar, pois as criaturas perceberam a existência de um inimigo que não conseguiriam atingir. Como se fossem um só ser, as sete criaturas remanescentes se viraram e deram início a uma fuga precipitada para o norte.

Pug agitou as mãos e, de repente, um fogo azul dançou em suas palmas erguidas e ele o lançou sobre as criaturas em debandada. O globo de luz azul precipitou-se em perseguição aos elementais do ar, alcançando-os quando batiam as asas a toda a velocidade por cima da água. Como uma nuvem de luz vibrante, envolveu-as. Ouviram-se gritos abafados enquanto os elementais se contorciam no ar, caindo em convulsões no lago. Assim que tocaram a superfície da água, uma erupção de chamas verdes irrompeu e foi consumida em seguida, ao se afundar na superfície ondulante do lago.

Gardan observou Pug enquanto se aproximava dos soldados quase esgotados. Havia algo estranhamente sombrio em sua expressão e seu olhar continha um vestígio de poder que Gardan nunca vira antes. Bruscamente, a expressão de Pug se alterou, ao mesmo tempo que parecia mais descontraído. Seu rosto pareceu rejuvenescer, infantil, apesar de seus quase vinte e seis anos de idade. Sorrindo, disse:

— Bem-vindos a Doca da Estrela, cavalheiros.

Uma lareira quente conferia à sala uma luz aconchegante. Gardan e Dominic descansavam em poltronas colocadas ao lado do fogo, enquanto Kasumi estava sentado em almofadas, como era hábito dos tsurani.

Kulgan fazia um curativo nas queimaduras de Gardan, preocupado como uma mãe ficaria com um filho atrapalhado. Os dois se conheciam havia muitos anos, de modo que Kulgan tinha a liberdade de assumir um tom mais áspero com o Capitão:

— Como você pôde ser tão tonto a ponto de se agarrar naquelas coisas? Todo mundo sabe que o contato com uma criatura que depende dos elementos no momento em que ela está retornando ao seu estado primitivo envolve a liberação de energias e, sobretudo, de luz e calor.

— Bom, eu não sabia — disse Gardan, cansado de ser repreendido. — Kasumi, você sabia? Dominic?

Kasumi riu quando Dominic respondeu:

— Por acaso, eu sabia, sim.

— Que bela ajuda, sacerdote — resmungou o Capitão. — Kulgan, se já terminou, podemos comer? Há quase uma hora que estou sentindo o cheiro dessa comida quente e estou quase enlouquecendo.

Pug riu, encostando-se à parede ao lado da lareira. Estavam em uma sala do primeiro andar de um edifício enorme, ainda em construção.

— Capitão, creio que foram apenas dez minutos.

— Estou contente por ter a autorização do Rei para visitar sua Academia, Pug — disse Kasumi.

— Eu também — disse o Irmão Dominic. — Embora apreciemos as cópias que nos tem enviado até agora, em Sarth ainda não temos uma ideia muito concreta quanto aos seus planos. Gostaria de obter mais informações.

— Fico feliz em receber qualquer pessoa que venha com amor pelo conhecimento, Irmão Dominic — disse Pug. — Quem sabe um dia possamos

pedir uma retribuição à nossa modesta hospitalidade com uma visita à sua lendária biblioteca.

A cabeça de Kulgan virou-se de imediato.

— Também ficarei feliz em fazer esse pedido, amigo Dominic.

— Quando nos visitarem, serão bem-vindos — respondeu o monge.

— Atenção neste aqui — disse Gardan, inclinando a cabeça para Kulgan. — Se o largarem naqueles subterrâneos, nunca mais irão encontrá-lo. Ele gosta tanto de livros quanto um urso gosta de mel.

Uma mulher deslumbrante, com cabelos pretos e grandes olhos negros, entrou, seguida por duas serviçais. Todas traziam travessas de comida e, depois de colocar a sua sobre a mesa comprida na outra ponta da sala onde os homens estavam reunidos, a mulher disse:

— Se não se importam, está na hora do jantar.

— Irmão Dominic, esta é Katala, minha esposa — disse Pug.

O monge fez um aceno com a cabeça mostrando sua consideração e acrescentou:

— Minha senhora.

Ela sorriu.

— Por favor, pode me chamar de Katala. Aqui somos bastante informais.

Dominic voltou a inclinar a cabeça, dirigindo-se à cadeira indicada. Virou-se ao ouvir uma porta se abrir e, pela primeira vez desde que o Capitão o conhecia, a compostura do monge cedeu. William entrou correndo, seguido pela forma coberta de escamas verdes de Fantus.

— Ishap, tenha piedade de nós! Aquilo é um dragonete?

William correu até o pai e o abraçou, olhando para os recém-chegados com curiosidade.

— Este é Fantus, o senhor desta casa — explicou Kulgan. — Todos nós vivemos aqui com seu consentimento tácito, embora ele tolere melhor a companhia de William. — O olhar do dragonete fixou-se em Kulgan por um momento como se estivesse plenamente de acordo. Em seguida, seus grandes olhos vermelhos voltaram a contemplar a mesa e o que havia em cima dela.

— William, cumprimente Kasumi — disse Pug.

William inclinou a cabeça ligeiramente, sorrindo. Falou algo no idioma tsurani e Kasumi respondeu, rindo. Dominic mostrou-se interessado e Pug explicou:

— Meu filho é fluente no idioma do Rei e no idioma tsurani. Eu e minha

mulher fazemos com que pratique ambos, pois muitos de meus trabalhos se encontram escritos em tsurani. Esse é um dos problemas que enfrento para trazer a arte do Caminho Superior para Midkemia. Muito do que faço resulta da forma como penso, e eu penso a magia no idioma tsurani. Um dia, William vai ser de grande ajuda, auxiliando-me a descobrir formas de realizar magia no idioma do Rei para que eu possa ensinar os que aqui vivem.

— Cavalheiros, a comida está esfriando — comentou Katala.

— E minha mulher não permite que se fale de magia à mesa — disse Pug.

Kulgan bufou e Katala retrucou:

— Se permitisse, estes dois quase não conseguiriam levar uma colher à boca.

— Não precisam me dizer duas vezes — disse Gardan, avançando com vivacidade, apesar do desconforto pelos ferimentos. Sentou-se e logo uma das serviçais começou a servi-lo.

O jantar decorreu agradável, com conversas triviais, como se os terrores daquele dia tivessem desaparecido com a chegada da noite; os acontecimentos sinistros pelos quais Gardan, Dominic e Kasumi tinham passado para chegar a Doca da Estrela foram ignorados. Nenhuma referência à busca de Arutha, à ameaça de Murmandamus ou ao mau agouro da abadia. Por um breve período, não surgiram discórdias. Por uma breve hora, o mundo foi um lugar agradável com velhos amigos e novos convidados desfrutando da companhia uns dos outros.

Então William deu boa-noite. Dominic estava espantado com a semelhança entre o garoto e a mãe, embora sua maneira de andar e falar fosse uma imitação evidente do pai. Fantus se alimentou com a comida que ainda estava no prato de William e saiu calmamente atrás do menino.

— Ainda não consigo acreditar em meus sentidos no que diz respeito àquele dragonete — comentou Dominic depois de vê-los sair.

— É o animal de estimação de Kulgan desde que me lembro — disse Gardan.

Kulgan, que acendia um cachimbo, retrucou:

— Ah, ele não é mais. Fantus e aquele menino não se separam desde o dia em que se conheceram.

— Existe algo fora do comum entre eles — Katala comentou. — Às vezes, acho que só eles se entendem.

— Senhora Katala, pouco deve haver neste lugar que não seja fora do comum. Uma concentração de magos, esta construção, é tudo extraordinário — disse Dominic.

Pug levantou-se, conduzindo os demais até as cadeiras junto da lareira.

— Vocês devem compreender que em Kelewan, quando estudei na Assembleia, o que veem nascer aqui já estava estabelecido desde tempos imemoriais. A irmandade de magos era um fato aceito, tal como a partilha comum de conhecimento.

Kulgan deu uma baforada no cachimbo com satisfação.

— E é assim que deve ser.

— Amanhã poderemos discutir o desenvolvimento da Academia em Doca da Estrela e, então, poderei lhes mostrar nossa comunidade — disse Pug. — Esta noite lerei as missivas de Arutha e do Abade. Estou ciente de todos os acontecimentos que levaram Arutha a partir de Krondor, Gardan. O que aconteceu no caminho até Sarth?

O Capitão sonolento forçou-se a despertar e depressa relatou os acontecimentos ocorridos no caminho de Krondor a Sarth. O Irmão Dominic permaneceu calado, pois o Capitão não omitiu nenhum detalhe relevante. Depois, foi a vez do monge, que explicou aquilo que sabia acerca do ataque à abadia. Quando terminou, Pug e Kulgan fizeram várias perguntas, mas se abstiveram de comentar.

— As novidades que trazem são motivo de grande preocupação — disse Pug. — Ainda assim, já é tarde e acho que devemos consultar outros que se encontram nesta ilha. Sugiro que estes cavalheiros cansados e doloridos sejam conduzidos aos seus quartos. Amanhã daremos início às discussões aprofundadas.

Gardan, que sentia a chegada de um bocejo, reprimiu-o e acenou com a cabeça em concordância. Kasumi, o Irmão Dominic e o Capitão foram escoltados da sala por Kulgan, que desejou boa-noite aos demais.

Pug saiu de perto da lareira e se dirigiu a uma janela, onde ficou contemplando a luz da pequena lua refletida na água quando espiava entre nuvens. Katala aproximou-se por trás do marido, abraçando-o pela cintura.

— Ficou perturbado com essas notícias, marido. — Era uma afirmação, e não uma pergunta.

— Como sempre, você sabe o que estou pensando. — Virou-se dentro do círculo de seus braços e trouxe-a para mais perto, sentindo o odor adocicado

de seu cabelo ao beijá-la no rosto. — Tinha esperanças de que nossas vidas decorressem sem outras preocupações além da construção desta Academia e da educação de nossos filhos.

Katala levantou o olhar para Pug, sorrindo, e seus olhos refletiam o amor eterno que sentia por aquele homem.

— O povo thuril tem um ditado: "A vida é complicada. Vivemos para descomplicá-la." — Pug sorriu. Ela prosseguiu: — Não deixa de ser verdade. O que acha das notícias que Kasumi e seus companheiros trouxeram?

— Não sei. — Afagou o cabelo castanho da esposa. — Ultimamente, venho tendo uma sensação insistente aqui dentro. Achei que se tratava simplesmente de preocupação com os avanços que temos feito aqui, na criação da Academia, mas é mais do que isso. Minhas noites têm sido preenchidas com sonhos.

— Eu sei, Pug. Tenho reparado que se debate dormindo. Você ainda não me falou sobre esses sonhos.

Ele olhou para ela.

— Não queria preocupar você, meu amor. Achei que eram meros fantasmas, lembranças dos tempos de aflição. Mas, agora, eu… não sei mais. Um deles é recorrente, e tem surgido com maior frequência nos últimos tempos. Uma voz em um lugar escuro chama por mim. Pede minha ajuda, implora para que eu vá em seu socorro.

Katala não fez qualquer observação, pois conhecia o marido e esperaria até ele sentir-se preparado para partilhar seus sentimentos. Por fim, Pug prosseguiu:

— Reconheço a voz, Katala. Já a ouvi antes, quando vivíamos os piores tempos, na mais aflitiva das situações, quando o resultado da Guerra do Portal estava prestes a ser decidido, quando carregava nos ombros o destino dos dois mundos. É a voz de Macros. É dele a voz que ouço.

Katala sentiu um calafrio e abraçou o marido com força. Macros, o Negro, cuja biblioteca representava a origem daquela Academia de magia em desenvolvimento, era um nome que conhecia bem. Macros era o feiticeiro misterioso que não exercia o Caminho Superior como Pug, nem o Caminho Inferior, como Kulgan, pois praticava algo muito diferente. Vivera tanto tempo que muitos acreditavam que era eterno; além disso, ele conseguia ver o futuro. Influenciara constantemente a Guerra do Portal, jogando uma espécie de jogo cósmico e arriscando vidas humanas com propósitos só por ele

conhecidos. Tinha libertado Midkemia do Portal, a ponte mágica entre o mundo originário de Katala e seu novo mundo. Ela se aconchegou ainda mais, encostando a cabeça no peito de Pug. Acima de tudo, sabia o que motivava a inquietação do marido. Macros estava morto.

Gardan, Kasumi e Dominic se encontravam no piso térreo admirando o trabalho que se desenvolvia mais acima. Trabalhadores contratados em Shamata assentavam fileira após fileira de pedras para a construção das paredes elevadas da Academia. Pug e Kulgan estavam ali perto, inspecionando as novas plantas apresentadas pelo Mestre de Obras encarregado. Kulgan fez sinal para que os recém-chegados se juntassem a eles.

— Tudo isto é fundamental para nós, por isso, peço que tenham um pouco de paciência — pediu o mago corpulento. — O trabalho começou há poucos meses e não queremos que as obras parem.

— O edifício vai ser gigantesco — Gardan observou.

— Ficará com uma altura de vinte e cinco andares, com várias torres altas para observação da abóbada celeste.

— Mas isso é incrível. Um edifício desses poderá abrigar milhares de pessoas — exclamou Dominic.

Os olhos azuis de Kulgan cintilaram alegremente.

— Pelo que Pug me contou, é apenas uma parte do que ele conheceu na Cidade dos Magos, no outro mundo. Lá, toda uma cidade cresceu unida, formando um único edifício gigantesco. Quando concluirmos esta obra, daqui a muitos anos, teremos somente uma vigésima parte disso, ou até menos. Ainda assim, restará espaço para crescer, se for preciso. Talvez um dia a Academia venha a ocupar toda a Ilha da Doca da Estrela.

O Mestre de Obras foi embora e Pug disse:

— Peço perdão pela interrupção, mas tínhamos de tomar algumas decisões. Continuemos a visita.

Seguindo a parede, dobraram uma esquina e chegaram a um conjunto de edifícios que parecia um vilarejo. Ali, viram homens e mulheres vestidos de vários estilos, do Reino e de Kesh, circulando entre as construções. Várias crianças brincavam em uma praça no centro do vilarejo. Uma delas era William. Dominic olhou em volta e viu Fantus deitado na soleira de uma porta, ao sol, perto do rapaz. As crianças tentavam chutar freneticamente uma

bola feita de trapos, presa por fitas de couro, para dentro de um barril. O jogo não parecia ter regras nem normas de conduta.

Dominic riu diante daquilo que via.

— Quando criança, costumava jogar esse jogo no Sexto Dia.

Pug sorriu.

— Eu também. Muitos de nossos planos ainda precisam de implementação, então por enquanto os deveres das crianças são ocasionais. Não me parece que se importam.

— Que lugar é este? — perguntou Dominic.

— Por enquanto, é onde vive nossa jovem comunidade. A ala onde estão os aposentos de Kulgan e de minha família e onde se encontram algumas salas de instrução é a única parte da Academia pronta para ser usada. Foi a primeira seção a ficar concluída, embora a construção prossiga nos andares acima. Quem viaja até Doca da Estrela para aprender e servir na Academia vive aqui, até que fiquem prontas outras seções do edifício principal. — Fez sinal para que o seguissem para dentro de um grande edifício que dominava o vilarejo. William abandonou o jogo e se colocou ao lado do pai. Pug pousou a mão no ombro do garoto. — Como estão indo seus estudos hoje?

O rapaz fez uma careta.

— Não estão indo muito bem. Desisti, por hoje. Nada funciona como devia.

Pug assumiu uma expressão séria, mas Kulgan empurrou William de brincadeira para que voltasse ao jogo.

— Corra, menino. Não se preocupe. Seu pai também era um cabeça-dura quando era meu aluno. Com o tempo, tudo fará sentido.

Pug esboçou um sorriso.

— Cabeça-dura?

— Talvez “raciocínio lento” fosse mais adequado — retorquiu Kulgan.

Entrando no prédio, Pug disse:

— Até o dia da minha morte, Kulgan continuará a zombar de mim.

O edifício revelou-se uma estrutura oca. Parecia servir unicamente para abrigar uma grande mesa em todo o comprimento. A única particularidade da sala era uma lareira. O teto alto era suportado por vigas de onde pendiam lanternas que emitiam uma luz alegre.

Pug puxou uma cadeira e sentou-se à cabeceira da mesa, gesticulando para que os outros fizessem o mesmo. Dominic ficou satisfeito com a lareira.

Mesmo com a primavera adiantada, o dia estava frio.

— Quem são as mulheres e as crianças que andam por aqui? — perguntou.

Kulgan tirou o cachimbo do cinto e começou a enchê-lo com tabaco.

— As crianças são os filhos daqueles que vieram para cá. Temos planos de montar uma escola para elas. Pug tem umas ideias estranhas de que um dia todos no Reino terão acesso à educação. As mulheres são esposas dos magos ou são magas, embora mulheres habitualmente sejam chamadas de bruxas.

Dominic pareceu ficar incomodado:

— Bruxas?

Kulgan acendeu o cachimbo com uma chama que surgiu na ponta de seu dedo e exalou uma baforada.

— De que interessa a designação? Praticam magia. Por razões que não entendo, de certa forma os homens, em muitos lugares, têm sido tolerados ao praticarem magia, enquanto as mulheres têm quase sempre sido expulsas das comunidades onde descobrem que elas possuem esse poder.

— Mas acredita-se que as bruxas obtêm seus poderes por servirem forças maléficas — disse Dominic.

Kulgan acenou com a mão, rejeitando a ideia.

— Bobagem. Não passam de superstições, perdoe-me a franqueza. A origem do poder delas é tão maléfica quanto a origem de seu poder, e seu comportamento é normalmente mais benevolente do que o comportamento de alguns servos mais entusiastas, talvez mal orientados, de alguns templos.

— Tem razão, mas está se referindo a um membro reconhecido de um templo legítimo — contrapôs Dominic.

Kulgan olhou o sacerdote nos olhos.

— Perdoe-me a observação, mas, apesar da reputação ishapiana de terem uma visão menos restrita que as das demais ordens, seus comentários são absolutamente provincianos. Que importa se essas desgraçadas não desenvolvem seu trabalho dentro de um templo? Se uma mulher servir em um templo, ela é divina, mas, se exercer seu poder em uma cabana no meio do bosque, ela é bruxa? Nem mesmo meu velho amigo Padre Tully engoliria uma besteira dogmática desse tipo. Isso não é uma questão intrínseca sobre o bem e o mal, mas sim sobre quem tem uma guilda melhor.

Dominic sorriu.

— Quer dizer que pretendem edificar uma guilda melhor?

Kulgan exalou uma nuvem de fumo.

— Em certo sentido, sim, é essa minha intenção, embora seja uma razão de menor prioridade em relação à tentativa de codificar tanto saber mágico quanto nos seja possível.

— Perdoe minhas perguntas rudes — disse Dominic —, mas uma de minhas incumbências é determinar a origem de suas motivações. Você tem no Rei um poderoso aliado e nosso templo ficou preocupado com a possibilidade de existir um propósito oculto por trás de suas atividades. Julgou-se por bem, como eu vinha aqui…

— Desafiar o que aqui fazemos para ver qual seria nossa reação? — concluiu Pug.

— Desde que conheço Pug, sempre o vi agir honradamente — comentou Kasumi.

Dominic prosseguiu:

— Se restasse alguma dúvida em minha mente, teria ficado calado. Não duvido que têm os mais nobres propósitos. Mas…

— O quê? — disseram em uníssono Pug e Kulgan.

— É óbvio que pretendem fundar uma comunidade de estudiosos, acima de tudo. É um propósito louvável. Contudo, não permanecerão aqui eternamente. Chegará o dia em que esta Academia poderá se tornar uma ferramenta poderosa se cair em mãos erradas.

— Estamos tomando todas as precauções para evitar tal perigo, acredite em mim — retorquiu Pug.

— Eu acredito — reiterou Dominic.

A expressão de Pug se alterou, como se tivesse ouvido algo.

— Estão chegando — disse.

Kulgan prestou atenção, concentrando-se.

— Gamina? — perguntou num sussurro.

Pug confirmou com um aceno de cabeça e Kulgan soltou uma exclamação de satisfação.

— O contato foi melhor do que nunca. Todas as semanas ela fica mais poderosa.

Pug explicou aos demais:

— Li os relatórios que trouxeram ontem à noite e convoquei aqui alguém que julgo poder nos ajudar. E ele vem acompanhado.

— Acompanhado por… alguém capaz de enviar pensamentos e recebê-

los com notável nitidez — disse Kulgan. — Até agora, é a única que encontramos capaz de fazer isso. Pug falou sobre uma capacidade semelhante em Kelewan, que foi usada durante o treino a que foi sujeito, mas era necessário preparar o indivíduo.

— Assemelha-se ao toque de mentes usado por alguns sacerdotes — Pug explicou —, mas não requer contato físico nem proximidade, ao que parece. Também não existe o perigo de se ficar preso na mente daquele que se toca. Gamina é um talento raro. — Dominic estava impressionado. Pug prosseguiu: — Ela toca a mente de alguém e é como se falasse. Temos esperança de um dia entender esse talento indomável e de aprender uma forma de treinar outros para usá-lo.

— Eles estão chegando, posso ouvir — disse Kulgan se levantando. — Por favor, cavalheiros. Gamina é uma alma, digamos, tímida, que suportou tempos muito difíceis. Levem isso em conta e sejam amáveis com ela.

Kulgan abriu a porta e duas pessoas entraram. O homem era muito idoso, com poucas mechas de cabelo dispersas, como fumaça branca, que lhe caíam até os ombros. Tinha a mão sobre o ombro da outra pessoa e caminhava curvado, revelando uma ligeira deformidade sob o manto vermelho. Pelos globos oculares esbranquiçados que olhavam em frente sem expressão, era óbvio que o idoso era cego.

Contudo, foi a garota que atraiu as atenções de todos. Vestia roupa artesanal e aparentava ter cerca de sete anos, uma coisinha pequenina que agarrava a mão pousada em seu ombro. Tinha enormes olhos azuis que iluminavam o rosto pálido de feições delicadas. Seu cabelo era quase tão claro quanto o do idoso, revelando um vestígio de dourado. O que deixou Dominic, Gardan e Kasumi espantados foi a sensação avassaladora de que aquela criança talvez fosse a mais bela que já tinham visto. Conseguiam vislumbrar naquelas feições infantis a promessa de uma mulher de beleza inigualável.

Kulgan levou o velhote até uma cadeira ao lado da sua. A garota não se sentou, optando por ficar em pé ao lado do homem, com as mãos em seus ombros, dobrando os dedos nervosamente, como se temesse perder aquele contato. Olhou para os três desconhecidos com a expressão de uma criatura selvagem encurralada. Não tentou sequer disfarçar a desconfiança que sentia.

— Este é Rogen — apresentou Pug.

O cego inclinou-se para a frente.

— A quem estou sendo apresentado? — Seu rosto, apesar da idade que revelava, era animado e sorridente, virado para cima como se assim ouvisse melhor. Era evidente que ele, ao contrário da garota, apreciava a oportunidade de conhecer recém-chegados.

Pug apresentou os três homens sentados em frente de Kulgan e Rogen. O cego sorriu ainda mais.

— É um prazer conhecê-los, respeitáveis cavalheiros.

Em seguida, Pug disse:

— Esta é Gamina.

Dominic e os demais assustaram-se ao ouvirem a voz da garota dentro de suas cabeças:

Olá.

Sua boca não se mexera. Estava imóvel, com seus enormes olhos azuis fixos neles.

— Ela falou? — Gardan perguntou.

— Com a mente. Não tem outra forma de falar.

Rogen deu tapinhas nas mãos da menina.

— Gamina nasceu com esse dom, embora quase tivesse enlouquecido a mãe com o choro mudo. — O velho ficou sério. — A mãe e o pai de Gamina foram apedrejados até a morte pelo povo de sua aldeia, por terem gerado um demônio. Eram gente simplória e modesta. Tiveram medo de matar o bebê, julgando que poderia voltar à sua forma "natural" e chaciná-los, por isso a deixaram na floresta para que morresse de hipotermia. Ainda nem tinha três anos.

Gamina fitou o homem com um olhar penetrante. Ele virou o rosto para ela, como se pudesse vê-la, e disse:

— Sim, foi quando encontrei você. — Aos outros, acrescentou: — Eu vivia na floresta, em uma cabana de caçador abandonada que descobrira. Também fui expulso de minha terra, muitos anos antes. Previ a morte do moleiro da aldeia e me culparam por isso. Fui rotulado de bruxo.

— Rogen tem o poder da segunda visão — explicou Pug —, talvez em compensação pela cegueira. Ele é cego desde que nasceu.

Rogen deu um grande sorriso e afagou as mãos da menina.

— Nós dois somos parecidos, de muitas formas. Comecei a pensar no que aconteceria à menina quando eu morresse. — Interrompeu-se para falar com a garota, que ficara agitada com aquelas palavras. Ela tremia e tinha lágrimas

nos olhos. —Acalme-se — repreendeu-a delicadamente. — É o que acontecerá, tal como a todos. No entanto, espero que não seja em breve — acrescentou com uma risada. Então retomou a narrativa: — Viemos de uma aldeia perto de Salador. Quando ouvimos falar deste magnífico lugar, demos início à nossa caminhada. Demoramos seis meses para chegar aqui, sobretudo devido à minha idade avançada. Aqui encontramos gente como nós, que nos encara como fonte de conhecimento e sem medo. Estamos em casa.

Dominic balançou a cabeça, pasmo com a façanha de um homem daquela idade e de uma criança que haviam caminhado centenas de quilômetros. Estava visivelmente comovido.

— Começo a entender a outra parte do que estão fazendo. Muitos outros como estes dois vivem aqui?

— Não tantos quanto eu gostaria — Pug respondeu. — Alguns dos magos mais reconhecidos se recusam a juntar-se a nós. Outros nos temem. Não querem revelar as capacidades que possuem. Há outros ainda que simplesmente desconhecem nossa existência. Contudo, alguns, como Rogen, nos procuram. Temos aqui quase meia centena de profissionais de magia.

— Já são muitos — comentou Gardan.

— Na Assembleia, o número de Grandes chegava aos dois mil — Kasumi comentou e Pug assentiu.

— Os seguidores do Caminho Inferior eram quase em igual número. Daqueles que iniciavam a formação, em condições muito mais rigorosas do que as que podemos ou desejamos oferecer aqui, só um em cada cinco ascendia ao manto negro, o símbolo do Mago Superior.

Dominic olhou para Pug.

— O que acontecia aos outros, àqueles que falhavam na formação?

— Eram mortos — respondeu Pug sem rodeios.

Dominic percebeu que era um assunto sobre o qual Pug não queria falar. Um vestígio de medo atravessou o rosto da garota e Rogen disse:

— Está tudo bem. Aqui ninguém vai fazer mal a você. Ele está falando de um lugar longínquo. Um dia você será uma excelente professora.

A menina relaxou, sendo visível um vestígio tênue de orgulho em sua expressão. Era óbvio que ela adorava o velho.

— Rogen — chamou-o Pug —, alguns eventos têm ocorrido e creio que seus poderes podem nos ajudar a entendê-los. Está disposto a nos ajudar?

— É assim tão importante?

— Não pediria se não fosse de importância vital. A Princesa Anita corre perigo e o Príncipe Arutha vive em risco constante devido a um inimigo desconhecido.

A menina ficou preocupada, ou, pelo menos, foi essa a interpretação que Gardan e Kasumi fizeram de seu semblante. Rogen inclinou a cabeça, como se estivesse à escuta, dizendo em seguida:

— Eu sei que é perigoso, mas devemos isso a Pug. Ele e Kulgan são a última esperança para pessoas como nós. — Ambos pareceram constrangidos com as palavras do velho, mas não comentaram nada. — Além disso, Arutha é irmão do Rei, e foi o pai dele que nos deu esta maravilhosa ilha para vivermos. O que as pessoas achariam se soubessem que podíamos ter ajudado e não o fizemos?

Pug falou em voz baixa para Dominic:

— A segunda visão de Rogen é… diferente de qualquer outra de que já ouvi falar. Sua ordem tem a fama de possuir alguns conhecimentos a respeito de profecias. — Dominic confirmou. — Pois ele vê… possibilidades talvez seja a melhor forma de descrever. Aquilo que *poderá* acontecer. Parece exigir muita energia e, embora seja mais forte do que parece, não deixa de ser muito velho. É mais fácil se for só uma pessoa a falar com ele; como tem um entendimento mais claro da natureza da magia que ocorreu, acho que seria melhor se lhe contasse tudo o que sabe. — Dominic concordou, levando Pug a pedir aos outros: — Os demais façam o favor de permanecer em silêncio.

Rogen estendeu a mão por cima da mesa e pegou nas mãos do clérigo, que ficou admirado com a força que aqueles dedos esqueléticos ainda possuíam. Embora incapaz de fazer profecias, Dominic conhecia o processo praticado por alguns membros de sua ordem. Desanuviou a mente e começou a narrar sua história desde o momento em que Jimmy tivera de enfrentar o Falcão Noturno no telhado até o momento em que Arutha partira de Sarth. Rogen permaneceu em silêncio. Gamina não se mexeu. Quando Dominic falou da profecia que designava Arutha como “Ruína das Trevas”, o idoso estremeceu e seus lábios se moveram sem emitir qualquer som.

O ambiente na sala tornou-se sinistro à medida que o monge falava. Até o fogo pareceu enfraquecer. Gardan percebeu que estava abraçando a si mesmo.

Quando o monge parou, Rogen não largou suas mãos nem permitiu que o outro as retirasse. Tinha a cabeça erguida, o pescoço ligeiramente arqueado

para trás, como se escutasse algo a distância. Por alguns minutos, seus lábios se moveram sem emitir nenhum som, até que as palavras começaram a se formar aos poucos, embora fossem proferidas em voz tão baixa que não eram discerníveis. De repente, falou claramente e com firmeza na voz:

— Existe uma… presença… um ser. Vejo uma cidade, uma grandiosa fortaleza com torres e muralhas. Em suas fortificações encontram-se homens altivos e decididos a defendê-la a todo custo. Ora bem… trata-se de uma cidade cercada. Vejo-a esmagada, com as torres em chamas… é uma cidade que está sendo trucidada. Uma enorme turba selvagem percorre as ruas levando-a a sucumbir. Aqueles que resistem são coagidos de tal forma que se retiram para a cidadela. Os que violam e pilham… nem todos são humanos. Vejo membros da Senda das Trevas e seus servos goblins. Vagam pelas ruas, com sangue escorrendo de suas armas. Vejo estranhas escadas sendo erguidas para tomarem a fortaleza de assalto e estranhas pontes de luz. Depois, ela queima, tudo queima; está tudo em chamas… e acaba. — Fez-se silêncio por um momento até Rogen prosseguir: — Vejo uma tropa, reunida em uma planície, carregando estranhos estandartes esvoaçantes. Vultos de armaduras negras estão sentados em silêncio nas garupas de seus cavalos, revelando estranhas formas nos escudos e tabardos. Acima deles encontra-se um moredhel… — Os olhos do homem se encheram de lágrimas. — É… bonito… É… maléfico. Usa a marca do dragão. Está sobre uma colina enquanto embaixo passam exércitos entoando cânticos de guerra. Grandes máquinas bélicas são puxadas por miseráveis escravos humanos. — Novo silêncio. — Vejo outra cidade. A imagem muda e vacila, pois seu futuro não é tão certo. Suas muralhas apresentam fendas e as ruas estão manchadas de vermelho. O sol oculta o rosto atrás de nuvens cinzentas… e a cidade grita angustiada. Homens e mulheres estão acorrentados em filas intermináveis. São… chicoteados por criaturas que os atormentam e torturam. São levados para uma grande praça, onde enfrentam o conquistador. Um trono foi levantado sobre um monte… um monte de corpos. Nele está sentado… o belo, o maléfico. A seu lado está alguém, de rosto escondido por um manto negro. Atrás desses dois está outra coisa qualquer… não consigo distinguir, mas é real, existe, é… obscura… É imaterial, desprovida de existência física, não está verdadeiramente presente, mas… também está presente. A figura toca aquele está sentado no trono. — Rogen apertou com força as mãos de Dominic. — Esperem… — disse, para logo hesitar. Suas mãos começaram a

tremer e, em seguida, com um tom de voz comovente, quase soluçante, ele gritou: — Oh, deuses misericordiosos! Ele consegue me ver! *Consegue me ver!* — Os lábios do velhote ficaram trêmulos, enquanto Gamina lhe apertava o ombro, de olhos arregalados, ao seu lado, com o horror patente em seu pequeno rosto. De repente, os lábios de Rogen se abriram para emitir um gemido terrível, demonstrando a mais pura agonia e desespero. Então seu corpo ficou rígido.

Sem que ninguém esperasse, uma lança de fogo, uma estocada da mais completa dor, rompeu nas mentes de todos que se encontravam na sala. Gamina gritava em silêncio.

Gardan agarrou a cabeça, quase desmaiando com o impacto do clarão branco e quente de agonia escaldante. O rosto de Dominic empalideceu quando caiu para trás na cadeira sob o ataque devastador do grito, como se tivesse sido atingido por um golpe físico. O cachimbo de Kulgan tombou de seus lábios frouxos no momento em que levou as mãos às têmporas. Pug cambaleou ao se levantar, recorrendo a todo o seu poder mágico para levantar uma barreira mental que impedisse a destruição de sua mente. Repeliu a escuridão que procurava dominá-lo, estendendo a mão para a menina.

— Gamina — guinchou.

O grito mental da menina prosseguiu incessante, enquanto puxava furiosamente a túnica do velho — um ato irracional, como se pretendesse de alguma forma arrancá-lo do horror que enfrentava. Seus enormes olhos estavam arregalados e a histeria muda quase levou à loucura todos os que se encontravam à sua volta. Pug lançou-se para a frente e agarrou-a pelo ombro. Gamina ignorou o toque e continuou a gritar por Rogen. Reunindo seus poderes, Pug afastou o terror e a dor dos pensamentos projetados da garota por um brevíssimo instante.

A cabeça de Gardan tombou para a frente sobre a mesa e o mesmo aconteceu com Kasumi. Kulgan ficou repentinamente em pé, mas caiu novamente na cadeira, atordoado. Além de Pug e Gamina, apenas Dominic não perdera os sentidos. Algo dentro dele se debatia para chegar à menina, apesar da vontade que sentia de fugir daquela dor que lhe era imposta por ela.

O terror primitivo da garota quase fez Pug cair de joelhos, mas ele se forçou a aguentar, lançando um feitiço que a fez cair para a frente. Imediatamente a dor cessou. Pug amparou-a, mas o esforço o fez recuar, cambaleando até sua cadeira. Sentou-se com a menina inconsciente aninhada

nos braços, entorpecido pelo ataque devastador.

A cabeça de Dominic parecia prestes a explodir, mas o monge conseguiu se manter consciente. O corpo do velho permanecia rígido, quase curvado para trás de dor, os lábios mexendo-se debilmente. Dominic proferiu um feitiço de cura, habitualmente usado para cessar sofrimento. Por fim, o corpo de Rogen amoleceu e pareceu sucumbir na cadeira. Em seu rosto permanecia uma máscara de terror e dor e o homem proferiu em um sussurro rouco palavras que o monge não conseguiu entender, antes de perder os sentidos.

Pug e o monge trocaram olhares confusos. Dominic sentiu a escuridão alcançá-lo e, antes de desmaiar, pensou no que teria provocado o repentino ar aterrorizado do mago.

Gardan andava de um lado para outro na sala onde haviam jantado no dia anterior. Kulgan estava ao lado da lareira quando disse:

— Você vai abrir um buraco nas pedras do chão se não se sentar.

Kasumi estava sentado em uma almofada ao lado do mago. Gardan agachou-se ao lado do tsurani, comentando:

— É horrível ter de esperar.

Dominic e Pug, auxiliados por algumas curandeiras da comunidade, cuidavam de Rogen. O velho se encontrava à beira da morte desde que o haviam tirado da reunião. O grito mental de Gamina atingira todos aqueles que se encontravam em um raio de mais de um quilômetro e meio, embora os mais afastados não o tivessem sentido com tanta intensidade. Não obstante, foram várias as pessoas perto do edifício que perderam os sentidos durante algum tempo. Quando os gritos cessaram, aqueles que não tinham ficado desorientados correram para ver o que acontecera e encontraram todos os presentes à reunião desacordados.

Katala não demorou para chegar, ordenando que todos fossem levados para os quartos, onde poderia orientar os tratamentos. Todos se recuperaram poucas horas depois, exceto Rogen. A visão se iniciara no meio da manhã e já passava da hora do jantar.

Gardan bateu com o punho fechado na outra mão, exclamando:

— Maldição! Nunca tive jeito para essas coisas. Sou soldado. Esses monstros de magia, esses poderes indefiníveis… Oh, quem me dera o inimigo fosse de carne e osso!

— Sei muito bem o que pode fazer a um inimigo de carne e osso — disse

Kasumi. Kulgan pareceu interessado e o tsurani explicou: — Nos primeiros anos da guerra, o Capitão e eu nos enfrentamos no cerco de Crydee. Só quando trocávamos histórias é que descobri que Gardan era o segundo em comando do Príncipe Arutha durante o cerco e que ele soube que fui eu a liderar o ataque.

A porta se abriu e um homem grande entrou e despiu uma capa enorme. Tinha barba e parecia desgastado pelas condições atmosféricas, mais parecendo um caçador ou um lenhador. Ele esboçou um sorriso e cumprimentou os presentes.

— Fico fora por uns dias e vejam só quem aparece por aqui.

No rosto de Gardan surgiu um enorme sorriso e o Capitão levantou-se, estendendo a mão.

— Meecham!

Deram um aperto de mão e o homem chamado Meecham continuou:

— Bons olhos o vejam, Capitão. — Cumprimentou Kasumi em seguida, pois Meecham era um velho conhecido. Era um homem livre que possuía sua própria terra e trabalhava a serviço de Kulgan, embora fosse mais um amigo do mago do que seu empregado.

— Teve sorte? — inquiriu Kulgan.

O homem da floresta afagou distraidamente a cicatriz na bochecha esquerda ao responder:

— Não. Todos impostores.

— Ouvimos falar de uma caravana de videntes e ciganos acampados a alguns dias de viagem para os lados de Landreth — Kulgan explicou aos demais. — Mandei Meecham investigar para ver se algum possuiria talento genuíno.

— Havia um — disse Meecham. — Até podia ser aquilo que parecia, mas se calou quando lhe disse de onde vinha. Talvez apareça por iniciativa própria. — Olhou em volta da sala. — Muito bem, será que alguém vai me dizer o que está acontecendo aqui?

Quando Kulgan terminou de contar tudo a Meecham, a porta se abriu e a conversa foi interrompida. William entrou trazendo Gamina pela mão. A protegida de Rogen parecia ainda mais pálida do que quando o Capitão a vira no dia anterior. Olhou para Kulgan, Kasumi e Gardan e sua voz penetrou em suas mentes.

Lamento ter causado tanto sofrimento. Fiquei assustada.

Devagar, Kulgan estendeu as mãos e, com cautela, a menina permitiu que ele a sentasse em seu largo colo.

— Não faz mal, querida. Nós entendemos.

Os outros sorriram para tranquilizá-la e ela pareceu ficar mais descontraída. Fantus entrou vagarosamente na sala. William olhou-o de relance.

— Fantus está com fome — disse.

— Esse animal parece que já nasceu esfomeado — Meecham comentou.

Não, surgiu a voz em seus pensamentos. *Ele disse que está com fome porque hoje ninguém se lembrou de lhe dar comida. Eu ouvi.*

Com delicadeza, Kulgan afastou a garota para poder olhá-la.

— Como assim?

Ele disse a William que estava com fome. Agora mesmo. Eu ouvi.

Kulgan olhou para William.

— William, você consegue ouvir Fantus?

William olhou para Kulgan com uma expressão de curiosidade.

— Claro que consigo. Você não?

Eles estão sempre conversando.

O rosto de Kulgan ficou animado.

— Mas isso é maravilhoso! Eu não fazia ideia. Não me admira que sejam tão próximos. William, há quanto tempo consegue falar assim com Fantus?

O garoto encolheu os ombros.

— Desde que me lembro. Fantus sempre falou comigo.

— E você conseguiu ouvi-los conversar? — Gamina assentiu. — Consegue falar com Fantus também?

Não. Mas ouço quando ele fala com William. Ele tem uma maneira esquisita de pensar. É difícil.

Gardan estava pasmo com a conversa. Conseguia ouvir as respostas de Gamina em sua cabeça, como se a escutasse. A partir da observação dos comentários privados entre a garota e Rogen, percebeu que ela era capaz de falar com quem escolhesse, de forma seletiva.

William virou-se para o dragonete.

— *Está bem!* — afirmou em tom irritado e informou a Kulgan: — É melhor ir à cozinha arranjar qualquer coisa para ele. Gamina pode ficar aqui?

Kulgan deu-lhe um abraço carinhoso e ela aninhou-se em seu colo.

— Claro que pode.

William saiu correndo da sala e Fantus correu atrás dele, a perspectiva de uma refeição lhe dando motivação para uma demonstração anormal de velocidade. Depois de saírem, Kulgan perguntou:

— Gamina, William consegue falar com outras criaturas além do Fantus?

Não sei. Eu perguntarei a ele.

Observaram, fascinados, enquanto a garota inclinava a cabeça, como se escutasse algum ruído. Pouco depois, fez um aceno com a cabeça.

Ele disse que só às vezes. A maior parte dos animais não é lá muito interessante. Pensam muito em comida e em outros animais e é só.

Pela expressão, Kulgan parecia ter recebido um presente.

— Isso é maravilhoso! Que belo talento! Nunca ouvimos falar de um humano que se comunicasse diretamente com animais. No passado, alguns magos fizeram alusões a essa capacidade, mas nunca deste jeito. Teremos de investigar a fundo.

Gamina arregalou os olhos e seu rosto ganhou uma expressão de expectativa. Endireitou-se e virou a cabeça para a porta por onde, logo em seguida, entraram Pug e Dominic. Ambos tinham um ar cansado, mas não mostravam os sinais de pesar que Kulgan e os outros temiam ver. Antes de alguém perguntar, Pug se adiantou:

— Ele está vivo, ainda que seu estado seja grave. — Reparou, então, em Gamina no colo de Kulgan, como se aquele contato físico fosse vital para ela. — Está melhor? — perguntou. Ela esboçou um ligeiro sorriso e acenou com a cabeça. Trocaram algumas palavras e Pug continuou: — Acho que ele vai se recuperar. Katala ficará a seu lado. O Irmão Dominic revelou-se de grande ajuda, pois é versado em artes medicinais. Porém Rogen é muito velho, Gamina, e, se ele não se recuperar, você terá de entender e ser forte.

Os olhos de Gamina ficaram molhados de lágrimas, mas ela conseguiu fazer um ligeiro aceno com a cabeça. Pug aproximou-se e puxou uma cadeira, tal como o monge. Pug pareceu, por fim, reparar que Meecham estava presente e o cumprimentou. Apresentaram-no, então, a Dominic e depois Pug voltou a falar com a menina:

— Gamina, você poderá nos ajudar muito. Está disposta a fazê-lo?

Como?

— Pelo que sei, nunca antes ocorreu nada como o que aconteceu hoje. Tenho de entender o que a deixou com tanto medo por Rogen. — Havia algo na atitude de Pug que revelava uma profunda preocupação. Ele conseguia

ocultá-la bem, para não afligir a criança, mas não completamente.

Gamina ficou assustada. Balançou a cabeça e trocou palavras silenciosas com Pug, que disse a todos:

— O que quer que tenha sido, poderá fazer diferença para a sobrevivência de Rogen. Há alguma coisa envolvida em tudo isso que nós não entendemos; devíamos saber do que se trata.

Gamina mordiscou o lábio inferior. Gardan ficou admirado por ver que a garota demonstrava grande coragem. Do pouco que ouvira sobre a sorte da menina, sabia que não fora nada boa. Ao crescer em um mundo de desconfiança e hostilidade, ouvindo constantemente esses pensamentos, a criança vivia à beira da loucura. A confiança que depositava naqueles homens se aproximava do heroísmo. A bondade e o amor de Rogen deviam ter sido infindáveis de modo a contrabalançar o sofrimento que aquela criança conhecera. Gardan pensou que, se havia alguém que merecesse o título de "santo", ocasionalmente concedido e que era usado pelos templos como forma de honrar seus heróis e mártires, esse homem era Rogen.

A conversa entre Pug e Gamina prosseguiu em silêncio. Por fim, Pug disse a todos:

— Fale de um modo que todos possam ouvir. Todos estes homens são seus amigos, criança, e precisam ouvir a sua história para impedir que voltem a fazer mal a Rogen e a outros.

Gamina assentiu.

Eu estava com Rogen.

— Como assim? — perguntou Pug.

Quando ele recorreu à sua segunda visão, eu fui com ele.

— Como consegue fazer isso? — quis saber Kulgan.

Por vezes, quando alguém tem pensamentos ou vê coisas, consigo ver ou ouvir o que está pensando. É difícil quando não direcionam os pensamentos para mim. Mas com Rogen consigo fazer bem. Na minha mente, conseguia ver o que ele via.

Kulgan afastou um pouco a garota para poder olhá-la.

— Quer dizer que consegue ver as visões do Rogen? — A menina confirmou. — E quanto a seus sonhos?

Às vezes.

Kulgan abraçou-a com força.

— Oh, que bela criança você é! Dois milagres em um só dia! Obrigado,

criança maravilhosa!

Gamina sorriu, sua primeira expressão alegre que algum deles presenciava. Pug olhou com curiosidade e Kulgan explicou:

— Seu filho consegue falar com animais. — Pug ficou boquiaberto e o mago corpulento continuou: — Mas não é isso que interessa agora. Gamina, o que Rogen viu que lhe fez tanto mal?

Gamina começou a tremer e Kulgan abraçou-a com mais força.

Foi mau. Viu uma cidade em chamas e criaturas más fazendo mal às pessoas.

— Você reconheceu a cidade? — Pug perguntou. — É algum lugar que você e Rogen já viram?

Gamina balançou a cabeça, com os enormes olhos quase tão redondos como pratos.

Não. Era só uma cidade.

— O que mais? — perguntou Pug com delicadeza.

A menina estremeceu.

Ele viu algo… um homem? Transmitiu uma enorme sensação de confusão, como se lidasse com conceitos que não conseguia entender. *O… homem? viu Rogen.*

— Como é possível que em uma visão se pressinta o vidente? — Dominic perguntou delicadamente. — Uma visão é um olhar profético sobre aquilo que poderá ocorrer. Que tipo de entidade poderia pressentir uma testemunha mágica através das barreiras do tempo e da probabilidade?

Pug acenou com a cabeça.

— Gamina, o que esse “homem” fez a Rogen?

Aquela coisa? Ele estendeu a mão e o machucou. Disse algumas palavras.

Katala entrou na sala e a criança levantou os olhos em expectativa.

— Ele adormeceu profundamente — anunciou. — Acho que agora vai se recuperar. — Aproximou-se por trás de Kulgan e inclinou-se nas costas da cadeira; levou a mão ao queixo de Gamina. — Você devia ir se deitar, minha menina.

— Só mais um pouco — Pug pediu, e Katala sentiu que o marido estava preocupado com algum assunto de grande importância. Por isso, acenou a cabeça em concordância. O mago prosseguiu: — Antes de perder os sentidos, Rogen disse uma palavra. É muito importante que eu saiba onde ele ouviu

essa palavra. Acho que você ouviu a criatura, o homem mau da visão, usá-la. Preciso saber o que Rogen ouviu do homem mau. Consegue recordar as palavras, Gamina? — Ela encostou a cabeça no peito de Kulgan e fez um ligeiro aceno com a cabeça, nitidamente amedrontada com as recordações. — Pode repeti-las para nós? — Pug falou em tom tranquilizador.

Não. Mas posso mostrar a você.

— De que forma? — questionou Pug.

Posso mostrar o que o Rogen viu, respondeu. *Posso e pronto.*

— A todos nós? — perguntou Kulgan. Ela confirmou. A menininha sentou-se direita no colo de Kulgan e respirou fundo, como se estivesse se armando de coragem. Em seguida, fechou os olhos e levou todos eles a um lugar sombrio.

Nuvens carregadas passavam no céu a toda a velocidade, furiosas com o vento cortante. Tempestades ameaçavam a cidade. Sólidos e pesados portões jaziam por terra, despedaçados, pois máquinas bélicas tinham produzido a destruição da madeira e do aço. Por todo lado, ardiam incêndios descontrolados, matando a cidade. Criaturas e homens atacavam barbaramente todas as pessoas que encontravam escondidas em porões e sótãos e o sangue formava poças nas sarjetas. No mercado central, uma pilha de seis metros de altura de corpos fora amontoada. Em cima dos cadáveres repousava uma plataforma de madeira escura, na qual fora colocado um trono. Sentado, estava um moredhel de aspecto impressionante, atento ao caos que seus servos levavam à cidade. A seu lado encontrava-se uma figura de vestes pretas, com um grande capuz e amplas mangas que ocultavam todo e qualquer indício físico que pudesse indicar de que criatura se tratava.

Contudo, algo além desses dois chamou a atenção de Pug e dos demais: uma presença maléfica, algo invisível, mas sensível. Escondida em segundo plano, encontrava-se a verdadeira origem do poder que emanava daqueles dois na plataforma. A criatura de manto negro apontou, permitindo que se visse uma mão coberta de escamas. Sem que conseguissem entender como acontecera, a presença atrás dos dois estabeleceu contato, mostrando-se aos observadores. Ela sabia que era observada e reagia com raiva e desdém. Fez contato por meio de poderes sobrenaturais e falou com eles, fazendo chegar àqueles que se encontravam na sala uma mensagem de desespero sombrio.

Todos estremeceram para se afastar da visão da criança. Dominic, Kulgan, Gardan e Meecham pareciam abalados, arrepiados pela ameaça

evidente naquilo que a garota lhes mostrara, ainda que não passasse de uma sombra do que fora a experiência em primeira mão.

Contudo, Kasumi, Katala e Pug estavam ainda mais transtornados. Quando a criança terminou, lágrimas escorriam pelo rosto de Katala e Kasumi perdera a habitual máscara impassível tsurani; ficou pálido e abatido. Pug pareceu ter sido o que ficara mais transtornado ao deixar-se cair pesadamente no chão. Baixou a cabeça, recolhendo-se por um instante.

Kulgan olhou ao redor, alarmado. Gamina parecia mais perturbada pela reação do que pela recordação da imagem. Katala pressentiu a aflição da criança e pegou-a, tirando-a do colo de Kulgan e abraçando-a com força.

— O que foi? — Dominic perguntou.

Pug levantou a cabeça, aparentando um repentino e extremo cansaço, como se tivesse uma vez mais de carregar nos ombros o peso de dois mundos. Por fim, falou pausadamente:

— Quando, por fim, Rogen se viu livre do sofrimento, suas últimas palavras foram: “as Trevas, as Trevas”. Foi o que viu por trás daquelas duas figuras. As Trevas que Rogen viu proferiram estas palavras: “Intruso, quem quer que seja, onde quer que esteja, saiba que meu poder é iminente. Meus servos preparam o caminho. Trema, pois eu chegarei. Tal como no passado, assim será no futuro, agora e para sempre. Prove meu poder.” Ele, a Coisa, deve ter de alguma forma tocado a mente de Rogen, causando todo o terror e sofrimento.

— Como isso pode acontecer? — Kulgan perguntou.

Em voz baixa e rouca, Pug respondeu:

— Não sei, velho amigo. Porém há mais uma dimensão no mistério daquele que deseja a morte de Arutha e no que jaz além de todas as artes ocultas de que ele e seus aliados são alvo.

Pug escondeu o rosto nas mãos por um segundo, para depois olhar ao redor. Gamina estava agarrada a Katala e todos os olhos estavam postos sobre o mago.

— Há mais uma coisa — Dominic disse; então olhou para Kasumi e Katala. — Que idioma era aquele? Ouvi-o tão bem quanto vocês, tal como ouvi as palavras estrangeiras de Rogen, mas o desconheço completamente.

Foi Kasumi quem respondeu:

— As palavras são… antigas, em um idioma usado nos templos. Não consegui entender tudo. Mas as palavras eram no idioma tsurani.

14

Elvandar

O silêncio reinava na floresta.

Galhos gigantescos, de uma idade imemorável, formavam arcos no alto, impedindo a passagem de grande parte da luz do dia; o ambiente envolvente revelava um suave brilho verde, privado de sombras diretas e cheio de recantos profundos com caminhos que mal se distinguiam e se afastavam serpenteando.

Já fazia mais de duas horas que se encontravam na floresta dos elfos, desde o meio da manhã, e ainda não haviam deparado com nenhum sinal de atividade daqueles seres. Martin achou que seriam interceptados pouco depois de atravessarem o rio Crydee, mas até aquele momento não tinham avistado nenhum elfo.

Baru esporeou seu cavalo para ficar ao lado de Martin e Arutha.

— Creio que estamos sendo observados — disse o hadati. Ao que Martin respondeu:

— Isso já tem alguns minutos. Percebi há pouco e só consegui ver de relance.

— Se os elfos nos veem, por que não aparecem? — perguntou Jimmy.

— Podem não ser elfos — disse Martin. — Só estaremos completamente a salvo depois de passarmos os limites de Elvandar. Fiquem atentos.

Cavalgaram vários minutos até que o chilrear dos pássaros deixou de ser ouvido. A floresta parecia segurar a respiração. Martin e Arutha impeliam suas montarias por caminhos estreitos onde mal cabia um homem a pé. De

repente, o silêncio foi quebrado por um piado rouco, interrompido por guinchos. Uma pedra passou rente à cabeça de Baru e foi seguida por uma tempestade de rochas, galhos e troncos. Dezenas de pequenas silhuetas peludas saltaram de trás das árvores e dos arbustos, uivando furiosamente enquanto atiravam projéteis nos cavaleiros.

Arutha impeliu o cavalo para a frente, esforçando-se para mantê-lo sob controle; seus companheiros fizeram o mesmo. Ele guiou o cavalo por entre as árvores, abaixando-se para evitar os galhos. Ao avançar em direção a quatro ou cinco criaturas do tamanho de crianças, ouviu-as guinchar horrorizadas e viu-as saltar em diferentes direções. Arutha escolheu uma e a seguiu. A criatura viu-se encurralada por um aglomerado de árvores caídas, arbustos fechados e uma rocha enorme. Então virou-se para enfrentar o Príncipe.

Arutha já desembainhara a espada e puxara as rédeas, preparado para atacar. Foi então que toda sua raiva o abandonou diante do que via. A criatura não fazia o mínimo esforço para atacar; recuava tanto quanto possível no emaranhado de plantas com uma expressão do mais puro pavor estampada no rosto.

Era um rosto muito semelhante ao humano, com grandes olhos castanhos e um pequeno nariz sobre uma grande boca. Os lábios da criatura estavam retraídos em um rosnado fingido, revelando dentes impressionantes, embora seus olhos estivessem arregalados de medo e enormes lágrimas caíssem por suas faces peludas. De resto, lembrava um pequeno símio ou algum outro macaco de grande porte.

Com uma grande algazarra, Arutha e a criatura foram rodeados por mais daqueles seres semelhantes a homenzinhos. Eles uivavam ferozmente, batendo os pés no chão com uma fúria selvagem, mas Arutha percebeu que não passava de encenação; as ações das criaturas não representavam uma verdadeira ameaça. Foram vários os que fingiram que atacavam, para fugirem guinchando de medo quando Arutha se virava para eles.

Os outros alcançaram o Príncipe e a pequena criatura que encurralara desatou a chorar de tal forma que dava pena. Baru parou ao lado do Príncipe e disse:

— Assim que você investiu, eles fugiram atrás de você.

Os cavaleiros perceberam que as criaturas reunidas começavam a abandonar a fúria encenada e que suas expressões revelavam preocupação.

Tagarelavam entre si por meio de sons que pareciam palavras.

Arutha embainhou a espada.

— Não vamos fazer mal a vocês.

Como se tivessem entendido, as criaturas se acalmaram. A que estava encurralada observava com cautela.

— O que são eles? — Jimmy perguntou.

— Não sei — respondeu Martin. — Cacei nestes bosques quando rapaz e também depois de adulto e nunca vi nada assim.

— São gwali, Martin do Arco.

Os cavaleiros se viraram nas selas e foram recebidos pela visão de um grupo de cinco elfos. Uma das criaturas correu até ficar na frente dos elfos. Ela apontou um dedo acusador aos cavaleiros. E, em tom monótono, disse:

— Calin, homens vir. Machucar Ralala. Fazer eles parar.

Martin desmontou.

— Bons olhos o vejam, Calin! — Ele abraçou o elfo e os demais o cumprimentaram, um de cada vez. Em seguida, Martin levou-os até onde os companheiros aguardavam e acrescentou: — Calin, com certeza você se lembra de meu irmão.

— Saudações, Príncipe de Krondor.

— Saudações, Príncipe dos Elfos. — Arutha lançou um olhar pelo canto do olho para os gwali que os rodeavam. — Você evitou que fôssemos dominados.

Calin sorriu.

— Duvido. Vocês parecem um grupo capaz de enfrentá-los. — Aproximou-se de Arutha. — Há muito que não nos falamos. O que o traz às nossas florestas, Arutha, e com tão incomum séquito? Onde estão seus estandartes e sua guarda pessoal?

— É uma longa história, Calin, que desejo partilhar com sua mãe e com Tomas.

Calin concordou. Para os elfos, a paciência era uma forma de vida.

Uma vez aliviada a tensão, a gwali encurralada por Arutha correu para se juntar aos outros de sua espécie que tinham ficado ao redor observando. Vários a examinaram, acariciando-lhe a pele peluda e dando-lhe palmadinhas tranquilizadoras após a provação pela qual passara. Satisfeitos por verem que estava ilesa, acalmaram os ânimos e observaram os elfos e humanos.

— Calin, que criaturas são essas? — Martin disse.

Calin riu, formando rugas nos cantos de seus olhos azul-claros. Era tão alto quanto Arutha, mas ainda mais esguio do que o elegante Príncipe.

— Como eu disse, chamam-se gwali. Este malandrinho se chama Apalla. — Bagunçou os pelos da cabeça daquele que se dirigira até ele. — É uma espécie de líder entre eles, embora eu duvide que entendam o conceito. Pode ser que seja apenas o mais falante de todos. — Olhando para os companheiros de Arutha, continuou: — Quem são esses que o acompanham?

Arutha fez as apresentações e Calin os cumprimentou.

— Sejam bem-vindos a Elvandar.

— O que são gwali? — perguntou Roald.

— São esses seres aqui e essa é a melhor resposta que posso dar — Calin disse. — Já viveram conosco em outros tempos, embora esta seja a primeira visita que nos fazem nesta geração. É um povo simples, sem malícia. São tímidos e evitam estranhos. Correm quando sentem medo, a menos que fiquem encurralados, e, nesse caso, fingem atacar. Não se deixem enganar por aqueles grandes dentes; servem apenas para partir nozes duras e carapaças de insetos. — Virou-se para Apalla. — Por que tentaram assustar esses homens?

O gwali começou a saltar para cima e para baixo em grande excitação.

— Powula ter gwali pequeno. — Sorriu. — Não se mexer. Nós ter medo que homens fazer mal a Powula e gwali pequeno.

— Eles são bastante cuidadosos com suas crias — explicou Calin, compreensivo. — Se tivessem realmente machucado Powula e o bebê, teriam arriscado um ataque. Por outro lado, se não houvesse ocorrido um parto, vocês nunca os teriam visto. — Dirigiu-se novamente a Apalla: — Está tudo bem. Esses homens são amigos. Não irão fazer mal a Powula e a seu bebê.

Ao ouvirem essas palavras, os outros gwali jorraram, vindos das árvores protetoras, e começaram a examinar os estranhos com evidente curiosidade. Puxaram as roupas dos cavaleiros, bem diferentes das túnicas verdes e calças castanhas que os elfos vestiam. Arutha suportou a inspeção por um minuto e depois disse:

— Devíamos ir logo para a corte de sua mãe, Calin. Caso seus amigos já tenham terminado.

— Por favor — disse Jimmy, torcendo o nariz enquanto afastava um gwali pendurado em um galho perto dele. — Eles não tomam banho?

— Infelizmente, não tomam — respondeu Calin, e acrescentou,

dirigindo-se aos gwali: — Já chega, temos de partir. — Os gwali aceitaram a ordem de bom grado e depressa desapareceram entre as árvores, à exceção de Apalla, que parecia mais curioso que os demais. — São capazes de ficar nisso o dia todo se deixarmos, mas não se importam quando os mandamos embora. Venham. — E para Apalla acrescentou: — Vamos para Elvandar. Cuidem da Powula. Venham sempre que quiserem.

O gwali sorriu e acenou vigorosamente com a cabeça, para depois partir correndo atrás de seus irmãos. De um momento para outro, não restava mais nenhum vestígio da existência dos gwali no raio de muitos quilômetros.

Calin aguardou até Martin e Arutha voltarem a montar.

— Estamos apenas a meio dia de viagem de Elvandar. — Ele e os demais elfos deram início à corrida pela floresta. À exceção de Martin, os cavaleiros ficaram admirados com a velocidade alcançada pelos elfos. Embora não fosse esgotante para as montarias, para um batedor humano seria praticamente impossível manter aquele ritmo ao longo de meio dia.

Passado pouco tempo, Arutha colocou-se ao lado de Calin, que avançava a passos largos em ritmo descontraído.

— De onde vieram aquelas criaturas?

— Ninguém sabe, Arutha — Calin gritou. — São um povo engraçado. São originários de algum lugar ao norte, talvez de algum ponto além das grandes montanhas. Aparecem, ficam uma ou duas estações, depois voltam a desaparecer. Por vezes os chamamos de fantasminhas do bosque. Nem nossos batedores conseguem segui-los quando partem. Já fazia quase cinquenta anos desde que fizeram sua última visita e duzentos desde a penúltima. — Calin respirava sem dificuldades enquanto corria com passadas longas e fluidas.

— Como está Tomas? — perguntou Martin.

— O Príncipe Consorte está bem.

— E a criança?

— Está bem. É uma criança saudável e bonita, embora seja diferente, de certo modo. Sua herança é… única.

— E a Rainha?

— A maternidade lhe faz bem — respondeu seu filho mais velho, sorrindo.

Não voltaram a se falar, pois Arutha tinha dificuldades em prosseguir a conversa enquanto transpunha as árvores, o que não acontecia com Calin. Velozes, percorreram a floresta, a cada minuto mais próximos de Elvandar e

das esperanças concretizadas… ou das esperanças desfeitas.

A viagem depressa chegou ao fim. Seguiam pela floresta densa e, de repente, entraram em uma ampla clareira. Foi a primeira vez que qualquer um deles, além de Martin, contemplou Elvandar.

Árvores gigantescas das mais variadas cores erguiam-se muito acima da floresta ao redor. À luz da tarde, as folhas mais altas pareciam envoltas em chamas coloridas onde os raios de sol dourados as tocavam. Mesmo a distância, era possível ver silhuetas percorrerem caminhos que ligavam troncos, bem no alto. Várias daquelas árvores gigantescas só existiam ali, exibindo ofuscantes folhas prateadas, douradas ou até brancas. À medida que as sombras do dia se acentuavam, era perceptível que emitiam um brilho tênue. Nunca escurecia completamente em Elvandar.

Ao atravessarem a clareira, Arutha ouviu os comentários de seus companheiros pasmos.

— Se eu soubesse… — disse Roald. — Teriam de me amarrar para me impedir de vir também.

Laurie concordou:

— Sem dúvida compensa as semanas passadas na floresta.

— As histórias dos menestréis não lhe fazem justiça — foi a vez de Baru comentar.

Arutha aguardou o comentário de Jimmy, mas, não ouvindo nada do rapaz tagarela, olhou para trás. Jimmy seguia em silêncio, bebendo com os olhos o esplendor daquele lugar tão diferente de tudo o que já vira na vida. O garoto tão vivido encontrara, por fim, algo tão distinto de toda sua vivência que ficara verdadeiramente assombrado.

Chegaram ao limite exterior da cidade de árvores e, de todos os lados, ouviram os suaves sons de uma comunidade atarefada. De outro lado, aproximava-se um grupo de caça, carregando um veado enorme que foi levado para ser esquartejado. Uma área aberta fora das árvores fora separada para preparação das carcaças.

Atingiram as árvores e puxaram as rédeas dos cavalos. Calin instruiu os companheiros a tratarem dos animais e conduziu o séquito de Arutha por escadas circulares esculpidas no tronco do maior carvalho que o Príncipe e todos os demais já tinham visto em suas vidas. Ao alcançarem uma plataforma no alto, passaram por um grupo de artesãos de flechas trabalhando em sua arte. Um deles saudou Martin, que devolveu o cumprimento,

perguntando laconicamente se poderia abusar de sua generosidade. Com um sorriso, o artesão ofereceu a Martin um molho de flechas primorosamente trabalhadas, que o Duque colocou na aljava quase vazia. Agradeceu sucintamente no idioma élfico e todos continuaram a subir.

Calin os levou por mais uma escada íngreme até chegarem a outra plataforma.

— Deste ponto em diante — disse ele —, alguns de vocês podem achar difícil suportar a altura. Mantenham-se no meio dos caminhos e plataformas e não olhem para baixo, caso se sintam mal. Há humanos que não toleram bem as alturas. — As últimas palavras foram ditas como se lhe fosse difícil entender tal sensação.

Atravessaram a plataforma e subiram mais degraus, passando por outros elfos apressados cumprindo suas tarefas. Muitos estavam vestidos como Calin, em simples trajes dos bosques, enquanto outros trajavam vestes compridas e coloridas de finos tecidos, ou túnicas e calças de cores vivas. As mulheres eram todas belas, embora fosse uma beleza estranha e alheia aos humanos. Grande parte dos homens aparentava ser jovem, da mesma faixa etária de Calin. Mas, pelos conhecimentos de Martin, sabiam que tinham mais idade do que aparentavam. Alguns dos elfos que passavam correndo eram jovens de vinte ou trinta anos, enquanto outros, de idêntico aspecto, tinham vários séculos de idade. Embora parecesse mais novo do que Martin, Calin já ultrapassara os cem anos e ensinara a Martin a arte da caça quando o Duque era ainda um rapazinho.

Prosseguiram por uma passagem com quase seis metros de largura que se estendia ao longo de enormes galhos, até chegarem a um círculo de troncos. No meio das árvores, uma grande plataforma, com quase vinte metros de lado a lado, havia sido construída. Laurie chegou a pensar se, por acaso, alguma gota de chuva conseguiria passar ardilosamente através da espessa abóbada de galhos acima, caindo em uma testa real. Haviam chegado à corte da Rainha.

Atravessaram a plataforma até um estrado onde se erguiam dois tronos. No mais alto, estava sentada uma mulher da raça dos elfos cuja serenidade realçava sua beleza quase perfeita. O rosto, de sobrancelhas arqueadas e nariz delicadamente esculpido, era dominado por olhos azul-claros. O cabelo claro era ruivo, com mechas douradas, como o de Calin, o que lhe conferia um aspecto de quem está sob a luz do sol. Embora em sua cabeça não tivesse

uma coroa, e sim um simples círculo dourado que lhe segurava o cabelo, era impossível não reconhecer Aglaranna, a Rainha dos Elfos.

No trono à sua esquerda estava sentado um homem de aspecto imponente, com uns cinco centímetros de altura a mais do que Martin. Tinha o cabelo ruivo-alourado e, ainda que seu rosto fosse jovem, trazia também um aspecto atemporal. Sorriu ao avistar o grupo que se aproximava, o que lhe conferiu um ar ainda mais jovem. Seu rosto assemelhava-se ao dos elfos, com uma diferença: seus olhos eram acinzentados e suas sobrancelhas não formavam um arco tão acentuado. Seu rosto não era tão magro, já que tinha um queixo forte e quadrado. Suas orelhas, visíveis graças ao anel de ouro que lhe prendia o cabelo atrás da cabeça, eram ligeiramente pontiagudas, embora a curva ascendente não fosse tão acentuada como a dos elfos. Além disso, seu peito e os ombros eram muito mais largos do que os de qualquer membro da raça dos elfos.

Calin fez uma reverência aos dois.

— Mãe e Rainha, Príncipe e Comandante Militar, nossas visitas nos honram.

Os soberanos de Elvandar se levantaram e avançaram para cumprimentar os visitantes. Martin foi recebido com afeto pela Rainha e por Tomas, enquanto com os demais mostravam cortesia e cordialidade.

— Vossa Alteza, bem-vindo seja — disse Tomas a Arutha.

— Agradeço a Vossa Majestade e a Vossa Alteza — respondeu o Príncipe de Krondor.

Ao redor da corte, estavam outros elfos sentados. Arutha reconheceu o conselheiro Tathar, que visitara Crydee anos antes. Rapidamente foram feitas as apresentações. A Rainha convidou-os a se levantarem e os conduziu a uma área de recepções junto à corte, onde sentaram-se todos de modo informal. Foram trazidas bebidas e comida e Aglaranna disse:

— Muito nos satisfaz rever velhos amigos — acenou com a cabeça a Martin e Arutha — e receber novos — indicou os demais. — Porém raras são as vezes que os homens nos visitam sem uma razão. Qual é o motivo de sua visita, Príncipe de Krondor?

Durante a refeição, Arutha contou-lhes o que lhe acontecera. Do início ao fim, os elfos ouviram atentamente. Quando Arutha terminou, a Rainha se manifestou:

— Tathar?

O conselheiro idoso fez um aceno com a cabeça.

— A Busca Sem Esperanças.

— Quer dizer que não sabe nada sobre o Espinho de Prata? — Arutha perguntou.

— Não — respondeu a Rainha. — A Busca Sem Esperanças é uma lenda de nosso povo. Sabemos qual é a planta *aelebera*. Conhecemos suas propriedades. É isso que nos conta a Lenda da Busca Sem Esperanças. Tathar, você pode explicar a eles?

O velho elfo, o primeiro que Jimmy e os outros viam com sinais de envelhecimento — rugas tênues ao redor dos olhos e cabelo tão claro que raiava o branco —, disse:

— Segundo as lendas de nosso povo, havia um Príncipe de Elvandar que estava noivo. Sua amada fora cortejada por um guerreiro moredhel, que ela desdenhou. Irado, o moredhel envenenou-a com uma bebida destilada da *aelebera* e ela caiu em um sono mortal. Assim, o Príncipe de Elvandar iniciou a Busca Sem Esperanças, procurando algo que servisse de antídoto aos efeitos da *aelebera*, o Espinho de Prata. O poder dessa planta é tão grande que pode curar da mesma forma que pode matar. Contudo, a *aelebera* cresce somente em um lugar, Moraelin; em seu idioma: o Lago Negro. É um lugar poderoso, sagrado para os moredhel, um lugar onde nenhum elfo pode ir. Diz a lenda que o Príncipe de Elvandar caminhou às margens do Moraelin, dando tantas voltas até escavar um fosso ao redor, pois ele não podia entrar no lago, tampouco queria sair até encontrar a planta que salvaria sua amada. Segundo a lenda, ele continua lá.

— Mas eu não sou elfo — disse Arutha. — Eu vou a Moraelin se me indicarem o caminho.

Tomas olhou ao redor da assembleia.

— Colocaremos você no caminho para Moraelin, Arutha — disse —, mas só depois de ter repousado e recebido conselhos. Agora vamos indicar onde poderão restabelecer suas forças e descansar até a refeição da noite.

A reunião terminou e os elfos começaram a se dispersar, deixando Calin, Tomas e a Rainha com o grupo de Arutha.

— E seu filho? — Martin perguntou.

Com um sorriso de orelha a orelha, Tomas fez sinal para que o seguissem. Levou-os por uma passagem coberta por galhos que dava para um quarto, cuja abóbada era formada por um olmo gigantesco, onde um bebê

dormia em um berço. Aparentava ter menos de seis meses. Dormia profundamente, sonhando, com os dedinhos ligeiramente dobrados. Martin observou a criança e entendeu quando Calin dissera que sua herança era única. A criança tinha um aspecto mais humano do que elfo, pois as orelhas não eram mais do que suavemente pontiagudas e possuíam lóbulos, uma característica humana inexistente nos elfos. O rosto redondo lembrava o de um bebê bochechudo, embora revelasse uma peculiaridade, algo que transmitia a Martin que aquela criança saía mais ao pai do que à mãe. Aglaranna estendeu a mão e tocou-o delicadamente.

— Que nome lhe deram? — Martin perguntou.

Em voz baixa, a Rainha respondeu:

— Calis. — Martin acenou com a cabeça, num gesto de entendimento. No idioma dos elfos, significava "criança do verde", que era uma referência à vida e ao crescimento. Era um nome auspicioso.

Deixando o bebê, Martin e os outros foram levados pela cidade das árvores de Elvandar, onde encontraram tinas para tomarem banho e catres para dormir. Depressa se lavaram e todos adormeceram, menos Arutha, cuja mente vagava da imagem de Anita adormecida para uma planta prateada crescendo às margens de um lago negro.

Sozinho, Martin desfrutava da primeira visita a Elvandar no último ano. Mais do que qualquer outro lugar, até mesmo do que o castelo de Crydee, aquela era sua casa, pois quando criança ali brincara e fora igual às crianças elfos.

Passos delicados de um elfo o fizeram se voltar.

— Galain! — exclamou, feliz por ver o jovem elfo, primo de Calin. Ele era o amigo mais antigo de Martin. Abraçaram-se e Martin disse: — Esperava vê-lo mais cedo.

— Acabei de voltar das patrulhas na orla norte da floresta. Coisas estranhas têm acontecido naquele lado. Ouvi dizer que podem trazer alguma luz sobre o que possa estar acontecendo.

— Talvez uma pequena chama de vela, apenas — disse Martin. — Algo maléfico está agindo, disso não há dúvidas.

Então contou tudo a Galain, que comentou:

— Que atos pavorosos, Martin. — Ele parecia genuinamente inconformado quando soube do estado de Anita. — E seu irmão? — A

pergunta, feita da forma élfica, carregava uma variedade de gradações na entonação, e cada uma dizia respeito a um aspecto diferente das provações de Arutha.

— Sabe-se lá como, ele se mantém firme. Às vezes, consegue afastar tudo da cabeça; outras vezes, é quase destruído por esses pensamentos. Não sei como consegue evitar a loucura. Ele a ama profundamente. — Martin abanou a cabeça.

— Você nunca se casou, Martin. Por quê?

Martin balançou a cabeça novamente.

— Nunca a conheci.

— Você parece triste.

— Às vezes, Arutha pode ser um homem difícil, mas é meu irmão. Lembro-me de quando ele ainda era criança. Até naquela época era difícil se aproximar dele. Talvez a morte da mãe, quando ainda era tão pequeno, tenha contribuído para isso. Ele mantinha todos a distância. Apesar de parecer duro, apesar de ser obstinado, ele se magoa fácil.

— Vocês são muito parecidos.

— De fato — concordou Martin.

Galain ficou em silêncio ao lado de Martin durante algum tempo, até acrescentar:

— Vamos ajudar em tudo o que pudermos.

— Temos de ir a Moraelin.

O jovem elfo estremeceu, uma reação incomum até para alguém tão inexperiente.

— Esse lugar é maléfico, Martin. Chama-se Lago Negro por motivos que nada têm a ver com a coloração de suas águas. É um poço de loucura. Os moredhel vão para lá para terem sonhos de poder. Fica na Senda das Trevas.

— Esse lugar pertencia aos valheru? — Galain assentiu. — Tomas? — Uma vez mais, a pergunta carregava uma variedade de significados. Galain era particularmente chegado a Tomas, tendo-o seguido durante a Guerra do Portal.

— Não o acompanhará. Ele tem um filho pequeno. Calis só ficará assim tão pequeno por um curto período, somente por alguns anos. Um pai deve passar esse tempo com seu filho. Além disso, não podemos nos esquecer dos riscos. — Não era preciso acrescentar mais nada, pois Martin entendia perfeitamente. Assistira à noite em que Tomas quase sucumbira ao espírito

enlouquecido do valheru dentro dele. Aquilo quase custara a vida a Martin. Ainda teria de passar algum tempo até Tomas se sentir seguro a ponto de desafiar seu próprio legado, despertando novamente aquele terror que vivia em seu âmago. Além disso, ele só correria o risco de entrar em um lugar poderoso dos valheru quando achasse que a força das circunstâncias justificasse.

Martin sorriu, enigmático.

— Assim sendo, iremos sozinhos, nós, os humanos de escassos talentos.

Galain devolveu o sorriso.

— Você é capaz de muita coisa, portanto, duvido que seus talentos sejam escassos. — O sorriso se dissipou. — Ainda assim, antes de partirem seria importante que pedissem conselhos aos Tecedores de Feitiços. Em Moraelin há muito poder obscuro e a magia muitas vezes leva a melhor sobre a força e a coragem.

— Assim faremos. Em breve — disse Martin, virando-se ao ver um elfo se aproximar, seguido por Arutha e pelo restante do grupo. — Talvez seja agora mesmo. Você vem?

— Não pertenço ao círculo de anciãos. Além disso, estou há um dia sem comer. Vou descansar. Se precisar, pode vir falar comigo.

— Assim farei.

Martin correu para se juntar a Arutha. Seguiram o elfo, que conduziu os humanos de volta ao conselho. Quando estavam todos sentados diante de Aglaranna e de Tomas, a Rainha disse:

— Tathar, fale pelos Tecedores de Feitiços; dê os conselhos que tem para o Príncipe Arutha.

Tathar entrou no centro do círculo da corte e falou:

— Tem havido estranhos acontecimentos ao longo de vários ciclos da lua média. Esperávamos movimentações dos moredhel e dos goblins para o sul, de volta às suas casas, de onde foram expulsos durante a Guerra do Portal, mas isso não aconteceu. Nossos batedores do norte detectaram muitos bandos de goblins dirigindo-se às Terras do Norte através da Grande Cordilheira Setentrional. Os batedores moredhel têm se aproximado de nossas fronteiras de modo incomum. Os gwali voltaram a nós, afirmando que não gostam mais do lugar onde viviam. Às vezes, é difícil entendê-los, mas sabemos que vieram do norte. O que nos relatou, Príncipe Arutha, nos causa uma grande preocupação. Em primeiro lugar, porque partilha conosco sua dor. Em

segundo lugar, porque as manifestações que nos relatou são prova de um poder de grande maldade e de grande alcance, com lacaios por todos os lados. Preocupa-nos, sobretudo, devido à nossa própria história antiga. Muito antes de expulsarmos os moredhel de nossas florestas, por terem enveredado pela Senda do Poder das Trevas, o povo elfo era um só. Aqueles de nós que viviam nas florestas estavam distantes de nossos amos, os valheru, e por isso sentiam-se menos atraídos pelo êxtase dos sonhos de poder. Os que viviam ao lado de nossos amos foram seduzidos por esses sonhos e tornaram-se moredhel. — Ele olhou para a Rainha e para Tomas, que fizeram um aceno com a cabeça. — Do que pouco se fala é da causa de nossa separação dos moredhel, que outrora compartilhavam nosso sangue. Nunca antes se contou tudo a um humano. Na era obscura das Guerras do Caos, ocorreram muitas mudanças na terra. Do povo elfo surgiram quatro grupos. — Martin inclinou-se para a frente, pois, embora fossem grandes os seus conhecimentos sobre os elfos, mais do que os de qualquer outro homem vivo, tudo aquilo era novidade para ele. Até então, sempre acreditara que somente os moredhel e os elfos constituíam a espécie élfica. — Os mais poderosos e sábios, incluindo os maiores Tecedores de Feitiços e eruditos, eram os eldar. Eram eles os vigilantes de tudo o que seus amos pilhavam por todo o cosmos: obras arcanas, conhecimento místico, artefatos e riquezas. Foram eles que começaram a conceber o que hoje é Elvandar, conferindo-lhe sua aparência mágica. Desapareceram durante as Guerras do Caos, pois se encontravam entre os primeiros servos de nossos amos, e acredita-se que estavam de tal forma próximos a eles que com eles pereceram. Quanto aos elfos e à Irmandade da Senda das Trevas, os eledhel e os moredhel em nosso idioma, vocês já sabem um pouco. Porém, existem ainda outros parentes nossos, os glamredhel, termo que significa “os caóticos” ou “os loucos”. Estes sofreram mudanças com as Guerras do Caos, tornando-se uma nação de guerreiros loucos e selvagens. Durante algum tempo, elfos e moredhel permaneceram unidos, e ambos eram atacados pelos loucos. Mesmo depois de terem sido expulsos de Elvandar, os moredhel permaneceram inimigos jurados dos glamredhel. Não falamos muito dessa época, pois vocês têm de lembrar que, embora falemos de eledhel, moredhel e glamredhel, a espécie dos elfos é uma só raça, até nos dias de hoje. Simplesmente alguns membros de nosso povo optaram por um caminho de vida mais sombrio.

Martin estava espantado. Pelo conhecimento que tinha da cultura dos

elfos, sempre considerara, tal como os outros humanos, que os moredhel eram uma raça à parte, parentes dos elfos, mas, de certa forma, diferentes. Percebia agora a razão pela qual os elfos se mostravam reticentes quando se tratava de discutir sua relação com eles. Viam-nos como uma parte de seu próprio povo. Um segundo bastou para Martin entender. Os elfos lamentavam a perda de seus irmãos seduzidos pela Senda das Trevas.

— Nossos antigos sábios nos contam sobre os tempos em que foi travada a última grande batalha do norte — Tathar prosseguiu —, quando os exércitos dos moredhel e de seus servos goblins esmagaram, por fim, os glamredhel. Em uma fúria insana, os moredhel massacraram nossos primos loucos em uma terrível guerra genocida. Até a menor criança, os glamredhel foram supostamente chacinados, ou então voltariam a se erguer e desafiar a supremacia dos moredhel. É a única e mais negra vergonha na memória de nossa raça: o fato de uma parte de nosso povo ter destruído outra por completo. Contudo, estou chegando ao ponto que lhes interessa: no âmago da hoste moredhel existia uma companhia chamada os Exterminadores Negros, guerreiros que renunciaram à sua mortalidade para se tornarem monstros com um único propósito: matar para aquele a quem serviam. Depois de mortos, os Exterminadores Negros voltavam a se erguer para cumprir as ordens de seu amo. Uma vez ressuscitados, só poderiam ser detidos com magia, com a destruição completa do corpo ou se lhes arrancassem o coração. Aqueles que os enfrentaram na estrada para Sarth eram Exterminadores Negros, Príncipe Arutha. Antes da batalha da extinção, os moredhel já tinham descido bem fundo na Senda das Trevas, mas algo aconteceu e os levou a essas novas profundezas de horror, isto é, aos Exterminadores e ao genocídio. Tornaram-se instrumentos de um monstro insano, um líder que se esforçava para se igualar aos desaparecidos valheru, tentando subjugar o mundo inteiro. Foi ele que reuniu os moredhel sob seu estandarte e deu origem à abominação dos Exterminadores. Porém, nessa derradeira batalha, foi mortalmente ferido e, com sua morte, os moredhel deixaram de constituir uma nação. Os comandantes se reuniram, procurando escolher um sucessor, mas depressa se desentenderam, tornando-se um povo parecido com os goblins: tribos, clãs, famílias, incapazes de se unir sob uma única liderança durante muito tempo. O cerco à Fortaleza de Carse, há cinquenta anos, não passou de uma pequena batalha em comparação com o poder que os moredhel tinham conseguido reunir sob o comando daquele líder. No entanto, com seu falecimento,

chegou ao fim uma era de poder moredhel, pois ele era diferente, um ser carismático e hipnótico, dotado de inusitadas capacidades, capaz de unir os moredhel em uma nação. Seu nome era Murmandamus.

— Será possível que tenha retornado? — perguntou Arutha.

— Tudo é possível, Príncipe Arutha, ou assim parece a alguém que viveu tanto quanto eu — respondeu Tathar. — Pode até ser que seja alguém que procure unir os moredhel invocando esse nome antiquíssimo, reunindo-os sob um único estandarte. Depois, temos também de considerar a questão do sacerdote serpente. Os pantathianos são de tal forma desprezados que, normalmente, até os moredhel os chacinam quando os encontram. No entanto, o fato de um deles ser servo desse Murmandamus sugere alianças ocultas. Isso nos adverte de que talvez estejamos diante de forças maiores do que poderíamos imaginar. Se as nações do norte estão se erguendo, teremos todos de voltar a enfrentar dificuldades que poderão rivalizar, no que diz respeito ao perigo para nossos povos, com aquela que passamos devido aos seres do outro mundo.

Baru levantou-se, como era habitual no povo hadati, indicando que desejava falar. Tathar inclinou a cabeça na direção dele, que disse:

— Sobre os moredhel, meu povo pouco conhece; só sabemos que os Irmãos das Trevas são inimigos de nossa raça. Mas isto posso acrescentar: Murad é considerado um grande chefe militar, talvez o maior nos dias de hoje, um chefe militar que pode comandar centenas de guerreiros. O fato de servir ao lado dos Exterminadores Negros atesta o poder de Murmandamus. Murad só serviria a alguém que temesse. E quem quer que possa meter medo em Murad é alguém que devemos inquestionavelmente temer.

— Como eu disse aos ishapianos — retomou Arutha —, há muita especulação sobre tudo isso. Minha preocupação deve centrar-se na busca pelo Espinho de Prata. — No entanto, no momento em que pronunciou essas palavras, Arutha soube que não foi sincero. Eram muitos os indícios de que a ameaça vinda do norte era real. Não se tratava de uma série de ataques de goblins a fazendas do norte. Tratava-se de uma potencial invasão que suplantava a invasão tsurani. Diante de tudo aquilo, sua recusa em considerar todos os fatos que não diziam respeito a uma cura para Anita mostrava no que tudo se tornara: uma obsessão.

— Ambas podem ser uma e a mesma coisa, Vossa Alteza — sugeriu Aglaranna. — O que parece estar acontecendo é o desejo de um louco de

reunir os moredhel, bem como seus servos e aliados, sob seu domínio. Para fazê-lo, tem de conseguir que uma profecia se realize. Tem de aniquilar a Ruína das Trevas. E o que ele conseguiu? Ele o forçou ir para um local onde certamente o encontrará.

Jimmy sentou-se ereto, com os olhos esbugalhados.

— Está à sua espera! — disse bruscamente, ignorando o protocolo. — Ele está nesse Lago Negro!

Laurie e Roald colocaram as mãos nos ombros do rapaz para o tranquilizarem. Jimmy recostou-se, com um ar constrangido.

— Pela boca da juventude… — Tathar retomou: — Eu e os demais ponderamos e, para nós, é exatamente isso que está acontecendo, Príncipe Arutha. Desde que lhe foi oferecido o talismã ishapiano, Murmandamus teve de inventar outra forma de encontrá-lo ou se arriscaria a dissolver a aliança que formou. Em um aspecto, os moredhel são um povo idêntico aos outros: precisam cultivar a terra e criar gado. Caso Murmandamus tarde na concretização da profecia, é possível que o abandonem, salvo aqueles que fizeram juramentos secretos, como os Exterminadores Negros. Seus agentes já devem tê-lo avisado de que partiu de Sarth e, a esta altura, os espiões em Krondor já devem tê-lo informado de que se encontra em uma busca pela cura de sua Princesa. Sim, certamente ele já sabe que procura o Espinho de Prata, e ele, ou um de seus comandantes, como é Murad, está à sua espera em Moraelin.

Arutha e Martin olharam um para o outro. Martin encolheu os ombros.

— Nunca esperamos que fosse fácil.

Arutha contemplou a Rainha, Tomas e Tathar.

— Agradeço sua sensatez. Mas, ainda assim, iremos a Moraelin.

Arutha levantou a cabeça quando Martin parou perto dele.

— Matutando? — perguntou o irmão mais velho.

— Estou só… ponderando algumas coisas, Martin.

Martin sentou-se ao lado de Arutha, na beira de uma plataforma ao lado dos aposentos que lhes foram destinados. À noite, Elvandar emitia um brilho tênue, uma luminescência que mantinha a cidade dos elfos sob um suave manto mágico.

— E que coisas são essas?

— Que talvez tenha deixado minha preocupação com Anita interferir em

meu dever.

— Ainda tem dúvida? — disse Martin. — Afinal, você está abrindo seu coração. Escute, Arutha: desde o início, tenho dúvidas sobre esta jornada, mas, se permitir que a dúvida o detenha, nada se concretizará. Você tem somente de recorrer ao seu discernimento e agir.

— E se eu me enganar?

— Será o que tiver de ser.

Arutha baixou a cabeça até encostá-la em um corrimão de madeira.

— O problema tem a ver com o que está em jogo. Quando eu era pequeno, se estivesse errado, perdia em uma brincadeira. Agora, posso perder uma nação inteira.

— Talvez, mas isso não muda a necessidade de ter de tomar a melhor decisão possível e agir.

— A situação está ficando fora de controle. Será que não seria melhor voltar a Yabon e ordenar ao exército de Vandros que entre nas montanhas?

— Talvez desse resultado. Porém há lugares aonde seis homens podem ir, mas não um exército.

Arutha deu um sorriso forçado.

— Não muitos.

Martin devolveu o sorriso, numa réplica quase perfeita.

— É verdade, mas ainda há um ou dois. Pelo que Galain disse sobre Moraelin, a dissimulação e a astúcia serão mais importantes do que a força. O que aconteceria se ordenasse ao exército de Vandros que marchasse até lá e, então, percebessem que Moraelin fica na outra ponta de uma adorável estrada como a que leva à abadia em Sarth? Você se esqueceu daquele lugar que Gardan achou que poderia ser defendido por meia dúzia de velhas com vassouras? Pois eu garanto que Murmandamus tem mais do que meia dúzia de velhas lá. Mesmo que fosse possível combater e vencer as hostes de Murmandamus, você conseguiria ordenar a um soldado que desse sua vida para que Anita pudesse viver? Não. Você e esse tal de Murmandamus estão jogando um jogo e, embora as apostas sejam elevadíssimas, não deixa de ser um jogo. Desde que Murmandamus acredite que pode atraí-lo a Moraelin, continuamos a ter uma chance de entrar escondidos e de conseguir trazer o Espinho de Prata.

Arutha olhou para o irmão.

— Temos? — perguntou, certo da resposta.

— Claro que sim. Desde que não acionemos a armadilha, ela continuará aberta. É essa a natureza das armadilhas. Se não souberem que já estamos lá dentro, é possível que consigamos sair. — Calou-se um momento, olhando para o norte, para depois prosseguir: — É tão perto. Fica ali no cume daquelas montanhas, a uma semana de viagem, não mais que isso. É tão perto. — Riu para Arutha. — Seria uma pena chegarmos tão perto e desistirmos.

— Você é louco — disse Arutha.

— Talvez seja — retorquiu Martin. — Mas pense bem; estamos tão perto.

Arutha teve de rir.

— Muito bem. Partimos amanhã.

Seis cavaleiros partiram na manhã seguinte, com a bênção da Rainha dos Elfos e de Tomas. Calin, Galain e dois outros elfos os acompanharam correndo. Quando a corte da Rainha já estava sumindo de vista, um gwali apareceu balançando-se nas árvores e gritou:

— Calin!

O Príncipe dos Elfos fez sinal para que parassem e o gwali deixou-se cair dos galhos e sorriu para o grupo.

— Onde homens ir com Calin?

— Apalla, vamos levá-los até a estrada do norte. Depois, eles vão seguir para Moraelin.

O gwali ficou agitado e balançou a cabeça peluda.

— Não ir, homens. Lugar mau. O Pequeno Olnoli ser comido lá por coisa má.

— Que coisa má? — perguntou Calin, mas o gwali assustado fugiu guinchando antes de lhe dar uma resposta.

— Não há nada melhor do que uma despedida alegre — comentou Jimmy.

— Galain, volte para procurar Apalla e veja se consegue extrair algum sentido do que ele diz — ordenou Calin.

— Vou descobrir o que ele quis dizer e depois sigo — concordou Galain, e, acenando para os viajantes, foi atrás do gwali. Arutha fez sinal para que prosseguissem.

Ao longo de três dias, os elfos os guiaram até a orla de suas florestas,

junto ao sopé da Grande Cordilheira Setentrional. Até que, ao meio-dia do quarto dia, chegaram a um pequeno riacho e, na outra margem, viram uma trilha seguir pelo bosque em direção ao desfiladeiro.

— É aqui o limite de nossos domínios — informou Calin.

— E sobre Galain, o que me diz? — Martin perguntou.

— Pode ser que não tenha conseguido descobrir algo de grande valor ou pode ter levado um ou dois dias para encontrar Apalla. Os gwali podem ser difíceis de encontrar, se assim decidirem. Se Galain cruzar conosco, o enviaremos atrás de vocês. Ele irá alcançá-los, desde que não tenham penetrado ainda nas entranhas de Moraelin.

— Onde fica isso? — questionou Arutha.

— Sigam essa trilha durante dois dias até chegarem a um pequeno vale. Atravessem-no e, na encosta norte, vocês vão ver uma queda d'água. Ali há uma trilha que sobe e lá em cima, no planalto, estarão perto do topo das cataratas. Sigam rio acima até chegarem à nascente, onde encontrarão novamente uma trilha que sobe para o norte. É o único caminho para Moraelin. Lá encontrarão um desfiladeiro que serpenteia ao redor do lago, formando um círculo completo. Diz a lenda que é o caminho feito pelo desolado Príncipe dos Elfos, que gastou o chão ao redor do lago. O caminho se chama Pegadas do Desesperado. Só existe uma forma de chegar a Moraelin, que é passando por uma ponte construída pelos moredhel. Quando atravessarem a ponte acima das Pegadas do Desesperado, estarão em Moraelin. Lá, encontrarão o Espinho de Prata. É uma planta com folhas ligeiramente prateadas e verdes de três lóbulos, com uma fruta que parece uma baga vermelha de azevinho. Irão reconhecê-la, pois seu nome a descreve bem: os espinhos são prateados. Apanhem, pelo menos, um punhado de bagas. Crescem às margem do lago. Agora, vão, e que os deuses os protejam.

Depois de uma breve despedida, os seis cavaleiros partiram, com Martin e Baru na dianteira, seguidos por Arutha, Laurie, Jimmy e Roald à retaguarda. Ao virarem uma curva, Jimmy olhou para trás, até deixar de ver os elfos. Virou-se para a frente, ciente de que estavam por sua própria conta e risco, sem aliados nem refúgio. Orou a Banath em silêncio e respirou fundo.

15

Regresso

Pug tinha os olhos postos no fogo.

O pequeno braseiro do gabinete lançava um padrão de luzes bruxuleantes nas paredes e no teto. Ele passou a mão pelo rosto, sentindo a exaustão em toda a estrutura de seu ser. Estivera trabalhando desde a visão de Rogen, dormindo e comendo somente quando Katala o forçava a se afastar dos estudos. Naquele momento, fechava com cuidado um dos muitos livros de Macros; já fazia uma semana que os lia exaustivamente. Desde que fora confrontado com as impossibilidades da visão de Rogen, procurara todos os fragmentos de informação ao seu alcance. Somente outro mago em Midkemia tivera conhecimentos relacionados com o mundo de Kelewan, e essa pessoa fora Macros, o Negro. O que quer que fosse aquela presença maléfica na visão, ela falara em um idioma que talvez só fosse reconhecido por umas cinco mil pessoas em Midkemia, se chegasse a tanto: Pug, Katala, Laurie, Kasumi e a sua guarnição tsurani em LaMut e algumas centenas de ex-prisioneiros espalhados pela Costa Extrema. De todos, somente Pug conseguia entender totalmente as palavras proferidas na visão de Gamina, pois se tratava de um dialeto remoto, um antepassado extinto do idioma tsurani do presente. Pug procurava em vão na biblioteca de Macros a menor alusão que fosse, na tentativa de descobrir o que era aquela presença obscura.

Das centenas de volumes que Macros legara a Pug e a Kulgan, só um terço já tinha sido catalogado. Macros, por meio de seu servo Gathis, uma

criatura semelhante aos goblins, providenciara uma lista com todos os títulos. Às vezes, a lista se revelava muito útil, pois a obra era reconhecida somente pelo título. Em outros casos, era inútil até a leitura do livro. Eram setenta e duas as obras com o título *Magia*, além de uma dúzia de outras ocorrências de vários livros com a mesma denominação. Em busca de possíveis pistas quanto à natureza daquilo que enfrentavam, Pug fechara-se com as obras remanescentes e começara a passar os olhos em todas na esperança de achar alguma informação útil. Sentado, com o livro nos joelhos, tinha uma certeza crescente sobre o que deveria fazer.

Pug colocou o livro com delicadeza na escrivaninha e saiu do gabinete. Desceu as escadas até o corredor que ligava todos os cômodos que já eram utilizados no edifício da Academia. As obras no prédio mais alto, ao lado da torre, que abrigava as salas de trabalho, foram interrompidas por causa da chuva que caía em Doca da Estrela. Uma rajada fria soprou por uma fenda na parede e Pug ajeitou o manto negro ao redor de si ao entrar no salão de refeições que, no momento, era usado como sala de estar.

Katala olhou de onde estava sentada bordando, ao lado da lareira, em uma das cadeiras confortáveis que ocupavam metade do espaço comum. O Irmão Dominic e Kulgan estavam conversando, e o mago corpulento fumava seu onipresente cachimbo. Kasumi observava William e Gamina jogarem xadrez em um canto, seus pequenos rostos concentrados no exercício de suas recém-adquiridas habilidades no jogo. William fora um aluno desinteressado do xadrez até a garota mostrar interesse. Ser derrotado por ela parecia revelar seu espírito competitivo, até então limitado às brincadeiras com bolas. Pug pensou consigo que, quando o tempo permitisse, teria de investigar os dons daquelas crianças com mais atenção. Se o tempo permitisse…

Meecham entrou com um jarro de vinho e ofereceu um cálice a Pug, que agradeceu, sentando-se ao lado da esposa.

— O jantar ainda demorará uma hora — disse Katala. — Achei que teria de buscá-lo à força.

— Terminei o trabalho que fazia e decidi relaxar um pouco antes do jantar.

— Ainda bem. Você se esforça demais, Pug. No ensino, na supervisão da construção deste edifício monstruoso e, agora, fica fechado no gabinete e passa pouco tempo conosco.

Pug sorriu.

— Está me dando bronca?

— É uma das regalias conjugais — disse ela, devolvendo o sorriso. Katala não costumava brigar com ele. Qualquer descontentamento que sentisse era expressado com franqueza e rapidamente era resolvido, fosse porque um dos dois cedia, fosse porque um aceitava a opinião do outro.

Pug olhou ao redor.

— Onde está Gardan?

— Bah! Está vendo? — Kulgan respondeu. — Se não ficasse tanto tempo trancado na sua torre, teria lembrado que ele partiu hoje para Shamata para poder enviar missivas a Lyam pelo mensageiro militar. Volta daqui a uma semana.

— Foi sozinho?

Kulgan recostou-se na cadeira.

— Fiz uma leitura do futuro. A chuva irá durar três dias. Muitos dos trabalhadores voltaram às suas casas para uma visita curta em vez de ficarem nos alojamentos improvisados durante estes três dias. Gardan os acompanhou. O que você andou vasculhando na torre nesses últimos dias? Há quase uma semana que não profere uma palavra cortês.

Pug olhou para todos os que se encontravam presentes na sala com ele. Katala parecia absorta em seus bordados, mas ele sabia que ela escutava atentamente, à espera de sua resposta. As crianças estavam absortas no jogo. Kulgan e Dominic o olhavam com ar evidentemente interessado.

— Tenho lido as obras de Macros, na esperança de descobrir alguma coisa que nos dê uma pista. Quero saber qual atitude devemos tomar. E você?

— Eu e o Dominic temos ido ouvir o conselho de outros na aldeia. Conseguimos chegar a algumas conclusões.

— Quais?

— Agora que Rogen está recuperado e conseguiu nos contar com detalhes o que viu em sua visão, alguns de nossos jovens mais talentosos têm se dedicado ao problema. — Pug percebeu que havia uma mistura de diversão e orgulho nas palavras do mago mais velho. — O que quer que esteja por aí querendo prejudicar o Reino, ou Midkemia, tem suas próprias limitações. Suponhamos, por um momento, que se trate, tal como você teme, de algum ser maléfico que conseguiu passar de Kelewan pela fenda, sabe-se lá como, durante a Guerra do Portal. Seja como for, esse ser tem fraquezas, e teme se revelar totalmente.

— Pode explicar melhor, por favor? — pediu Pug, o cansaço vencido pelo interesse.

— Vamos partir do princípio de que essa entidade é originária do mundo de Kasumi, para não termos de procurar outras explicações exóticas para o uso que faz de um antiquíssimo dialeto tsurani. Contudo, ao contrário dos antigos aliados de Kasumi, ele não chegou para conquistar abertamente. Antes, procurou outros para usar como instrumentos. Vamos presumir que, de alguma forma, ele passou pelo portal, que está fechado há um ano, o que significa que está por aqui pelo menos desde aquela época, talvez já esteja aqui há onze anos, reunindo servos como os sacerdotes pantathianos. Em seguida, procurou estabelecer-se por meio de um moredhel, o "belo", como Rogen o descreveu. O que temos de temer efetivamente é a presença maléfica por trás desse belo moredhel e dos outros, pois aí reside o autor supremo desse assunto sanguinário. Ora, se tudo isso for verdade, ele procura manipular e recorrer a artimanhas em vez de usar força bruta. Por quê? Pode estar fraco demais para agir e por isso precisa recorrer a outros, ou aguarda o momento certo até ser capaz de revelar sua verdadeira natureza e se mostrar a todos.

— Tudo isso significa que continuamos precisando descobrir a identidade e natureza dessa entidade, desse poder.

— De fato. Também andamos especulando um pouco partindo do pressuposto de que o que enfrentamos não veio de Kelewan.

— Não perca tempo com isso, Kulgan — Pug interrompeu. — Temos de continuar com a suposição de que o que enfrentamos é *efetivamente* de Kelewan. Pois isso, pelo menos, nos aponta um caminho. Se Murmandamus não passar de um Rei Feiticeiro moredhel qualquer reclamando o que é seu e que, por acaso, fala um idioma tsurani há muito desaparecido, isso podemos enfrentar. Já uma invasão de um poder obscuro de Kelewan… é daí que temos de partir.

Kulgan suspirou sonoramente e voltou a acender o cachimbo apagado.

— Quem dera tivéssemos mais tempo e mais ideias sobre a forma de agir. Quem me dera termos a possibilidade de examinar alguns aspectos desse fenômeno sem correr riscos. Tenho mil desejos, mas quero, sobretudo, um livro com um testemunho confiável sobre essa coisa.

— Há um lugar onde essa obra pode existir.

— Onde? — Dominic perguntou. — De bom grado acompanharia vocês,

ou qualquer outra pessoa, a um lugar desses, independentemente dos riscos.

Kulgan soltou uma gargalhada amarga.

— Não me parece possível, bom irmão. Meu antigo aluno fala de um lugar em outro mundo. — Kulgan olhou fixamente para Pug. — A biblioteca da Assembleia.

— A Assembleia? — Kasumi questionou.

Pug reparou que Katala ficara tensa.

— Lá, é provável que estejam as respostas que ajudarão na batalha que se aproxima — disse Pug.

Katala não tirou os olhos do bordado. Mas afirmou, em tom controlado:

— Ainda bem que o portal está fechado e não pode ser reaberto, a não ser por acaso. Talvez já tenham dado ordens para executar você. Lembre que a sua condição de Grande foi questionada antes do ataque ao Imperador. Alguma dúvida de que você foi declarado fora da lei? Não, ainda bem que não há forma de voltar.

— Há uma forma — Pug retorquiu.

Imediatamente, Katala o olhou enfurecida.

— Não! Você não pode voltar!

— Como pode haver forma de voltar? — Kulgan perguntou.

— Quando estudei para obter o manto negro, deram-me uma tarefa final — explicou Pug. — No topo da Torre da Provação, testemunhei uma visão antiga, da época do Forasteiro, uma estrela errante que ameaçava Kelewan. Foi Macros quem salvou aquele mundo, intervindo no último minuto. Macros estava novamente em Kelewan no dia em que quase destruí o Grande Estádio Imperial. Sempre foi tão óbvio e só esta semana compreendi.

— Macros conseguia viajar entre os mundos quando quisesse! — exclamou Kulgan, a compreensão inundando seus olhos. — Ele tinha meios de criar portais que podiam ser controlados!

— E eu descobri como ele fazia. Um de seus livros contém instruções claras.

— Você não pode ir — murmurou Katala.

Ele estendeu o braço e pegou suas mãos, cujos nós dos dedos estavam brancos.

— Tenho de ir. — Voltou-se para Kulgan e Dominic. — Tenho meios para voltar à Assembleia e devo usá-los. De outro modo, caso Murmandamus seja um servo de algum poder maléfico de Kelewan ou simplesmente uma

distração enquanto tal poder ganha força, estaremos perdidos, sem nenhuma sombra de esperança. Para descobrirmos uma forma de lidar com tal poder, é preciso, em primeiro lugar, identificá-lo, descobrir sua verdadeira natureza, e, para isso, tenho de ir a Kelewan. — Ele olhou para a esposa e depois para Kulgan. — Voltarei a Tsuranuanni.

Foi Meecham quem falou primeiro:

— Muito bem. Quando nós vamos partir?

— Nós? Tenho de ir sozinho.

— Você não pode ir sozinho — retrucou o alto homem livre, como se tal pensamento fosse completamente absurdo. — Quando partimos?

Pug olhou para Meecham.

— Você não fala o idioma deles. E você é alto demais para se passar por um tsurani.

— Serei seu escravo. Lá há escravos midkemianos, você já disse muitas vezes. — O tom indicava que a discussão terminava por ali. Ele olhou de Katala para Kulgan e acrescentou: — Não haveria um momento de tranquilidade por aqui se acontecesse alguma coisa a você.

William se aproximou, com Gamina logo atrás.

— Papai, por favor, leve Meecham com você.

Por favor.

— Muito bem! — Pug ergueu as mãos. — Pensaremos em um disfarce.

— Me sinto um pouco melhor — disse Kulgan —, embora se trate de uma afirmação relativa. Não uma aprovação.

— Sua objeção foi devidamente registrada.

— Como o assunto foi abordado — Dominic se manifestou —, também desejo me oferecer para acompanhá-lo.

— Você se ofereceu antes mesmo de saber aonde eu ia. De um midkemiano ainda consigo tomar conta, mas de dois seria trabalhoso.

— Tenho pontos a meu favor — respondeu Dominic. — Conheço as artes de curandeiro e consigo executar magia. Além disso, tenho braços fortes e consigo brandir uma maça.

Pug olhou atentamente para o monge.

— Você é pouco mais alto do que eu. É possível que passe por um tsurani, mas persiste o problema do idioma.

— Na Ordem de Ishap dispomos de meios mágicos para aprender

idiomas. Enquanto você prepara os feitiços do portal, posso aprender o idioma tsurani e, ao mesmo tempo, ajudar Meecham a aprendê-lo também, se a Senhora Katala e o Conde Kasumi estiverem dispostos a ajudar.

— Eu posso ajudar — William disse. — Eu falo tsurani.

Katala não parecia nada satisfeita, mas acabou concordando.

— Eu também posso ajudar — disse Kasumi por fim, parecendo inquieto.

— De todos aqui presentes, Kasumi — disse Kulgan —, achei que seria quem mais ansiava por uma oportunidade de retornar, porém você se manteve calado.

— Quando o último portal foi destruído, minha vida em Kelewan terminou. Agora sou o Conde de LaMut. Meu tempo no Império de Tsuranuanni não passa de uma memória. Mesmo que o retorno seja possível, não o farei, pois prestei um juramento ao Rei. No entanto — dirigiu-se a Pug —, você poderia levar cartas minhas a meu pai e a meu irmão? Eles não têm como saber que ainda estou vivo, quanto mais que prosperei.

— Claro que sim. Nada mais justo. — Pug virou-se para Katala, acrescentando: — Meu amor, pode fazer duas túnicas da Ordem de Hantukama? — Ela confirmou com a cabeça. Pug explicou aos demais: — Trata-se de uma ordem missionária; é habitual avistar seus membros viajando de um lado para outro. Assim disfarçados, não atrairemos muita atenção enquanto andarmos por lá. Meecham poderá fazer o papel de nosso escravo.

— Continuo a não gostar da ideia — Kulgan afirmou. — Não estou nada feliz.

Meecham olhou para o mago corpulento.

— Você sempre está preocupado, mesmo quando está feliz.

Pug riu. Katala rodeou o marido com os braços e abraçou-o com força. Ela também não estava nada feliz.

Katala mostrou a túnica, dizendo:

— Experimente.

Pug achou que lhe servia perfeitamente. A esposa tivera o cuidado de escolher os tecidos mais parecidos com os que eram usados em Kelewan.

Pug se reunira diariamente com membros da comunidade, delegando responsabilidades durante sua ausência, e, embora ninguém o dissesse, estava implícito que essas responsabilidades poderiam se prolongar, pois havia a possibilidade de não conseguir voltar. Dominic aprendia tsurani com Kasumi

e William, além de ajudar Meecham a dominar o idioma. Kulgan estudava as obras de Macros sobre portais de modo a auxiliar Pug na formação de um.

Kulgan entrou nos aposentos de Pug enquanto Katala examinava seu trabalho de costura.

— Vai sentir frio só com isso.

— O meu mundo é um lugar quente, Kulgan — Katala explicou. — Estas vestes leves são as habitualmente usadas por lá.

— Também pelas mulheres? — Quando ela confirmou, puxando uma cadeira, ele retrucou: — Que indecente!

William e Gamina entraram correndo. A menina estava completamente diferente desde que soube da recuperação de Rogen. Era companhia constante de William nas brincadeiras, competindo e discutindo como se fossem irmãos. Katala a alojara em um quarto ao lado do de William, na ala da família, enquanto o velho se recuperava.

— Meecham vem aí! — o menino gritou e desatou a gargalhar enquanto girava em um círculo de alegria. Imitando William, Gamina também começou a rir, girando, enquanto Kulgan e Pug trocavam olhares curiosos; aquele era o primeiro som audível produzido pela menina. Meecham entrou e o riso dos adultos se juntou ao das crianças. As pernas e os braços peludos do corpulento homem da floresta sobressaíam sob a curta túnica e as sandálias que imitavam os calçados tsurani pareciam envergonhá-lo. Olhou ao redor.

— O que tem tanta graça?

— Estou tão habituado a ver você com roupas de caçador que nem imaginava como era sua aparência — Kulgan respondeu.

— Ficou só um pouco diferente do que eu imaginava — acrescentou Pug, e tentou abafar uma gargalhada.

O homem livre abanou a cabeça, indignado.

— Já acabaram? Quando partimos?

— Amanhã de manhã, aos primeiros raios de sol — Pug informou. E, na mesma hora, todas as risadas cessaram.

Aguardaram em silêncio ao redor da colina da grande árvore, na parte norte da Ilha da Doca da Estrela. A chuva cessara, embora soprasse um vento úmido e frio que prometia mais chuva. Grande parte da comunidade viera se despedir de Pug, Dominic e Meecham. Katala estava ao lado de Kulgan, com as mãos nos ombros de William. Gamina agarrava a saia de

Katala com força, com um ar nervoso e ligeiramente apavorado.

Pug estava sozinho, consultando o pergaminho que ele mesmo escrevera. Perto dele, Meecham e Dominic aguardavam, tremendo de frio, enquanto escutavam Kasumi. O Conde falava incessantemente de todos os detalhes dos hábitos e da vida dos tsurani de que conseguia lembrar e que poderiam se revelar importantes. Sempre havia um detalhe que tinha esquecido. O homem livre tinha na mão a mala de viagem que Pug preparara, com os objetos habitualmente levados por sacerdotes. Também colocara, debaixo desses objetos, alguns itens que um sacerdote de Kelewan normalmente não possuía: armas e moedas de metal, uma fortuna segundo os padrões kelewaneses.

Kulgan aproximou-se do local indicado por Pug, trazendo um bastão entalhado em madeira por um artesão da aldeia. Colocou-o com firmeza no chão; depois, pegou outro que lhe passaram e colocou-o a um metro do primeiro. Afastou-se quando Pug começou a ler do pergaminho.

Entre os bastões, surgiu um campo de luz com as cores do arco-íris dançando para cima e para baixo. Ouviu-se um crepitar. No ar, pairava o cheiro acre e pungente que surge após a queda de um relâmpago.

A luz começou a se expandir e a mudar de cor, movendo-se mais depressa pelo espectro até brilhar em um único tom esbranquiçado. Aumentou em intensidade até se tornar brilhante demais para que fosse possível olhá-la diretamente. A voz de Pug continuava o cântico, até que se ouviu uma explosão, como se um trovão retumbasse entre os bastões, seguida por uma rajada de vento que se dirigiu para a abertura, como se tivesse ocorrido uma súbita sucção de ar.

Pug guardou o pergaminho e contemplou o que acabara de criar: um quadrado bruxuleante de “nada”, acinzentado, entre dois bastões verticais.

— Eu vou primeiro — disse, fazendo um sinal a Dominic. — O portal foi direcionado para uma clareira atrás de minha antiga propriedade, mas pode ter surgido em outro lugar.

Caso o ambiente se revelasse adverso, contornaria o poste e entraria novamente pelo mesmo lado para voltar a aparecer em Midkemia, como se tivesse passado por um arco. Isso, se conseguisse.

Virou-se e sorriu para Katala e William. O filho se remexia, nervoso, mas a pressão tranquilizadora de Katala nos ombros do garoto o acalmou. Limitou-se a fazer um aceno com a cabeça, mantendo o rosto sereno.

Pug entrou no portal e desapareceu. Diante daquela visão, alguns

suspiraram, pois só parte dos presentes sabia o que iria acontecer. Os momentos seguintes se arrastaram, enquanto muitos prendiam a respiração inconscientemente. De repente, Pug surgiu do outro lado do portal e todos os que aguardavam soltaram um audível suspiro de alívio. Ele se aproximou dos demais e disse:

— Ele surgiu exatamente onde eu esperava que surgisse. O feitiço de Macros é impecável. — Pegou nas mãos de Katala. — Está ao lado do lago de reflexão na clareira de meditação.

Katala engoliu as lágrimas. Quando fora senhora daquela grande propriedade, tinha cuidado das flores ao redor daquele lago, onde existia um banco solitário virado para as águas tranquilas. Acenou indicando que entendera e Pug a abraçou e depois a William. Quando se ajoelhou na frente do filho, Gamina, de repente, atirou os braços ao redor do pescoço de Pug.

Tenha cuidado.

Ele a abraçou de volta.

— Terei, pequenina.

Pug fez um sinal para que Dominic e Meecham o seguissem e atravessou o portal. Hesitaram um milésimo de segundo e o seguiram através daquela mancha acinzentada.

Os outros ficaram longos minutos olhando para lá depois que os três desapareceram. A chuva voltou a cair. Ninguém queria ir embora. Por fim, quando a chuva se tornou mais insistente, Kulgan disse:

— Os que foram designados para ficarem de vigia permaneçam aqui. Os demais voltem ao trabalho. — As pessoas afastaram-se com lentidão e ninguém levou a mal o tom severo de Kulgan. Todos partilhavam de sua preocupação.

Yagu, o principal jardineiro da propriedade de Netoha, na cidade de Ontoset, virou-se e viu três forasteiros vindo pelo caminho da clareira de meditação em direção à mansão. Dois eram sacerdotes de Hantukama, o Portador da Saúde Abençoada, embora fossem ambos de uma altura incomum para sacerdotes. Atrás vinha o escravo pedinte, um gigante bárbaro feito prisioneiro na recente guerra. Yagu estremeceu, pois era um indivíduo pavoroso que tinha uma horrível cicatriz na face esquerda. Em uma cultura de guerreiros, Yagu era um homem gentil, preferindo a companhia das flores e das plantas à companhia dos homens que falavam apenas sobre guerra e

honra. Ainda assim, tinha de cumprir seu dever para com a casa de seu amo, então se dirigiu aos três forasteiros.

Quando o viram, pararam, e Yagu foi o primeiro a fazer uma reverência, uma vez que seria ele a iniciar a conversa — uma cortesia comum enquanto não se determinava a posição social de cada um.

— Saudações, honrados sacerdotes. Quem ousa interromper seu percurso é Yagu, o jardineiro.

Pug e Dominic fizeram uma reverência. Meecham aguardou atrás, ignorado, como era hábito.

— Saudações, Yagu — cumprimentou-o Pug. — Para dois humildes sacerdotes de Hantukama, sua presença não constitui uma interrupção. Como está?

— Estou bem, obrigado — Yagu respondeu, terminando assim as saudações formais dirigidas a desconhecidos. Em seguida, assumiu uma atitude altiva, cruzando os braços e estufando o peito. — O que traz os sacerdotes de Hantukama à casa de meu amo?

— Viajamos de Seran para a Cidade das Planícies — respondeu Pug. — Quando passávamos, vimos esta casa e esperávamos poder pedir uma refeição, pois somos pobres missionários. Seria possível? — Pug sabia que não cabia a Yagu responder, mas deixou o jardineiro magricela fingir que podia decidir.

O jardineiro afagou o queixo.

— Podem pedir, mas não sei se irão recusar ou alimentá-los. Venham, vou dizer onde fica a cozinha.

Enquanto avançavam para a porta, Pug falou novamente:

— Posso perguntar quem vive nesta espantosa residência?

Demonstrando orgulho na glória retratada de seu amo, Yagu respondeu:

— Esta é a casa de Netoha, conhecido por todos como “Aquele que se ergue Veloz”.

Pug simulou desconhecimento, embora tivesse ficado satisfeito por saber que seu antigo serviçal ainda era o dono da propriedade.

— Talvez — disse Pug — não fosse uma grande ofensa se humildes sacerdotes apresentassem seus cumprimentos a uma pessoa de tal grandiosidade.

Yagu franziu o cenho. Seu amo era muito ocupado, embora também reservasse tempo para gente como aquela. Não ficaria satisfeito se

descobrisse que o jardineiro tomara a liberdade de afastá-los, ainda que fossem pouco mais do que pedintes e não pertencessem a uma seita poderosa, como os servos de Chochocan ou de Juran.

— Vou perguntar a ele. Pode ser que meu amo disponha de um pouco de tempo para recebê-los. Se não for possível, talvez consigam ainda assim uma refeição.

O jardineiro levou-os até uma porta que Pug sabia dar para a área da cozinha. O sol vespertino caía sobre eles quando o jardineiro desapareceu dentro da casa. A residência compunha-se de um conjunto estranho de edifícios interligados. Fora construída por Pug quase dois anos antes, dando início a uma espécie de revolução na arquitetura tsurani, embora ele duvidasse que a tendência tivesse persistido, dada a sensibilidade dos tsurani ao sucesso na política.

A porta deslizou e uma mulher saiu, seguida por Yagu. Pug fez uma reverência sem lhe mostrar o rosto. Era Almorella, uma antiga escrava que Pug libertara e que se casara com Netoha. Fora a melhor amiga de Katala.

— Minha senhora concordou benevolentemente em falar com os sacerdotes de Hantukama — disse Yagu.

— Como está, senhora? — disse Pug, mantendo a reverência.

Ao ouvir sua voz, Almorella agarrou-se ao batente da porta enquanto tentava recuperar o fôlego. Quando Pug se endireitou, ela se forçou a respirar para dizer:

— Eu… estou bem. — Ela arregalou os olhos ao começar a pronunciar o nome tsurani de Pug, mas o mago balançou a cabeça.

— Já tive o prazer de conhecer seu honorável marido. Espero que ele possa conceder um momento a um velho conhecido.

Em tom quase inaudível, Almorella respondeu:

— Meu marido tem sempre tempo para… velhos amigos.

Ela os convidou a entrar e fechou a porta. Yagu ficou do lado de fora por um momento, pasmo com o comportamento da patroa. No entanto, quando a porta se fechou, deslizando, encolheu os ombros e voltou às suas amadas plantas. Quem é que poderia entender os ricos?

Almorella os conduziu depressa e em silêncio pela cozinha. Lutava para manter a compostura, mal conseguindo disfarçar as mãos trêmulas ao passar por três escravos sobressaltados que não repararam no estado agitado

da patroa, pois tinham os olhos cravados em Meecham, o maior escravo bárbaro que já haviam visto, um verdadeiro gigante, mesmo entre os gigantes.

Ao chegarem ao antigo gabinete de trabalho de Pug, ela deslizou a porta e sussurrou:

— Vou chamar meu marido.

Entraram e sentaram-se em almofadas fofas no chão, Meecham mostrando alguma dificuldade. Pug olhou em volta e reparou que pouco fora mudado. Teve a estranha sensação de estar em dois lugares ao mesmo tempo, pois quase conseguia se imaginar abrindo a porta e encontrando Katala e William brincando no jardim. Contudo, estava trajando as vestes de cor amarelo-açafrão dos sacerdotes de Hantukama, e não o negro dos Grandes, e era possível que um perigo terrível estivesse prestes a cair sobre os dois mundos aos quais seu destino parecia eternamente entrelaçado. Ao mesmo tempo que dera início à pesquisa para retornar a Kelewan, uma tênue ideia começara a se formar nos confins da mente de Pug. Ele sentia que seu inconsciente operava como tantas vezes acontecia: resolvendo um problema enquanto sua atenção estava centrada em outro. Havia algo nos acontecimentos em Midkemia que possuía uma estranha e vaga familiaridade, e ele sabia que em breve o compreenderia.

A porta deslizou e um homem entrou, seguido por Almorella. Ela fechou a porta, enquanto o homem fazia uma reverência bastante pronunciada.

— Honra minha casa, Grande.

— Honras sejam feitas à sua casa, Netoha. Como você está?

— Estou bem, Grande. Em que posso servi-lo?

— Sente-se e me conte como está o Império. — Sem hesitar, Netoha sentou-se. — Ichindar ainda governa a Cidade Sagrada?

— A Luz do Céu ainda governa o Império.

— E quanto ao Senhor da Guerra?

— Almecho, aquele que conhecia como Senhor da Guerra, agiu honradamente e pôs fim à própria vida depois que o senhor o humilhou nos Torneios Imperiais. Seu sobrinho, Axantucar, usa agora o branco e dourado. Ele pertence à família Oaxatucan, que se beneficiou com a morte de outros quando… a paz sofreu uma traição. Todos os que apresentaram pretensões fortes foram mortos e muitos com pretensões tão válidas quanto as dele à posição de Senhor da Guerra foram… controlados. A Facção Bélica ainda

controla o Conselho Supremo com pulso firme.

Pug ponderou. Com a Facção Bélica ainda no controle das nações, seriam escassas as probabilidades de encontrar ouvidos compreensivos no Conselho Supremo, embora fosse provável que o Jogo do Conselho continuasse em andamento. Aquela disputa terrível e aparentemente interminável pelo poder poderia criar a oportunidade para encontrar uma aliança.

— E a Assembleia?

— Enviei tudo o que solicitou, Grande. Todo o resto foi queimado em uma fogueira, como ordenado. Recebi somente uma nota de agradecimento do Grande Hochopepa, e nada mais.

— Sobre o que se tem falado no mercado?

— Há meses que não ouço qualquer referência a seu nome. No entanto, logo após sua partida, dizia-se que o senhor tentou atrair a Luz do Céu para uma cilada, o que provocou sua desonra. O senhor foi considerado criminoso e proscrito pela Assembleia, o primeiro de quem foi retirado o manto negro. Suas palavras já não são lei. Quem quer que o ajude corre o risco de perder a vida, bem como as vidas de toda a sua família e ainda as vidas de seu clã.

Pug se levantou.

— Não vamos nos demorar aqui, velho amigo. Não quero arriscar suas vidas, nem as vidas de seu clã.

Netoha falou enquanto se dirigia à porta para abri-la.

— Conheço-o melhor do que a maior parte das pessoas. Sei que jamais faria aquilo de que é acusado, Grande.

— Não sou mais um Grande, por decreto da Assembleia.

— Nesse caso, honro o homem, Milamber — disse, usando o nome tsurani de Pug. — Muita coisa você nos deu. O nome Netoha dos Chichimecha encontra-se nos anais do Clã Huzan. Devido à sua generosidade, meus filhos prosperarão.

— Filhos?

Almorella deu uma palmadinha na barriga.

— Na próxima estação de cultivo. Os sacerdotes curandeiros acham que são gêmeos.

— Katala vai ficar duplamente feliz. Primeiro, por saber que a irmã de seu coração está bem de saúde e, segundo, por saber que será mãe.

Os olhos de Almorella transbordaram de lágrimas.

— Katala está bem? E o menino?

— Minha mulher e meu filho estão bem e com muitas saudades.

— Retorne com nossos cumprimentos e amizade, Milamber. Rezei para que um dia pudéssemos voltar a nos encontrar.

— Talvez isso venha a acontecer de novo. Não digo logo, mas um dia… Netoha, o padrão se encontra intacto?

— Sim, Milamber. Pouco mudou. Esta ainda é sua casa.

Pug levantou-se e fez sinal para que os companheiros o seguissem.

— Talvez precise dele para um retorno rápido às minhas próprias terras. Se eu tocar duas vezes o gongo de chegada, retirem todos da casa, pois poderão vir outros atrás de mim que lhes poderão fazer mal. Espero que isso não aconteça.

— Seja feita sua vontade, Milamber.

Saíram do gabinete e se dirigiram à sala do padrão.

— Na clareira ao lado do lago se encontra o meio que me fará voltar para casa. Peço que permaneça intacto até eu o fechar.

— Assim será. Darei instruções aos vigias da propriedade para que não deixem ninguém entrar na clareira.

— Para onde vai, Milamber? — perguntou Almorella, da porta.

— Isso não revelarei, pois não poderão forçá-la a contar aquilo que não sabe. Vocês já correm perigo simplesmente por eu estar debaixo de seu teto. Não revelarei mais nada.

Sem mais palavras, levou Dominic e Meecham para a sala do padrão e fechou a porta. Retirando o pergaminho da bolsa do cinto, Pug colocou-o no centro de um grande padrão de azulejos, uma representação de três golfinhos. Estava selado com lacre preto, gravado com uma grande marca do anel de um Grande.

— Estou enviando uma mensagem a um amigo. Com este símbolo, ninguém se atreverá a tocá-la a não ser aquele a quem é dirigida. — Fechou os olhos por um instante e, de repente, o pergaminho desapareceu.

Pug fez sinal a Dominic e a Meecham para que ficassem ao seu lado no padrão.

— Todos os Grandes do Império possuem um padrão em casa. Cada padrão é exclusivo e, ao recordá-lo detalhadamente, o mago consegue se transportar ou enviar um objeto para esse ponto. Em alguns raros casos, um lugar que seja muito familiar, tal como a cozinha em Crydee onde trabalhei quando era criança, também pode servir como padrão. É habitual fazer soar

um gongo para anunciar nossa chegada, embora desta vez talvez seja melhor nos abstermos disso. Venham. — Agarrou os dois, fechou os olhos e proferiu um encantamento. De repente, tudo pareceu ficar embaralhado e a sala pareceu mudar ao seu redor.

— O que…? — Dominic disse, mas logo percebeu que tinham sido transportados para outro lugar. Olhou para baixo, vendo que se tratava de um padrão diferente, semelhante a uma flor decorativa vermelha e amarela.

Pug explicou:

— O homem que vive aqui é irmão de um de meus antigos mestres, para o qual o padrão foi colocado. Esse Grande visita esta casa com frequência. Espero ainda poder encontrar amigos por aqui.

Pug foi até a porta e a deslizou rapidamente. Olhou com cuidado para um lado do corredor e depois para o outro. Dominic aproximou-se.

— Viajamos para muito longe?

— Mais de mil e duzentos quilômetros.

— Extraordinário! — exclamou Dominic em voz baixa.

Pug os conduziu rapidamente para outro cômodo, onde se via o sol da tarde entrar por uma janela, projetando na porta a sombra de seu único ocupante. Sem se anunciar, Pug fez a porta deslizar.

Sentado a uma escrivaninha estava um homem idoso, o corpo que fora forte um dia já encolhido pela idade. Olhava para o pergaminho à sua frente semicerrando os olhos e seus lábios se moviam enquanto o lia. Sua túnica era azul-escura, simples, mas elegantemente elaborada. Pug ficou chocado, pois se recordava daquele homem como uma torre, apesar da idade avançada. O último ano lhe deixara algumas marcas.

O homem levantou o olhar para os intrusos e arregalou os olhos ao exclamar:

— Milamber!

Pug fez sinal aos companheiros para que entrassem e fechou a porta atrás de si.

— Honras sejam feitas à sua casa, Senhor dos Shinzawai.

Kamatsu, Senhor dos Shinzawai, não se levantou para cumprimentá-lo. Fitou o antigo escravo que subira até a posição de Grande e disse:

— Foi decretado que você é um traidor desonrado. Caso seja encontrado, pagará com a vida. — Seu tom era frio e sua expressão, hostil.

Pug foi apanhado de surpresa. Entre todos os que foram seus aliados para

pôr um fim à Guerra do Portal, Kamatsu estivera entre os mais dedicados. Kasumi, seu filho, levara a mensagem de paz do Imperador ao Rei Rodric.

— Fiz algo que o ofendeu, Kamatsu? — perguntou Pug.

— Eu tinha um filho entre aqueles que se perderam na armadilha em que a Luz do Céu quase caiu.

— Seu filho está vivo, Kamatsu. Venera seu pai e sente saudades. — Pug entregou a Kamatsu a carta de Kasumi. O idoso manteve os olhos sobre ela durante muito tempo, lendo devagar cada um dos caracteres. Quando terminou, lágrimas caíram por seu rosto rígido como couro, sem causar-lhe vergonha.

— Será possível que tudo isso seja verdade? — questionou.

— É verdade. Meu Rei nada teve a ver com a armadilha na mesa de trégua. Tampouco eu tomei parte naquilo. Eu demoraria para lhe explicar esse mistério, mas primeiro ouça as notícias sobre seu filho: ele não só está vivo como é muito querido em minha pátria; nosso Rei não desejava se vingar de nossos antigos inimigos, por isso libertou todos os que aceitaram ficar a seu serviço. Kasumi e os outros são homens livres em seu exército.

— Todos eles? — perguntou Kamatsu, incrédulo.

— Quatro mil homens de Kelewan são hoje soldados do exército de meu Rei. E estão entre os seus súditos mais leais. Honram suas famílias. Quando a vida do Rei Lyam correu perigo, a tarefa de garantir sua segurança foi atribuída a seu filho e aos homens que ele comanda. — O orgulho brilhou nos olhos de Kamatsu. — Os tsurani vivem em uma cidade chamada LaMut e combatem com muito afinco os inimigos de nossa nação. Seu filho recebeu o título de Conde dessa cidade, uma posição tão importante quanto a de Senhor de uma família aqui, ou talvez pareça mais com a posição de um Chefe de Guerra de um clã. Ele é casado com Megan, filha de um poderoso mercador de Rillanon, e um dia você será avô.

O velho pareceu ganhar forças para perguntar:

— Conte-me como está a vida dele. — Pug e Kamatsu começaram a falar de Kasumi, da vida que levara no último ano e de sua ascensão; de como conhecera Megan antes da coroação de Lyam e do breve namoro logo seguido de casamento. Falaram durante quase meia hora, na qual a urgência da missão de Pug foi momentaneamente esquecida.

Quando terminaram, Pug perguntou:

— E Hokanu? Kasumi quer notícias de seu irmão.

— Meu filho mais novo está bem. Faz parte da patrulha da fronteira norte em defesa dos invasores thūn.

— Assim sendo, os Shinzawai ascendem à grandeza em dois mundos — disse Pug. — Entre as famílias tsurani, só os Shinzawai podem fazer essa afirmação.

— Ora, essa é uma ideia estranha — disse Kamatsu. Então sua voz ganhou um tom sério: — O que motivou seu retorno, Milamber? Certamente, não foi apenas para atenuar a perda de um velho.

Pug apresentou os companheiros, dizendo em seguida:

— Um poder maléfico ameaça minha pátria, Kamatsu. Enfrentamos somente uma parte de seu poder e procuramos compreender sua natureza.

— E o que isso tem a ver com seu regresso para cá? O que o levou a voltar?

— Em uma visão, um de nossos videntes confrontou essa entidade maléfica, que falou no idioma antigo do templo. — Contou, em seguida, sobre Murmandamus e o poder obscuro por trás do moredhel.

— Como isso é possível?

— Foi isso que me levou a arriscar um retorno. Espero encontrar a resposta na biblioteca da Assembleia.

Kamatsu balançou a cabeça.

— Isso seria arriscado demais. Existe certa tensão no Conselho Supremo, além da habitual no Grande Jogo. Desconfio que uma grande agitação ocorra em breve, pois esse novo Senhor da Guerra parece ainda mais obcecado com o controle das nações do que seu tio.

Entendendo de imediato a sutileza tsurani, Pug perguntou:

— Refere-se a uma última cisão entre o Senhor da Guerra e o Imperador?

Suspirando profundamente, o idoso respondeu:

— Temo que ocorra uma guerra civil. Caso Ichindar prossiga com a convicção que demonstrou quando desejou pôr fim à Guerra do Portal, Axantucar será levado como palha pelo vento, pois a maioria das famílias e clãs ainda continua a considerar o Imperador supremo e são poucos os que confiam nesse novo Senhor da Guerra. Porém o Imperador perdeu bastante credibilidade. Ter forçado cinco grandes clãs a se sentarem a uma mesa de paz para depois ser traído tirou-lhe a autoridade moral. Axantucar tem liberdade para agir sem oposição. Creio que esse Senhor da Guerra procura aliar os dois cargos. Para ele, não basta o dourado sobre o tecido branco.

Acho que pretende usar também o dourado da Luz do Céu.

— “No Jogo do Conselho, tudo é possível” — citou Pug. — Mas entenda, todos foram traídos nas negociações de paz. — Então descreveu a última mensagem de Macros, o Negro, relembrando a Kamatsu os antiquíssimos ensinamentos acerca dos ataques do Inimigo àquela nação e contando-lhe que Macros receava que o portal atraísse aquele terrível poder.

— Isso demonstra que o Imperador foi ludibriado, assim como os demais; não basta, porém, para lhe perdoar o erro, ainda que essa explicação possa lhe conseguir um pouco mais de apoio no Conselho Supremo, se é que o apoio tem ainda algum peso.

— Você acha que o Senhor da Guerra já está preparado para agir?

— A qualquer momento. Ele conseguiu neutralizar a Assembleia levando seus magos de confiança a questionarem a autonomia da instituição. Os Grandes debatem seu próprio destino. Diante da atual situação, Hochopepa e meu irmão, Fumita, não ousam intervir no Grande Jogo. Politicamente, é como se a Assembleia não existisse mais.

— Pois então procure aliados no Conselho Supremo. Diga-lhes o seguinte: seja como for, nossos dois mundos estão mais uma vez unidos por um poder de origem tsurani que procura prejudicar o Reino. Trata-se de um poder além do conhecimento humano que talvez seja capaz de desafiar os próprios deuses. Não posso dizer como sei, mas estou certo de que, se o Reino sucumbir, Midkemia sucumbirá também; e, se Midkemia sucumbir, certamente Kelewan terá o mesmo destino.

Kamatsu, Senhor dos Shinzawai, antigo Chefe de Guerra do Clã Kanazawai, mostrou-se preocupado.

— Será possível? — disse em voz baixa.

A expressão de Pug indicou que estava certo do que acabara de dizer.

— Posso ser capturado ou morto. Se isso acontecer, precisarei de aliados no Conselho Supremo que defendam esta causa junto à Luz do Céu. Não é pela minha vida que temo, Kamatsu, mas pelas vidas dos dois mundos. Se eu falhar, os Grandes Hochopepa e Shimone terão de retornar ao meu mundo para transmitirem o que sabem sobre esse poder maléfico. Está disposto a me ajudar?

Kamatsu levantou-se.

— Claro que sim. Mesmo que não tivesse me trazido novidades de Kasumi, mesmo que nossas dúvidas sobre você tivessem se confirmado, só

um louco teimaria em não esquecer ressentimentos passados, diante de tal advertência. Partirei de imediato de barco, corrente abaixo, até a Cidade Sagrada. Aonde você irá enquanto isso?

— Vou procurar ajuda de mais alguém. Se conseguir, apresentarei o caso à Assembleia. Ninguém obtém o manto sem ter aprendido a ouvir antes de agir. Não, o verdadeiro risco que corro é cair nas garras do Senhor da Guerra. Caso mais nenhuma notícia minha chegue dentro de três dias, pressuponha que foi isso o que aconteceu. Estarei morto ou terei sido feito prisioneiro. Então você terá de agir. Só o silêncio ajudará Murmandamus. Você não pode falhar.

— Não falharei, Milamber.

Pug, outrora conhecido como Milamber, o maior de todos os Grandes de Tsuranuanni, levantou-se e fez uma reverência.

— Temos de ir. Honras sejam feitas à sua casa, Senhor dos Shinzawai.

Kamatsu fez uma reverência mais baixa do que sua posição social exigia e disse:

— Honras sejam feitas à sua casa, Grande.

Vendedores ambulantes gritavam para os clientes que passavam debaixo de um sol escaldante. O pátio do mercado em Ontoset pululava de movimento. Pug e seus companheiros tinham escolhido um lugar na parte da praça atribuída a pedintes e sacerdotes. Durante três manhãs, se levantaram saindo da muralha protetora da praça e passaram o dia pregando aos que paravam e escutavam. Meecham passava com um chapéu de pedinte entre os pequenos grupos. Havia um único templo de Hantukama, a leste da Cidade Sagrada de Kentosani — na cidade de Yankora, a grande distância de Ontoset —, por isso, no pouco tempo que ali permaneceriam, o risco de serem descobertos por outro sacerdote errante era muito pequeno. A ordem estava amplamente espalhada, sendo escassos os seus membros, e muitos dos que serviam não avistavam outro sacerdote da ordem por muitos anos.

Pug concluiu o sermão matinal e voltou para o lado de Dominic, que instruía a mãe de uma menina ferida quanto ao tratamento adequado. Dentro de poucos dias, sua perna partida se recuperaria por completo. Os agradecimentos efusivos da mulher eram tudo o que podia oferecer, mas o sorriso de Dominic indicou que bastavam. Meecham juntou-se a eles, mostrando várias pequenas pedras preciosas e lascas de metal que eram

usadas como moeda no Império.

— Um homem podia viver bem com este modo de vida.

Uma confusão na multidão fez com que olhassem para uma companhia de cavalaria que passava. Usavam a armadura verde de uma casa que Pug conhecia pela fama que tinha, os Hoxaka. Eram membros da Facção Bélica.

— Habituaram-se a cavalgar, pelo visto — Meecham comentou.

— Como os tsurani de LaMut — sussurrou Pug. — Parece que, depois de ultrapassar o pavor que sente, um tsurani fica louco por cavalos. Com Kasumi foi assim. Logo que montou um cavalo, foi uma tarefa quase impossível tirá-lo lá de cima. — Parecia que os equídeos tinham sido aceitos no Império e que a cavalaria estava firmemente estabelecida no arsenal de armas tsurani.

Quando os cavalos passaram, outro ruído fez com que se virassem; diante deles estava um homem corpulento de manto negro e cabeça calva brilhando ao sol do meio-dia. Por todos os lados, os cidadãos faziam reverências e afastavam-se, tentando dar espaço à presença augusta de um Grande do Império. Pug e os companheiros fizeram uma reverência.

— Vocês três, acompanhem-me — disse o mago.

Pug fingiu gaguejar.

— Seja feita sua vontade, Grande. — E apressaram-se a segui-lo.

O mago de vestes negras avançou diretamente para o prédio mais próximo, a oficina de um curtidor. O mago entrou, dirigindo-se ao dono:

— Preciso deste prédio. Pode voltar dentro de uma hora.

Sem hesitar, o homem respondeu:

— Seja feita sua vontade, Grande. — Em seguida, chamou seus aprendizes para que o seguissem para fora. Bastou um minuto para que o prédio ficasse vazio, à exceção de Pug e seus amigos.

Pug e Hochopepa se deram um abraço e o mago mais troncudo disse:

— Milamber, você é louco por ter voltado. Quando recebi sua mensagem, mal consegui acreditar no que via. O que o levou a correr o risco de enviar a missiva pelo padrão e qual a razão para este encontro no centro da cidade?

— Meecham, vigie a janela — Pug instruiu. A Hochopepa, explicou: — Haverá melhor lugar para nos escondermos do que à vista de todos? É habitual receber missivas pelo padrão, e a quem passaria pela cabeça questioná-lo por falar com simples sacerdotes? — Virou-se e disse: — Estes são meus companheiros. — Fez então as devidas apresentações.

Hochopepa passou a mão em um banco para limpá-lo e sentou-se.

— Tenho mil perguntas. Como conseguiu retornar? Os magos que servem ao Senhor da Guerra têm tentado localizar seu mundo, pois a Luz do Céu, que os deuses o protejam, está determinado a vingar a traição das negociações de paz. Além disso, como conseguiu destruir o primeiro portal? E sobreviver? — Reparou no ar divertido de Pug diante da enxurrada de questões e concluiu: — Acima de tudo, o que motivou seu retorno?

— No meu mundo, um poder maléfico de origem tsurani está solto, uma entidade maligna de magia negra — explicou Pug. — Vim à procura de conhecimentos, pois esse ser veio de Kelewan. — Hochopepa olhou-o com um ar curioso. — Muitos e estranhos acontecimentos estão se passando em meu mundo e esta é a resposta mais elegante, Hocho. Espero descobrir alguma pista sobre a natureza desse poder maléfico. Trata-se, sem dúvida, de um terrível organismo. — Contou então, detalhadamente, o que se passara desde o início, desde a explicação da razão que levara à traição, passando pelos atentados à vida do Príncipe Arutha, até a sua própria interpretação da visão de Rogen.

— Isso é muito estranho, pois não temos conhecimento de um poder dessa espécie em Kelewan — disse Hochopepa. — Pelo menos que eu tenha ouvido falar. Uma das vantagens de nossa organização está no fato de que dois mil anos de esforço conjunto dos Mantos Negros libertaram este mundo de muitas dessas ameaças. Temos conhecimento de senhores de demônios e de reis feiticeiros, espíritos de poderes maléficos e entidades cruéis, e todos sucumbiram diante do poder combinado da Assembleia.

— Para mim, parece que um escapou de vocês — disse Meecham, da janela.

Hochopepa pareceu surpreso por um plebeu lhe dirigir a palavra e, por fim, deu uma risada abafada.

— É possível, ou talvez a explicação seja outra. Não sei. Mas — disse a Pug — você sempre exerceu influência em prol de melhorias sociais no Império e não duvido da veracidade do que contou. Agirei como seu intermediário, procurando garantir-lhe acesso seguro à biblioteca, e também ajudarei na pesquisa. Porém você deve entender que a Assembleia está debilitada por dissensões internas. A votação a favor de sua vida não está, de modo algum, garantida. Tenho de voltar e começar a exercer influência. Vários dias podem se passar até eu conseguir levar a questão a público.

Contudo, creio que conseguirei fazê-lo. As questões que levantou são tantas que não podem ser ignoradas. Assim que possível, convocarei uma reunião e virei buscá-lo quando tiver defendido sua causa. Só um louco não prestaria atenção em sua advertência, mesmo que, no fim, seja provado que não é deste mundo a entidade que aflige seu mundo. Na pior das hipóteses, será concedida autorização para você usar a biblioteca e partir em seguida; na melhor das hipóteses, talvez a reintegração. Obviamente, você terá de justificar suas ações do passado.

— Posso justificá-las e assim o farei, Hocho.

Hochopepa levantou-se do banco, ficando em pé de frente para seu amigo de longa data.

— Pode ser que a paz seja viável entre nossos povos, Milamber. Se houver alguma forma de curar a antiga ferida, ambos os mundos poderão se beneficiar com isso. Eu, particularmente, adoraria visitar essa Academia que está construindo e conhecer esse vidente que prevê o futuro, bem como a criança que fala com a mente.

— Tenho tanto a partilhar, Hocho. A criação de portais controláveis não passa de um décimo de todo o resto. Mas tudo isso terá de ficar para depois. Agora, vá.

Pug começou a acompanhar Hochopepa à porta, mas percebeu algo na atitude de Meecham que lhe chamou a atenção. Ele estava rígido demais e em uma posição incômoda. Dominic seguia atentamente a conversa dos magos e não parecia ter notado qualquer alteração no homem livre. Pug observou Meecham por um segundo, para logo gritar:

— Um feitiço!

Pug foi até a janela e tocou em Meecham. O homem alto não conseguia se mexer. Pela janela, viu homens correrem para o prédio. Antes de Pug conseguir reagir e lançar um feitiço protetor, a porta explodiu para dentro com um estrondo ensurdecedor, derrubando todos no chão e deixando-os momentaneamente atordoados.

Com a cabeça girando, Pug tentou ficar em pé, mas os ouvidos ressoavam e sua visão estava fora de foco. Levantando-se cambaleando, viu um objeto ser lançado pela porta. Parecia uma bola do tamanho de um punho. Uma vez mais, tentou proferir um feitiço de proteção ao redor daquele espaço, mas a esfera emitiu uma ofuscante luz alaranjada. Sentiu os olhos arderem, vendo-se obrigado a fechá-los, o que quebrou o padrão do feitiço. Reiniciou-o, mas

o objeto produziu um ruído estridente, que parecia exaurir suas forças. Ouviu alguém cair. Não conseguiu, porém, ver se havia sido Hochopepa ou Dominic que tentavam se levantar em vão ou se tinha sido Meecham que caíra. Pug lutou contra a magia da esfera com todo seu considerável poder, mas estava confuso e desorientado. Cambaleou até a porta, tentando se afastar do objeto, pois, quando estivesse a salvo de seus efeitos debilitantes, facilmente poderia salvar seus amigos. Porém o feitiço era rápido e potente. À soleira da porta, sucumbiu. Caiu de joelhos, piscando para afastar a visão dupla provocada pela esfera ou pela explosão. Conseguiu avistar vários homens atravessando a praça correndo para o prédio. Usavam a armadura dos Brancos Imperiais do Senhor da Guerra, sua guarda de honra particular. Quase indo para a escuridão, Pug ainda conseguiu ver que à frente dos homens vinha um Manto Negro. Ouviu, por fim, a voz do mago, como se viesse de muito longe e atravessasse o zunido em seus ouvidos, dizendo:

— Prendam-nos!

16

Moraelin

A névoa cobria o desfiladeiro.

Arutha acenou para que parassem; Jimmy olhou para baixo, através da umidade flutuante. Uma queda d'água podia ser ouvida retumbando ao lado da trilha no percurso para Moraelin. Estavam exatamente na Grande Cordilheira Setentrional, na área que ficava entre as florestas dos elfos e as Terras do Norte. Moraelin ficava mais acima, nas montanhas, um lugar rochoso e árido logo abaixo do cume. Aguardaram enquanto Martin inspecionava a passagem mais à frente. Desde que deixaram os guias elfos, a jornada se tornara uma missão militar em terras nas mãos dos inimigos. Podiam confiar no talismã de Arutha para ocultá-los da magia vidente de Murmandamus, mas era inquestionável que ele sabia para onde se dirigiam e, em breve, chegariam: Moraelin. Não se perguntavam onde iriam se deparar com os lacaios daquela entidade, pois sabiam que o encontro era inevitável. Restava saber apenas quando aconteceria.

Martin voltou, fazendo sinal de que o caminho estava livre, mas logo levantou as mãos para que parassem novamente. Passou correndo pelos outros, voltando para trás na trilha. Ao passar por Baru e Roald, fez sinal para que o seguissem. Eles saltaram dos cavalos e Laurie e Jimmy seguraram as rédeas. Arutha olhou para trás, perguntando-se o que Martin teria avistado, enquanto Jimmy mantinha os olhos no caminho à frente.

Martin regressou com os outros, acompanhados por outra silhueta que caminhava descontraidamente. Arutha se acalmou ao ver que era o elfo

Galain.

A natureza opressiva da viagem era tal que falavam em sussurros, senão os ecos nas colinas os trairiam. Arutha saudou o elfo.

— Achamos que não vinha mais.

— O Comandante Militar ordenou-me que os seguisse com estas informações, poucas horas depois de se separarem — Galain explicou. — Depois que o encontrei, Apalla, o gwali, disse duas coisas importantes. Em primeiro lugar, um monstro de natureza feroz e difícil de compreender pela descrição do gwali mora na área do lago. Tomas pede cautela de sua parte. Em segundo lugar, existe outra entrada para Moraelin. Ele achou que isso era bastante importante, por isso me enviou atrás de vocês. — Galain sorriu. — Além disso, achei que talvez fosse útil verificar se estavam sendo seguidos.

— Estamos?

Galain confirmou.

— Dois batedores moredhel interceptaram seu caminho menos de dois quilômetros ao norte de nossas florestas. Assinalavam seu percurso e um deles certamente teria corrido à frente para avisar que se aproximavam de Moraelin. Eu teria me juntado a vocês mais cedo, mas quis me certificar de que nenhum deles escaparia para transmitir o aviso. Agora, esse risco já não existe. — Martin fez um aceno com a cabeça, ciente de que o elfo os matara depressa e que não tiveram chance de dar o alerta. — Não há sinais de mais ninguém.

— Você vai voltar? — Martin perguntou.

— Tomas deixou a meu critério. Já não compensa voltar. É melhor acompanhá-los. Posso não conseguir passar pelas Pegadas do Desesperado, mas, até alcançar esse ponto, um arco a mais poderá se revelar de grande utilidade.

— Seja bem-vindo — disse Arutha.

Martin montou e, sem dizer nada, Galain correu à frente para reconhecer o terreno. Seguiram em bom ritmo, sempre subindo. Sentiam frio, apesar do calor de início de verão, devido às quedas d’água. Àquela altura, o granizo e a queda de neve ocasional eram habituais, exceto nos meses mais quentes de verão, e ainda faltavam várias semanas até eles. As noites eram úmidas, embora não tão duras como temiam, uma vez que o acampamento era improvisado. Os elfos tinham lhes oferecido rações de batedores: carne seca e bolos duros de farinha de avelã e frutos secos. Embora nutritiva, era uma

comida sem sabor.

A trilha seguia a vertente dos penhascos até desembocar em uma campina alta que dava para o vale. As águas de um lago prateado e cintilante batiam delicadamente nas margens à luz do entardecer. Nenhum ruído era ouvido além dos cantos dos pássaros e do farfalhar do vento nas árvores. Jimmy olhou ao redor.

— Mas como… como pode estar um dia tão bonito quando estamos nos enfiando na boca do lobo?

— Um pouco sobre a vida de soldado: se vai arriscar a vida, não faz sentido fazer isso molhado, com frio e com fome, a menos que seja absolutamente necessário — comentou Roald. — Aproveite o sol, rapaz. É uma dádiva.

Deram água aos cavalos. Depois de uma pausa agradável, seguiram em frente. O caminho de que Calin falara, ao norte do lago, foi fácil de encontrar, mas era íngreme e difícil de atravessar.

Quando o pôr do sol se aproximava, Galain regressou trazendo notícias de uma caverna onde poderiam acender uma pequena fogueira em segurança.

— Ela tem dois nichos e o ar sobe por fissuras que levam a fumaça. Martin, se formos já, pode ser que ainda tenhamos tempo para caçar à beira do lago.

— Não demorem na caçada — Arutha disse. — E anunciem que estão chegando com o grasnar de um corvo, já que sabem imitar bem, ou então serão recebidos por espadas pontiagudas.

Martin acenou a cabeça, passando as rédeas do cavalo a Jimmy.

— Vamos demorar no máximo duas horas depois do crepúsculo — disse; então juntou-se a Galain e voltaram pela trilha até o lago.

Roald e Baru seguiram à frente e, após cinco minutos a cavalo, encontraram a caverna que Galain mencionara. Era plana, larga e estava vazia. Jimmy a explorou até o fundo e viu que se estreitava após poucas dezenas de metros, o que significava que visitas inesperadas teriam de entrar pela abertura da caverna. Laurie e Baru recolheram lenha e acenderam a primeira fogueira dos últimos dias, ainda que pequena. Jimmy e Arutha se instalaram com os demais, à espera de Martin e Galain.

O Duque e o elfo esperavam. Haviam construído uma cobertura de aspecto natural com galhos e folhas recolhidos de outras partes do bosque. Tinham certeza de que veriam qualquer animal que viesse pela margem do lago sem serem vistos. Estavam deitados a favor do vento em relação ao lago e calados havia meia hora quando ouviram cascos nas rochas abaixo do penhasco.

Ambos colocaram flechas nos arcos e permaneceram em silêncio. Vindos da trilha abaixo, entraram na campina uma dúzia de cavaleiros vestidos de preto. Usavam todos o estranho elmo do dragão que viram em Sarth e suas cabeças não paravam; olhavam de um lado para outro, como se procurassem algo ou alguém. Atrás vinha Murad. Em seu rosto, viram a cicatriz adicional causada por Arutha na estrada para Sarth.

Os Exterminadores Negros puxaram as rédeas de suas montarias e lhes deram água, permanecendo nas selas. Murad parecia relaxado, mas atento. Deixaram os cavalos beberem durante dez silenciosos minutos.

Quando terminaram, partiram, subindo a trilha atrás do grupo de Arutha.

— Devem ter passado entre Yabon e a Montanha de Pedra para fugirem de suas florestas — disse Martin assim que deixaram de vê-los. — Tathar tinha razão quando pressupôs que nossa chegada a Moraelin era aguardada.

— Poucas são as coisas que me inquietam nesta vida, Martin, mas aqueles Exterminadores Negros são uma delas.

— Chegou agora a essa conclusão?

— Os humanos têm uma queda para o drama em certas ocasiões. — Galain olhou para onde os cavaleiros tinham desaparecido.

— Logo alcançarão Arutha e os outros. Se Murad sabe seguir rastros, irá encontrar a caverna — disse Martin.

Galain se levantou.

— Esperemos que o hadati domine a arte de esconder vestígios. Se não tiver feito isso, pelo menos nós poderemos atacar pela retaguarda.

Martin sorriu tristemente.

— Sem dúvida é um consolo para os que estão lá dentro. Treze contra cinco e uma única passagem.

Sem outros comentários, puseram os arcos nos ombros e começaram a subir a trilha a passos largos, atrás dos moredhel.

— Cavaleiros se aproximam — avisou Baru. Imediatamente, Jimmy cobriu a fogueira com terra que levara para a caverna, caso fosse necessário. Dessa forma, o fogo seria extinto rapidamente e sem fumaça. Logo Laurie tocou em seu braço e fez sinal indicando que devia ir para o fundo da caverna para ajudar a acalmar os cavalos. Roald, Baru e Arutha avançaram até onde dava para olhar para fora sem serem vistos.

A noite parecia escura como breu depois do fogo vivo, mas não tardou para que seus olhos se adaptassem e conseguissem ver os cavaleiros passando pela caverna. O último deles parou um instante antes de todos responderem a uma ordem silenciosa; então também pararam. Ele olhou em volta, como se pressentisse algo nos arredores. Arutha tateou em busca do talismã, esperando que o moredhel fosse apenas cauteloso e que não sentisse sua presença.

Uma nuvem saiu da frente da pequena lua, a única que se via no céu àquela hora da noite, e a paisagem na frente da caverna ficou um pouco mais iluminada. Baru ficou tenso ao se deparar com Murad, pois o montanhês estava vendo o moredhel com nitidez. Começara a desembainhar a espada quando a mão de Arutha lhe prendeu o pulso. O Príncipe sussurrou em seu ouvido:

— Ainda não!

O corpo de Baru estremecia ante o desejo de vingar a morte da família e concluir sua Busca de Sangue. Ardia de desejo de atacar o moredhel, sem consideração por sua própria integridade física, mas tinha de pensar nos companheiros.

Foi então que Roald agarrou o hadati pela nuca, encostando o rosto no de Baru para conseguir falar em seu ouvido quase sem emitir som:

— Se os doze inimigos esquartejarem você antes de alcançar Murad, que honra fará à memória de sua aldeia?

A espada de Baru deslizou silenciosa de volta à bainha.

Em silêncio, viram Murad examinar a área circundante. Seus olhos se detiveram na entrada da caverna. Olhou com atenção pela entrada; Arutha sentiu, por um instante, os olhos do moredhel com o rosto cheio de cicatrizes sobre ele. Até que retomaram o caminho e… desapareceram.

Arutha rastejou para fora da caverna, atento a qualquer sinal que indicasse que os cavaleiros estavam voltando. De repente, uma voz vinda de

trás disse:

— Achei que um urso das cavernas os tivesse expulsado daí.

O Príncipe girou, com o coração batendo desenfreado e a espada já saindo da bainha, mas deparou apenas com Martin e Galain.

— Eu podia ter trespassado vocês com a espada! — disse, guardando a arma.

Os outros surgiram do fundo da caverna e Galain disse:

— Eles deveriam ter averiguado, mas pareciam determinados demais a chegar depressa a algum lugar. Por isso, talvez seja melhor segui-los. Vou mantê-los sob vigilância e aproveito para ir marcando o caminho.

Arutha indagou:

— Mas o que acontecerá se outro grupo de Irmãos das Trevas segui-los também? Não encontrarão suas marcações?

— Só Martin reconhecerá minhas marcações. Nenhum moredhel das montanhas consegue seguir um rastro feito com a habilidade de um elfo. — Colocou o arco no ombro e começou a correr atrás dos cavaleiros.

Enquanto Galain desaparecia na escuridão da noite, Laurie perguntou:

— Mas e se os Irmãos das Trevas morarem nestas florestas?

— Nesse caso, minha preocupação é quase a mesma que a sua — a voz de Galain respondeu da escuridão.

— Quem me dera ele estivesse brincando — disse Martin, quando Galain já não podia mais ouvi-los.

Galain surgiu correndo pela trilha, apontando para uma mata à esquerda da estrada. Dirigiram-se para as árvores e desmontaram. Levaram as montarias até um barranco e entraram no bosque.

— Uma patrulha está vindo — sussurrou Galain e, juntamente com Martin e Arutha, voltou para o limite do bosques de onde podiam observar quem passasse pela trilha.

Os minutos se escoaram com uma lentidão angustiante, até que doze cavaleiros surgiram na estrada da montanha, um bando de moredhel e de homens. Os moredhel vestiam capas e evidentemente eram habitantes das florestas do sul. Passaram sem diminuir a velocidade até desaparecerem de vista.

— Os renegados se juntando sob o estandarte de Murmandamus — disse Martin, quase cuspindo ao prosseguir: — Poucos são aqueles que eu mataria

de bom grado, mas entre esses estão os humanos que servem os moredhel em troca de ouro.

Quando regressaram para onde os demais estavam, Galain disse a Arutha:

— Eles montaram um acampamento na própria estrada, a cerca de um quilômetro e meio daqui. São espertos, pois contornar o acampamento não será fácil e teremos de deixar aqui os cavalos. Ou fazemos isso, ou teremos de atravessar o acampamento a toda a velocidade.

— A que distância fica o lago? — perguntou o Príncipe.

— A poucos quilômetros. No entanto, assim que passarmos o acampamento, ficaremos acima da linha das árvores e quase sem proteção, a não ser por alguns rochedos. Será um percurso lento. Será melhor fazê-lo à noite. É muito provável que tenham batedores nos arredores e muitos guardas na estrada até a ponte.

— Onde fica a segunda entrada de que o gwali falou?

— Se entendi bem, teríamos de descer para as Pegadas do Desesperado e lá encontrar uma gruta ou uma fenda que atravessa a rocha até a superfície do planalto ao lado do lago.

Arutha ponderou.

— Vamos deixar os cavalos por aqui…

— É melhor prendermos os cavalos nas árvores — sugeriu Laurie com um leve sorriso. — Muito embora, se morrermos, não vamos precisar mais deles.

— Meu antigo capitão costumava ser curto e grosso com soldados que insistiam em falar da morte antes de uma batalha… — disse Roald.

— Chega! — ordenou Arutha. Deu um passo e se virou para todos. — Tenho remoído isso. Vim até aqui e vou prosseguir, mas… vocês podem partir agora, se assim desejarem, e eu não vou tentar detê-los. — Olhou para Laurie e Jimmy, depois para Baru e Roald. Todos lhe responderam com o silêncio. Arutha fitou um por um e acabou acenando bruscamente com a cabeça. — Muito bem. Amarrem os cavalos e tirem dos alforjes aquilo que não vamos precisar. Prosseguiremos a pé.

Um moredhel vigiava o caminho mais abaixo, bem iluminado pelas luas maior e média, enquanto a menor se erguia. Estava empoleirado no alto de algumas rochas, aninhado atrás de um pedregulho e posicionado de forma a não ser visto por quem viesse subindo a trilha.

Martin e Galain miraram em suas costas enquanto Jimmy se esgueirava

por trás das rochas. Tentariam passar sem serem vistos, mas, se o moredhel sequer estremecesse na direção errada, Martin e Galain o matariam antes que conseguisse falar qualquer coisa. Jimmy foi o primeiro, já que era o mais silencioso. Baru o seguiu, deslocando-se pelas rochas com a naturalidade experiente de quem nascera nas montanhas. Laurie e Roald avançavam com lentidão, levando Martin a se questionar se conseguiria manter o alvo na mira durante a semana que eles pareceram demorar para passar. Por último, Arutha passou sorrateiramente, como uma leve brisa soprando, disfarçando o tênue barulho das botas na rocha quando desceu para uma leve depressão. Rapidamente juntou-se aos outros, longe dos olhos do vigia. Em poucos segundos, surgiu Martin, logo seguido por Galain, que ultrapassou todos eles para, mais uma vez, tomar a dianteira.

Baru fez um sinal para dizer que ia logo atrás e Arutha assentiu com um aceno de cabeça. Pouco depois, Laurie e Roald avançaram. Antes de se virar para segui-los, Jimmy aproximou o rosto de Martin e de Arutha e sussurrou:

— Quando voltarmos, a primeira coisa que vou fazer é gritar a plenos pulmões.

Com um empurrão bem-humorado, Martin fez com que ele andasse. Arutha olhou para Martin e moveu os lábios formando as palavras “Eu também”, seguindo atrás dos companheiros. Martin olhou para trás uma última vez e, então, partiu.

No mais absoluto silêncio, estavam deitados em um desnível ao lado da estrada, uma pequena saliência de rocha que os ocultava dos cavaleiros moredhel que passavam. Temendo até respirar, permaneceram completamente imóveis quando os cavaleiros pareceram parar sua marcha lenta. Por um longo e preocupante momento, Arutha e seus companheiros temeram ser descobertos. Quando todos os nervos pareciam bradar por ação, quando todos os músculos exigiam movimento, os cavaleiros prosseguiram a patrulha. Com um suspiro de alívio que beirava um soluço, Arutha rolou para o lado e descobriu que o caminho estava vazio. Acenou a Galain, ordenando que a caminhada fosse retomada. O elfo partiu pelo desfiladeiro e os demais se levantaram aos poucos e o seguiram.

O vento noturno soprava com força pela encosta da montanha. Arutha encostou-se às rochas, olhando para onde Martin apontava. Galain segurava-se na parede oposta do nicho em que estavam agachados. Tinham subido uma

pequena elevação a leste da trilha que parecia afastá-los do destino, embora fosse um desvio necessário para evitarem a atividade crescente dos moredhel. Olhavam para baixo, para um extenso desfiladeiro, no meio do qual viam um planalto. No centro dele, havia um pequeno lago. À esquerda, perceberam que a trilha voltava a passar pela beirada do desfiladeiro, desaparecendo depois por cima do cume das montanhas mais altas, claramente perceptível sob a claridade produzida por todas as três luas.

No ponto onde a trilha se aproximava mais da beira do desfiladeiro, haviam sido erguidas duas torres iguais de pedra. Outras duas podiam ser vistas do lado oposto do planalto. Entre elas, uma estreita ponte suspensa oscilava ao vento. No topo das quatro torres ardiam tochas cujas chamas dançavam furiosamente ao vento. O movimento ao longo da ponte e em cima das torres indicava que toda a área ao redor do planalto estava fortemente guardada. Arutha voltou a se encostar às rochas.

— Moraelin.

— De fato. Ao que parece, temiam que trouxesse um exército com você — disse Galain.

— Teria sido uma boa ideia — comentou Martin.

— Você estava certo quanto comparou este lugar com a estrada de Sarth — Arutha disse. — Trazer um exército para cá daria proporções de idêntica gravidade. Teríamos perdido mil homens para chegar aqui, se conseguíssemos chegar tão longe. Atravessar a ponte em uma única coluna…? Seria uma carnificina.

— Consegue vislumbrar aquela forma escura do outro lado do lago? — Martin perguntou.

— É uma construção qualquer — respondeu Galain. Então assumiu um ar de perplexidade. — Não é comum ver uma construção por aqui, aquela construção, qualquer construção, embora os valheru fossem capazes de tudo. Este é um lugar de poder. Deve ser uma construção valheru, embora nunca tenha ouvido falar de nada semelhante.

— Onde poderei encontrar o Espinho de Prata? — perguntou Arutha.

— Pelo que se conta nas histórias, ele precisa de água, por isso cresce nas margens do lago. Não há informações mais específicas.

— Agora, vamos descobrir como chegamos lá — comentou Martin.

Galain fez sinal para que se afastassem da ponta da parede de pedra e voltaram para onde os demais esperavam. O elfo se ajoelhou e desenhou no

chão.

— Estamos aqui e a ponte é aqui. Em algum lugar na base existe uma pequena gruta ou uma grande fenda onde cabe um gwali, por isso acho que conseguirão passar rastejando. Pode até ser uma chaminé vulcânica na rocha pela qual seja preciso escalar, ou podem ser grutas interligadas. No entanto, Apalla foi bastante claro quando mencionou que passara algum tempo neste planalto com a família. Não permaneceu muito tempo devido à "coisa má", mas tudo o que mencionou serviu para convencer Tomas e Calin de que não estava confundindo este com outro lugar e que aqui passara mesmo algum tempo. Descobri uma superfície de rocha fraturada do outro lado do desfiladeiro, por isso vamos ultrapassar a entrada da ponte até que aquela construção fique entre nós e os guardas. Então vocês vão encontrar o que parece ser o início de um caminho para descer até lá. Mesmo que não consigam descer tudo, podem usar cordas. Depois eu as puxo para cima e as escondo.

— O que vai ser conveniente quando quisermos subir — disse Jimmy.

— Amanhã ao pôr do sol volto a lançar as cordas — disse Galain. — Posso deixá-las penduradas até o dia começar a raiar. Depois volto a puxá-las. Na noite seguinte, faço o mesmo. Creio que conseguirei ficar escondido na fenda da rocha fraturada. Posso precisar correr até os arbustos, mas ficarei longe da vista dos moredhel que possam estar patrulhando. — No entanto, não parecia muito convencido. — Se precisarem das cordas antes disso — acrescentou, sorrindo —, basta gritarem.

Martin olhou para Arutha.

— Desde que não saibam que estamos aqui, ainda temos uma chance. Continuam a dar mais atenção ao sul, julgando que ainda estamos entre Elvandar e este lugar. Desde que não denunciemos nossa presença…

— É um plano tão bom quanto outro qualquer que eu possa pensar — disse Arutha. — Vamos.

Com pressa, pois precisavam descer até o fundo da ravina antes do amanhecer, avançaram por entre as rochas, na tentativa de alcançarem a extremidade mais afastada do desfiladeiro.

Jimmy abraçava a superfície do planalto, escondido nas sombras debaixo da ponte. A extremidade do desfiladeiro estava cerca de quarenta e cinco metros acima; ainda assim, havia o risco de serem vistos. Encontraram uma

fenda estreita e escura na superfície do planalto. Jimmy virou a cabeça para Laurie e sussurrou:

— Mas é claro. Tinha mesmo de ficar debaixo da ponte.

— Esperemos que não se deem ao trabalho de olhar para baixo.

Falaram com os outros e Jimmy esgueirou-se pela fenda. Era bastante estreita ao longo de somente três metros, desembocando em uma gruta. Virando-se na direção dos companheiros, pediu:

— Passem uma tocha e uma pedra.

Ao pegá-las, ouviu um movimento atrás de si. Assobiou em advertência e girou, ao mesmo tempo que o punhal praticamente voava para a sua mão. A luz fraca que vinha de trás atrapalhava mais do que ajudava, pois deixava grande parte da caverna na mais completa escuridão para seus olhos. Jimmy fechou-os, confiando em seus outros sentidos. Recuou para a fenda, rezando silenciosamente ao deus dos ladrões.

Mais à frente ouviu um ruído, como garras arranhando a rocha; ao mesmo tempo, ouviu uma respiração lenta e pesada. Lembrou-se, em seguida, que o gwali falara de uma “coisa má” que comera um membro de sua tribo.

Jimmy voltou a ouvir o mesmo ruído, desta vez muito mais perto, e desejou fortemente alguma luz. Deslocou-se para a direita quando ouviu Laurie chamá-lo em tom interrogativo.

— Há algum bicho aqui — sussurrou.

Jimmy ouviu Laurie falar com os outros e também o barulho que o cantor fez ao recuar, afastando-se da entrada da caverna. Mal conseguiu escutar alguém, talvez Roald, avisar:

— Martin está vindo.

Segurando o punhal com muita força, Jimmy pensou consigo mesmo: sim, se fosse para enfrentar animais, eu também mandaria Martin. Esperou que o enorme Duque saltasse a qualquer momento para seu lado, tentando entender por que ele estava demorando.

Foi então que algo subitamente se movimentou na direção do garoto, que saltou para trás e para cima, instintivamente, quase escalando a superfície de uma rocha. Sentiu que alguma coisa tentava atacar suas pernas abaixo do joelho; chegou até a ouvir o som de algo tentando mordê-lo. Jimmy virou-se no ar e, recorrendo às suas capacidades inatas, encolheu-se e rolou ao cair em cima de algo que não era pedra. Sem hesitar, Jimmy atacou com o punhal, sentindo a ponta se cravar. Continuou rolando para sair de cima das costas da

criatura ao mesmo tempo que a caverna ressoava com um sibilar de réptil. O rapaz encolheu-se e ficou de pé, puxando o punhal. A criatura girou com movimentos rápidos, quase tão rápidos quanto os de Jimmy, que saltou para longe, às cegas, mas acabou batendo a cabeça em uma estalactite baixa.

Atordoado, Jimmy chocou-se com força na parede, enquanto a criatura voltava a investir, falhando por pouco. Jimmy, meio tonto, estendeu o braço esquerdo e agarrou o pescoço da coisa. Como se fosse um homem lendário montado em um tigre, Jimmy não podia se soltar, pois assim a criatura ficava impossibilitada de alcançá-lo, desde que a agarrasse com força. Jimmy sentou-se, deixando que o animal o arrastasse pela caverna, enquanto golpeava repetidamente o flanco coberto por couro. Como tinha pouco espaço para se mexer, os golpes quase não surtiam efeito. A criatura se debatia e Jimmy foi atirado várias vezes contra a parede de rocha, arranhando-se ao ser arrastado pela caverna. O menino sentiu o pânico invadi-lo, pois o animal parecia cada vez mais furioso e tinha a sensação de que seu braço estava prestes a ser arrancado do ombro. Lágrimas de medo escorreram por seu rosto, mas, mesmo completamente apavorado, não parou de golpear a criatura.

— Martin — gritou ao mesmo tempo que engolia em seco. Onde estaria ele? Jimmy sentiu uma súbita convicção de que a sorte da qual tanto se gabara finalmente se esgotara. Pela primeira vez desde que se lembrava, sentiu-se impotente, pois nada podia fazer para sair daquela situação. Começou a ficar com náuseas e completamente entorpecido; com a mais absoluta certeza, temeu por sua vida. Não era a excitação embriagante diante do perigo que sentia em uma perseguição pela Via dos Ladrões, mas uma horrível dormência paralisante, como se desejasse se encolher e deixar que tudo acabasse.

A criatura continuava pulando, fazendo Jimmy bater repetidamente na parede, até que, de repente, parou. Jimmy continuou a esfaqueá-la até ouvir uma voz:

— Está morto.

O ladrão, ainda atordoado, abriu os olhos e viu Martin de pé acima dele. Baru e Roald estavam logo atrás e o mercenário segurava uma tocha acesa. Ao lado do rapaz jazia uma criatura semelhante a um lagarto, com dois metros de comprimento; algo que lembrava um iguana com dentes de crocodilo. Em sua nuca, via-se fincada a faca de caça de Martin.

O Duque se ajoelhou em frente a Jimmy.

— Você está bem?

Jimmy saiu apressadamente de perto da criatura, visivelmente ainda em estado de choque. Quando seus sentidos anulados pelo medo entenderam que escapara ileso, o rapaz balançou a cabeça energicamente.

— Não, não estou bem. — Limpou as manchas deixadas pelas lágrimas. — Não, droga, não estou bem. — Novamente com lágrimas nos olhos, acrescentou: — Droga, pensei que…

Arutha foi o último a passar pela fenda e tratou logo de examinar o estado de Jimmy. Aproximou-se do garoto, que continuava encostado à parede de rocha, molhado de lágrimas.

— Acabou. Está tudo bem — disse, colocando uma mão no braço do rapaz.

Em um tom de voz que denunciava uma mistura de raiva e medo, Jimmy declarou:

— Achei que ele tinha me pegado. Droga, nunca senti tanto medo na vida.

— Se é para ficar com medo de algo, Jimmy — disse Martin —, este bicho é uma boa escolha. Olhe só para estas mandíbulas.

Jimmy sentiu um arrepio.

— Todos temos nossos medos, Jimmy — comentou Arutha. — Você acabou de encontrar aquilo que o amedronta de verdade.

Jimmy acenou a cabeça.

— Espero que este bicho não tenha um irmão mais velho por perto.

— Você se machucou? — perguntou o Príncipe.

Jimmy fez uma rápida análise de si mesmo.

— Só alguns hematomas. — Contraiu-se. — *Muitos* hematomas.

— Uma serpente das rochas — disse Baru. — E de tamanho considerável. Fez bem em matá-la com essa faca, Lorde Martin.

À luz, a criatura tinha um ar respeitável, mas nada que se aproximasse do horror que Jimmy imaginara às escuras.

— É essa a “coisa má”?

— É provável — respondeu Martin. — Se assustou você, imagine o que ela faz a um gwali de menos de um metro. — Ergueu a tocha quando Laurie e Arutha entraram. — Vamos ver como é este lugar.

Encontravam-se em uma câmara estreita mas alta, constituída em grande

parte por pedra calcária, ao que parecia. O solo subia ligeiramente ao se afastar da fenda que dava para o exterior. Jimmy parecia atordoado, mas seguiu na frente.

— Ainda sou o especialista em escalar lugares onde não sou bem-vindo — disse, tomando a tocha das mãos de Martin.

Passaram rapidamente por uma sucessão de câmaras, cada uma um pouco mais larga e mais acima do que a anterior. As grutas interligadas tinham um aspecto inusitado e transmitiam uma sensação estranha, de certa forma inquietante. O planalto era de tal forma extenso que poderiam se deslocar durante algum tempo sem perceberem que estavam subindo.

— Estamos andando em espiral — disse Jimmy. — Juro que estamos acima do lugar onde Martin matou aquela serpente das rochas.

Continuaram até chegarem a um aparente beco sem saída. Olhando em volta, Jimmy apontou para o alto. Um metro acima de suas cabeças, viram uma abertura no teto.

— É uma chaminé — constatou Jimmy. — Podemos subi-la apoiando as costas em um lado e os pés no outro.

— E se ela ficar mais larga? — perguntou Laurie.

— Então voltamos. O ritmo da descida varia de pessoa para pessoa. Sugiro que se faça devagar.

— Se os gwali conseguem subir — disse Martin —, também somos capazes.

— Com o perdão de Vossa Graça — disse Roald —, também acha que consegue se balançar pelas árvores?

Ignorando a observação, Martin perguntou:

— Jimmy?

— Sim, eu vou primeiro. Não vou acabar meus dias aqui só porque um de vocês escorregou e caiu em cima de mim. Afastem-se da abertura até que eu os chame.

Com a ajuda de Martin, Jimmy facilmente entrou na chaminé. Tinha um diâmetro adequado, com espaço suficiente para passar com facilidade. Os outros, especialmente Martin e Baru, teriam dificuldades, mas conseguiriam passar. Jimmy chegou à superfície rapidamente. Estava cerca de nove metros da câmara abaixo, em outra caverna. Sem luz, não conseguia saber qual era seu tamanho, mas o fraco eco de sua respiração lhe permitiu concluir que tinha um tamanho razoável. Enfiou a cabeça para chamar os outros e depois

subiu para a borda.

Quando a primeira cabeça surgiu — era Roald —, Jimmy já acendia uma tocha. Em um instante, todos subiram pela chaminé. A caverna era ampla, com uns sessenta metros de largura. O teto se achava entre sete a oito metros acima. Estalagmites erguiam-se do solo e muitas se uniam às estalactites acima, formando pilares de pedra calcária. A caverna era uma floresta de pedra. A distância, viam-se muitas outras cavernas e passagens.

Martin olhou ao redor.

— A que altura você acha que estamos, Jimmy?

— Não mais do que vinte metros. Ainda nem chegamos ao meio do caminho.

— Vamos para qual direção agora? — perguntou Arutha.

— Acho que a melhor forma de descobrir é ir experimentando — respondeu Jimmy.

Escolhendo uma das muitas saídas, avançou.

Depois de horas à procura, Jimmy virou-se para Laurie e informou:

— Enfim, a superfície.

Transmitiram a informação de boca em boca e Arutha se espremeu para passar pelo menestrel e conseguir olhar. Acima da cabeça do rapaz havia uma passagem estreita, pouco mais do que uma fenda. O Príncipe conseguia vislumbrar lá em cima uma luz quase ofuscante demais, depois de tanto tempo nas passagens mal iluminadas. Com um aceno de cabeça, Jimmy escalou até encobrir a luminosidade por completo.

Quando voltou, anunciou:

— A saída dá para um conjunto de rochas. Estamos a cerca de cem metros do lado da ponte que dá para a construção negra. Ela é grande, tem dois andares.

— Há algum guarda?

— Não vi nenhum.

Arutha pensou antes de acrescentar:

— Vamos esperar até escurecer. Jimmy, consegue ficar suspenso perto da superfície, à escuta?

— Ali há uma borda onde dá para ficar — disse o rapaz, e voltou a escalar.

Arutha sentou-se e foi imitado pelos demais, todos aguardando a chegada

da noite.

Jimmy contraiu e descontraiu os músculos para não ficar com cãibras. Um silêncio mortal cobria a parte de cima do planalto, salvo pelo som ocasional do vento. Ouvia sobretudo uma ou outra palavra perdida ou os sons de botas que vinham da ponte. Uma vez pensou ter escutado um ruído estranho e baixo vindo da construção negra, mas não podia afirmar com certeza. O sol baixara para além do horizonte, embora o céu ainda estivesse iluminado. Com certeza, já tinham passado duas horas do horário de jantar, mas naquela época do ano, tão ao norte nas encostas das montanhas e já quase no solstício de verão, o sol se punha muito depois de ter se posto em Krondor. Jimmy lembrou que já fizera trabalhos em que tivera de pular refeições, mas isso não impedia sua barriga de pedir atenção.

Por fim, a escuridão chegou. Jimmy ficou satisfeito e parecia que os companheiros compartilhavam do mesmo sentimento. Havia algo naquele lugar que os deixava completamente inquietos. Até Martin praguejara diversas vezes entre dentes por serem obrigados a esperar. De fato, havia algo estranhíssimo naquele lugar que lhes provocava um sutil efeito. Jimmy sabia que não voltaria a se sentir tranquilo até aquele lugar ficar a quilômetros de distância e não ser mais do que uma vaga memória.

Jimmy escalou para o exterior e se manteve alerta enquanto Martin subia, seguido pelos demais. Tinham decidido se dividir em três grupos: Baru e Laurie, Roald e Martin, e Jimmy e o Príncipe. Percorreriam a margem do lago em busca da planta e, assim que alguém a encontrasse, voltaria até a fenda nas rochas, aguardando embaixo pelos companheiros.

Arutha e Jimmy se dirigiram à construção negra, pois iniciariam a busca atrás dela. Pareceu sensato verificar se havia guardas ali antes de procurar perto da antiga construção valheru. Era impossível saber qual era a atitude dos moredhel em relação àquele lugar. Podiam ter o mesmo respeito temeroso que os elfos, recusando-se a entrar, evitando-o até a realização de alguma cerimônia, como se fosse um santuário, ou então podiam estar na construção em grande número.

Sorrateiramente, Jimmy alcançou a construção e se encostou a ela. As pedras eram inesperadamente macias. Ele passou a mão por elas, descobrindo que tinham a textura do mármore. Arutha aguardou, com as armas em riste, enquanto Jimmy efetuava uma rápida verificação ao redor da construção.

— Não há ninguém à vista — sussurrou —; só nas torres da ponte.

— E lá dentro? — murmurou Arutha.

— Não sei — Jimmy respondeu. — É um lugar enorme, mas só tem uma porta. Quer dar uma olhada? — Ele esperava que o Príncipe recusasse.

— Quero.

Jimmy levou Arutha à parede, contornando uma esquina até chegar à porta solitária que servia para entrar na grande construção. Acima da porta, via-se uma janela em forma de meia-lua, por onde passava uma luz fraca. Jimmy fez um sinal a Arutha para que lhe desse impulso e o jovem ladrão escalou até a cornija por cima da porta. Agarrou-a e se içou para poder espiar pela janela.

Jimmy espiou. Abaixo, por trás da porta, via-se uma espécie de vestíbulo, com um piso de lajes. Para além desse aposento, portas duplas abriam-se para a escuridão. Jimmy reparou em um estranho detalhe na parede sob a janela. A pedra exterior não passava de um revestimento.

Jimmy saltou para o chão.

— Não consigo ver nada daquela janela.

— Nada?

— Há uma passagem para um lugar escuro, e só. Não há sinal de guardas.

— Vamos começar a procurar às margem do lago, mas precisamos ficar de olho neste lugar.

Jimmy concordou e os dois caminharam para o lago. A construção começava a dar a impressão de que “algo estava estranho”, mas ele afastou as distrações e se concentrou na busca.

Passaram horas percorrendo a margem. Algumas plantas aquáticas beiravam o lago; o planalto, porém, era praticamente desprovido de flora. A distância, chegava-lhes um ruído ocasional, que Arutha acreditava vir de uma das outras duplas dedicadas à busca.

Quando o céu começou a ficar cinzento, Jimmy alertou Arutha de que a aurora estava chegando. Profundamente aborrecido, o Príncipe desistiu e acompanhou o menino ladrão de volta à fenda. Laurie e Baru já estavam lá; Martin e Roald se juntaram ao grupo pouco depois. Ninguém vira nenhum Espinho de Prata.

Arutha permaneceu em silêncio, virando-se devagar até ficar de costas para os outros. Cerrou o punho, como se tivesse levado um golpe. Todos os olhos estavam sobre ele enquanto fitava a escuridão da caverna; seu perfil

estava desenhado pela tênue luz que chegava de cima, e todos viram as lágrimas em seu rosto. De repente, virou-se para olhar seus companheiros.

— Tem de ser aqui — disse com voz rouca. Olhou para cada um deles, deixando que vissem algo em seus olhos: a profundidade de um sentimento, um sentimento de perda avassaladora que os levava a compartilhar seu pavor. Todos testemunharam sofrimento e agonia. Se não encontrassem o Espinho de Prata, Anita estaria perdida.

Martin partilhava a dor do irmão, e mais ainda, pois naquele instante viu seu pai naqueles momentos tranquilos antes de Arutha crescer e entender a angústia de Borric por ter perdido Lady Catherine. O caçador criado pelos elfos sentiu o peito apertado diante do pensamento de ver o irmão reviver aquelas noites de solidão em frente à lareira, ao lado de uma poltrona vazia, restando somente um retrato sobre a lareira para contemplar. Dos três irmãos, Martin fora o único que vislumbrara a profunda amargura que assombrara o pai em todos os momentos. Se Anita falecesse, o coração e a alegria de Arutha certamente morreriam com ela. Relutante em abandonar a esperança, Martin sussurrou:

— Está aqui em algum lugar.

Jimmy acrescentou:

— Há um lugar onde não procuramos.

— Na construção — concluiu Arutha.

— Sendo assim, só nos resta fazer uma coisa — declarou Martin.

Jimmy odiou-se por ter de dizer:

— Um de nós tem de entrar para dar uma olhada.

17

Senhor da Guerra

A cela fedia a palha úmida.

Pug se mexeu, percebendo que tinha as mãos amarradas à parede com correntes de pele de needra. A pele da apática besta de seis patas que os tsurani usavam como animal de carga fora tratada até adquirir uma dureza que quase se igualava ao aço e estava presa firmemente à parede. Sua cabeça doía, devido ao estranho dispositivo que o impedira de usar magia. Porém havia mais uma coisa para irritá-lo. Lutou contra a apatia mental e olhou para as algemas. Ao começar a proferir um feitiço que transformaria as correntes em um gás incorpóreo, ocorreu uma falha repentina. Não conseguia definir de outra forma a não ser *falha*. O feitiço parecia não funcionar. Pug se encostou na parede, ciente de que a cela fora envolvida em uma magia que neutralizava qualquer outra. É óbvio, pensou. De que forma poderiam manter um mago na prisão?

Olhou à sua volta. Não era mais do que um fosso escuro aonde chegava pouquíssima luz de uma pequena abertura com barras no alto da porta. Um ser pequeno e ligeiro se mexeu pela palha ao lado de seu pé. Pug o chutou e o bicho fugiu apressado. As paredes estavam cobertas de umidade, por isso concluiu que ele e seus companheiros estavam abaixo da terra. Não tinha como saber quanto tempo fazia desde que estavam ali; tampouco fazia ideia do local onde estavam. Podia ser em qualquer parte de Kelewan.

Meecham e Dominic estavam presos na parede à sua frente, enquanto, à sua direita, Hochopepa estava igualmente acorrentado. Pug percebeu de

imediato que o Império se apoiava em um delicado equilíbrio para que o Senhor da Guerra se arriscasse a fazer mal a Hochopepa. Capturar e denunciar um renegado era uma coisa, mas encarcerar um Grande do Império era bem diferente. Por direito, um Grande devia ter imunidade diante do Senhor da Guerra. Além do Imperador, um Grande representava o único desafio ao poder do Senhor da Guerra. Kamatsu estava certo. Ele estava prestes a pôr em prática um terrível plano ou ataque no Jogo do Conselho, pois aprisionar Hochopepa revelava um enorme desprezo por qualquer oposição imaginável.

Meecham gemeu e levantou a cabeça devagar.

— Minha cabeça — balbuciou. Percebendo que estava preso, puxou as correntes para testá-las. — Então — disse, olhando para Pug —, e agora?

Pug olhou para trás e balançou a cabeça.

— Vamos esperar.

Foi uma longa espera, talvez de três ou quatro horas. Quando alguém apareceu, foi de modo imprevisto. A porta se abriu bruscamente e um mago vestido de negro entrou, seguido por um soldado dos Brancos Imperiais. Hochopepa quase cuspiu ao exclamar:

— Ergoran! Você enlouqueceu? Liberte-me imediatamente!

O mago fez sinal para que o soldado desamarrasse Pug.

— Faço o que tenho de fazer pelo Império — respondeu a Hochopepa. — Você está associado aos nossos inimigos, homem gordo. Levarei notícias à Assembleia informando-a sobre sua duplicidade quando terminarmos de castigar este falso mago. — Enquanto Pug era conduzido para fora, o mago chamado Ergoran acrescentou: — Milamber, sua exibição nos Torneios Imperiais ocorridos há um ano conquistou-lhe muito respeito, o suficiente para garantir que não semeará mais destruição à sua volta. — Dois soldados prenderam os pulsos de Pug com raras e dispendiosas algemas de metal. — As proteções colocadas nestas masmorras impedem que sejam realizados feitiços aqui dentro. Quando sair das masmorras, serão estas algemas que anularão seus poderes. — Fez sinal aos guardas para que levassem Pug e um deles lhe deu um empurrão nas costas.

A experiência de Pug o advertia de que não valia a pena perder tempo com Ergoran. De todos os magos conhecidos como os preferidos do Senhor da Guerra, ele era o mais dedicado. Estava entre os poucos magos que acreditavam que a Assembleia deveria ser apenas um braço do corpo

dirigente do Império, o Conselho Supremo. Quem o conhecia achava que o objetivo final de Ergoran era ver a Assembleia se tornar o Conselho Supremo. Diziam os rumores que, durante o governo do inflamado Almecho, fora Ergoran quem diversas vezes estivera por trás das decisões políticas da Facção Bélica.

Um grande lance de escadas levou Pug até a luz do dia. Depois de ficar na escuridão da cela, a luz o cegou por alguns instantes. Enquanto era empurrado pelo pátio de um edifício gigantesco, seus olhos depressa se adaptaram. Pug foi levado por uma larga escadaria e, ao subir, olhou por cima do ombro. Avistou pontos de referência suficientes para saber onde estava. Viu o rio Gagajin, que corria das montanhas da Cordilheira Elevada até a cidade de Jamar. Era a principal rota entre o norte e o sul das províncias centrais do Império. Pug se encontrava na Cidade Sagrada, Kentosani, capital do Império de Tsuranuanni. A julgar pelas dezenas de guardas de armaduras brancas, concluiu que estava no palácio do Senhor da Guerra.

Pug foi empurrado por um corredor comprido até chegar a uma sala central. As paredes de pedra terminaram e uma porta deslizante de madeira e pele rígida e pintada se abriu. Uma sala particular do conselho fora escolhida pelo Senhor da Guerra do Império para interrogar o prisioneiro.

Havia outro mago no centro da sala, atendendo os desejos de um homem sentado que lia um pergaminho. Pug conhecia superficialmente o segundo mago, Elgahar, e percebeu que não podia contar com qualquer ajuda, nem mesmo em defesa de Hochopepa, pois Elgahar era irmão de Ergoran; o dom da magia sempre se evidenciara naquela família. E Elgahar sempre parecia aceitar a liderança do irmão.

O homem sentado em um monte de almofadas era de meia idade e trajava uma túnica branca com uma singela fita dourada nas bordas da gola e das mangas. Lembrando-se de Almecho, o Senhor da Guerra anterior, Pug foi incapaz de conceber um contraste mais gritante. A aparência de Axantucar, era a antítese da de seu tio. Enquanto Almecho era um homem de pescoço largo e atarracado, um guerreiro típico, aquele à sua frente lembrava mais um erudito ou um professor. Seu corpo franzino o tornava parecido a um asceta. Suas feições eram quase delicadas.

O homem levantou o olhar do pergaminho que estivera lendo e Pug percebeu a semelhança: aquele homem, tal como o tio, tinha nos olhos o mesmo desejo ardente e louco de poder. Colocando o pergaminho de lado

lentamente, o Senhor da Guerra disse:

— Milamber, seu retorno revela coragem, eu diria até sagacidade. Obviamente, você será executado, mas, antes de mandá-lo para a forca, gostaríamos que nos dissesse o que o trouxe de volta.

— Em meu mundo, um poder vem crescendo, uma presença obscura e maléfica que procura promover sua causa, que, por sua vez, consiste na destruição de meu mundo.

O Senhor da Guerra pareceu interessado, fazendo um sinal para Pug prosseguir. Pug contou tudo o que sabia, sem floreados nem exageros. Não deixou de mencionar nenhum detalhe.

— Por meio da magia, pude determinar que essa entidade é originária de Kelewan; ao que parece, os destinos dos dois mundos se encontram uma vez mais entrelaçados.

— Você tece uma história interessante — disse o Senhor da Guerra quando Pug terminou. Ergoran pareceu menosprezar sua história, mas Elgahar parecia genuinamente inquieto. O Senhor da Guerra prosseguiu: — Milamber, é realmente uma pena que tenha nos abandonado depois da traição. Se tivesse ficado aqui, teríamos arranjado um trabalho como contador de histórias para você. Um grande poder obscuro, nascido em um canto esquecido de nosso Império. Que história maravilhosa! — O sorriso do homem se extinguiu, enquanto ele se inclinava para a frente, apoiando o cotovelo no joelho, os olhos postos em Pug. — Agora, diga a verdade. Esse fraco pesadelo que construiu não passa de uma tentativa vã de me assustar com o intuito de deixar passar as verdadeiras razões do seu retorno. A Facção da Roda Azul e seus aliados estão à beira da queda no Conselho Supremo. Esse é o motivo de seu retorno, pois aqueles que antes eram seus aliados estão desesperados, cientes de que o domínio absoluto da Facção Bélica é certo. Você se aliou novamente, tal como aquele gordo, àqueles que traíram a Aliança Bélica durante a invasão ao seu mundo. Teme a nova ordem que representamos. Daqui a poucos dias, anunciarei o fim do Conselho Supremo, o que significa que você veio tentar impedir esse anúncio, não é verdade? Não sei o que pretende fazer, mas a verdade será descoberta, se não agora, certamente em pouco tempo. Além disso, você irá indicar aqueles que se aliaram contra nós. Também controlaremos o meio que o trouxe de volta. Assim que o Império estiver firme sob meu domínio, regressaremos a seu mundo e rapidamente faremos o que devíamos ter feito durante o comando de

meu tio.

O mago olhou cada um dos rostos e entendeu a verdade. Pug havia se encontrado e falado com Rodric, o Rei louco. O Senhor da Guerra não estava tão ensandecido quanto o Rei, mas já revelava um elevado grau de loucura. Mas atrás dele, estava alguém que pouco se traiu, porém o suficiente para que Pug entendesse tudo. Ergoran era o poder a se temer, já que era o verdadeiro gênio que sustentava a superioridade da Facção Bélica. Seria ele que governaria Tsuranuanni um dia, talvez até sem intermediários.

Um mensageiro entrou e fez uma reverência diante do Senhor da Guerra, entregando-lhe um pergaminho. O Senhor da Guerra o leu depressa, dizendo em seguida:

— Tenho de me apresentar ao conselho. Informe ao inquisidor que solicito seus serviços na quarta hora da noite. Guardas, devolvam o prisioneiro à sua cela. — Quando os guardas começaram a puxar Pug pelas correntes, o Senhor da Guerra voltou a falar: — Pense bem, Milamber. Você pode morrer depressa ou devagar, mas sua morte é certa. A escolha é sua. Seja como for, acabaremos extraindo a verdade.

Pug observou Dominic entrar em transe. Relatara aos companheiros a reação do Senhor da Guerra e, depois de um acesso de raiva de Hochopepa, o mago obeso ficara em silêncio. Tal como outros que vestiam o manto negro, Hochopepa considerava quase inconcebível a noção de ver ignorado o menor de seus caprichos. Aquele encarceramento era praticamente impossível de conceber. Meecham reagira com seu habitual jeito taciturno, enquanto o monge permanecera impávido e sereno. A conversa fora curta e resignada.

Pouco depois, Dominic começara os exercícios, deixando Pug fascinado. Sentara-se e começara a meditar. Até o momento em que começou a entrar em uma espécie de transe. Em silêncio, Pug pensou na lição do monge. Mesmo naquela cela, aparentemente sem esperança, não havia necessidade de se renderem ao medo e de se tornarem miseráveis irracionais. A memória de Pug regrediu, recordando sua infância em Crydee: as lições frustrantes com Kulgan e Tully, procurando dominar uma magia que, descobriria anos mais tarde, era incapaz de praticar. Uma pena, pensou consigo mesmo. Muito do que observara durante o tempo que vivera em Doca da Estrela o convencera de que a Magia Inferior de Midkemia era muito mais avançada do que a de

Kelewan. Provavelmente, isso se devia ao fato de existir somente um tipo de magia em Midkemia.

Para testar, Pug tentou executar um dos feitiços que Kulgan lhe ensinara quando era criança e que, de todo modo, nunca conseguira realizar. *Hum*, refletiu, *o feitiço do Caminho Inferior não é afetado*. Começou a se deparar com o estranho bloqueio em seu âmago e quase achou graça dele. Quando era mais novo, temia a experiência, pois era sinal de falha. Agora sabia que se tratava somente de sua mente rejeitando a disciplina do Caminho Inferior, uma vez que já estava habituada ao Caminho Superior. Ainda assim, os efeitos da proteção antimagia o levaram a abordar o problema indiretamente. Fechou os olhos, imaginando aquilo que tentara executar diversas vezes e que sempre falhara. O padrão de sua mente contrariava os requisitos daquele tipo de magia, porém, à medida que se alterava para assumir a orientação habitual, parecia saltar contra as proteções, recuar e…Pug sentou-se ereto e de olhos arregalados. Quase conseguira descobrir! Por um brevíssimo instante, quase entendera. Reprimindo a excitação, cerrou os olhos, baixou a cabeça e se concentrou. Se pudesse encontrar aquele ínfimo instante, aquele instante cristalino em que entendera… um instante que lhe escapava assim que o atingia… Em uma cela desagradável e imunda, quase achara por acaso aquela que seria a descoberta mais importante da história da magia tsurani. Se ele pudesse recuperar aquele instante…

Foi então que as portas da cela se abriram. Pug olhou para cima, tal como Hochopepa e Meecham. Dominic não saiu do transe. Elgahar entrou, fazendo sinal a um guarda para fechar a porta atrás de si. Pug se levantou, esticando as pernas, que tinham cedido sobre as pedras frias debaixo da palha enquanto meditava sobre sua infância.

— O que você afirma é inquietante — disse o mago de manto negro.

— Assim deve ser, pois é verdade.

— Talvez, mas também pode não ser, ainda que você acredite piamente que seja verdade. Eu quero ouvir tudo.

Pug fez sinal para que o mago se sentasse, mas ele balançou a cabeça, recusando. Encolhendo os ombros, Pug voltou ao seu lugar no chão e começou a narrativa. Quando chegou à parte da visão de Rogen, Elgahar ficou evidentemente agitado, interrompendo Pug com várias perguntas. Pug prosseguiu e, quando chegou ao fim, Elgahar balançou a cabeça.

— Diga, Milamber, em seu mundo há muitas pessoas que podem

compreender o que foi dito a esse vidente em sua visão?

— Não. Só eu e mais um ou dois conseguiriam entender. E só os tsurani de LaMut teriam reconhecido o idioma como um dialeto antigo do Templo Elevado.

— Existe uma possibilidade assustadora. Tenho de saber se a levou em conta.

— Qual?

Elgahar inclinou-se para se aproximar de Pug e sussurrou uma única palavra em seu ouvido. A cor fugiu de seu rosto e ele fechou os olhos. Em Midkemia, sua mente iniciara o processo para deduzir o que estava ao seu alcance a partir das informações disponíveis. Subconscientemente, porém, sempre soubera a resposta. Com um único e prolongado suspiro, disse:

— Sim, também pensei nisso. Tentei evitar admitir essa possibilidade sempre que pude, mas ela está sempre presente.

— De que vocês estão falando? — disse Hochopepa.

Pug balançou a cabeça.

— Não, meu velho amigo. Ainda não. Quero que Elgahar pense sobre o que deduziu sem ouvir nem a minha opinião nem a sua. É algo que vai levá-lo a reavaliar sua lealdade.

— Talvez. Mas, mesmo que isso aconteça, não quer dizer que a situação atual vá sofrer alterações.

Hochopepa explodiu de raiva.

— Como pode dizer tal coisa?! Que circunstâncias podem importar diante dos crimes do Senhor da Guerra? Será que chegou ao ponto de renunciar a seu próprio livre-arbítrio em prol de seu irmão?

— Hochopepa — respondeu Elgahar —, de todos os que usam o manto negro, você é aquele que melhor devia compreender, pois você e Fumita participaram durante anos do Grande Jogo aliados à Facção da Roda Azul. — Ele se referia ao papel daqueles dois magos para ajudar o Imperador a acabar com a Guerra do Portal. — Pela primeira vez na história do Império, o Imperador se encontra em uma posição absolutamente incomum. Diante da traição nas negociações de paz, ao mesmo tempo que goza da posição de uma autoridade suprema, ele perdeu a moral. Ele poderá optar por não exercer sua influência e não voltar a utilizar sua autoridade. Cinco chefes militares de clãs morreram com a traição, aqueles que tinham melhores posições na corrida para o cargo de Senhor da Guerra. Como morreram, muitas famílias

perderam as posições que detinham no Conselho Supremo. Caso ele volte a dar ordens aos clãs, é provável que se recusem a obedecer.

— Você está falando de regicídio — disse Pug.

— Já aconteceu antes, Milamber. Contudo, isso significaria guerra civil, uma vez que não há herdeiros. A Luz do Céu é jovem e ainda deve gerar filhos, embora já tenha três meninas. O Senhor da Guerra deseja apenas a estabilidade do Império. Ele não quer derrubar uma dinastia com mais de dois mil anos. Eu não nutro afeto ou antipatia por este Senhor da Guerra. Contudo, o Imperador deve ser forçado a entender que sua posição na organização do mundo é de ordem espiritual. Ele deve entregar toda a autoridade temporal ao Senhor da Guerra. Só então Tsuranuanni iniciará uma era de prosperidade infindável.

Hochopepa soltou uma gargalhada amarga.

— Só o fato de você acreditar nesse disparate revela que a seleção que fazemos na Assembleia não é assim tão rigorosa quanto deveria ser.

— Quando a estabilidade da ordem interna do Império for restabelecida — Elgahar continuou, ignorando o insulto —, poderemos enfrentar a possível ameaça que você anuncia. Mesmo que aquilo que contou se mostre verdadeiro e minhas especulações se revelem corretas, podem ainda se passar muitos anos até nos vermos obrigados a lidar com essa questão aqui em Kelewan, o que nos proporciona muito tempo de preparação. Devemos ter em mente que alcançamos na Assembleia novos limites de poder que jamais foram imaginados por nossos antepassados. Aquilo que consideraram como uma grande ameaça pode se revelar um mero incômodo para nós.

— Sua arrogância é sua ruína, Elgahar. Todos vocês. Hocho e eu já discutimos esta questão. Sua pretensão de supremacia está errada. Vocês não ultrapassaram o poder de seus antepassados; ainda precisam se igualar a ele. Entre as obras de Macros, o Negro, encontrei volumes que revelam poderes inconcebíveis ao longo dos milênios de existência da Assembleia.

Elgahar pareceu intrigado diante daquela ideia e ficou calado por alguns instantes.

— Talvez — disse por fim, pensativo. Então avançou para a porta. — Em um ponto você foi bem-sucedido, Milamber. Conseguiu me convencer de que é vital mantê-lo vivo por mais tempo do que deseja o Senhor da Guerra. Você possui conhecimentos que devem ser revelados. Quanto ao resto, preciso… pensar melhor.

— Isso, Elgahar. Pense bem — disse Pug. — Pense naquela palavra singela: aquela que sussurrou em meu ouvido.

Elgahar pareceu estar prestes a acrescentar mais alguma coisa, mas simplesmente deu ordem para que o guarda no exterior da cela abrisse a porta. Assim que saiu, Hochopepa disse:

— Ele enlouqueceu.

— Não — disse Pug. — Ele não enlouqueceu; simplesmente acredita no que o irmão lhe diz. Quem quer que olhe Axantucar e Ergoran nos olhos e acredite que são eles que vão trazer prosperidade ao Império não passa de um tolo, um crente idealista, e não um louco. É Ergoran que temos de temer de fato.

Fizeram silêncio por algum tempo e Pug voltou a pensar naquilo que Elgahar lhe dissera ao ouvido. A possibilidade aterradora daquilo que representava era assustadora demais para pensar a respeito, por isso voltou a se concentrar no estranho momento em que, pela primeira vez na vida, vislumbrara o verdadeiro domínio do Caminho Inferior.

Algum tempo tinha se passado. Pug não conseguia precisar quanto, mas partiu do princípio de que já haviam passado quatro horas desde o crepúsculo, a hora designada pelo Senhor da Guerra para o interrogatório. Guardas entraram na cela, libertando Meecham, Dominic e Pug. Hochopepa foi deixado lá dentro.

Foram arrastados até uma sala equipada com instrumentos de tortura. O Senhor da Guerra resplandecia em sua túnica verde e dourada, conversando com o mago Ergoran. Um homem de capuz vermelho aguardava em silêncio enquanto os três prisioneiros eram acorrentados aos pilares dispostos de modo a poderem ver uns aos outros.

— Ao contrário de minha opinião, Ergoran e Elgahar estão convencidos de que seria benéfico manter você vivo, embora cada um apresente um motivo diferente. Elgahar parece inclinado a acreditar, de certa forma, na história que você contou, pelo menos a ponto de achar prudente que tentemos descobrir tudo o que conseguirmos. Ergoran e eu já não estamos tão inclinados a isso, mas há outras coisas que gostaríamos de saber. Assim sendo, começaremos garantindo que só nos dirá a verdade. — Fez um sinal ao Inquisidor, que rasgou as vestes de Dominic, deixando-o somente de tanga. Abriu, então, um frasco selado e tirou de lá um pedaço de madeira

coberto de uma substância esbranquiçada. Passou um pouco da substância no peito de Dominic e o monge ficou rígido. Sem acesso a metais, os tsurani haviam desenvolvido métodos de tortura diferentes dos usados em Midkemia, embora igualmente eficazes. Assim que foi aplicada, a substância cáustica e pegajosa começou a criar bolhas na pele de Dominic, que fechou os olhos com toda a força e engoliu um grito.

— Por economia, achamos mais provável que nos contasse a verdade se déssemos atenção a seus companheiros em primeiro lugar. Sabemos por seus antigos compatriotas e por sua explosão nos Torneios Imperiais que você parece possuir uma natureza de grande compaixão, Milamber. Irá nos dizer a verdade?

— Tudo o que disse é verdadeiro, Senhor da Guerra! Torturar meus amigos não mudará esse fato!

— Senhor! — alguém o chamou.

O Senhor da Guerra olhou para o Inquisidor.

— O que foi?

— Este homem… Olhe. — Dominic perdera o semblante de dor. Estava pendurado no pilar, com uma expressão de serenidade beatífica no rosto.

Ergoran ficou em frente ao monge para examiná-lo.

— Ele está em uma espécie de transe?

Tanto o Senhor da Guerra quanto o mago olharam para Pug.

— Que espécie de truque este falso sacerdote está fazendo, Milamber? — perguntou o mago.

— Ele não é sacerdote de Hantukama, isso é verdade, mas é sacerdote em meu mundo. Consegue colocar a mente em repouso, independentemente do que aconteça ao corpo.

O Senhor da Guerra acenou com a cabeça para o Inquisidor, que retirou uma faca afiada de uma mesa. Aproximou-se do monge e, dando um golpe rápido, fez um corte em seu ombro. Dominic não se mexeu nem reagiu com um tremor involuntário. Com uma tenaz, o Inquisidor pegou uma brasa e a aproximou do corte. O monge permaneceu imóvel.

O Inquisidor colocou de lado a tenaz e constatou:

— É inútil, senhor. Ele bloqueou a mente. Já tivemos este problema com outros sacerdotes.

Pug franziu a testa. Embora não estivessem imunes à política, os templos eram, habitualmente, discretos nas relações que mantinham com o Conselho

Supremo. Se o Senhor da Guerra andava interrogando esse tipo de prisioneiros, isso significava que os templos estavam se movimentando em benefício dos aliados contra a Facção Bélica. E, como Hochopepa desconhecia aquela situação, isso significava também que o Senhor da Guerra estava agindo dissimuladamente, adiantando-se a quem o enfrentava. Mais do que qualquer outro fato, aquele detalhe revelava a Pug que o Império estava em sérios apuros, à beira da guerra civil. O ataque aos que permaneciam ao lado do Imperador era iminente.

— Este aqui não é sacerdote — disse Ergoran, aproximando-se de Meecham. Levantou o olhar para o homem livre alto. — É um mero escravo, então deve ser mais maleável. — Meecham cuspiu no rosto do mago. Ergoran, habituado ao receio e ao respeito constantes e devidos a um Grande, ficou atordoado como se tivesse sido agredido. Recuou cambaleando enquanto limpava a saliva do rosto. Enfurecido, disse friamente: — Você acabou de ganhar uma morte lenta e prolongada, escravo.

Meecham sorriu pela primeira vez desde que Pug conseguia se lembrar, um sorriso rasgado, quase malicioso. Seu rosto parecia quase sobrenatural devido à cicatriz na face.

— Valeu a pena, mula castrada.

Com raiva, Meecham falara no Idioma do Rei, mas o tom do insulto bastou para que o outro entendesse. O mago estendeu a mão, tirou a faca afiada da mesa do Inquisidor e rasgou um golpe profundo no peito de Meecham. O homem livre ficou rígido, empalidecendo quando a ferida começou a sangrar. Ergoran permaneceu à sua frente, triunfante. O midkemiano voltou a cuspir.

O Inquisidor virou-se para o Senhor da Guerra.

— Senhor, o Grande está interferindo com este trabalho delicado.

O mago recuou, deixando a faca cair. Tornou a limpar a saliva do rosto, voltando a ficar ao lado do Senhor da Guerra.

— Não tenha pressa em nos contar o que sabe, Milamber — disse, deixando evidente o ódio em sua voz. — Desejo a esta vil criatura uma sessão demorada.

Pug esforçou-se, em vão, para combater a magia das algemas em seus pulsos que neutralizava sua própria magia. O Inquisidor começou a torturar Meecham, mas o estoico homem livre recusou-se a gritar. Ao longo de meia hora, o Inquisidor executou seu trabalho sanguinário, até que, por fim,

Meecham emitiu um gemido abafado e pareceu passar a um estado de semiconsciência.

— Por que retornou, Milamber? — perguntou o Senhor da Guerra.

Pug, sentindo o sofrimento de Meecham como se fosse seu, respondeu:

— Eu disse a verdade. — E olhou para Ergoran. — Você sabe que é verdade. — Percebeu que Ergoran fingira não ouvir sua súplica, pois o mago furioso desejava, por rancor, que Meecham sofresse, sem se importar com o fato de Pug não lhes ter escondido nada.

O Senhor da Guerra indicou ao Inquisidor que devia passar a Pug. O homem de capuz vermelho rasgou as vestes de Pug. Então o frasco da substância cáustica foi aberto e uma pequena camada foi aplicada no peito de Pug. Anos de trabalho duro como escravo nos pântanos fizeram de Pug um homem esguio e musculoso e seu corpo se crispou quando a dor começou. De início, não sentiu nada, até que, passado um segundo, a dor queimou a carne quando os produtos químicos na pasta reagiram. Pug quase conseguia ouvir a pele criar bolhas.

— Por que retornou? — A voz do Senhor da Guerra atravessava a dor. — Com quem entrou em contato?

Pug fechou os olhos para combater o fogo no peito. Procurou refúgio nos exercícios de relaxamento que Kulgan lhe ensinara quando era seu aprendiz. Outra pincelada de pasta e outro fogo emergiu, desta vez na sensível parte do interior da coxa. A mente de Pug se agitou e procurou refúgio na magia. Uma vez, e depois outra, lutou para quebrar a barreira imposta pelas algemas que inibia sua magia. Em sua juventude, conseguira encontrar o caminho para a magia somente em momentos de grande pressão. Quando vira a vida ameaçada por trolls, realizara seu primeiro feitiço. Quando confrontara o Escudeiro Roland, atacara com magia. E a destruição dos Torneios Imperiais viera de uma fonte nas profundezas de seu cerne que jorrara raiva e indignação. Naquele momento, sua mente era como um animal enraivecido, jogando-se nas barras de uma jaula imposta por magia e, tal como um animal, reagia às cegas, fustigando as barreiras repetidamente, determinado a se libertar ou perecer.

Encostaram brasas em sua carne e ele gritou. Foi um grito animalesco, uma mistura de dor e de raiva, ao mesmo tempo que sua mente se soltava. Seus pensamentos ficaram obscurecidos, como se existisse uma paisagem de superfícies refletoras, uma sala de espelhos que girava furiosamente, cada um

deles projetando uma imagem. Em uma das superfícies, viu o menino que trabalhara na cozinha de Crydee olhando para ele; em outra, viu o aprendiz de Kulgan. Em uma terceira, estava o jovem escudeiro e, na quarta, um escravo no acampamento dos pântanos Shinzawai. Reflexo atrás de reflexo, nos espelhos que via dentro dos espelhos, vislumbrava algo diferente. Atrás do rapaz da cozinha, viu um homem, um serviçal, e não restavam dúvidas de quem era. Um Pug sem magia, sem formação, que crescera como um simples membro da criadagem da cozinha, cansado. Por trás da imagem do jovem escudeiro, viu um nobre do Reino, de braço dado com a Princesa Carline, sua esposa. Sua mente girava. Procurava algo insanamente. Observou a imagem do pupilo de Kulgan. Atrás dele, enxergou a imagem refletida de um mago adulto praticante da Arte Inferior. Em sua mente, Pug girou, procurando a origem daquela imagem refletida dentro da imagem, do Pug que crescera para se tornar mestre da Magia Inferior. Em seguida, viu a origem daquela imagem, um possível futuro nunca concretizado, devido a um acaso do destino que afastara sua vida daquele resultado. Contudo, nas possibilidades alternativas de sua vida, encontrou aquilo que procurava. Encontrou uma fuga. De repente, compreendeu. Estava aberta uma via e sua mente fugiu por esse caminho.

Pug abriu os olhos repentinamente e olhou para além da figura de capuz vermelho do Inquisidor. Meecham gemia pendurado, novamente consciente, enquanto Dominic permanecia perdido em seu transe.

Pug recorreu ao poder mental para desligar a consciência dos ferimentos infligidos a seu corpo. Em um instante, não sentia mais dor. Depois, sua mente tentou alcançar a figura vestida de negro de Ergoran. O Grande do Império quase cambaleou quando os olhos de Pug se fixaram nos dele. Pela primeira vez desde tempos imemoriais, um mago do Caminho Superior estava empregando um talento do Caminho Inferior, e Pug envolveu Ergoran em uma batalha de vontades.

Com uma força capaz de estilhaçar mentes, Pug derrotou o mago, atordoando-o na mesma hora. A figura de manto negro ficou desacordada por um instante até Pug assumir o controle de seu corpo. Fechando seus olhos, Pug viu pelos de Ergoran. Adaptou, então, seus sentidos até ganhar controle total sobre o Grande tsurani. A mão de Ergoran esticou-se para a frente e uma cascata de energia brotou de seus dedos, atingindo o Inquisidor pelas costas. Linhas vermelhas e roxas de força dançaram pelo corpo do homem, enquanto

se dobrava e gritava. Logo começou a dançar pela sala como uma marionete enlouquecida, fazendo movimentos bruscos e convulsivos, enquanto gritava assolado por dores atrozes.

O Senhor da Guerra ficou momentaneamente estupefato.

— Ergoran! — berrou. — Mas que loucura é essa? — Agarrou a túnica do mago no momento em que o Inquisidor foi jogado contra a parede mais afastada, tombando no chão. Assim que o Senhor da Guerra tocou no mago, as energias dolorosas deixaram de afligir o Inquisidor e se embrenharam no Senhor da Guerra. Axantucar contorceu-se, recuando do ataque violento.

O Inquisidor levantou-se, balançando a cabeça para desanuviá-la e cambaleando de volta aos prisioneiros. O torturador de capuz vermelho tirou uma faca fina da mesa, pressentindo que a dor que sofrera fora infligida por Pug. Avançou, então, em sua direção, mas Meecham agarrou as correntes, suspendendo-se. Com um arremesso, Meecham esticou-se e envolveu o pescoço do Inquisidor com as pernas. Em um golpe de tesoura, prendeu o Inquisidor, que se debatia, apertando com uma força tremenda. O Inquisidor golpeou Meecham com a faca, abrindo-lhe cortes repetidamente, mas Meecham não aliviou a pressão. Uma e outra vez a faca golpeou, até as pernas de Meecham ficarem cobertas com o próprio sangue, mas o Inquisidor não conseguia aplicar golpes profundos com a pequena faca, escorregadia devido ao sangue. Meecham soltou um grito de prazer pela vitória e, em seguida, com um grunhido e um solavanco, esmagou a traqueia do homem. Assim que o Inquisidor sucumbiu, a força abandonou o homem livre. Meecham caiu, suspenso apenas pelas correntes. Esboçando um débil sorriso, fez a Pug um aceno com a cabeça.

Pug interrompeu o feitiço de dor e o Senhor da Guerra caiu, largando Ergoran. Depois, ordenou ao mago que se aproximasse, sentindo a mente do Grande maleável e mole sob o controle da magia de Pug. Sem entender bem como, Pug sabia como comandar as ações do mago, enquanto se mantinha ciente daquilo que ele mesmo fazia.

O mago começou a libertar Pug das correntes que o prendiam, enquanto o Senhor da Guerra tentava ficar em pé. Libertou uma mão. Axantucar foi aos tropeços até a porta buscando sair dali. Então Pug tomou uma decisão. Se conseguisse se libertar das correntes, poderia enfrentar qualquer número de guardas que o Senhor da Guerra chamasse, mas não seria capaz de controlar dois homens e estava certo de que não conseguiria manter o controle do mago

pelo tempo necessário para destruir o Senhor da Guerra e se libertar. Ou será que seria capaz? Foi então que reconheceu o perigo. Aquela nova magia revelava-se difícil e seu discernimento lhe escapava. Por que estava permitindo que o Senhor da Guerra fugisse? A dor da tortura e o esforço pesavam muitíssimo e Pug sentia-se enfraquecer rapidamente. O Senhor da Guerra abriu a porta, chamando alguns guardas, aos gritos, ao mesmo tempo que agarrava uma lança. Com um impulso, atingiu Ergoran nas costas. O golpe fez o mago cair de joelhos antes de conseguir libertar a outra mão de Pug. Também teve o efeito de enviar um choque psíquico que atingiu Pug, levando-o a gritar, perturbado pela dor de Ergoran.

A mente de Pug ficou envolta em neblina. De repente, sentiu algo se quebrar em seu interior e seus pensamentos se transformaram em um mar de fragmentos reluzentes quando os espelhos da memória se estilhaçaram; fragmentos de lições passadas, imagens de sua família, odores, sabores e sons percorreram sua consciência.

Luzes dançaram em sua mente, primeiro espalhando partículas de luz das estrelas, reflexos de novas perspectivas em seu cerne. Ziguezaguearam e dançaram, formando um padrão, um círculo, um túnel, depois um caminho. Ele se lançou por esse caminho, chegando a um novo plano de consciência. Tinha trilhado novos caminhos e alcançado uma nova compreensão. O caminho que se abrira antes à sua frente, entre a dor e o pavor, passara a lhe pertencer. Agora podia caminhar nele livremente. Finalmente, era senhor dos poderes que representavam seu legado.

Sua visão clareou e ele viu soldados subirem as escadas com dificuldade. Voltou a atenção para a algema que ainda lhe prendia o pulso. De repente, recordou uma lição antiga de Kulgan. Com uma carícia de sua mente, a algema de couro endurecido se tornou flácida e maleável e Pug conseguiu soltar a mão.

Concentrou-se, em seguida, derrubando, partidas ao meio, as pulseiras inibidoras de magia. Olhou para as escadas e, pela primeira vez, registrou mentalmente o impacto de tudo o que via. O Senhor da Guerra e seus soldados tinham fugido, enquanto uma espécie de luta acontecia no andar de cima. Um soldado com a armadura azul do Clã Kanazawai jazia morto ao lado de um soldado Branco Imperial. Rapidamente, ele libertou Meecham, amparando-o até o chão. Ele sangrava em grande quantidade pelos cortes na perna e pelos ferimentos no tronco. Pug enviou a Dominic uma mensagem

mental procurando por ele: *Volte.* Os olhos de Dominic se abriram de imediato e suas algemas caíram.

— Cuide do Meecham — Pug pediu. E, sem pedir explicações, o monge correu para cuidar do homem livre ferido.

Pug subiu as escadas a toda a velocidade e correu até onde Hochopepa estava encarcerado. Entrou na cela e o sobressaltado mago perguntou:

— O que está acontecendo? Ouvi barulho lá fora.

Pug inclinou-se, transformando os grilhões em couro flácido.

— Não sei. Aliados, acho. Creio que a Facção da Roda Azul está tentando nos libertar. — Ele soltou as mãos de Hochopepa das correntes já moles.

Hochopepa se levantou, cambaleando.

— Temos, então, de ajudá-los a nos ajudar — disse com determinação, para logo notar que estava livre e suas algemas, amolecidas. — Milamber, como conseguiu fazer isto?

— Não sei, Hocho — respondeu Pug, já saindo. — É um assunto que precisa ser discutido.

Pug subiu as escadas correndo até o andar superior do palácio. Na galeria central do castelo do Senhor da Guerra, homens armados lutavam corpo a corpo. Soldados com armaduras de cores diversas lutavam contra os Brancos Imperiais do Senhor da Guerra. Sondando o combate sangrento, Pug viu Axantucar abrir caminho, derrubando dois homens que lutavam. Dois soldados de armaduras brancas cobriam sua fuga. Pug fechou os olhos e tentou alcançá-los com o pensamento. Abriu os olhos e conseguiu ver a mão de energia invisível que criara. Sentia-a como se fosse sua própria mão. Da mesma forma que faria para pegar um gatinho pelo pescoço, estendeu a mão e agarrou o Senhor da Guerra. Erguendo-o no ar, trouxe em sua direção o homem, que se debatia e chutava. Os soldados pararam de lutar ao verem o Senhor da Guerra acima deles. Axantucar, sumo guerreiro do Império, berrava com evidente pavor ante da força invisível que o agarrava.

Pug puxou-o para onde ele e Hocho aguardavam. Alguns membros dos Brancos Imperiais se recuperaram do choque; deduziram que devia ser o mago renegado a causa do dilema de seu senhor. Vários interromperam a luta com os soldados de armaduras coloridas e correram para auxiliar o Senhor da Guerra.

— Ichindar! Noventa e uma vezes Imperador! — alguém gritou.

Imediatamente, todos os soldados que ali se encontravam, independentemente da facção pela qual lutavam, caíram ao chão, encostando a testa na pedra. Os oficiais permaneceram de pé, inclinados em reverência. Somente Hochopepa e Pug ficaram vendo o cortejo de chefes militares entrar na galeria, todos vestindo as armaduras que os identificavam como membros da Facção da Roda Azul. No grupo da frente, portando uma armadura que não era vista havia muitos anos, vinha Kamatsu, novamente assumindo o cargo de Líder Militar do Clã Kanazawai, ainda que temporariamente. Em formação, afastaram-se para que o Imperador entrasse. Ichindar, autoridade suprema do Império, adentrou a galeria, resplandecente em sua armadura dourada cerimonial. Caminhou majestosamente até onde Pug aguardava, com o Senhor da Guerra ainda pairando no ar, e contemplou a cena.

— Grande, as complicações parecem surgir sempre que você chega a algum lugar — disse por fim. Então olhou para o Senhor da Guerra. — Faça o favor de colocá-lo no chão para podermos apurar a verdade de toda esta confusão.

Pug deixou o Senhor da Guerra cair, batendo com força no chão.

—Mas que história espantosa, Milamber — disse Ichindar a Pug. Estava sentado nas almofadas onde estivera o Senhor da Guerra naquele mesmo dia, bebendo uma xícara de chocha do Senhor da Guerra. — Seria mais fácil dizer que acredito em você e que tudo será perdoado, mas a humilhação a que fui sujeito pelos povos que chama de elfos e anões é algo impossível de se esquecer. — Em torno dele estavam os chefes militares dos clãs da Facção da Roda Azul e o mago Elgahar.

Hochopepa interveio:

— Com a licença da Luz do Céu. Tenha em mente que não passaram de instrumentos, peões, se assim quiser, em uma partida de shāh. O fato de esse tal de Macros ter tentado impedir a chegada do Inimigo é uma questão para se preocupar depois. E, como somente ele é o responsável pela traição, o senhor está livre da responsabilidade de se vingar de todos os outros, menos dele, que, aliás, foi dado como morto, por isso até essa vingança é improvável.

— Hochopepa, sua língua é tão graciosa quanto a de uma relli — disse o Imperador, referindo-se à criatura semelhante a uma cobra d’água conhecida por seus movimentos ágeis. — Como é óbvio, não farei retaliações sem

razões sólidas, mas também reluto em voltar a assumir minha posição de conciliação com o Reino.

Então foi a vez de Pug falar:

— Majestade, de qualquer forma, talvez não seja a atitude mais sensata neste momento se preocupar com isso. — Vendo o interesse de Ichindar, Pug prosseguiu: — Embora eu acalente a esperança de um dia ver nossas duas nações se encontrarem como amigas, neste momento há assuntos mais urgentes que exigem nossa atenção. Pelo menos por enquanto, temos de agir como se os dois mundos não tivessem voltado a ficar ligados.

O Imperador endireitou-se.

— Pelo pouco que entendo de tais assuntos, desconfio que tenha razão. Questões mais importantes exigem atenção. Tenho de tomar em breve uma decisão que poderá alterar para sempre o rumo da história tsurani. — Ficou em silêncio. Durante um longo momento manteve um ar pensativo, até que continuou: — Quando Kamatsu e os outros vieram falar comigo, contando sobre seu retorno e sobre sua suspeita de uma sinistra ameaça de origem tsurani em seu mundo, desejei ignorar tudo. Não tinha qualquer interesse em seus problemas nem nos problemas de seu mundo. Fiquei até indiferente diante da possibilidade de voltar a invadir seu mundo. Temi agir novamente, pois perdi bastante credibilidade perante o Conselho Supremo após o ataque a ele. — Por um momento, pareceu perdido em pensamentos. — Seu mundo é muito bonito, pelo pouco que vi antes da batalha. — Suspirou e seus olhos verdes se fixaram em Pug. — Milamber, se Elgahar não tivesse ido ao palácio, confirmando o que seus aliados da Facção da Roda Azul relataram, provavelmente você estaria morto, pois eu não tardaria muito a seguir você. E Axantucar estaria a caminho de uma sangrenta guerra civil. Ele obteve o branco e dourado somente porque fui ultrajado com aquela traição. Você evitou minha morte, impedindo talvez que alguma grande calamidade viesse a se abater sobre o Império. Creio que isso justifica minha consideração, embora eu tenha consciência de que a agitação no Império mal começou.

— Sou um produto do Império o bastante para entender que o Jogo do Conselho será disputado com ainda mais ardor — disse Pug.

Ichindar olhou pela janela, onde o corpo de Axantucar girava pendurado ao vento.

— Terei de consultar os historiadores, mas creio que se trata do primeiro Senhor da Guerra a ser enforcado por um Imperador. — O enforcamento

representava a maior infâmia e punição para um guerreiro. — Contudo, como é indubitável que me reservava o mesmo destino, não creio que ocorra uma rebelião, pelo menos não esta semana.

Os chefes militares do Conselho Supremo ali presentes trocaram olhares.

— Luz do Céu, com sua licença — Kamatsu disse por fim. — A Facção Bélica foge, desordenada. A traição do Senhor da Guerra os privou de qualquer chance de negociação no seio do Conselho Supremo. Neste preciso momento, a Facção Bélica não existe mais, e seus clãs e famílias vão se reunir para discutir a quais facções vão se juntar para recuperarem nem que seja uma parcela da influência que tinham. Por ora, são os moderados que governam.

O Imperador balançou a cabeça e, em tom surpreendentemente firme, disse:

— Não, honorável senhor, você está errado. Em Tsuranuanni, quem governa sou eu. — Observou os que o rodeavam. — O Conselho Supremo está suspenso até que os assuntos trazidos a nós por Milamber estejam resolvidos e até que o Império fique verdadeiramente a salvo. Ou, ainda, que se verifique que se trata de uma falsa ameaça. Não haverá outro Senhor da Guerra até eu ordenar sua eleição pelo conselho. Até eu decidir o contrário, eu sou a lei.

— Majestade, e a Assembleia? — Hochopepa perguntou.

— Mantém o status de antes, mas lhe dou um aviso, Grande: controle seus Irmãos. Se alguma vez for descoberto que outro Manto Negro está envolvido em uma conspiração contra minha casa, os Grandes deixarão de estar à margem da lei. Mesmo que eu me veja forçado a lançar todos os exércitos do Império contra seu poder mágico, ainda que isso leve à destruição absoluta do Império, não voltarei a permitir o mínimo desafio à supremacia do Imperador. Está entendido?

— Assim será, Majestade Imperial — Hochopepa respondeu. — A renúncia de Elgahar e de seu irmão e os atos do Senhor da Guerra proporcionarão aos demais integrantes da Assembleia tempo para pensar. Levarei o assunto aos outros membros.

— Grande — disse o Imperador dirigindo-se a Pug —, não posso dar ordens à Assembleia para que o reintegre no cargo, nem me sinto muito confortável em tê-lo por perto. Contudo, até que todo este assunto esteja resolvido, você tem salvo-conduto para transitar de acordo com suas

necessidades. Quando voltar para seu mundo, informe-nos de suas descobertas. Estamos dispostos a recebê-lo para ajudá-lo a impedir a destruição de seu mundo, se for possível. Agora — dirigiu-se à porta — tenho de voltar a meu palácio. Tenho um Império para reconstruir.

Pug ficou olhando o Imperador partir. Kamatsu aproximou-se dele.

— Grande, parece que tudo acabou bem, pelo menos por enquanto.

— Por enquanto, velho amigo. Procure auxiliar a Luz do Céu, pois sua vida poderá ser encurtada quando o que decretou esta noite vier a público pela manhã.

O Senhor dos Shinzawai fez uma reverência a Pug.

— Seja feita a sua vontade, Grande.

Para Hochopepa, Pug acrescentou:

— Vamos nos encontrar com Dominic e Meecham onde eles estão descansando. Em seguida, partimos para a Assembleia, Hocho. Temos trabalho a fazer.

— Só um instante; tenho uma pergunta a fazer a Elgahar. — O corpulento mago virou-se para o antigo animal de estimação do Senhor da Guerra. — O que o levou a mudar tão repentinamente de lado? Sempre achei que fosse um fantoche nas mãos de seu irmão.

— O aviso que Milamber nos trouxe, sobre o que se passa em seu mundo, me fez pensar — respondeu o mago esguio. — Refleti algum tempo sobre todas as possibilidades e, quando sugeri a resposta óbvia a Milamber, ele concordou. Era um risco grande demais para ignorar. Comparado a isso, todos os outros assuntos não têm importância.

Hochopepa virou-se para Pug.

— Não entendo; sobre o que ele está falando?

Pug vacilou, por cansaço e por algo mais — um terror escondido em seu âmago surgindo à superfície.

— Hesito até em mencioná-lo. — Olhou para todos à sua volta. — Elgahar concluiu algo que eu desconfiava, mas que temia admitir, até para mim mesmo. — Ficou calado por instantes, enquanto todos pareciam prender a respiração, então disse: — O Inimigo voltou.

Pug afastou o volume encadernado em couro que tinha à frente.

— Outro beco sem saída — disse, passando a mão pelo rosto e fechando os olhos exaustos. Ainda faltava tanto e tinha a sensação de que o tempo lhe

fugia. Não revelou a descoberta de suas capacidades como mago do Caminho Inferior. Havia um lado de sua natureza de que nunca desconfiara e desejava alguma privacidade para explorar essas revelações.

Hochopepa e Elgahar levantaram os olhos dos volumes que estavam lendo. Elgahar vinha trabalhando com o mesmo afinco que os demais, dando provas de que desejava corrigir o mal que fizera.

— Estes arquivos estão uma bagunça, Milamber — comentou.

Pug concordou.

— Há dois anos, disse a Hocho que a Assembleia, com toda sua arrogância, se tornara negligente. Esta confusão é só um exemplo. — Pug ajeitou o manto negro. Quando as razões de seu retorno vieram a público, o mago foi reintegrado plenamente e sem hesitações, após uma moção apresentada por seus velhos amigos e apoiada também por Elgahar. Dos membros presentes, somente um punhado se absteve e nenhum votou contra. Todos tinham subido à Torre da Provação e assistido à raiva e ao poder do Inimigo.

Shimone, um dos amigos mais antigos de Pug na Assembleia e que também fora seu instrutor, entrou com Dominic. Desde o encontro com o Inquisidor do Senhor da Guerra na noite anterior, o sacerdote mostrara poderes de recuperação notáveis. Aplicara suas artes curativas mágicas em Meecham e em Pug, mas havia algo na forma como funcionavam que o impedia de aplicá-las em si mesmo. No entanto, também possuía conhecimentos que lhe permitiam instruir os magos da Assembleia na preparação de um emplastro que impedia a infecção das feridas e queimaduras que sofrera.

— Milamber, seu amigo sacerdote é admirável. Ele sugeriu um método maravilhoso para catalogarmos nossas obras.

— Partilhei somente aquilo que aprendi em Sarth. Aqui, a confusão é grande, mas não é tão grave como parece à primeira vista — explicou Dominic.

Hochopepa espreguiçou-se.

— O que me preocupa é que há pouco aqui que não saibamos. É como se a visão que partilhamos no topo da torre fosse a memória mais antiga do Inimigo. Nenhuma outra parece ter sido registrada.

— Pode ser verdade — disse Pug. — Lembre-se de que a maior parte dos verdadeiros Grandes pereceu na Ponte Dourada, deixando para trás apenas

aprendizes e Magos Inferiores. Anos podem ter se passado até alguém iniciar estes arquivos.

Meecham entrou carregado com um monte enorme de tomos antigos embrulhados em pele tratada. Pug indicou um ponto no chão perto dele e Meecham os colocou ali. Abriu o embrulho e passou exemplares aos demais. Elgahar abriu um com cuidado; a encadernação estalou.

— Deuses de Tsuranuanni, estas obras são mesmo antigas!

— Estão entre as mais antigas da Assembleia — disse Dominic. — Eu e Meecham demoramos uma hora só para localizá-las e outra para buscá-las.

— É praticamente um dialeto diferente, de tão antigo — comentou Shimone. — Estão aqui usos verbais, flexões de que nunca ouvi falar.

Hocho disse:

— Milamber, ouça isto: "Quando a ponte desapareceu, Avarie continuou a insistir em uma assembleia" — disse Hocho.

— A Ponte Dourada? — perguntou Elgahar.

Pug e os demais pararam o que estavam fazendo para ouvir Hochopepa, que continuou lendo:

— "Dos Alstwanabi, restavam somente treze, a saber: Avarie, Marlee, Caron", a lista continua, "e pouco havia a fazer para consolá-los, mas Marlee pronunciou suas poderosas palavras e aplacou seus medos. Encontramo-nos neste mundo que Chakakan criou para nós"… isso poderia ser uma forma antiga de "Chochocan"?… "e persistiremos. *Aqueles que assistiam dizem que estamos a salvo da Escuridão*". Da Escuridão? Poderá ser?

Pug voltou a ler a passagem.

— É o mesmo nome que Rogen usou depois de sua visão. É rebuscado demais para ser uma coincidência. Temos nossa prova: de uma maneira ou de outra, o Inimigo está envolvido nos atentados à vida do Príncipe Arutha.

— Há mais alguma coisa aí — disse Dominic.

Elgahar concordou.

— Sim, quem são *aqueles que assistiam*?

Pug afastou o livro, o peso do último dia lhe causando um sono inesperado. De todos os que tinham ficado pesquisando com ele o dia inteiro, só restava Dominic. O monge ishapiano parecia ser capaz de ignorar o cansaço quando assim decidia.

Pug fechou os olhos, determinado a descansar apenas por um breve

período. Sua mente estivera ocupada com tantos pensamentos e afastara tantos outros que via agora imagens fugidias, embora nenhuma parecesse durar muito tempo.

Pouco depois adormeceu e, durante o sono, sonhou.

Voltou ao topo da Assembleia. Vestia-se de cinza, como os aprendizes, enquanto Shimone o guiava até os degraus da torre. Sabia que tinha de subir, para voltar a enfrentar a tempestade, para voltar a passar pela prova que lhe daria o título de Grande.

Em seu sonho, subiu e subiu, vendo algo a cada passo, uma cadeia de imagens intermitentes. Um pássaro de asas vermelhas tocou na água para apanhar um peixe, cintilando contra o azul do céu e da água. Logo veio outra enxurrada de imagens: selvas quentes onde escravos trabalhavam, um confronto de guerreiros, um soldado agonizante, um thūn correndo pela tundra do norte, uma jovem esposa seduzindo um membro da guarda pessoal de seu marido, um mercador de especiarias em sua barraca. Depois, as visões viajaram para o norte e ele viu…

Campos glaciais, gelados e varridos por um vento cortante. Lá, conseguia sentir o odor penetrante do tempo. De dentro de uma torre de neve e gelo, surgiram figuras cobertas para encarar o vento. Embora apresentassem forma humana, caminhavam em um passo suave que revelava que não pertenciam à espécie humana. Eram seres antiquíssimos e sábios de modos desconhecidos para o homem. Procuravam um sinal no céu. Olharam para cima e observaram. Observaram. Vigilantes.

Pug sentou-se de repente, os olhos arregalados.

— O que foi, Pug? — perguntou Dominic.

— Vá chamar os outros — disse. — Eu sei a resposta.

Pug estava em frente aos outros. Os mantos negros esvoaçavam na brisa matinal.

— Não quer que alguém o acompanhe? — voltou a perguntar Hochopepa.

— Não, Hocho. Será uma grande ajuda se levar Dominic e Meecham de volta à minha propriedade para que possam retornar a Midkemia. Transmiti todos os meus saberes aqui adquiridos a Kulgan e aos outros, com mensagens para todos os que precisam saber aquilo que descobrimos até agora. Posso ir atrás de uma lenda, ao tentar encontrar esses Vigilantes no norte. Já ajudará

muito se levar meus amigos de volta.

Elgahar deu um passo à frente.

— Se me permitir, gostaria de acompanhar seus amigos a seu mundo.

— Por quê? — questionou Pug.

— A Assembleia não tem grande necessidade de alguém que esteve envolvido nos assuntos do Senhor da Guerra e, baseado no você que disse, há Grandes em formação em sua Academia que precisam de quem lhes dê instrução. Considere esta atitude como um ato de paz. Lá permanecerei, pelo menos durante algum tempo, dando seguimento à educação desses aprendizes.

Pug ponderou a proposta.

— Muito bem. Kulgan vai informar-lhe o que deve ser feito. Leve sempre em conta que o título de Grande não tem qualquer significado em Midkemia. Você será apenas mais um membro da comunidade. Será difícil.

— Irei me esforçar — Elgahar afirmou.

— Essa é uma excelente ideia — disse Hochopepa. — Já faz tempo que tenho grande curiosidade por essa terra bárbara de onde você é originário; além disso, umas férias de minha mulher me cairiam bem. Também vou.

— Hocho — disse Pug, rindo —, a Academia é um lugar inóspito, desprovido de seus habituais confortos.

O outro mago deu um passo à frente.

— Não importa. Milamber, precisarei de aliados em seu mundo. Minhas palavras podem ser frívolas, mas seus amigos vão precisar de ajuda, e em breve. O Inimigo é algo além da experiência de qualquer um de nós. Começaremos desde já a combatê-lo. Quanto ao desconforto, darei um jeito.

— Além do mais — comentou Pug —, desde que falei sobre a biblioteca de Macros, você está com água na boca.

Meecham abanou a cabeça.

— Kulgan e ele. Farinha do mesmo saco.

— Como assim, do mesmo saco? — disse Hochopepa.

— Em breve saberá, velho amigo. — Pug deu um abraço em Hocho e em Shimone, apertou a mão de Meecham e de Dominic e fez uma reverência aos outros membros da Assembleia. — Siga as instruções de ativação do portal conforme as redigi. Certifique-se de fechá-lo depois de passar; o Inimigo ainda pode estar à procura de um portal para entrar em nossos mundos. Vou até a propriedade dos Shinzawai. O destino mais ao norte onde poderei

recorrer a um padrão. De lá, seguirei a cavalo e atravessarei a tundra thūn. Se os Vigilantes ainda existirem, irei encontrá-los e voltarei a Midkemia com seus conhecimentos sobre o Inimigo. Só então voltaremos a nos encontrar. Até lá, meus amigos, cuidem uns dos outros.

Pug recitou o feitiço necessário e, envolto em uma luz trêmula, desapareceu.

Os outros não se moveram por um tempo. Por fim, Hochopepa disse:

— Venham, temos de nos preparar. — Olhou para Dominic, Meecham e Elgahar. —Venham, meus amigos.

18

Vingança

Jimmy acordou assustado.

Alguém caminhava pela superfície. Assim como os outros, dormira o dia todo, aguardando o cair da noite para iniciarem a investigação da construção negra. Ele ficara com a localização mais próxima da superfície.

Jimmy sentiu um calafrio. Ao longo do dia, seus sonhos foram estranhos, assombrados por imagens perturbadoras. Não eram exatamente pesadelos, mas sonhos atormentados por saudades bizarras e reconhecimentos apagados. Era quase como se tivesse herdado os sonhos de outra pessoa, e essa pessoa não pertencesse à espécie humana. Sem saber como, sentiu memórias persistentes de raiva e de ódio que o fizeram se sentir imundo.

Afastando a sensação estranha e vaga, olhou para baixo. Todos os outros cochilavam, exceto Baru, que parecia meditar, já que estava sentado com as pernas cruzadas e as mãos à frente, com os olhos fechados e a respiração regular.

Com cautela, Jimmy içou-se até ficar logo abaixo da superfície. Ouviu duas vozes um pouco afastadas:

— …em algum lugar por aqui.

— Se foi estúpido a ponto de entrar, a culpa é dele — disse outra voz com uma pronúncia estranha. Um Irmão das Trevas, pensou Jimmy.

— Pois eu é que não vou atrás dele, especialmente depois do aviso para não me aproximar — disse uma segunda voz humana.

— Reitz disse para procurarmos Jaccon e você sabe como ele é com

desertores. Se não encontrarmos Jaccon, é bem capaz de nos cortar as orelhas só de raiva — queixou-se o primeiro humano.

— O Reitz não é ninguém — ouviu a voz do moredhel dizer. — Murad deu ordens para que ninguém entrasse na construção negra. Você está disposto a provocar sua ira e enfrentar os Exterminadores Negros?

— Não — disse a primeira voz humana —, mas é melhor pensar em uma desculpa para dar a Reitz. Eu não consigo pensar em nada…

As vozes foram diminuindo. Jimmy aguardou até deixar de ouvi-las completamente, então arriscou uma espiada. Viu dois humanos, um deles gesticulando, e um moredhel, caminhando em direção à ponte. Pararam no final, apontando para a construção e dando uma explicação qualquer. Falavam com Murad. Na outra extremidade da ponte, Jimmy viu toda uma companhia de cavaleiros humanos aguardando enquanto os quatro atravessavam.

Jimmy desceu e acordou Arutha.

— Temos companhia lá em cima — sussurrou o rapaz. Baixando ainda mais a voz para que Baru não ouvisse, acrescentou: — E seu velho amigo de cicatrizes no rosto está com eles.

— Ainda falta muito para o pôr do sol?

— Falta menos de uma hora, talvez duas até a escuridão absoluta.

Arutha fez um aceno com a cabeça e se preparou para esperar. Jimmy deixou-se cair até o chão da caverna superior e vasculhou sua trouxa em busca de um pouco de carne seca. Seu estômago o lembrava de novo de que não comera nada no último dia. E decidiu que, se fosse morrer naquela noite, era melhor comer primeiro.

O tempo passou devagar e Jimmy reparou que havia algo além da tensão habitual esperada em uma situação como aquela, contaminando o estado de espírito de todos os membros da comitiva de Arutha. Martin e Laurie concentravam-se em seu silêncio profundo e introspectivo e Arutha estava tão absorto que quase parecia catatônico. Baru entoava cânticos movendo os lábios em silêncio, parecendo até estar em transe, enquanto Roald se virara para a parede para contemplar uma imagem invisível. Jimmy afastou as imagens distantes de povos estranhos, vestidos com trajes incomuns e dedicados a tarefas desconhecidas, e se forçou a permanecer alerta.

— Ei — disse, empregando uma autoridade na voz que bastou para despertar todos e chamar a atenção para si. — Parecem todos… perdidos.

Os olhos de Martin pareceram se focar.

— Eu… estava pensando no meu pai.

— É este lugar — Arutha falou com delicadeza. — Eu estava… quase perdendo as esperanças, prestes a desistir.

— Já eu estava outra vez na Fenda do Lenhador, só que o exército do Castelo Alto não ia chegar a tempo — disse Roald.

— Eu entoava… o cântico de minha morte — explicou Baru.

Laurie atravessou o espaço, ficando ao lado de Jimmy.

— É este lugar. Eu estava imaginando que Carline tinha encontrado outro durante minha ausência. — Olhou para Jimmy. — E você?

Jimmy encolheu os ombros.

— Também me afetou, mas de uma forma esquisita, talvez por causa da minha idade ou algo assim. Só me fez pensar em pessoas estranhas vestidas com roupas esquisitas. Não sei. Só sei que me irrita.

— Os elfos dizem que os moredhel vêm aqui para poderem sonhar com o poder — comentou Martin.

— Bom, o que eu sei é que todos vocês estavam parecendo aqueles mortos-vivos — Jimmy concluiu e avançou para a fenda. — Já escureceu. O que acham de eu dar uma espiada? Se estiver tudo calmo, podemos sair todos.

— Talvez seja melhor irmos nós dois — sugeriu Arutha.

— Não — recusou o menino ladrão. — Não quero ser desrespeitoso, mas, se vou arriscar minha vida fazendo uma coisa na qual sou perito, deixe que eu a faça sozinho. Alguém deve rastejar para dentro daquele lugar e eu não quero você grudado em mim.

— É perigoso demais — expressou Arutha.

— Não vou negar — retorquiu Jimmy. — Garanto que aquele santuário do Senhor dos Dragões requer algumas habilidades para ser invadido, por isso, se tem bom senso, vai me deixar ir sozinho. Caso contrário, morrerá antes que eu possa dizer “Não pise aí, Vossa Alteza”, e, se assim for, teria sido melhor não termos tido tanto trabalho. Seria melhor termos deixado que os Falcões Noturnos o espetassem com a espada e, então, eu teria passado muitas outras noites confortáveis em Krondor.

— Ele tem razão — apoiou Martin.

— Não gosto disto, mas você tem razão — concordou Arutha. Quando o rapaz se virou para sair, acrescentou: — Já lhe disse que há momentos em

que você lembra aquele pirata, o Amos Trask?

Na penumbra, viram o largo sorriso do rapaz.

Jimmy escalou a fenda e espiou o lado de fora. Não vendo ninguém, correu até a construção. Encostando-se à parede, contornou-a até chegar à porta. Por algum tempo, não se mexeu, avaliando a melhor forma de abordar o problema. Voltou a examinar a porta e escalou a parede procurando apoio para os dedos das mãos e para os pés na argamassa ao lado da porta. Voltou a estudar o vestíbulo pela janela. Viu as portas duplas que se abriam para a escuridão e além delas. Fora isso, o aposento estava desocupado. Jimmy olhou para cima e deparou-se com um teto vazio. O que estava lá dentro esperando para matá-lo? Tão certo como o fato de os cães terem pulgas era o fato de que lá dentro havia alguma armadilha. Sendo assim, como seria e o que poderia fazer para contorná-la? Uma vez mais, sentiu a impressão incômoda de que havia algo de muito estranho naquele lugar.

Jimmy deixou-se cair até o chão e respirou fundo. Estendeu a mão e levantou a aldrava da porta. Com um empurrão, saltou para o lado, à esquerda, para que a porta, com as dobradiças à direita, o protegesse momentaneamente do que quer que estivesse lá dentro. Nada aconteceu.

Jimmy espiou para dentro com cautela, permitindo que seus sentidos verificassem se havia algo errado, imperfeições na estrutura, uma pista qualquer que revelasse uma armadilha. Não viu nada. Então encostou-se à porta. E se a armadilha fosse mágica? Não tinha defesa contra encantamentos destinados a matar humanos, contra seres que não fossem moredhel, contra quem se vestisse de verde ou contra o que quer que fosse. Jimmy estendeu a mão atravessando a entrada, preparado para retirá-la na mesma hora. Nada aconteceu.

Sentou-se. Depois se deitou. Daquele ângulo baixo, tudo parecia diferente e ele esperava avistar alguma coisa. Ao se erguer, houve mesmo algo que se revelou. O chão era de lajes de mármore de tamanho e textura idênticos, com pequenas fendas entre elas. Colocou delicadamente o pé na primeira laje logo depois da porta, deixando cair o peso devagar, sempre à espera de algum movimento. Nada se moveu.

Entrou e deslocou-se em direção às portas mais afastadas. Inspecionou todas as lajes de pedra antes de pisar, chegando à conclusão de que não continham armadilhas. Inspecionou a parede e o teto, sondando tudo o que ali existia e que lhe poderia dar alguma informação. Nada. A velha e familiar

sensação afligiu Jimmy: havia algo de errado ali.

Suspirando, Jimmy colocou-se em frente às portas abertas que davam para o interior do edifício e entrou.

Jimmy já vira muitas pessoas suspeitas ao longo de sua carreira anterior e aquele Jaccon se encaixava perfeitamente na categoria. Deitou-se e virou o corpo. Quando o peso do homem morto caiu na outra laje em frente à porta, ouviu-se um fraco estalo; algo passou por cima de sua cabeça a toda a velocidade. Jimmy examinou Jaccon e encontrou um pequeno dardo espetado no peito do homem, perto da clavícula. Não o tocou; não era preciso. Sabia que fora banhado em um veneno de efeito rápido. Outro objeto interessante no sujeito era uma adaga magnificamente entalhada com um punho ornamentado de joias. Arrancou-a do cinto do homem, guardando-a em sua túnica.

Jimmy se ajoelhou. Caminhara por um corredor comprido e vazio, sem portas, até um nível subterrâneo da construção. Calculou que estava a menos de cem metros das cavernas onde Arutha e os demais aguardavam. Tropeçara no cadáver que jazia em frente da única porta que saía do corredor. A laje de pedra logo adiante parecia ligeiramente afundada.

Levantou-se e passou a porta, na diagonal em relação àquela laje ligeiramente afundada. A armadilha era tão óbvia que clamava por prudência, mas aquele tolo, na pressa de alcançar a lendária fortuna, pisara nela. E pagara um preço por isso.

Jimmy sentiu-se incomodado. A armadilha era óbvia *demais*. Era como se alguém quisesse que ele ficasse confiante por tê-la ultrapassado. Balançou a cabeça. Se alguma vez já tinha sido desatento, essa tendência já desaparecera. Tornara-se completamente profissional, um ladrão que entendia que qualquer passo mal dado podia ser o último.

Jimmy desejou ter mais luz do que aquela proporcionada pela única tocha que trouxera. Inspecionou o chão por baixo de Jaccon e encontrou outra laje deslocada. Passou a mão pela soleira da porta, mas não encontrou nenhum fio nem qualquer outro dispositivo que pudesse acionar uma armadilha. Cruzando a soleira e evitando as pedras em frente à porta, Jimmy passou pelo cadáver e prosseguiu para o interior da construção.

Era uma sala circular. No centro se erguia um pedestal longo, sobre o qual repousava uma bola de cristal iluminada de cima por uma fonte de luz oculta. Dentro da bola, estava um único ramo com folhas verdes prateadas, frutos vermelhos e espinhos prateados. Jimmy moveu-se com cautela. Olhava para todos os lados, menos para onde estava o pedestal. Explorou cada centímetro da sala que podia alcançar sem entrar no círculo de luz em torno da bola. Não encontrou nada que se parecesse com um dispositivo para acionar armadilhas. Contudo, aquela impressão no fundo da mente de Jimmy, que o acompanhara o tempo todo, não parava de bradar que havia algo de errado naquele lugar. Desde que encontrara Jaccon, evitara três armadilhas diferentes, todas facilmente detectáveis por qualquer ladrão experiente. Mas ali, onde esperava encontrar a última armadilha, não encontrou nenhuma.

Sentou-se no chão e começou a pensar.

Arutha e os demais esperavam ansiosos, quando Jimmy desceu apressado pela fenda, caindo com um baque no chão da gruta.

— O que você encontrou? — perguntou Arutha.

— É um lugar enorme, com muitos cômodos vazios, todos construídos com habilidade, de modo que só é possível se deslocar em um sentido, da porta para o centro da construção e dali em diante. Não há nada lá, a não ser uma espécie de pequeno santuário no centro. Há algumas armadilhas, tão simples que se tornam fáceis de contornar. No entanto, tudo ali é esquisito. Há algo que não está certo. A construção é falsa.

— O quê? — disse Arutha.

— Imagine que você queira ser capturado e que está preocupado em ser muito esperto. Não acha que poderia acrescentar uma última e inteligente cilada para o caso de os rapazes espertos que você contratou se revelarem um pouco lentos?

— Você acha então que a construção não passa de uma armadilha? — perguntou Martin.

— Sim, uma armadilha enorme, elaborada e engenhosa. Preste atenção: suponha que você tem este lago místico e que toda sua tribo vem aqui fazer magia ou obter poder dos mortos, ou seja lá o que os Irmãos das Trevas fazem neste lugar. Você iria querer acrescentar uma última armadilha, por isso, tem de pensar como um humano. Talvez os Senhores dos Dragões não

erguessem construções, mas os humanos erguem, por isso, você ergue esta construção, esta construção enorme e vazia. Em seguida, coloca um galhinho de Espinho de Prata no lugar, como se fosse um santuário, e monta uma armadilha. Se alguém detectasse as pequenas saudações que você colocou ao longo do caminho e as contornasse, achando que estava sendo muito esperto, chegaria lá dentro e encontraria o Espinho de Prata, então o pegaria e…

— E a armadilha seria acionada — concluiu Laurie com um tom elogioso à lógica do rapaz.

— E a armadilha seria acionada — repetiu Jimmy. — Não sei como fizeram, mas aposto que a última armadilha tem algum tipo de magia. As outras foram fáceis de mais de encontrar e, no fim, não havia nada. Aposto que, se você tocar a esfera que guarda o Espinho de Prata, uma dúzia de portas entre você e a rua se fecharão, cem daqueles guerreiros mortos sairão das paredes, ou então, simplesmente, a construção desabará em cima de você.

— Não estou convencido — disse Arutha.

— Escute, lá em cima está uma quadrilha de bandidos gananciosos. A maioria não é lá muito esperta, caso contrário não viveriam como criminosos nas montanhas; se fossem espertos, seriam ladrões com amor-próprio em uma cidade. Além de serem estúpidos, são gananciosos. Por isso, vêm até aqui para ganhar algum ouro em busca do Príncipe; então dizem a eles: “Não entrem no edifício.” Ora, todos esses caras espertos acham que os moredhel estão mentindo, pois creem que todos são tão estúpidos e gananciosos quanto eles. Um desses espertalhões entrou lá para dar uma olhada e levou um dardo na garganta como prêmio por sua tentativa. Depois de encontrar o globo no pedestal, dei meia-volta e olhei em todos os cantos com muita atenção. Aquele lugar foi construído recentemente pelos moredhel. É tão antigo quanto eu. É feito, sobretudo, de madeira, com uma fachada de pedra. Já estive em prédios antigos e aquele não é um. Não sei como conseguiram. Talvez com magia ou simplesmente trabalho árduo de escravos, mas não tem mais do que alguns meses.

— Mas Galain disse que era um local valheru — contrapôs Arutha.

— Creio que ele tenha razão, mas Jimmy também tem — disse Martin. — Você lembra que me contou sobre quando Dolgan salvou Tomas do salão subterrâneo dos valheru, pouco antes da guerra? — Arutha confirmou. — Este lugar é muito parecido com aquele.

— Acendam uma tocha — pediu Arutha, e Roald assim o fez, ao mesmo

tempo que se afastavam da fenda.

— Alguém reparou que, para uma gruta, este chão é bastante plano? — disse Laurie.

— E as paredes são muito uniformes — acrescentou Roald.

Baru olhou em volta.

— Com a pressa, nunca examinamos este lugar direito. Não é natural. O rapaz tem razão. A construção não passa de uma cilada.

— Este sistema de grutas sofreu dois mil anos ou mais com os efeitos da erosão — disse Martin. — Por aquela fenda acima de nós, a chuva cai aqui todos os invernos, sem falar da água que se infiltra do lago acima. Isso desgastou grande parte do que foi esculpido nas paredes. — Passou a mão pelo que, à primeira vista, pareciam espirais na pedra. — Mas nem tudo. — Indicou alguns desenhos na parede que se tornaram abstratos ao longo dos anos de erosão.

— Por isso tivemos antigos sonhos desesperadores — disse Baru.

— Ainda há túneis que não exploramos — disse Jimmy. — Vamos dar uma olhada.

Arutha olhou para os companheiros.

— Muito bem. Vá na frente, Jimmy. Vamos fazer o caminho de volta àquela gruta de onde saíam os túneis. Lá, escolha um caminho que pareça promissor. Vamos ver até onde vai.

No terceiro túnel, encontraram escadas descendo. Seguiram-nas e chegaram a um grande salão, antiquíssimo a julgar pelo sedimento no solo.

— Este chão não é pisado há séculos — disse Baru, observando o chão.

Batendo na superfície do chão com a bota, Martin concordou:

— Isto está se acumulando há anos.

Jimmy continuou à frente, passando por gigantescos arcos abobadados dos quais pendiam suportes de tochas cobertos de pó, enferrujados, quase inutilizáveis. No outro lado da câmara, descobriram um compartimento. Roald inspecionou as enormes dobradiças de ferro, transformadas em montes de ferrugem grotescamente retorcidos, quase irreconhecíveis, onde outrora existiram portas gigantescas.

— O que quer que quisesse passar pelas portas que ficavam aqui não desejou esperar.

Passando a entrada, Jimmy se deteve.

— Olhem para isto.

Estavam diante do que parecia ser um grande salão que conservava fracos ecos de sua antiga magnificência. Trapos que outrora haviam sido tapeçarias pendiam descoloridos das paredes. As tochas que levavam lançaram sombras bruxuleantes sobre eles, dando a impressão de que memórias muito antigas despertavam depois de uma eternidade adormecidas. Objetos que outrora poderiam ser reconhecíveis não eram mais do que montes de detritos espalhados e atirados pelo salão. Lascas de madeira, um pedaço de ferro retorcido, um único caco dourado, tudo indicava o que poderia ter sido, sem revelar suas verdades perdidas. O único objeto intacto era um trono de pedra sobre um estrado erguido em frente à parede à direita. Martin aproximou-se, passando a mão com delicadeza na pedra secular.

— Outrora, um valheru se sentava aqui. Este era seu lugar de poder.

Pareciam estar se lembrando de um sonho. Então todos foram invadidos pela enorme sensação de estranheza daquele lugar. Milênios haviam passado, mas o poder do Senhor dos Dragões ainda podia ser sentido como uma tênue presença. Era inquestionável: estavam no âmago do legado da raça antiga. Ali estava a fonte dos sonhos dos moredhel, um dos lugares de poder da Senda das Trevas.

— Não resta grande coisa. O que causou tudo isto? Saqueadores? A Irmandade das Trevas? — interrogou-se Roald.

Martin olhou em volta, como se visse séculos de história na poeira das paredes.

— Não creio. Pelo que sei das crenças populares, é possível que este lugar tenha resistido desde a época das Guerras do Caos. — Indicou a destruição absoluta. — Eles lutavam montados em dragões. Desafiavam os deuses, ao menos, segundo as lendas. Foram poucos os que testemunharam essa luta e sobreviveram. Talvez a verdade nunca seja desvendada.

Jimmy tinha explorado o espaço, tocando aqui e ali. Por fim, voltou e disse a todos:

— Nada cresce por aqui.

— Mas então onde está o Espinho de Prata? — perguntou Arutha com amargura. — Procuramos em todos os cantos.

Ficaram calados por um longo minuto.

— Não procuramos em todos os cantos — disse Jimmy, por fim. —

Procuramos em volta do lago e… — Acenou com a mão para indicar o local onde estavam. — …debaixo do lago. Mas não procuramos *no* lago.

— No lago? — questionou Martin.

— Calin e Galain disseram que crescia nas margens, à beira d'água — Jimmy explicou. — Mas ninguém se lembrou de perguntar aos elfos se choveu muito este ano, não é?

Martin arregalou os olhos.

— O nível da água subiu!

— Alguém quer dar um mergulho? — perguntou Jimmy.

Jimmy retirou o pé.

— Está gelada — murmurou.

Martin disse a Baru:

— Garoto da cidade. Está no topo das montanhas, a dois mil metros de altura, e ainda se surpreende que a água esteja fria.

Martin entrou na água devagar, para não fazer barulho. Baru o seguiu. Jimmy inspirou fundo e foi atrás, encolhendo-se a cada passo, conforme avançava na água. Quando deixou uma elevação, ficou com água pela cintura e abriu a boca, arfando silenciosamente de dor. Na margem, Laurie encolheu-se, solidário. Arutha e Roald estavam atentos a qualquer sinal de alarme na ponte. Os três estavam agachados atrás do suave declive que levava até a água. A noite estava tranquila. A maioria dos moredhel e dos renegados humanos dormia no lado mais distante da ponte. Tinham decidido aguardar até as horas que antecediam a aurora, pois era provável que os guardas dormitassem se fossem humanos e até os moredhel provavelmente partiriam do princípio de que nada aconteceria pouco antes do nascer do sol.

Um gemido se seguiu aos sons suaves de movimento na água, quando Jimmy mergulhou a cabeça pela primeira vez e logo emergiu. Enchendo os pulmões de ar, voltou a mergulhar. Tal como os outros, procurava às cegas, tateando. De súbito, sentiu a mão arder ao passar por algo afiado entre as pedras cobertas de musgo. Veio à tona, fazendo um barulho alto como se estivesse se engasgando, mas não pareceu ser ouvido na ponte. Voltando a mergulhar, tateou as rochas escorregadias. Quando foi espetado de novo, localizou uma planta com espinhos, mas não voltou de imediato à superfície. Levou mais duas picadas ao tentar agarrar e puxar a planta, que acabou se soltando.

— Achei alguma coisa — disse, emergindo.

Com um grande sorriso, mostrou uma planta que cintilava em um tom quase esbranquiçado à luz da pequena lua. Pareciam bagas vermelhas presas a um caule de rosa com espinhos prateados. Jimmy virou-a, contemplando a planta. Com um quase inaudível *Ah* de triunfo, exclamou:

— Consegui!

Martin e Baru avançaram até onde Jimmy estava e examinaram a planta.

— Isso é suficiente? — perguntou o hadati.

— Os elfos não disseram nada sobre isso — disse Arutha. — Vejam se conseguem apanhar mais, mas só podemos ficar aqui mais uns minutos. — Com toda a cautela, envolveu a planta em um pano e a guardou em sua trouxa.

Ao fim de dez minutos, já tinham encontrado mais três plantas. Arutha achou que já era o bastante e fez um sinal, indicando que estava na hora de voltarem à gruta. Jimmy, Martin e Baru, pingando, gelados, correram até a fenda e entraram, enquanto os outros vigiavam.

Dentro da gruta, Arutha parecia renascer enquanto inspecionava as plantas à luz tênue de uma pequena tocha que Roald segurava alto. Jimmy não conseguia parar de bater os dentes enquanto olhava sorridente para Martin. Arutha, por sua vez, não conseguia tirar os olhos da planta. Estava maravilhado com as estranhas sensações que percorriam seu corpo ao contemplar os caules cheios de espinhos prateados, bagas vermelhas e folhas verdes. Para além daqueles caules, em um lugar que só ele conseguia ver, sabia que voltaria a ouvir um riso delicado e que uma mão suave voltaria a tocar em seu rosto. Toda a felicidade corporificada que já conhecia poderia voltar a ser sua.

Jimmy olhou para Laurie.

— Maldito seja eu, se um dia pensei que não íamos conseguir.

— Agora, só temos de descer — disse Laurie, atirando-lhe a túnica.

Arutha levantou a cabeça.

— Vistam-se depressa. Vamos partir agora mesmo.

Quando Arutha subiu pelo desfiladeiro, Galain comentou:

— Já estava quase puxando as cordas. Foi por pouco, Príncipe Arutha.

— Achei que seria melhor começarmos a descer as montanhas assim que possível, em vez de esperarmos mais um dia.

— Isso é indiscutível — concordou o elfo. — Ontem à noite, houve uma discussão entre o chefe dos renegados e os líderes moredhel. Não consegui me aproximar o suficiente para ouvir o que diziam, mas, como os maléficos e os humanos não se dão muito bem, calculo que esse acordo esteja prestes a terminar. Se isso acontecer, esse tal de Murad pode decidir que não quer mais esperar e voltará a procurá-lo.

— Sendo assim, é melhor nos afastarmos o máximo possível daqui antes do nascer do dia.

O céu já ganhava tons acinzentados, pois a falsa aurora surgia nas montanhas. A sorte estava ao lado deles, pelo menos em parte, pois naquela parte das montanhas poderiam se esconder nas sombras durante mais algum tempo, ao contrário do que aconteceria se estivessem de frente para o sol nascente. Não era mais do que uma pequena ajuda, mas foi recebida de bom grado.

Martin, Baru e Roald subiram rapidamente pelas cordas. Laurie teve mais dificuldades, uma vez que não tinha muito jeito para escalar, fato que vinha omitindo. Estimulado silenciosamente pelos companheiros, acabou conseguindo chegar à borda.

Jimmy escalou velozmente. Cada vez havia mais luz. Ele temia ser visto contra a encosta de pedra do desfiladeiro, caso alguém saísse da ponte. Com a pressa, acabou sendo precipitado e escorregou em uma saliência, o que fez a ponta de sua bota resvalar na rocha. Então agarrou-se à corda, cambaleando alguns centímetros, e soltou um grunhido quando bateu na escarpa do desfiladeiro. Uma explosão de dor atingiu a lateral de seu corpo. Ele reprimiu um grito. Tentando recuperar o fôlego em silêncio, virou-se de costas para o paredão do desfiladeiro. Com um movimento frenético, enrolou a corda, passando-a por baixo do braço esquerdo, e a agarrou com força. Com cuidado, levou a mão ao interior da túnica e tocou a faca que roubara do homem morto. Ao se vestir, voltara a colocá-la na túnica em vez de guardá-la na sacola, como deveria ter feito. Tinha, por isso, pelo menos cinco centímetros de aço espetados na lateral do corpo. Mantendo um tom de voz controlado, sussurrou:

— Puxem.

Jimmy quase largou a corda ao sentir a primeira onda de dor que o atacou quando começaram a içá-lo. Deslizou e rangeu os dentes. Até que ultrapassou a borda do desfiladeiro.

— O que aconteceu? — perguntou o Príncipe.

— Fui descuidado — respondeu o rapaz. — Erga minha túnica.

Laurie assim fez e praguejou. Martin acenou a cabeça ao rapaz, que devolveu o gesto. Puxou a faca e Jimmy quase desmaiou. Martin cortou uma faixa de tecido de uma capa e a enrolou em volta do rapaz. Fez, então, um sinal para Laurie e Roald ajudarem Jimmy e partiram.

— Não podia ter feito do jeito mais fácil, não é? — disse Laurie, enquanto avançavam apressados pela manhã que clareava rapidamente.

Durante a primeira metade do dia, conseguiram passar despercebidos, mesmo carregando Jimmy. Os moredhel ainda não sabiam que Moraelin fora invadida e olhavam para fora, aguardando a chegada daqueles que já procuravam escapar.

Contudo, eles se depararam com um vigia moredhel. Ele estava sentado nas rochas que lhes haviam dado muito trabalho para ultrapassar e pelas quais deveriam passar novamente. O meio-dia se aproximava enquanto estavam escondidos em um buraco que mal os ocultava. Martin fez um sinal a Galain, perguntando se o elfo queria ir primeiro ou depois dele. O elfo saiu, deixando que Martin o seguisse. A tarde estava calma e sem a leve brisa que encobrira seus curtos avanços quando tinham passado por ali havia três noites. Isso significava que o elfo e Martin tinham de empregar todas as aptidões que possuíam para se deslocarem uns poucos metros sem alertarem a sentinela.

Martin colocou uma flecha no arco e mirou por cima do ombro de Galain, que já pegara sua faca de caça. Levantando-se ao mesmo tempo que o moredhel, tocou em seu ombro. O elfo negro girou ao sentir o contato inesperado e Galain golpeou-lhe a garganta. O moredhel começou a se levantar, mas recebeu a flecha de Martin no peito. Galain agarrou-o pelos joelhos, baixando-o de volta à posição sentada. Torceu a flecha de Martin para quebrá-la em vez de tentar arrancá-la por inteiro. Bastaram poucos segundos para matar o moredhel e manter a aparência de que continuava em seu posto.

Martin e Galain voltaram a descer sorrateiramente, virando-se para os demais.

— Só vão perceber daqui a algumas horas. Provavelmente, vão pensar que estávamos indo, e não voltando. Por isso, devem procurar primeiro lá em cima, mas logo descerão a montanha. Agora, temos de nos apressar. Se não

pararmos, chegaremos em dois dias aos limites das florestas dos elfos. Vamos.

Desceram o caminho apressadamente, Jimmy encolhendo-se enquanto Laurie o apoiava.

— Se os cavalos ainda estiverem lá — disse Roald entre dentes.

— Se não estiverem — retorquiu Jimmy debilmente —, pelo menos é uma descida.

Paravam somente para que os cavalos pudessem descansar minimamente de modo a sobreviverem a um galope pela mata. Era provável que não ficassem em condições depois da corrida desenfreada, mas isso era inevitável. Arutha não iria permitir que alguma coisa impedisse seu retorno, agora que tinha a cura de Anita. Se antes era um homem à beira do desespero, agora uma chama ardia em seu peito e não iria permitir que a extinguissem. Galoparam noite afora.

Os cavalos, ofegantes e cobertos de espuma, eram puxados por cavaleiros exaustos pela trilha no bosque. Tinham penetrado nas profundezas da floresta, ainda na base das montanhas, mas já perto da fronteira do território dos elfos. Jimmy encontrava-se em um estado de semiconsciência devido à hemorragia, ao cansaço e à dor. A ferida voltara a se abrir a certa altura da noite e pouco mais puderam fazer do que apertar a lateral de seu corpo. Então ele revirou os olhos e desabou de barriga para baixo na trilha.

Quando recuperou os sentidos, sentou-se, apoiado por Laurie e Baru, enquanto Martin e Roald o envolviam em ataduras limpas feitas com a capa do Duque.

— Tem de servir até chegarmos a Elvandar — disse Martin.

— Se voltar a abrir — insistiu Arutha —, você deve nos avisar. Galain, cavalgue com ele e não deixe que caia.

Voltaram para as selas para continuarem a suportar aquele pesadelo de cavalgada.

Quase ao pôr do sol do segundo dia, o primeiro cavalo sucumbiu. Martin o abateu rapidamente e disse:

— Irei correndo por algum tempo.

O Duque correu quase cinco quilômetros. Ainda que o passo dos cavalos

exaustos fosse mais lento do que o habitual, não deixava de ser um feito impressionante. Depois, foi a vez de Baru e então, de Galain, mas também já estavam chegando aos limites das florestas dos elfos. Os cavalos tinham passado a avançar em trote moderado. Até que não conseguiram mais do que avançar a passo lento.

Em silêncio, avançaram noite adentro, contando os metros que passavam, pois cada minuto os aproximava da segurança, sabendo que, em algum lugar para trás, o capitão mudo moredhel e seus Exterminadores Negros vinham em seu encalço. Quando a manhã estava quase chegando, cruzaram uma pequena trilha e Martin disse:

— Aqui eles terão de se dividir, pois não há como saber se viramos ou não para leste, em direção à Montanha de Pedra.

— Desmontem todos — disse Arutha.

Assim fizeram. Então o Príncipe ordenou:

— Martin, leve os cavalos em direção à Montanha de Pedra por algum tempo, depois solte-os. Prosseguiremos a pé.

Martin fez como lhe fora pedido, enquanto Baru ocultava as trilhas dos que seguiam a pé. Uma hora depois, o Duque os alcançou. Enquanto se aproximava correndo por uma trilha nos bosques, avisou:

— Creio ter ouvido alguma coisa lá atrás. Não tenho certeza. O vento está aumentando e o ruído foi muito fraco.

— Vamos continuar até Elvandar — disse Arutha —, mas fiquem alertas, caso precisemos nos defender. — Começou a correr, cambaleando, e os outros foram atrás dele, Jimmy se apoiando em Martin.

Durante quase uma hora, avançaram, ora correndo, ora tropeçando, até começarem a ouvir os sons da perseguição ecoarem pela floresta. Sentiram uma onda de energia alimentada pelo medo. Ela os fez avançar. Foi então que Arutha indicou um afloramento de rochas em semicírculo que formava uma defesa natural quase perfeita.

— A que distância estamos de possíveis reforços? — perguntou a Galain.

O elfo estudou o bosque sob a luz do amanhecer recente.

— Estamos perto da orla de nossas florestas — respondeu. — Meu povo deve estar à distância de uma hora, talvez duas.

Arutha passou a sacola com o Espinho de Prata para as mãos do elfo.

— Leve Jimmy com você — disse. — Vamos detê-los aqui até que volte. — Todos sabiam que levar a sacola em segurança reduzia possibilidade de o

elfo voltar a tempo. Pelo menos, Anita ainda poderia receber a cura.

Jimmy sentou-se na rocha.

— Não seja ridículo. Comigo, ele demoraria o dobro do tempo para buscar ajuda. Consigo lutar melhor do que correr — dizendo isso, rastejou para o outro lado das rochas e sacou seu punhal.

Arutha olhou para o rapaz: cansado, novamente sangrando, quase morrendo de exaustão e pela perda de sangue, mas sorrindo com o punhal na mão. Arutha acenou com a cabeça e o elfo partiu. Esconderam-se atrás das rochas, desembainharam as armas e aguardaram.

Por longos minutos, esconderam-se atrás das rochas, cientes de que, a cada minuto que passava, aumentavam as chances de serem salvos. Praticamente a cada respiração, sentiam o salvamento e a destruição se precipitarem em sua direção. A sorte, como qualquer outro fator, determinaria a sobrevivência de todos. Se Calin e seus guerreiros estivessem aguardando perto dos limites da floresta e Galain conseguisse localizá-los depressa, havia esperança; caso contrário, estariam perdidos. Ao longe, o som de cavaleiros se tornava cada vez mais nítido. Cada momento passava devagar cada instante se arrastava ante a possibilidade de serem descobertos, enquanto a agonia da espera aumentava. Então um grito soou, e foi recebido quase com alívio bem-vindo. Os moredhel corriam para eles.

Martin se levantou com o arco preparado quando avistou um alvo. O primeiro moredhel que os viu foi impelido para trás, caindo da sela com a força da flecha que o atingiu no peito. Arutha e os demais se prepararam. Uma dúzia de cavaleiros moredhel andava em círculos, surpresos pelo repentino disparo de flecha. Antes de conseguirem reagir, Martin já abatera outro. Três viraram e se afastaram, enquanto os demais atacavam.

As rochas se erguiam e se estendiam, impossibilitando que os moredhel atacassem em uma arremetida; ainda assim, avançaram a galope, os cascos dos cavalos soando como trovões distantes no chão ainda úmido. Embora cavalgassem junto à garupa de suas montarias, outros dois foram abatidos pelas flechas de Martin antes de alcançarem o reduto de pedra. Por fim, os moredhel estavam sobre eles. Baru saltou por cima das rochas. Somente uma mancha era vista no lugar de sua espada larga enquanto golpeava o ar. Um moredhel tombou, com o braço decepado.

Arutha correu e saltou das rochas, arrastando um Irmão das Trevas de

cima da sela. O moredhel morreu cortado por sua lâmina. O príncipe girou sem sair do lugar, desembainhando o florete quando outro cavaleiro investiu, porém não se afastou até o último segundo; então, com um salto para o lado, golpeou o cavaleiro, derrubando-o. Uma estocada rápida e o moredhel morreu.

Roald puxou um dos adversários da sela e ambos deslizaram para a proteção das rochas. Jimmy deixou-os rolar e, quando viu uma oportunidade, outro Irmão das Trevas pereceu apunhalado pelo garoto. Os que restavam viram Laurie e Martin preparados e optaram por bater em retirada. Ambos morreram quando o arco de Martin vibrou sob a luz matinal. Assim que caíram de suas selas, Martin saltou por cima das rochas. Vasculhando os corpos rapidamente, voltou com um arco curto e duas aljavas de flechas.

— Estavam quase acabando — disse, indicando sua aljava quase vazia. — Não são flechas de boa qualidade, mas posso recorrer a este pequeno arco de caça, se precisar.

Arutha olhou em volta.

— Logo vão chegar mais.

— Fugimos? — perguntou Jimmy.

— Não. Só ganharíamos uma pequena vantagem e poderíamos não ter a sorte de encontrar um local tão bom para nos defendermos quanto este. Vamos esperar.

Os minutos se passaram e todos aguardavam com os olhos postos na trilha por onde os moredhel deveriam atacá-los.

— Corra, Galain, corra — Laurie sussurrou.

Pelo que lhes pareceu uma eternidade, os bosques ficaram em silêncio. De repente, avistaram vários cavaleiros envoltos em nuvens de poeira, os cascos retumbando no chão.

O gigante mudo, Murad, avançava na primeira linha, com uma dúzia de Exterminadores Negros atrás. Em seguida, vinham outros moredhel e humanos renegados. Murad puxou as rédeas, fazendo sinal para que os demais parassem.

— Devem ser uns cem — Jimmy suspirou.

— Não são cem, está mais para trinta — disse Roald.

— Isso basta — disse Laurie.

Arutha espiou por cima da rocha.

— Talvez consigamos aguentar alguns minutos — disse, mas todos

sabiam que seria inútil.

Foi então que Baru se levantou. Antes que alguém conseguisse impedi-lo, ele começou a gritar para o moredhel, em um idioma que Jimmy, o Príncipe e Martin desconheciam. Laurie e Roald balançaram a cabeça. Arutha tentou puxar de volta o montanhês, mas Laurie o impediu.

— Não — explicou. — Baru desafiou Murad para um combate. É uma questão de honra.

— Será que ele vai aceitar?

Roald encolheu os ombros.

— São um povo bizarro. Já lutei com os Irmãos das Trevas. Alguns são simples bárbaros renegados. No entanto, a maioria está profundamente ligada à honra e a rituais e coisas do tipo. Depende de onde são. Se forem um bando de salteadores de Yabon, não vão querer saber e vão atacar. Porém, se o bando de Irmãos das Trevas de Murad for tradicional, vindo das profundezas da floresta, pode não aceitar de bom grado se ele recusar o desafio. Se ele está tentando demonstrar que é apoiado por poderes mágicos, não pode recusar e manter a lealdade de seus homens. Contudo, depende, sobretudo, do que Murad pensa sobre questões de honra.

— Seja qual for o resultado, Baru conseguiu deixá-los confusos — notou Martin.

Arutha viu os moredhel ali parados, enquanto o mudo fitava Baru, imperturbável. Em seguida, Murad acenou na direção de Baru e seus companheiros. Um moredhel de capa avançou virando o cavalo de frente para Murad e dirigiu-se a ele em tom interrogativo.

O mudo voltou a gesticular e o moredhel que o confrontou acenou para que os outros partissem. Os cavaleiros moredhel, exceto os de armaduras pretas, recuaram as montarias algumas dezenas de metros. Um dos humanos avançou, virando o cavalo de frente para Murad. Gritou algo ao líder moredhel e vários outros humanos atrás lhe fizeram eco.

— Martin — disse Arutha —, consegue entender o que estão dizendo?

— Não. Mas, seja lá o que for, não são elogios, não tenho dúvidas quanto a isso.

Abruptamente, Murad desembainhou sua espada e atingiu o humano que o insultava. Outro humano gritou algumas palavras, parecendo disposto a avançar, mas dois moredhel, esporeando seus cavalos, o interceptaram. Contendo seu ódio, o salteador virou o cavalo e voltou a se juntar aos outros

humanos. Murad, por sua vez, gesticulou para os humanos e investiu a cavalo.

Baru saltou das rochas e deu uma corrida rápida para se posicionar. Manteve-se firme, de espada recuada, preparado para atacar. Quando o cavalo estava quase o alcançando, Baru golpeou girando e colocando-se longe de seu alcance. O cavalo cambaleou, relinchando de dor.

O animal ferido caiu. Murad, apesar de seu tamanho, rolou do animal que tombava e ficou em pé, sem largar a espada. Foi veloz ao se virar a tempo de defender o ataque de Baru. Os dois combatentes se chocaram, aço contra aço.

Arutha olhou em volta. Os doze Exterminadores Negros aguardavam serenamente, embora o Príncipe não conseguisse saber por quanto tempo. Com Murad envolvido em uma luta de honra, era possível que esperassem até a questão se resolver. O Príncipe desejou ardentemente que fosse mesmo assim. Todos olhavam atentos.

— Não baixem a guarda — alertou Martin. — Assim que isso terminar, seja qual for o resultado, eles voltarão a atacar.

— Ao menos posso recuperar o fôlego — expressou Jimmy.

Arutha vasculhou o perímetro com os olhos. Mais vinte moredhel se aproximavam. Baru conseguira somente ganhar algum tempo.

Murad atacou e, em troca, foi atacado. Em poucos minutos, ambos os combatentes estavam cobertos de ferimentos que sangravam, prova de que os dois eram capazes de quase desferir um golpe mortal, mas não chegavam lá. Atacavam e defendiam, investiam e recuavam, golpeavam e se esquivavam. Assim a luta prosseguia. O hadati tinha a mesma altura do moredhel, mas o elfo negro era mais corpulento. Após uma sucessão de potentes golpes vindos do alto, Murad começou a fazer Baru recuar.

Martin pegou sua espada.

— Baru está ficando cansado. O combate vai acabar logo.

Contudo, como um dançarino que sincroniza seus passos com a música, Baru deixou Murad adotar um padrão. Para cima e para baixo, a espada se erguia e descia, até que, quando subia mais uma vez, Baru parou de recuar, dando um passo para a frente e para o lado. Com um movimento circular, golpeou as costelas de Murad. Foi um golpe fundo que o fez sangrar em abundância.

— Aquilo foi inesperado — disse Martin calmamente.

— Mas que bela jogada — disse Roald fazendo uma avaliação

profissional.

Porém Murad não deixou que o golpe de surpresa o vencesse. Girou sem sair do lugar e agarrou o braço direito do hadati. O moredhel se desequilibrou, mas puxou Baru para o chão consigo. Lutaram corpo a corpo, rolando pela colina em direção às rochas onde Arutha estava. As armas deslizaram dos dedos escorregadios devido ao sangue e os dois combatentes começaram a se bater com os punhos.

Logo se levantaram, mas Murad prendia Baru pela cintura. Içando o hadati no ar, o moredhel entrelaçou as mãos atrás da região lombar de seu oponente, apertando-o para partir sua coluna vertebral. Baru inclinou a cabeça para trás, gritando de dor. Ao mesmo tempo, bateu com as mãos nas orelhas do moredhel em uma pancada ensurdecedora que lhe estourou os tímpanos.

Murad emitiu um grito gorgolejante de dor, largando Baru, e tapou os ouvidos com as mãos, momentaneamente cego devido à dor. Baru recuou e deu um soco no rosto do moredhel, um golpe assombroso que desfez o nariz de Murad, quebrou-lhe alguns dentes e abriu seu lábio.

Baru voltou a esmurrá-lo no rosto, sacudindo-lhe a cabeça para trás e para a frente. O hadati parecia prestes a matar o moredhel a socos. Mas Murad agarrou Baru pelo pulso e o puxou para baixo, e os dois voltaram a rolar pelo chão.

Murad ficou por cima de Baru, e ambos levaram as mãos ao pescoço um do outro. Enquanto grunhiam de dor e pelo esforço, começaram a se estrangular.

Jimmy abaixou-se e tirou uma adaga do corpo do moredhel morto a seus pés, como complemento ao seu punhal.

— Está quase acabando — disse Martin. — Está quase acabando.

Murad fez pressão com todo seu peso, cada vez mais corado, assim como Baru. Nenhum dos dois conseguia respirar, então tudo se resumia a quem morreria primeiro. Baru suportava o peso do moredhel, mas Murad tinha uma ferida profunda, ainda sangrando, na lateral do corpo, o que o enfraquecia mais a cada segundo.

De repente, com um grunhido, Murad tombou para a frente, caindo em cima de Baru. Fez-se silêncio no bosque durante um momento que se prolongou até Murad se mexer. Ele rolou, caindo para o lado e libertando Baru. O hadati se levantou devagar. Tirando uma faca do cinto do moredhel,

lentamente abriu a garganta de Murad. E, ajoelhando-se, Baru respirou fundo. Então, mostrando evidente desprezo pelo risco que corria, espetou a faca bem fundo no peito de seu inimigo.

— O que ele está fazendo? — perguntou Roald.

— Lembram-se do que Tathar disse sobre os Exterminadores Negros? Ele está arrancando o coração para que Murad não tente se erguer novamente — explicou Martin.

Mais moredhel e renegados se juntaram à companhia que assistia ao combate. Já eram mais de cinquenta cavaleiros observando o hadati retalhar o chefe de clã moredhel. O hadati abriu-lhe o peito, mergulhou a mão bem fundo no corte e, com um único puxão, arrancou o coração de Murad. Erguendo a mão no ar para que todos pudessem ver, mostrou, então, aos moredhel e aos humanos reunidos, que o coração de Murad deixara de bater. Atirou-o para o lado e ficou de pé, cambaleando.

Correndo aos tropeços, tentou alcançar as rochas, somente a dez metros dele. Então um cavaleiro moredhel avançou para atingi-lo de lado, mas Jimmy atirou sua adaga. A ponta acertou o olho da criatura, fazendo-a guinchar ao cair da sela. Contudo, outro se aproximou de Baru, golpeando-o. A espada acertou a lateral do corpo do hadati, que caiu para a frente.

— Maldito! — gritou Jimmy, quase chorando. — Ele ganhou. Podiam tê-lo deixado voltar! — Atirou o punhal, mas o cavaleiro se esquivou. De repente, o moredhel que golpeara Baru ficou rígido e se virou, mostrando uma flecha espetada em suas costas. Outro moredhel gritou algo ao baixar o arco, provocando um berro enfurecido de um terceiro e um brado da parte dos humanos.

— O que está acontecendo? — perguntou Arutha.

— O que matou Baru é um renegado: não tem honra — explicou Roald. — O sujeito no cavalo parece partilhar a opinião de Jimmy. O hadati venceu, deviam tê-lo deixado regressar para morrer com seus companheiros. Agora, o assassino, outro renegado e os bandidos humanos estão gritando uns com os outros. Pode ser que ganhemos algum tempo ou que, pelo menos, alguns deles acabem desistindo de lutar, já que seu grande líder está morto.

Bruscamente, os Exterminadores Negros investiram.

Martin se levantou e começou a lançar flechas. A velocidade do arqueiro era extraordinária; conseguiu abater três cavaleiros antes que alcançassem o contraforte de rochas.

Aço se chocou com aço e a batalha recomeçou. Roald saltou para cima das rochas, assim como Baru fizera. Sua espada também abateu aqueles que ficaram a seu alcance. Nenhum moredhel conseguia se aproximar a cavalo a uma distância que permitisse atingi-lo com suas espadas curtas, enquanto seu sabre distribuía morte a quem se aproximasse.

Arutha defendeu um golpe dirigido a Laurie e, com um salto, deu um golpe de baixo para cima, abatendo um cavaleiro. Roald saltou e arrastou um homem da sela, agredindo-o com o punho de sua espada. Sete moredhel morreram antes que os demais batessem em retirada.

— Nem todos investiram — comentou Arutha.

Seus companheiros viram que alguns dos moredhel ficaram mais atrás e que outros insistiam na discussão com os dois renegados humanos. Ignorando o que seus camaradas estavam fazendo, alguns dos Exterminadores Negros continuaram montados, colocando-se em formação para mais uma investida.

Ao retirar outra adaga de um moredhel perto das rochas, Jimmy reparou em uma coisa. Puxou a manga de Martin.

— Está vendo aquele sujeito horroroso com a couraça vermelha esquisita e todos aqueles anéis de ouro e outras coisas?

Martin viu quem Jimmy descrevera; era quem liderava os cavaleiros humanos.

— Estou.

— Consegue matá-lo agora mesmo?

— É um disparo difícil. Por quê?

— Porque, tão certo como o fato de que existem elfos na floresta, sei que aquele é Reitz. É o chefe daquele bando de criminosos. Se o abater, muito provavelmente os outros vão fugir ou, ao menos, não irão atacar até elegerem outro chefe.

Martin se levantou, mirou e soltou a flecha, que avançou entre os troncos das árvores, acertando no pescoço do cavaleiro indicado. Num piscar de olhos, a cabeça do homem recuou e ele caiu da sela, dando uma cambalhota para trás.

— Incrível — exclamou Jimmy.

— Tive de mirar por cima daquela couraça — explicou Martin.

— Não é muito justo disparar sem avisar — disse Laurie censurando.

— Pode apresentar minhas desculpas a eles — disse Martin. — Esqueci que, para os trovadores, os heróis agem sempre com justiça nas sagas que

cantam.

— Se nós somos heróis — disse Jimmy —, então os bandidos deveriam fugir.

Conforme a previsão de Jimmy, os renegados humanos começaram a sussurrar entre si e, de repente, principiaram a se afastar. Furioso, um moredhel gritou-lhes acenando para que atacassem novamente o séquito do Príncipe. Outro moredhel cuspiu no chão na frente do primeiro, virou o cavalo e fez sinal a alguns de seus companheiros para que o acompanhassem. Cerca de vinte partiram atrás dos humanos. Arutha os contou.

— Já são menos de vinte, sem contar os Exterminadores.

Os cavaleiros desmontaram, incluindo os que tinham ficado à retaguarda no ataque anterior. Tinham chegado à conclusão de que não conseguiriam se aproximar das rochas a cavalo. Correram para mais perto, usando as árvores como proteção, e espalharam-se de modo a cercar a posição do grupo de Arutha.

— Era isso que deviam ter feito logo no primeiro ataque — comentou Roald.

— São um pouco lentos, mas não são completamente estúpidos — comentou Laurie.

Jimmy agarrou a adaga com força quando os Irmãos das Trevas investiram.

— Eu preferia que fossem estúpidos.

Os moredhel atacaram em uma única onda e, de repente, o combate era travado de todos os lados. Jimmy saltou para se afastar de uma espada que voava para ele. Investiu com a adaga, acertando a barriga do moredhel.

Roald e Laurie lutavam, costas com costas, cercados por Irmãos das Trevas. Martin disparou até ficar sem flechas, pegando então um arco e as flechas dos moredhel. Disparava depressa e com precisão, derrubando mais doze Irmãos das Trevas até largar o arco e desembainhar a espada.

Arutha lutava como se estivesse possuído, seu florete causando ferimentos em todas as direções. Nenhum moredhel conseguia se aproximar sem ficar ferido. Porém o Príncipe sabia que, com o tempo, acabariam levando a melhor. Os defensores ficariam cansados e lentos e, então, morreriam.

O Príncipe sentia a força se exaurir de seus braços quando a certeza da morte o assolou. Não valia a pena acalentar esperanças. Ainda restavam mais

de vinte moredhel e eles eram apenas cinco.

Martin golpeava com a espada, decepando todos os que se aproximavam dele. Roald e Laurie investiam e defendiam, cedendo poucos centímetros, mas sendo lentamente vencidos pelos atacantes.

Um moredhel saltou por cima do contraforte e girou para enfrentar Jimmy, que agiu sem hesitar, seu ferimento deixando-o um pouco lento. Golpeou e feriu a mão do moredhel, levando-o a largar a espada. O Irmão das Trevas sacou a faca que trazia presa ao cinto quando Jimmy voltou a investir. No entanto, o moredhel deu um salto para trás, evitando o golpe do garoto. Logo aproximou-se e atacou. Jimmy golpeou desvairadamente, perdendo o equilíbrio e a adaga. Foi quando o moredhel saltou para cima dele. A lâmina se precipitou para o rosto do rapaz, que se esquivou e caiu na rocha. Jimmy agarrou o pulso da criatura, mantendo a lâmina afastada. Mas esta voltou a se aproximar de seu rosto, pois o garoto enfraquecido não conseguia deter a força superior do moredhel.

De repente, a cabeça do moredhel deu um tranco para trás e Jimmy viu uma faca enfiada no pescoço do elfo negro, deixando um rastro sangrento. O moredhel foi atirado para o lado pela mão que o agarrava pelos cabelos e a mesma mão se estendeu para Jimmy.

Galain estava ao lado do garoto, ajudando-o a se levantar. Atordoado, Jimmy olhou ao redor. Ouviram-se trombetas de caça na floresta e o ar foi invadido por flechas. Os moredhel bateram em retirada ante o ataque dos elfos.

Martin e Arutha largaram suas armas, cedendo à exaustão. Roald e Laurie caíram no lugar onde estavam. Calin correu para eles, dando ordens a seus guerreiros elfos para que iniciassem a perseguição.

Arutha levantou os olhos, que se encheram de lágrimas incontidas diante do alívio que sentia.

— Já acabou? — perguntou, rouco.

— Já, Arutha — Calin respondeu. — Por enquanto. Eles vão voltar, mas a essa altura já estaremos todos em segurança nos limites de nossas florestas. A menos que planejem uma invasão, os moredhel não vão atravessar a fronteira. Lá, nossa magia ainda é muito forte.

Um elfo inclinou-se sobre o corpo de Baru.

— Calin! Ele ainda está vivo!

Martin encostou-se nas rochas, ofegante.

— Aquele hadati é osso duro de roer.

Acenando com a mão, Arutha indicou que não precisava da ajuda de Galain e levantou-se, embora suas pernas lhe parecessem feitas de água.

— Estamos muito longe?

— A menos de um quilômetro e meio. Depois de passarmos um riacho, entramos nas nossas florestas.

Aos poucos, os sobreviventes do ataque sentiram que o desespero os abandonava, pois sabiam que a chance de tudo dar certo agora era excelente. Com a escolta dos elfos, seria improvável que os moredhel reunissem forças para dominá-los, ainda que tentassem outro ataque. E, com Murad morto, era provável que a liderança do grupo se desmoronasse. Levando-se em conta o comportamento de muitos dos Irmãos das Trevas, era evidente que, para eles, tivera uma importância fundamental. Com sua morte, os planos de Murmandamus certamente dariam errado.

Jimmy abraçou-se, pensando nos calafrios que sentia e voltando abruptamente sua mente para o momento em que estava na gruta de Moraelin. Sentiu o estranho deslocamento no tempo, recordando onde já tivera aqueles calafrios: foram duas vezes, no palácio e no porão da Casa dos Salgueiros. Sentiu os pelos da nuca ficarem em pé e soube, com uma terrível convicção, que caía sobre eles alguma espécie de magia. Saltou para longe da rocha e olhou ao redor da clareira. Apontando, bradou:

— Então é melhor não esperarmos nem mais um segundo! Olhem!

O corpo de um Exterminador Negro começou a se mexer.

— Não podemos arrancar seu coração? — Martin disse.

— Agora é tarde demais — gritou Laurie. — Eles têm armaduras; devíamos ter agido na mesma hora.

Uma dúzia de Exterminadores Negros se erguiam lentamente, virando-se para o grupo de Arutha com as armas na mão. Com passos hesitantes, começaram a avançar para o Príncipe. Calin bradou ordens e elfos começaram a ajudar os homens feridos e já à beira da exaustão. Dois carregaram Baru entre eles e desataram a correr.

Os guerreiros mortos avançaram, titubeando, ainda sangrando pelos ferimentos sofridos e, à medida que avançavam, seus movimentos começavam a se tornar mais firmes, como se alguma entidade aperfeiçoasse o controle que tinha sobre eles.

Em velocidade crescente, os mortos-vivos avançaram. Arqueiros elfos

correram, pararam, viraram-se e dispararam, em vão. As flechas acertavam os moredhel mortos, abalando-os e derrubando alguns, que voltavam a se erguer.

Jimmy olhou para trás e, de certa forma, a visão daquelas criaturas correndo, sob a luz clara da manhã, nos bosques encantadores, parecia muito mais horrível do que qualquer outra coisa a que já assistira no palácio ou nos esgotos de Krondor. Seus movimentos eram surpreendentemente suaves enquanto corriam com as armas em riste.

Os elfos que carregavam os homens cansados e feridos continuaram a correr enquanto Calin ordenava aos outros que atrasassem os moredhel. Guerreiros elfos desembainharam espadas e confrontaram as criaturas mortas-vivas; depois de alguns golpes, se retiraram. A retaguarda conseguiu retardar os Exterminadores Negros, mas era impossível detê-los.

Os elfos formaram um padrão de ataque. Viravam-se, lutavam, batiam em retirada momentaneamente, voltavam a investir e a fugir em seguida. Porém a incapacidade de deter os adversários servia somente para atrasá-los, sem pôr fim à ameaça que constituíam. Elfos ofegantes e exaustos se esforçavam para conter aqueles inimigos implacáveis. Muitos minutos depois, atravessaram um pequeno riacho arrastando e até carregando os humanos.

— Estamos entrando em nossas florestas — gritou Calin. — Vamos conseguir.

Os elfos desembainharam as espadas e aguardaram. Arutha, Martin, Laurie e Roald aprontaram suas armas e esperaram também. O primeiro moredhel entrou na água, de espada na mão, chapinhando ao dirigir-se a eles. Chegou à margem ao mesmo tempo que um elfo se preparava para atacá-lo, mas, no momento em que o morto-vivo colocou o pé na margem, pareceu pressentir algo além dos elfos. O elfo golpeou inutilmente, mas o Exterminador Negro morto recuou cambaleando, erguendo as mãos como se pretendesse se proteger.

De repente, um cavaleiro passou a toda a velocidade pelos defensores, uma figura resplandecente de branco e dourado. Montado em um dos corcéis brancos dos elfos, os lendários cavalos místicos de Elvandar, Tomas investiu contra o moredhel. O corcel empinou, Tomas saltou para o chão e, com um preciso movimento em arco da sua espada, quase cortou o Exterminador Negro em dois.

Como se fosse a encarnação de um fogo incontrolável, Tomas correu pela

margem, levando a destruição a cada um dos Exterminadores Negros assim que punham o pé no riacho. Apesar de sua magia oculta, mostravam-se impotentes diante da força combinada do braço e do poder valheru de Tomas. Vários conseguiram desferir golpes, que ele facilmente desviou, respondendo a uma velocidade estonteante. Sua espada dourada atacava, enquanto armaduras pretas rachavam, como se não passassem de couro quebradiço. Ainda assim, nenhum dos mortos-vivos tentou fugir; um a um avançavam e um a um eram aniquilados. Dentre todos os membros do grupo de Arutha, Martin era o único que já havia visto Tomas em pleno combate e mesmo ele nunca assistira a uma demonstração como aquela. Pouco depois, acabou. Somente Tomas continuava em pé às margens do riacho. Ouviram-se cascos de cavalo. Arutha olhou para trás e viu que mais corcéis élficos se aproximavam, montados por Tathar e outros Tecedores de Feitiços.

— Saudações, Príncipe de Krondor — disse Tathar.

Arutha levantou a cabeça e sorriu debilmente.

— Meus agradecimentos a todos vocês.

— Eu não podia acompanhá-los, mas assim que essas criaturas se atreveram a atravessar os limites de nossa floresta, eu pude intervir — disse Tomas, embainhando a espada. — Cabe a mim defender Elvandar. Quem quer que se atreva a nos invadir terá o mesmo tratamento. — Virou-se para Calin: — Monte uma pira funerária. Esses demônios negros não se erguerão mais. — A todos acrescentou: — Quando este assunto estiver resolvido, voltaremos a Elvandar.

Jimmy deixou-se cair na grama da margem do riacho, sentindo dores e cansaço demais para conseguir se deslocar. Pouco depois, adormeceu.

Na noite seguinte, festejaram. A Rainha Aglaranna e o Príncipe Tomas acolheram Arutha e seus companheiros. Galain aproximou-se de Martin e Arutha com boas notícias:

— Baru vai ficar bom. Nosso curandeiro disse que é o humano mais forte que já viu.

— Quanto tempo vai levar até ele conseguir se levantar? — perguntou Arutha.

— Muito tempo — respondeu Galain. — Terá de deixá-lo aos nossos cuidados. Pelos ferimentos que apresentava, era para ter morrido uma hora antes de chegarmos aqui. Perdeu muito sangue e alguns ferimentos são muito graves. Murad quase lhe esmagou a coluna e a traqueia.

— Mas, fora isso, vai ficar como novo — disse Roald do outro lado da mesa.

— Quando chegar aos braços de Carline, juro que nunca mais saio de lá — disse Laurie.

Jimmy veio sentar-se ao lado do Príncipe.

— Está muito pensativo para alguém que conseguiu o impossível. Achei que estaria feliz.

Arutha esboçou um sorriso.

— Isso só acontecerá quando Anita estiver curada.

— Quando partimos?

— Vamos para Crydee amanhã de manhã. Os elfos irão nos escoltar até lá. Depois, zarpamos para Krondor. Devemos conseguir chegar a tempo para o Festival de Banapis. Se Murmandamus não consegue me encontrar por meio de magia, um navio deve ser bastante seguro. A menos que prefiram voltar a cavalo pelo mesmo caminho.

— De jeito nenhum — disse Jimmy. — Pode haver por aí mais Exterminadores Negros. Então eu prefiro correr o risco de me afogar a me encontrar novamente com eles.

— Vai ser bom voltar a ver Crydee — disse Martin. — Tenho muitos assuntos a tratar para colocar minha casa em ordem. O velho Samuel deve estar desorientado com o governo da propriedade, embora eu esteja certo de que o Barão Bellamy fez um bom trabalho durante minha ausência. No entanto, há muito a fazer antes de partirmos.

— Partir para onde? — disse Arutha.

— Ora, para Krondor, é óbvio — concluiu Martin, em tom inocente. Contudo, seu olhar se desviou para o norte e, em silêncio, ecoou os pensamentos do irmão. Lá longe encontravam-se Murmandamus e uma guerra ainda por travar. O assunto não estava resolvido, somente a primeira batalha tinha terminado. Com a morte de Murad, as forças das Trevas perderam seu capitão, foram repelidas e se retiraram em desordem, mas não tinham sido derrotadas e voltariam. Se não no dia seguinte, em algum outro dia.

— Jimmy — disse Arutha —, você agiu com perspicácia e valentia muito superiores às esperadas de um escudeiro. Que recompensa você deseja?

Dando uma dentada em uma enorme costeleta de alce, o rapaz respondeu:

— Bom, Vossa Alteza ainda precisa de um Duque de Krondor.

19

Continuação

Os cavaleiros puxaram as rédeas.

Olhando para cima, examinaram o cume das montanhas que demarcavam o limite de suas terras, os grandes picos da Cordilheira Elevada. Ao longo de duas semanas, doze cavaleiros avançaram pelas montanhas, até cruzarem os limites normais das patrulhas tsurani, acima das terras cobertas por vegetação. Avançaram devagar por uma passagem que levara dias para ser localizada. Procuravam algo que não era procurado havia séculos pelos tsurani, um caminho que atravessava a Cordilheira Elevada até a tundra ao norte.

Fazia frio nas montanhas, uma experiência estranha para a maioria dos cavaleiros, à exceção daqueles que tinham servido em Midkemia durante os anos da Guerra do Portal. Para os soldados mais novos da guarda pessoal dos Shinzawai, aquele frio era inusitado, quase assustador. Contudo, não mostravam sinais do desconforto que sentiam, a não ser pelo fato de fecharem e apertarem as capas junto ao corpo enquanto observavam a singular brancura dos picos, dezenas de metros ainda acima de suas cabeças. Eram tsurani.

Pug, ainda trajando o manto negro dos Grandes, virou-se para seu companheiro:

— A partir daqui, já não falta muito, creio eu, Hokanu.

O jovem oficial acenou com a cabeça e sinalizou para a patrulha retomar o caminho. Ao longo de muitas semanas, o filho mais novo do Lorde dos

Shinzawai comandara aquela escolta para além dos limites das fronteiras setentrionais do Império. Seguindo o rio Gagajin até a nascente mais elevada em um lago sem nome nas montanhas, os guerreiros escolhidos a dedo percorreram os caminhos seguidos pelas patrulhas do Império de Tsuranuanni. Ali, estendiam-se as terras selvagens, cheias de rochas, aparentemente desoladas, entre o Império e a tundra do norte, onde habitavam os nômades thūn. Mesmo com a presença de um Grande, Hokanu sentia-se vulnerável. Caso uma tribo thūn estivesse migrando ali perto quando deixassem as montanhas, certamente mais de vinte de seus jovens guerreiros tentariam atacá-los, procurando uma desculpa para levarem uma cabeça tsurani como troféu.

Contornaram uma curva no caminho e então vislumbraram as terras que ficavam à frente através de uma estreita fenda nas montanhas. Avistavam pela primeira vez a vastidão da tundra. Vagamente distinta a distância, entrevia-se uma baixa e comprida barreira branca.

— O que é aquilo? — perguntou Pug.

Hokanu encolheu os ombros, seu rosto fixo em uma impenetrável máscara tsurani.

— Não sei dizer, Grande. Acho que é outra cordilheira, do outro lado da tundra. Ou talvez seja aquela coisa que você descreveu, a muralha de gelo.

— Uma geleira.

— Ou isso — disse Hokanu. — Fica ao norte, onde você crê que será possível encontrar os Vigilantes.

Pug olhou para os dez cavaleiros silenciosos atrás dele.

— A que distância fica? — perguntou em seguida.

Hokanu riu.

— Mais longe do que conseguiríamos cavalgar durante um mês sem morrermos de fome. Teremos de parar para caçar.

— Duvido que haja muita caça por aqui.

— Mais do que parece, Grande. Todos os invernos, os thūn se esforçam para alcançar suas tradicionais cordilheiras meridionais, as terras que nos pertencem há mais de mil anos, mas continuam conseguindo sobreviver aos invernos nesta região. Os tsurani que passaram o inverno em seu mundo sabem procurar comida em uma região coberta de neve. Assim que descermos até a linha das árvores, devemos encontrar criaturas semelhantes aos seus coelhos e veados. Conseguiremos sobreviver.

Pug avaliou suas opções.

— Não creio, Hokanu — disse, depois de ter pensado em silêncio. — Não nego que você possa estar certo, mas, se aquilo que espero encontrar não passar de uma lenda, quer dizer que viemos todos sem motivo. Posso voltar à casa de seu pai recorrendo às minhas artes e posso até levar alguns de você comigo, três, talvez quatro, mas e os demais? Não, acho que chegou a hora de nos separarmos.

Hokanu começou a protestar, pois seu pai lhe dera ordens para proteger Pug, mas o mago trajava o manto negro.

— Seja feita a sua vontade, Grande. — Fez sinal a seus homens. — Deem metade de suas rações ao Grande. — E, dirigindo-se a Pug, acrescentou: — Isso deve bastar para alimentá-los mais alguns dias, se comerem moderadamente, Grande. — Depois de juntarem a comida em duas grandes sacolas de viagem que penduraram atrás da sela de Pug, Hokanu fez sinal para que seus homens aguardassem. O mago e o oficial avançaram um pouco e o filho de Shinzawai disse: — Grande, tenho pensado na advertência que você trouxe e em sua busca. — Ele parecia estar com dificuldades para expressar o que estava em sua mente. — O senhor trouxe muitas coisas para minha família, nem sempre coisas boas, mas, tal como meu pai, sempre acreditei que fosse um homem honrado e leal. Se acredita que esse lendário Inimigo é a causa por trás de todos os problemas de seu mundo que nos relatou, e se crê que ele está prestes a localizar seu mundo e o nosso, eu também sou obrigado a acreditar. Admito que estou com medo, Grande. Por isso, estou envergonhado.

Pug balançou a cabeça.

— Não é vergonha nenhuma, Hokanu. O Inimigo ultrapassa nossa compreensão. Bem sei que você acredita que se trata apenas de tema de lendas, algo de que falavam quando era pequeno e seus professores começaram a instruí-lo na história do Império. Até eu, que já o vi naquela visão mística, até eu não consigo imaginá-lo, mas consigo considerá-lo como a maior ameaça imaginável a nossos mundos. Não, Hokanu, não é vergonha nenhuma. Receio que a sua chegada esteja próxima. Temo seu poder, sua loucura, pois é uma entidade insana transbordando raiva e ódio. Duvido da sanidade mental de quem não a tema.

Hokanu inclinou a cabeça em concordância, depois olhou o mago nos olhos.

— Milamber… Pug, agradeço a tranquilidade que proporciona a meu pai. — Falava da mensagem de Kasumi que trouxera. — Que os deuses de ambos os mundos olhem por você, Grande. — Fez uma reverência com a cabeça em sinal de respeito e virou sua montaria em silêncio.

Em pouco tempo, Pug ficou sozinho na passagem pela qual nenhum tsurani andava havia séculos. Abaixo, encontravam-se as florestas da encosta norte da Cordilheira Elevada e mais além a extensão do território dos thūn. E depois da tundra? Talvez um sonho ou uma lenda. As criaturas sobrenaturais vistas brevemente em uma visão mostrada a todos os magos ao serem submetidos ao teste final para conquistarem o manto negro. As criaturas conhecidas apenas por Vigilantes. Pug tinha esperança de que possuíssem algum conhecimento acerca do Inimigo, algum conhecimento que pudesse fazer diferença na batalha iminente. Pois, enquanto Pug permanecia montado em seu cavalo cansado, nas alturas varridas pelo vento das mais altas montanhas do maior continente de Kelewan, estava convicto de que uma grande batalha começara, uma batalha que poderia significar a destruição de dois mundos.

Pug esporeou seu cavalo e o animal começou a descer, rumo à tundra e ao desconhecido.

Pug parou o cavalo. Desde que deixara a patrulha de Hokanu, nada vira nas colinas; nem enquanto descia para a tundra. Depois de um dia nos contrafortes, avistou um bando de thūn vindo em sua direção. As criaturas semelhantes a centauros entoavam suas canções de guerra; seus cascos poderosos batiam na tundra em um abalo rítmico. Ao contrário do lendário centauro, a parte superior daquela criatura fazia pensar que uma espécie de lagarto crescera sob a forma humana acima do tronco de um grande cavalo ou mula. Tal como outras formas de vida nativas de Kelewan, eram hexápodes, e, tal como a outra raça nativa inteligente, os cho-ja, com aspeto de insetos, os membros superiores tinham se desenvolvido como braços. Diferentemente dos humanos, tinham seis dedos.

Pug aguardou calmamente até os thūn estarem quase a seu lado, quando ergueu uma barreira mística e os viu se chocarem contra ela. Os thūn eram todos grandes machos guerreiros, embora Pug não conseguisse imaginar como seria uma fêmea daquela espécie. Ainda assim, aquelas criaturas, apesar da aparência estranha, agiram como Pug esperaria que jovens

guerreiros humanos reagissem sob as mesmas circunstâncias: ficaram confusos e zangados. Em vão bateram na barreira enquanto outros recuavam um pouco para observar. Foi então que Pug despiu a capa que o senhor dos Shinzawai lhe oferecera para a viagem. Através da neblina da barreira mística, um dos jovens thūn viu que usava um manto negro e gritou aos companheiros. Viraram-se e fugiram.

Durante três dias, seguiram-no a uma distância respeitável. Alguns partiam e, por um tempo, outros se juntavam àqueles que ficavam. Aquelas idas e vindas, com alguns thūn sempre em seu encalço, prosseguiam continuamente. À noite, Pug erguia um círculo protetor envolvendo a si mesmo e a seu cavalo; quando acordava na manhã seguinte, os thūn continuavam a observá-lo. Até que, no quarto dia, acabaram por estabelecer contato de forma pacífica.

Um único thūn trotou até ele, com as mãos desajeitadamente acima da cabeça, palmas juntas imitando o sinal de negociações dos tsurani. Ao se aproximar, Pug percebeu que tinham enviado um ancião.

— Honras sejam feitas à sua tribo — disse Pug, esperando que a criatura falasse tsurani.

A resposta foi um riso abafado, quase humano.

— Uma novidade, é o que você é, homem de negro. Nunca honra homem nenhum me prestou. — Falava com uma pronúncia carregada, mas compreensível, e suas feições estranhas e reptilianas eram surpreendentemente expressivas. O thūn não estava armado, mas cicatrizes antigas revelavam que outrora fora um forte guerreiro. Porém o tempo o despojara de muito de seu vigor.

Pug suspeitou de uma coisa.

— Mandaram você em sacrifício?

— Minha vida é sua. Jogue sobre mim seu fogo do céu, se for isso que desejar. Mas esse não é seu desejo, creio. — Novamente a risadinha. — Homens de negro os thūn enfrentaram. E por que haveria de levar um que se aproxima da idade de partir, quando o fogo do céu pode todo um bando reduzir a cinzas? Não, avança com propósitos só seus, não é assim? Perturbar aqueles que em breve partirão para enfrentar os caçadores do gelo, os assassinos de bandos, não é seu propósito. — Pug prestou atenção no que o thūn dizia. Estava quase chegando o dia em que estaria velho demais para acompanhar o bando nômade, quando a tribo o abandonaria à mercê dos

predadores da tundra.

— Sua idade traz sabedoria. Não tenho qualquer discórdia com os thūn. Quero apenas chegar ao norte.

— Thūn uma palavra tsurani. Somos Lasura, o povo. Homens de negro eu vi. É uma gente incômoda. Combate quase ganho e os de negro lançam fogo do céu. Os tsurani lutam com bravura e a cabeça de tsurani um grande troféu ela é, mas os de negro? Deixar os Lasura em paz seu hábito não é. Por que as terras que são nossas quer você atravessar?

— Um grande perigo se aproxima, vindo de épocas muito distantes. É um perigo que afeta a todos em Kelewan, os thūn assim como os tsurani. Creio que há quem saiba como enfrentar essa ameaça, aqueles que vivem lá em cima no gelo. — Apontou para o norte.

O velho guerreiro empinou-se como um animal assustado, levando o cavalo de Pug a recuar.

— Pois então, louco homem de negro, para norte pode seguir. Ali, a morte aguarda. Assim descobrirá. Ninguém é bem-vindo por aqueles que no gelo vivem e os Lasura não procuram disputas com homens loucos. Aqueles que mal fazem a um louco pelos deuses sofrem. Tocado pelos deuses será você. — Partiu a galope.

Pug sentiu medo e alívio ao mesmo tempo. Se os thūn se referiam "àqueles que vivem no gelo", significava que havia uma chance de que os Vigilantes não fossem ficção ou não tivessem desaparecido no passado. Contudo, a advertência do thūn o deixara receoso. O que o aguardaria lá no alto do gelo do norte?

Pug prosseguiu, enquanto os thūn desapareciam no horizonte. Sopraram ventos gélidos, levando-o a ajeitar o manto em volta de si. Nunca se sentira tão sozinho.

Passaram-se semanas. O cavalo morreu. Não era a primeira vez que Pug sobrevivia comendo carne de cavalo. Ele recorria à sua arte para percorrer curtas distâncias, embora caminhasse a maior parte do tempo. O caráter vago do tempo o perturbava ainda mais do que qualquer outro perigo. Não tinha qualquer noção de quando seria o ataque do Inimigo. Pelo que sabia, o Inimigo poderia demorar anos para entrar efetivamente em Midkemia. Sabia que dificilmente teria o mesmo poder que mostrara na visão da época da Ponte Dourada, caso contrário já teria se precipitado em

Midkemia sem que nenhum poder no planeta pudesse impedi-lo.

A rotina de Pug tornou-se monótona e cansativa enquanto avançava para o norte. Caminhava até chegar a uma ligeira elevação e lá olhava para um ponto distante. Concentrando-se, conseguia se transportar até lá, mas isso era cansativo e proporcionava riscos. O cansaço entorpecia a mente e qualquer deslize no feitiço para reunir a energia necessária para deslocá-lo poderia machucá-lo, talvez até matá-lo. Por isso, caminhava, até se sentir seguro e estar em um lugar que fosse apropriado para um feitiço daquele tipo.

Até que um dia viu algo estranho a distância. Algo parecia se erguer acima do penhasco de gelo. Era uma forma indistinta e estava afastada demais para que conseguisse ver com clareza. Sentou-se. Havia um feitiço para visão a distância que era usado pelos magos do Caminho Inferior. Recordou-se dele como se tivesse acabado de lê-lo, um dom de sua mente que, de certa forma, fora trazido à superfície pela tortura a que o Senhor da Guerra o sujeitara e pelo incomum feitiço concebido para evitar que realizasse sua magia. Contudo, faltava-lhe o violento estímulo, o medo da morte que lhe permitira recorrer à Magia Inferior, e não conseguiu que o feitiço funcionasse. Suspirando, levantou-se e retomou a marcha longa e penosa para o norte.

Fazia três dias que avistara a espiral de gelo se erguendo para o céu por cima da saliência de uma grande geleira. Subiu penosamente até a elevação e avaliou a distância. Transportar-se sem um ponto de referência que conhecesse, um padrão no qual fixar a mente, era um ato perigoso, a menos que conseguisse ver o destino. Escolheu um pequeno grupo de rochas em frente daquilo que parecia uma entrada e entoou um feitiço.

Subitamente, viu-se diante do que era nitidamente uma porta para uma torre de gelo, construída por artes ocultas. Diante dela, surgiu um vulto com um manto. Movia-se em silêncio e com elegância, era alto, mas não se via nada de suas feições na escuridão profunda de seu capuz.

Pug aguardou sem dizer nada. Era óbvio que os thūn temiam aquelas criaturas e, ainda que pouco receasse por si mesmo, um deslize poderia lhe custar a única fonte de ajuda de que se lembrara para auxiliá-lo em sua defesa contra o Inimigo. Ainda assim, preparou-se para se proteger, caso fosse necessário.

Enquanto os ventos lançavam flocos de neve que giravam à sua volta, o

vulto com o manto sinalizou para que Pug o seguisse e voltou a cruzar a porta. Pug hesitou por um instante, mas acabou seguindo o vulto para o interior da espiral.

Dentro da espiral, viu escadas entalhadas nas paredes. A própria espiral parecia feita de gelo, embora ali dentro não fosse frio; na verdade, quase sentia calor depois do vento cortante da tundra. As escadas subiam para o pináculo e desciam para o gelo. O vulto já desaparecia pelas escadas, quase fora do campo de visão, quando Pug entrou e o seguiu. Desceram uma distância que parecia ser impossível, como se seu destino ficasse muito abaixo da geleira. Quando pararam, Pug estava certo de que se achavam muitas dezenas de metros abaixo da superfície.

Ao fim das escadas, chegaram a uma grande porta, feita a partir do mesmo gelo morno das paredes. O vulto cruzou a porta e Pug voltou a segui-lo. O que viu do outro lado o fez parar, abismado.

Abaixo da imponente construção de gelo, nas terras ermas do Ártico de Kelewan, existia uma floresta. Era, aliás, uma floresta como nenhuma outra em Kelewan, e o coração de Pug bateu desenfreado ao contemplar imponentes carvalhos e olmos, freixos e pinheiros. Tinha terra, e não gelo, debaixo das botas e por todo lado uma luz suave e delicada se espalhava pelos galhos e copas verdes. O guia de Pug indicou um caminho e voltou a tomar a dianteira. Nas profundezas da floresta, chegaram a uma ampla clareira. Pug nunca presenciara uma visão como aquela à sua frente, mas sabia que havia outro lugar, um lugar longínquo, muito parecido com aquele. No centro da clareira, erguiam-se árvores gigantescas, com plataformas enormes construídas no meio delas, ligadas por caminhos suspensos entre os galhos. Folhas prateadas, brancas, douradas e verdes pareciam emitir uma luz mística.

O guia de Pug levou as mãos ao capuz e o afastou devagar. Pug arregalou os olhos de espanto, pois diante dele estava uma criatura inequivocamente semelhante a outra raça existente em Midkemia. A expressão de Pug era de óbvia incredulidade e ele quase emudeceu. À sua frente, estava um elfo idoso que, esboçando um sorriso, disse:

— Bem-vindo a Elvardein, Milamber da Assembleia. Ou prefere ser chamado de Pug de Crydee? Estávamos à sua espera.

— Prefiro Pug — disse em um murmúrio. Conseguiu reunir um fragmento de calma em meio ao choque por encontrar a segunda raça mais

antiga de Midkemia vivendo naquela floresta impossível, debaixo do gelo de um planeta distante. — Que lugar é este? Quem é você e como sabia que eu estava vindo para cá?

— Sabemos de muitas coisas, filho de Crydee. Você está aqui pois chegou o momento de enfrentar o maior dos horrores, aquilo que chama de Inimigo. Está aqui para aprender. Estamos aqui para ensinar.

— Quem é você?

O elfo gesticulou para uma plataforma gigantesca.

— Você tem muito a aprender. Ficará um ano conosco e, quando partir daqui, possuirá um poder e um entendimento que agora só consegue vislumbrar. Sem esses ensinamentos, não conseguirá sobreviver à batalha que se aproxima. Com eles, você poderá ser a salvação de dois mundos. — Acenando com a cabeça quando Pug avançou, o elfo caminhou a seu lado. — Somos uma raça de elfos há muito desaparecida de Midkemia. Somos a raça mais antiga daquele mundo, que outrora serviu aos valheru, aqueles a quem os homens chamam de Senhores dos Dragões. Em tempos idos chegamos a este mundo e, por razões que irá aprender, escolhemos morar aqui. Ficamos atentos ao retorno daquilo que o trouxe até nós. Nós nos preparamos para enfrentar o dia do regresso do Inimigo. Somos os eldar.

Pasmo com tudo aquilo, Pug só pôde ficar maravilhado. Em silêncio, entrou na réplica da cidade dos elfos, Elvandar, um lugar nas profundezas do gelo a que o ancião chamara de Elvardein.

Arutha avançou rapidamente pelo corredor, com Lyam a seu lado. Atrás deles, Volney, Padre Nathan e Padre Tully, Fannon, Gardan, Kasumi, Jimmy, Martin, Roald, Dominic, Laurie e Carline os seguiam apressados. O Príncipe ainda não despira a roupa de viagem suja e esfarrapada que usara no navio que viera de Crydee. A viagem fora rápida e felizmente calma.

Dois guardas ainda aguardavam em frente à porta do quarto que Pug enfeitiçara. Arutha sinalizou para que a abrissem. Quando abriram, acenou para que se afastassem e, com o punho da espada, quebrou o lacre, tal como Pug instruíra.

O Príncipe e os dois sacerdotes correram até a cama da Princesa. Lyam e Volney mantiveram todos os outros do lado de fora. Nathan abriu o frasquinho com a cura preparada pelos Tecedores de Feitiços dos elfos. Tal como fora instruído, pingou uma gota nos lábios de Anita. Passou algum

tempo sem que nada acontecesse, até que os lábios da Princesa tremeram levemente. Ela moveu a boca e lambeu a gota dos lábios. Tully e Arutha a levantaram um pouco; Nathan levou o frasco à boca de Anita e deixou o conteúdo cair. Ela bebeu tudo.

Diante dos olhos deles, a cor voltou ao seu rosto. Com Arutha ajoelhado a seu lado, piscou e abriu os olhos. Virou a cabeça ligeiramente e disse *Arutha* em um sussurro praticamente inaudível. Levantou, então, a mão com delicadeza, tocando-lhe o rosto enquanto lágrimas caíam livremente. Pegou sua mão e a beijou.

De repente, Lyam e todos os outros já estavam no quarto. Padre Nathan levantou-se e Tully deu uma bronca:

— Só um minuto, então! Ela precisa repousar.

Lyam riu, soltando sua gargalhada ruidosa e alegre.

— Ora, vejam só. Tully, ainda sou eu o Rei.

— Por mim podem nomeá-lo Imperador de Kesh, Rei de Queg e Grão-Mestre dos Irmãos do Escudo de Dala — respondeu Tully. — Para mim, você será sempre um de meus alunos menos dotados. Fiquem só um pouco e, depois, quero todos fora. — Deu-lhe as costas, mas, tal como os outros, tinha o rosto coberto de lágrimas.

A Princesa Anita olhou em volta para todos os rostos sorridentes e disse:

— O que aconteceu? — Sentou-se e, com um gesto, queixou-se: — Oh, que dor. — Então deu um sorriso tímido. — Arutha, o que aconteceu? Só me lembro de estar olhando para você na cerimônia…

— Eu explico mais tarde. Agora descanse e eu voltarei para vê-la daqui a pouco.

Ela sorriu e bocejou, tapando a boca.

— Desculpe, estou com tanto sono. — Aconchegou-se e adormeceu em pouco tempo.

Tully começou a expulsá-los do quarto.

— Padre — disse Lyam já do lado de fora —, quando poderemos concluir a cerimônia?

— Em poucos dias — disse Tully. — Os poderes revitalizadores daquele remédio são incríveis.

— Dois casamentos — disse Carline.

— Achei que ia esperar até voltarmos a Rillanon — Lyam disse.

— Nem na garupa de seu melhor cavalo — retrucou Carline. — Não vou

correr riscos.

— Bem, Vossa Graça — disse o Rei a Laurie —, parece que está decidido.

— Vossa Graça? — disse Laurie.

Dando uma gargalhada e acenando com a mão enquanto ia embora, Lyam explicou:

— É claro, ela não disse a você? Não quero que minha irmã se case com um plebeu. Vou nomeá-lo Duque de Salador.

Laurie pareceu ainda mais abalado do que antes.

— Vamos lá, meu amor — disse Carline, dando-lhe a mão. — Você vai sobreviver, fique tranquilo.

Arutha e Martin riram.

— Já repararam que a nobreza anda pelas ruas da amargura nestes últimos tempos? — disse Martin, e Arutha virou-se para Roald para dizer:

— Você se juntou a nós em troca de ouro, mas meus agradecimentos vão além de um simples pagamento. Concederei uma gratificação a você. Volney, este homem deverá receber uma bolsa com cem soberanos de ouro, o valor que combinamos. Depois, dê a ele dez vezes essa quantia como gratificação. E mais mil em sinal de agradecimento.

Roald mostrou um grande sorriso.

— É muito generoso, Vossa Alteza.

— Além disso, se aceitar, será bem-vindo como hóspede aqui no palácio pelo tempo que desejar. Talvez até queira se juntar à minha guarda. Tenho um posto de capitão que precisa ser preenchido.

Roald bateu continência.

— Obrigado, mas terei de recusar, Vossa Alteza. Ultimamente tenho pensado que chegou o momento de me estabelecer em algum lugar, em especial depois dessa última missão, mas não desejo me alistar.

— Assim sendo, fique conosco pelo tempo que desejar. Darei instruções ao Administrador Real para que prepare um quarto para você.

— Muito obrigado, Vossa Alteza — disse Roald sorrindo.

— Essa observação sobre o novo posto de capitão significa que meu dever chegou ao fim e que posso voltar a Crydee com Sua Graça, o Duque? — perguntou Gardan.

Arutha negou balançando a cabeça.

— Lamento, Gardan. O Sargento Valdis assumirá a capitania de minha

guarda, mas por enquanto você não pode se aposentar. Tendo em conta os relatos de Pug que você trouxe de Doca da Estrela, vou precisar tê-lo por perto. Lyam está prestes a nomeá-lo Marechal da Corte de Krondor.

Kasumi deu um tapinha nas costas de Gardan.

— Parabéns, Marechal.

— Mas… — balbuciou Gardan.

Jimmy pigarreou, em expectativa. Arutha virou-se para ele e perguntou:

— Sim, Escudeiro?

— Bem, pensei…

— Quer perguntar alguma coisa?

Jimmy olhou para Arutha e depois para Martin.

— Bem, pensei que, já que estão distribuindo recompensas…

— Oh, é claro. — Virando-se, Arutha viu um dos escudeiros e gritou: — Locklear!

O jovem escudeiro correu até o Príncipe, fazendo uma reverência.

— Alteza?

— Acompanhe o Escudeiro Jimmy até o Mestre deLacy e informe ao Mestre de Cerimônias que Jimmy é agora o Escudeiro Superior.

Com um grande sorriso no rosto, Jimmy foi embora com Locklear. Parecia prestes a dizer algo, mas pensou melhor e seguiu o outro rapaz.

Martin pousou a mão no ombro de Arutha.

— Fique de olho nesse garoto. Ele está determinado a se tornar o Duque de Krondor.

— Que um raio me caia sobre a cabeça se um dia ele não chegar lá — disse Arutha.

Epílogo

Retirada

Enfurecido, o moredhel mantinha-se em silêncio.

Diante dos três chefes de clã não iria revelar o mínimo vestígio da raiva que sentia. Eram líderes das confederações mais relevantes das planícies. Quando se aproximaram, ele já sabia o que iriam dizer antes mesmo de abrirem as bocas. Ouviu pacientemente, com a grande fogueira que fora acesa em frente ao trono lançando uma luz bruxuleante em seu peito, dando uma ilusão de movimento ao dragão que era uma marca de nascença.

— Meu senhor — disse o chefe de clã ao centro —, meus guerreiros estão cada vez mais impacientes. Andam irritados e se queixando. Quando iremos invadir as terras do sul?

O pantathiano silvou, sendo silenciado por um gesto do líder. Murmandamus recostou-se no trono, pensando em silêncio no infortúnio que sofrera. Seu melhor general estava morto, irrecuperável mesmo para os poderes que tinha a seu dispor. Os obstinados clãs do norte exigiam ação, enquanto os clãs das montanhas começavam a se afastar pouco a pouco todos os dias, perplexos com a morte de Murad. Aqueles que tinham vindo das florestas ao sul sussurravam entre si sobre viajar pelas passagens inferiores de volta às terras dos homens e dos anões, procurando retornar às suas terras nos sopés das montanhas perto do Coração Verde e nas campinas das terras altas das Torres Cinzentas. Somente os clãs montanheses e os Exterminadores Negros se mantinham inflexíveis, mas constituíam uma força pequena demais, apesar da ferocidade que os caracterizava. Não, tinham perdido a

primeira batalha. Os chefes militares à sua frente exigiam algum tipo de promessa, algum sinal ou presságio, para tranquilizarem os aliados nervosos antes que velhas contendas viessem à tona. Murmandamus sabia que não podia manter os exércitos ali por mais do que algumas semanas sem dar ordens para que avançassem. Em uma região tão ao norte como aquela, restavam somente dois curtos meses de tempo ameno antes do outono, época em que o inverno selvagem vindo do norte chegaria. Se a guerra não acontecesse em breve, trazendo com ela pilhagens e saques, os guerreiros teriam de voltar logo para casa.

— Ó meus filhos, os presságios não são favoráveis — disse Murmandamus por fim. Apontando para o céu, para estrelas pouco distintas devido ao brilho das fogueiras do acampamento, prosseguiu: — A Cruz de Fogo anuncia o começo. Porém ainda não chegou o momento. Cathos diz que a quarta Pedra de Sangue ainda não se encontra devidamente alinhada. A estrela mais baixa vai ficar na posição adequada no solstício de verão *do ano que vem*. Não podemos apressar as estrelas. — Por dentro, estava furioso com o falecido Murad por ter falhado em uma missão de importância tão vital. — Confiamos nosso destino a alguém que agiu de maneira apressada e cuja determinação se revelou insuficiente. — Os líderes se entreolharam. Todos sabiam que Murad estava acima de qualquer censura, já que semeava destruição entre os odiados humanos. Como se tivesse lido seus pensamentos, Murmandamus disse: — Apesar de toda a sua força, Murad subestimou o Senhor do Ocidente. É por isso que devemos temer esse humano, é por isso que ele deve ser aniquilado. Com sua morte, o caminho para o sul ficará aberto. Só assim conseguiremos destruir todos os que se opõem à nossa vontade. — Levantando-se, prosseguiu: — Contudo, ainda não chegou esse momento. Aguardaremos. Mandem seus guerreiros para casa. Deixem que se preparem para o inverno. No entanto, deem o recado: quero que todas as tribos e todos os clãs se reúnam aqui no próximo verão, que as confederações marchem com o sol quando ele voltar a fazer sua viagem para o sul. Pois no próximo solstício de verão o Senhor do Ocidente morrerá. — Sua voz subiu de tom: — Fomos testados quando recebemos os poderes de nossos antepassados e ficamos aquém das expectativas. Fomos considerados culpados por falharmos em nosso propósito. Não voltaremos a falhar. — Bateu com o punho na palma da mão, a voz se elevando até quase guinchar: — Daqui a um ano, traremos a notícia de que destruímos o odiado Senhor do

Ocidente. Só então marcharemos. E não marcharemos sozinhos. Chamaremos nossos servos, os goblins, os trolls das montanhas, os gigantes de passos largos. Todos virão para nos servir. Marcharemos pelas terras dos humanos e atearemos fogo às suas cidades. Erguerei meu trono em uma pilha de seus cadáveres. Então, ó, meus filhos, só então começará o derramamento de sangue.

Murmandamus deu permissão para que os líderes militares se retirassem. A campanha daquele ano chegara ao fim. Sinalizou para que os guardas o acompanhassem, passando pela forma sinuosa do sacerdote serpente. Em silêncio, pensou na morte de Murad e na perda que essa morte causara. A Cruz de Fogo manteria o mesmo aspecto ao longo do próximo ano e mais um pouco, portanto a mentira sobre sua configuração iria se manter. Contudo, agora o tempo era um inimigo. Podiam passar um inverno se preparando e recordando. Não, aquela derrota ficaria cada vez mais inflamada à medida que as noites frias de inverno fossem passando devagar, mas as noites assistiriam ao nascimento de outro plano, que resultaria na morte do Senhor do Ocidente, aquele que era a Ruína das Trevas. Com sua morte, começaria o ataque devastador às nações dos homens e o massacre só terminaria quando todos se prostrassem diante dos moredhel, como devia ser. Os moredhel serviriam a um único amo: Murmandamus. Então ele se virou, encarando aqueles que lhe eram mais fiéis. À luz bruxuleante das tochas que seguravam, a loucura dançou nos olhos de Murmandamus. Sua voz era o único som que se ouvia nos antigos salões, um murmúrio áspero que arranhava os ouvidos.

— Quantos escravos humanos nossos assaltantes conseguiram capturar para puxarem nossas máquinas bélicas de cerco?

— Algumas centenas, Senhor — respondeu um de seus capitães.

— Matem todos. Imediatamente.

O capitão correu para levar a ordem e Murmandamus sentiu que sua raiva se atenuava, pois as mortes dos prisioneiros compensavam a falha de Murad.

— Erramos, ó, meus filhos — disse Murmandamus, quase sibilando. — Nós nos reunimos cedo demais para recuperar aquele que é nosso legítimo legado. Daqui a um ano, quando as neves voltarem a derreter nos cumes, tornaremos a nos reunir e então todos aqueles que se opõem a nós vão saber o que é o terror. — Andou de um lado para outro, uma figura de um poder assombroso, com um esplendor sobrenatural rodeado por uma aura quase imperceptível. Seu magnetismo era quase palpável. Depois de um momento

de silêncio, virou-se para o pantathiano. — Vamos partir. Prepare o portal.

A serpente acenou com a cabeça concordando, enquanto os Exterminadores Negros assumiam posições ao longo do salão. Quando estavam todos encaixados em seus nichos, foram cercados por um campo de energia verde. Ficaram rígidos, como estátuas em seus recantos individuais, aguardando o chamado que chegaria com o verão seguinte.

O pantathiano terminou um longo encantamento e logo surgiu um campo prateado e brilhante que pairou no ar. Sem mais uma palavra, Murmandamus e o pantathiano passaram pelo portal, deixando Sar-Sargoth e partindo para um lugar que só ele e Cathos conheciam. O portal tremeluziu e deixou de existir.

O salão foi tomado pelo silêncio. Até que, lá fora, os gritos dos prisioneiros agonizantes começaram a tomar conta da noite.

FIM DO LIVRO 3

Agradecimentos

Sinto-me novamente em dívida para com aqueles que contribuíram para a concretização desta obra. Gostaria de apresentar os meus sinceros agradecimentos aos *Friday Nighters* (*Grupo Noturno das Sextas-Feiras*): April e Stephen Abrams; Steve Barett; David Brin; Anita e Jon Everson; Dave Guinasso; Conan LaMotte; Tim LeSelle; Ethan Munson; Bob Potter; Rich Spahl; Alan Springer e Lori; e Jeff Velten, por razões demais para enumerar aqui.

A Susan Avery, David Brin, Kathie Buford e Janny Wurts, por me darem as suas opiniões acerca de um trabalho em desenvolvimento.

Aos meus amigos de Granada, especialmente a Nick Austin.

A Al Sarantonio, por ter colocado o *jukebox* para tocar em Chicago.

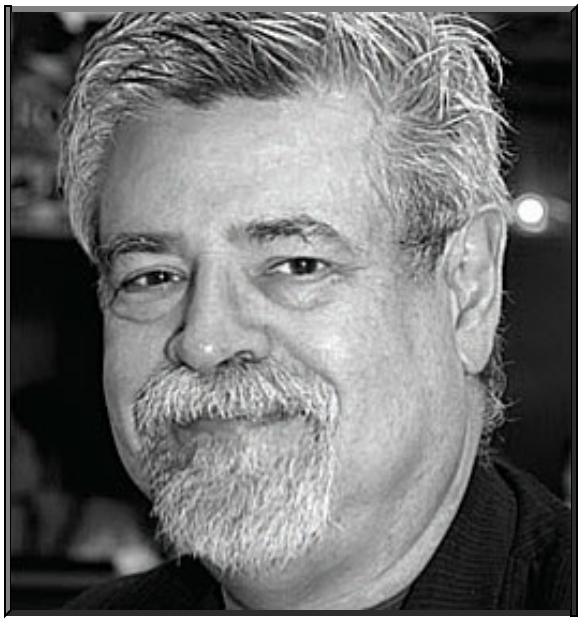
Uma vez mais, a Harold Matson, meu agente.

A Abner Stein, meu agente britânico.

Como sempre, a Barbara A. Feist, minha mãe.

Raymond E. Feist
San Diego, Califórnia
Dezembro de 1983.

Sobre o autor



Raymond E. Feist é um dos nomes mais importantes da história da literatura fantástica. Nasceu no Sul da Califórnia e, atualmente, vive em San Diego. Foi também em San Diego que se formou, com honras, em Ciências da Comunicação em 1977.

Traduzido em mais de trinta países, *Mago* foi o seu primeiro livro e serve de base para uma vasta obra que tem conquistado, ao longo dos anos, as listas de best-sellers do *New York Times* e do *Times of London*.

Quando não está escrevendo, Feist é um colecionador de DVDs, estudioso da história do futebol americano, fã de ilustração e um grande apreciador de bons vinhos.

Conheça os outros livros de A Saga do Mago

Mago: Aprendiz

Na fronteira do Reino das Ilhas existe uma vila tranquila chamada Crydee. É lá que vive Pug, um órfão franzino que sonha ser um guerreiro destemido a serviço do rei. Mas a vida dá voltas e Pug acaba se tornando aprendiz do misterioso mago Kulgan. Nesse dia, o destino de dois mundos se altera para sempre.

Com sua coragem, Pug conquista um lugar na corte e no coração de uma princesa, mas subitamente a paz do reino é desfeita por misteriosos inimigos que devastam cidade após cidade. Ele, então, é arrastado para o conflito e, sem saber, inicia uma odisseia pelo desconhecido: terá de dominar os poderes inimagináveis de uma nova e estranha forma de magia… ou morrer.

Dividida em quatro livros, A Saga do Mago é uma aventura sem igual,

uma viagem por reinos distantes e ilhas misteriosas, onde conhecemos culturas exóticas, aprendemos a amar e descobrimos o verdadeiro valor da amizade. E, no fim, tudo será decidido na derradeira batalha entre as forças da Ordem e do Caos.

Mago: Mestre

Passaram-se três anos desde o terrível cerco a Crydee. Os três rapazes que eram melhores amigos se encontram agora a quilômetros de distância uns dos outros. Pug, um escravo dos tsurani, está prestes a se tornar um dos maiores magos que já existiram. Tomas, um grande guerreiro entre os elfos, arrisca-se a perder sua humanidade para a armadura encantada que veste. Arutha, Príncipe de Crydee, luta desesperadamente contra invasores e traidores para salvar seu reino.

Mestre, segundo livro da série A Saga do Mago, é recheado de aventura, emoção e ameaças tão antigas quanto o próprio tempo. Nele, Raymond E. Feist volta a provar que é um dos maiores nomes da literatura fantástica contemporânea.

Mago: As trevas de Sethanon

Ventos malignos sopram sobre Midkemia. As legiões negras se ergueram para esmagar o Reino das Ilhas e escravizá-lo com o terrível poder de sua magia. A batalha final entre a Ordem e o Caos está prestes a começar nas ruínas de uma cidade chamada Sethanon.

Agora Pug, o mestre conhecido por Milamber, terá à sua frente a incrível e perigosa missão de viajar até a aurora do tempo e lidar com um antigo e temível inimigo. O destino de mil mundos dependerá apenas dele.

Enquanto isso, o Príncipe Arutha e seus companheiros reúnem as suas hostes para derrotar de uma vez por todas um misterioso demônio ancestral e o temido necromante Macros libertou mais uma vez sua magia negra.

Neste formidável último volume de A Saga do Mago, o futuro de dois mundos será decidido numa luta colossal sob as muralhas de Sethanon,

quando os laços entre Kelewan e Midkemia serão restaurados.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

www.editoraarqueiro.com.br

facebook.com/editora.arqueiro

twitter.com/editoraarqueiro

instagram.com/editoraarqueiro

skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
Livro 3 – Espinho de prata: Arutha e Jimmy
- Prólogo – Crepúsculo
- Capítulo 1 – Reencontro
- Capítulo 2 – Krondor
- Capítulo 3 – Conspirações
- Capítulo 4 – Revelações
- Capítulo 5 – Eliminação
- Capítulo 6 – Recepção
- Capítulo 7 – Casamento
- Capítulo 8 – Juramento
- Capítulo 9 – Floresta
- Capítulo 10 – Sarth
- Capítulo 11 – Confronto
- Capítulo 12 – Rumo ao norte
- Capítulo 13 – Doca da Estrela
- Capítulo 14 – Elvandar
- Capítulo 15 – Regresso
- Capítulo 16 – Moraelin
- Capítulo 17 – Senhor da Guerra
- Capítulo 18 – Vingança
- Capítulo 19 – Continuação
- Epílogo – Retirada

Agradecimentos
Sobre o autor
Conheça os outros livros de A Saga do Mago
Informações sobre a Editora Arqueiro

"Um dos 100 melhores livros de todos os tempos." – BBC
MAGO
LIVRO QUATRO
AS TREVAS DE SETHANON
Raymond E. Feist
ARQUEIRO

Mago, As Trevas de Sethanon

E. Feist, Raymond
9788580415582
464 páginas

Compre agora e leia

Ventos malignos sopram sobre Midkemia. As legiões negras se ergueram para esmagar o Reino das Ilhas e escravizá-lo com o terrível poder de sua magia. A batalha final entre a Ordem e o Caos está prestes a começar nas ruínas de uma cidade chamada Sethanon.Agora Pug, o mestre conhecido por Milamber, terá à sua frente a incrível e perigosa missão de viajar até a aurora do tempo e lidar com um antigo e temível inimigo. O destino de mil mundos dependerá apenas dele.Enquanto isso, o Príncipe Arutha e seus companheiros reúnem as suas hostes para derrotar de uma vez por todas um misterioso demônio ancestral e o temido necromante Macros libertou mais uma vez sua magia negra.Nesse formidável último volume de A Saga do Mago, o futuro de dois mundos será decidido numa luta colossal sob as muralhas de Sethanon, quando os laços entre Kelewan e Midkemia serão restaurados."Dimensão épica e imaginação vigorosa." – The Washington Post

Compre agora e leia

JOE ABERCROMBIE
MEIA GUERRA
MAR DESPEDAÇADO 3
ARQUEIRO

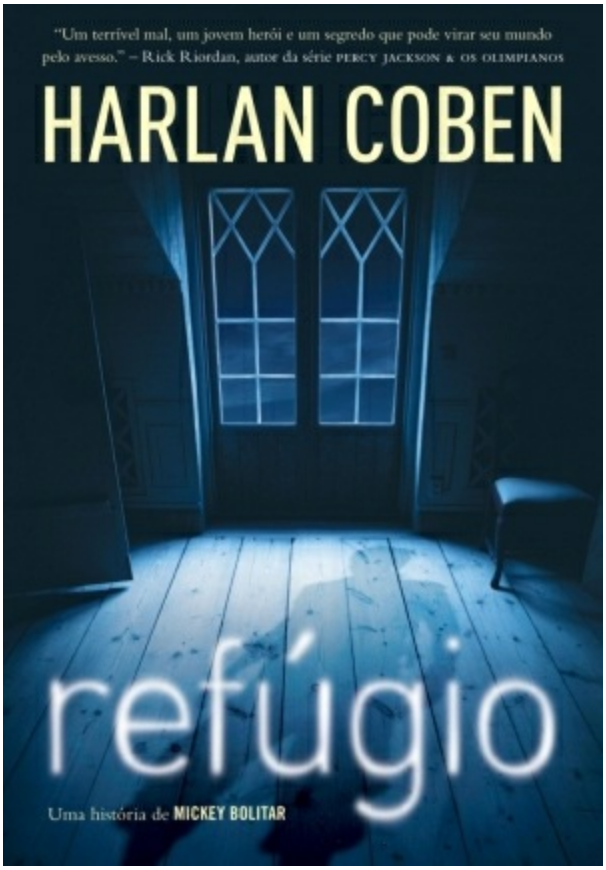
Meia Guerra

Abercrombie, Joe
9788580417432
368 páginas

Compre agora e leia

Apenas meia guerra é travada com espadas.A outra metade é travada com palavras.A princesa Skara vê todos os que ama morrerem na sua frente e o seu palácio ser consumido pelas chamas. Tudo o que lhe resta são palavras... Mas palavras podem ser tão letais quanto armas. Disposta a se vingar, ela enfrenta seus medos e aguça a inteligência, indo atrás de pai Yarvi.O ministro de Gettland já percorreu um longo caminho desde a escravidão, fazendo aliados entre antigos rivais e estabelecendo uma paz instável. Porém, agora, a cruel avó Wexen arregimenta o maior exército desde que os elfos guerrearam contra a Divindade Única e põe Yilling, o Brilhante, como seu comandante – um homem que venera apenas a Morte.Skara pode ser a peça que faltava para forjar de vez a aliança entre Gettland e Vansterland, alicerçada na fortaleza de seus antepassados, pronta a enfrentar a fúria do Rei Supremo. Nessa guerra, ela contará com o apoio de uma ministra inexperiente, mas leal, e de um matador imprudente que espera superar fantasmas de antigos conflitos sangrentos.Neste último episódio da série Mar Despedaçado, finalista do British Fantasy Awards, Skara e Yarvi lideram a grande e aguardada batalha rumo a um desfecho inimaginável.

Compre agora e leia


"Um terrível mal, um jovem herói e um segredo que pode virar seu mundo pelo avesso." – Rick Riordan, autor da série PERCY JACKSON & OS OLIMPIANOS
HARLAN COBEN
refúgio
Uma história de MICKEY BOLITAR

Refúgio

Coben, Harlan
9788580411027
224 páginas

Compre agora e leia

Mickey Bolitar nunca levou uma vida muito comum. Passou toda a infância se mudando para diferentes partes do mundo por conta do trabalho humanitário de seus pais, Kitty e Brad Bolitar. Tudo parecia perfeito – o casal era muito apaixonado e se sentia realizado com seu trabalho. No entanto, seu filho estava entrando na adolescência e não parecia justo que ele não pudesse estabelecer raízes e fazer amigos, como qualquer jovem de 15 anos. Decididos a viver de um modo um pouco mais convencional, Brad e Kitty retornam aos Estados Unidos, onde pretendem se estabelecer até que Mickey vá para a faculdade. Mas a família é atingida por um doloroso golpe do destino: Mickey presencia a morte do pai num grave acidente de carro e Kitty, incapaz de lidar com a dor da perda, se entrega às drogas. O rapaz então se depara com o desafio de sobreviver a essa grande reviravolta em sua vida. Em meio a um turbilhão de acontecimentos, Mickey tem que se esforçar para se adaptar à nova realidade. Ele só não imagina que seus problemas estão apenas começando...

Compre agora e leia

O BEST-SELLER MUNDIAL AGORA PARA JOVENS
DAN BROWN
O CÓDIGO DA VINCI
A MAIOR CONSPIRAÇÃO DOS ÚLTIMOS 2 MIL ANOS ESTÁ PRESTES A SER REVELADA
ARQUEIRO

O Código Da Vinci – Edição especial para Jovens

Brown, Dan
9788580416268
312 páginas

Compre agora e leia

O Código Da Vinci, livro que consagrou Dan Brown como um dos autores mais brilhantes da atualidade, ganha uma nova versão, especialmente preparada para o público jovem, com fotos coloridas que enriquecem ainda mais o livro.A MAIOR CONSPIRAÇÃO DOS ÚLTIMOS 2 MIL ANOS ESTÁ PRESTES A SER REVELADAUm assassinato dentro do Museu do Louvre traz à tona uma sinistra conspiração para revelar um segredo protegido por uma sociedade secreta desde os tempos de Jesus Cristo.Com a ajuda da criptógrafa Sophie Neveu, o professor de Simbologia Robert Langdon segue pistas ocultas nas obras de Leonardo Da Vinci e se debruça sobre alguns dos maiores mistérios da cultura ocidental – do sorriso da Mona Lisa ao significado do Santo Graal.Mesclando os ingredientes de um envolvente suspense com informações sobre obras de arte, documentos e rituais secretos, O Código Da Vinci consagrou Dan Brown como um dos autores mais brilhantes da atualidade e agora chega em nova versão, especialmente preparada para o público jovem, com fotos coloridas que enriquecem ainda mais o livro.

Compre agora e leia

Stanley Gordon West
ONDE MORA A CORAGEM
A história da fé e da garra de um time que não se rende à derrota
ARQUEIRO

Onde mora a coragem

Gordon West, Stanley
9788580412062
496 páginas

Compre agora e leia

Cada morador da pequena cidade de Willow Creek parece guardar um passado de perdas, alguma história que os fez buscar esse lugarejo esquecido pelo mundo e nele se estabelecer. Apesar de tudo, eles seguem adiante com determinação. Durante o rigoroso inverno, quando o trabalho nas fazendas diminui, os jogos de basquete são a força vital da cidade. Se o time perde, o desânimo se instala e o frio se torna insuportável. E já se vão cinco anos sem que a equipe de Willow Creek obtenha uma vitória sequer. Contudo, o destino ainda reserva algumas surpresas. Quando um excelente jogador vindo de Milwaukee e um norueguês de mais de 2 metros de altura chegam à cidade, o técnico Sam Pickett vê neles a possível salvação do time. Sam assume a difícil missão de ensinar basquete ao gigante e consegue reunir um grupo improvável de seis garotos. Com o novo desafio e a ajuda inesperada de Diana Murphy, a professora de biologia, Sam vai combater seus fantasmas e tentar reconstruir a própria vida.Onde mora a coragem é uma comovente história que mostra que o verdadeiro heroísmo está em recusar-se a desistir, mesmo quando parece não haver nenhuma chance de vitória.

Compre agora e leia